

JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL
CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TÔMO III—FASCÍCULOS 1 E 2



IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
1934-1935

Sumário:

João da Silva Correia, <i>Associação vocabular natural</i> (continuação)	1
Manuel de Paiva Boléo, <i>Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo</i> . . .	15
Joseph M. Piel, <i>Os nomes germânicos na toponímia portuguesa</i> (continuação)	37
Abílio Roseira, <i>Vida do cativo monge confesso</i> (conclusão) . . .	54
Jean-Baptiste Aquarone, <i>Vida e feitos de Julio Cesar</i> (continuação)	59
R. de Sá Nogueira, <i>Subsídios para o estudo da assimilação em português</i> (conclusão)	77
Maria Múrias de Freitas, <i>Figuras de colorido na lírica de Camões</i>	99
Abílio Roseira, <i>Documentos velhos brigantinos</i>	153
MISCELÂNEA:	
Maria Zaluvar Nunes, <i>Algumas influências anglo-germânicas nas «Viagens na minha terra»</i>	166
Abílio Roseira, <i>Resquícios filológicos. I. Luxismo malogrado</i> . . .	171
LIVROS E REVISTAS:	
<i>Archives Néerlandaises de Phonétique Expérimentale</i> , t. x (Arnaldo de Lacerda)	172
Jolo Ruggieri, <i>Il Canzoniere di Resende</i> (Rodrigues Lapa) . . .	180
Joseph Huber, <i>Altportugiesisches Elementarbuch</i> (Rudolf Rübecamp)	185
Helmut Hatzfeld, <i>La expresión de «lo santo» en el lenguaje poético del Romanticismo español, portugués y catalán</i> (Maria Múrias de Freitas)	189
Vida do Centro	192

Assinatura anual:

Portugal e Espanha	30\$00
Colónias e estrangeiro	35\$00
Fascículo avulso	7\$50

Redacção e Administração:

Centro de Estudos Filológicos

Rua da Quintinha, 25, 1.º

Lisboa

JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL
CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TÔMO III



IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
1934-1935

Índice do Tômô III

Estudos:

Aguarone (Jean-Baptiste), <i>Vida e feitos de Júlio César</i>	59-76, 207-217	350-366
Boléo (Manuel de Paiva), <i>Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo</i>		15-36
Lacerda (Armando de), <i>Fonética experimental. Análise de curvas quimográficas</i>		193-206
— <i>Fonética experimental. Crítica do método quimográfico</i> . . .		333-349
Múrias de Freitas (Maria), <i>Figuras de colorido na lírica de Camões</i>		99-152
» Piel (Joseph), <i>Os nomes germânicos na toponímia portuguesa</i> . .	37-53; 218-242	367-394
Rodrigues Lapa, <i>Uma versão desconhecida da 1.^a «Soledade» de Góngora</i>		281-317
Roseira (Abílio), <i>Vida do cativo monge confesso</i>		54-58
» — <i>Documentos velhos brigantinos</i>		153-165
— <i>Costumes de Semide</i>		243-280
» — <i>Quási nada de dialectologia estremenha</i>		395-399
» Sá Nogueira (Rodrigo de), <i>Subsídios para o estudo da assimilação em português</i>		77-98
Silva Correia (João da), <i>Associação vocabular natural</i>		1-14

Miscelânea:

Nascentes (Antenor), <i>Em defesa do meu Dicionário</i>	323-327
Nunes (Maria Zaluar), <i>Algumas influências anglo-germânicas nas «Viagens na minha terra»</i>	166-170
Roseira (Abílio), <i>A lição nunesiana da «Vida do cativo monge»</i>	320-323
— <i>Resquícios filológicos:</i>	
I. <i>Lusismo malogrado</i>	171
II. <i>Expressões numárias</i>	327-329
III. <i>Burrinho</i>	402-403
IV. <i>Chape-chuga</i>	403

Spitzer (Leo), <i>Z [Zig-Zag]</i>	318-319
— <i>Encore une fois «carillet»</i>	319
— <i>Estapafourdi</i>	329-330; 401-402
— <i>Milho, bagulho, maçaroca, «galette»</i>	400-401

Livros e Revistas:

<i>Archives Néerlandaises de Phonétique Expérimentale</i> , tome x [Armando de Lacerda]	172-180
Bell (Aubrey), <i>O Humanista Dom Jerónimo Osório</i> [Alberto Araújo]	404-419
Hatzfeld (Helmut), 1. <i>La expresión de «lo santo» en el lenguaje poético del Romanticismo español</i> ; 2. <i>La expresión de «lo santo» en el lenguaje poético de los románticos portugueses y catalanes</i> [Maria Múria de Freitas]	189-191
Huber (Joseph), <i>Altportugiesisches Elementarbuch</i> [Rübecamp]	185-189
Ruggieri (Jole), <i>Il Canzoniere di Resende</i> [Rodrigues Lapa]	180-185
Williams (Edwin B.), <i>The portuguese final -ão</i> [Rodrigues Lapa]	331-332

Vida do Centro	192; 420
---------------------------------	----------

Boletim de Filologia

publicado pelo

Centro de Estudos Filológicos

Tômo III

1934

Fascículos 1-2

Associação vocabular natural

(Continuado do Tômo II, p. 373)

III

1. As associações por oposição e por semelhança são como que características dos intróitos das composições dos trovadores provençais. Eles abrem freqüentemente as suas canções com a declaração de que se encontram em estado de contraste ou de acôrdo com a natureza ambiente. Assim Peire Vidal diz que a sua alma não rima com a das cousas, pois que a alegria é maior à vista da neve da montanha, que à vista das flores da planura:

Ges pel temps fer e brau
Qu'adutz tempiers e vens,
Don torba·ls elemens
E fa·l cel brun e blau,
No·s camja mos talens,
Ans es mos pensamens
En joi et en chantar,
E·m volh mais alegrar
Quan vei la neu sus en l'auta montanha,
Que quan las flors s'espandon per la planha.¹

Jauffré Rudel, porém, acha que a ocasião própria para lançar a sua canção é aquela em que o rouxinol faz vibrar nas balsas o seu trinado:

Quan lo rius de la fontana
S'esclarzis, si cum far sol,
E par la flors aigentina
E·l rossinholetz el ram

¹ *Les Poésies de Peire Vidal*, Ed. Joseph Anglade, pp. 71-2.

Volf e refranh ez aplana
 Son dous chantar et afina
 Dreitz es qu'ieu lo mieu refranha.¹

2. A associação polar produz um estilo — o estilo antitético — que foi característico do nosso clássico mais rico de precisão — o padre António Vieira, e do nosso comediógrafo mais rico de paremiologia — Jorge Ferreira de Vasconcelos. Um exemplo do padre António Vieira extraído do *Sermão no Sábado Quarto da Quaresma*:

«As palavras, com que Christo se defendeo do Demonio, forão pronunciadas no ar, que he incapaz de escriptura: as com que se quiz defender destes homêes, forão escriptas, e impressas na terra. As palavras pronunciadas passam; as escriptas permanecem: as pronunciadas entram pelos ouvidos; as escriptas pelos olhos. E sendo aquellas sucessivas, e estas permanentes; aquellas ouvidas, e estas vistas; aquellas breves, e poucas, e estas muytas, e continuadas, que isso quer dizer: «*Scribebat*»: aquellas formadas no ar bastarão, para vencer as potestades do ar; e estas impressas na terra não bastarão, para rêder os homêes formados de terra: «*Digito scribebat in terra*»².

Um exemplo de Jorge Ferreira de Vasconcelos, na *Eufrosina*:

«Mas assi lho aconselharia, porque quando hũa porta çarra outra se abre, e hum roim ido outro vindo»³.

E a verdade é que a associação polar em certas modalidades como a da comparação hipotética dá manifesto fulgor ao estilo. Um exemplo de uma entrevista do escritor Sr. António Ferro com o Sr. Presidente do Conselho Doutor Oliveira Salazar: «A imagem feita de Salazar é tão severa, tão distante, tão fria, que vou descendo as escadas do Ministerio como se as subisse, terrivelmente embaraçado com a ideia do primeiro contacto e da primeira pergunta»⁴.

Também a esbelteza requinta se à associação polar se junta a repetição, como no seguinte verso de Garcia Palido no *Fogo Sagrado*:

Vencendo a vida vencerás a morte.⁵

O futurismo não desprezou naturalmente a antítese. Vejo na composição *Chuva oblíqua*, de Fernando Pessoa, no *Orpheu*:

E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro.⁶

¹ Ed. Alfred Jeanroy, Paris 1934, pp. 3-4.

² *Sermões*, 1 parte, Lisboa 1679, p. 800.

³ Acto 1, sc. 2, p. 75.

⁴ *Diário de Notícias* de 19-xii-932.

⁵ P. 85.

⁶ 1915, n.º 2, p. 162.

3. Os tratadistas da arte de versificar são no geral desindulgentes com os poetas que empregam palavras facilmente associáveis. Entre nós Francisco José Freire diz, comentando o seguinte passo de *Os Lusíadas*, de Camões, em que contrastam *água e fogo*:

Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor os enreda brandamente
Nas águas acendendo fogo ardente.¹

«Não fallemos na metáfora viciosa e conceito falso, suppondo material a um fogo, que só é metafórico, porque este lugar aqui tem sua defesa; veja-se sim quanto parece pueril esta anthithesi de *água e fogo*, a qual quando muito se poderia louvar em hum principiante»².

Quando utilizadas em rima estas palavras facilmente associáveis, são igualmente condenadas pelos tratadistas—que, se acaso são poetas, as possuem inúmeras vezes nos seus versos, como se dá com Teodoro de Banville, que, no entanto, escreveu no *Petit traité de poésie française*: «Non seulement des mots qui expriment des idées tout à fait analogues, comme *malheur* et *douleur*, ne sauraient rimer ensemble, mais des mots qui expriment deux idées exactement opposées l'une à l'autre, comme *bonheur* et *malheur*, *chrétien* et *païen*, ne peuvent pas non plus rimer ensemble, car la première condition de la rime (pour ne pas endormir!) est d'éveiller la surprise, et rien n'est si près de l'idée d'une chose que l'idée de son contraire. Quand on pense à un objet blanc, on peut être surpris par l'idée d'un objet écarlate, mais non pas par l'idée d'un objet noir»³.

4. Os artistas do verso foram, porém, bem mais longe que a criação de expressões polares, e rimas de palavras associadas, que os autores de artes poéticas condenam.

Para traduzirem o desespero em que o amor os traz — e que aos poetas da Provença fez criar o descordo poliglótico — um Petrarca, e, por imitação, um Camões, recorrerão a uma composição integral de ideias contrastantes. Tal é o que se vê nos três sonetos seguintes — os dois últimos eco nítido do primeiro, — porém eco que não diminui, antes particularmente demonstra — sem paradoxo se diga — a robusta originalidade do artista-maior.

¹ III, 56.

² *Arte poetica*, Lisboa 1759, p. 205.

³ Paris 1922, p. 76.

Primeiro soneto — de Petrarca:

Pace non trovo, e non ho da far guerra;
 E temo e spero, ed ardo e son un ghiaccio;
 E volo sopra 'l cielo, e giaccio in terra;
 E nulla stringo, e tuto 'l mondo abbraccio

Tal m'ha in prigion che non m'apre ne serra;
 Ne per suo mi riten ni scioglie il laccio;
 E non m'ancide Amer e non mi sferra,
 Ne mi vuol vivo ne mi trae d'impaccio

Veggio senz' occhi, e non ho lingua, e grido;
 E bramo di perir, e chieggo aita;
 Ed ho in odio me stesso, ed amo altrui:

Pascomi di dolor; piangendo rido;
 Egualmente mi spiace morte e vita:
 In questo stato son, Donna, per vui.¹

Agora os dois sonetos de Camões, que o de Petrarca inspirou.
 Primeiro:

Coitado! que em hum tempo choro e rio,
 Espero e temo, quero e aborreço;
 Juntamente me allegro e me entristeço;
 Conho de huma cousa e desconfio.

Vôo sem asas; estou cego e guio;
 Alcanço menos no que mais mereço;
 Então fallo melhor, quando emmudeço;
 Sem ter contradição sempre porfio.

Possivel se me faz todo o impossivel;
 Intento com mudar-me estar-me quedo;
 Usar de liberdade e ser captivo;

Queria visto ser, ser invisivel;
 Ver-me desenredado, amando o enredo:
 Taes os extremos em que hoje vivo!²

Segundo:

Tanto de meu estado me acho incerto,
 Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
 Sem causa juntamente choro e rio;
 O mundo todo abarco, e nada aperto.

¹ Petrarca, *Le rime*, Paris 1879, p. 300, soneto 90.

² *Obras de Luís de Camões*, Lisboa 1852, tomo II, p. 80.

He tudo quanto sinto hum desconcerto:
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio;
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra chego ao Ceo voando
N'hum' hora acho mil anos e he de geito
Que em mil anos não posso achar hum' hora.

Se me pergunta alguém, porque assí ando,
Respondo, que não sei: porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.¹

Inda que noutro molde, a associação contrastante leva a construções literárias. Um exemplo está na linda trova popular:

O mal alheio não deve
Causar o mal de ninguém:
Todo o bem que vem por mal,
O mal o leva por bem.

Estas construções podem, por vezes, prestar-se à sátira. Sei de uma quadra, que punha na boca de uma jovem de hoje — *dessas que querem viver* — a seguinte rogativa:

Concebeste sem pecar
Senhora de alto poder:
Sirvas-te, pois, de me dar
Que eu peque sem conceber.

5. Esta associação polar torna-se processo cómico em casos como o que se vê logo na primeira farsa conhecida — a de Anrique da Mota, que o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos trouxe para a competente encorporação no género dramático. O alfaiate Manuel dirige-se ao juiz Gonçalo da Mota em frases cujo chiste é produzido pelo encontro de frases antipodais:

Senhor juiz, venho caa
Com muyto grande paixam;
estou qua, nam estou laa,
Joam de Belas vos diraa
Toda a minha conerusam
Eu nam sei quem, nem quem nam;
hum cruzado me furtou,
ou se me cahyo no cham.²

¹ Obras de Luis de Camões, Lisboa 1852, soneto 9.

² P. 31

Por vezes estas contradições cómicas encadeiam-se ou acumulam-se. É muito conhecido o rosário picaresco: *Era noite, raiava o sol nas densas trevas de um claro dia.*

Também certas definições burlescas provêm da associação opositiva. Está um exemplo na que é costume dar de *floresta virgem: floresta onde a mão do homem nunca pôs o pé.*

6. Em muitos casos a acumulação de frases contraditórias serve apenas para traduzir hesitação e embaraço grandes. Camilo Castelo Branco, no seguinte passo das *Noites de Lamego* — curioso até por conter associações de vários tipos — mostra-o fulgurantemente:

«Trepou-se-lhe à porta e elle nem por burro nem por albarda. O homem deu-lhe alguma!—disso meu pai. Deu não deu, pr'áqui, pr'ali, arrombe-se não se arrombe, cerca tem mão, às duas por três vem um ferro do monte, e foi a porta dentro»¹.

IV

1. Sob o aspecto ideológico, a associação polar leva à construção de provérbios, como: *Lua deitada, marinheiro em pé. Antes dar a maus que pedir a bons.*

Já os latinos disseram: *Si vis pacem parat bellum*, se bem que a verdade seja outra certamente, como tem lembrado o realístico idealismo da Sociedade das Nações: «Se desejais a paz preparai a paz».

Há provérbios com outros tipos associativos, ou com mais de um reunidos. Um, com contigüidade numérica ascendente — a mais natural — é o seguinte: *A um tedor, dois aleivosos.*

Curioso é notar que também a metade da unidade aparece nas construções paremiológicas. Um exemplo: *A um ruim, ruim e meio.* Um caso adagial, em que se aliam a associação polar e a sinonímica, é o seguinte:

Entre vencedor e vencido
Fica um nu, outro despido.

2. Muitos apodos locais provirão também da associação vocabular. Recordo o caso de:

Serpa,
Serpente:
Boa terra
Má gente.

¹ Citado por Cláudio Basto, *A linguagem de Camilo*, p. 61.

em que há, primeiro, falsa correlação do topónimo ibérico, parónimo de *serpe*, com *serpente*, e, depois, a sátira à população provocada pelo contraste. Causa idêntica se vê ainda nestoutro apodo tópico:

Vila Boim:
Terra boa
Gente ruim.

3. Os contra-sensos, a quo a associação polar leva, são bem visíveis em afirmações, como: *Viu o que havia e o que não havia; esteve lá os dias que quis e os que não quis*.

Em ambas as frases o conteúdo ideológico que está para além da cópula é ilogismo de que só a associação polar tem responsabilidade.

É ainda de crer que certos exageros conceptuais muito devam também à associação vocabular, especialmente à do tipo contrastante. Se se disser de uma pessoa que tem *pouca presença de espírito*, haverá tendência para acrescentar, ainda que não seja bem assim, que compensa tal facto pela *muita ausência de corpo*. Estes exageros que a associação polar produz podem levar por vezes a scenas violentas. Um indivíduo exasperado, a quem, outro com quem discute, diga, por exemplo, *Você parece um gato assanhado*, terá tendência para retorquir agressivamente com frases que a associação verbal puxa: *É porque vejo um cão como Você*. E um sujeito, que estava apenas no propósito de cortar relações com outro que o ofendera, e lhe vai estender a mão, terá tendência para observar numa provocação de que a associação é um tanto responsável: *não me estenda a mão, senão estendo-lhe o pé*. Vejo um exemplo típico no seguinte passo de uma crónica do *Diário de Notícias*:

«Num comício, em que dois candidatos a deputado expunham e defendiam contraditoriamente os seus programas, um deles, mais ajanotado de traje, afirmava repetidas vezes, estendendo as mãos espalmadas, que se orgulhava de as trazer sempre limpas. Opositor, enfadado com a insistencia da afirmativa, disparou-lhe o seguinte aparte:

—Se tiver os pés no mesmo estado, mostre tambem...

O candidato das mãos limpas embatocou com o aparte, que foi acolhido com hilaridade, ao mesmo tempo que todos os olhares convergiam involuntariamente sobre os lustrosos sapatos de verniz do orador, que luziam como dois reflectores na tribuna do comício»¹.

¹ Número de 24-v-1934.

Um exagêro conceptual célebre, ajudado a construir pelo contraste, está no provérbio alemão e no italiano que definem a mulher como ser de cabelos compridos e ideias curtas—*Weiber haben langes Haar und kurzen Verstand*—*Le donne hanno lunghi i capelli e corti i cervelli*—e que a nossa época anti-pilosa, com o mesmo excesso de origem, já inverteu, como se a curteza do cabelo implicasse, por seu turno, a compridez das ideias. Também em certos conceitos de carácter paremiológico é visível o exagêro a que leva a associação polar. Tal, por exemplo, o caso do adágio que nega o poder da educação: *O que o berço dá a tumba o leva*—a cujo excesso outro provérbio—êste, porém, de associação rítmica—corrige:

De pequenino
se torce o pepino.

Também outro provérbio de idêntico mundo diz, por natural associação ideológica: *Tal pai, tal filho*; esquecendo que não há heranças fisiológicas e psicológicas absolutas, como corrige novo adágio: *Cada um faz geração por si*.

É possível que também deva muito à associação polar a tam decantada e tam mentirosa frase de Vitor Hugo—*abrir uma escola é fechar uma prisão*.

4. Por vezes a associação polar sugere comentários graciosos, que são por seu turno corrigentes do carácter absoluto de provérbios.

Assim, a quem, aludindo à semi-nudez de outrem, acode consoladoramente com o conhecido adágio: *Dá Deus o frio conforme a roupa*, objecta-se picarescamente com esta frase, que a oposição ergue ou acorda: *Mas quando a roupa é pouca o frio é muito*.

5. É possível que certas superstições sejam também simplesmente filhas da associação antipodal de vocábulos: tal porventura o caso de se dizer que *dobra a vida o ter sonhado com alguém morto*.

Também o provérbio—que envolve uma superstição:

Ano bissexto,
ou bom ou travesso,

é de algum modo fruto da associação polar de palavras, porém, não sem intervenção de rima, que levou à substituição de *mau*, contra-nome natural de *bom*, pelo sinónimo *travesso*, de grande voga dialectal.

Ainda a associação contrastante terá levado os nossos agricultores aldeãos a criarem o seguinte preceito arborícola: *Arvores gran-*

des decotam-se com o minguante; arvores pequenas podam-se com o crescente.

A associação de tipo aritmeticamente ascendente deve ter influido na superstição popular: *Todos os dias morrem mil e nascem mil e um.*

6. E do mesmo modo pode ser que a solidariedade dos elementos seriais produza falsidades de carácter histórico-geográfico, como a que se encontra na seguinte cantiga beiroa, colhida pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, e em que se mencionam lugarejos da freguesia de Vila Fernando, no concelho da Guarda:

Vila-Fernando é vila,
Quinta-do-Meio cidade,
Quinta-de-Cima barquinha
Onde embarca a mocidade.¹

Ainda a associação serial — com a ajuda das necessidades rítmicas — levou ao erro que a seguinte trova popular manifesta:

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma:
Anda o cravo à demanda
Por a rosa ter mais uma.²

Um curioso lapso tópico, produzido pela associação serial, foi assinalado pelo Conselheiro Fernando de Sousa, ao apreciar, na *Voz*, o livro *Em busca do paraíso*, do Dr. Sousa Costa. A facilidade da associação mostra, porém, que é excessivo o comento do crítico quando diz:

«A sua precipitação revela-se aqui e acolá, como ao chamar em Paris estação de *Waterloo* á conhecida estação de *Austerlitz*; ou quando atribue o estilo flamígero á Nossa Senhora de Paris, de puro ogival secundario ou radiante»³.

V

1. É claro que por outro lado — e compensadoramente — a associação vocabular pode servir para restabelecer a verdade. Ela auxilia muitas vezes a restituir os textos à primitiva pureza. O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos substituiu no seguinte passo da *Farsa do Alfaiate*,

¹ *Portugale*, vol. iv, n.º 19, pp. 4 e 5, nota 8.

² *Rev. Lusitana*, 1931, p. 83.

³ Número de 7-iv-1934.

de Anrique da Mota, a palavra *pineu* do original por *pimeu*, porque assim o pedia o contraste ideológico:

He mays bayxo que giguante
he mayor que pimeu.

Tal palavra tem a seguinte nota do sábio prefaciador e editor crítico: «No original *Pineu*. Vê-se pelo sentido que é *Pimeu* ou pigmeu (contraposto a giguante)».

Ainda é na associação polar que se estriba o Sr. Dr. Alfredo Pimenta para contestar que seja dislate o segundo dos versos de Camões:

Soltando seus cabelos de ouro fino
Ao vento que em doces nós os olhos ata

e que, por um processo crítico que também não perfilhamos, os editores da *Livica*, Srs. Drs. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, substituíram por estoutro:

Ao doce vento estivo, que os desata.

Diz assim o Sr. Dr. Alfredo Pimenta, no seu rodapé cultural do *Diário de Notícias*,—ao responder, não sem lamentável viveza, à justificação que da emenda fizera o Sr. Dr. José Maria Rodrigues: «O verso é claríssimo. A imagem é interessante. Não há dislate nenhum a corrigir: o vento, soltando os cabelos da amada, ata em doces nós os olhos que os vêem. Nem reparou nos dois verbos contrários: *soltar* e *atar*».

2. Também é possível que a associação polar lance luzes para o descobrimento da etimologia de certas formações fraseológicas, ao primeiro aspecto muito opacas.

A frase *fazer de alguém gato-sapato*, «maltratar outrem ou fazê-lo joguete ou esfregão», talvez se explique procurando um associado natural de *gato*, que é *cão*. Das lutas destes animais, que deram origem à metáfora de aplicação humana —*são como o cão e o gato*— pode ter nascido pelo mesmo processo metafórico *fazer gato-sapato de alguém*. A frase no início seria, tendo em mente a atitude que o cão toma para com o gato que o domina—*fazer de alguém gato so pata*. *So-pata* é formação possiblíssima de *so*, evolução popular do latim *sub*, semi-culto *sob*, mais nome—atente-se, por exemplo, em *sopapo*, *socapa*; de *so-pata*, a um tempo por atracção da terminação do vocábulo *gato* e influxo rítmico dêle—notem-se os casos de *sapo concho*, *farinha milha*, respectivamente de *sapo de*

concha e farinha de milho, e os da expressão *andar por França e Aragãças* em que a terminação da palavra *França* acomodou a de *Aragão*, e do provérbio astronómico *março-iguarço*, em que a palavra *igual* é deformada terminalmente para se harmonizar com *março* — chegar-se-ia, com facilidade a *sopato*; e *sopato*, forma parófona de *sapato*, e portanto com ela confundível, acabaria por ceder o lugar a este vocábulo na expressão — reflita-se nos casos esclarecidos pelo grande mestre Dr. Leite de Vasconcellos, o do provérbio *não se pescam trutas a bragas enxutas*, em que a forma arcaizada *braga* foi substituída pela parónima viva *barba*¹, e o do topónimo *Freixo de Espada à Cinta*², na origem *Freixo de Espada Cinta*, ou *Freixo dos de Espada Cinta*, com elipse do nome genérico *Cavaleiros*, que se vê noutros topónimos como *Macedo de Cavaleiros*, e em que a locução *Espada Cinta*, deixando de entender-se como *espada cingida*, foi substituída pela vogante *espada à cinta*, que, inda que lógica para homens de armas, é disparatada em relação a árvores.

A expressão *fazer de alguém gato sapato* não é nova. Vejo-a, por exemplo, no seguinte passo dos *Apólogos Dialogais*³, de D. Francisco Manuel: «Já namorados. Isso foi uma só cousa; fiz delles gato sapato».

Metáfora paralela a *fazer de alguém gato sapato* é *ver-se alguém em papos de aranha*: ela provém também da luta de dois animais — a aranha e a môsca — sobre que aquela cai mal a vê, ou ouve zumbir o seu embaraço na teia que lhe armou, matando-a primeiro com o veneno que segrega, e sugando-a depois. Igualmente no presente caso o nome de um dos animais associados — a môsca — não surge na frase, e do mesmo modo esta sofreu alteração, por o povo não entender o elemento culto *palpo*, que substituiu pelo parófono *papo*: a locução na bôca do vulgo é *ver-se alguém em papos de aranha*, ou seja, afinal, um ilogismo do mesmo tomo dos atrás apontados.

Uma associação a um tempo de contigüidade formal e semântica explica a frase *escuro como uma verruma*, que se ouve no calão de Lisboa. A forma anterior foi *escuro como um prego*, e este nome está na locução comparativa por confusão com *prego*. *Escuro como um prego* foi decerto a forma primeira. Assim — e tal como a lógica o pede — se ouve hoje ainda em certas províncias de Portugal. Também

¹ *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa 1926, pp. 24-25.

² *Ibidem*, pp. 265-267.

³ Ed. de Lisboa, 1721, p. 21.

—esclarecida e esclarecedoramente— escreveu Garcia Pulido no *Fogo Sagrado*:

E em vez de alma lhe pôs a escuridão de um pego.¹

Como cada fenómeno tem o seu oposto, também a associação de vocábulos terá levado a explicações menos fundadas. Assim, o elemento *bus* —também *mus*— da locução *nem chus nem bus*, já foi, ainda que com tôdas as reservas, explicado por *minus*, em virtude de em *chus* se ver mais claramente *plus*.

Diz Gonçalves Viana nas *Apostilas aos dicionários portugueses*: «A aceitar-se *mus*, poderia ser uma contracção violenta do latim *minus*, com deslocação do acento, e portanto pouco provável, existindo na lingua o verdadeiro correspondente *menos*, que ainda assim não pode pertencer às origens dela, atenta a conservação do *n* medial (cf. *ceia* < *cena*)»².

A locução *nem chus nem bus* não teve até hoje explicação satisfatória. Por mim, já me inclinei, no estudo *A rima e sua acção linguística, literária e ideológica*³, a ver nela aliança feita, pela consonância, do arcaísmo *chus* e da interjeição onomatopaica *bus*, que parece ter o sentido de *bôca calada* neste passo da comédia *Filodemo*, de Luís de Camões:

Qu'eis aqui está Vilardo
Qu'be como hũu camaleão
Por isso, bus, fazer fardo.

No entanto, não será impossível também que este *bus* seja o próprio que se vê no provérbio: *A perro velho não digas bus-bus*, e que deve representar, paralelamente ao que se dá com *boque*, de *aboca*, forma imperativa, natural na dição dos caçadores. Entendo este adágio assim: *Não digas a cão velho —busca! busca!* e compreendo que esta proibição se imponha, porque o cão velho nem já precisa de incitamentos, por muito habituado a procurar a caça, nem pode, pelas suas fracas forças, cumprir como lhe pedia o ânimo as ordens do dono.

Nestes campos da interjeição e da rima dão-se, além de violentas alterações vocabulares, estranhas mutações semânticas. O *bus*, esvasiado do seu sentido especial, e funcionando por assim dizer ono-

¹ P. 39.

² I, 301.

³ II, p. 26.

matopaicamente, como aliás o próprio *chus* em virtude da sua proximidade com a interjeição de silencio *chiu*, estava em condições de com este se aliar ritmicamente. Não faltam exemplos de associações por confluência inicial ou terminal: lembro *fin*a *fôrça* e *coi*sas e *lois*as.

3. A mesma associação polar é empregue na moderna pedagogia das línguas vivas: para facilitar a compreensão dos alunos, nos primeiros tempos do aprendizado, em que ao auditório só é dado ouvir, o professor deve executar acções, que são um certo elemento de vida para a classe e satisfazem a necessidade de movimento da criança, enunciando em voz bem apreensível o que faz, e tendo o cuidado de proceder por acasalamento de acções de carácter oposto:

Je m'assois
Je me lève

I stand up
I sit down.

Depois na explicação de trechos estrangeiros, para fazer compreender o significado de um vocábulo, recorre-se também com frequência ao seu oposto semântico: *Le contraire de faible est fort; the contrary of narrow is wide*.

E igualmente, para assimilação ou fixação do vocabulário das línguas estrangeiras, se lança mão do agrupamento por contrários: *klar — trübe*.

VI

E, para fechar, uma observação mais — que a um tempo é do terreno literário, do lingüístico e do ideológico: a literatura tem criado vivedouras parelhas onomatológicas. Dêstes casais os mais frequentes não são os toponímicos — tipo *Capitólio e Rocha Tarpeia* —, mas os antroponímicos — tipo *Paulo e Virgínia*. No geral até ambas as figuras amorosas, ou a mais activa delas, são titulares das obras. Shakespeare oferece o duplo exemplo nas suas tragédias: em *Romeu e Julieta* apresenta o casal amoroso a epigrafar, enquanto em *Otelo* já não figura o outro elemento do par — a bela e virtuosa Desdémone. E cumpre não esquecer que as nossas letras — quasi sempre tam caseiras ou pobres de universalidade — neste caso produziram também alguma cousa: Herculano criou, no seu mais notável romance

histórico, o trágico par —Eurico e Hermengarda—, com apenas o primeiro dos dois nomes a titular a obra.

Atesta bem, e não só a existência do casal amoroso, como a correlatividade dos seus elementos, e respectivas conseqüências ideológicas, o seguinte passo de Eça de Queiroz, em *Os Maias*: «Infelizmente a rapariga tinha o nome barbaro de Hermengarda, e os amigos de Carlos, descoberto o segredo, chamavam-lhe já *Eurico o presbytero*, dirigiam para Cellas missivas pelo correio com este nome odioso»¹.

JOÃO DA SILVA CORREIA

¹ 3.ª ed., p. 142

Feito sup. C.

Tempos e modos em português

Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo

«La différence entre les *temps* et les *modes* s'efface
aux yeux de l'historien de la langue».

M. BRÉAL, *Essai de sémantique*, 1930, p. 239.

Em qualquer língua de civilização, um dos problemas de maior interesse para o filólogo é, indubitavelmente, o que se refere à sintaxe dos tempos e dos modos. Em relação ao verbo português, o interesse aumenta ainda, se nos recordarmos de alguns aspectos *originais* que ele oferece: é, entre os outros idiomas saídos do mesmo tronco latino, o único que mantém bem nítida a diferença de emprêgo e de significação entre o pretérito perfeito simples e o composto (ele *escreveu*? Ele *tem escrito*? — *estive* doente, *tenho estado* doente); o único que apresenta, ainda na época moderna, um mais-que-perfeito simples do indicativo com significação ante-preterital (disse que *fizera* e que *acontecera*)¹; o único onde se conservou um infinitivo pessoal ou flexível.

Este problema é, porém, um dos mais complexos e delicados, tornando-se a dificuldade ainda maior, quando se verifica que muitos factos se apresentam de forma bastante diversa nas línguas da mesma família. Veja-se, p. ex., como um simples provérbio, ou seja exactamente a mesma ideia, é expressa por tempos diferentes nas línguas românicas:

Lat. — Quod tibi *fieri* non *vis*, alteri ne *feceris* (inf. pres. — ind. pres. — fut. perf. conj. = imper.).

¹ Esta significação do mais-que-perfeito simples, que havia desaparecido em espanhol desde os fins do século xvii, segundo nos informa Bello (*Gramát. castellana*, 1928, p. 189), volta a aparecer nalguns escritores modernos, p. ex. Pérez Galdós, Palácio Valdés, etc. Creio que se trata dum arcaísmo, alheio à linguagem corrente. O citado gramático nem sequer menciona a forma em *-ra* no capítulo dos tempos do indicativo.

Port.—Não *faças* a outrem o que não *queres* que te *façam* (conj. = imper. — ind. pres. — conj. pres.).

Esp.—No *hagas* a otro lo que no *quieras* para ti (conj. pres. — conj. pres.).

Fr.—Ne *fais* pas à autrui ce que tu ne *voudrais* qu'on te *fit* (imper. — cond. — conj. m. q. perf.).

Ital.—Non *fare* agli altri, quello che non *vorresti fosse fatto* a te (inf. = imper. — cond. — conj. m. q. perf. comp.).

É talvez por isso que, não obstante o número elevado de obras, algumas delas notáveis, que têm sido consagradas ao estudo dos tempos, não se tenha ainda publicado, em relação a nenhuma língua românica (pelo menos com meu conhecimento), um trabalho sistemático e pormenorizado sobre a «osmose» dos tempos e dos modos. Geralmente, limitam-se os autores a estudar um ou outro caso particular, especialmente o do imperfeito do indicativo com sentido de condicional ou de conjuntivo mais que perfeito.

O assunto, além do interesse científico, tem também alcance prático. Para disso nos convenceremos, basta abrir várias gramáticas da língua portuguesa, na parte relativa à classificação dos tempos. Aquilo a que uns chamam «futuro do *conjuntivo*», dão outros (p. ex., António de Vasconcelos) o nome de «futuro segundo do *indicativo*»; e pelo que respeita ao condicional, é velha de quasi um século, pelo menos, a discussão entre aqueles que o consideram um «modo» e os que vêem nele um «tempo», um futuro do passado.

Estas divergências têm como causa originária, quere-me parecer, um ensino defeituoso (por demasiado logicista) da gramática, que teima em supor que as categorias gramaticais, aliás necessárias ao nosso espirito, são bem delimitadas e distintas umas das outras, quando a realidade da língua viva nos mostra que elas se entrelaçam mutuamente. Nós aprendemos na escola, p. ex., que só os adjectivos são susceptíveis de graus, e no entanto vemos que são correntes os superlativos tais como «certezíssima», «coisíssima», «mesmíssima», etc. Há adjectivos tornados substantivos (a moça = criada) e há substantivos com função de adjectivos (uma *simpatia* de rapaz, em vez de um rapaz simpático). Há verbos na activa com significação passiva (estas bananas não são boas para *exportar*), e pode-se encontrar uma forma passiva com significação activa (mais de sete séculos *são* passados = passaram). As próprias categorias de nome e verbo, que são, segundo os lingüistas, as mais bem caracterizadas e as que mais nitidamente se opõem, podem também permutar as suas funções. Assim, na expressão «*prière* de ne pas fumer», «*prière*» desem-

penha, sem dúvida, o papel dum verbo (pede-se a fineza...); ao invés, é tam corrente um infinitivo transformar-se em substantivo que os gramáticos o consideram uma forma «nominal».

Sendo assim, não é de estranhar que, dentro do verbo, se observe fenómeno semelhante, i. é, que haja tempos com significação modal e modos empregados temporalmente, ou, por outras palavras, que haja transposição não só entre tempo e tempo mas também entre tempo e modo.

Que eu saiba, um dos primeiros que, depois da criação da Filologia românica, consagraram a sua atenção a êste assunto, foi o sintaticista Adolfo Tobler, em 1862, no conhecido artigo intitulado *Uebergang zwischen Tempus und Modus* [Permuta entre tempo e modo]¹. Colocando-se no terreno da lingüística geral, mostra que originariamente modo e tempo se não distinguiam de forma nítida, antes constituíam uma «massa única» (para empregar uma expressão de Herbig); só em sânscrito nos aparece a distinção entre as duas categorias, conquanto ainda longe de ser bem definida. Mesmo na época histórica encontramos «ora uso temporal de primitivos modos, ora designação temporal de relações modais» (p. 34). A sintaxe latina e a moderna, acrescenta Tobler, deslocam também as categorias verbais do seu valor objectivo para o subjectivo.

Mais tarde, em 1876, publicou Karl Foth nos *Romanische Studien* (fasc. VIII, pp. 243-335) um extenso e valioso artigo, de índole mais concreta, sobre «A deslocação de tempos latinos nas línguas românicas» (*Die Verschiebung lateinischer Tempora in den romanischen Sprachen*). Na primeira parte desse trabalho estuda Foth a mudança de «esfera temporal» que algumas formas latinas experimentaram ao passar para românico; na segunda parte apresenta as causas dessa transposição, sem explicar, todavia, satisfatoriamente em todos os casos, a mudança de significação. Os tempos estudados em relação a várias línguas românicas são em especial: o mais que perfeito do conjuntivo — *amavissent*, que deu em português *amasse*, mas com o sentido do imperfeito latino *amarem*; o mais que perfeito do indicativo em dois dos seus empregos: a) como tempo do passado («cinco vezes a lua se *escondera*») e b) com sentido de condicional («que *fôra* a vida se nela não houvera lágrimas?»); e o futuro condicional («se Deus *quiser*»).

¹ Publicado na *Zeitschrift f. Völkerpsychologie u. Sprachwissenschaft* [Revista de psicologia étnica e de lingüística], Berlin, 1862, pp. 29-53.

Em relação à língua portuguesa, várias obras podiam ser mencionadas que, sem tratarem directamente do assunto que aqui me preocupa, estudam todavia com certo desenvolvimento alguns tempos do verbo português. Saliento, acima de todas, a obra de Vising¹, que consagra à nossa língua um capítulo inteiro de 64 páginas, onde se reúne a melhor colecção de exemplos — na sua maioria bem ordenados e interpretados — sobre os tempos do passado, exemplos que vão desde os *Portugallie Monumenta Historica* até às *Pupilas do Senhor Reitor*. Esta obra, que tem sido largamente aproveitada pelos filólogos (basta citar Meyer-Lübke na sua *Syntax*), ainda hoje, a quasi cinquentá anos de distância, constitui um instrumento de trabalho indispensável a todo aquele que se ocupa da syntaxe do verbo português².

O artigo de 20 páginas de Wernekke³, é de valor reduzido nos dois primeiros capítulos, onde, além duma terminologia criticável, se encontram alguns erros⁴. Os capítulos III e IV, porém, onde são estudados o condicional nas suas diferentes modalidades e o infinitivo pessoal, podem ler-se ainda com proveito.

Em época mais recente, uma obra portuguesa digna de particular menção é a *Syntaxe histórica* de Epifanio Dias, que ao estudo dos modos e tempos dedica extenso capítulo. É, até hoje, o melhor (e o único) trabalho sistemático que possuímos sobre o verbo, e a ele tem de recorrer constantemente o estudioso da nossa língua. No

¹ *Die realen Tempora der Vergangenheit im Französischen und den übrigen romanischen Sprachen*, 1888 [Os tempos do passado em francês e nas restantes línguas românicas]. Estudo de carácter sintáctico-estilístico.

² Dada a dificuldade que oferece a um estrangeiro a distinção entre o pretérito perfeito simples e o composto em português, não é de estranhar que nesta obra se encontre um ou outro exemplo mal escolhido, e uma ou outra interpretação inexacta. Por exemplo, na p. 80 do vol. 1, Vising apresenta, sob a rubrica: «Perfeito composto como tempo narrativo» o seguinte verso do Romanceiro: «Os braços já tem cansados | De tanto morto virar». — É evidente que não se trata aqui dum perfeito composto. Na ordem directa a frase soaria assim: «Já tem (verbo independente!) os braços cansados de virar tanto morte».

³ *Zur Syntax des portugiesischen Verbs*, 1885 [Sobre a syntaxe do verbo português]. Programa do Liceu de Weimar.

⁴ Veja-se, p. ex., a interpretação errada da seguinte citação: «No livro das Epopeias da raça mosárabe, *deixamos estudada* (= temos estudado [sic]) a formação dos Romanceiros». — Na p. 9 fala da possibilidade duma forma activa sobrecompuesta, que nunca existiu, nem é provável que venha a existir em português — *tenho tido louvado* (fr. j'ai eu loué) — embora o A. reconheça que seria muito desjeitosa, etc.

entanto, se o A. vivesse, não consideraria com certeza a sua obra, tal como teve de ser publicada, uma «sintaxe inexcedível», como lhe chamou um filólogo português¹. Além do ponto de vista demasiado gramatical do seu A., poder-se-ia aplicar-lhe a crítica que Spitzer fez aos *Estudos da Língua portuguesa* de Júlio Moreira, reconhecendo embora o valor destes: o de se limitar, na maioria dos casos, a *registar* ou a ordenar os factos, sem procurar *explicá-los*. Já lá vai o tempo em que era possível um filólogo² escrever: «Há cousas que são porque são, e é inútil buscar as razões». A sintaxe moderna sente a necessidade de ser *interpretativa*, de analisar com mais atenção as *nuances* de pensamento, de indagar, na medida do possível, do *porquê* dos factos, ainda que tenha muitas vezes — mais ainda que em etimologia — de se contentar com explicações conjecturais ou aproximativas.

A obra de Epifânio, por grande que seja o seu mérito, não pode naturalmente ser considerada como trabalho definitivo, mas sim como *base*, como um ponto de partida para outros estudos parcelares, que permitam a um ou mais filólogos, num futuro que oxalá não seja muito longínquo, a organização da Sintaxe, ou melhor, das *sintaxes*, de que a língua portuguesa tanto carece.

O presente artigo não pretende ser mais que uma exemplificação sumária de alguns capítulos que há a estudar no verbo português. Abstemo-nos de certas discussões, da apresentação de exemplos mais abundantes e limitamo-nos à indicação da bibliografia estritamente indispensável, visto contarmos escrever sobre a sintaxe e a estilística dos tempos um trabalho mais desenvolvido.

Nas relações, permutas e «osmose» entre tempos e modos, que a seguir procuramos estudar, consideramos três casos:

- 1) relações entre modos;
- 2) entre tempos;
- 3) entre tempos e modos.

1. ENTRE MODOS. — Tomemos a frase, tirada de *Os meus Amores* de Trindade Coelho («Idílio Rústico», p. 21), e que é da linguagem corrente: «Se te *promete* os olhos, é porque tos *tirava*». Ponhamos de parte a segunda conjunção, sobre a qual haveria uma palavra de comentário a fazer (visto não exprimir aqui uma relação causal) e o

¹ Daupias, na *Revista de Filologia Portuguesa* (S. Paulo), III, 31.

² Cândido de Figueiredo, *Lições práticas da Língua portuguesa*, I (1923), p. 123.

pronome pessoal empregado com sentido possessivo, para só examinarmos as formas verbais. *Promete*, diria um mestre de análise gramatical da velha escola, é a 3.^a pes. do sing. do indicativo presente. Na realidade, porém, aquela forma equivale a estouttra: «se tem prometido os olhos», a qual, por sua vez, não é um pretérito perfeito composto do indicativo, antes equivale (equivalência, note-se duma vez para sempre, não envolve identidade, visto que cada forma tem a sua *nuance* ou o seu emprêgo particular), equivale, ou melhor corresponde, à frase intelectual: «se *tivesse* prometido os teus olhos». A forma «se te *promete*» é, portanto, um conjuntivo hipotético do passado.

Com respeito a *tirava*, é evidente que se não trata dum imperfeito do indicativo, visto não designar uma acção desenrolada na esfera do pretérito, mas sim uma acção possível, mas irrealizada, expressa num condicional do passado. Querendo transformar em linguagem intelectual ou lógica a frase mencionada, podíamos dizer: «Se tua mãe *tivesse* prometido os teus olhos, *seria* capaz de *te ter tirado* (ou *teria sido* capaz de *te tirar*), ou ainda «*tirar-tos-ia* com certeza».

Referindo-se a esta transposição de modos, Júlio Moreira¹ limita-se a apontar o facto, sem qualquer esclarecimento. E Epifânio², por seu lado, pouco mais adianta: «Este conjuntivo [nas orações condicionais de *se*] pode ser *enfaticamente* [sublinhado por mim] substituído (sobretudo no estilo familiar) pelo pretérito indefinido e pelo presente do indicativo: «Se Júlio *tem sido* encarregado não acontecia êste desastre; se *estou* agora em casa, assistia a um espectáculo muito triste».

O termo «enfaticamente» é, sem dúvida, demasiado vago, além de poder induzir em erro, fazendo supor que há ali somente um reforço de expressão. Se confrontarmos a frase com a correspondente noutras línguas, ressaltará mais facilmente a singularidade desta transposição de modos. Em alemão, de maneira alguma se pode empregar o presente do indicativo; é obrigatório o uso do conjuntivo: «wenn ich jetzt zu Hause *wäre*...». Em francês corresponde-lhe o imperfeito do indicativo: «si j'*étais*», mas o presente não era possível. Comparando as duas formas: «Se *estivesse* agora em casa» e «se *estou* agora em casa», não será difícil reconhecer que há diferença

¹ *Estudos da Língua portuguesa*, I (1922), p. 89.

² *Sintaxe histórica portuguesa*, 1918, p. 212.

entre elas, se não objectivamente, em relação à acção, pelo menos subjectivamente, i. é, quanto à atitude mental do indivíduo que fala ou ao seu modo de «visionar» a acção. A primeira, se me não engano, é mais abstracta e intelectual, traduz uma mera hipótese, na qual não tomo grande parte («se *estivesse* agora em casa...» — mas felizmente não estava lá). A segunda é mais «afectiva», é pictórica (anschaulich), i. é, representativa da acção, como que me transporto em pensamento a minha casa («se *estou* agora em casa» — olha do que eu me livre!).

Há aqui, porventura, um processo semelhante ao que se observa no caso do presente histórico. No meio duma narração feita em pretéritos, surge de repente um presente: «Eu *tinha ido* mais cedo para ver se encontrava uma coisa que me *tinham encomendado*. [...] No dia seguinte, aí *vamos* nós, de novo, a casa de F., onde *esperámos* que chegassem os carros» (carta). É que, enquanto que os tempos do passado são aqui meramente descritivos, o presente representa ao vivo a acção, é «dinâmico», faz-nos assistir (quási diria compartilhar) em espírito, da cena vivida pelos «actores» da narração.

Se transportarmos a hipótese atrás estudada para o futuro, observamos fenómeno idêntico. O português, geralmente, não pode exprimir uma acção futura condicional por meio duma forma do indicativo presente. Em francês diz-se: «s'il *fait* beau demain...» (ou «s'il *faisait*»), exactamente como o alemão: wenn morgen schönes Wetter *ist*, enquanto que o português dirá: «se amanhã *estiver* bom tempo, darei (ou dou) um passeio». Há, porém, um caso, que não foi registado por Epifânio, em que a nossa língua pode empregar também a forma do indicativo presente. É o que ressalta com clareza da seguinte frase proferida pelo lavrador Jacinto na peça de Carlos Selvagem *Entre Giestas* (1922, p. 166): «Oh lá! *Se* no prazo dum ano *descobres* o malandro, a Companhia te pagará. Não tem outro remédio! Mas, *se*, passado esse prazo, o não *descobrires*... Adeus, passa muito bem». — Jacinto, para quem só pesam as razões pecuniárias, tem todo o interesse em que a Companhia indemnize António Geadas pelo fogo que destruiu o lagar, visto que, dessa forma, uma parte lhe pertencerá a ele. Como que a incutir confiança e ao mesmo tempo quási como um imperativo (descobre!) emprega a forma do presente. A hipótese negativa, porém, não a aceita o seu espírito de boamente (se não *descobrires*... Tenho no entanto alguma esperança que *descobres*). Diferente seria a sua atitude se dissesse: «mas se não *descobres*... — haveria já uma dúvida (não és homem capaz disso) ou uma ameaça clara.

A diferença de emprêgo dos dois tempos é ainda originada por outra circunstância, como se vê na seguinte frase: «Se, vivendo o marido, casar a mulher com outro, será tida por adúltera; mas se o marido vem a morrer, fica ela livre desta Lei»¹. «Se casar», exprime uma *hi-pótese* simplesmente *pensada*; «se vem», traduz um *facto* visionado.

Neste e noutros casos, não se pode rigorosamente falar de «transposição» de modos. Com o têrmo empregado (pois algum se há-de adoptar!) não se dá de forma alguma a entender que o modo esteja «deslocado»; o que está, está bem. Tem-se apenas em vista mostrar que o modo que aparece é diferente daquele que a herança lingüística, a linguagem estritamente lógica ou as regras da gramática fariam esperar². Às vezes a transposição é devida a regras estabelecidas pelos gramáticos ou por causas de ordem «externa», como se verá adiante. Mas na maioria dos casos o motivo determinante está na diversa atitude do individuo que fala quanto à forma de encarar a acção e quanto à maior ou menor parte que nela toma.

Já seria menos incorrecto falar de «transposição» no caso do imperativo proibitivo. Nós dizemos «*falai*», mas «*não faleis*» (forma conj.), enquanto que o francês (exceptuados os verbos *avoir*, *être* e *savoir*) emprega em ambos os casos a mesma forma: *parlez!*—ne *parlez pas!* exactamente como o italiano: *parlate!*—non *parlate!*³ Parece estranho que o português não possa semelhantemente dizer: «*não faleis!*» A intonação bastaria para lhe dar o valor de imperativo, como succede com o imperativo de impaciência ou de ameaça expresso sob a forma interrogativa: «Tu *calas-te?*»—«Tu não te *calas?*»

Que o conjuntivo é de facto algo estranho, di-lo a circunstância de o povo de Portugal nalguns casos (p. ex., «*não vinde tarde*»⁴) e

¹ S. PAULO, *Rom.* VII, 3. (Ed. da Biblioteca de S. Francisco de Sales, Pôrto).

² Em Vossler, *Gesam. Aufsätze zur Sprachphilosophie* [Miscelânea de estudos de filosofia lingüística] 1923, p. 171, encontro o têrmo «permutação» para designar o emprêgo da forma futura com sentido de imperativo (tu ne *tueras pas!*) ou o do presente com função de pretérito.

³ Sobre o assunto Epifânio Dias (*Sint. hist.*, § 281) limita-se a duas linhas sêcas: «O imperativo não se emprega em orações negativas; é substituído então pelo presente do conjuntivo».

⁴ F. S. Constâncio na Introdução gramatical do seu *Dicionário* escreveu: «*Não faze a outrem*», frase que foi criticada por P. A. Pinto na sua obra *Termos e locuções*, 1924, p. 79. (Não pude conferir a citação).

Tenho idea de haver lido num dos primeiros romances de Manuel Ribeiro uma frase semelhante, que na ocasião foi bastante criticada. A ser verdade (não posso neste momento verificar), isso mostraria que o uso está mais generalizado em Portugal do que à primeira vista poderá parecer.

sobretudo as classes incultas do Brasil empregarem o imperativo negativo com as mesmas formas de imperativo positivo: «*Pega*, negro, não *deixa* o verso no chão»¹. Ou esta ordem imperiosa e aflita: «Não *vem* mais [gente]! Não *vem* mais! Está fazendo água [a canos]... Vamos ao fundo!»².

Em latim, conquanto fôsse de uso a forma do conjuntivo perfeito ou do presente (*ne faceris*, *ne faciat*), ou ainda a perífrase *noli*, *cave* + infinitivo, encontram-se exemplos, na linguagem popular, do imperativo presente. Vergílio (*Aen.*, vi, 544) oferece-nos um «*ne saevi*, magna sacerdos», em vez de «*ne saevias*» (literalmente «não te irrita» em lugar de «não te irrites»), e noutros escritores, designadamente em Terêncio, encontram-se também frases proibitivas do tipo «*ne time*» — devendo notar-se, todavia, que esta construção era tida pelo comentador Sêrvio como arcaica, desconhecida no tempo do império³.

O sentimento lingüístico dificilmente perceberá diferença semântica entre a ordem positiva dada por uma mãe a um filho: «*come* devagar!» e a proibitiva «*não comas* depressa!», visto ambas poderem ser consideradas como acções a realizar imediatamente⁴.

Podia ser-se tentado a supor que a diferença de procedimento entre o português e o francês é em parte de ordem morfológica. O francês não dispensa hoje o pronome sujeito nas formas do indicativo, sem o qual a linguagem falada estaria exposta a equívocos intolleráveis: *parle*, na pronúncia, pode ser a 1.^a, 2.^a, 3.^a pes. sing. e a 3.^a plural! Dessas formas se distinguem as do imperativo pela ausência do pronome (*vous ne parlez pas* — *ne parlez pas!*). A língua portuguesa e a espanhola, pelo contrário, em virtude de manterem ainda, como em latim, forma diversa para cada pessoa, dispensam o adju-

¹ Coelho Netto, *Sertão*, p. 128.

² Afrânio Peixoto, *Maria Bonita*, 1926, p. 165. — É curiosa a observação dum filólogo brasileiro, que dá a entender não ser este emprêgo restrito às classes incultas: «É vulgar no Brasil ouvir-se dizer *não amola*, *não brinca*, *não mente*, *não diz isso*, *não faz isso*, e muitas outras expressões construídas idênticamente. Tais modos de dizer, *embora muito popularizados* (sublinhado por mim), são absolutamente errôneos, por serem incompatíveis com o génio da língua, com o ensino dos mestres e com os exemplos de todos os bons escritores» (Xavier Fernandes, *Questões da língua pátria*, 1923, p. 212).

³ Ver Wackernagel, *Vorlesungen über Syntax* [Lições de sintaxe] I, 1930, p. 214.

⁴ No ponto de vista psicológico, porém, é fácil distingui-las; a prova é que a pedagogia moderna, em vez do velho sistema: «*não faças isto*, *não faças aquilo*», propugna antes o método positivo: «*se diligente*», em lugar de «*não sejas preguiçoso*», etc. Assim se evita a sugestão depressiva contida na segunda frase.

tório do pronome, que, em certos casos, se pode tornar pesadonho e inestético ao ouvido. Daí viria a necessidade de recorrer a formas diferentes no imperativo e no indicativo, à semelhança do italiano e do romeno, que se servem geralmente do infinitivo para exprimir o imperativo da 2.^a pes. sing. (*non fare*, *nu dormi*). — Reconheço, todavia, que a explicação é insuficiente, em primeiro lugar, porque, em antigo francês, as formas do indicativo presente, ao contrário da época moderna, podiam dispensar o pronome, visto cada uma delas soar diferentemente, e por outro lado o imperativo podia ser acompanhado do pronome sujeito¹; em segundo lugar porque a entoação e o contexto bastariam, por si sós, para as distinguir. É o que devia suceder em grego, onde, como já Meillet recordara², a forma *πέστε* servia ao mesmo tempo de indicativo presente e de imperativo positivo ([vous] *portez* — *portez!*), como ainda hoje em romeno: *cântați* (= cantais e cantai). Cousa semelhante se devia verificar em latim, na linguagem de comando, em que era possível também as duas formas coincidirem: «*itis, paratis arma quam primum viri*»³. Este exemplo parecer-nos há menos estranho, se nos lembrarmos de que em português (como, aliás, noutras línguas modernas) há um imperativo, a que poderia chamar «de recados ou de informação», e no qual mais uma vez se verifica, gramaticalmente falando, uma «transposição» de modos: «Diogo... *Olha*. Tu *desces* a rua, *vais* até lá baixo ao pé daquele lampião. *Esperas* o senhor Conde. *Dizes-lhe* que eu já cá estou»⁴. A forma do indicativo presente não é somente mais polida (cf. «*faça favor*» e «*faz favor*»); é mais realista, põe a acção diante dos olhos, para o que contribui o *gesto*, que nestes casos costuma desempenhar papel importante. Nós como que convidamos o interlocutor a acompanhar-nos em imaginação, realizando *in mente* as acções que ele depois irá, *de facto*, realizar sozinho.

Estes exemplos bastam para mostrar que, na nossa língua, como na francesa e na romena (nesta só em relação a alguns verbos, por

¹ Foulet, *Petite Syntaxe de l'ancien français*, 1930, p. 216, apresenta o seguinte exemplo do Graal: «Sire, par vostre pitié, *ne souffrez vos mie* que je isse de vostre service».

² *Linguistique historique et linguistique générale*, 1926, p. 190.

³ Exemplo citado por Stolz-Schmalz, *Lateinische Grammatik*, 1928, p. 566 a).

⁴ Júlio Dantas, *Severa*, III, 6, 4.^a ed., p. 196.

Júlio Moreira, nos *Estudos da Língua portuguesa*, II (1913), pp. 13-15 refere-se a este imperativo, sem, aliás, tentar qualquer explicação, e apresenta vários exemplos dos *Lusíadas*, alguns dos quais poderão talvez ser interpretados diferentemente.

exemplo, *respunde*—*nu respunde*) também seria possível um imperativo negativo com forma de indicativo. ¿Por que razão a tem evitado e a evita ainda o uso literário e corrente?

Neste ponto, como em muitos outros, o português mostra-se extremamente conservador, ou se se quizer, acusa um atraso na evolução lingüística em relação a outras línguas. Ele não faz mais do que continuar, através do latim, o estado de cousas indo-europeu.—Efectivamente, no indo-europeu primitivo estabelecia-se uma distinção nitida entre ordem e proibição; o imperativo só era usado para a ordem positiva. Para as proibições recorria o grego, como já o velho hindu, à partícula *μή* com o conjuntivo¹.

Wackernagel diz que esta distinção entre ordem e proibição desapareceu nas línguas românicas: «Im Neuhoehdeutschen ist (wie in den lebenden romanischen Sprachen) die formale Unterscheidung zwischen Gebot und Verbot aufgehoben». Wackernagel, ao escrever estas palavras, pensou decerto no alemão e no francês. No português pelo contrário, a distinção subsiste. É caso de observar com o mesmo autor: é admirável como certas «finesses» lingüísticas se mantêm através de milénios!

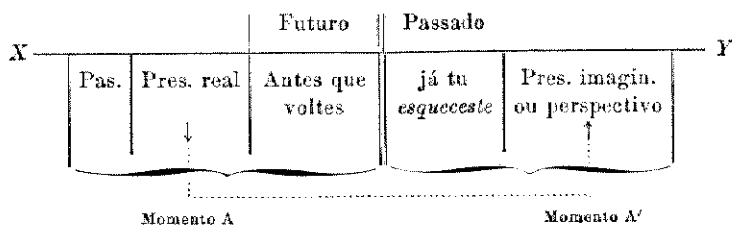
Quer dizer, o português e o espanhol, pelo emprêgo de formas diferentes para o imperativo positivo e para o imperativo proibitivo, mostram continuar, embora de forma inconsciente, o sentimento lingüístico antigo, que tinha mais confiança na realização duma ordem positiva do que na duma ordem negativa e atribuía àquela um grau maior de voluntariedade da parte do indivíduo que fala. É certo que uma proibição é também, em certo sentido, uma ordem «positiva»; mas, além de a acção não ser tam imediata como no imperativo positivo, há nela ainda talvez uma nuance de desejo, de conselho, de pedido—restos, porventura, do injuntivo indo-europeu, que veio a ser expresso, em grego e latim, de preferência pela forma conjuntiva.

2. ENTRE TEMPOS.—Quando se comparam os tempos entre si, quer dentro do mesmo modo, quer entre modos diferentes, é que se vê com clareza quam freqüentes são as permutas que elles experimentam, ou melhor, só então é que se vê bem como o mesmo tempo, morfológicamente considerado, pode exprimir diversas relações temporais, e como a mesma relação temporal pode ser expressa por diferentes tempos.

¹ Ver Wackernagel, *Vorlesungen über Syntax*, p. 214 ss.

Este mesmo emprêgo do perfeito pelo futuro se encontra em romeno: «Că de nu-ți fi mâncători buni, *v'ați găsit* [em vez do fut. *veți găsi*] beleaua cu mine» (se não fordes bons comedores, encontrareis [literalmente «encontrastes»] a vossa desgraça¹).

Exemplo correspondente ao da língua portuguesa, atrás indicado, encontro-o também em alemão: «Du *hast* alles *vergessen*, bis du wieder nach Göttingen kommst»²—antes de voltares para G. já tu *esqueceste* tudo:



Em linguagem estritamente lógica ou de harmonia com as regras da gramática, a frase soaria assim: «Antes de chegares (ou antes que chegues—notar que em alemão se usa o indic. pres.) já tu *terás esquecido* tudo».

Este modo de dizer está longe, porém, de ter a força do outro: exprime sòmente uma confiança, uma possibilidade; «já *esqueceste* tudo», ao invés, traduz um *facto*, e portanto uma certeza.

Spitzer estudou, em relação ao espanhol, uma série de fenómenos lingüísticos que lhe permitiram fazer finas observações e o levaram a falar duma tendência daquela língua para a representação do «fait-accomplí». É exemplificativa a exclamação de desânimo atribuída ao pintor António Castillo quando viu pela primeira vez as obras de Murillo: «ya *murió* Castillo!» Há neste e noutros factos semelhantes, observa Spitzer, «a representação dum acontecimento possível ou necessário, dado, porém, como já realizado». Enquanto o alemão exprimiria o mesmo pensamento por meio duma expressão irreal ou potencial, o espanhol, como que não se dando conta do que há de fictício e de exagerado na frase, parece ter em vista pôr-nos diante dum «facto histórico». Daqui conclui o mesmo A. que o espanhol, «sob a influência da sua excitação, antecipa com a imagi-

¹ Ex. de Weigand, *Praktische Grammatik der rumänischen Sprache*, 1918, p. 154.

² Thomas Mann, *Buddenbrooks*, 1930, p. 131.

nação factos simplesmente possíveis ou que se aguardam, abate as fronteiras entre o que é pensado e o que é realizado, e exprime como definitivo e inevitável aquilo que na realidade está ainda muito longe do «fait-accompli»¹.

O facto apontado, como o próprio Spitzer reconhece em apêndice, não é só peculiar ao espanhol; vimos já atrás que na língua alemã se encontram exemplos semelhantes. Pode, porém, admitir-se que eles sejam mais frequentes naquelas línguas que, como a portuguesa e a espanhola, são faladas por povos de imaginação exuberante, bem patente nas suas metáforas.

A semelhança da língua irmã, também no português é corrente exagerar ou reforçar a importância dum facto (v. g., duma doença grave) dando-o como realizado, quando a verdade é que se não chegou a verificar: «Mas se eu estive tam doente! — Umas quartãs que me tiveram mondada!» Em vez duma frase tal como: «[quasi] me iam mondando», põe-se diante dos olhos um *facto* e sugere-se a idea de que a morte chegara a arrancar Rosária à vida. Numa outra língua menos «impaciente» ou de preocupações mais objectivas, p. ex. em alemão, seria necessário, neste caso, ou empregar um advérbio, ou recorrer a uma comparação (estive com um pé na cova, estive à beira da sepultura — «mit einem Fusse im Grabe», «am Rande des Grabes»), ou então modificar a frase².

O caso mais extremo que conheço desta «antecipação da imaginação» é o que se verifica em português com o imperativo de certos verbos usado com forma de pretérito, caso que, com meu conhecimento, não foi ainda registado pelos gramáticos ou pelos sintaticistas e não tem correspondente, salvo erro, nas outras línguas românicas e germânicas. Em Aquilino Ribeiro (*Jardim das Tormentas*, p. 208) encontra-se a seguinte expressão, que é também da linguagem cor-

¹ Ver Spitzer, *Stilstudien* [Estudos de estilística] I, 1928, pp. 258-294: «Fait-accompli-Darstellung im Spanischen», e os exemplos complementares de Beinhauer, *Spanische Umgangssprache* [Língua espanhola corrente], 1930, p. 147.

Em confirmação do que se diz no texto, e num outro domínio, não vem fora de propósito aduzir a seguinte opinião de Afrânio Peixoto em *As razões do coração*, 1925, p. 271: «A respeitabilidade britânica, ainda quando a pratique, não comenta, nem atribui aos outros a malícia. Talvez não haja malícia senão para os latinos, que têm a perversidade do *avant-goût*, da imaginação do mal, que é a malícia ou o seu ressaibo, e, uma vez cumprido, o arrependimento».

² Foi esta última solução que adoptou D. Luise Ey ao traduzir livremente: «Weschelfieber, das mich *peinigte!*» (*Trindade Coelho* [vol. da colecção «Neuere portugiesische Schriftsteller»], 1918, p. 89).

rente: *Girou!*—Trata-se, é bem de ver, dum imperativo bastante enérgico, empregado em caso de irritação¹.

Pela sua própria natureza, observa com razão Wackernagel², «todo o imperativo é, em certo sentido, futural; aquilo que se ordena pertence sempre ao porvir». O português, ao invés, está tam impaciente no caso indicado, que a ordem é dada como estando já realizada! Na linguagem familiar pode ouvir-se dizer a uma criança ou a um inferior que se está a tornar impertinente: «*calou! calou!*» Note-se que, mesmo para as pessoas a quem normalmente se daria o tratamento de «tu» («cala-te!») se emprega neste caso a 3.^a pessoa. É a supressão da nota afectiva, o distanciamento, exactamente como quando um pai diz, irónico e bonacheirão, a um filho: «Vamos! *Fume lá o seu cigarrinho em paz!*» (Carlos Selvagem, *O Herdeiro*, p. 67), ou um mestre-escola para um aluno: Se *tu* não havias de pedir para ir lá fóra, tu...—Ora vá *você* lá fóra». . . «Para a outra vez *faz-se* menos barulho com êsses pés, *ouviu?* Não sei se percebes... Ora já que *tem* tanta pressa, eu não tenho nenhuma; *faça* favor de esperar um pouco» (Trindade Coelho, *Os meus Amores*, p. 150).

A transposição dos tempos pode ainda verificar-se devido a causas que classificarei de «externas.» Tal é o caso da *atração*. Em vez de «les Anciens ne *savaient* pas que la terre *tourne*», como preceituavam os gramáticos, visto tratar-se dum facto verdadeiro para todos os tempos, o francês moderno diz: «les Anciens ne *savaient* pas que la terre *tourne*»³, exactamente como o português: «não *sabia* que Lisboa *era* uma cidade tam bonita». Em alemão, ao contrário, o preceito gramatical e a lógica são mais fortes que o instinto: «Ich wusste nicht, dass L. eine so schöne Stadt *ist*».

É, como se vê, a força instintiva da analogia (uma das «*Triebkräfte*» da terminologia de Havers) a exercer-se também no dominio da sintaxe.

Por vezes são outras as causas da falta de correlação dos tempos (*consecutio temporum*). Assim, na conhecida composição de Gonçalves Crespo «*Mater Dolorosa*»:

Quando se fez ao largo a nave escura
.....
Dos céus a curva *era* tranqüila e pura

¹ Encontramos aqui, mais uma vez, uma forma temporal empregada modalmente.

² *Vorlesungen über Syntax*, I, 218.

³ Exemplo de Frei, *La grammaire des fautes*, 1929, p. 58.

.....
 Nas ondas se atufára o sol radioso

 E aquela pobre mãe, não dando conta
 Que o sol morrêra, e que o luar *desponta*,
 A vista *embebe* na amplidão das vagas...

um comentador apressado diria talvez: «o presente *desponta* está ali por necessidades de rima». Sem dúvida que a rima é um elemento perturbador do emprêgo rigoroso dos tempos, e seria fácil apontar exemplos. Assim no *Job* de A. Correia de Oliveira, p. 139, encontro um imperfeito, que não parece ter outra justificação:

Ninguém perdeu no tempo o que eu *perdia*,
 — Beleza, amor, fortuna, —
 Qual a vela maior que vibra e enfuna
 E logo tomba, exânime e vazia.

No caso sujeito, porém, parece-me que o presente foi empregado propositadamente. Enquanto que os pretéritos são meramente descritivos, o presente tem ali um efeito evocativo, é «*anschaulich*». Por isso o final dêste soneto é uma pintura.

No modo conjuntivo há grande diferença de procedimento entre o português e o francês. Nesta língua pode dizer-se: *j'ai voulu* que tu *acceptes* ce poste que tu refusais¹ — «eu é que quis que *aceitas* este lugar que tu rejeitavas». A razão é aqui, com certeza, de ordem morfológica: o francês, sobretudo na linguagem falada, não gosta de empregar este tempo, cujas formas, sobretudo a 2.^a sing. e as do plural lhe não soam bem e são incômodas de manejar nos verbos irregulares. Só na língua escrita e na 3.^a sing. é que ainda se encontram exemplos do mais que perfeito: «*j'aurais voulu que ma chère filleule épousât un brave garçon*»².

3. ENTRE TEMPOS E MODOS. — Para melhor compreendermos esta permuta, convirá recordar o que é o «modo». Sirva-nos a definição, formulada nos mesmos termos, de Meillet³ e de Stolz-Schmalz⁴: «*Modos* são as formas por meio das quais é indicada a atitude mental do individuo que fala em relação ao processo indicado pelo verbo». É, por outras palavras, o que os gramáticos gregos, mais concisa-

¹ É. Fabre, *Les ventres dorés*, 1907, p. 172.

² Exemplo de Brunot, *La pensée et la langue*, p. 517.

³ *Ling. hist. et. ling. génér.*, p. 191.

⁴ *Lat. Gram.*, p. 565.

mente, haviam traduzido na expressão διαθέσεις τῆς ψυχῆς — o modo serve para exprimir as «disposições de alma».

Exemplo típico de tempo empregado modalmente, é o conhecido caso (que se verifica em muitas outras línguas) do futuro ou do condicional em frases que exprimem suposição, conjectura, dúvida, concessão ou aproximação: «Que horas *serão*?»¹ — «Que horas *seriam* quando êle chegou?»¹. Aqui, o futuro podia ser substituído pelo presente acompanhado do advérbio «aproximadamente» ou «pouco mais ou menos». A forma basta, por si só, para significar que o indivíduo que fala deseja sòmente dar ou pedir indicações aproximadas.

O emprêgo modal do futuro vê-se ainda melhor no seguinte exemplo: «E o amo? Onde *está* êle? — ANDARÁ lá p'rá Ribeira, mais o Ti' Martinho. Não tarda por 'hi um credo!»².

As outras nuances de sentido ressaltam fàcilmente dos exemplos que seguem:

A. Garrett — *Frei Lutz de Sousa*, I, 2 (D. Madalena faz uma censura affectuosa a Telmo): «Quitaram-te alguma cousa da confiança, do respeito — do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel do meu senhor D. João de Portugal, que Deus *tenha* em glória? — Telmo, *àparte*: TERÁ...».

Êste futuro, a que poderia chamar potencial, é de soberbo efeito pelo poder de expressividade concentrada. Encerra em si uma dúvida ou uma possibilidade (*talvez tenha, pode ser que tenha*) e traduz ao mesmo tempo, na sua concisão, tóda a inabalável fé sebastianista de Telmo (Deus *há-de tê-lo* um dia, mas duvido que já o tenha. É justamente esta fé que o Romeiro lhe elogia no III acto: «Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quiseste ceder a nenhuma evidência»).

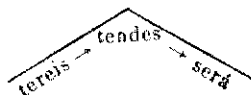
Doloroso, não já só pela dúvida, mas sobretudo pela censura amarga que contém, é aquele futuro pronunciado pelo Romeiro (II, 14) depois de D. Madalena dizer: «Não, irmão, não decerto [não me faltarão de que pedir perdão a Deus]. E êle *terá* compaixão de mim (= tenho esperança de que êle *há-de ter* compaixão de mim). — Romeiro: TERÁ... como quem diz: «sei lá se terá..., tu não mereces que êle a tenha»).

Nuance diferente se observa no seguinte diálogo (I, 2): Telmo: «O Sr. Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavalheiro [...], mas não

¹ Cf. Epifânio Dias, *Sintaxe histórica*, p. 196, e Júlio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, p. 93.

² Carlos Selvagem, *Entre Giestas*, 1922, p. 153.

é, nunca há-de ser, aquele espelho de cavalaria e gentileza, aquela flor dos bons... [que era D. João de Portugal]. — Madalena: Pois sim, *tereis* razão... *tendes* razão, *será* tudo como dizeis». — Aqui já não há propriamente dúvida, mas sim uma concessão feita por quem se impacienta com o juízo desagradável que acaba de ouvir e que receia ser em parte verdadeiro. Daí, ao princípio, uma afirmação condescendente, depois concordância plena, mas logo a seguir afirmação atenuada. O instinto lingüístico de Garrett levou-o a traduzir também nas formas verbais a instabilidade de sentimentos dum temperamento tam vibrátil como era o de D. Madalena. A curva dos sentimentos poder-se-ia representar gráficamente por uma linha ascendente-descendente, na qual a forma do indicativo traduz o máximo de concessão:



O futuro desempenha aqui de certo modo o papel dum «eufemismo» sintáctico; transporta-se para o futuro aquilo que é desagradável de dizer ou de aceitar. «Ladrão é você», só num momento de cólera excepcional se poderá dizer; mas «ladrão *será* você» (que teóricamente vem a dar na mesma...) já é possível e de consequências menos perigosas...

Um outro caso bem conhecido de tempo com significação modal, é o do futuro com sentido de imperativo de conselho ou de preceito, caso peculiar também a outras línguas, tanto românicas como germânicas: «Não *matarás!*», «*honrarás* pai e mãe!» Não é a futuridade que se quer aqui exprimir, como seria no provérbio: «Filho és, pai *serás*, assim como fizeres, assim *acharás*». Trata-se dum verdadeiro imperativo, que oferece, no entanto, uma nuance diferente da do imperativo sob forma conjuntiva: «não mates!». Nesta forma a acção é mais imediata e traduz de preferência a vontade do «imperante» (não quero que mates); naquela é principalmente ao «imperado» que nos dirigimos (toma bem conta, pensa bem no que te digo: não deves matar).

O emprêgo modal dêste tempo explica-se, em lingüística geral, pela própria natureza do futuro, e em lingüística românica, pela sua origem. O futuro, observa justamente Vendryes¹, é um tempo «*eminente*mente subjectivo. Quando nós exprimimos a idea de que

¹ *Le Langage*, 1921, p. 179.

uma acção se produzirá em tal momento do porvir, não é geralmente na consideração objectiva da realização da acção que o nosso pensamento se detém; quasi sempre nós indicamos ao mesmo tempo as *disposições* [sublinhado por mim] em que nos encontramos actualmente em relação a esta acção futura». Ao contrário do passado, tempo objectivo, «o futuro é acompanhado de todos os mistérios da eventualidade, e deixa lugar a mil sentimentos de expectativa, de desejo, de temor, de esperança». E logo adiante, depois de mostrar que em diferentes línguas o futuro pode ser formado com o verbo *querer* (ao fr. regional, apontado pelo A., «il ne *reut* pas *pleuvoir*», podia acrescentar-se, entre outros, o lat. «*volo tibi commemorare*», o rom. «*vom cantà*» = cantarei, o ingl. «*you will go*», etc.), Vendryes conclui: «O facto de o futuro se exprimir por formas tam variadas e tam frequentemente renovadas, prova que este «tempo» contém uma larga parte de *afectividade*». Note-se, por ser característica, a inclusão entre aspas da palavra «tempo».

A história da formação do futuro românico mostra também que ele tem uma origem modal. O futuro em *-bo* não desapareceu apenas devido ao betacismo (concordância de *amabit* e de *amavit*) e à fácil confusão com o imperfeito, dada a tendência geral para a pronúncia descuidada das sílabas finais átonas¹. Esta causa de ordem fonética, que alguns filólogos põem inteiramente de lado, desempenhou, sem dúvida, um papel importante, mas não foi a principal. Esta deve ir buscar-se à necessidade de criar formas mais expressivas, mais enérgicas; daí a perífrase «*cantare habeo*», que é, na origem, um presente-futuro ou futuro próximo, com a significação de «tenho de cantar», «devo cantar». Em sardo ainda hoje se forma o futuro com «dever»: *depo kantare*. As línguas românicas continuam o processo, recorrendo a auxiliares como *ir*, *dever*, visto a forma simples se tornar demasiado abstracta. Em português podem-se apresentar exemplos, embora não frequentes, em que *dever* + infinitivo já quasi equivale a um futuro: «Dá-me o último beijo que eu *devo receber* na terra»².

Não se julgue no entanto, como Meillet dá a entender³, que o futuro simples tenda a desaparecer e a ser substituído inteiramente

¹ Cf. Stolz-Schmalz, *Lat. Gram.*, p. 554, e Vossler, *Geist und Kultur in der Sprache* [Espírito e civilização na língua], 1925, p. 67.

² Marcelino Mesquita, *Envelhecer*, 1932, p. 186.

³ *Ling. histor. et ling. génér.*, pp. 145 e 182: «L'ancien germanique n'avait pas de futur, et aujourd'hui encore on peut à peine dire que l'allemand ait un futur».

pelo presente ou por formas perifrásticas. Mesmo em alemão, em que pese ao mestre citado, o futuro não desapareceu; o que sucedeu foi restringir-se ou especializar-se o seu emprego. Casos há em que êle é de obrigação, p. ex. «*Sie werden mal sehen*» (verá...). A seguinte frase dos *Contos* de Grimm ainda hoje se pode ouvir na linguagem corrente: «*Dort siehe nach dem Altar, da wirst du deine Söhne sehen*»¹ — (olha além para o altar, lá verás os teus filhos).

Poder-se há dizer que nestes exemplos se trata não tanto dum futuro pròpriamente dito, como dum futuro com significação modal, semelhante aos exemplos portugueses atrás mencionados. Nos exemplos seguintes, porém, é incontestável que domina a significação temporal: «*Aus dieser Zeitlichkeit ist ein Mann geschieden [Hindenburg], dessen Name für immer seinen milden Glanz durch die Geschichte dieses Volkes und die Geschichte der Menschheit werfen wird*». [...] «*Dein Volk wird dich nicht vergessen, die Erinnerung an dich wird fortleben, solange Deutsche auf dieser Erde wandeln*»² — «*Finou-se um homem cujo nome projectará para sempre o seu brilho suave sobre a história deste povo e sobre a da humanidade*»; «*o teu povo nunca te esquecerá, a tua memória continuará a viver...*».

Este futuro traduz uma convicção bastante forte; êle é hoje empregado precisamente para reforçar a confiança num acontecimento futuro: «*Wir wollen leben, wir werden leben!*» — (Nós queremos viver e *havemos de viver!*).

Significação meramente temporal encontramos-la nesta informação jornalística de que o governo vai publicar vários decretos: «*...eine Verordnung über die Devisenbewirtschaftung, die alsbald veröffentlicht wird*» (um decreto sobre divisas, que é — em port. dir-se-ia: vai ser — publicado imediatamente). Aqui, talvez por influência do advérbio «*alsbald*», foi empregado o presente, mas logo na linha a seguir se usa o futuro: «*...ein Erlass der Reichsminister der Finanzen, der demnächst im Reichszollblatt veröffentlicht werden wird*» (uma portaria do ministro das Finanças, que será publicada em breve)³.

Em português, ao lado do futuro simples existe um futuro perifrástico — *hei-de cantar*. Esta forma, que as gramáticas portuguesas ainda se não decidiram a incluir no quadro da conjugação, é dum largo uso na linguagem popular e familiar. Estes dois futuros não

¹ Grimm's *Kinder- und Hausmärchen*, ed. Diederichs, 1927, I, 280.

² *Kölnische Volkszeitung*, 3 de Agosto de 1934.

³ *Kölnische Volkszeitung*, 12 de Setembro de 1934.

são, porém, indênticos nem no emprêgo nem na significação. Em muitos casos o futuro perifrástico está longe de ter a significação que Epifânio¹ lhe atribui: «a resolução assente de praticar uma acção, ou certeza de que uma coisa acontecerá». Na frase proferida por Jorge no *Frei Luiz de Sousa* (1, 5): «A minha donzela Teodora! Assim é, filha; mas o mundo é doutro modo: que lhe *faremos?*» — substituiríamos hoje o futuro simples pelo perifrástico — «que lhe *havemos de fazer?*». Aquela traduziria uma resolução a tomar — «quid faciam?» — esta, ao invés, não passa duma fórmula de resignação, parente próxima duma outra tam caracteristicamente portuguesa e tam difficil de traduzir noutras linguas: «paciência!».

Inversamente, o futuro simples pode exprimir «a certeza de que uma coisa acontecerá», como ressalta do seguinte exemplo: «Sou bem que possa co'o desprêzo de todos. Um dia se *calarão*. Já mesmo se vão calando!»².

Esta «instabilidade» das formas verbais resulta em grande parte dum facto que qualquer estudioso dos fenómenos de syntaxe terá observado e que Buñin³ soube exprimir com felicidade: «Muitas vezes, é sòmente por uma *síntese de toda a frase* que nós podemos determinar com precisão o periodo de tempo em que devemos situar a acção verbal. [...] *Cada tempo do verbo apresenta várias possibilidades de interpretação*, entre as quaes o *contexto* nos obriga a escolher» (os itálicos são meus).

Pode todavia dizer-se, duma maneira geral (só duma maneira geral, pois há aqui algumas distincções a fazer que ainda não foram devidamente estudadas), que o futuro perifrástico contém maior dose de modalidade e de affectividade, traduz melhor as «disposições de alma». Daí a freqüência com que êle aparece na linguagem popular, affectiva por excelência. No diálogo colérico travado entre António e Clara em *Entre Giestas* (pp. 133-7) encontram-se nada menos de dezoito futuros perifrásticos e apenas dois futuros simples: «É de mim que te *há-de vir* o pão! Se eu quizer!... As minhas ordens é que tu *hás-de andar*... [...] *Hei-de ser* o Sr. Geadas! A minha casa *há-de ser* farta! [...] — És alma ruim... Tam ruim que *há-de haver* [sentido já diferente dos anteriores — mera suposição] lóbo aí pelas serras que ao pé de ti se julgue um borrêgo!».

¹ *Gramática portugueza elementar*, 1901, p. 57.

² Carlos Selvagem, *Entre Giestas*, III, p. 145.

³ *Remarques sur les moyens d'expression de la durée et du temps en français*, 1925, p. 26.

Em suma, o que fica exposto bastará para confirmar as palavras de Bréal que servem de frontispício a este artigo: «A distinção entre tempos e modos atenua-se aos olhos do historiador da língua»¹.

Isso ressaltará mais ainda se se aplicar também ao estudo do verbo o critério onomasiológico, hoje tam largamente praticado noutros domínios, isto é, se em vez de se estudar a significação de cada tempo em separado, como faz a gramática (aliás por motivos perfeitamente justificáveis), se indagar antes como é que o português exprime a imperatividade, a condicionalidade, a preteridade, a futuridade, etc. Ver-se há então, por um lado, que entre modos e tempos existe uma verdadeira «osmose», e por outro, quam grande é a riqueza e a maleabilidade da língua.

Hamburgo, Agosto de 1934.

MANUEL DE PAIVA BOLÉO.

¹ Traduzo «s'efface» por «atenua-se», não só porque ela está, na minha opinião, mais de acôrdo com a realidade dos factos, mas ainda para a pôr de harmonia com estoutra afirmação de Bréal na mesma obra (p. 341): «O que há de mais *essencial* no verbo são os *modos*» (de ordem e de realização).

Os nomes germânicos na toponímia portuguesa

(Continuado do Tómo II, p. 314)

E

326. Ega (Condeixa-a-Nova, Coim).

Meyer-Lübke 24 trata desta raiz citando os nomes EGA, EGICA, EGILA e outros. Comparando-os com o ostrogodo IGILA e o vândalo *Iγγūz*; em Zósimo, chega à conclusão que a consoante radical é g e não k, o que no ponto de vista português seria também possível. As grafias medievais são bastante desconcertantes. Eis as diferentes formas que encontramos:

EGELO	921	EGICA	924	IKILA	938
EGELA	922	EIGO	981	IKILANI	981
EGILO	989	EGILO	1059	ICILA	999
EGAS	983	EIGULFO	985	IGZILO	1044
EGICA	1085			ICIA	1097
EGAREDO	968	EICA	925	ICILA	1075
EGEA	1208	EIKA	925		
		EIKAZI	1059	Igo	957
ECCO	1061			Igu	985
EGAREDO	921			IGULFU	1032

Comparando bem os elementos desta lista, chega-se facilmente à conclusão que não se pode tratar sempre do mesmo nome, mas que temos pelo menos duas raízes: EG- e IK-. A segunda que nos ocupará na devida altura, já a encontramos em DIÇA, ver este artigo. As formas com EI representam simples variantes das formas com I, ver a este respeito v. Grienb. 553. Quanto à raiz EG-, não conhecemos o seu significado. Wrede, *Ostgoten* 144, pensou em *IGILS «ouriço».

327. *Egas, Casal d' (Paredes, P).

É um patronímico do nome precedente, vulgar ainda hoje como apelido.

328. *Eidim (Arouca, Av).

Trata-se do genet. de OM EIDINO 1045 formado com o suf. -INUS de EIDO, HEIDO 1258. Eido pode interpretar-se também como sendo

o apelativo *REW*³ 167 *ADĪTUS* que se encontra mais de cem vezes na toponímia portuguesa de hoje, mas *OM EIDIAES* (Santa Maria de) 1220 = **EIDILANIS* indica uma raiz germânica *EID-* que deve vir do gót. *aiþs* (alem. *EID*, velho sax. *ÉD*) «jus jurandum», «juramento» (ver também Gamillscheg, *Romania Germanica* 1, 313 *Eiþharjis*, Sch 5 *AIDOINGUS* e P 45 ss.). *EIDIAES* e *EIDIM* provam nitidamente que o ditongo ulfilano não se tinha ainda reduzido a *ê* quando da entrada dos visigodos na península, como quer Sachs 18. A regra que este estabelece só vale para o *AI* em sílaba átona.

[329. **Eidinho* (Ponte do Lima, *Via*; 2. Santa Marta de Penaguião, *VR*; 3. Vila Verde, *B*; 4. Vila Nova de Paiva, *Vis*; 5. Arcos de Valdevez, *Via*; 6. Marco de Canaveses, *P*)].

A frequência dêste topónimo indica um diminutivo do apelativo *EIDO*, sem ser impossível que um ou outro dos exemplos apontados seja o nome *EIDINO* que cito no artigo precedente.

330. **Eirão* (Amarante, *P*).

Identifico este nome com *OM ARIAM* 1097, *ARIANUS* 1087, *ARIAN*, *AIRAN* 1220, cf. o art. *AIRÃES*. Em *AIRÃES* o *AI* inicial não passou para *EI* por se repetir na sílaba seguinte o mesmo ditongo. Ver também o art. *EIRO*.

331. *Eirigo* (1. Guimarães, *B*; 2. Oleiros, *CB*; 3. Mortágua, *Vis*).

Sachs 47 inclui este nome nos derivados de *EG-*, cf. art. 326. A grafia *EGRIZ*, de 954, parece realmente dar-lhe razão. O que porém admira nesta última forma, principalmente se a compararmos a *EGA-REDUS*, *EGO-REDO* etc., é a ausência da «Fugenvokal». É verdade que esta pode ter soado *i* e ter-se fundido no *g* vocalizado; o *Onomástico* não regista porém nenhum **EGA-RICUS* ou **Egi-RICUS*, e como é sempre melhor não recorrer a formas hipotéticas quando o topónimo a explicar se pode relacionar duma maneira qualquer com um nome documentado, prefiro identificar *EIRIGO* a *OM ARI-GUS* 953, *EERIGUS* 961 ou seja *ARIARICUS*, nome que conhecemos dum rei godo, cf. Sch 25. O genet. *ARIARIZ*, hoje *EIRIZ*, aparece já em 976. O primeiro elemento deve ser o germ. **ARIA-*, sânscr. *ARYA* «nobre», que se encontra também em nomes iranianos e gauleses. Ver igualmente os arts. *AIRÃES* e *Eirão*.

332. **Eirigos** (Arcos de Valdevez, Via).

Veja-se o artigo precedente.

333. **Eiriz** (1. Baião, P; 2. Arouca, Av; 3. Ponte da Barca, Via; 4. Paços de Ferreira, P; 5. Melgaço, Via; 6. Castro Daire, Vis; 7. Vila Nova de Famalicão, B; 8. Guimarães, B; 9. Felgueiras, P; 10. Vila Pouca de Aguiar, VR; Paços de Ferreira, P).

Ver o art. **EIRIGO**. A coexistência cronológica de **ARIARIZ** 976 e **EIRICI** 965 vem trazer algumas dúvidas acêrca da explicação dada ao elemento **EIR**.

[334. **Eiro**, Casal d' (Baião, P)].

Não cheguei a nenhuma conclusão sobre a origem dêste nome. Em 1006 escreve-se **EGRO**, o que parece indicar uma raiz **EGR**- que teria evoluído como **INTEGRU** > **INTEIRO**. Mas pode ser também que o **G** em **EGRO** seja uma simples grafia do **I**. A forma actual com **EI** já aparece em 1258.

335. ***Eixes** (Mirandela, Bça).

É um patronímico do nome a seguir.

336. ***Eixo** (1. Aveiro; 2. Torres Vedras, Lish).

O facto de existirem formas em **-ICI** prova que estamos em presença dum nome próprio e não do apelativo **EIXO** < **AXIS**, cuja presença na toponímia aliás mal se justificaria. As formas antigas que o *onomástico* traz são: **EXSO** 1050, **EXU** 1081, **VILA EXO** 1095, **EYXOM** (Onteiro de) 1258, **EIXO**, **EIXA**, **EIXEA** do séc. xv. A última, **EIXEA**, é particularmente elucidativa por representar sem dúvida um nome em **-ILA**, que pela terminação só pode ser germânico. Quanto à raiz, explico-a por ***ASKS** que já apontei no art. **ESCARÉI**. Um nome ***ASCILA**, ***ASCHU**, seria uma formação correcta visto existir de facto um nome **ASCO** e muitos outros nomes compostos com esta raiz, cf. F 492 e 1019. À primeira vista parece estranho que de ***ASCHU** pudesse resultar **EIXO**, mas podemos observar a mesma evolução fonética noutra palavra, **AMEIXA**, que se baseia em **DAMASCENA** *REW*³ 2464 (que o grupo **-sc-** seja aqui seguido por um **-E-** não faz nada para o caso, porque sob o ponto de vista românico é idêntico a um **i** breve). Que **ASK-** seja tratado de outra maneira que em **ESCARÉI** deve-se à natureza diferente da vogal seguinte, neste caso a semivogal **-i-** resultante da queda normal do **L** intervocálico. J. J. Nunes, *Compên-*

do de gramática histórica portuguesa, 2.^a ed., p. 136, tratando do grupo -sce-, considera a redução em -ce- como sendo a evolução normal. Os exemplos que cita são sem excepção verbos em -scere: COGNOSCERE > CONHECER, *NASCERE > NASCER, MERESCERE > MERECEER. A p. 187 (observação vi) diz: «o grupo -sc- acha-se excepcionalmente representado por -x- em VAXELO (arc.), hoje BAIXEL, FAIXA, FEIXE, PEIXE, . . . ENXADA, ENXÓ, MEXER. . . , representantes de *VASCELLU-, FASCIA-, FASCE-, PISCE-, *ASCIATA-, ASCIOLA, MISCERE, etc». Parece-me que esta opinião não se pode justificar. Dos exemplos citados resulta que -x- é o legítimo representante do grupo latino -sce-, sci depois do acento, e ç antes do acento. Para evitar equívocos lembrarei que a terceira conjugação se perdeu na Península e que todos os verbos que dela faziam parte passaram a pronunciar-se com o acento na penúltima sílaba, portanto *COGNOCÊRE, *FLORESCÊRE, etc. Não posso agora discutir a tese de Gonçalves Viana, *RL* xi, 240, e *Ortografia Nacional* 70, que no grupo -sc- houvesse troca dos dois componentes passando para -cs- e seguindo por conseguinte a evolução deste último grupo. O que continua a ser bastante enigmático é que ME-XER (arc. MELXER) < MISCERE se tivesse subtraído à evolução dos outros verbos em -scere.

337. *Eja (Penafiel, P).

Vem do diminutivo EGILA apontado no art. EGA. A forma intermediária entre EGILA e EJA é representada por OM EGEA 1208.

338. *Emeres (1. 2. Valpaços, VR).

Pode entrever-se neste nome um patronímico *EMERICI que se deve comparar a OM EMERIM 1258, EMARVANNIZ 1076. Sendo o elemento -vann com certeza germânico (cf. Sch VANNIUS, rei suevo), o mesmo deve suceder com EMER-. OM AMIRANZI 1258 deve estar por *AMERANIZI. Identifico o nome *EMER- com o nome ostrogodo AMARA citado por Wrede, *Ostgoten* 119 e Schönfeld 17, que talvez corresponda ao alem. arc. AMERO, mod. AMMER «emberiza». O mesmo elemento encontra-se em F 452 EMERULF. O E inicial em vez de A explica-se como assimilação ao segundo E.

339. *Enchia (1. Ponte do Lima, Via; 2. Casal do (Óbidos, Lei).

Suponho que o presente nome se pronuncia com o acento na primeira sílaba, não tendo nada que ver com ENCHER, porque o elemento ENCH- entra também na composição de outros nomes, cf. ENXEMIL.

ENCHIA é, como facilmente se vê, um nome de mimo formado com o suf. -ILA. A explicação da raiz ENCH- não é simples. Sachs junta ENXEMIL aos nomes formados com a raiz ANS-, cf. art. ANÇARIZ, sem justificar a evolução invulgar do primeiro componente. Justificar-se-ia melhor se a identificássemos com EIX- do art. 336, mas antes convém lembrar os nomes ENHILO, ENHORED e ENCHEELUB em Förstemann 452.

[340. *Enchido (Armamar, Vis)].

Em -IDO pode estar o elemento *HILDIS, cf. FAGIDO. Neste caso teríamos como primeiro elemento a raiz tratada no artigo anterior. Contudo, devo lembrar que se pode também tratar do part. perf. do verbo ENCHER, cf. o topónimo ENCHAMEIO = ENCHE O MEIO.

341. Engil, Quinta de (Guarda).

Vejase o artigo a seguir.

342. Engilde (Paredes de Coura, Vis).

Sachs 71 faz derivar estes dois nomes duma raiz problemática *ING- que lembra encontrar-se também no nome dum herói lendário INGVIO. Devo porém observar que ENGILDE se pode decompor tanto em ENG-ILDE como em EN-GILDE, mas um nome como ENGONÇOS mostra claramente que o segundo elemento é -GILD e não *HILDIS, e que o primeiro elemento não sôa por conseguinte ING-, mas IN- ou EN-, raiz que se repete em E-MUNDINO 867-912, EN-ECO 946, EN-EGO 924 e F 955 IN-VILIA, IN-FRID, IN-UIHC. Schönfeld 146 diz que este elemento parece ter uma função intensificadora como em gótico IN-MAIDJAN «mudar», IN-AHS «sensato», etc. Esta opinião de Schönfeld recebe uma confirmação por ENVIANDE (ver este art.) ao qual corresponde no OM um VENANDUS 1057.

343. Engonços (Barcelos, B).

Sobre o segundo elemento ver a letra G e o art. ALDONÇA.

[344. *Envendos (Mação, Sant)].

Um nome muito obscuro. O OM cita UEMDOS do séc. xv. ¿Terá alguma cousa que ver com VELEENDA (TERREO DA), que também não posso explicar? ¿Ou será o nome de homem VENANDUS de 1057? A melhor explicação parece-me ser que em -VENDOS há o elemento WIND- S 102. Cf. também OM VENTEREY 1258, GUEENDI, séc. xv, etc. Também é possível que seja uma variante do nome seguinte.

345. **Enviande** (Oliveira de Frades, Vis).

Vem do nome EMUENANDUS, ENUENANDO 1041, ENUENANDICI 1080, e sem nasalação EUENANDO 908, EUENANTO 1038, EUENENDO 1004. A nasalação nos primeiros exemplos é secundária, cf. S 25, Nunes 164, e corresponde às leis fonéticas do português, cf. EX-HEREDITARE > ENXERDAR, etc. Meyer-Lübke 8 propõe como étimo AIVS «tempo», «lei», von Grienberger *AHIVA «cavalo». Outro exemplo de ML: EVOSINDUS. Ver também o art. VARIZ.

346. **Enxemil** (Vila Nova de Gaia, P).

Sobre o primeiro elemento ENX-, ver o art. ENCHIA.

[347. ***Enxido** (1. Amares, B; 2. Guimarães, B; 3. Braga; 4. Guimarães, B)].

Veja-se o art. ENCHIDO.

[348. **Enxinhães** (Maia, P)].

A terminação parece indicar um nome formado com o elemento ENCH- tratado no art. 339 mais os sufixos -INI-ANIS.

349. **Enxofães** (Cantanhede, Coim).

Sobre -FÂES ver os arts. AFÂES e AFÃO.

[350. ***Era** (Amarante, P)].

Há duas possibilidades de explicar este nome: ou se trata do nome que no OM aparece na forma latinizada ERUS 897, ERO 920 (o mesmo elemento encontra-se em ER-ARIUS, ERI-ULFUS, ERE-LEUVA, cf. Sch 75), ou é simplesmente o nome da respectiva planta. Para resolver o problema seria preciso saber qual a forma local de latim HEDERA. Nos distritos de Braga e Bragança sôa EDRA, como provam os nomes EDRAL, EDROSA, EDROSO (Vinhais), EDRO (Braga), EDROSO (Macedo de Cavaleiros). Ignoro porém se as formas com D chegam até à região do Porto. Os nomes de sítios devem indicar isso.

351. ***Erivo** (Penafiel, P).

Deve ser OM ERIGU 1026 com os patronímicos ERIGUIZI 1032, ERIQUICI 1059. Será idêntico a EIRIGO? A evolução do g não é normal. Conhecemos contudo o fenómeno inverso v > g: VULPÉCULA > GOLPELHA, vômito > gómeto, etc., cf. Nunes, *Gram. hist.* 93.

[352. **Ermal** (Vieira, B)].

A forma medieval d'êste nome é ERMEAL 1258, cujo aspecto é nitidamente românico. Teóricamente pode-se decompor ERMAL em ERM- (cf. o art. seguinte) e -AL = -ALDE.

353. **Ermegil** (1. Valença, Via 2. Paredes de Coura, Via).

Veja-se o artigo a seguir.

354. **Ermegilde** (Penafiel, P).

O primeiro componente, ERM-, é bem conhecido, cf. ML 25, S 25. É *AIRMANS que significa «forte». Já encontrámos esta raiz na forma ARM- e ALM-, cf. os arts. ARMÃES, etc., e ALMORIZ. Sobre -GILDE e -GIL ver os arts. 15 e 20. O OM cita a forma ERMENEGILDI 1088.

355. ***Ermeiro** (1. Lousada, P; 2. Ponte da Barca, Via; 3. Guimarães, B; 4. Felgueiras, P; 5. Mesão Frio, VR).

Identifica-se facilmente com o nome ERMARIO 949 (ERMIAIRIZ 952, ERMIAIRIZI 993), ERMIEIRO 1064, ERMEIRO 985 de ERMENARIUS que se encontra freqüentes vezes no *Polyptychum Irminionis*. Não pode ser um derivado de ERMO < EREMUS porque seria inconcebível como formação de palavra. Sobre a raiz ERM- ver o artigo anterior, sobre -EIRO = HARJIS o art. BALTEIRO.

356. ***Ermelo** (1. Arcos de Valdevez, Via; 2. Mondim de Basto, VR; 3. Viana do Castelo; 4. [Quinta de] Baião, P).

Provém dum nome *ERMELLUS formado como BERTELO, quiere dizer com o sufixo -ELLUS a substituir o gót. -ILA, -ILO. Temos êste último sufixo em OM ERMIO, ERMEO (serra) 1186 = *ERM-ILO, cujo genetivo ERMILI 973 deu hoje ERMILHE.

357. ***Ermentão** (Gondomar, P).

Com muita probabilidade é um nome germânico como indicam ERMENTINGA, ERMENTELMUS, ERMENTILDIS, etc., do *Poliptico*. No OM figura como ERMENTO 1055, ARMENTON 1042, ARMENTOM 1258. Longnon, *Poliptico* 1, 334, parece-me explicar bem êste elemento ERMENT- quando diz: «allongement de la racine HERMEN-, produite par la section arbitraire de noms tels qu'ERMEN-TEUS, ERMEN-TRUDIS, et favorisé sans doute par l'emploi persistant en Gaule du nom romain ARMENTARIUS», só queria ver substituído HERMEN por *AIRMANS. Pode ser que ERMENTOM derive directamente de ARMENTARIUS

que é vulgar também na península, cf. *OM* ARMETARIO 960, ARMENTARI 922, ARMENTARIZ 919, etc., quer dizer que se tenha feito um *ARMENTUS sobre ARMENTARIUS.

358. **Ermesinde** (1. Santo Tirso, P; Valongo, P).

Temos aqui outro nome formado com *AIRMANS, cf. o art. ERMEGILDE e S 26. Sobre -sinde ver o art. ALDOSINDE. ERMESINDE é o genet. dum nome *ERME(NE)SINDUS. O *OM* cita só o nome de mulher (?) ERMESENDA 1018, ERMESINDA 897, ERMOSINDA 982 (?), ERMISENDA 1046, ERMISINDA 983. Na Galiza há HERMISENDE e HERMOSENDE.

359. ***Ermige** (Penafiel, P).

É o patronímico ERMIGH 1258 do nome seguinte.

360. ***Ermigio** (1. Viana do Castelo; 2. S. Marta de Penaguião, VR; 3. Guimarães, B).

Meyer-Lübke, *Roman. Namenst.* II 55, vê em ERMIGIUS 1220 um nome germano-românico. -IGIUS é foneticamente equivalente ao sufixo -IDIUS, freqüente no onomástico latino: RUFUS-RUFIDIUS, MARCUS-MARCIDIUS, MARIUS-MARIDIUS, etc., cf. loc. cit. 58. A troca do segundo elemento dum nome germânico por um elemento latino, facilmente se concebe, se nos lembrarmos que a população romana (e freqüentemente os próprios godos) desconhecia a significação d'este elemento, que tinha para eles o mesmo valor que uma terminação românica. ERMIGIUS não é raro no onomástico medieval: ERMIGIO 883, ERMIGH 1258, ERMIGICI 1079, ERMIGIZ 1058, ERMIGUIZ 1220, ERMIGIT, etc. O primeiro elemento foi tratado nos artigos anteriores.

361. **Ermilhe** (Feira, Av).

Vejase o art. ERMELO e S 25. Em 897 ERMILHE se chama Villa ERMILLI. Sobre -ILHE ver o art. ARILHE.

362. ***Ermio**, Casal d' (Lousã, Coim).

Eis o nominativo, ou melhor, o caso oblíquo do nome anterior: *ERMILO = *OM* ERMIO, ERMEO 1186, cf. o art. ERMELO.

[363. ***Ervins** (Baião, P)].

Pode ser um patronímico *ARB-IN-ICI do nome a seguir.

364. *Ervões (Valpaços, VR).

Suponho que se deve incluir este topónimo na lista dos nomes que Sachs 32 faz derivar de ARBI «herança»: ARBO (Pontevedra), ARBÓN (Oviedo), etc. ERVÕES seria o genet. *ARB-ONIS destes últimos. O elemento ARBI encontra-se em OM ARUOMAR 1068, ARUILI 1046 e outros. A troca de ARV- para ERV- têmo-la também em ERVILOM 1258 que é manifestamente o caso obliquo dum *ARBILO (como ARUILI é o genet. dum nome *ARBILUS).

365. Escapães (Cantanhede, Coim).

Sachs 90 cita este nome com muita reserva lembrando o verbo gót. GA-SKAPJAN «criar». É o genet. SCAPANIS 1086 dum nome SCAPA 946, ESKAPA 938, com os patronímicos SCAPICI 1082, SCAPIZ 1079.

366. Escarei (Ribeira de Pena, VR).

Meyer-Lübke 13 identificou bem o primeiro elemento ESC- com *ASK «freixo» correspondente gótico de nord. ASKR. ESCAREI é o genet. dum *ASCAREDUS, cf. sobre -REI o art. 302. A evolução ASC- > ESC- é vulgar também em palavras de origem latina: ABSCONDERE > ASCONDER (arc.) > ESCONDER.

367. Escarigo (1. Figueira de Castelo Rodrigo, Guar; 2. Fundação, CB; 3. Oliveira de Azemeis, Av).

É o nome ASCA-RICUS que, ao contrário do que julgava Meyer-Lübke 13, é bastante frequente no onomástico medieval peninsular. Chamam-se assim um bispo de Palência (653) e outro de Braga (785). O OM apresenta ASCARICO 1093, ASCARIGUS 922, ASCORIGU 1032, ASGARIGUS 951, ASCARIGIZ 1016, ASCARIQUIZI 1088, etc. Na Alemanha abunda este nome na forma ESCHERICH.

368. Escariz (1. Vila Real; 2. Póvoa de Varzim, P; 3. Penafiel, P; 4. Chaves, VR; 5. Arouca, Av; 6. Vila Verde, B).

Será inútil dizer que é o patronímico do nome anterior. A forma antiga é ASCARIZ 1008. Há também uma povoação chamada ESCARIZ na prov. de Pontevedra, e outra, ESCARIS, na de Corunha. Sobre ASC- > ESC- ver o art. ESCAREI.

369. *Esmeriz (Vila Nova de Famalicão, B).

Ver o art. ESMORIZ. Na prov. de Lugo existe outra localidade com este nome. Já em 1220 temos um S. PETRO DE ESMERIZ.

370. *Esmojães (Feira, Av).

É idêntico a OM ERMOGENES 922, de ERMOGIUS, formação germãno-românica como ERMIGIUS do art. ERMIGIO. Sobre o primeiro elemento ver o artigo seguinte. -JÃES deve estar por -GENS. A evolução dêste grupo pode comparar-se à de SANCTI GENESI > São GENS.

371. Esmolfe (Penalva do Castelo, Vis).

O elemento ESM- é sem dúvida idêntico a ERM- dos arts. 354-362. Em 1045 temos um ERMOLFO, e em 633 há um bispo bracarense ERMULF, cf. S 26. Também nos nomes seguintes ERM- é sempre o representante mais antigo de ESM-. Sachs considera êste fenómeno como «espontâneo», o que não nos adianta muito. Se examinarmos bem os casos em que se produz a troca de ERM- para ESM-, observaremos que isto sucede sempre quando segue na sílaba seguinte um R ou L. Estamos por conseguinte em presença dum caso de dissimilação R-R, R-L > S-R, S-L, como aliás já observou R. Lapa, *Boletim de Filologia*, II, 176, lembrando o artigo de D. Carolina Michaëlis sobre as GOSMES, *RL* XIII, 322-328. Únicamente ESMOJÃES não se conforma com esta regra. Em ARMARIZ (prov. de Oviedo) o R pôde manter-se em virtude da vogal inicial se ter aberto passando para A. -OLFE é uma forma, bastante rara aliás, de WULFS, elemento que encontrámos já tantas vezes como -UFE e -ULFE.

372. Esmorigo (Ponte de Lima, Via).

É o ERMORICUS 1061, ERMORIGU 973, ERMORIGO 1074. Só uma vez temos ESMORIGO 1021 com s. Sobre ESM- = ERM- ver o artigo anterior.

373. Esmoriz (1. Baião, P; 2. Vila Verde, B; 3. Ovar, Av; 4. Marco de Canaveses, P; 5. Guimarães, B; 6. Braga; 7. Amarante, P).

A evolução dêste nome, que naturalmente é um patronímico do precedente, é: ERMORICI 1077, ERMORIZI 1013 (?) 897, ERMORIZ 897, ESMORIZ 1033. ESMERIZ do art. 369 é o mesmo nome, só com outra vogal de ligação.

374. *Espaio (Vieira, B).

A forma antiga é ASPADIO (sem data), ASPAIO 773 (?), ASPAIZ 1089, SPAYO 1258, que se pode comparar quanto à terminação a ML² 56 GUNTADIUS, INGLADIUS. -ADIUS parece-me ser originariamente o elemento HAPUS «luta», que foi equiparado ao sufixo -IDIUS a que

me refiro no art. ERMIGIO. De facto temos no onomástico medieval um GUNTADU 968, GUNTADO 1220 que é o precursor de GUNTADIUS. -ADIUS, -ADIO, -AIO é portanto a forma romanizada de *HAPUS, como -ARIUS, -ARIO, -EIRO é a de HARIJS, cf. o artigo BALTEIRO. ASPADIO tem aliás a seu lado um correcto ASPIDIUS 933. No que diz respeito ao primeiro elemento, lembro o nome de árvore *ASPS, cf. o art. 377.

375. *Espairo (1. Anadia, Av; 2. Guimarães, P).

Será um nome *ASP-ARIUS formado como ASP-ADIUS do artigo precedente? A dificuldade que vejo é que -ARIUS são hoje sempre -EIRO e não -AIO. Talvez seja melhor decompô-lo em ASPAR-IUS, cf. *OM* ASPAR 1061, Sch 33, F 150, von Grienberger 544.

376. *Esparido (Vila Verde, B).

Temos aqui a raiz SPAR- que encontramos em F SPARAGILDIS, SPARULF e *OM* ESPARILLI, SPARILLI 1080 que pode ser o representante gótico de alem. mod. SPAREN «poupar», nord. arc. SPARA «favorecer», a não ser que se trate de S 90 SPARWA «pardal». Sobre -IDO ver o artigo FAGIDO.

377. Espariz (1. Celorico de Basto; 2. Guimarães, B; 3. Táboa, Coim).

Há no *OM* um nome ASPERIGU 907 em que ML 14 quis ver um «pendant» de ASCARICUS (cf. o art. ASCARIGO) com *ASPS, alem. mod. ESPE «populus tremulus», confessando contudo que não conhece outros nomes formados com esta raiz. Von Grienberger 544, citando ASPERULFO do *Lib. confr.*, observa que o primeiro elemento deve ser ASPAR- e não ASP-. Não me parece que ESPARIZ seja o patronímico de ASPERIGU. Deve tratar-se de *OM* ESPANARIZ geogr. 1042, de ESPANARIGO 1094 < (HI)SPANU- «hispânico», cf. ML² 14 e S 90. ESPANARIGO pertenceria neste caso àquele grupo de nomes híbridos formados com um elemento românico e outro germânico, a que me referi na *Introdução* § 3.º e no art. ERMIGIO. Há mais duas povoações chamadas ESPARIZ na Galiza (Corunha e Lugo).

378. *Espassante (Vila Verde, B).

Vejase o artigo a seguir.

379. *Espeçande (1.-3. Paredes, P; 4. Braga; 5. Penafiel, P).

O segundo componente é certamente -SANDE < *SANTHS «verdadeiro» cf. o art. SANDE. A grafia com ç não se justifica portanto,

como já viu Leite de Vasconcellos, *Opusculos* III, 338. ESPASSANTE do art. 378, com T, é ou uma grafia errônea ou uma adaptação popular a palavras em -ANTE. As formas medievais soam: ESPASANDO 991, ESPASANDOS 993, ESPASANDIZ 959, ESPANSANDO 1032, SPASANDO 1058, SPASANDA 1090, SPASANDIZ 1258, SPASANDIT 968, SPASADIZ 968, SPENSANDI, SPESSANDI 1258. Meyer-Lübke 76 pergunta a propósito de SPASANDUS, ESPASANDUS, se o s representa um -s- sonoro ou um -s- surdo. Leite de Vasconcellos respondeu no segundo sentido, e as grafias actuais não deixam de facto nenhuma dúvida a este respeito. Mas qual será a raiz que está no primeiro elemento? As grafias SPAN-, com -N-, fazem desconfiar que se trate de (H)SPANU-, cf. o art. 376, mas do grupo românico -NS- não resulta um -s- surdo mas um -s- sonoro, e SPANU-SINDI não soa hoje *ESPOSSENDE mas ESPOSENDE!, cf. os arts. 389-391. Quem escreveu ESPANSANDO «latinizou» como se vê este nome pensando em MESA < MENSA etc. Além de formas com -N- no primeiro elemento, há outras com -R-: SPARSANDI = SPASANDI (villa) 906, SPARSANDIZI ap. h. 994. A raiz pode ser portanto SPAR- que já encontramos em ESPARIDO. Devo contudo lembrar que também -RS- pode ser uma grafia errônea por -SS-, visto o grupo -RS- latino ter dado -SS- em português: URSUS > osso, cf. ML 76. A apreciação de formas medievais é, como se depreende deste exemplo, em certos casos uma questão muito delicada.

380. **Espassandes** (Penafiel, P).

É um patronímico do nome anterior que também existe na toponímia segundo Leite de Vasconcellos, *Opusculos* III, 338. Não figura no *Dicc. Post.* Deve ser o ESPEÇANDES da *Chor. Mod.*

[*381. **Esperges** (Barcelos, B)].

O *Onomástico* cita um rio SPARAGO 1055. Se se tratar, o que é bastante duvidoso, dum nome de pessoa, ESERGES seria o patronímico respectivo. Mas esta observação não nos adianta muito, visto SPARAGO ser um nome absolutamente obscuro. —Decompôr ESPERGES em SPAR- do art. 375 e GES=GIS (cf. S 107 ESTRAGIZ) não parece poder-se justificar.

[382. **Espertim** (Covilhã, CB)].

Este topónimo revela-se à primeira vista como o genitivo dum nome latino-cristão EXPERTINUS de EXPERTUS. Não pode de maneira nenhuma ser de origem germânica.

[383. **Espido** (Vila Nova de Famalicão, B)].

As formas antigas são SPIDIO n. h. 967, SPIDO (modorro de) 1258. Será o ASPIDIUS 933 a que me referi no art. ESPAIO? As dificuldades de ordem fonética são bastante grandes. Ou tratar-se-há dum nome formado com *ASPS do art. 377 e -IDO < *HILDIS? Mas que fazer de SPENIDO 1258?

[384. ***Espim**, Casal de (Alcácer do Sal, Lisb)].

As dificuldades são as mesmas que para o nome precedente. Será um nome ASPINUS? Cf. o art. ESPINHO. *

[385. ***Espincho** (Penafiel, P)].

Outro nome absolutamente enigmático, cuja relação com os dois anteriores é também duvidosa.

[386. **Espindelo** (1. Ponte de Lima, Via; 2. Oliveira de Frades, Vis)].

Em 1258 este topónimo soa SPINDELO de SPINITELLO 950. Deve tratar-se dum apelativo românico, provavelmente SPINETUM de SPINA «espinho», mais o suf. demin. -ELLU. O lat. SPINU é bastante vulgar na toponímia, cf. *OM* SPINOSA 1059 = SPIOSA 1055-1065, SPINARIOS «espínheiros», SPINARIA, SPINAL, SPIATA etc. Talvez se possa também explicar ESPIDO do art. 383 por SPINU + -IDO que está muitas vezes ainda hoje por -EDO.

[387. ***Espindo** (1. Penafiel, P; 2. Lousada, P).]

-INDO poderia aproximar-se de *OM* IND-URA n. h. e Sch IND-ULF, Ἰνδούλφ, F 955-6 INDO, INDA, INDILMAR, etc., mas, como resulta dos exemplos, esta raiz não entra como segundo elemento na composição de nomes. A maior dificuldade vem do nome seguinte, ESPINDRO, que para mim é completamente problemático.

[388. ***Espindro** (Guimarães, B)].

Veja-se o artigo anterior.

[389. ***Espinho**. (1. Taboão, Vis; 2. Vouzela, Vis; 3. Vila Real; 4. Feira, Av; 5. Mangualde, Vis; 6. Mortágua, Vis; 7. S. Marta de Penaguião, VR; 8. Vila Nova de Gaia, P; 9. Miranda do Corvo, Coim; 10. Arouca, Av; 11. Pesqueira, Vis; 12. Braga; 13. Mangualde, Vis)].

Não pode haver dúvida que a maior parte destes nomes se devem explicar pelo apelativo ESPINHO. ESPIM do art. 384 indica po-

rém que se pode também tratar num ou noutro caso dum nome próprio. -INHO pode, como já verificámos em várias ocasiões, representar o suf. -INUS, de que -IM é o genet. -INI. Um nome *ASP-INUS, formado como ASP-IDIUS que cito no art. ESPAIO, quadraria como se vê tam bem como SPINUS.

[390. **Esposade** (1. Gondomar, P; 2. Bouças, P)].

O segundo elemento só pode ser -ADE de *HATHUS, cf. o art. ANDEADE, o primeiro componente deve por conseguinte ser SPOS- como aliás indica OM SPOSA-RIZ 915. ¿Ou não será antes um nome latino-cristão SPONSATUS? As formas antigas são SPOSADI 1258, SPOSATI 922, ESPOSADI 1002, ESPESADE ap. h. séc. xv¹.

391. **Esposende** (1. 2. Terras de Bouro, B).

Sachs 90 interpretou bem este nome fazendo-o derivar de SPANUSINDUS, SPANUSINDO n. h. 952. O -o- é o representante do ditongo AU, ao que se formou devido a queda regular do -n-. Sobre SPANU- ver o art. ESPARIZ. Há mais duas povoações chamadas ESPOSENDE na prov. de Orense. Sobre -SENDE cf. art. BARROSENDE.

392. **Esposendes** (Marco de Canaveses, P).

É o patronímico do nome precedente, documentado no séc. xi na forma SPANNASINDIZ.

393. ***Esprigo** (1. Vila Verde, B; 2. Barcelos, B).

Este nome não tem nada que ver com ESPARIZ art. 377. O mais simples seria decompô-lo em *ASPS, cf. art. 374, e -RIGO. A forma antiga é de facto ASPERIGO 907, que porém se pode explicar de outra maneira, como mostrei no art. ESPARIZ.

¹ Depois de redigido este artigo vejo que Leite de Vasconcellos, *Opusculos*, III, 338, é desta última opinião: «O étimo está evidentemente no lat. SPONSATUS, de SPONSARE, isto é, (villa) *SPONSATI. Conquanto não encontrasse ainda SPONSATUS como cognome romano, encontrei SPONSA, como tal, por exemplo, no *Corpus*, x, 2811: OFFIAE L. F. SPONSAE «a Oppia Sponsa, filha de Lucio» (no museu de Nápoles)». — Escaparam-me também, quando redigi o art. DADIM, as observações que o mesmo autor faz a respeito deste nome nos *Opusculos*, III, 336. Referir-me-ei a elas no ADITAMENTO deste estudo.

394. *Este (1. 2. Braga).

Esta localidade (¿ou tratar-se-á duma freguesia de Braga?) chama-se em 1220 (e ainda hoje) S. PEDRO DE ESTE. Creio que podemos ver com segurança no elemento EST-, que se repete nos quatro topónimos a seguir, o gót. ASTS, alem. mod. AST «ramo» que, segundo Sachs 150, parece ter tido também o significado do lat. «hasta», o que explicaria melhor o seu emprêgo na formação de nomes. No OM encontro ASTHUFO 875, ASTULFUS 1054, ASTRIGO 1258, ASTRIZ 1050, ASTARIO 950, ASTEIRO 1012 = ASTAHARJIS, cf. F 151 e Gamillscheg, *Romania Germanica*¹ I, 309, e uma mulher ASTILEOUA 1021. A raiz AST- encontra-se também em nomes langobardos, cf. Bruckner, *Langobarden* 228, ASTERIUS, ASTEMARUS, ASTALDUS, etc. Ver outra interpretação de AST- em ML 33 e v. Grienb. 647 (HAIFSTS e ANSTI). ESTE pode explicar-se ou como genetivo dum hipocorismo *ASTO ou dum diminutivo *ASTILUS = ASTILA que Gamillscheg, *loc. cit.*, reconstruiu através de DOMINIQUE D'ASTILAN = *ASTILANI. Sachs, que não aponta a raiz AST-, juntou alguns nomes formados com ela a AUSTR- 35. É o caso de ASTARIZ (Lugo e Orense), ESTRIZ (ver êste artigo), DESTRIZ e VILLAESTRIGO. Não é impossível que ASTARIZ, etc., provenham de facto de *ASTRA-RIZ com eliminação do primeiro R. A transformação do A em E que se verifica em ESTE é devida ao i longo final (metafonia).

395. *Esteiro (1. Estarreja, Av; 2. Pampilhosa, Coim; 3. Marco de Canaveses, P; 4. Viana do Castelo).

Eis o nome ASTA-HARJIS que cito no artigo precedente, representado no *Onomástico* por ASTARIO 950, ASTEIRO 1012, genot. ASTER (S. Johanne de) 1220, ESTER 1258 = ML² 23 ASTOARIUS, OM ASTARIO 950. Contudo não se pode dizer se tôdas as localidades apontadas derivam dêste nome. É que existe na toponímia outro ESTEIRO, de origem latina, cf. OM ESTUARIUM geogr. 1258, que não tem nada que ver com o nome gótico citado. ESTEIRO significa «braço de rio ou de mar que se estende pela terra», e vem de REW³ 250 AESTUARIUM, cf. francês ÉTIER, esp. ESTERO. Quando seguido dum adjectivo, como em ESTEIRO FURADO (Moita, Lisb), ESTEIRO DO TOJAL, ESTEIRO DA VIDIGUEIRA (Loures, Lisb), é inconfundível com ESTEIRO < ASTAHARJIS. O apelativo ESTEIRO parece aliás ser próprio do sul do país.

¹ Esta importantíssima obra que acaba de sair, razão porque não figura na bibliografia, será caracterizada no decorrer dêste trabalho por GAMILLSCHEG, *Rom.-Germ.* ou simplesmente *RG*.

396. *Estime Casal de (Fafe, B).

Sobre o primeiro componente consultar os dois artigos anteriores. A raiz -IM já a encontramos em ANTIME e CADIMA. Não me é possível acrescentar nada ao que disse nestes lugares.

397. *Estoi (Faro).

Sobre EST- ver os arts. 394-395, a respeito de -OI ADAGOI, BELOI, CENOI, etc.

[398. *Estoze (Feira, Av)].

Meyer-Lübke 17 cita um nome de mulher ASTOCIA (OM 936), em que reconheceu EUSTACHIA (fase intermediária OSTACIA). ESTOZE parece-me ser o genetivo da forma masculina EUSTACHIUS.

399. Estremonde, Quinta de (Guimarães, B).

Leite de Vasconcellos, *Opusculos* III, 338 (reproduzido da RL XXV, 289) trata dâste nome explicando-o por TRASMUNDI. Existe de facto no onomástico medieval o nome TRESMUNDUS, TRESMONDO, etc., mas o primeiro elemento, que vem de þRAS «briga», cf. ML 50, 71 e S 97, não é hoje representado por ESTR- mas, o que foneticamente é muito mais natural, por TRES-, cf. TRESMONDE, TRESMONTES, TRESMUNDES e TRESMIL. A evolução de *þRAS está aliás conforme com a do respectivo grupo latino, cf. TRESPASSAR de TRA(N)SPASSARE. ESTR- é certamente idêntico ao elemento ASTR- = *AUSTR- «brilhante», ver o art. ASTROMIL e S 35. Sobre -MONDE ver os arts. ALIMONDE, AMONDE, etc.

400. Estriz (1. Amarante, P; 2. [Casal d'], Fafe, B).

É o genetivo do nome ASTRIGO que citei a propósito de ESTE. Na Galiza há três povoações chamadas ASTARIZ. Sachs 35 aponta ESTRIZ e ARTARIZ sob. a raiz *AUSTR-, dizendo contudo que se pode também tratar de ASTS «ramo». O nominativo conservou-se em VILLA ESTRIGO na prov. de Leão. Ver também o art. DESTRIZ. As formas medievais de ESTRIZ são ASTIRIZ e STERIZ 1258.

[401. Estrogacia (Felgueiras, P)].

O que é -GACIA? Talvez se deva aproximar de GACIM (villa) 971, GACINI (villa) 1038, CACIM (casal) 1258, GACINA n. m. 955, que porém não sei explicar. Sobre ESTR- ver o art. ESTREMONDE.

402. Estromil (Vila Verde, B).

Leite de Vasconcellos, *Opusculos* III, 339 (= *RL* xxv, 289) trata d'este nome explicando-o por *TRASMIRI* 915. No art. *ESTREMONDE* mostrei que o elemento *ESTR-* se explica melhor por **AUSTR-* «brilhante» do que por **þRAS* «briga». *ESTROMIL* não passa portanto duma variante de *ASTROMIL* do art. 94. É bastante freqüente na Galiza: *ESTRAMIL* (Corunha), *ESTREMIL* (Lugo, Corunha), *ESTRUMIL* (Lugo, Orense), cf. S 35.

403. Estrufães (Fafe, B).

Veja-se o artigo seguinte.

404. Estrufe (1. Vila Nova de Famalicão, B; 2. Guimarães, P).

Expliquei o elemento *ESTR-* no art. *ESTREMONDE*. *ESTRUFÉ* é o genetivo dum nome **ASTRULFUS* que é bastante vulgar no onomástico medieval: *ASTRULFO* 906, *ASTRULFIZI* 991, *ASTRULFIZ* 908, *ASTRUFU* 1091, *ASTRUFIZI* 1065, *ASTRUFIZ* 1065, *ASTRUFES* 1033, *ASTORULFUS* 960.

(*Continua*).

JOSEPH M. PIEL.

Vida do cativo monge confesso

(Continuado do Têmo I, p. 162)

VII.—Conclusão

Feita a análise dos elementos que respeitam às histórias, quer externa, quer interna do *Cativo monge*, procuremos agora tirar dela as conclusões necessárias.

Em primeiro lugar: ¿Que data deve ser attribuída ao documento?

Difícil é responder. Lançando um olhar de conjunto sôbre a linguagem, fere imediatamente a atenção a instabilidade dos fenómenos. E ocorre logo perguntar: ¿Poderá haver, por vezes, lapsos de escrita? ¿Outras, meras persistências ortográficas anacrónicas? ¿Tratar-se há do puro sincretismo lingüístico, reflectido, nítida e fielmente, na ortografia irregular do texto? ¿Ou estaremos em frente de um apógrafo mal respeitador do protógrafo arcaizante? Estas perguntas melindrosas embaraçam aqui, como embaraçaram e embaraçarão sempre a determinação da antiguidade dum texto não datado, sobretudo enquanto não possuímos o quadro cronológico das transformações lingüísticas, o qual deve ser baseado, pela mor parte, em documentos públicos datados.

Desprezando os cultismos¹, absolutamente inexpressivos, claro está, para o nosso objecto, demos o justo relêvo aos seguintes fenómenos vernáculos:

a) O ditongo *ui*, patente em *chujua*, *pujde*, etc., que se reduz num exemplo: em *pude*;

b) O *e* tónico, seguido de vogal, que num só caso não intercalou vogal eufónica: *auco*; nos outros desenvolveu um *e*: *uêco*, *chécos*, etc.;

c) O dígrafo *ũu*, abundantemente representado: *algũu*, *hũu*, *jẽ-jũus*, etc., com o qual não concorre nenhum exemplo com redução das vogais;

¹ Texto de erudito e, demais, tradução do latim, abundam nêle, o que não é de admirar, os latinismos, desde os ortográficos (uso do *ch* = *q*, do *h*-, dos *-il*-, do grupo *-net*-, etc.), aos morfológicos (pronome *nostro*), aos sintáticos (por exemplo, *preguntey-o*, certas ordenações, etc.), ao vocabulário (*hergo*, *natura*, *scripturas*, etc.).

d) Os vocábulos grafados com *-am*, *-ão* e *-om*, os quais permitem inferir que *-om* começava a soar *-ão*¹;

e) Vozes como *nembrar* e *lembrar*, juntas a *leixar*; *senhos* e *senhejro*; *em na* e *na*; *com migo* e *comjgo*; as copiosas flexões verbais heterótipas, etc.;

f) O numeroso vocabulário arcaico.

Pois bem. Se os casos únicos citados nas alíneas a) e b), individualmente duvidosos, é lícito admiti-los, não como erros de escrita, mas como realidades fonéticas, quando considerados, não só em conjunto, mas ainda em paralelo com os exemplos da alínea e); e se é lícito interpretar, em geral, a farta coexistência de formas distintas das mesmas séries vocabulares, antes como expressão de pleno sincretismo linguístico do que como retoques e não retoques de linguagem mais antiga ou anacronismos ortográficos (pois não se perceberia bem como teria escapado tanto arcaísmo); se, por outro lado, aproveitarmos o que no estudo doutras fontes se tem apurado sobre a cronologia dos fenómenos supra analisados, isto é, que os inclusos na alínea b) coexistem no *Cancioneiro Geral* de Rêsende², que o da alínea c) pertencerá a data não muito avançada no séc. xv³, que o da alínea a) será prenúncio de transição para a época moderna⁴, que, em especial, o coligido de d) pode indicar o século de quatrocentos⁵: — parece-nos justo dever concluir-se que a linguagem do *Cativo monge* pertence à primeira metade do séc. xv. A letra, por seu lado, ajusta-se, como vimos, a esta conclusão.

Se a redacção portuguesa derivará doutra mais antiga, não nos atrevemos a supô-lo, conquanto para tal possa fazer pender a cópia relativa de arcaísmos, os pretensos lapsos da preposição *com* junto dos pronomes *nosco* (l. 117) e *mjgo* (l. 149), conjugados, de algum modo, com a referida hipótese de Esteves Pereira.

1 Vid. cap. v, FONÉTICA. O raciocínio é este: se *-om* < *-one* se confunde, abusivamente, na grafia, com *-om* < *-ant*, e se *-ant* deu, com toda a regularidade, *-am*, a grafia *-om* = *-am*; por outro lado, se *-am* < *-ant* ou *-ane* equivale a *-am* < *-any*, e se este soa como *-ão* < *-any*, aquele *-am* devia pronunciar-se *-ão*: e, portanto, *-om* = *-ão*.

2 Cf. Dr. J. Leite de Vasconcellos, *Lições de Filologia portuguesa*, ed. cit., p. 169.

3 Id., *ib.*, p. 60.

4 Como se sabe, o ditongo *ui* reduziu-se geralmente ao passar da língua antiga para a moderna.

5 Cf. Dr. J. Leite de Vasconcellos, *ob. cit.*, p. 146.



Em segundo lugar: Qual é o valor literário do documento?

No crivo apertado e de-veras enfadonho, mas necessário, por que, nas ANOTAÇÕES, fizemos passar a redacção do texto português e a dos textos latinos, cremos ter devidamente apurado que, pôsto não condiga a tradução, totalmente, nem com **M**, nem com **E**, não se afasta dêles, todavia, tanto, que não se possa dizer que segue de perto a média daqueles dois originais: isto sem prejuízo da hipótese de que o tradutor conheceu outra variante latina da mesma carta (vid., v. g., as anotações às ls. 37-38, 68-71, etc.).

Para mais, não é lícito supor que tais desvios provenham sempre da fonte, visto poderem muito bem ser da responsabilidade plena do anónimo, como já deixámos apontado e procurámos explicar¹, attribuindo-os, dum lado (o da redução do texto), ora a intenções de carácter moral, piedoso ou lógico, ora a dificuldades de redacção (não manutenção do discurso directo), ou de transcrição (de nomes próprios); do lado oposto (o do alongamento), a certa tendência para a prolixidade. Deve notar-se, neste particular, que as discordâncias da redacção portuguesa são acompanhadas, por vezes, de perturbações mais ou menos graves na pureza ou bom gosto da dição, — como se, por faltar a linha orientadora, o pensamento, pouco firme, se extraviasse (anotações às ls. 6-15, 110-111, 181-185).

Sendo assim, pode apreciar-se com segurança a qualidade da tradução.

No geral, embora um tanto livre, não é infiel; mas é medíocre. O estilo nada possui que o notabilize, pois, à parte alguns arredondamentos de ideas bem cabidos e uma pincelada ou outra elegante, tiram-lhe imenso da nitidez, da concisão, do vigor do desenho e da beleza do colorido, tam dramáticos, do original os frequentes pleonasmos enfáticos, a repetição de palavras, o tender para o prolixo, a redacção nem sempre límpida, a par com os infelizes cortes ultracriticos: senões que, excepto, em parte, o último, já caíam na censura da razão superior de el-rei D. Duarte². Vemos assim que, com igual inconsciência, o ignoto e evidente religioso, muito mais inclinado à razão do que sensível ao belo, sacrificou delicadezas estéticas do au-

¹ Além do que escrevemos nas ANOTAÇÕES, cf. também o cap. iv.

² *Real Conselheiro*, Paris 1842, cap. 98.º — Vid. supra o cap. v, na parte final sobre o ESTILO.

tor da *Fulgata*, e deixou escorregar a pena mole do vigor sintético do latim para a superfluidade da *linguagem*.

*

Duas palavras sobre o assunto da carta.

No preâmbulo, como vimos, diz o Santo que ia desenferrujar a língua nesta obra, para tentar um trabalho vasto sobre a história da Igreja. ¿Mas até que ponto pretendeu levar este puro exercício literário? ¿Só ao de adestramento estilístico? ¿Ou quis esboçar, ainda que muito levemente, algum fragmento temático?

Estamos em crer que teve ambos os objectivos na idea. O primeiro é manifesto. Quanto ao segundo, parece-nos que, fazendo o elogio da castidade, que forma o núcleo ideológico da epístola, procurava o Santo apertar indirectamente num circulo de censura os desregramentos da Igreja, cujo simbolo, segundo a nossa hipótese, é a *moller de castidade*, conforme depreendemos das seguintes palavras, com que o célebre pensador abre o comento ao cap. XXXI dos *Provérbios*: *Mulier fortis Ecclesia Catholica vocatur*¹. O frade, por seu turno, ou o pecador que se retempera no sofrimento, representa a Clerezia.

Como não somos, porém, de modo algum, versados neste género de hermenêutica, desde já protestamos acreditar piamente no que algum entendido na matéria queira dizer da conjectura.

Acrescentos e correcções

Motivos particulares perturbaram grandemente a elaboração deste opúsculo, até ao ponto de reterem desmedidamente a publicação do último capitulo. Pedimos disso muita desculpa aos leitores do *Boletim*.

Alguns defeitos que escaparam no cap. v, foram já minorados nas ANOTAÇÕES. Mas há mais, que têm de sê-lo aqui. Assim:

Cap. v. — ORTOGRAFIA. Corte-se *aar* (os *aa* podem ser etimológicos, < aere-: Dr. L. de Vasconcellos, *O Livro de Esopo*, no *Vocabulário*, s. v.); grafe-se *tádes*, *céeo* e *perigóós*; em *-l-*, *-ll-*, não está bem exacta a dedução de *camelos*—*camellos*, visto que em latim houve tanto *camēlus*, como *camēllus*: cf. Grandgent, *Introducción al latín vulgar*, Madrid 1928, § 163, etc., e emende-se aí *apostallus*

¹ Códice alcobacense cex. Cf. o *Index* citado (de 1775), p. 93.

em *apostollos*; em *-s*, corte-se o *a* de *ajuso*; no último período saíu «acentuação» por «pontuação». — FONÉTICA. Nos dígrafos, grafe-se *créér, sasséenta, séétas, téér, dóór, perijgóós*; na condensação das vogais, mude-se *mêfesto* em *menfestei*; na dissimilação vocálica, *sasseenta* em *sasséenta*; na epêntese, *cheeos, meea, ueeo*, em *chééos, mééa, uééo*; na l. imediata, reconheça-se no *ou-* de *ouçiente* um fenómeno puramente fonético (< **oicidente* < *occidente*-), e no de *ouriente* um fenómeno de analogia com o antónimo, conforme (mas o *-d*-?) reconheceu o Dr. J. Leite de Vasconcellos, *Estudos de Filologia mirandesa*, I, Lisboa 1900, p. 241. — MORFOLOGIA. No primeiro período, corte-se o *e* de *cabroð[e]s*, e no período seguinte escreva-se: «Não há outro exemplo de confusão provável» etc.; nos numerais acrescente-se: «e o distributivo *senhos*.»; nos pronomes relativos suprima-se *cuja*; aos indefinidos adicione-se *rem*; nos verbos, última l., escreva-se *uééo*; nas conjunções, acrescente-se *h-* a *ergo*. — SINTAXE. Ao n.º 7 acrescente-se: «sem ser precedido da preposição *a*»; no n.º 23, a primeira palavra deve escrever-se *mujto*; em *d*), corrija-se a gralha desastrada para «polar». — GLOSSÁRIO. Corte-se o *e* de «cabroðes», e acrescente-se: «**confesso**: no título»; s. v. «que», a última palavra deve ser *qua*.

Cap. VI. — Na l. 197 do texto, corte-se o *e* de «cabroð[e]s».

Outros casos somenos, de pontuação, etc., ficam ao critério benévolo do leitor.

Depois de termos encetado a publicação dêste opúsculo, veio a lume o *Florilégio da Literatura portuguesa arcaica* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1932) do Dr. J. J. Nunes. Nele incluía o saudoso Mestre todo o texto do *Cativo monge*. Como em breve nos occuparemos da edição nas páginas dêste *Boletim*, não fazemos aqui mais do que esta alusão.

ABÍLIO ROSEIRA.

Vida e feitos de Julio Cesar

(Continuado do Tõmo II, p. 328)

Jullyo Cesar casou¹, em aquelle tempo, com a filha de Lucius Pincõ², que avia de seer conssul o anno seguinte, e a dona avia nome Capurtya³. E Ponpeeo casou com a filha de Julyo, que avya nome Jullya. Cesar a tirou ao seu primeiro marido pera a dar a elle; e aquelle seu primeiro marido⁴ ouve nome Ssormillius⁵. Cesar ouvera ja mester, em outro tempo, sua ajuda contra Marcus Bibullius⁶. Tanto que Ponpeeo foe genro de Cesar, elle o começou de honrrar, e quando os senadores eram juntos pera darê sentença em alguũ feito, Cesar⁷ preguntava primeiro a Marques⁸, o gordo, por sua sentença e depois aos outros per hordem. E entam canbou Cesar seu costume e começava sempre a pregũtar a Ponpeeo pollo honrrar.

Hordenado⁹ era que os senadores departissem em cada huũ anno os senhoryos e terras segũdo os mandamẽtos¹⁰ das degnidades, e Cesar fez tanto e sse trabalhou pera ajuda de Luce Pison e [fl. 13 d] de Ponpeo, que hũa¹¹ das partes [da] comarca de França lhe foe outorgada e desenbargado do senado pera hir allã conquista-lla; e depois lha desenbargarom toda¹² por que se lha elles nõ quisessem outorgar que ho poboo lha outorgaria. Cesar ouve tã grande alegria que elle se gabou, a cabo de pouco, perante todos na corte, e disse: «Ora ey eu o que desejava, maaõ grado a todos meus iniĩgos. Mais eu lhes darey dello o guallardom!»¹³. E hy ouve huũ que lhe respõdeo com sanha: «E esto nom seria muy ligeira cousa de fazer!»¹⁴. E Cesar, que entendeo sua rreposta, lhe disse: «E por que

¹ O que se segue é tirado de Suetônio, *Vida de J. C.*, xxi-xxiv. ² Pincõ por Piso. Cf. Pison FR. ³ Capurtya por Calpurnia. ⁴ Tradução inexacta do texto latino: ...repudiato priore sponso Serulio Caepione... VJC, xxi. O erro provieio do texto francês: ...son premier baron. ⁵ Ssormilius por Servilius Scaepio. Cf. Servilius Scipio FR. ⁶ Bibullius por Bibulus. Cf. Bibulum FR. ⁷ Omissão das palavras: ...qui conseles estoit FR. ⁸ Marques le cras, FR; o texto latino diz só: cum Crassum sileret, VJC, xxi. ⁹ Il estoit costume FR; esta frase é uma adição ao texto latino. ¹⁰ Selon les remuemenz des bailies FR. ¹¹ ...Galliam Cisalpinam Illyrico aiecto, VJC xxii. ¹² ...Comatam quoque, VJC, xxii. ¹³ Ge lor en serai encore sor les testes FR. Cf. ...proinde ex eo insultaturum omnium capitibus, VJC, xxii. ¹⁴ Érrro curioso de leitura. O texto francês traduz bem o texto latino: ce ne seroit pas legiere chose a fame FR. O tradutor português

nom, que Semiramís, que ffoe molher, rregnou ja dez annos¹ e molheres tenerom o regno de Mazone²?. Depois que elle foe cõssull, acerqua de huñ anno, Gayus Maurius³ e Lucius Domicius, que erã pretores, disserom que era bem que Jullyo desse conto do que tiinha ffeito, e a elle aprongue⁴. Mais o ssenado o nõ quis ouvir per tres dias, e quando elle vyo que despendia seu tempo ouçiosamente e que elles nõ queriam [fl. 14 a] ouvir seu conto, foy-sse aa comarca d'arredor⁵ de Rroma por aderença algũas cousas do comuñ⁶. E entom foe preso huñ seu prioste⁷ por malquerêça delle, e assacava-lhe maaos feitos a torto. Lucius Austicius⁸, que era tribum, o ffez saber a Jullyo e elle tornou logo a Roma e livrou ssy e o seu prioste per sentença, presente o Ssenado. Des y adeante fez Cesar que os que tiinhã degnidades lhe fizessem juramento que defenderiã elle e os seus sempre quando lhe fosse mester e que elle hiryã fora de Rroma. Aos ffeitos do comuñ, quall quer que quisesse aver o outorgamento de Cesar e sua ajuda pera sobirẽ em degnidades, primeiro lhe conviinha de jurar e prometer esta cousa e dar dello leteras.

*

Mygranes⁹, rey dos Armis¹⁰, moveo guerra com os romaños¹¹. E em [a]quelle tempo Ponpeo foe allã enviado pello julgamento do Senado e pelejou com elle muytas vezes e venceo¹² e, aa derradeira, ouve a ssua cabeça [fl. 14 b] que Fernaus¹³, seu filho¹⁴, lhe fez della presente; e elle o coroou rey e lhe deu a terra de seu padre. E daly se foe a Ssurya e des y a Damasco, que Metulus¹⁵ e Lolius¹⁶ tomarõ pouco avya. Entom era grande guerra na terra dos judeus, a quall foe começada per esta guisa. Depois que eles tornaram de Babilo-

*tomou fama por faire e tirou assim tôda a graça à frase, que alude aos costumes efeminados de Cesar. Cf. o texto latino: ...ac negante quodam per contumeliam facile hoc ulli feminae fore, responderit quasi adludens: ... VJC, xxii. ¹ regna jadis en Babiloigne FR. Cf. ...in Suria ...regnasse, VJC, xxii. ² Mazone por Amazone FR. Cf. ...magnamque Asiae partem Amazonas tenuisse quondam, VJC, xxii. ³ Maurius por Memmius. ⁴ Cesar en volt bien conter au senat FR. ⁵ fors de Rome ou pais entor FR. ⁶ besoinier dou commun comme conseles FR. ⁷ prevoz FR. Cf. ...quaestor eius in praeiudicium aliquot criminibus arreptus est, VJC, xxiii. ⁸ Austicius por Antistius. ⁹ Mygranes por Tygranes FR. ¹⁰ Ermines FR. ¹¹ O que se segue é tirado de Flávio Josefo, *De Bello Judaico*, liv. I, cap. 1 e seguintes. ¹² le vainqui en champ FR. ¹³ Fernaus por Pharnaces. Cf. Farnax FR. ¹⁴ ses filz meïsme FR. ¹⁵ Metulos por Metellus. ¹⁶ dui de ses dux FR.*

nia, quando ho templo foe redificado, que Nabucardonosor¹ avia destroydo, o primeiro que sse coroou e se fez chamar rey ouve nome Aristobulus e foe filho de Joham Ircanus², que foe filho de Symeon³, o derradeiro dos Macabeus, por que Matachias⁴, o padre dos Macabeus ouve cinco filhos. O primeiro ouve nome Jonatas e o segundo, Elleazar, e o terceiro, Judas, e o quarto, Joham, e o quinto, Symõ. Symõ ouve aquele filho que vos dissemos, que ouve nome Joham Ircanus, e daquele sairõ cinco, dos quaaes o primeiro foe Arristobullus, esso meesmo o primeiro rey dos judeus depois da tomada⁵ de Babillonva. E tão que o elle foe, meteo em prisom trres seus irmaãos dos mais pequenos. E do que era mais velho en pos elle, que avya nome Antibonus⁶, fez seu senescall e seu companheiro, por [fl. 14 c] que elle o [a]mava mu[i]to. E Antibonus era tam ffiremoso que a rraynha, molher de seu irmaão, que avya nome Cleopatra, s'enamorou dele por sua fremosura assy como por sua proeza, por que elle era muy boo cavalleiro por sua mão⁷; e ella o rrequereo de seus amores apartadamente e disse-lhe que tão o amava que, sse elle nom comprisse ssua vontade, que ella era acerqua de morta. E Antybonus, por temor de Deus e por amor de seu irmaão, que elle muyto amava, nom qui fazer o de que o ella rrequeria e ella se ouve por muyto desprezada e trabalhou-sse de lhe aazar morte. E hũa noute, jazêdo seu marido doente, disse-lhe que sseu irmaão se trabalhava de o matar. El-rrey o nõ pode creer, por quanto se fiava muyto ò elle, e a rraynha lhe disse que ho mandasse chamar, e que sse veesse armado que soubesse que ella dizia verdade, e, sse o nõ veesse, entendesse que o nõ era. El-rey mãdou chamar Antibonus, e entõ fez armar cavalleiros e mandou-os poer em huũ lugar escuro per onde Antybonus avya de passar⁸. E a rraynha mandou [fl. 14 d] outro messegeiro e mandou dizer a Antibonus da parte d'el-rey que veesse armado por que elle o queria voer en suas armas. E elle entrara entom em Jherusalem, armado de hũa cavalaria, e as armas lhe pareciã muyto bem. Os da cidade lhe fe-

¹ Nabucardonosor por Nabuchodonosor. Cf. Nabugodonosor FR. ² Ircanus por Hyrcanus. ³ Symeon por Simo. Cf. Symon FR. ⁴ por Matachias. ⁵ retor FR. ⁶ Antibonus por Antigonus. ⁷ trop estoit de sa main bons chevaliers FR. ⁸ *Faltia aqui uma pequena frase interessante que vem no texto francês: mes li rois l'amoit itrestant qu'il li manda por son messaige que ne venist pas armez FR.*

zerom grande alegria ao entrar. E huñ feiteiceiro¹, que adivinhara que elle avya de morrer ã aquelle dia ou em aquella noute² en Cessaire³ (que entõ era chamada Pírgus Cithiçõ⁴), e elle per nem hũa guisa nõ podia lá chegar, em toda aquella noute foe maravillhado. Mais elle sse enganou, por que o logar onde o guardavam os cavalleiros avia nome Pírgus Estrâciã⁵. E assy como Antibonus chegou armado onde os outros atendyam, elles sayrõ a ele e matarõ-no. Quando el-rrey soube estas novas foe muyto triste e a door lhe creceo⁶ em tanto que, en huñ dia, disse estas cousas: «Oo corpo cativo, atees quando deteêrás tu esta moequinha alma? Mais me prazeria de morrer já todo junto⁷ que assy en pedaços! E ha [fl. 15 a] bem razom que eu moyra poys eu fiz matar meu irmão que tanto amava!». E, en dizendo estas palavras, lhe ssayo a allma do corpo, e anbos os dous irmãos foram lançados en hũa sopultura.

Depois que Arristobullus foe morto, Cleopatra, sua molher, lançou fora os⁸ mais velhos de seus irmãos que elle prêdera, que avya nome Alexãdre, e este foy logo ffeito rey, por que de seu irmão nom ficara geeraçom, e casou com hũa nobre molher, que foe chamada Alexandra. Este rey foe muy ardydo e de grande coraçõ e ouve muytas batalhas com os reys, seus vezinhos, e venceo-as e tomou assaz de cidades e de castellos. Mais, aa derradeira, elle tornou a sseer⁹ maao e cruell. E dos judeus anciaãos que o pras-mavã do mall que fazia, fez elle matar muytos. En seis annos matou bem cincoõta mill moços e velhos judeus. E por que elle assy destroyo seus [fl. 15 b] homeês, non podiam sua hõrras nem suas vittorias trazer-lhe grande alegria nem grande proveito. Dos seus dous irmãos, matou elle huñ¹⁰ delles e o outro fez prender¹¹. E por

¹ Judas, uns devins FR. ² O texto francês não traz esta particularidade.

³ Cessaire por Caesarea. Cf. Cessaire FR. ⁴ Pírgus Cithiçõ por Pyrgus Straton FR. ⁵ Pyrgus Straton FR. ⁶ O texto francês narra agora aqui um episódio não traduzido no texto português: ...la melaïdie li engrigna: li sens li issout par mi boiche et por mi nes et parmi fondemant, toz clers. Un jor porta li menistres fors un bacin plein de ce sanc, si le rua por aventure la ou li sans Antigonus son frere estoit encore toz fegiez. Li pueples, qui moult avoit le frere amé, en fist grant son, et disoient que ce estoit aperte veingence de Deu que li sans le roi estoit getez la ou il avoit fait espandre le sanc son frere. Lis rois oï cest afaire, si gemi et dist... FR, (fl. 15 d). ⁷ toz ensemble a une fois FR. ⁸ Certamente erro por o mais velho... Cf. Cleopatra gita de prison son aïnz né frere FR. ⁹ Cf. ...mes il devint fel et cruex au decerrain FR. ¹⁰ l'un, qui tendoit au regne FR. ¹¹ vivre eschariement FR.

que o allguũs judeus rreprendiam desta cruellidade¹, fez crucificar delles oytocentos na meetade da cydade de Jherusalem, e elle folgava² quando os viia assy atormentar e crucificar; e por esta rrazõ fogirõ do rregno oyto mill³. E sua molher era muyto contrayra a elle; ca ella era muyto piadosa e nõ fazia all senom adoçar os coraçoẽs dos cidadaaõs; e, toda a cortesia que ella podia mostrar ao poboo pella dureza de seu marido temperar, ella o ffazia, por que entendia que, se o d'outra guysa fizesse, que seus filhos o passariã mall. Despois que Alexandre ouve assaz guerreado esteve huũ tempo em paz, e aconteeo de adoecer, e elle disse que aquella doença nõ lhe viinha senom de rrepousar. Entõ se aparelhou de guerra⁴ e fez correger todos seus artificios e foe sobre seus iniigos, como já outras vezes fora, e a doença o leixou logo. E despoys que suas [fl. 15 c] batalhas foram acabadas tornou-sse a Jherusalem e nõ esteve hy muyto quando lhe outra vez tornou a door. E elle quisera-sse outra vez hir aa guerra, mais a fraqueza nõ lho podia soportar; antes cayõ ã febre quartaã e morreo della a os triinta e seis annos do seu rreynado, e leixou o rregno a ssua molher, por que sabya bem que os judeus lhe obedeceeriam de melhor grado, polla booa vontade que lhe ela sempre mostrara e que seria mais proveitoso pera seus filhos. Alexandra foe sages e vallente e manteve bem⁵ o rregno e tiinha duas hostes: hũa, de soldadeiros, que andavam pellas comarcas d'arredor, e a outra, de suas gentes, que andavam a cerca della. Nove annos regnou esta reynha, e ante que morresse fez rrey o sseu mais velho filho, que ouve nome Yrcanos⁶. E este era huũ pouco simpres⁷, mais Aristobullus, seu irmão, era mais avisado e forte, e feze-o sua madre viver apartadamente, por que nõ queria que seu irmão fosse per elle contrariado. E, a cabo de dias, aconteeo que sua madre veeo a adoecer, e Arristobulus tomou gentes⁸ e começoou de correr a terra e sso-[fl. 15 d]-jugou seu irmão. E a reynha, que tiinha da parte do mayor, allevantou-sse da doença e tomou a molher de Arristobulus e seus filhos e pose-os em prisom, e ffez tanto que Ircanos ouve todavia o rregno, que seu irmão nõ lhe ousou contradizer ã quanto ella foe viva. Mais, despois que a rreynha foe morta,

¹ oltraige *FR.* ² et bevoit et s'esbenoiet avec ses concubines *FR.* ³ car les fanmes et les enfantz fist il crucefier *FR.* ⁴ Lors refis son ator de guerre et commença a corre sus ses voisins *FR.* ⁵ assez bien *FR.* ⁶ Yrcanos *por* Hyrcanus. ⁷ mols *FR.* ⁸ compaignons assez, dont il avoit plursors *FR.*

Arristobullus ajuntou muytos homeës mancebos e fortes e veeo contra seu irmão e ajuntarõ-sse anbos no campo de Jherico e pelejarõ, e foe seu irmão desbaratado e fez aveença cõ Yrcanos que elle fosse rrey e Ircanos ouvesse quall morada¹ quisesse, a ssõ² elle. Entom foram mudadas as suas moradas: Arristobullus morou no paaço rreall e Yrcanos no paaço de Arristobullus; e Arristobullus langou entõ fora da prisõ sua molher e seus filhos, de Banisonther³, onde os sua madre avia aprisuados, e esta era hũa torre que Herodes mandara fazer⁴ e chamou-a Antonya por honrra de Marcos Antonyus.

Hyrkanos avya huũ valõte homẽ, que o criara conssygo [fl. 16 a], que avya nome Antypater. Aqueste fora filho de huũ provoire⁵ d'Escallona⁶, que avya nome Herodes; rroubadores o acharõ fora da villa, seendo moço, e tomarõ-no e veerõ-no vender a Judea. E elle creceo e emendou⁷ tanto en ssy, que veeo depois a sseer ayo de Yrcanos⁸, e ouve por molher Cípres⁹, que foe sobrinha de rrey d'Arabia, da quall elle geerou Herodes (que despoys matou os ignogentes), e outros tres filhos¹⁰ e hũa filha. Mais Herodes foe o mais pequeno. E Yrcanos sayo de noute de Jherusalem, per consselho d'Atipater, e andarõ tanto con sua mesnada que chegarõ a hũa cidade que chamavam Petra e era na marcha d'Arabia¹¹. E tâto fez Antipater com el-rrey d'Arabia, por dar e por prometer, e por amor de sua sobrinha, que elle tiinha por molher, e tantas rrazões lhe mostrou que Yrcanos era mereçedor de sua ajuda e que elle o devya de fazer, que el-rrey lha outorgon e fez-lhe ajuda de cincoecenta mill homeës de cavallo e de pee. E quando Arristobulus ouvyo esto, ajuntou toda sua gente contra elles e ouverõ batalha, em a quall Aristobullus [fl. 16 b] foe vencido e fogio pera Jherusalem. Mais Yrcanos e el-rrey d'Arabia o sseguirõ e ençarrarõ-no na cidade, e tomarõ-na sse sse os Rromaões hi nõ entremeterõ. Mais Ponpeo enviara a Ssuria huũ seu procurador, que avia nome Esseairos¹². Aquelle tornou Arristobullus da sua parte por sua rriqueza, e deu-lhe trezentos

¹ honor FR. ² desoz FR. ³ Barisantee FR. ⁴ amanda FR. ⁵ *Galicismo evidente*. Cf. un provoire sarrazin FR. ⁶ sarrazin FR. ⁷ amanda FR. ⁸ et ses consoilliers FR. ⁹ Cypris FR. ¹⁰ Phaselus, Josipus et Feroras et une fille qui Saloma ot nom FR. ¹¹ No texto francês vem esta frase não traduzida no texto português: car Antipater eschivoit volentiers Aristobolus qui le haoit de vriez FR, (fl. 16 c). ¹² Esseairos por Scaurus. Cf. Scaurus FR.

marcos d'ouro por tall que fozesse aquelles allevantar do cerquo. Estauros¹ tomou o ouro e mandou-o a el-rrey Artha da parte dos rromãos que o fizessem alevantar do cerquo, se elle nõ queria aver sua mallquerença. Artha se tornou cõ sua gente com medo dos Rromaãos a Ffilladelffa², e Arrystobullus o sseguyo, com sua hoste, e matou seis mill homeês da gente del-rrey Artha³, nõ avendo por assaz que Estanius⁴ o ffezera levantar do cerquo.

Des que Yrcanos e Antypater virom que a ajuda d'Arabia lhe fallecera, nõ souberõ onde sse tornar, senõ a sseus averssairos; tanto que se meterõ em a aventura de rrequerer Ponpeo e veorõ a elle onde estava em Damasco. E sse Antipater falara bem a el-rrey d'Arabia por Yrcanos, muyto mylhor falou a Ponpeeo, mostrando lhe assaz de [fl. 16 c] razõões por que Yrcanos devya rreynar: primeiramente por seer mais velho, e des hi por seer sem malicia, e que Arristobullus era mallicioso e nõ podia rregnar sem dano do poboo. E, aallem destas rrazõões, lhe deu rriquas doas. Arristobullus esso meesmo⁵ chegou ally, que tiinha Essauos em sua ajuda por suas dadivas, e guarneecê-sse o mais nobremente que pôde, a guisa de rrey, e rrequereo a Ponpeo que [o] leixasse rregnar. Mais, por que Ponpeeo o nõ rreçebiera tam honrradamente, como pertencia a rrey, elle se partyo cõ oufana, por que desonrra lhe parecia de Ponpeeo nom o rreçebem mais honrradamente, e tomou coraçom⁶ de sse combater con elle ã huã forte castello que era sobre hũa alta montanha; e aquelle castello avia nome Allexandre⁷, e cõ esta teençom se partio sem licença de Ponpeo. Quando Ponpeeo soube que elle era assy partido ouve grande sanha e outorgou a sseu irmão quanto lhe rrequerya, e entendeo que esta discordia poerya aos Judeus em sua mão⁸ e faria do seu rregno provêcia pagador de tributo. Entom se moveo apos Aristobulus de grande pressa e por lhe [fl. 16 d] nõ dar espaço de ajuntar gentes. Ponpeeo avia grande hoste dos rromaãos, afora as ajudas de Suria e dos Armenyos⁹, e entrou en Judea e mandou dizer a Arristobullus, no castello onde estava, que veesse a ffindo¹⁰. E elle queria ante aventurar seu corpo a todollos periigos que fflazer seu mandado, por quanto se elle tiinha por rey,

¹ Scaurus. ² en Philadelphie *FR.* ³ Aretha en sa riere garde *FR.* ⁴ Scaurus. ⁵ ensement *FR.* ⁶ prist cuer *FR.* ⁷ Alissandre *FR.* ⁸ metroit les Juix en sa main *FR.* ⁹ d'Ermînes *FR.* ¹⁰ descendist jus *FR.*

enpero que todollos seus conselheiros lhe louvarom que elle decesse a fundo e falasse com Ponpeo com segurança de hida e de viuda e d'estada, por que o poder dos rromaños era muyto de temer. Arristobulus desceo a fundo e fallou com Ponpeeo muytas cousas e tornou-sse ao castello sem contradizimêto¹ de nem huñ. E des y, tornou outra vez a fundo por falar a sseu irmão e por tratarê paz, mais nom pôde seer acertada por que, per nem hũa guisa, elle nõ queria leixar o rregno. E, aa derradeira, elle sse partio do castello e mandou aas guardas que o nõ dessem a nõhuñ sem seu certo signall ou per carta escripta per sua mão. Entom sse foe a Jherusalem com tallante de sse combater cõ [fl. 17 a] Ponpeo e Ponpeeo o sseguyo. E quando chegou a terra de Gerico, veheron-lhe novas que Metridantes, rrey da marynha d'Armenya a meyor², era morto; e andou mais a pressa pera aquella comarqua dyleitosa³. Hũa noute dormyo Ponpeeo no valle de Jherico pollo doce cheiro das arvores que hy avya e, ã outro dya⁴, partyo pera Jherusalem. E Arristobulus, que temya sua sanha, veeo a elle com pouca mesnada e pedyo-lhe mercee prometendo-lhe que lhe daria grandes rriquezas e que poerria seu corpo e a cidade em suas mãos. Mais elle lhe falleceo de todas estas conveções, por que Ponpeo enviou Gabinus⁵ pera rreceberem aquelle aver, mais nom lhe derom nõ hũa cousa, e os servidores de Rristobullus nom lhe leixarom soomente meter o pee em Jherusalem. Quando Ponpeeo vyo esto, fez muy bẽ guardar Arristobulus e foe-sse a Jherusalem e esguardou como o poderia tomar mais asinha⁶, ca elle era muyto profũdo [fl. 17 b] e os muros fortes e grossos, e bem entendeo que nom poderia seer filhado sem grande trabalho; e aynda que a villa fosse filhada, que os Judeus se poderiam meter no templo e defender-sse ally grande peça⁷ por que era forte e posto em alto lugar. E, andando assy Ponpeeo hordenando o cerquo, alevantou-sse huũa discordia antre os cidadaãos de Jherusalem. A parte de Arristobullus queria teer a cidade e defender-sse contra Ponpeeo por livrar seu rrey, e os amygos de Yrcanus queriam abrir as portas aos rromaños. E sobre esto⁸ ffoe muy grande aroido na praça e grande

¹ senz contredist *FR.* ² li rois de la marine d'Ermenie la menor *FR.*
³ delitable estoit por les arbres des palmiers, des oliviers et des balsamiers dont ele flairoit soef *FR.* ⁴ l'endemain s'en chevauchoit mult matin vers Jherusalem *FR.* ⁵ Gabinus por Gabinius. ⁶ plus legierement *FR.* ⁷ grant piece *FR.*
⁸ emui le marchié fu granz la meslee et li estors entr'els *FR.*

peleja, de guisa que forom muytos feridos e mortos; em tanto que a parte de Arristobulus foy desbaratada e se meterom no templo¹, que era cercado de boos muros e de fortes torres², e quebrarõ hũa ponte que era antre o muro e a çidade. Aquelles que eram da parte de Yrcanos abryrom as portas a Ponpeeo e derõ-lhe a çidade e os paagos rreaaes, e Ponpeeo entrou³ dentro e fez buscar arteficios pera encher o valle da [fl. 17 c] parte septentrion⁴. Os rromaños e os da çidade se trabalhavã de o encher de tall guissa que podessem fãzer os artificios pera derribar⁵ o muro, e os de çima do tẽplo lhes tiravam com pedras e com viratoões e defendian-sse en tall guisa que os rromaños nunca vierom a fym do que começavam sse⁶ sse Ponpeeo nõ avisara do sabado, em que os judeus nom faziam nem hũa cousa⁷. Entõ fazia Ponpeeo obrar a grande pressa, por que os judeus nom sse defendiam, por que lhe era mandado que sse nõ combatessem ao sabado, se nom se flosse por difendimento de seus corpos, maão por maão⁸. E depois que ho valle foy cheo, os carneiros⁹ forom aparelhados, mais muy pouco podiam aproveitar¹⁰, por que os judeus tiravam e lançavam pedras e viratoões a meude em tall guisa que nom leixavã aos rromaños fazer cousa que sse lhes a grande dano podesse tornar, empero¹¹ que os archeiros e beesteiros de Ponpeeo matavã muytos da abobeda de çima do [fl. 17 d] templo, de tall guisa que Ponpeeo e os seus eram marivilhados como podiam ja tanto soportar, e como por maa ventura¹² que lhe veesse, nõ leixavã de fazer seus sacrificios e suas offertas; e a muytos acontecia que, en começando de fazer ho sacrificio ante que o ouvessem açabado, os matavã ante o tẽplo. Acerqua de trres meses durarõ que nũca seus arteficios¹³ poderõ fazer nõ huũ dano no muro, e a cabo de trres meses foy rroto huũ pedaço. Ffattus¹⁴ Cornellius, o filho de Silla¹⁵, entrou primeiro per aquelle lugar, e cõ elle os cavaleiros de sua

¹ eu l'aitre del temple *FR.* ² torneles. ³ *Falta no texto português esta frase: Pompee i envia Pison, un ses dux, por recovre la vile. Pison entra leanz; si mist garnison partot. Antipater et Hyrcanus s'entremetoient liement et bien de porveoir totes les choses qui avoient mestier au siege et d'aidier les Romains. Pompee fist porchacier atret por emplir la vallee devers septentrion. FR (fl. 17 c).*
⁴ *sepfierion por septentrion.* ⁵ *hurter FR.* ⁶ *sse sse.* ⁷ *Ja ne fussent Romain venu a chief de la vallee emplir, se Pompee ne se fust pris garde del sabbat que li Juis ne fasoient nule oeuvre FR.* ⁸ *main a main FR.* ⁹ *li molton FR.* ¹⁰ *mes mult petit profitoient a hurter FR.* ¹¹ *voirs est FR.* ¹² *Por nul meschief FR.*
¹³ *agin FR.* ¹⁴ *Faustus FR.* ¹⁵ *Silla por Sylla.*

quadrilha¹ e des y dous centurioões (Furnius e Fabius eram chamados) e seus cavaleiros com elles. E depois que todos foram dentro, matavam dos judeus quantos alcançavã, ora fugissem, ora se deffendessẽ, e taes avia hi que sse lançavã do muro sobre as grandes rochas e outros se metiam nas camaras, e poynham-lhes o fogo e ardiam dentro em ellas. Os seus bispos nom se moviam dos sacrificios por medo que ouve-[fl. 18 a]-ssem, ante os matavã ante o altar. Alguũs dos judeus se matavam, huũs com outros, antes que² morrer em mãos de seus imũgos, em tanto que foram hi mortos delles bem doze mill e dos rromaãos morrerõ hi poucos per o que foram hy muytos feridos. E antre as outras cousas de que os judeus foram mais tristes assy ffoi por que os rromaãos virom os segredos do templo, por que Ponpseo e seus duques entrarõ com ell em aquelle lugar honde nõ entrava senom o mayor bispo³, e viram os vasos e o thesouro de dentro e as tavoas e os candieiros e todollos outros garnimentos que podiam bem pesar dous mil marcos d'ouro⁴. Mais elle nom tomou daly que vallesse huũ dinheiro, por que seu coraçõ nũca foy arrevatado⁵ de cobiça, e mandou em outro dia que o tempillo fosse limpo e prestes pera fazer em elle sacrificio, e confirmou o ssenhorio a Yrcanos, por que lhe pareceo merecedor delle. E se governara muy bem⁶ no cerquo [fl. 18 b], soubera guaanhar sagesmente pera sy os corações⁷ do sobervo⁸ poboo que prestes era a todo arroydo pollo encaminhamẽto⁹ d'Arristobullus. Huũ tyo d'Arristobullus e huũ paadre de sua molher foram aly presos, e Ponpseo lhes fez cortar as cabeças por que foram em grande aazo daquella guerra. E [a] Ffautus¹⁰ Cornellius e a outros que ally provarõ bem, fez mercees¹¹ e deu rricos doões, e des y hordenou quanto pagasse Jherusalem¹², e ffez Yrcanos senhor e bispo da cidade, affora nome de rrey, e era principe e capitam¹³ da terra de Judea. Despoys fez Ponpseo Estantinus¹⁴ procurador em Surya e em toda a terra

¹ conestablie *FR.* ² la ou il counoissoient lor enemis *FR.* ³ souverains avesques *FR.* ⁴ table, chandeliers a ornemenz, le thimiame, les pygmenz, les commendes de lianz, bien jusq[a]. ii. miles talenz d'or *FR.* ⁵ laciez de covoitise *FR.* ⁶ Bien et haitieement *FR.* ⁷ coraraçoões. ⁸ fol *FR.* ⁹ Por l'a[r]tissement *FR.* ¹⁰ Ffautus por Faustus. ¹¹ dona bones soldees et riche dons *FR.* ¹² Falta esta parte da frase no texto português: et fist province de la contrée entor as costumes de Surie et des autres terres sanz roi *FR.* (fl. 18 a). ¹³ chevetains *FR.* ¹⁴ Estantinus por Scaurus.

d'aallem do rryo, ataa o Egipto, e fez Thollomeu¹, o moço, rey de Egipto, e prendeo sua irmã Cleopatra, da quall cousa depois ouve maaõ guallardom²; e des y metê-sse Ponpeeo ao caminho de Rroma e levou conssygo Arristobulus e dous seus filhos e duas filhas. Os filhos, huñ avya nome [fl. 18 c] Allexandre, e o outro, Antigonos, e as filhas, Lexandra³ e Cleopatra. E[n]tanto foe Escaurus⁴ sobre rrey d'Arabia en hoste cõ grande mingua⁵ de vianda, mais Yrcanos lhe ministrava pollo siso d'Antipater⁶. El-rey. Artha⁷, seu amigo, deu a Escauros trezentos marcos d'ouro e leixon-o escapar con tall preetesia que tevesse sua terra dos rromaños, enquanto se Ponpeeo hya a Rroma. Allexandre, o filho de Arristobulus, lhe escapou no caminho e tornou-sse a Judea e aparelhou em pequeno tempo muyta gente e combateo per força alguñs castellos e tomou-os, dos quaaes foe huñ Alexandro e Macharot⁸ e assaz d'outros e tomara Jherusalem e desbaratara Yrcanos e Antiopater⁹ se nõ fora Gabinus, que era procurador em Surya despois Escayros¹⁰. Envion Marcos Antonius pera pellejar¹¹ con elle e elle o ssegua bem d'acerqua. Yrcanos e Antiopater derõ a Marcus Antonyus assaz de Judeus pera sua ajuda; Mallicius e Phitollais¹² os guayava. Allexandre, nom ousava de pellejar cõ Marcus Antonyus por que tragia muyta gente [fl. 18 d], mais fogio contra Jherusalem e Marcus Antonius¹³ o sseguyõ e encallçou-o e pellejou com elle. E perdeo Alexandre em aquella batalha çinquo mill homeês, os dous mill mortos e os tres mill presos, e Alexandre¹⁴ fogio pera Alexandro¹⁵, huñ forte castello. E Marcus Antonius enviou allá Gabinus e cercou-o dentro, e elle, temendo-sse de seer preso, rrendeo-sse, salvo sua vida, e deu aquelle castello con todollos outros que tiinha. Sua madre consselhon Gabinus que dtribasse todalas fortellezas e que nõ seria outra vez aazo¹⁶ de guerra.

¹ Thollomeu por Ptolemaeus. Cf. Tolomé FR. ² mauvais guerredon l'en rendi puis, car il fist la teste trenchier por la main Achilles son tyrant, si cum nos dirons ça avant FR. (fl. 18 a). ³ Lexandra por Alexandra. ⁴ Escaurus por Scaurus. ⁵ chierté FR. ⁶ mes Hyrcanus li menistroit vitaille por le sens Antipater. Et tant fist Antipater que ... FR. ⁷ Aretha FR. ⁸ Alexandrium, Macheroute FR. ⁹ Por Antipater FR. ¹⁰ Escayros por Scaurus. ¹¹ se ne fust Gabinus, qui fu procurators de Surie apres Scaurus. Cil envoya Marcus Antonius a bataille FR. ¹² Malicuis et Phitolaus FR. ¹³ Et Marcus Antonius apres, que Gabinus sivoit. Lors convint Alisandre assembler a bataille; mes il fu desconfiz FR. ¹⁴ O texto francês diz: lors s'en foï Aristobolus ... Erro evidente por Alixandres. ¹⁵ Alixandrium FR. ¹⁶ matere de guerre FR.

A dona ho afaagava¹ quanto podya pelo marido e pollos filhos que tinha presos em Rroma. Gabinius derribou todollos castellos e despois foe-sse a Jherusalem e rreeõfirmou a Yreanos o bispado, e partyo os judeus em trres² partes por averẽ menos poder de moverẽ guerra: a cabeça de hũa das partes era Jherusalem e da outra Jherico e da tergeira Gallillee³. E em aquelle tempo fogio Arristobullus da prisom en que jazia em Rroma e foe-sse aalem do mar, e ajuntou muyta gente [fl. 19 a] e rrefazia o muro do forte castello Alexandro. E Gabinius, que ouvyo dizer esto, ãvyon allá a grande pressa Marcus Antonyus e Servillius com grande gãte. Arristobullus nom ousou atender estes trres duques e fogio pera Morant⁴, que era acerca do mar⁵ d'Arabya, e nõ levou mais de oyto mill cavalleiros e leixou o poboo de todollos outros que lhe nom pareciam aazados⁶ pera batalha, e Situlaus⁷ se tornou pera elle. Os rromaãos os seguyrom tâto da cerqua que lhes foe forçado de lhe dar batalha e morrerom hi dos seus cinco mill, e dous mill fogirõ pera hũa montanha; e Arristobullus, com os mill que lhe ficarom, passarõ per meo da pressa⁸ dos rromaãos e lançarõ-sse em Matront⁹, cuydando de ajuntar aly gente com que sse podesse defender. E os rromaãos os combaterõ, e elles se defenderom fortemente dous dias, mais, ao terceiro, foram tomados per força e ally foe preso Arristobulus e Antybonus¹⁰, seu filho, e Situllanus¹¹, e forõ tragidos a Gabinus e elle fez [fl. 19 b] cortar a cabeça a Situllanus por que ajudara a guovernar¹² aquella guerra, e o padre e o ffilho enviou a Rroma e escrepveo ao Ssenado que tornassem Arristobullus aa prisom e que seus filhos enviassem aalẽ do mar¹³, por que assy o prometera elle a ssu[a] madre, per cujo aazo lhe forõ dados os fortes castellos. Alexandro e Antibonus e suas duas irmãas foram tornadas aalẽ do mar e seu padre ficou em prisom em Rroma. Lypyo¹⁴, amygo de Ponpeeo,

¹ La dame le flatoit a son poeir *FR.* ² en .v. covenz *FR.* ³ li chies de l'un covent fu en Jherusalem, li autres en Doris, li tierz en Amatonte, li quarz en Jherico, li quinz en Galilée a Sefforis *FR.* (fl. 18 b). ⁴ Macheronta *FR.* ⁵ en la marche d'Arrabe *FR.* ⁶ qui preuz ne li sembloit a bataille *FR.* ⁷ Phitolaüs *FR.* ⁸ trespercerent les Romains *FR.* ⁹ Macheronta *FR.* ¹⁰ Antigonus *FR.* ¹¹ Phitolaüs *FR.* ¹² qui la guerre aidoit a atisier *FR.* ¹³ No texto francês vem esta frase não traduzida no texto português: car ainsi l'avoit il covent a lor mere por cui li fort chastel li orent esté randu. Alixandros et Antigonus et lor .iii. serors furent arriere outre mer et lor peres just en la prison a Rome. ¹⁴ Lypio por Scypio. Cf. Scypio *FR.*

matou depois Alexãdre em Antiochia de hũa fachada¹. Antigonus deu Alexandra, a sua mais fremosa irmã, por molher, a Tollomeu², huũ rrico homẽ de Lybano. E daly sayo Lisamas³, que teve a quarta parte de Judea no tẽpo de Pillatos. Aquelle Lisamas envyou depois Antigounos, seu tyo, a el-rrey Pathorus⁴ e prometeo-lhe mill marcos d'ouro e quinhentas moças virgeẽs se o ajudasse a cobrar o rregno. Antípater era já apoçoentado per huũ judeu que avia nome Mallicus⁵, e Herodes matou despois aquelle Mallicus e vyngou seu padre. E Yrcanos e Herodes e Fasellus, seu irmão [fl. 19 c], governarõ ho reyno dos judeus. El-rey Patoros⁶ e os turcos ho cercarom em Jherusalem. Antigonus e Lisamas foram no cerquo e, despois de muytos combates e escaramuças, Antygonos mandou dizer a Yrcanos e a Fasellus que saissem fora pera falar com elles de pazes. As seguranças foram firmadas, de huũ cabo e do outro, de hyda e de viũda e de estado. Marianhe⁷, a neta de Yrcanos, que era molher de Herodes, disse a sseu marido que sse nõ fiasse en ffe de turcos⁸, por que em elles non avia verdade⁹. E Herodes a creeo. Mais Hircanus e Fase-lus sairõ fora aos turcos como sandeus¹⁰, por que Patorus os entregou logo a Antygonus, que os desvestio e ferio com espadas e comeo as orelhas a Yrcanos, por tall que nom fosse nem podesse ssoer bispo¹¹. E despois envyou huũ solorgiã, que lhe pos peçonha nas feridas em vez de enguento e assy morreo. Fasellus quebrou a cabeça¹² en hũa pedra ante que Antygonus viesse pera o matar e cuydou¹³ que seria vyngado per Herodes, que se partyo con sua mesnada, de noute, [fl. 19 d] e foe-sse pera huũ forte castello, que chamavam Mesado¹⁴, e aly leixou sua molher e seu aver em guarda a Gesico¹⁵, seu irmão, e elle se foe a Arabia e des y a buscar¹⁶ ajuda dos rromaãos. E Patorus fez rrey Antigonus e elle lhe pagou o ouro que lhe prometera. Mais as molheres nom lhe pôde dar todas, pero que os¹⁷ pos em booa esperança das que ficarom por pagar. Entanto trouve Herodes acorrymento dos rromaãos. Sossios¹⁸ era o capitão e cercou

¹ d'une hache FR. ² Tholomé FR. ³ Lysanias FR. ⁴ Pacorus, le roi de Turs FR. ⁵ Malicus FR. ⁶ Patoros por Pacorus. ⁷ Mariague FR. ⁸ turcos ⁹ Adição do tradutor português. ¹⁰ fol FR. ¹¹ que jamais ne pōist estre vesques FR. ¹² s'escervela FR. ¹³ il pensoit bien FR. ¹⁴ Massada FR. ¹⁵ Josippus FR. ¹⁶ Suprimimos aqui a repetição: e desy a bucar a buscar. ¹⁷ os por o. Cf. en bone esperance le mist dou remanant FR. ¹⁸ Sossios por Sosius.

Jherusalem, e tomou-o per força Antigonus, e envyrou-o a Atenas a Marcos Antonius e elle lhe fendeo a cabeça com sua mão cõ hũa fachada¹, e depois foe Herodes rrey em Jherusalem.

*

Despois que Ponpeo foe tornado de Suria, segundo vos avemos contado, estabelleçerõ os ssenadores que Crasus e Ponpeeo e Çesar fossem ditadores, e o poboo se outorgou em ello, por que, se os dous fossem desacordados, o terceiro os acordaria, [fl. 20 a] e que os dous mais fortes fossem fora aas batalhas e o mais sajes ficasse em Rroma pera aconssellar a villa. Aquella degnidade² durava cinco annos e por esso a tomou Çesar de vontade³ por que elle duvidaria menos a Luçius Domiçius, que o desamava, que era consnull; a quall degnidade nom durava mais de huñ anno. Ponpeeo ficou em Rroma por que andara muyto fora em batalhas. E Crasus foe sobre os turcos, e Çesar foe a França e levou com sigo dez ligioões de cavalleiros.

França⁴ era muyto grande no tempo de Julyo Çesar, e era par-tyda em trres partes. Os de hũa parte eram chamados belgue; e os a segunda, potuerem⁵; e os da terceira, celet⁶. Estas trres maneiras de frãceses nom eram todos de hũa maneira de viver⁷. Belgue eram as mais fortes gentes e eram homeës sem sollar⁸ e sem companhia [fl. 20 b] por que eram alongados de mercadores e de gentes d'ou-tras terras, que he cousa que faz alegrar os coraçoões dos homeës, e eram vezinhos dos seneës⁹ d'aalem do rryo que chamã Rrym. E sempre era batalha antre elles e os seneës e esto os fazia mais fortes e mais cruees. Gatoões¹⁰ corre antre os poytaviis e os franceses, que som chamados Celet; duas rribeyras, hũa, que chamã Marne, e outra

¹ a une haiche FR. ² baillie FR. ³ car il en dotoit moins Luce Domice FR. ⁴ O que se segue é tirado de Júlio César: *Bellum Gallicum*, I, 1 e segs. ⁵ Estes Potuerem (cf. Poitevin FR) são os Aquitani, cf. *Bel. Gal.*, I, 1. ⁶ Por Celtæ. Cf. Celte FR. ⁷ ces .iiii. manieres de François n'estoient pas d'un langage ne d'une maniere de vivre FR. ⁸ sollar por solaz. Erro evidente de leitura. Cf. sanz solaz FR. ⁹ as Saisnes FR. Cf. César, *Bel. Gal.*, I, 1: proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt. ¹⁰ ce les rendoit plus durs et plus félons FR. O texto português omite aqui esta frase: tote jor corroient li un ser les autres FR.

Sayne⁴ os departõ dos belgues. A hũa parte dos belgues, chamã clutodẽs², por hũa agua que ha nome Clue³, que corre contra aquella parte. Os Rris⁴ he estremo⁵ de hũa parte antre os saynees⁶ e os belgues que nom⁷ eram cluctooẽs. A terra dos bellgues era contra ouriente e contra o septentryõ; poytavÿ e enquÿtaÿ eram des Garone atees os portos d'Espanha, todo ouriente e todo septentriom. Esta he França antre Sayne e Mallne, e o mar descontra o meo dia e des-contra ouriente.

Antre estes belgues, que chamavã cluttoões, avya huũ homẽ rrico e nobre, que chamavam Orgetoriis⁸. E Mar-[fl. 20 c]-cus Massalla⁹ e Marcus Piso erã consullles quando elle fez hũa conjuraçom de nobre companhia de homeẽs mancebos cõ cobuça de averẽ honrra. E jurarõ antre ssy que sayessem de sua terra, entendendo que, per seu esfforço, ligeiramente poderiam seer senhores de toda França. Estes cluctodẽs som assy çarrados de¹⁰ rryos e de montanhas que nõ teem largueza pera poderem batalhar com gentes estranhas, e esto poynha tristeza em seus corações por que nõ podiam bem mostrar o esfforço e a ardidez que em elles era. A elles parecia que aviam assaz de pequena terra pera tanta gente e tam forte e batalhador, como elles eram, que seriam mereçedores de muyto mayor terra¹¹. Alguũs dizẽ que os brevẽtoões¹² e os cluctodẽs eram todos huũs, mais por agua de Clue¹³ lhe chamavã assy. A conjuraçõ foe firmada an-

¹ *Erro evidente do tradutor português. Gatoões está por Garonne. Cf. Garonne cort entre les Poitevins et cels François qui lors estoient apelé Celte. Marne et Sainne les dessoivent des Belgues, car ces .ii. èves corrent entre Celtes et Belgues FR, (fl. 19 b). De resto o compilador francês desvia-se do texto de César, o qual é muito mais breve e simples.* ² *Má leitura do francês Helveçois = Helvetii.* ³ *Helve FR. César diz simplesmente: Eorum una pars, quam Gallos optinere dictum est, initium capit a flumine Rhodano, continetur Garumna flumine, Oceano, finibus Belgarum, attingit etiam ab Sequanis et Helvetiis flumen Rhenum, vergit ad septentriones. Bel. Gal., I, 1.* ⁴ *Erro comico por o Rri.* ⁵ *marche FR.* ⁶ *São os Sequani. Cf. Besnes FR.* ⁷ *O texto português não traduz duma maneira completa e exacta o texto francês que diz: Li Rins estoit marche d'une part entre les Sesnes et ces Belgues Helveçois. Li chies de ces Belgues que n'estoient pas Elveçois commençoit au Ronne et a Garonne; si s'estendait jusqu'a la mer d'Ocean, si que cil pais des Belgues estoit contre Oriant et contre septentrion. (fl. 19).* ⁸ *por Orgetorix.* ⁹ *por Messala.* ¹⁰ *O tradutor português resume aqui uma passagem de 15 a 18 linhas do texto francês (fl. 19 c) traduzida de César, Bel. Gal., I, II.* ¹¹ *plus ample pais, car lor contree n'avait de l'one que mil pas et ccxi, ne de lé que clxxx FR, (fl. 19 d).* ¹² *Brevetoões por Brabantezes. Cf. Brabançon FR.* ¹³ *Clue por Helve FR. César não fala nisso.*

tre elles, da qual era cabeça Orgetoris, e começarõ a buscar e aparelhar todallas cousas¹ que erã mester pera sua guerra e confirmarõ paz e amor antre ssy e as cidades su-[fl. 20 d]-as vezinhas e tomarõ esforço per estas cousas seerõ prestes de dous annos². E ao terceiro partirom. E Orgetoris, que era seu duque, foe dado encarrego de proveer todo aquelle ffeito, e elle o tomou, e esso meesmo cuydou de andar pellas cidades que eram d'arredor deles pera fazer aliança. E em aquelle caminho buscou Orgetoris mais de seu dapno ca de seu proveito, por que³ elle ffoe a huõ homẽ honrrado, chamado per nome Casamata⁴, cujo padre fora assy como rrey daquella parte de França que era contra o monte dos clutoões, de que vos avemos fallado, e este seu padre fora amigo dos rromaãos e avia nome Leodes⁵. Orgetoris disse a Cossomata que esfforçasse seu coraçõ e sse ffezesse rrey de sua terra como fora seu padre em seu tempo. E esso meesmo disse a Dommoris⁶, o irmão de Viciatus⁷, ho segundo⁸ d'Oscum⁹, ao quall deu sua filha por molher:

«Senhores, disse elle, eu buscarey ligeiramente ã como eu e vos, per força da minha [fl. 21 a] gente, seremos senhores de toda França, se por vos nõ ficar⁹, ca eu vos farey aver em vossa vida todollos clutoões que sã de grande poder, como vos bẽ sabees».

E sobre este proposito foram feitas as seguranças e as firmezas antre Orgentoris e Casamata e Dommoris. Bem cuydavã estes todos trres de conquistar trres regnos¹⁰ de trres poboos poderosos de França, convẽ a ssaber: belgues, celes¹¹. Mais quando os clutoões souberom as novas do ffeito que Orgentoris queria fazer, e que, sem lhes fazer saber, tiinha feita aliança cõ dous poderosos homeẽs assym de seerem rreys, e que outrossy descobrirõ sua poridade, nõ avendo delles tall encarrego, hordenarom que, a huõ dia certo, se viessem

¹ si comme acheter voitures, somiers, charroi a planté, semer a foison que il eussent assez blé quant au moivoir venist. FR. ² L'espace de .ii. ans pristrent a aperoillier FR. ³ Éste por que não vem no texto francês. ⁴ Castamanta FR. *Confusão entre os nomes do pai e do filho. Éste tal Casamata chamava-se Casticos e o pai d'ele Catamantaloedis, o que explica a forma Loedes no fim da frase. Cf. Bel. Gal., I, iii.* ⁵ Dommoris por Dumnorix. Cf. Dommoris FR. ⁶ Viciatus por Diviciacus. ⁷ Erro evidente de leitura: segundo por senhor. Cf. le seigneur d'Ostun FR. ⁸ Oscum por Ostun = Autun (Saône-et-Loire). ⁹ ge porchacerai legierement que je et vos serommes seigneur et roi de tote France, s'en vos ne remaint, por la force de ma gent, car je vos ferai FR. ¹⁰ regnus. ¹¹ ...Belgues,.... Celtes, Sequanois FR.

desculpar do que lhes assy era posto. E, en caso que elle achado fosse em cullpa, sem mais tardança fosse logo queymado. Ao qual dia elle logo veeo e trouve consigo todos aqueles que eram sô o seu senhorio, assy como seus ospedes e seus servidores, e os que delle ti-[fl. 21 b]nham algũa cousa ou lhe fossê obrigados por divida, assy que destes taes tiinha emtô juntos bem dez mill, per cujo esfforço elle em aquelle dia partyo d'y sem dando rreposta aas cousas que lhe forom demandadas. Entom os clutoões mandarô gentes per toda sua terra por fazerê justiça da força de Orgentoris. Mais elle, entanto, morreo. E alguũs dizem que, com temor que ouve dos clutoões, que elle per ssy meesmo sse matou. Pero, nom embargando sua morte, os clutoões nom mudarô o proposito que ante aviam cuydado. Quando elles se sentirô prestes e aparelhados, e que nã avya hi all se nom mover¹, queymarô todollos castelos e villas e casas de morada² de toda a terra, convem a ssaber: de cidades e de castellos, doze, e de villas chaãs³ nã cercadas, quatrocentas, e de casas de morada e de granyas honrradas⁴, grande numero. Queymarô outrossy todo o pam⁵ que tiinham, salvo farinha pera tres meses, que levarô comssigo. E todo este ffeito foe por tall que nã-[fl. 21 c]-huũ delles nom ouvesse esperanza de retornar a ssua terra, mais que se chegassem mais fortemente a todollos periigos. Aquelles de Torgingue⁶, e acaz⁷ e doutras terras, que eram seus vezinhos, se forô com elles de companhia e fezerô de suas villas e lugares assy como os outros aviam feito dos seus; de guisa que todo ficava destroydo⁸. Ora assy foe qu'hi nã avya mais de dous caminhos por honde elles de sua terra podessem sayr: huũ era perantre ho rryo de Rrosna⁹, como vem de Jura, o quall era tam estreito que apenas huũ cavalleiro¹⁰ soo poderia passar por elle. Este caminho estreito era contra a terra dos frâceses¹¹ e por sua estreitura pouca gente o gardaria de todo o mundo¹², por que, da hũa parte estava ho rryo de Rrosna, corrente e muy profundo, e da outra parte a montanha, direita e allta. E outro ca-

¹ que ni avoit que dou mouvoir *FR.* ² les privez recez *FR.* ³ viles champestres *FR.* ⁴ granyas *no ms.* Cf. privez manoirs *FR.* ⁵ tot le froment, fors celui qu'il devoient o els porter. ⁶ Turingue *FR.* Cf. César, *Bel. Gal.*, I, v.: Turingi. ⁷ acaz *por* assaz (açaz) *O texto francês diz:*... de Turingue et assez autre genz... ⁸ Tot fu graillié *FR.* ⁹ Rodano ¹⁰ uns chars *FR.* ¹¹ François-Sequanois ou Celtes *FR.* ¹² un po de gent poissent ce passage deffendre a demi le monde *FR.*

minho era encontra a cidade de Gevres¹, e dereito donde este rryo de Rrosna corrya antrre Bregonha e a terra dos clutoões; e per aly tiñham elles sua sayda mais larga e mais espaçosa, por que em aquele [fl. 21 d] lugar podiam os homões passar ho rryo² em muytos lugares. Gevres era a derradeira cidade de Bregonha³, e tã preto da villa que hũa das partes⁴ dos clutoões era estrema antrre elles e os bregonhoões⁵. Os clutoões cuydavam de aver com os brogonhoões, que nom avyam booa vontade aos romaños, que lhes outorgassẽ passagem per sua terra, e em caso que nom quisessem, tiinhã hordenado que passariã per hi maaõ seu grado. E huñ dia foe assinado no mes de março. convẽ a ssaber oyto dias ante das callendas d'abrill, em que todos aviam de seer juntos sobre ho rryo de Rrosna, pera passarem; no quall tempo Lucius Piso e Aulus Gabinus erã consulles em Rroma.

(*Continua*).

JEAN-BAPTISTE AQUARONE.

¹ Gevres *por* Genebra. *Cf.* Genvres *FR.* ² passer le Ronne a gué *FR.* ³ citez de Borgoingne *FR.* ⁴ *Erro por* pontes. *Cf.* et si près des Helvétois que uns pontz de la vile apertenoit a els, si que il dessevroit els et Borgoine *FR.* ⁵ Bregonhões *por* Borgonhões.

Subsídios para o estudo da assimilação em português

(Concluído do Têmo II, p. 274)

116. Com as noções que temos do vocalismo e do consonantismo portugueses, podemos já tentar o estudo da assimilação nos casos em que uma vogal está seguida de uma consoante, uma consoante está seguida de uma vogal, e uma consoante está seguida de outra consoante.

Visto que o primeiro capítulo dêste trabalho (cf. § 14) foi consagrado ao estudo da assimilação no caso em que uma vogal está seguida de outra vogal, lógico será que capítulos especiais sejam consagrados ao estudo da assimilação nos casos apontados no período anterior. Contudo, por ser muitas vezes difícil determinar as fronteiras que delimitam a acção assimilatória nesses casos, limitar-me hei neste e nos dois capítulos seguintes a tratar alguns factos particulares a êles referentes, reservando para outro, sem discriminar a natureza dos fonemas que se encontram, os factos gerais, designados pelo nome de *fenômenos fonéticos gerais*.

Dêste modo, creio eu, apreender-se há com mais facilidade e com mais precisão, o âmbito de acção dos dois princípios da *predisposição* e da *inércia*, enunciados nos §§ 5 e 6, ou seja a âmbito da assimilação em português.

Neste capítulo, que é consagrado aos casos em que uma vogal está seguida de uma consoante (cf. § 85), considerarei apenas as consoantes que podem formar sílaba com a vogal precedente, quer no corpo da palavra, quer no da frase, isto é: *l, m, n, ñ, r, ʀ, f, v, s, z, x, j*¹. As consoantes oclusivas *k, g, t, d, p, b*, serão consideradas

¹ Vulgarmente tem-se o conceito de que só formam sílaba com a vogal precedente as consoantes *l, r e s*, tendo esta última o valor de *x*.

Foneticamente, porém, também podem formar sílaba com a vogal precedente as consoantes *s, z, x, j, f, v, ʀ, m, n, ñ*, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

fôsse, dôze—que normalmente se pronunciam *fôs, dôz*, sem que as consoantes *s, z* necessitem da vogal de apoio; *rasto, rasgo*—que normalmente se pronunciam *ʀáx-tỹ, ʀáj-gũ*; *bofe, deve*—que normalmente se pronunciam *bóf, dév*, sem que as consoantes *f, v* necessitem da vogal de apoio; *Carlos, carne*—que normalmente se ouve pronunciar

no capítulo seguinte (cf. §§ 127, 128 e 129), a par das outras, quando formam sílaba com a vogal seguinte.

Pôsto isto, tratemos os factos particulares acima referidos.

117. VOGAL MAIS *l*. — Os fenómenos, que se observam quando uma vogal é seguida de *l* no corpo de uma palavra ou no de uma frase, devem ser estudados sob três aspectos: 1.º formando sílaba os dois fonemas, quer seja a vogal tónica, quer seja átona; 2.º não formando sílaba êsses dois fonemas, e sendo a vogal tónica; 3.º não formando sílaba êsses dois fonemas, e sendo a vogal átona. (Estes dois últimos aspectos pertencem propriamente ao capítulo seguinte. Cf. § 133).

Estudemos separadamente cada um destes aspectos.

118. VOGAL MAIS *l* FORMANDO SÍLABA, QUER SEJA A VOGAL TÓNICA, QUER SEJA ÁTONA. — Quando uma vogal é seguida de *l*, com a qual forma sílaba no corpo de uma palavra ou no de uma frase, quer ela seja tónica, quer não, observam-se geralmente estes dois fenómenos: o *l* velariza-se e abre-se pela acção da vogal precedente, e a vogal velariza-se e abre-se pela acção do *l* seguinte; assim: *ál, el, il, ol, ul*.

Porquê? Vejamos:

1.º A velarização e a abertura do *l* são consequências da abertura mandibular ou da abertura línguo-palatal da vogal precedente: o *l* isolado, ou seguido de vogal, profere-se normalmente com abertura mandibular inferior à das vogais abertas *á, é, ó*; e com abertura línguo-palatal superior à das vogais fechadas *i, u*.

Quando êle é precedido de vogal aberta, temos de o proferir com uma abertura mandibular de tal modo exagerada em relação à normal, que a língua é forçada a fazer uma grande curvatura na região médio-dorsal, e o ápice a fixar-se num ponto relativamente recuado da abóbada palatina. Esta circunstância modifica a abertura mandibular, e a forma e as dimensões da caixa de ressonância bucal, e consequentemente o timbre do *l*.

kár-lyx, kár-né; campo, canto, canga — que normalmente se pronunciam *kâm-py, kân-ty, kân-gã* (cf. § 124).

Na linguagem normal corrente e desafectada, as fricativas *s, z, f, v, x, j* dispensam sempre o apoio do *ê* neutro (cf. §§ 14 e 23) em posição final e de pausa. Por outras palavras: quando a vogal, que se segue a essas fricativas no corpo de uma palavra, é *ê* neutro em posição final e de pausa, ela cai, e aquelas fricativas encorporam-se na sílaba anterior.

Sôbre o conceito de *sílaba*, veja-se o trabalho magistral de Grammont, no *Traité*, p. 97 sgs.

Quando *ê* é precedido de vogal fechada, temos de o proferir com uma abertura línguo-palatal diferente da normal, mais estreita na região velar se a vogal é *u*, e mais estreita na região palatal se a vogal é *i*. Dêste modo a língua é forçada a fazer curvaturas diferentes, elevando-se na região pos-dorsal, quando a vogal precedente é *u*, e elevando-se na região pre-dorsal, quando a vogal precedente é *i*. Esta circunstância modifica a abertura línguo-palatal, e a forma e as dimensões da caixa de ressonância bucal, e conseqüentemente o timbre do *l*.

Não sendo totalmente iguais as aberturas mandibulares e as línguo-palatais, nem as formas e as dimensões da caixa de ressonância bucal, quando proferimos *al*, *el*, *ol*, *il*, *ul*, é de erer que rigorosamente o timbre do *l* não seja absolutamente idêntico em tôdas as posições indicadas. Praticamente, porém, não é fácil distinguir-se essa diferença, que teóricamente deve existir. Por isso, para efeitos práticos, considero a existência de um timbre único de *l* velar.

A natureza do *l*, pois, é alterada pela acção da vogal precedente: êste fenómeno constitui, portanto, um caso de assimilação progressiva, que afecta a abertura mandibular, a abertura línguo-palatal, o ponto de articulação, o modo de articulação e o timbre.

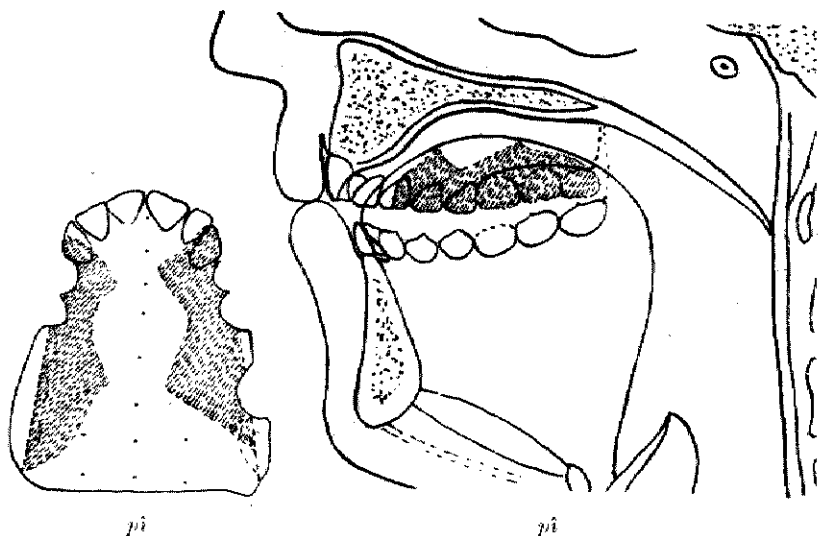
2.º A velarização e a abertura da vogal são conseqüências da abertura mandibular e da abertura línguo-palatal do *l* seguinte: cada vogal tem a sua abertura mandibular e a sua abertura línguo-palatal próprias, tôdas elas diferentes das do *l* velar.

Quando elas são seguidas desta consoante, temos de as proferir com aberturas mandibulares e línguo-palatais de tal modo diferentes em relação às normais, que a língua é forçada a tomar formas e posições tais, que as aberturas mandibulares e línguo-palatais, e as formas e as dimensões da caixa de ressonância bucal se modificam, e conseqüentemente os timbres das vogais.

A natureza das vogais, pois, é alterada pela acção do *l* seguinte: estes fenómenos constituem, portanto, casos de assimilação regressiva, que afecta a abertura mandibular, a abertura línguo-palatal, o ponto de articulação, o modo de articulação e o timbre.

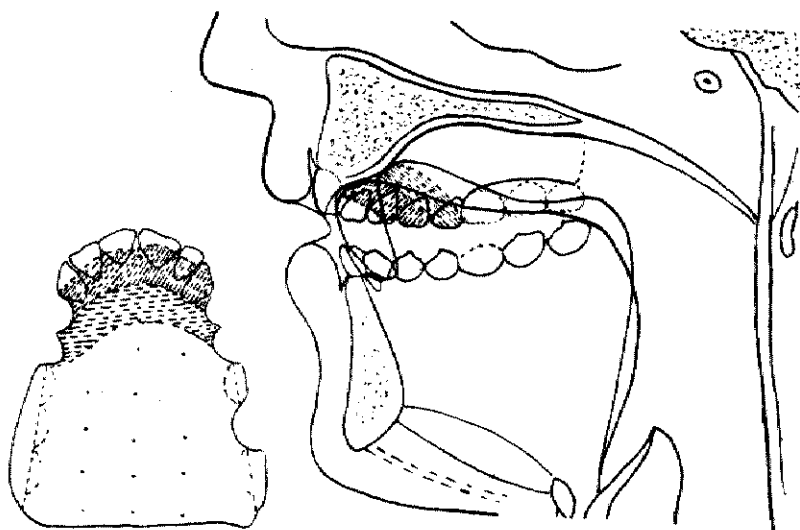
Considerados no seu conjunto, os fenómenos apontados são casos de assimilação recíproca, conforme foi notado no § 10 (cf. §§ 2 e 3).

119. No § 34 deixei indicado, com o consenso de Gonçalves Viana, que o *i* seguido de *l* velar é mais aberto que o normal; e no § 77, contrariamente à opinião daquele foneticista, que ao *u* sucede



o mesmo, prometendo voltar a falar do assunto mais desenvolvidamente no capítulo *Vogal mais consoante*.

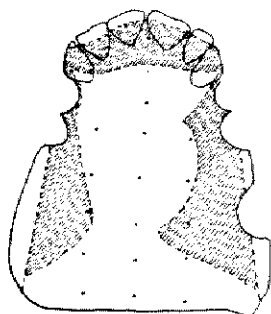
O que então disse, mantenho. A maior abertura do *i*, quando seguido de *l* velar, compreende-se, mas convém notar que se não trata da abertura mandibular, mas sim da linguo-palatal. Com efeito, enquanto o *i* normal se articula, como qualquer vogal, com os bor-



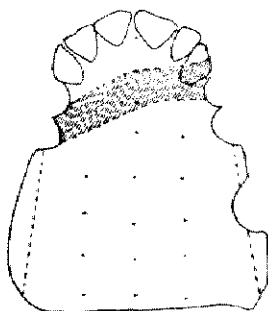
la (mancha superior)
dl (mancha inferior)

la (mancha anterior)
dl (mancha posterior)

dos laterais da língua, posteriores ao ponto de articulação, bem adaptados a toda a extensão da região alveolar dos molares superiores, quando é seguido de *l* velar esses bordos adaptam-se menos



ʎ



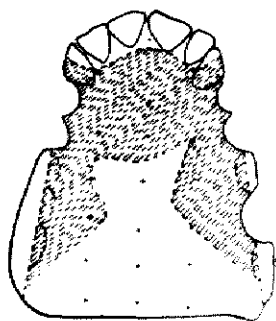
ʝ

tensamente, devido à predisposição para proferir o *l*, cuja articulação se faz precisamente com os bordos da língua desligados dessa região.

Isto determina que a abertura linguo-palatal aumente em toda a região posterior ao pre-palato, como se pode verificar da comparação dos palatogramas deste parágrafo. O abrimento do *u* seguido do *l* velar explica-se de modo análogo.

120. VOGAL TÔNICA MAIS *l*, NÃO FORMANDO SÍLABA.— Quando uma vogal é seguida de *l*, com a qual não forma sílaba no corpo de uma palavra ou no de uma frase, sendo ela tônica, observa-se uma tendência notável para que se dêem os mesmos fenômenos apontados no § 118, com estas particularidades:

1.^a A velarização do *l* não é integral, ou melhor, o *l* não se mantém velarizado durante todo o tempo da sua articulação: começa velar e termina ápico-dental (cf. § 86), o que praticamente equivale a um desdobramento do *l* em *ʎ*. O vocábulo *pala*, por ex., a par da pronúncia *pālā* (= *pā-lā*), tem correntemente estontra: *pāʎlā* (= *pāʎ-lā*).



Família

Esta velarização do *l* tem a mesma explicação que foi dada no § 118. O palatograma seguinte apresenta uma mancha mais larga que a do *l* de *lā*, e que a do *l* de *ʎl* (cf. o palatograma de *lā* e *ʎl* do § 119). Essa mancha é sensivelmente igual à soma das manchas do *l* de *lā* e do *l* de *ʎl*, o que explica o desdobramento acima refe-

rido, isto é, que no começo da articulação o ápice da língua se adapta à região pre-palatal ou médio-palatal (conforme os indivíduos¹), própria da articulação do *l* velar, e depois, sem se despegar do palato, desliza até atingir a região alveolar ou dental, própria da articulação do *l* ápico-dental.

2.^a Êste desdobramento faz que foneticamente a divisão silábica de *pala*, por ex., deva ser *pál-lã* na pronúncia normal portuguesa.

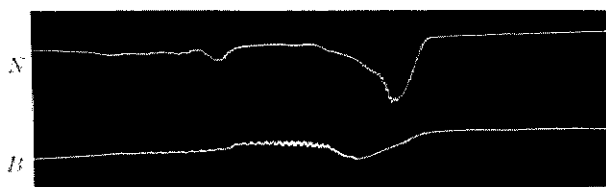
121. VOGAL ÁTONA MAIS *l*, NÃO FORMANDO SÍLABA. — Neste caso praticamente não se observa influência nenhuma do *l* sobre a vogal. Quanto à da vogal sobre o *l*, cf. § 133.

122. VOGAL MAIS CONSOANTE NASAL *m*, *n*, *ɲ*. — Os fenómenos, que se observam quando uma vogal é seguida de consoante nasal no corpo de uma palavra ou no de uma frase, devem ser estudados sob dois aspectos: 1.^o sendo a consoante nasal seguida de vogal, quer esta seja tónica, quer seja átona; 2.^o sendo a consoante nasal seguida de outra consoante.

Estudemos separadamente cada um destes aspectos.

123. VOGAL MAIS CONSOANTE NASAL SEGUIDA DE VOGAL. — As consoantes nasais, que podem no português normal encontrar-se nesta situação, são o *m* e o *n*: o *ɲ* nunca pode estar nessa situação.

Se bem que neste caso essas consoantes formem sempre sílaba com a vogal seguinte, a vogal precedente nasaliza-se mais ou menos por antecipação, como mostra a inscrição seguinte:



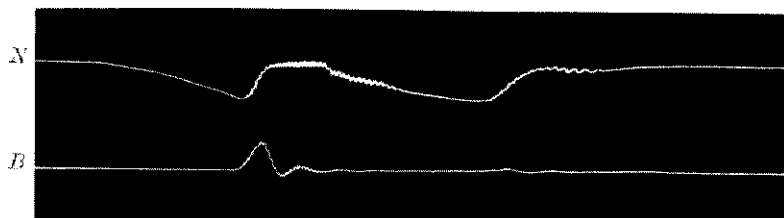
kâmã

Esta nasalização da vogal precedente constitui um exemplo de assimilação regressiva, que afecta a expiração (cf. § 12).

¹ A razão de ser desta diferença é a mesma que foi dada no § 106 sobre a diferença do ponto de articulação que se nota entre o meu *s* normal e o do Dr. Rodrigues Lapa.

124. VOGAL MAIS CONSOANTE NASAL SEGUIDA DE CONSOANTE. — As consoantes nasais que podem no português normal encontrar-se nesta situação são *m*, *n*, *ɲ*.

Neste caso a nasalização da vogal precedente é nítida. Corrobora o facto a seguinte inscrição:



kãm pũ

125. VOGAL MAIS CONSOANTE VIBRANTE *r*, *ɾ*. — De uma maneira geral não tenho observado que as vibrantes *r* e *ɾ* se alterem por acção da vogal precedente, mas é bem conhecido o fenómeno da passagem de *ẽ* para *a*, por influência do *r* e do *ɾ*: *serafim* > *sarafim*.

Sobre esta matéria tenho muito material recolhido, que estudarei desenvolvidamente, quando refizer o presente trabalho. A exemplificação é abundante.

126. VOGAL MAIS OUTRAS CONSOANTES DE UMA MANEIRA GERAL. — Como me não é possível neste momento desenvolver a matéria dêste parágrafo, vou limitar-me a transcrever o seguinte passo de Roudet¹:

«Lorsqu'une voyelle est suivie d'une consonne: [ap], [af], [am], etc., la détente de la voyelle se confond avec la tension de la consonne. La tension ou implosion de la consonne est forte, sa détente ou explosion est faible. Elle peut même manquer si le souffle ou la voix s'arrêtent avant que les organes aient quitté leur position d'articulation. En français, avant une pause, la détente manque souvent dans les constrictives: *hôtel*, *filis*. Il en est de même dans les occlusives buccales finales, il y a en général une explosion faible: *cap*, *patte*, *bock*.

Pendant la tenue de la consonne les lèvres conservent, en général, la position qu'elles avaient pendant l'articulation de la voyelle».

¹ *Ob. cit.*, p. 174.

III—Consoante mais vogal

127. *k, g* MAIS VOGAL.—Quando os fonemas *k, g* são seguidos de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase¹ formam sempre sílaba com ela, e observa-se que o ponto e o modo de articulação dessas consoantes se acomodam mais ou menos ao ponto e ao modo de articulação da vogal seguinte (cf. §§ 100 e 101)². Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva que afecta o ponto e o modo de articulação.

Os palatogramas e os esquemas dos §§ 100 e 101 comprovam este facto.

Pelo que diz respeito à vogal, se ela é final de palavra e de pausa, e é átona, ensurdece-se se a consoante precedente é *k* (cf. § 141). Estamos em presença de um caso de assimilação progressiva que afecta a sonoridade.

128. *t, d, n* MAIS VOGAL.—Quando os fonemas *t, d* são seguidos de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase³ dão-se todos os fenómenos descritos no parágrafo anterior, isto é: formam sempre sílaba com essa vogal, e observa-se que o ponto e o modo de articulação dessas consoantes se acomodam mais ou menos ao ponto e ao modo de articulação da vogal seguinte (cf. §§ 98 e 99). Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta o ponto e o modo de articulação.

Os palatogramas e os esquemas do § 98 comprovam este facto.

Pelo que diz respeito à vogal, se ela é final de palavra e de pausa, e é átona, ensurdece-se se a consoante precedente é *t* (cf. § 140). Estamos em presença de um caso de assimilação progressiva que afecta a sonoridade.

129. *p, b, m* MAIS VOGAL.—Quando os fonemas *p, b* são seguidos de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase⁴, formam

¹ Ortograficamente, nenhuma palavra termina em português em *k, g*, nem em *t, d, p, b*. Foneticamente, porém, e na frase, muitas vezes a vogal de apoio dessas oclusivas cai, o que faz que essas oclusivas se liguem à vogal inicial da palavra seguinte (cf. § 81, 3.º, por exemplo).

² Cf. Paul Passy, *Études sur les changements phonétiques et leurs caractères généraux*, § 389; e *Les sons du français*, § 234.

³ Cf. a nota do § 127.

⁴ Cf. a nota do § 127.

sempre sílaba com ela, como nos casos dos §§ 127 e 128, e observa-se que a posição dos lábios se acomoda mais ou menos à da vogal seguinte. Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva que afecta o modo de articulação. Os palatogramas e os esquemas dos §§ 96 e 97 comprovam este facto.

Pelo que diz respeito à vogal, se ela é final de palavra e de pausa, e é átona, ensurdece-se se a consoante precedente é *p* (cf. § 140). Estamos em presença de um caso de assimilação progressiva que afecta a sonoridade.

130. *f, v* MAIS VOGAL.—Quando os fonemas *f, v* são seguidos de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase, dão-se todos os fenómenos descritos no parágrafo anterior, isto é: formam sempre sílaba com essa vogal, e observa-se que a posição dos lábios se acomoda mais ou menos à da vogal seguinte. Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva que afecta o modo de articulação.

Pelo que respeita à vogal, se ela é final de palavra e de pausa, e se é átona, ensurdece-se se a consoante precedente é *f* (cf. § 141), excepto se essa vogal é *ẽ* neutro. No primeiro caso temos uma assimilação progressiva que afecta a sonoridade, e no segundo temos uma apócope, como ficou indicado na nota 1 do § 116 (cf. § 131).

131. *s, z* MAIS VOGAL.—Quando os fonemas *s, z* são seguidos de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase, dão-se todos os fenómenos descritos nos §§ 127 e 128, isto é: formam sempre sílaba com essa vogal, e observa-se que o ponto e o modo de articulação dessas consoantes se acomodam mais ou menos ao ponto e ao modo de articulação da vogal seguinte (cf. §§ 105, 106 e 107). Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta o ponto e o modo de articulação.

Os esquemas e os palatogramas do § 106 auxiliam a compreensão do que fica aqui dito.

Pelo que diz respeito à vogal, se ela é final de palavra e de pausa, e é átona, ensurdece-se se a consoante precedente é *s* (cf. § 140), excepto se essa vogal é *ẽ* neutro. No primeiro caso temos uma assimilação progressiva, que afecta a sonoridade, e no segundo temos uma apócope, como ficou indicado na nota 1 do § 116 (cf. § 130).

132. *x, j* MAIS VOGAL.—Quando os fonemas *x, j* são seguidos de vogal no corpo de uma palavra, dão-se todos os fenómenos descritos no parágrafo anterior, isto é: formam sempre sílaba com essa

vogal, e observa-se que o ponto e o modo de articulação dessas consoantes se acomodam mais ou menos ao ponto e ao modo de articulação da vogal seguinte (cf. § 108). Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta o ponto e o modo de articulação.

O esquema e o palatograma do § 108 auxiliam a compreensão do que fica dito aqui.

Pelo que diz respeito à vogal, o que ficou dito no § 131 é inteiramente aplicável aqui.

133. *l* MAIS VOGAL.—Quando o fonema *l* é seguido de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase, dão-se na generalidade todos os fenómenos descritos nos parágrafos anteriores, isto é: forma sempre sílaba com essa vogal, e observa-se que o ponto e o modo de articulação dessa consoante se acomoda mais ou menos ao ponto e ao modo de articulação da vogal seguinte (cf. § 113). Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta o ponto e modo de articulação. Além destes fenómenos de carácter geral, dão-se os apontados no § 120.

Pelo que diz respeito à vogal, nada particular observo, salvo a queda muitas vezes de *ê* neutro, quando em posição de final e de pausa, como ficou dito nos §§ 130, 131 e 132.

134. *r* MAIS VOGAL.—Quando o fonema *r* é seguido de vogal no corpo de uma palavra ou no de uma frase, dão-se na generalidade todos os fenómenos descritos no parágrafo anterior, isto é: forma sempre sílaba com essa vogal, e observa-se que o ponto e o modo de articulação dessa consoante se acomoda mais ou menos ao ponto e ao modo de articulação da vogal seguinte (cf. § 109). Estamos em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta o ponto e o modo de articulação.

Pelo que diz respeito à vogal, nada particular observo.

135. *ɾ* MAIS VOGAL.—Salvo êrro, tudo quanto ficou dito no parágrafo anterior é aqui aplicável.

IV—Consoante mais consoante

136. Os fenómenos, que se observam quando uma consoante é seguida de outra consoante no corpo de uma palavra ou no de uma frase, devem ser estudados sob dois aspectos gerais: 1.º formando grupo os dois fonemas; 2.º não formando grupo êsses dois fonemas.

Como o desenvolvimento da matéria dêste capítulo me levaria muito longe e o tempo me escasseia, limito-me agora a enunciar-la. Em outra oportunidade, quando refizer o presente trabalho, como penso, procurarei estudar com desenvolvimento êste capítulo.

Em parte supre esta falta o que adiante digo no capítulo seguinte.

V—Fenómenos fonéticos

137. Os fenómenos fonéticos podem ser distribuídos em três grupos, como segue:

A) Os de natureza orgânica (algumas assimilações).

B) Os de natureza psicológica (analogias).

C) Os de natureza estética (eufonia).

Aqui só me occuparei dos fenómenos do primeiro grupo.

138. FENÓMENOS FONÉTICOS DE NATUREZA ORGÂNICA.—Os fenómenos fonéticos de natureza orgânica são os que se produzem pela antecipação e pela inércia, isto é, são as assimilações.

Pertencem em geral a esta categoria: a *sonorização* (ou *abrandamento*), o *ensurdecimento*, o *aparecimento*, a *queda*, a *africação*, o *abrimento*, o *fechamento*, a *nasalação*, a *desnasalação*, a *vocalização*, a *consonantização*, a *labialização*, a *palatalização*, a *velarização*, a *metátese*.

Vou estudar em separado a *sonorização*, o *ensurdecimento*, a *africação*, o *abrimento* e o *fechamento*, a *nasalação* e a *vocalização*.

139. SONORIZAÇÃO (ou ABRANDAMENTO).—Chama-se *sonorização* à passagem de um fonema surdo (sempre *consoante*) a sonoro.

Os casos de sonorização que se observam em português são:

-t-	(intervocálico)	-d-	: DATU- > <i>dado</i> .
-k-	(")	-g-	: PACARE > <i>pagar</i> .
-p-	(")	-b-	: CAPU- > <i>cabo</i> .
-s-	(")	-z-	: CASA- > <i>caza</i> .
-f-	(")	-v-	: ACRIFICE- > <i>ourives</i> .
-tr-	(")	-dr-	: PUTRE- > <i>podre</i> .
-kr-	(")	-gr-	: SOCRU- > <i>sogro</i> .
-pr-	(")	-br-	: CAPRA- > <i>cabra</i> .
-fr-	(")	-vr-	: AFRICU- > <i>avrego</i> .

Como explicar estes fenómenos? Temos aqui uma sucessão de três fonemas, o primeiro sonoro, o segundo surdo, e o terceiro so-

noro, o que equivale a dizer que temos três atitudes das cordas vocais: primeiramente elas vibram, depois cessam de vibrar, e finalmente voltam a vibrar. Esta paragem da vibração das cordas vocais para pouco depois recomeçar, implica certo esforço, a que o organismo procura furtar-se. Além disso, devido à inércia, há tendência para que a vibração das cordas vocais se prolongue depois de se proferir a primeira vogal, e, devido à predisposição, há tendência para que se antecipe a vibração das cordas vocais antes de se proferir a segunda vogal.

Resulta daqui que, não interrompendo as cordas vocais a sua vibração, a consoante surda inter-vocálica torna-se sonora.

Esta sonorização é um fenómeno de assimilação regressiva e progressiva ao mesmo tempo, que afecta a sonoridade (cf. §§ 10 e 12).

140. ENSURDECIMENTO. — Chama-se *ensurdecimento* à passagem de um fonema sonoro (*consoante* ou *vogal*) a surdo.

Os casos de ensurdecimento que se observam em português são :

-bt- (intervocálico)	-pt- : obter = ðptêr.
-bk- (")	-pk- : subconciente = sùpkõnsiêntě.
-bp- (")	-pp- : sob pena = sòp pēnă.
-bs- (")	-ps- : subsidio = sùpsidiũ.
-bf- (")	-pf- : sob forma = sòp fòrmă.
-bx- (")	-px- : sub chefe = sùp xěfě.
-dt- (")	-tt- : ped(e) tudo = pèt tādũ.
-dk- (")	-tk- : adquirir = ðtkirir.
-dp- (")	-tp- : ped(e) peras = pèt pērăx.
-ds- (")	-ts- : ped(e) sal = pèt sâl.
-dx- (")	-tx- : ped(e) xá = pèt xă.
-df- (")	-tf- : ped(e) favas = pèt fávăx.
-gk- (")	-kk- : pag(ue) caro = pàk kără.
-gt- (")	-kt- : pag(ue) tudo = pàk tādũ.
-gp- (")	-kp- : pag(ue) pouco = pàk pòkũ.
-gs- (")	-ks- : pag(ue) seis = pàk sâix.
-gx- (")	-kx- : pag(ue) xá = pàk xă.
-gf- (")	-kf- : pag(ue) favas = pàk fávăx.
-vf- (")	-ff- : houv(e) festa = ðf fěxtě.
-vt- (")	-ft- : dev(e) tudo = ðěf tādũ.
-vp- (")	-fp- : dev(e) pouco = ðěf pòkũ.
-vk- (")	-fk- : dev(e) quatro = ðěf kŭátřũ.

-vs-	(intervocálico)	-fs-	: <i>dev(e) seis</i> = <i>děf sâix</i> .
-vx-	(")	-fx-	: <i>prov(e) xá</i> = <i>pròf xá</i> .
-jx-	(")	-xx-	: <i>hoje chov(e)</i> = <i>òx xóvẽ</i> .
-jp-	(")	-xp-	: <i>reg(e) pouco</i> = <i>rêx pôkũ</i> .
-jt-	(")	-xt-	: <i>reg(e) tudo</i> = <i>rêx tâdũ</i> .
-jk-	(")	-xk-	: <i>hoj(e) quere</i> = <i>òx kër</i> .
-js-	(")	-xs-	: <i>hoj(e) saio</i> = <i>òx sâĩũ</i> .
-jf-	(")	-xf-	: <i>hoj(e) faço</i> = <i>òx fásũ</i> .
-zs-	(")	-ss-	: <i>doz(e) selos</i> = <i>dôs sêlũx</i> .
-zp-	(")	-sp-	: <i>doz(e) pés</i> = <i>dôs péx</i> .
-zt-	(")	-st-	: <i>doz(e) torres</i> = <i>dôs tôrẽx</i> .
-zk-	(")	-sk-	: <i>doz(e) cartas</i> = <i>dôs kártũx</i> .
-zf-	(")	-sf-	: <i>doz(e) facas</i> = <i>dôs fúkũx</i> .
-zx-	(")	-sx-	: <i>doz(e) chaves</i> = <i>dôs xávẽx</i> .
-lp-	(")	-lp-	: <i>tal pai</i> = <i>tâl pâĩ</i> .
-lt-	(")	-lt-	: <i>tal tempo</i> = <i>tâl tẽmpũ</i> .
-lk-	(")	-lk-	: <i>sol quente</i> = <i>sòl kẽntũ</i> .
-lf-	(")	-lf-	: <i>mal feito</i> = <i>mâl fãitũ</i> .
-ls-	(")	-ls-	: <i>tal santo</i> = <i>tâl sântũ</i> .
-lx-	(")	-lx-	: <i>tal xá</i> = <i>tâl xá</i> .
-rp-	(")	-rp-	: <i>corpo</i> = <i>kòrpũ</i> .
-rt-	(")	-rt-	: <i>carta</i> = <i>kártũ</i> .
-rk-	(")	-rk-	: <i>turco</i> = <i>tũrkũ</i> .
-rs-	(")	-rs-	: <i>fôrça</i> = <i>fòrsã</i> .
-rf-	(")	-rf-	: <i>garfo</i> = <i>gãrfũ</i> .
-rx-	(")	-rx-	: <i>marcha</i> = <i>mãrxũ</i> .
-mp-	(")	-mp-	: <i>campo</i> = <i>kãmpũ</i> .
-mt-	(")	-mt-	: <i>dam(e) tudo</i> = <i>dãm tâdũ</i> .
-mk-	(")	-mk-	: <i>dam(e) quatro</i> = <i>dãm kũátrũ</i> .
-mf-	(")	-mf-	: <i>dá-m(e) fatos</i> = <i>dãm fãtũx</i> .
-ms-	(")	-ms-	: <i>dá-m(e) seis</i> = <i>dãm sâĩũ</i> .
-mx-	(")	-mx-	: <i>dá-m(e) xá</i> = <i>dãm xá</i> .
-np-	(")	-np-	: <i>joven pobre</i> = <i>jovẽũ póbrẽ</i> .
-nt-	(")	-nt-	: <i>tanto</i> = <i>tãntũ</i> .
-nf-	(")	-nf-	: <i>infante</i> = <i>ĩnfãntũ</i> .
-ns-	(")	-ns-	: <i>manso</i> = <i>mãpsũ</i> .
-nx-	(")	-nx-	: <i>mancha</i> = <i>mãpxũ</i> .
-nk-	(")	-nk-	: <i>tanque</i> = <i>tãnkũ</i> .

Todos estes casos de ensurdecimento são fenómenos de assimilação regressiva, que afecta a sonoridade.

Os seguintes casos são de assimilação progressiva, que também afecta a sonoridade:

-pa (final de palavra)	-pa: <i>papa</i> = <i>pápă</i> .
-pe (» » »)	-pe: <i>poupe</i> = <i>pôpě</i> .
-pu (» » »)	-pu: <i>tempo</i> = <i>têmpŭ</i> .
-ka (» » »)	-ka: <i>foca</i> = <i>fókă</i> .
-ke (» » »)	-ke: <i>toque</i> = <i>tôkě</i> .
-ku (» » »)	-ku: <i>mouco</i> = <i>môkŭ</i> .
-ta (» » »)	-ta: <i>pata</i> = <i>pătă</i> .
-te (» » »)	-te: <i>pote</i> = <i>pôtě</i> .
-tu (» » »)	-tu: <i>porto</i> = <i>pôrtŭ</i> .
-sa (» » »)	-sa: <i>peça</i> = <i>pêsă</i> .
-se (» » »)	-se: <i>posse</i> = <i>pôsě</i> .
-su (» » »)	-su: <i>poço</i> = <i>pôsŭ</i> .
-xa (» » »)	-xa: <i>faxa</i> = <i>făxă</i> .
-xe (» » »)	-xe: <i>feixe</i> = <i>făixě</i> .
-xu (» » »)	-xu: <i>mocho</i> = <i>môxŭ</i> .
-fa (» » »)	-fa: <i>mofa</i> = <i>môfă</i> .
-fe (» » »)	-fe: <i>bofe</i> = <i>bôfě</i> .
-fu (» » »)	-fu: <i>mofo</i> = <i>môfŭ</i> .

114. AFRICAÇÃO.—Chama-se *africação* à passagem de uma consoante oclusiva a africada (cf. § 103).

Os casos de africação que se observam em português são:

-d- (inter-vocálico)	-d-: <i>moda</i> = <i>módă</i> .
-b- (» » »)	-b-: <i>lobo</i> = <i>lôbŭ</i> .
-g- (» » »)	-g-: <i>logo</i> = <i>lôgă</i> .

Como explicar estes fenómenos? Temos aqui uma sucessão de três fonemas, o primeiro vocálico, o segundo oclusivo, e o terceiro vocálico, o que equivale a dizer que temos três atitudes do canal bucal: primeiramente ele está livremente aberto para proferir a primeira vogal; depois ele cerra-se completamente para proferir a consoante oclusiva; finalmente ele volta a estar livremente aberto para proferir a outra vogal. Esta interrupção na abertura livre do canal bucal, para pouco depois voltar a estar livre, implica certo esforço, a que o organismo procura furtar-se. Além disso, devido à inércia, há tendência para que a abertura livre do canal bucal se conserve depois de se proferir a primeira vogal, e, devido à predis-

posição, há tendência para que se antecipe a abertura livre do canal bucal antes de se proferir a segunda vogal.

Resulta daqui que, não interrompendo o canal bucal a abertura, a consoante oclusiva intervocálica deixa de existir, isto é, cai; se essa interrupção não fôr perfeita, isto é, se a oclusão continuar a existir, mas frouxamente, com fraca tensão muscular, de modo que permita o escape do ar expirado, a consoante produz-se, sim, mas *africadamente*.

Antes de fechar este parágrafo, ocorre perguntar a razão por que a africacão só atinge as oclusivas sonoras e não as surdas.

142. ABRIMENTO E FECHAMENTO.—Como os próprios termos o indicam, *abrimento* é o aumento, e *fechamento* é a diminuição, em relação à normal, da abertura mandibular ou da abertura línguo-palatal de um fonema.

Antes de apontarmos os casos de abrimento e de fechamento de carácter assimilatório, convém fazer uma digressão acêrca do que seja *abertura mandibular* e acêrca do que seja *abertura línguo-palatal* de um fonema.

Todos os fonemas, quer vogais, quer consoantes, têm de ter no seu mecanismo duas espécies de aberturas: a *abertura mandibular* e a *abertura línguo-palatal*.

A *abertura mandibular* é aquela que é formada pelo afastamento das mandíbulas; a *abertura línguo-palatal* é aquela que é formada pelo espaço compreendido entre a superfície da língua e a abóbada palatina.

Quando pronunciamos determinado fonema normalmente, as duas aberturas têm de contribuir no seu conjunto de uma maneira compensatória: se a abertura mandibular se desvia, a abertura línguo-palatal procura instintivamente compensar êsse desvio; vice-versa, se a abertura línguo-palatal se desvia, a abertura mandibular procura também instintivamente compensar êsse desvio.

É esta compensação recíproca que faz que o timbre de determinado fonema se mantenha com certa uniformidade, apesar das muitas circunstâncias que concorrem para os desvios das aberturas, como o mecanismo dos fonemas vizinhos no corpo das palavras, e a conformação da bôca de cada individuo que fala.

Sendo assim, não têm razão Roudet e Grammont, quando dizem respectivamente:

«*La mâchoire inférieure peut s'éloigner plus ou moins de la mâchoire supérieure, de manière à former avec elle un angle plus ou*

moins grand. On dit qu'une voyelle est ouverte par rapport à une autre quand l'angle des deux mâchoires est plus grand; elle est fermée quand elle est plus petit. Par exemple, [i] est fermé par rapport à [é]; [a] est ouvert par rapport à [è]. Il faut noter toutefois qu'avec la même ouverture des mâchoires, on peut prononcer des voyelles ouvertes ou fermées. Le degré d'ouverture du canal formé par la langue et le palais a beaucoup plus d'importance que le degré d'ouverture de la mâchoire¹.

«Parmi les multiples nuances que peut présenter chaque type de voyelles, on en distingue essentiellement trois, auxquelles on donne les noms de *fermées*, *ouvertes* et *moyennes*. Ces appellations reposent sur l'observation du mouvement des mâchoires qui s'écartent plus ou moins l'une de l'autre pour l'émission des diverses voyelles; la mâchoire inférieure s'abaisse et forme avec la mâchoire supérieure un angle plus ou moins ouvert, qu'il est facile de mesurer entre les incisives supérieures et inférieures, par exemple au moyen d'un objet conique tel que la pointe d'un crayon. En français cet écartement va en moyenne de 1 millimètre pour l'i fermé à 10 millimètres pour l'a ouvert. Il constitue ce qu'on appelle l'*ouverture buccale*. Dans une articulation normale, exempte de toute gêne et de toute contrainte, cette ouverture correspond à l'*aperture* de la voyelle, c'est-à-dire à l'écartement des organes au point d'*articulation*. Cette dernière est seule essentielle, puisque l'on peut parler avec un crayon ou un tuyau de pipe entre les dents, c'est-à-dire avec une écartement des mâchoires immuable, sans que les voyelles émises cessent de faire une impression correcte sur l'oreille. Mais cette impression correcte n'est obtenue que par un système de compensations, les organes prenant à l'intérieur de la bouche des positions qui ne sont plus tout à fait les positions normales, mais qui sont telles qu'elles contrebalancent le défaut provenant d'une ouverture buccale fixe. D'autre part il est toujours difficile de mesurer exactement l'aperture d'une voyelle donnée, en sorte que l'ouverture buccale, qui normalement lui est parallèle et qui est aisément mesurable, offre le seul moyen pratique d'apprécier l'aperture»².

Se considerarmos determinado fonema isoladamente e com pronúncia normal, éle tem de ter certa abertura mandibular, e certa abertura línguo-palatal.

¹ Roudet, *ob. cit.*, § 42, 2.º

² Grammont, *ob. cit.*, p. 85.

No corpo da palavra, porém, essas aberturas estão sujeitas a desvios provocados pelo fonema anterior e pelo fonema posterior: no primeiro caso actua a inércia, e êsse desvio constitui uma assimilação progressiva; no segundo caso actua a predisposição, e êsse desvio constitui uma assimilação regressiva; em ambos êsses casos essas assimilações affectam a abertura.

Os fenómenos que resultam do que fica exposto podem ser distribuídos em quatro grupos: 1.º *abrimento provocado pelo fonema anterior*; 2.º *abrimento provocado pelo fonema posterior*; 3.º *fechamento provocado pelo fonema anterior*; 4.º *fechamento provocado pelo fonema posterior*.

Exemplifiquemos cada um dêstes grupos:

1.º *Abrimento provocado pelo fonema anterior*. — É um exemplo disto o que ficou exposto no § 118, 1.º, a propósito do *l* precedido de vogal, com que forma sílaba;

2.º *Abrimento provocado pelo fonema posterior*. — É um exemplo disto o que ficou exposto no § 119 a propósito do *i* e do *u* seguidos de *l*, com que formam sílaba;

3.º *Fechamento provocado pelo fonema anterior*. — É um exemplo disto o *l* precedido de *i* ou de *u* (cf. § 119);

4.º *Fechamento provocado pelo fonema posterior*. — É um exemplo disto o que ficou exposto nos §§ 42 a 49 a propósito da passagem do ditongo *ai* a *ei*.

143. NASALAÇÃO. — Chama-se *nasalação* à passagem de um fonema oral (vogal ou consoante) a nasal (cf. § 94).

O problema da nasalação em português pode ser considerado sob dois aspectos: quando affecta as vogais, e quando affecta as consoantes.

Quando affecta as vogais pode ser de origem espontânea, de origem analógica, e de origem assimilatória; quando affecta as consoantes é sempre de origem assimilatória, salvo êrro.

Tratemos de cada um dêstes casos em separado:

1.º *Nasalação vocálica de origem espontânea*. — É de crer que os casos de nasalação, que aqui vou tratar, tenham uma razão de carácter fonético, mas eu é que a não conheço. Por isso limito-me a apontar o facto, e a exemplificá-lo:

exame > *inzame*.

exemplo > *inzemplo*.

até > *inté*.

2.º *Nasalação vocálica de origem analógica*.—Como o próprio título o indica, os casos de nasalação, que aqui vou tratar, são originados pela acção analógica de vocábulos nasais:

sim por *si* < *SIC* por analogia com *não*.

tím (arc.) por *ti* < *TIBI* por analogia com *mim*.

sim (arc.) por *si* < *SIBI* por analogia com *mim*.

3.º *Nasalação vocálica de origem assimilatória*.—Os casos de nasalação vocálica de origem assimilatória provêm sempre da acção de uma consoante nasal vizinha precedente ou seguinte¹: se essa consoante vizinha precede a vogal, a nasalação é progressiva; se a segue, é regressiva; no primeiro caso ela é devida à inércia, e no segundo à antecipação; no primeiro caso há uma assimilação progressiva, e no segundo uma assimilação regressiva; em ambos êsses casos essas assimilações affectam a expiração.

São exemplos de nasalação vocálica progressiva:

muito > *mũitu*.

mi > *mĩ* (mim).

ne(c) > *nẽi* (nem).

São exemplos de assimilação vocálica regressiva:

BONU- > *bõ* (bom).

MANU- > *mãũ* (mão).

4.º *NASALAÇÃO CONSONÂNTICA*.—A nasalação consonântica é sempre de origem assimilatória, e provêm sempre da acção de uma consoante nasal vizinha: se essa consoante nasal vizinha precede a oral, a nasalação é progressiva; se a segue, é regressiva; no primeiro caso ela é devida à inércia, e no segundo à antecipação; no primeiro caso há uma assimilação progressiva, e no segundo uma assimilação regressiva; em ambos êsses casos essas assimilações affectam a expiração.

São exemplos de nasalação consonântica progressiva:

TAMBÉM > *tamẽi*.

PLUMBU- > *prumo*.

¹ Roudet, *ob. cit.*, § 53, diz que só pode ser seguinte (?): «Les voyelles nasales n'existent pas dans toutes les langues, et dans les idiomes où elles se rencontrent, elles sont toujours le résultat d'une évolution phonétique. Elles sont issues d'une voyelle pure suivie d'une consonne nasale [n], [ɲ], [ɳ], [m] (n.º 81).

São exemplos de nasalação consonântica regressiva:

SUBMETER > *summeter* > *sumeter*.

ADMOESTAR > *ammoestar* > *amoestar*.

Como explicar estes fenómenos?—Estudemos em separado um exemplo de cada caso.

a) NASALAÇÃO VOCÁLICA PROGRESSIVA: *mi* > *nim*.—Temos aqui uma sucessão de dois fonemas, o primeiro nasal e o segundo oral, o que equivale a dizer que temos duas atitudes sucessivas do véu palatino: primeiramente ele está na posição de indiferença para proferir a consoante nasal, e depois adapta-se às paredes da faringe para proferir a vogal oral. Esta mudança de posição não se faz sem certo esforço, mormente se quisermos que essa mudança se faça em determinado momento. Resulta daqui que, devido à inércia, o véu palatino só se adapta às paredes da faringe já quando estamos a proferir a vogal, o que faz que esta se nasalize. Estamos, pois, em presença de um caso de assimilação progressiva, que afecta a expiração.

b) NASALAÇÃO VOCÁLICA REGRESSIVA: *BONU-* > *bom*.—Temos aqui uma sucessão de dois fonemas, o primeiro oral e o segundo nasal, o que equivale a dizer que temos duas atitudes sucessivas do véu palatino: primeiramente ele está adaptado às paredes da faringe para proferir a vogal oral, e depois coloca-se na posição de indiferença para proferir a consoante nasal. Esta mudança de posição não se faz sem certo esforço, mormente se quisermos que essa mudança se faça em determinado momento. Resulta daqui que, devido à predisposição, o véu palatino se coloca na posição de indiferença ainda quando se está proferindo a vogal, o que faz que esta se nasalize. Estamos, pois, em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta a expiração.

c) NASALAÇÃO CONSONÂNTICA PROGRESSIVA: *também* > *tamêi*.—Temos aqui uma sucessão de dois fonemas, o primeiro nasal e o segundo oral, o que equivale a dizer que temos duas atitudes sucessivas do véu palatino: primeiramente ele está na posição de indiferença para proferir a consoante nasal, e depois adapta-se às paredes da faringe para proferir a consoante oral. (Cf. a)¹.

¹ É vulgar supor-se que na passagem de *também* a *tamém* o fenómeno que se deu foi a queda do *b*. Tenho como certo que esta explicação não é verdadeira. Creio que a evolução é:

também > *tam-mém* > *tamém*.
tãmbêi > *tãmmâi* > *tãmâi* > *tãmâi*.

d) NASALAÇÃO CONSONÂNTICA REGRESSIVA: *submeter* > *sume-ter*. — Temos aqui uma sucessão de dois fonemas, o primeiro oral e o segundo nasal, o que equivale a dizer que temos atitudes sucessivas do véu palatino: primeiramente êle está adaptado às paredes da faringe para proferir a consoante oral, e depois coloca-se na posição de indiferença para proferir a consoante nasal. Como nos casos anteriores, esta mudança de posição não se faz sem certo esforço, mormente se quisermos que essa mudança se faça em determinado momento. Resulta daqui que, devido à predisposição, o véu palatino se coloca na posição de indiferença ainda quando se está proferindo a consoante oral *b*, o que faz que esta se nasalize. Estamos, pois, em presença de um caso de assimilação regressiva, que afecta a expiração.

144. VOCALIZAÇÃO. — Chama-se *vocalização* à passagem de uma consoante a vogal.

Os casos de vocalização que se observam em português são:

-ct- (inter-vocálico lat.)	-it- : PECTU- > <i>peitu</i> .
-ct- (" " ")	-ut- : ACTU- > <i>autu</i> .
-pt- (" " ")	-it- : PRAECEPTU- > <i>preceito</i> .
-pt- (" " ")	-ut- : BAPTISTA > <i>bautista</i> .
-lt- (" " ")	-it- : MULTU- > <i>multo</i> .
-lt- (" " ")	-ut- : SALTU- > <i>souto</i> .
-lp- (" " ")	-up- : PALPARE > <i>poupar</i> .
-gn- (" " ")	-in- : REGNU- > <i>reino</i> .
-gr- (" " ")	-ir- : INTEGRU- > <i>inteiro</i> .
-dr- (" " ")	-ir- : CATHEDRA- > <i>cadeira</i> .

Estudemos separadamente cada um destes casos:

1.º ¿Como é que teria passado PECTU-, por ex., a *peito*? Temos aqui uma sucessão de três fonemas: *e*, *k*, *t*, o que equivale a dizer que temos uma sucessão de três posições dos órgãos da fala: primeiramente, para só falarmos da língua, esta eleva-se na região pre-dorsal para proferir o *e*; seguidamente deixa esta posição para se elevar na região pos-dorsal para proferir o *k*; finalmente deixa esta última posição para se elevar na região apical para proferir o *t*. Ora, isto representa uma ginástica algo complicada. Resulta daqui que, devido à predisposição, quando o pos-dorso vai elevar-se para a produção do *k*, já o ápice da língua se prepara para proferir o *t*, fazendo que a oclusão velar do *k* se não complete. Como a oclusão ápico-dental só se completa depois da oclusão, completa ou não,

dorso-velar do *k*, não chegando esta a completar-se há um momento em que a saída do ar fica livre, produzindo-se por isso uma vogal.

Esse canal formado devia ter tido primeiramente dois apertos: um na região velar, resíduo da oclusão do *k*, e o outro na região pre-palatal, preparação da oclusão do *t*. Como a simultaneidade desses dois apertos não corresponde a articulação de nenhum fonema vocálico português, ela não podia manter-se: um desses apertos teve de prevalecer: prevalecendo o ápico-palatal, a vogal resultante seria um *i*; prevalecendo o dorso-velar, a vogal resultante seria um *u*. Dos dois casos há exemplos em português: ACTU- > *aito*, ACTU- > *auto*.

2.º ¿Como é que teria passado REGNU-, por ex., a *reino*? Aqui a explicação é idêntica à anterior.

3.º ¿Como é que teria passado PRAECEPTU-, por ex., a *preceito*? Como nos casos anteriores, temos aqui uma sucessão de três fonemas, *e*, *p*, *t*, o que equivale a dizer que temos uma sucessão de três posições dos órgãos da fala: primeiramente temos o canal bucal desimpedido para proferir a vogal *e*; depois esse canal fecha-se na região labial para proferir o *p*; finalmente os lábios descerram-se no momento da explosão do *p*, e logo a seguir o canal fecha-se na região dental para proferir o *t*. Antes, porém, de se fazer a oclusão ápico-dental, por momentos mais ou menos longos o canal fica livre, com um apêrto na região pre-palatal, proveniente da predisposição para pronunciar o *t*, o que faz que haja entre o *p* e o *t* um elemento vocálico mais ou menos perceptível, conforme o espaço de tempo em que estiver livre o canal, e de timbre de *i* ou de *ê*, conforme se dá o apêrto no pre-palato ou no médio-palato. Isto é que explica que haja quem diga *opetar*, e haja quem diga *opitar*.

A existência dessa desobstrução momentânea do canal bucal é infalível, por mais momentânea que ela seja. Com efeito, se no momento em que abrimos os lábios para proferir o *p*, estivesse já feita a oclusão ápico-dental, uma de duas sucederia: se se desfizesse nesse momento a oclusão ápico-dental, o que se produziria seria o *t* e não o *p*; se se não desfizesse a oclusão ápico-dental, o *p* não chegaria a produzir-se.

Ora, se essa desobstrução é forçosa, a predisposição para pronunciar o *t* faz que a oclusão dos lábios não seja completa, produzindo-se então uma vogal clara. O canal que se formou tem um apêrto na região pre-palatal, preparação da oclusão do *t*, ponto de articulação do *i*.

4.º ¿Como é que teria passado MULTU-, por ex., a *muito*? Como nos casos anteriores, temos aqui uma sucessão de três fonemas, *u*,

, *t*, o que equivale a dizer que temos uma sucessão de três posições dos órgãos da fala: primeiramente, para só falarmos da língua, esta recua um pouco e eleva-se na região pos-dorsal para proferir o *u*; depois deixa esta região para se elevar na região apical para proferir o *l*; finalmente, sem se descolar o ápice da abóbada palatina, os lados da língua adaptam-se à região alveolar dos molares superiores para proferir o *t*. Ora, isto representa uma ginástica complicada. Resulta daqui que, devido à predisposição, quando o ápice vai elevar-se para produzir o *l*, já os bordos laterais da língua se preparam para proferir o *t*, fazendo que a oclusão lateral se faça prematuramente, e que a apical se não complete. Durante esse levantamento dos bordos laterais, a pressão do ar expirado, vencendo a fraca tensão muscular, despega o ápice da língua da região pre-palatal, sai livremente e produz uma vogal. Essa vogal será *i*, se o estreitamento do canal bucal é a região pre-palatal, e é *u* se esse estreitamento é na região pos-palatal.

5.º ; Como é que teria passado PALPARE, por ex., a *poupar*? Temos aqui, como nos casos anteriores, uma sucessão de três fonemas, *a*, *l*, *p*, o que equivale a dizer que temos uma sucessão de três posições dos órgãos da fala: primeiramente a boca abre-se para proferir o *a*; depois o ápice da língua adapta-se à região pre-palatal para proferir o *l*; finalmente a língua retoma a posição normal de repouso, e os lábios cerram-se para proferir o *p*. A predisposição para proferir o *p* faz que a adaptação do ápice da língua ao pre-palato se faça imperfeitamente, o que redundará na produção de uma vogal.

R. DE SÁ NOGUEIRA.

Figuras de colorido na lírica de Camões

Camões, integrado no movimento renascentista do século XVI, mas ainda trovador, como trovador foi Petrarca, deixou-nos uma obra, em que se reflectem influências clássicas, italianas e trovadorescas, mas que tem muito de pessoal, pois que é uma obra de génio.

Alma profundíssima de poeta, Camões soube dar expressão a todo o mundo imenso de emoções que vivia dentro de si, enriquecendo-o de elementos estranhos, que, não lhe tirando a personalidade, o tornaram mais fértil e potente. Tratando os mesmos temas que os poetas em que se inspira, fá-lo com um tal cunho de sinceridade e de verdade profunda, que sente-se bem terem sido esses temas jocirados e vivificados na sua própria alma. Por vezes artificial nas abstrações platónicas e conceitos petrarquistas do amor, eleva-se, quasi sempre, a uma grande naturalidade, pela verdade humana que a sua poesia encerra.

Alma de recursos abundantíssimos, o seu lirismo jorra espontâneo em torrentes de inspiração. Alma tocada pela dor, o seu lirismo tem a grandeza e a profundidade do mar, que «em pequeno vaso se encerra».

Esta inspiração, espontânea e profunda, reveste-a Camões de forma ampla, fluente, elegante, mas simples e despretenciosa. Certos processos estilísticos, cujo abuso provocou depois o culteranismo do século XVII, aparecem já em Camões, com trocadilhos, antíteses, simetrias, etc., mas ainda sóbria e, por vezes mesmo, artisticamente empregadas. Também as figuras de colorido, de que o culteranismo abusou, são usadas por Camões, com equilíbrio de artista e delicadeza de poeta. Metáforas, símbolos e comparações jorram com a mesma fluidez e naturalidade que tem toda a sua linguagem. Não são artificiais, nem demasiadamente abundantes, acotovelando-se mutuamente, como mais tarde succedeu no século XVII; não têm também aquele pitoresco, de que os românticos foram os grandes cultores, procurando sempre sensações, com que abalassem a sensibilidade. Utilizadas por um clássico, que é também artista, são essas figuras de colorido em Camões adorno sóbrio e comedido, mas belo e rico de expressividade. Não aparecem compostas artificialmente, apenas para embelezamento de estilo, mas como que brotam espontânea-

mente e conservam por isso a frescura e a graça de tudo o que é simples e natural.

Neste trabalho propus-me fazer a apreciação estética dessas figuras de colorido — metáforas, símbolos e prosopopeia — usadas por Camões na sua obra lírica; analisá-las minuciosamente, para melhor apreender toda a beleza de forma e de fundo que possam conter. Tirar depois conclusões críticas, sugeridas por essa análise.

Obedecendo a este plano, dividi o trabalho em três partes:

Na 1.^a, estudei as metáforas, símbolos e comparações, agrupando-as conjuntamente, segundo o seu pensamento comum.

Na 2.^a, a prosopopeia, limitando-me à análise das personificações da natureza.

Na 3.^a, procurei tirar deduções críticas, baseando-me na análise que tinha feito.

Tratei todas as figuras de colorido, excluindo apenas as que, já vulgarizadas pela linguagem comum, perderam o interesse literário ou artístico.

Metáforas, símbolos, e comparações

A comparação desenvolve frequentemente em Camões a mesma idea, que é ligeiramente expressa, noutro passo, por uma simples metáfora ou símbolo. Estudei por isso, em conjunto, as três figuras de colorido.

Para facilidade de exposição, agrupei-as por assuntos, segundo o conceito que exprimem. E, dentro de cada grupo, distingui as imagens tiradas da vida da natureza, dos animais e dos homens. Distinção arbitrária, como se compreende, estabelecida apenas, por uma questão de método.

Nas imagens da «vida da natureza» englobei as que são formadas por elementos da natureza, restringindo a palavra ao reino vegetal, mineral e ainda dos astros. Nas imagens da «vida dos animais», as que são inspiradas na vida e costumes dos animais irracionais. Nas imagens da «vida do homem», as que nasceram da observação da vida humana.

Retratos Femininos

METÁFORAS.—Camões aproveita da natureza, para pintar a mulher amada, o que ela tem de mais belo, precioso e resplandecente —ouro, pedras preciosas, astros—; o que ela tem de mais delicado e quasi imaterial, na sua delicadeza —flores, neve—. Um retrato

formado assim, de flores, neve, pedras preciosas, astros, e animado duma luz e claridade, que os astros e a neve lhe emprestam, junta, à beleza material, um não sei quê de espiritual, que se harmoniza com a concepção platónica que o poeta tinha do amor.

a) *Da vida da natureza.*

1

De quantas graças tinha, a natureza
Fêz um belo e riquíssimo tesouro,
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza.
Pôs na boca os rubis, e na pureza
Do belo rosto as rosas, por quem mouro;
No cabelo o valor do metal louro;
No peito a neve em que a alma tenho acesa.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fêz dêles um sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Emfim, Senhora, em vossa compostura
Ela a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

(Soneto 123).

Retrato de côr, de brilho, de luz e de transparência. Vejamos: No rosto as rosas, no cabelo o ouro (côr e brilho), no peito a neve, nos olhos o sol mais claro que o claro dia (luz e transparência).

Seguindo o gosto clássico, Camões faz das pedras preciosas os principais elementos metafóricos, nas descrições da beleza feminina. Assim: Os dentes são pérolas¹. As lágrimas pérolas também². Os lábios rubis³ ou corais⁴. Os olhos cristal puro e negro marchetado⁵. O colo de cristal⁶. Os cabelos laços de ouro⁷, tranças de ouro⁸, fios de ouro⁹, áureo crino¹⁰, pura prata¹¹. As palavras ouro¹². A testa de ouro e neve¹³.

No Soneto 12 as feições físicas e morais são designadas inteiramente por pedras preciosas.

¹ Son. 37, 55, 57, 107; Canç. xi. ² Égl. viii. ³ Son. 37. ⁴ Son. 57; Red. xi. Na edição que segui, do Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, as redondilhas não são numeradas. Para este trabalho, numerei-as arbitrariamente, seguindo a ordem que têm na mesma edição. ⁵ Son. 143. ⁶ Canç. x. ⁷ Red. 83. ⁸ Ode xi; Canç. xi; Son. 125. ⁹ Son. 57; Canç. ii, iii. ¹⁰ Son. 55. ¹¹ Son. 125. ¹² Canç. xi. ¹³ Canç. i, x.

2

De pedra, de metal, de cosa dura,
 El alma dura ninfa os ha vestido,
 Pues el cabello es oro endurecido,
 Y marmol es la fronte en su blancura.
 Los ojos, esmeralda verde y oscura;
 Granata las mejillas; no fingido,
 El labrio es um robí no poseydo;
 Los blancos dientes son de perla pura.
 La mano de marfil, y la garganta
 De alabastro, por donde como yedra
 Las venas van de azul mui rutilante.
 Mas lo que más em toda vos me espanta,
 Es ver que, por que todo fuese piedra,
 Teneis el corazón como diamante.

(Soneto 12).

Neste retrato, formado de pedra, de metal, de cosa dura, Camões teve o propósito artistico de traduzir a insensibilidade. A comparação das venas com a yedra, percorrendo a garganta de alabastro, é duma extraordinária beleza evocadora.

Também a neve e as flores servem ao poeta, para descrever, com deliciosa delicadeza, o rosto da mulher amada. A tez é neve¹; as faces rosas² ou lírios³; a testa jardim⁴; o gesto alegre, de rosas semeado⁵. Todas as feições, enfim, designadas por flores:

3

Está-se a primavera trasladando
 Em vossa vista delectosa e honesta,
 Nas belas faces, e na bôca e testa,
 Cecéns, rosas e cravos debuxando.

(Soneto 124).

O emprêgo da forma perifrástica «está-se trasladando», e ainda o da colocação do sujeito «Primavera» entre as duas formas verbais, dá à frase a lentidão expressiva da acção da Primavera, que debuxa flores no rosto da amada. A lentidão da frase obriga a nossa atenção a deter-se na análise dessa mesma acção.

¹ Canç. I, II, III, X, XIII; Ode IX; Son. 42, 59, 107. ² Eleg. VII; Canç. II, III, XIII; Son. 42, 59, 107, 125, 158; Ode IX. ³ Son. 59. ⁴ Red. 11. ⁵ Son. 143.

A mulher é identificada ao que na natureza há de mais resplandecente — os astros. Ela é: estrela¹; sol²; claro raio; ardente chama³; paraíso⁴. Os seus olhos: estrelas⁵; raios⁶; lume⁷; luz do sol⁸; falsas, em que o cristal se derrete⁹; luz que vence o dia¹⁰. As pestanas: raios que abramam vidas¹¹.

Exprimindo conceitos de filosofia platônica, as imagens «raio de formosura celeste»¹² e «sombra da idea de Deus»¹³ são tiradas também do elemento luz, que em Camões tem variadas designações metafóricas. A própria idea abstracta de formosura é definida como «luz de tão alto preço»¹⁴ e todo um retrato físico dado pela lindíssima expressão «gentileza de luz»¹⁵.

A natureza, com as suas plantas e frutos, prados e serras¹⁶, dá ao poeta elementos de enriquecimento para as metáforas de beleza.

Parcialmente, as metáforas que aparecem, além das já indicadas, de feições femininas, são: Corpo: terreno manto¹⁷; véu corporal¹⁸; terreno vaso¹⁹; alva coluna²⁰; prisão²¹. Olhos: fontes²²; tesouro de sol²³.

Com traços de ironia risonha nos diz o poeta que a garganta é «feita em rosquinhas de alfenim»²⁴, e que os encantos femininos são «mágicos venenos»²⁵, ou «ervas mágicas, que o Céu lhe faz beber»²⁶.

COMPARAÇÕES. — Nas comparações servem de temas de comparação os mesmos elementos que já forneceram as metáforas.

A beleza da mulher fascina o amante, como a luz fascina a borboleta.

Os seus encantos são grilhões que, prendendo o coração, o fazem cantar ao som dos próprios ferros.

A contemplação da formosura feminina torna o amante hidrópico insaciável.

a) *Da vida da natureza.*

1

Quem vê que em branca neve nascem rosas
Que crespos fios de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,

¹ Red. 27. ² Égl. III. ³ Égl. III. ⁴ Son. 26. ⁵ Red. 26, 89; Son. 125.
⁶ Égl. IV; Sext. I; Canç. X. ⁷ Égl. IV, VIII; Son. 27, 154. ⁸ Son. 138, 159; Égl. III.
⁹ Son. 42. ¹⁰ Oit. I. ¹¹ Red. 11. ¹² Red. 51. ¹³ Red. 51. ¹⁴ Ode II. ¹⁵ Son. 187.
¹⁶ Son. 59. ¹⁷ Ode IX. ¹⁸ Oit. III. ¹⁹ Son. 190. ²⁰ Égl. II. ²¹ Égl. VIII; Oit. II.
²² Égl. VIII; Ode IV. ²³ Ode IX. ²⁴ Red. 11. ²⁵ Son. 114. ²⁶ Canç. XIII.

Raios de ouro verá, que as duvidosas
 Almas estão no peito traspassando,
 Assim como um cristal o Sol traspassa.

(Soneto 145).

Depois de descrever um rosto feminino com as metáforas habituais —neve, rosas e ouro—, o poeta encontra esta linda comparação, cheia de luz: «Os raios de ouro da amada traspassam as almas, como o sol traspassa o cristal». O emprêgo do mesmo verbo «traspassar», nos dois termos da comparação, fortalece o poder da imagem. A mesma comparação, da formosura da amada com o cristal ferido pelo sol¹, serve ao poeta para estabelecer o conceito platónico de beleza humana.

2

Um ramo te colhi de coral brando;
 Antes que o ar lhe desse, parecia
 O que de tua bôca estou cuidando.

(Égloga 1).

Ainda aqui a bôca é deliciosamente comparada a um ramo de coral. O último verso, de grande beleza, traduz, pelo sentido evocador do verbo «cuidar», a impressão de mistério; pelo emprêgo do presente perifrástico —«estou cuidando»— o prolongamento da acção que se arrasta e em que o poeta voluptuosamente se detém.

3

Bonina pudibunda ou fresca rosa,
 Nunca no campo abriu,

 Como esta flor, que, os olhos inclinando,
 O sofrimento triste costumou
 À pena que padeço.

(Ode II).

Comparação clássica da mulher com as flores. Segundo uma sugestão do Prof. Rodrigues Lapa, com a qual estou de acôrdo, a imagem camonianiana é quasi sempre convencional. Só no seu desenvolvimento consiste a arte pessoal do poeta. Nesta comparação, por exemplo, Camões no verso —«Como esta flor que os olhos inclinando»— esboçou um lindo quadro poético. O poeta, noutros passos, compara a mulher a rosas²; lírios, jasmims e cravos³; aves, boninas, hera, lírio e rosa⁴.

¹ Ode IX. ² Red. 81. ³ Égl. III. ⁴ Égl. VII.

4

Tão suave, tão fresca e tão formosa,
 Nunca no céu saiu
 A Aurora no princípio do Verão,
 Às flores dando a graça costumada,
 Como a formosa, mansa fera...
 Por quem me desconheço.

(Ode m).

O epíteto de fera, dado à amada, é freqüente em Camões, que o tomou de Petrarca. O vocábulo perde o sentido de ferocidade, como nestes versos, em que o poeta compara a fera à Aurora, símbolo de beleza. Note-se a propriedade dos adjectivos que qualificam a Aurora — «suave, fresca e formosa» — tam evocadores da frescura matinal.

5

Minha alva Dinamene, a Primavera,
 Que os deleitosos campos pinta e veste,
 E, rindo-se, uma côr aos olhos gera
 Que em terra lhes faz ver o Arco celeste;
 As aves, as boninas, a verde hera
 E tôda a formosura amena agreste,
 Não é, para meus olhos, tão formosa
 Como a tua, que abate o lírio e rosa.

(Êgloga vu).

O poeta dá da Primavera um quadro, rico de côr e de vida, sobressaindo depois com mais vigor a beleza de Dinamene. São freqüentes em Camões comparações d'este género, em que o 1.º termo é formado por uma série de elementos. Assim, a beleza da mulher é ainda posta em confronto, noutra comparação, com a rosa, a primavera e o sol¹.

6

Vem, como quando o raio transparente
 Dêste nosso horizonte, que, escondido,
 Deixa um certo temor à mortal gente,

 E, quando torna a vir claro e luzente,
 Alegria o mundo todo entristecido;
 Que assim é para mim tua luz pura
 Claro sol, como a ausência noite escura.

(Êgloga m).

¹ Canc. vi.

Depois de comparar a formosura humana com a beleza terrena compara-a Camões com a beleza dos astros, cuja claridade o poeta faz realçar. É linda, nestes versos, a antítese marcada pela clari-
dade que a presença da amada traz à alma e a escuridão que a au-
sência dela provoca.

Noutros passos é ainda o sol¹, as estrélas², e a luz do dia³, as
luzes⁴ que servem de termos de comparação à beleza da mulher.

7

El vaso reluziente y cristalino,
De Angeles agua clara y olorosa,
De blanca seda ornado y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino,
.....

Nel vaso vuestro corpo se afigura,
.....
Y en el agua vuestra anima pura;
La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad fue asida dellos.

(Soneto 152).

Imagem criada, por certo, pela imaginação do poeta e de grande
claridade, que é dada pelos próprios vocábulos: O vaso é «reluziente
e cristalino»; a água «clara e olorosa», a seda «la blancura».

b) *Da vida dos animais.*

1

Qual tem a borboleta por costume,
Que, eulévada na luz da acesa vela,
Dando vai voltas mil, até que nela
Se queima agora, agora se consume,
Tal eu correndo vou ao vivo lume
.....
E abraço-me.....

(Soneto 27).

Comparação tirada de Petrarca, mas a que Camões imprimiu
maior vida e realidade. Vejamos os versos italianos:

Come talora al caldo tempo sole
Simplicetta farfalla al lume avvezza
Volare negli occhi altrui per sua vaghezza

¹ Égl. 1; Son. 60, 133, 151; Red. 11. ² Red. 81; Égl. viii. ³ Red. 90; Oit. 1.
⁴ Eleg. vii.

Ond' avven ch'ella more, altri si dole
Così sempr' io corro al fatal mio sole
Degli occhi onde mi ven tanta dolcezza,

(Soneto xru, edição Marsand).

Esquemáticamente, a comparação consiste no facto de a borboleta voar em redor da luz, tal como o amante em redor dos olhos da amada. A 2.^a parte é idêntica nos dois poetas; o desenvolvimento da 1.^a parte difere consideravelmente. Em Petrarca, a luz, que atrai a borboleta, é o brilho duns olhos lindos; em Camões, é a luz da «acesa vela». Petrarca é imaginativo e convencional, contrariamente a Camões que observa um facto da vida real. Note-se a arte dos versos camonianos: A vivacidade da descrição, sugerida pela frase «dando voltas mil» e pela repetição do advérbio «agora» «se queima agora, agora se consume», frase e repetição que não aparecem em Petrarca e tornam os versos de Camões evocadoramente borboleteantes.

A mesma comparação é, com menor desenvolvimento, usada por Camões noutros passos da sua lírica¹.

c) *Da vida dos homens.*

1

Presença bela, angélica figura,
Olhos.....
Brandura, aviso e graça,
.....
São as prisões dum coração que, preso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a sereia na tormenta.

(Soneto 143).

A imagem do prisioneiro que canta, ao som dos ferros que o prendem, não é original de Camões. Usada pelos poetas da Renascença, reaparece em Góngora e Pondal. No entanto, nestes versos, o poeta imprime cunho pessoal à imagem, que sofre uma transposição de sentido: O prisioneiro é aqui o coração; os ferros os encantos da mulher amada; a dor do amor, o assunto do canto, entoado pelo prisioneiro.

A mesma imagem do prisioneiro reaparece na Redondilha 51, e, apenas esboçada, no Soneto 4.

2

Mas é tam doce vossa formosura,
Que fico como o hidrópico doente,
Que, bebendo, lhe fica mor segura.

(Soneto 142).

¹ Ode v, Red. 108.

A graça e o pitoresco desta comparação tocam freqüentemente as poesias de Camões, mesmo as mais trágicas. Um sorriso amargo perpassa através de muitos dos seus versos.

Amor

SÍMBOLOS.—Os símbolos do amor, empregues mais freqüentemente por Camões, são os que, ainda hoje, os poetas usam de preferência. Como os mais sugestivos e reais, os utiliza o povo nas suas lindas quadras.

O amor é «fogo ou lume, flama, frágua», que queima o coração; «mágico veneno»; «nó que enlaça»; «chaga ou ferida», que o fogo provocou.

As cinzas do amante são um vigoroso símbolo do amor, sentimento que o poeta como que materializa na sua expressiva linguagem figurada.

a) *Da vida da natureza:*

Amor é fogo ou lume, flama e frágua:

1

E, co'o sobejo fogo,
Quanto mais perto estava, então mais cego,
(Ode xi).

O símbolo do fogo revela aqui tôda a sua intensidade, pois que é «sobejo» e tam forte, que cega os pobres olhos enamorados.

É talvez o símbolo do amor mais usual em Camões¹; «lume»² aparece com menos freqüência.

2

Flama de amor, sereis sempre em mim viva.
(Elegia vii).

O adjectivo «viva» intensifica o poder do símbolo. Evocando a intensidade da chama, sugere simultâneamente a perpetuidade do sentimento.

A flama é usada noutros versos para simbolizar o amor³.

¹ Son. 9, 25, 40, 86, 176; Égl. ii, viii; Eleg. vii. ² Égl. vii. ³ Son. 9; Ode i, v.

3

E no peito de viva frágua,
Que tudo em si converte, tudo inflama;
(Égloga III).

O amor é mais que fogo ou flama, pois é frágua que tudo inflama. Pela expressão: «tudo em si converte» traduz Camões a concepção do amor absoluto e absorvente, vivo em toda a literatura portuguesa.

Na Égloga II aparece o mesmo símbolo.

É também o amor «ferida que dói»¹ «doce prisão»²; «nó que enlaça»³; «veneno que embriaga»⁴.

4

Se começam de beber
Dêste veneno excelente
Meus olhos, sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente.
(Redondilha 40).

Versos graciosamente pitorescos e expressivos, sugerindo a ideia do embriagado, que não larga a bebida que o envenena.

As cinzas de alguém que amou são um admirável símbolo do amor.

5

Se algum dia, por caso, na espessura
Se perder o amor e a afeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.
(Égloga IV).

Símbolo que, pela forma, é convencional na poesia renascente, em que são frequentes as transformações dum ser, físico ou moral, num outro ser físico; mas, pelo sentido, símbolo rico de emoção e profundidade! Revela-nos a intensidade amorosa da alma do poeta.

O amor é como que materializado

Se ao teu esp'rito alguma mágoa toca,
Se de Amor fica nêle uma pègada,
(Égloga I).

¹ Son. 40. ² Eleg. VII. ³ Égl. III. ⁴ Red. 40; Son. 146; Canç. XIII.

A frase «pêgada de amor», de admirável realismo, converte o rastilho moral, que o amor deixa nas almas, numa marca física vigorosa e impressiva.

COMPARAÇÕES.—O fogo continua a ser, nas comparações, símbolo do amor. Fere êste corações descuidados, como setas de caçador a pobres passarinhos. Provoca estados de alma, traduzidos por comparações, ora tiradas da vida cotidiana e marítima, ora fantasiadas pela imaginação do poeta.

É eterno, em oposição com a natureza, que muda e morre. Une estreitamente as almas, e, para nos dar idea dessa união, o poeta encontra a comparação vigorosa da união do corpo e da alma.

A par destas imagens de paixão veemente, encontramos outras com notas de delicado humorismo.

a) *Da vida da natureza.*

1

Quando grita e rumor grande se sente,
Porque fogo se ateia em casa ou torre,
De pura compaixão vai tôda a gente
«Água ao fogo» gritando e cada um corre.
Desta arte anda o meu peito em chama ardente,
E com a água dos olhos se socorre;

(Égloga III).

A chama que arde no peito amante é como o fogo que se ateia em casa ou torre; as lágrimas são como a água que o fogo abranda.

Note-se o movimento da scena descrita, imagem da agitação da alma do pastor: Há «grita e rumor», que tôda a gente faz correr, gritando «água ao fogo, água ao fogo».

2

A bonina e a flor asinha passa;
Tudo por terra o Inverno e o Estio deita;
Só para meu amor é sempre Maio.

(Soneto 126).

Tudo na natureza morre, só para o amor é sempre primavera. A poesia popular traduz a mesma antítese, entre a morte da natureza e a perpetuidade do amor, jogando com a palavra «verde». Vejamos:

Tudo que é verde se seca
Com a quentura do verão
Só o meu amor enverdece
Dentro do meu coração.

3

Nem as ervas das águas desejadas
Se fartam; nem de flores, as abelhas;
Nem este Amor, de lágrimas cansadas.

(Egloga II).

Note-se a beleza e expressividade das imagens: As ervas, sequiosas anseiam sempre pela água que as dessedente. As abelhas pou-sam, a todo o momento, sobre as flores que no caminho encontram. O amor nunca se farta das lágrimas que dos olhos faz brotar.

4

Quantos contrários consente
Amor, por mais padecer!
.....
Como na vela se entende,
Que se apaga co'o vento,
Co'o mesmo vento se acende

(Redondilha 40).

Comparação que dá realce às contradições do amor, tema largamente tratado pelos poetas do «dolce stil nuovo», e até já pelos nossos do Cancioneiro de Resende.

5

Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza,
Assim meu pensamento, por a parte
Que vai tomar de mim, terrestre e humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

(Soneto 144).

Versos bem renascentistas, pelo que mostram de observação e curiosidade científica. Comparação pitoresca, reveladora da luta, no coração do poeta, entre o amor puramente espiritual e o amor dos sentidos.

b) *Da vida dos animais.*

1

Todo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor dela não sentia;
Que o repouso do fogo em que êle ardia
Consistia na Ninfa que buscava.

(Soneto 14).

Serve-se o poeta, nesta figura, do ardor do sol, a que compara o fogo do amor. Os próprios termos da descrição evocam já a ideia do ardor: «calma», «ardor» e «fogo» em que Liso «ardia».

2

Está o lascivo e doce passarinho
 Com o biquinho as penas ordenando;
 O verso sem medida, alegre e brando,
 Despedindo no rústico raminho.
 O cruel caçador, que do caminho
 Se vem calado e manso desviando,
 Com pronta vista a seta endireitando,
 Lhe dá no Estígio lago eterno ninho.
 Desta arte o coração, que livre andava

 foi ferido.
 Porque o Frecheiro cego me esperava,

(Soneto 30).

Trata-se dum símbolo sob forma de comparação. A descrição do passarinho é deliciosa de ternura, já pelos diminutivos empregados, já pelos adjectivos que o qualificam «lascivo e doce», com um cantar «alegre e brando». A do caçador, revela grande poder de observação. O passarinho, é o coração isento e descuidado; o caçador, o amor, que à traição lança as suas setas.

3

Busco-te em vão no vale, em vão no monte,
 Qual o ferido cervo busca a fonte.

(Égloga III).

A imagem do cervo que, correndo, busca ansiosamente a fonte, é usada por Camões em mais dum passo¹, para indicar rapidez ou ansiedade. A aliteração em *v* dá sensação de rapidez.

4

Partira-se do monte Agrário insano

 Embebido em um longo esquecimento

 Após um doce sonho e fingimento,

¹ Égl. II.

Rompendo as silvas hórridas do mato,
Vai por cima de outeiros e penedos,
Fugiundo, enfim, de todo humano trato.

.....
Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas e espessuras
Por buscar o cornífero marido,
E, cansada, nas húmidas verduras
Cair se deixa, ao longo dum ribeiro,
Já quando as sombras vêm caindo escuras,
E nem co'a noite ao vale seu primeiro
Se lembra de tornar, como soia,
Perdida por o bruto companheiro.

(Égloga vii).

Este pequeno quadro é maravilhoso de realismo. A fuga, a fadiga, e o alheamento da novilha amorosa estão admiravelmente observados.

A comparação tem grande valor expressivo. Também o amor faz correr Agrário através de outeiros e penedos, esquecido de si e de seu gado.

c) *Da vida do homem.*

1

Como homem que à aprazada briga vinha,
A quem de fora engana
A confiança humana,
E depois, vendo o rosto a quem resiste,
Treme, e teme o perigo, e não insiste;
.....
Desta arte o pastor triste
Ousa, receia, esforça e enfraquece.

(Égloga iv).

Duma profunda análise psicológica. O pastor ao ver a amada é como o homem que, cheio de confiança em si, «à aprazada briga vinha». Mas ao encarar com o inimigo, «ousa, receia, esforça e enfraquece». Todos estes verbos são do maior valor expressivo, para indicar os sentimentos do pobre pastor, com alternativas de coragem e medo.

2

Bem como o avaro a quem o sonho pinta
O achado dum tesouro, onde enriquece
E farta a sua sede cobiçosa,
E, acordando, com fúria pressurosa

Vai o sítio cavar com que sonhava,
 Mas tudo o que buscava
 Lhe converte em carvão a desventura;
 Ali sua cobiça mais se apura,
 Por lhe faltar aquilo que esperava:
 O Amor assim me faz perder o siso.

(Canção vii).

A descrição do avarento é feita com traços vigorosos de expressividade. Repare-se no vigor das expressões: Tem êle «sêde cobiçosa» e com «fúria pressurosa» procura o tesouro. Não o encontrando, mais se ateia em si a cobiça que o devora. Assim o poeta a quem o sonho pinta um tesouro de amor, que a realidade desfaz. O seu desejo aumenta «por lhe faltar aquilo que esperava». Há paixão e amargura profunda nesta comparação.

3

A nuvem do contínuo pensamento
 Ma figurou nos braços, e assim tive,
 Sonhando, o que acordado desejei.

.....
 Que nunca o pensamento,
 Voando sempre de uma a outra parte,
 Destas entranhas tristes bem se farte,
 Imaginando como o famulento
 Que come mais e a fome vai crescendo.

(Canção vii).

Estes versos desenvolvem o mesmo tema e são repassados da amargura que caracteriza a comparação anterior. Da 1.^a parte, a frase — «A nuvem do pensamento ma figurou nos braços, e assim tive sonhando» —, com os vocábulos «nuvem» e «sonhando», sugere toda a felicidade de sonho que ia na alma do poeta. Na 2.^a parte, o vigor dos vocábulos — «famulento, fome que cresce» — traduz a amargura intensa da desilusão.

4

Do Ganges, os moradores
 Vivem do cheiro das flores
 Que nascem naquele monte.
 Se os sentidos podem dar
 Mantimento ao viver,
 Não é, logo, de espantar

 Que viva eu só de vos ver.

(Redondilha 40).

As navegações enriqueceram a imaginação poética de Camões. Imaginativa ou colhida em qualquer lenda, esta comparação é interessante pela delicadeza da aproximação entre as duas sensações: a do perfume das flores, como a da vista da pessoa querida — sensações que podem, só por si, manter a vida.

5

Alma, que essa alma tua em si só tinha,
 Tam unida consigo, quanto a pura
 Alma co'o débil corpo está lida

(Elogio v).

Desenvolvimento, por meio desta linda comparação, do conceito da identificação de dois amantes, conceito tratado por Petrarca e seus discípulos.

6

O desejo, que se estende
 Ao que menos se concede,
 Sôbre vós pende e pretende,
 Como o doente que pede
 O que mais se lhe defende.

(Redondilha 30).

Humorismo, que, como já vimos, aparece mesmo na poesia triste de Camões. A doença e os doentes são utilizados, com graça, neste género de imagens.

Também espirituosamente, aquele que ama é comparado a alguém que, carregado, só descansa para tornar a carregar¹.

Insensibilidade

SÍMBOLOS. — Os símbolos da insensibilidade e dureza de coração, encontra-os o poeta no que a natureza tem de mais duro e feroz — «diamantes, pedras, montes e feras» —; de mais frio e inanimado — «mármore, estátuas».

a) *Da vida da natureza.*

Os diamantes:

1

O coração, a alma que não chora,
 Vendo-te, Redentor, com tantas dores,
 Em pedra viva de diamante mora.

(Elogio ix).

¹ Son. 9.

Versos lindos, de sentida emoção religiosa! O adjectivo «vivo», aqui como noutros passos de Camões, tem quasi um sentido superlativo. Reforça a idea de dureza, que a imagem da pedra sugere.

O mesmo simbolo do diamante reaparece noutras poesias¹.

A terra dura:

2

Que, se a terra é dura,
Seca-se a bonina

(Redondilha 5).

Graciosamente o poeta representa a esterilidade da insensibilidade, pela morte que a dureza da terra provoca às flores da sua predilecção — «as boninas».

As pedras, os montes e os mármore:

3

Ou tu do monte Pindaro és nascida,
Ou mármore te pariu formosa e dura:
.....
Ou quiçá que és em pedra convertida

(Égloga III).

Camões emprega com frequência uma série de imagens, para traduzir o mesmo pensamento. Também as estátuas têm sido sempre, em literatura, symbolos da insensibilidade².

b) *Da vida dos animais.*

O lobo:

1

Pois sei que fundo em água, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;
.....
Buscando amor em vossa crueldade.

(Soneto 67).

Pedir amor — cordeiro manso — ao lobo — crueldade amorosa — é trabalho vão, é «escrever em vento», segundo o poeta. O lobo, ainda noutros passos³, como a serpente⁴, simboliza não só a dureza de coração, mas a própria crueldade, em contraposição com a ovelha que é o simbolo clássico da mansidão⁵.

¹ Son. 72, 183; Égl. II, VI; Eleg. VI; Canç. III, XIII. ² Red. 40. ³ Red. 129; Eleg. IX. ⁴ Son. 183. ⁵ Red. 129; Oit. V.

COMPARAÇÕES.—Nas comparações emprega o poeta os mesmos símbolos.

A mulher anada, na sua insensibilidade, é como «montes, penedos e pedra dura»; como «ferro forte» ou «duríssimo diamante».

A sua isenção no amor contrasta com a natureza inteira, agitada de sentimentos amorosos.

a) *Da vida da natureza.*

1

Tu só, cruel, me deixas,
Que és, mais que montes e penedos, dura,
E fugitiva mais que a fonte pura.
(Égloga v).

Aqui, não são só os montes e penedos que servem de comparação à insensibilidade, mas também a «água fugitiva», à esquiva da amada. Os dois adjectivos, «fugitiva e pura», que qualificam a água, enriquecem a imagem de poder expressivo.

O diamante, que servia de símbolo, é também termo de comparação¹.

2

Pois se uma gota de água brandamente
Torna brando um penedo duro e forte,
¿Tantas lágrimas minhas não farão
Um pequeno sinal num coração?
(Égloga in).

Imagem linda, expressa com grande delicadeza. Uma só gota de água, escorrendo brandamente, vai amolecendo a dureza da pedra—as lágrimas do poeta, gotas e gotas de água, não conseguem comover um coração endurecido.

Aparece a mesma comparação na Égloga III.

3

Lá para onde o Sol sai,
Descobrimos, navegando,
Um novo rio admirando,
Que o lenho que nêl cai,
Em pedra se vai tornando.

¹ Égl. v.

Não se espantem disto as gentes;
 Mais razão será que espante
 Um coração tam possante
 Que com lágrimas ardentes
 Se converte em diamante.

(Redondilha 40).

Imagem criada pela fantasia do poeta, mas interessante, porque, embora imaginativa, podemos ver nela um reflexo das navegações da época.

4

¿Entre as plantas do prado
 Não há machos e fêmeas conhecidas,
 Que junto uma da outra permanecem?
 ¿Não estão carregados
 Os ulmeiros das vides retorcidas,
 Onde o cacho enforcado amadurece?

 Ah! peitos de diamante fabricados,

 ¿Aquele amor suave,
 desprezais?

(Égloga vi).

Notemos o realismo e vigor das imagens: As plantas, macho e fêmea, que junto uma da outra permanecem; as vides retorcidas, pesando sobre os ulmeiros. O amor que anima e une as próprias plantas é desprezado por um coração humano.

b) *Da vida dos animais.*

1

As Cítales são feras de pintura
 Tam singular que só co'a vista encantam.
 As hienas levantam
 A voz tam natural à voz humana
 Que, a quem as ouve, facilmente engana.
 E vós, ó gentis feras,
 Tendes de natureza juntamente
 A vista e voz de gente, e fero o peito.

(Égloga vi).

Nesta comparação há a identificação das «gentis feras» a verdadeiras feras, que encantam pela figura ou pela voz humana. Humorismo leve, que dá uma graça especial aos versos camonianos. O peito endurecido da amada é ainda comparado a ferozes animais na Égloga v.

2

Vai-se co'o seu pastor o manso gado,
 Porque de amor entende aquela parte
 Que a natureza irracional lhe ensina.
 O rústico leão sem alguma arte,
 Do natural instinto só ensinado,
 Aonde sente amor, logo se inclina.
 E tu?.....

 ¿Porque sequer co'o ouvido
 Um amor verdadeiro não socorres?

(Égloga v).

Os animais mais mansos —gado—, como os mais ferozes —leão—, inclinam-se perante o amor, que lhes é manifestado. O coração humano resiste-lhe...

3

¿Não vêdes que padece
 Tanta tristeza a rôla por a morte
 Da sua amada e única consorte?

 Ah! peitos de diamante fabricados,

 ¿Aquele amor suave,

 desprezais?

(Égloga vi).

Comparação por contraste: A rôla sofre por amor; a mulher tem o coração isento.

4

A música do leve passarinho,

 De um raminho saltando a outro raminho,
 Mostra que por amor suspira e chama.

 A fera que é mais fera, e o leão
 Sempre acha outro leão, sempre outra fera,
 Em quem possa empregar uma afeição

 O cervo que escondido e embusado,

 Está na selva, monte, bosque ou prado,
 Ali donde anda e vive, vive amor.

 ¿Porque a ti não abraanda um fogo ardente?

(Égloga iii).

Todos os animais, desde o mais terno — passarinho —, ao mais feroz — leão —, albergam sentimentos amorosos. Flagrante contraste com um coração humano, a quem um fogo ardente não abranda.

5

Indo os deuses, enfim, por montes vários,
 ... encontrando as ninfas, que, despidas,
 Na clara fonte estavam,
 ... deixaram-se estar quedos,
contemplando,
 Qual o bando das pombas, quando sente
 A rápida águia, cuja vista pura
 Não obedece ao Sol resplandecente,
 Empréstalo o temor da morte dura
 Nas asas novo alento, e, não parando,
 Velez rompendo o ar, fugir procura:
 Desta arte as deusas tímidas, deixando
 De seu despójo os ramos carregados,
 por entre as silvas vão voando.

(Égloga vi).

As ninfas, na clara fonte, ao sentirem-se surpreendidas, fogem, qual bando de pombas, ao avistar a águia que as persegue. Descrição cheia de movimento, que traduz a agitação das ninfas na sua fuga, e de realismo renascente, com que Camões artisticamente reveste muitos dos seus passos.

Ciúme

COMPARAÇÕES. — Camões não nos dá, propriamente, símbolos do ciúme, mas comparações com os efeitos que este sentimento produz na alma.

Servem-lhe de imagens: A natureza terrível, com rios, trovões e tempestades, cuja violência é a imagem do inferno que o ciúme põe no coração; a fábula, com seus monstros peçonhentos, que, como o ciúme, envenenam as mais doces iguarias.

a) *Da vida da natureza:*

Quem viu o desgrenhado e crêspo Inverno,
 De atras nuvens vestido, horrído e feio,
 Ennegrecendo à vista o Céu superno,
 Quando os troncos arranca o rio cheio;

Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
 Que ao mundo mostra um pálido receio;
 Tal o Amor é cioso a quem suspeita
 Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

(Égloga vii).

O Inverno, com todos os rigores, é descrito em termos terríveis, de admirável poder sugestivo — «é desgrenhado, crêspo, horrído e feio, ennegrece o Céu e traz consigo raios, chuvas e trovões». Há a idea de horror na fealdade da descrição; de negrume no ennegrecimento da natureza; de violência devastadora no arrancar das árvores e na tempestade desencadeada. O horror, negrume e violência do ciúme não podiam ser melhor simbolizados. O poeta, em passos como este, mostra o mais profundo conhecimento do coração humano.

b) *Da vida dos animais.*

1

Experimentou-se alguma hora
 Da ave que chamam Cãmão,
 Que, se da casa onde mora
 Vê adúltera senhora,
 Morre de pura paixão.

.....
 Mas oh! ditoso animal,
 Que pode perder a vida
 Quando vê tamanho mal!

(Redondilha 40).

Subentende-se a comparação do amante ciumento, que não morre de dor, com a da ave, que, ao contrário, «vendo adúltera senhora» «morre de pura paixão».

2

Estas suspeitas tam frias,

 São assim como as harpias,
 Que as mais doces iguarias
 Vão converter em peçonha.

(Redondilha 40).

As harpias são monstros criados pela mitologia, que por ordem de Juno infectavam tôdas as iguarias de mesa duma outra personagem mitológica. O adjectivo «frias», qualificando «suspeitas», tem um alto valor estilístico. Sente-se na expressão o suor frio da angústia.

Dor

SÍMBOLOS.—A dor é simbolizada pela «ferida» ou «chaga» que causa na alma;

Pela «peçonha» que lança no coração;
 Pelo «abismo infernal» em que nos deita;
 Pelo «mar bravo» cuja agitação lembra a revolta da dor;
 Pela «coluna» empedernida em que o sofrimento se converteu;
 Pelo «chôro» em que se diluiu um corpo infeliz;
 Pelas «escuras nuvens» que perturbam o coração.

Estes símbolos devem ter sido sugeridos ao poeta:

Pelos efeitos da dor, materializados — «chaga» ou «ferida»;
 Pelo estado de revolta que ela provocou na alma — «mar»;
 Pelo mal-estar que produz — «peçonha»;
 Pela sua profundidade — «abismo»;
 Pela sua própria materialização — «chôro»;
 Pela semelhança com as nuvens que toldam o firmamento — «nuvens escuras».

a) *Da vida da natureza.*

Ferida ou chaga:

1

Na alma uma só ferida
 Faz na vida mil sinais.

(Redondilha 22).

Versos lindos e verdadeiramente humanos. Os vocábulos «ferida» e «sinais» traduzem em imagens concretas a indelebilidade da marca que a dor deixa na alma.

«Ferida» ou «chaga» deixam de designar a lesão física para designar a lesão moral causada pela dor, daí a própria dor em vários passos e na belíssima poesia:

2

Aqui, a alma cativa,
 Chagada tôda, estava em carne viva,
 De dores rodeada e de pesares,
 Desamparada.....

 Não tinha parte donde se deitasse,
 Nem esperança alguma onde a cabeça
 Um pouco reclinasse, por descanso.

(Canção viii).

Versos da maior intensidade emotiva! A dor moral torna-se física pela violência das expressões: «a alma chagada tôda, estava em carne viva». O poeta simboliza a dor da alma por um corpo em chaga, em infinita tortura.

A peçonha:

3

Que a peçonha não faz mal
A quem foi nela criado.

(Redondilha 107).

A peçonha é veneno que consome o corpo; a dor, veneno que consome a alma e o corpo. Daí a representação da dor pelo símbolo de peçonha.

O abismo:

4

.....abismo infernal de meu tormento,

(Canção vii).

A profundidade da dor é admiravelmente expressa pelo símbolo do «abismo». Os vocábulos «tormento» e «infernal» vinculam a ideia dessa profundidade horrível do sofrimento.

O mar:

5

Busque Amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivanças;
.....
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

(Soneto 70).

O mar, aqui, deve ser o símbolo da dor imensa que enche todo este maravilhoso soneto. O poeta reforça a ideia no desatino doloroso, dizendo-se «sem lenho» nesse «bravo mar».

As nuvens são também símbolo expressivo da tristeza¹.

¹ Ode v, vi.

b) *Da vida do homem.*

O choro:

1

Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo que é gerado;
Que está já convertido
Em choro, e neste estado
Sômente vive nêle o seu cuidado.

(Ode III).

Assistimos ao espectáculo do corpo humano todo abalado em choro convulsivo. Vemos o movimento e esquecemos a forma, daí a frase «convertido em choro». Aparecem na lírica lindas expressões idênticas: «Porque amor em lágrimas cansadas se derrete»¹; «Para poder cantar, ó Rei benino, em puro choro, as chagas que te vejo»².

COMPARAÇÕES. — Camões estabelece comparações, por contraste, entre a sua dor e a alegria da natureza; entre a eternidade do seu sofrimento e o repouso que todo o sofrimento alheio encontra.

Faz observações psicológicas sobre os efeitos da dor, sugeridos por imagens do mundo exterior.

O conceito da «glória de viver triste», tanto do gosto dos poetas petrarquistas, dá-lhe ensejo a estabelecer lindas comparações.

a) *Da vida da natureza.*

1

Quando a formosa Aurora mostra a fronte,
Alegre tôda a terra, vendo o dia;
Quando Febo aparece no horizonte,
Manifesta também grande alegria;
.....
Eu só, só pensativo, triste e mudo.

(Égloga III).

Nesta comparação, por contraste, tôda a terra respira alegria à aproximação da Aurora e do Sol. Só o poeta permanece «triste e mudo». A repetição de «só», tem grande valor estilístico, porque vinca assim a ideia principal da poesia — de solidão e tristeza —.

2

Sigam os céus seu natural curso,
A tôda a gente dem tristeza ou gosto;
Façam, enfim, mudanças; que meus olhos
Nunca verão no mundo senão pena.

(Sextina II).

¹ Égl. IV. ² Eleg. IX.

A eternidade e fixidez da pena do poeta é admiravelmente posta em contraste com a mudança de tudo quanto existe.

A comparação tem uma amplidão — «sigam os céus seu natural curso» —, que se harmoniza com a idea de imensidade de que o poeta reveste a sua dor.

3

Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

(Redondilha 20).

É interessante notar como a observação da natureza fornece ao poeta imagens tam lindas e profundas.

4

Amansam-se ondas, quebra o vento a ira;
Minha tormenta só nunca sossega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.

(Égloga 1).

Note-se o vigor da comparação. As ondas e o vento é o que a natureza tem de mais enfurecido; e, no entanto, abrandam. Só a tormenta do pastor nunca sossega. Há a idea de revolta, dada pelas próprias palavras: «ira do vento», «tormenta do meu peito».

5

Da palma se escreve e canta
Ser tam dura e tam forçosa,
Que pêso não a quebranta,
Mas antes, de presunçosa,
Com êle mais se levanta.
Co'o pêso do mal que daís,
.....
... dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

(Redondilha 40).

A imagem é duma encantadora graciosidade: A palma, levantando-se sempre mais e mais presunçosa, sob qualquer pêso que queira abatê-la. A expressão do sentimento toma da imagem um ar de leveza e graciosidade.

6

Uma árvore se conhece
 Que, na geral alegria,
 Ela só tanto entristece
 Que, como é noite, floresce,
 E perde as flores de dia.
 Eu

 Em a vendo me entristeço,
 Porque sei que não mereço
 A glória de viver triste.

(Redondilha 40).

Servindo-se desta comparação, traduz o poeta o conceito da «glória de viver triste», que se encontra em Petrarca e nos nossos líricos quinhentistas.

b) *Da vida dos animais.*

1

Contente pasce o gado ao pé do monte,
 Contento a beber vai na fonte fria.

 Eu só, só pensativo, triste e mudo.

(Égloga III).

Comparação por contraste. O quadro do gado, que pasce e vai beber à «fonte fria», respira alegria, em oposição com a tristeza do pastor.

2

Da víbora é verdadeiro,
 Se a consorte vai buscar,
 Que, em se querendo juntar,
 Deixa a peçonha primeiro,
 Porque lhe impede o gerar.
 Assim quando me apresento
 À vossa vista inumana,
 A peçonha do tormento
 Deixo à parte, porque dana
 Tamanho contentamento.

(Redondilha 40).

Esta comparação pitoresca serve ao poeta para notar a verdade psicológica do esforço com que sempre se procura fugir a uma ideia de tristeza, quando surge um motivo de alegria.

3

Se alguém os olhos quiser
As andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Uma erva lhe vai buscar
Que lhe faz outros nascer.
Eu que os olhos tenho a tento
Nos vossos, que estrêlas são,
Cegam-se os do entendimento,
Mas nasceram-me os da razão
De folgar com meu tormento.

(Redondilha 40).

Não sei onde o poeta teria colhido esta imagem. Não a conheço na tradição popular. É linda! Serve-lhe para exprimir a atitude de escola «de folgar com o tormento», atitude que toma ainda noutra comparação destituída de valor artístico¹.

c) *Da vida do homem.*

1

Caminha, o dia todo o caminhante,
E, enfim, lhe chega a noite, em que descansa;
Trabalha na tormenta o navegante,
Traz-lhe a clara manhã feliz bonança;
Recobra o fruto fértil e abundante
Da terra o lavrador, se nela causa;
Mas eu, de meu cuidado e mal tão forte,
Tormento espero só, só crua morte.

(Égloga m).

São duma admirável expressividade tôdas estas comparações. Para pôr em contraste a sua situação de imutável amargura, com qualquer outra sempre mudável, procura o poeta as situações mais trabalhosas: A do caminhante fatigado, mas a que a noite traz o almejado repouso; a do navegante, a quem a manhã desfaz a tormenta da noite; a do lavrador cansado, mas recompensado pelo fruto da terra; a sua, que só na morte encontra repouso.

2

Tão enlevado em sua dor estava
..... como em grande sono sepultado

(Égloga m).

¹ Red. 40.

Observação duma grande verdade psicológica: A dor enlanguescendo a alma, como se a mergulhasse em profundo sono. O vocábulo «enlevar» é lindo e admiravelmente expressivo, traduzindo o estado de absorção e êxtase, em que a dor deixa o namorado.

Alegria

COMPARAÇÕES. — A imaginação do poeta é fértil em imagens com que traduz a dor; sóbria em imagens com que traduz a alegria.

Cinge-se à alegria de ver a mulher amada. Compara-a ao prazer, que a natureza, em festa, traz ao homem que a contempla. Mas a alegria é também instável, como instável é o pensamento.

a) *Da vida da natureza.*

1

As conchinhas da praia, que apresentam
A côr das nuvens quando nasce o dia;
O canto das Sirenas que adormentam;
A tinta que no múrice se cria;
O navegar por ondas, que se assentam
Co'o brando bafo com que o Sol se enfria,
Não podem, ninfa minha, assim prazer-me
Como o ver-te, se em tanto chego a ver-me.

(Égloga vii).

Rosário de imagens evocadoras da alegria. Camões reveste-as de encanto, para maior valor ter a preferência do pescador. As conchinhas douradas, a púrpura fascinante, o canto embalador das Sirenas, o navegar suave sobre as ondas, tudo é, para o pescador, prazer menor, que o de ver a ninfa amada. Trocadilho curioso com as formas «ver-te» e «ver-me».

2

Nunca manhã suave,
Estendendo seus raios por o mundo,
Depois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nau,
.....
Como a luz clara a mim dos olhos vossa.

(Ode v).

O poeta, para vincar a intensidade da alegria, que o nau sente com a luz da manhã, faz anteceder esta duma noite grave, passada

em mar profundo. A alegria do poeta, ao ver a luz dos olhos da amada, é mais intensa ainda.

Que arte, no contraste entre a descrição luminosa da manhã, «estendendo seus raios por o mundo», e a descrição da noite «grave, tempestuosa e negra»! O verbo «estender» sugere a visão do amanhecer, quando o sol vai pouco a pouco cobrindo a terra com um manto que se «estende».

3

.....Amor.....
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve.

(Soneto 69).

Figura de difícil interpretação! Julgo que o poeta quis frisar a antítese do mal e do prazer, semelhante à do sol e da neve; e ainda pretendem aproximar a beleza moral do prazer, provocado pela dor, da beleza física da neve batida pelo sol.

4

¿Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco e verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento;
Que mais instável é que o pensamento.

(Egloga viii).

A comparação é cheia de propriedade. A serpe, que rasteja escondida entre as flores, é bem a imagem da dor que vive sorrateira e oculta entre as alegrias da vida.

O pensamento é um expressivo termo de comparação para a instabilidade da alegria.

Saúde

COMPARAÇÕES.—A atracção da pessoa amada sobre aquela que ama é comparada à que exerce o mar sobre o marinheiro.

A saúde torna mais viva, dentro da alma, a presença querida.

Cobre a alma com um manto de tristeza.

A ausência é para a alma amante, o que a falta do sol é para a planta, que só sob os seus raios floresce.

A saúde dum amor que acaba faz cantar o poeta, qual cisne celebrando «o triste fim desta jornada».

1

Duma fonte se sabia
Da qual certo se provava
Que quem sôbre ela jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tiranizais,
Injustamente mandais
Quando vos falo verdade
Que vos não possa ver mais.

(Redondilha 40).

Imagem graciosa e subtil: A fonte causava cegueira, quando se diziam falsidades; a amada, porque o poeta lhe dizia a verdade, declarando o seu amor, não permitia que elle a visse mais, cegando-o também.

2

Uma admirável erva se conhece
Que vai ao Sol seguindo, de hora em hora,
Logo que elle do Eufrates se vê fora,
E, quando está mais alto, então floresce.
Mas, quando ao Oceano o carro desce,
Tôda a sua beleza perde Flora,
Porque ella se emmurchece e se descora;
Tanto co'a luz ausente se entristece!
Meu Sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flores em seu contentamento;
Mas logo em não vos vendo, entristecida
Se murcha e se consume em grão tormento.
Nem há quem vossa ausência sofrer possa.

(Soneto 56).

A amada é para a alma do poeta, o que o sol é para essa «admirável erva». Dá-lhe vida, quando a ilumina; causa-lhe a morte, quando se ausenta. É lindo o verso — «cria flores em seu contentamento»—. A mulher, pela sua presença, faz florescer a alegria do poeta, como o sol a natureza.

São duma admirável expressividade os dois verbos — «murchar e consumir» — que indicam como que a materialização dos efeitos da saúde.

3

..... Nise, pastora delicada,
 Onde a vida deixava se partia.

 Nasce, sereno Sol, puro e luzente;
 Resplandece, purpúrea e branca aurora,
 Qualquer alma alegrando descontente;
 Que a minha, sabe tu que desde agora
 Jamais na vida a podes ver contente,
 Nem tam triste nenhuma outra pastora.
 (Soneto 133).

A alegria que o sol e a aurora (símbolos da alegria, preferidos pelo poeta) comunicam a tôda a natureza, não atingem a alma da pastora, ensombreada pela tristeza da saudade.

b) *Da vida do homem.*

1

Como quando do mar tempestuoso
 O marinheiro, todo trabalhado,
 Dum naufrágio cruel saindo a nado,
 Só de ouvir falar nêle está medroso;
 Firme jura que o vê-lo bonançoso
 Do seu lar o não tire, sossegado;
 Mas, esquecido já do horror passado
 Dêle a fiar se torna, cobiçoso:
 Assim, Senhora, eu, que da tormenta
 De vossa vista fujo, por salvar-me,

 Com a alma, que de vós nunca se ausenta,
 Me torno
 (Soneto 101).

É curioso notar como, em muitas das figuras camonianas, se reflecte a vida marítima dos portugueses de quinhentos.

Aqui, já não é só o mar que serve de tôrmo de comparação, mas a própria vida do marinheiro acidentada de naufrágios.

A atracção irresistível do mar é, para o poeta, a mais fiel imagem da atracção que sobre êle exerce a vista da mulher amada.

2

Como àquele que cegou
 É cousa vista e notória
 Que se lhe dobre em memória
 O que em vista lhe faltou,

Assim a mim, que não vejo
 Co'os olhos o que desejo,
 Na memória e na firmeza
 Me concede a natureza
 O natural que não vejo.

(Redondilha 30).

Versos que mostram qual a importância do tema da saúde na poesia de Camões. A saúde não só evoca a imagem querida, mas torna essa imagem mais viva, que a própria realidade.

Também o tradicional canto do cisne, despedindo-se da vida, é comparado ao do poeta, saudável dum amor que morria¹.

Poesia

SÍMBOLOS. — O «vaso de lágrimas» em que se converteu o monte Pindaro e Parnaso é o símbolo da poesia elegíaca.

O «canto agreste» em tronco escrito e a «voz do cisne», ave real e majestosa, traduzem respectivamente a ideia de poesia bucólica e de poesia épica.

a) *Da vida da natureza.*

Vaso de lágrimas:

1

Por êle o sacro Pindo e o grão Parnaso,

 Se faziam de lágrimas um vaso.

(Égloga II).

Símbolo formado segundo o gosto da época, pela transformação dum ser num outro ser, que melhor traduza um determinado conceito.

Canto agreste:

2

Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
 Entre vacas e gado petulante.

(Égloga III).

Pelo «canto agreste» feito entre «vacas e gado petulante» traduz o poeta a concepção de poesia bucólica.

¹ Son. 93.

b) Da vida dos animais.

Voz de cisne:

1

Enquanto eu aparelho um novo esp'rito,
E voz de cisne tal que o mundo espante

(Égloga iii).

A voz do cisne tam famosa na poesia clássica é, para o poeta, símbolo da poesia de mais alto fôlego, que ele quer fazer ouvir ao mundo.

A inspiração poética é, simbolicamente, designada pela luz¹, flama², ou estréla³.

COMPARAÇÕES. — A poesia é consolação para a dor humana.

Os seus efeitos calmantes, sobre a alma, são comparados, pelo poeta, ao alívio que o sono traz aos cansados e a «fonte fria» aos sequiosos.

a) Da vida do homem:

1

Qual o quieto sono aos cansados,
Debaixo de alguma árvore sombria,
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante e a fonte fria,
Tais me foram teus versos delicados.

(Égloga viii).

O canto do amigo foi para a alma dorida de Umbrano, o que o sono é para os cansados, e a fonte fria para os sequiosos. O poeta reforça a idea do prazer que o sono traz, fazendo-o gozar «debaixo de alguma árvore sombria», e à «fonte fria», que mata a sede, junta o «vento respirante» que alivia os encalmados.

2

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso,
.....
E de noite o temeroso,
Cantando, refreia o mêdo.

¹ Son. 162. ² Son. 162. ³ Égl. iii.

Canta o preso docemente,
 Os duros grilhões tocando;
 Canta o segador contente,
 E o trabalhador, cantando,
 O trabalho menos sente.

 ¿ Como poderá cantar
 Quem em choro banha o peito?

(Redondilha 51).

O canto suaviza a dor da vida. O poeta repele-o, porque procura a dor e não o descanso. Esta mesma série de imagens, com pequenas diferenças, emprega-a o poeta para descrever situações dolorosas e difíceis¹.

Morte

SÍMBOLOS.—Os símbolos da morte baseiam-se na idea da sua eternidade e na de tristeza que ela arrasta consigo, traduzida pelo simbolismo da côr negra.

E assim a morte é:

Noite eterna²
 Noite sempiterna³
 Negro manto⁴
 Escuro manto⁵.

COMPARAÇÕES.

a) *Da vida da natureza:*

1

.....como flor que a terra
 Lhe nega o mantimento,

 O colo inclina, lânguido e cansado:
 Tal te pinto, ó Tíónio, dando o esp'rito

(Égloga viii).

É admirável de expressidade esta comparação: Tíónio morre como a flor que, à mingua de mantimento, inclina o colo lânguido e cansado. Os adjectivos «lânguido e cansado» abalam a sensibilidade, despertando em nós a sensação da tristeza, que a morte traz consigo.

A mesma imagem da flor que morre, sem mantimento, é usada por Camões numa comparação idêntica⁶.

¹ Égl. iii. ² Eleg. iv; Ode xii. ³ Égl. viii. ⁴ Son. 115; Égl. iii. ⁵ Eleg. xi.
⁶ Eleg. ix.

Natureza

A natureza é também designada, nos versos camonianos, por metáforas e comparações. Mas, mais freqüentemente, é ela que sofre transposição de sentido, para fornecer elementos às figuras de colorido. Vimos já a maior parte dessas figuras através deste estudo. Detenhamo-nos agora naquelas que não couberam em qualquer das categorias estudadas.

O Mar

O mar é designado pelas metáforas: «vitreo fundo¹» ou «líquido mármore²».

As ondas: Serras — «que os cumes da terra vão lambendo»³.

As gotas: Pérolas — «O prado, como pérolas esmaltam»⁴.

O mar é símbolo de imensidade e revolta:

1

Não pode ser, lhe dije, limitada
A água do mar em tam pequeno vaso.

(Canção xiii).

A água do mar é a dor infinita do poeta; o vaso, a canção que traduz a dor. O símbolo do mar, nesta acepção, foi o que de melhor o poeta pôde encontrar, para exprimir a amargura sem medida da canção.

Com este sentido, aparece o mesmo símbolo em vários passos⁵.

2

Naveguei pelo mar leste desejo,
Que leva de um perigo a'outro perigo.

(Elegia vii).

Aqui ha a idea de imensidade, mas também de revolta e perturbação violenta. A cadência do último verso, com a palavra «perigo» depois de cada acento rítmico, sugere o movimento das ondas, arremessando-se dum para outro lado.

Também a desgraça é tormenta⁶ e as vicissitudes da vida são ondas procelosas⁷.

¹ Égl. vii. ² Égl. vii. ³ Son. 129; Égl. vii; Ode xi. ⁴ Ode vi. ⁵ Red. 108, 121; Son. 67. ⁶ Red. 128. ⁷ Eleg. ix.

As próprias aves marítimas provocam uma imagem pitoresca, sugerida pela forma e pelo movimento: «Bem vista contra ti nadantes aves»¹.

Árvores

As árvores designam, em Camões, sem originalidade, as famílias e os indivíduos. O tronco é a família; os ramos, o indivíduo².

Flores

As flores, pela sua beleza e frescura, são, nos versos camonianos, como ainda hoje, o símbolo da juventude³. As flores são substituídas pelo «agraço» na expressão: «a morte... cortou ainda em agraço»⁴.

Designam metafóricamente as estrêlas⁵. Servem de comparação à manhã:

3

Formosa manhã clara e deleitosa,
Que, como fresca rosa na verdura,
Te mostras bela e pura, marchetando
As nuvens, espalhando teus cabelos
Nos verdes montes belos.

(*Égloga II*).

Comparação rica de côr, dada pelo próprio verbo «marchetar», que indica a acção da manhã; rica de claridade e frescura, sugeridas pelos adjectivos de sabor clássico «formosa», «clara», «deleitosa» e «fresca», qualificando os três primeiros a manhã, o último, a rosa na verdura.

Vento

O vento, pela sua velocidade, é símbolo da rapidez⁶; pela transposição desta rapidez para o campo moral, símbolo da inconstância e da ilusão⁷. A chuva aparece como símbolo da ilusão, do nada⁸.

A velocidade é também simbolizada por uma nau desmantelada, no exemplo:

4

Corre sem vela e sem leme
O tempo desordenado,
Dum grande vento levado.

(*Redondilha 128*).

¹ Oit. III. ² Égl. VII; Ode X. ³ Son. 121, 182; Oit. V. ⁴ Égl. II. ⁵ Égl. VIII.
⁶ Égl. VI. ⁷ Red. 123; Son. 169, 189; Égl. II, VII. ⁸ Son. 189.

Imagem curiosa, com ecos da vida das navegações, e em que os vocábulos e o ritmo dos versos evocam já por si o desatino.

Sombra

A imaterialidade da sombra presta-se à evocação do espiritual e do vago. É um elemento carregado de sugestão poética. Camões emprega a sombra como imagem da alma e do pensamento:

5

Sombra gentil de su prisión salida

(Égloga viii).

Para o corpo a metáfora usual de «prisão»; para a alma a encantadora imagem da sombra, encantadoramente adjectivada por «gentil», palavra querida de Camões.

6

Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra do seu doce pensamento

(Soneto II).

Versos sugestivos, a que as palavras «embebido» e «doce» imprimem a idea do prazer extático, reforçando o poder da imagem.

Figuras de carácter religioso

Os sentimentos católicos de Camões transparecem em muitos dos seus versos, especialmente nas Elegias VIII e IX, que são lindos trechos de poesia religiosa. As metáforas, neste domínio, são geralmente tiradas da liturgia, sem quaisquer indícios de originalidade. As comparações, pelo contrário, são lindas e pessoais. Só nelas me detenho.

Jesus Cristo

1

Estás, Jesus benigno, qual no prado
O lírio branco fica descomposto,
Do homicida ferro derrabado;
Ou qual o Sol se mostra antes de pôsto,
De côres tristes, ou qual branca rosa
De frio trespassada em mês de Agosto.

(Elegia ix).

Série de imagens dum delicado sentimento poético, exprimindo não a revolta mas a tristeza serena, que se harmoniza com a figura de Cristo. O ilógico da imagem — «branca flor de frio trespassada em mês de Agosto» — quer talvez traduzir o assombro da morte física de Deus às mãos do homem ou a morte prematura de Jesus Cristo, em plena fôrça.

A Virgem

2

Que vás buscando ao Espôso, Filho e Padre,
Qual cordeira perdida da manada,
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre.

(Elegia ix).

A cordeira é o símbolo da virgem; o cão que ladra, o das paixões que impedem a alma de buscar a Deus. A comparação é bonita, pôsto que menos pessoal do que a anterior.

Os Anjos

3

Os quais, voando leves e ligeiros,
Qual enxame de abelhas, pressurosos

(Elegia ix).

Versos em que se sente a rapidez e leveza, que o poeta quis exprimir, pelos próprios vocábulos — «leves, ligeiros, pressurosos».

Figuras diversas

Sob esta epígrafe, englobo as figuras que não encaixaram em qualquer das categorias estudadas.

O Desejo

1

... sempre à parte vinha
Onde eu mantinha os olhos do desejo.

(Egloga iv).

O sentimento do desejo, personificado, tem olhos com que continuamente vê na alma a coisa desejada.

O desejo é «penedo»¹ — imagem sugerida pela grandeza do sentimento; «Arde no peito»² — pela violência com que se faz sentir.

¹ Canção vii. ² Ode ix.

Quando desperta na alma, diz o poeta, que: «Abre-se a porta do lascivo desejo»¹.

A vida

2

Por que ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

(Canção viii).

A materialização da vida em pedaços, que se desagregam, exprime vigorosamente a angústia do despedaçar.

A Verdade e a Piedade

3

.....verdade mais pura
Do que da Arábia o ouro reluzente.

(Canção xii).

4

A santa piedade
Luzente e clara, como a luz do dia.

(Égloga iii).

É interessante como, mesmo para designar abstrações, o poeta empregue imagens, sugeridas pelo brilho e pela claridade.

O ouro e a luz do dia são termos de comparação, tanto para a beleza física como para a beleza moral das cousas ou conceitos.

Prosopopeia

Camões, já por herança da poesia clássica, já pela influência dos poetas italianos, já talvez por disposição pessoal, anima de vida humana não só a natureza, como as próprias concepções do espírito.

Do classicismo toma os mitos pagãos, que, tornando, por vezes, pesado o seu estilo, para o nosso gosto de hoje, o enchem, noutros passos, de frescura e graça.

Dos poetas do «dolce stil nuovo» toma a personificação de ideias abstractas, a ficção dos espíritos que se desprendem da amada, a personificação da canção, etc.

¹ Oit. v.

Neste estudo, dado o seu objectivo de análise estética, apenas me detive nas personificações da natureza, pois só nelas encontrei verdadeiro interesse artístico.

A natureza, para Camões, é, não só cenário, em que os homens se movem, e que o poeta descreve, como que enamorado dos seus encantos, mas é também a companheira do homem, com elle vivendo em íntima comunicação. Em qualquer dos casos, o poeta a anima de vida intensa. Quando companheira do homem, torna-a participante dos seus estados de alma; fá-la confidente dos seus segredos; identifica-a com a sua própria alma ou com a alma da mulher amada; enche-a da tristeza, que as saudades da amada deixaram no seu coração.

Quando simplesmente cenário, pelos termos com que a descreve, lhe dá ainda vida humana: Fá-la rir e chorar; alegrar-se e entristecer-se; ter saudades, pois que saudades espalha sempre o poeta à sua volta. Exemplifiquemos:

1

De ouvir meu dano, as rosas matutinas
Condoídas se cerram, se emmurhecem;
Com meu suspiro ardente, as côres finas
Perdem o cravo, o lírio, e não florecem.
Co'a roxa aurora as pálidas boninas,
Em vez de se alegrarem, se entristecem;
.....
Responde o monte côncavo a meus ais.

(Égloga III).

Neste quadro a natureza é bem um estado de alma, a projecção da própria alma do poeta que, sofrendo, comunica o seu sofrimento à natureza. A descrição é duma suavidade penetrante.

2

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claros e frescas águas de cristal,
.....
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.
.....
Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-ei com lágrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

(Soneto 81).

Natureza confidente. É frequente em Petrarca e em Camões a ficção dos abrolhos que nascem de lágrimas amorosas. Aqui as «saü-

dades «substituem os abrolhos. É talvez um matiz que nacionaliza o símbolo. Há o trocadilho entre «saúdades» planta e «saúdades» sentimento.

3

Os orvalhos das flores delicadas
São nos meus olhos lágrimas cansadas,
Que eu choro co'o prazer de meu tormento;
Os pássaros que cantam
Meus espíritos são, que a voz levantam,
Manifestando o gesto peregrino
Com som divino com que o mundo espantam.
(Canção v).

O poeta identifica-se com a natureza. Esta dá-lhe o que tem de mais poético e delicado — o orvalho, o canto dos pássaros —. O orvalho converte-se em lágrimas cansadas; o canto dos pássaros na voz do poeta, que entoa hinos de amor.

4

A manhã bela, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura,
.....
Oh! deleitosa pena!
Oh! efeito de Amor alto e potente!
Pois permite e consente
Que ou de onde quer que eu ande, ou de onde esteja,
O seráfico gesto sempre veja
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois as foi pôr em ti tam excelentes
Que representes tanta formosura.
(Canção v).

Identificação da mulher amada com a natureza, com a Aurora, de que o poeta tanto gosta, e que sempre à sua volta espalha luz, alegria e formosura. Aqui a Aurora é bela, amena e pura, adjectivos clássicos que o poeta não emprega ao acaso, mas porque eles são os que geralmente qualificam a amada. É dum grande efeito artístico a transição, quando o poeta deixa de ver a Aurora para lhe substituir o «seráfico gesto», que o encanta.

5

Depois que dêste vale te apartaste
Não pasce já algum gado, com secura;
Secou-se o campo.....
.....

Secou-se a fonte

 Algum prado, sem ti, já não florece;

 O campo, como dantes, não se esmalta
 De boninas azues, brancas, vermelhas.

(Égloga III).

A ausência da amada, que de tristeza povoa a alma do pastor, também de tristeza enche a natureza inteira. Secam os campos e as fontes; os prados não florescem. A alegria anterior dada pelas boninas «azuis, brancas, vermelhas» torna mais frisante a escura tristeza que se lhe seguiu.

6

E de flores vestido
 O campo, brancas, roxas e amarelas,
 Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
 O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.

Porém.....
 O bosque chorará, chorará a fonte,
 O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

(Ode VI).

A natureza ri e chora. Quando ri, compraz-se o poeta em esmalta-la de flores brancas, roxas e amarelas, para que a variedade das cores acentue a nota de alegria. Quando chora, o laconismo da descrição harmoniza-se com a austeridade das lágrimas.

7

Quando vemos que sai lá no Oriente
 O Sol.....
 Formoso, intenso, puro, refulgente,
 O monte, o campo, o mar, tudo alegrando.

(Égloga III).

O sol alegra a natureza inteira, e a mesma alegria se desprende já dos termos com que o poeta o descreve — «Formoso, intenso, puro, refulgente».

8

Ando gastando a vida trabalhosa,
 E esparzindo a contínua solidade
 Ao longo duma praia solidosa.

(Elegia V).

É por um propósito artístico que o poeta aproxima as duas palavras «soidade» e «soidoso». Camões, talvez mais do que nenhum outro poeta português, pode chamar-se o poeta da saúde.

Algumas das suas poesias mais profundas e mais sentidas, como as Canções VIII e XIII, são verdadeiros poemas da saúde.

Saúdosamente faz êle cantar os pássaros, murmurar as águas, respirar os ventos... É curioso notar que praia saudável não é a que tem ou sente saúdades, mas a que é própria para quem sente essas saúdades.

9

E enfim, tudo formoso co'o teu rosto,
De ouro e rosas composto e claridade.

(Élogia II).

A personificação da manhã está, nestes versos, de tal forma expressa, que as mesmas metáforas que o poeta usa nas descrições dum rosto feminino — «rosas, ouro e claridade» — as emprega agora, falando da manhã.

10

Ela, como mais fraca, lhe está dando
As côncavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.

(Elegia V).

Aqui, o vocábulo «entranhas» é suficiente para personificar a terra. Esta oferece ao mar as suas côncavas entranhas! Camões utiliza a metáfora vulgar — «entranhas da terra» — nestes versos do mais lindo e expressivo realismo poético.

11

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
Natureza de leite e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgíneas faces imitando.

(Soneto 153).

Revela-se o pintor na representação dêste fruto, que feriu a sensibilidade estética de Camões pela côr, branca e vermelha.

As duas côres são metafóricamente designadas por leite e sangue, que, revelando a côr, dão simultaneamente carácter humano e feminino ao fruto, que está «virgíneas faces imitando».

Deduções críticas

Depois de ter procurado analisar as figuras de colorido da lírica camoniana, tentei, servindo-me dessa análise, apreciar algumas das qualidades estéticas e emotivas, que essas mesmas figuras de colorido evidenciam. Qualidades estéticas que fazem, de Camões, um admirável pintor do mundo exterior; qualidades emotivas que o tornam o maior lírico da nossa literatura.

Manifesta-se Camões pintor do mundo exterior, na sua linguagem figurada, tam rica de côr e de luz, tam sugestiva na representação do som e da forma. São sugeridas pela côr as imagens que o poeta colhe nas flores, na neve e nas pedras preciosas. As rosas é pela côr que, metaforicamente, designam as faces da mulher — «Pôs na pureza do belo rosto as rosas» —; a manhã é «rosas na verdura», pelos tons róseos com que cobre os verdes montes:

Formosa manhã
Que, como fresca rosa na verdura,
..... espalhando teus cabelos
Nos verdes montes beles.

A neve é, pela sua alvura, que representa a tez da amada.

As pedras preciosas, numa escala de tons cromáticos, vão servindo ao poeta de tintas, com que o seu pincel de artista dá côr aos retratos femininos. Assim:

Los blancos dientes son de perla pura.
Os olhos esmeralda verde escura.
Os lábios, rubis ou corais brancos.

O rosto da amada é uma sinfonia de côres:

Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve côr de rosa.

Nas comparações há pequenos quadros descritivos, que o poeta alinda com os mais variados cambiantes de côr. Descrevendo a Aurora, dá-nos uma deliciosa tela colorida:

Estranha subtileza de pintora,
Que matiza, em uma hora, de mil côres
O céu, a terra, as flores, monte e prado!

A terra é «esmaltada de rosas de mil côres, boninas azues, brancas e vermelhas». Os frutos são «de sangue e leite», pela côr branca e encarnada.

A amada é mais formosa que a Primavera, ainda quando esta reveste os campos com as côres mais sedutoras:

Os deleitosos campos pinta e veste,
E, rindo-se uma côr aos olhos gera
Que em terra lhes faz ver o Arco celeste.

Notem-se os próprios termos que o poeta emprega: A Aurora é «pintora», a terra está «esmaltada», a Primavera «pinta os deleitosos campos».

Mas se na representação da côr o poeta é exímio artista, é-o ainda mais na luz e no brilho de que anima os seus quadros. Pintor da luz mostra-se êle nas imagens abundantíssimas, que o sol, o ouro, as pedras preciosas e a própria luz e claridade, tomadas assim abstractamente, lhe sugerem.

A amada é sol que ilumina: «Eras tu nosso sol mais desejado».

Os seus olhos são raios que inflamam, ou sóis mais claros que o claro dia.

Os cabelos, de ouro reluzente.

As pedras preciosas não dão só côr, mas também brilho aos retratos de mulher. As próprias côres são aformoseadas pelo brilho que delas se desprende:

Las venas van de azul mui rutilante.

Da luz e claridade se serve também o poeta, para adornos da formosura: — «Gentileza de luz»; «Rosto de rosas e ouro composto e claridade».

Luz espalha a jorros o poeta, em numerosas descrições da natureza personificada. Vejamos esta, em que a lua é «prateada, esclarecida pela luz do sol ardente, que ela em si, como em espelho, reluzia»:

Diana prateada, esclarecida,
Com a luz que do claro Febo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia,

É pela luz que a manhã comunica formosura a tôda a natureza:

Formosa manhã.....
Quando a sombra desfazes triste e escura,

Formosa a espessura e a clara fonte,

 E, enfim, tudo formoso

Resplandecentes de luz são ainda algumas das belíssimas comparações de Camões. Os olhos da amada traspassam as almas «assim como um cristal o sol traspassa». Um corpo de mulher é:

Vaso reluzente e cristalino,

 Ligado com cabelos de ouro fino.

A luz e o brilho servem de imagem às próprias ideias abstractas: A formosura é «luz de alto preço».

A verdade é «mais pura do que o ouro reluzente».

A piedade é «luzente e clara como a luz do dia».

Muitos dos vocábulos preferidos por Camões reflectem esta mesma luz, que, iluminando os versos do poeta, põe nêles notas de vida e alegria. Assim: A manhã é freqüentemente «dourada e luminosa», o sol «claro e reluzente», el vaso «reluzente e cristalino», a piedade «luzente e clara como a luz do dia». O amante «consume-se, abrasa-se, inflama-se na luz e no lume dos olhos da amada», etc.

Em opposição, quando a luz falta, fica a tristeza, que o simbolismo da côr negra traduz. A morte é «noite escura»; a noite «negro manto»; a ausência «noite escura»; a tristeza «negra escuridão do sentimento»; a alma inimiga «negra alma»; a inveja «escura»; a dor «noite tenebrosa».

A par da côr e da luz, a música é dos elementos predominantes nos versos de Camões. Basta notar a fluência e harmonia do verso, a cadência da rima.

Nas figuras de colorido o canto das aves e dos homens, como os murmúrios da natureza, são música expressiva, de que o poeta se serve em imagens e comparações.

O canto dos passarinhos aproveita-o o poeta em lindas comparações:

O passarinho descuidado é, cantando alegremente, o símbolo dum coração isento de penas de amor:

Está o lascivo e doce passarinho
 O verso sem medida alegre e brando,
 Despedindo no rústico raminho.
 Desta arte o coração, que livre andava.....

Num outro passo, o mesmo canto do passarinho, repassado de amor, é comparado, por contraste, ao coração insensível da mulher amada:

A música do leve passarinho,
De um raminho saltando a outro raminho,
Mostra que por amor suspira e chama.
.....
¿ Porque a ti não te abranda um fogo ardente?

O canto clássico do cisne serve de imagem a Camões, para traduzir a idea de poesia grandiosa — «E voz de cisne tal que o mundo espante» —, e ainda de saudade dalguma cousa que acaba:

O cisne,
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assim, quando eu via
O triste fim que davam meus amores.

O canto das Sereias, fascinante e alucinador, é comparado, pelo prazer que causa, à alegria de ver a mulher amada:

O canto das Sirenas que adormentam;
Não podem assim prazerm-me
Como o ver-te,

E ainda o canto das Sereias traduz a idea da alegria dum coração que, na tormenta de amor, vai sempre cantando:

São as prisões de um coração que, preso,
..... vai cantando,
Como faz a sereia na tormenta.

O canto do homem é freqüentemente evocado, em diferentes comparações, para indicar o alívio que êle traz à alma, cansada de sofrer.

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso,
.....
E de noite o temeroso
Cantando, refreia o medo.

E é tal o poder do canto do homem que, segundo um lugar comum da época, a própria natureza o escuta atentamente:

Mil vezes fez parar no ar o vento,
.....
As circunstantes silvas se inclinaram,
Condoidas das mágoas que escutaram.

Não esquece o poeta de traduzir na música dos seus versos os sons suaves ou terríveis da natureza:

O Tejo, com som grave,
Corria mais medonho que suave.

O murmurar das ondas excelente

O vento brandamente suspirando

O soberbo furor do negro vento
Fará por toda a parte movimento.

A forma não impressiona a sensibilidade estética do poeta como a luz, a côr e o som. É mais pintor e músico do que escultor. As poucas imagens formais, que encontrei, são, no entanto, lindas e expressivas.

Referindo-se ao mar, compara as suas ondas, erguidas pelo vento, a serras, que no mar se formam:

Notas iradas
Serras no mar erguendo.

Os homens que nadam são aves pela forma que tomam ao nadar, e talvez ainda pelo movimento:

Bem viste contra a ti nadando aves

O mar é «líquido mármore», e as gotas de água «pérolas que esmaltam o prado». O corpo é «alva columna». As estrélas são flores», pelo aspecto formal que dão ao céu, assemelhando-o a um campo recamado de rosas.

A terra oferece ao mar as suas entranhas:

Ela, como mais fraca, lhe está dando
As côncavas entranhas,

É pitoresca e linda esta imagem¹.

Riqueza emotiva possui-a o poeta no mais alto grau: dotado duma grande sensibilidade, a que junta a maior força do sentimento apaixonado e um delicioso humorismo, é sempre profundamente rea-

¹ Quando me refiro ao sentido pictural, musical ou plástico da poesia camonianiana, faço-o duma maneira relativa. Camões é sempre clássico, quer no evitar de metáforas ousadas, quer na pintura sóbria da natureza. A dentro do conceito clássico, dá-nos, no entanto, descrições frescas e coloridas.

lista, o que dá à sua poesia a vida e a força, que caracterizam tudo o que é real e verdadeiro.

Camões põe no seu equilíbrio clássico notas de sentimentalidade romântica. A sua obra, que não se confina aos dogmas duma escola literária, mas, sem deixar de sofrer a sua influência, a transpõe, para traduzir as aspirações, sofrimentos e alegrias do homem verdadeiro, que é clássico e romântico ao mesmo tempo, é uma obra de todos os tempos, pela verdade humana que encerra.

Sensibilidade delicadíssima, e não só qualidades de pintor, revela o poeta nos seus numerosos retratos femininos: a escolha dos elementos mais delicados da natureza para as suas imagens, a suavidade das cores, a luminosidade e transparência, tudo denuncia a sua sensibilidade de poeta. A mesma suavidade de cores e delicadeza de traços se nota nas descrições que faz da natureza.

A ternura de que impregna algumas imagens, nasce também da sua finíssima sensibilidade. Queixando-se, por exemplo, da dureza da amada, fá-lo por meio desta linda comparação:

Pois se uma gota de água brandamente
Torna brando um penedo duro e forte,
¿Tantas lágrimas minhas não farão
Um pequeno sinal num coração?

Contrastando com a frialdade da amada, estão os sentimentos amorosos, que elle empresta a toda a natureza, como projecção da sua própria sensibilidade:

A música de leve passarinho,
.....
Mostra que por amor suspira e chama,

¿Não vêdes que padeece
Tanta tristeza a rôla por a morte
Da sua amada e única consorte?

A fera que é mais fera, e o leão
Sempre acha outro leão, sempre outra fera,
Em quem possa empregar uma afeição

¿Entre as plantas do prado
Não há machos e fêmeas conhecidas,
Que junto uma da outra permanecem?

A attitude que tem perante a natureza revela também uma sensibilidade a que se convencionou dar o nome de romântica. A natu-

reza é sua amiga e sua confidente; com ela se identifica e sobre ela projecta a sua alma.

A própria transparência dos seus adjectivos de predilecção revela, quanto a mim, essa sensibilidade que não é a «sensiblerie» francesa, mas a sensibilidade, misto de ternura, delicadeza e elevação, que na linguagem poética se traduz em vocábulos transparentes e claros, como os que Camões emprega de preferência: «Ledo, luminoso, claro, puro, cristalino», etc.

A maior profundidade de sentimento apaixonado, transparece também em muitas das suas imagens.

Para mais fortemente traduzir a tormenta, que lhe enche o peito, ele encontra esta comparação vigorosa:

Anansam-se ondas, quebra o vento a ira;
Minha tormenta só nunca sossega.

O seu desejo de amor insatisfeito é trágicamente pôsto em realce pelas comparações do avaro e do famulento, em quem respectivamente a cobiça e a fome aumentam, depois de desfeito o sonho de felicidade illusória em que a fantasia os lançara. O poeta encontra, para estas duas figuras, termos sugestivos da mais profunda e apaixonada amargura.

A dor sem alívio da sua alma é impressionantemente revelada por símbolos, que a materializam em verdadeiras chagas da carne:

Aquí, a alma cativa,
Chagada tôda, estava em carne viva.

A força da união do amor é traduzida pela união mais íntima, a união que condiciona a própria vida:

Alma, que essa alma tua em si só tinha,
Tam unida consigo, quanto a pura
Alma co'o débil corpo está liada.

A imensidade de paixão e dor que comporta a sua alma só no mar encontra o símbolo, e é demasiado intensa, para que a voz humana a possa inteiramente traduzir:

Não pode ser limitada
A água do mar em tam pequeno vaso.

É profundamente realista e verdadeiro. A sua poesia, perdida, por vezes, em abstracções platónicas, desce, outras, às realidades

fundamentais da vida. E é quando desce a essas realidades, o tem notas de inteira sinceridade, que atinge a grande força de poesia vivida e profundamente sentida. É a vida que, acima de tudo, procuramos na arte. Vida sublimada, embelezada, talvez, mas sempre vida e vida verdadeira. Quando a arte a não encerra, não passa de mera distração para espíritos ociosos e superficiais.

Realista mostra-se Camões na insistência com que continuamente vai buscar imagens à natureza; na justeza e verdado das suas observações; nas próprias expressões que emprega.

Revela justeza de observação e de análise psicológica, em comparações como esta:

Tão enlevado na sua dor estava
Que, como em grave sono sepultado.

Nas observações que faz, como quando, por exemplo, descrevendo a atitude dum apaixonado, em frente da pessoa amada, diz que elle «ousa, receia, esforça e enfraquece».

Não só a paixão, mas também a graça irónica e sorridente, com que o espírito humano se distrai da seriedade da vida, aparece nos versos camonianos, especialmente nas redondilhas, cuja forma se presta à tradução de temas mais ligeiros. Graça, que ora traduz o riso descuidado da alegria, ora a sorriso triste da amargura.

A poesia do Cancioneiro de Resende alheara-se, duma maneira geral, da vida interior e profunda da alma, vivendo de «gentilezas e cousas de folgar». Camões, enriquecido pelo património da cultura e do sofrimento, exterioriza, em versos sentidos, a vida interior em tôdas as suas modalidades, de dor e alegria. Brinca, como os seus antecessores, com futilidades, mas impregnando os seus versos dum delicioso humorismo, que elles não conheceram.

Uma garganta feminina é, pela sua gordura refofuda, feita de «rosquinhas de alfenim».

O amor é «erva mágica» que fatalmente teve de beber. O poeta emprega o termo «beber», tam pitoresco nesta acepção, numa outra figura, em que os olhos, que bebem o veneno do amor, ficam graciosamente paralizados, sem forças para largar o veneno que os inutiliza. O doente do amor é como o hidrópico, a quem o beber intensifica a sede.

O desejo do poeta, aumentando com a ingratidão da amada, é comparado à palma, a quem o pêso não quebranta, mas faz orguer mais alto, de presunçosa.

O humorismo toca também a poesia grave do poeta, exprimindo ironia sorridente, mas que deixa antever lágrimas escondidas.

A inacessibilidade da mulher, a quem Camões consagra muitos dos seus versos, fá-lo comparar-se, num misto de amargura e ironia, ao «doente que pede o que mais se lhe defende».

Exprime o seu amor, não correspondido, em versos de graça magoada: «A ferida que, Senhora, me fizestes, não foi para curar-se num só dia».

A alegria amarga de sofrer por amor, revela-a na comparação humorística das andorinhas cegas, a quem a mãe faz nascer novos olhos; também o poeta, vendo a amada, perde os olhos do contentamento, mas adquire os da «crazão de folgar com o tormento». O jogo de palavras com o vocábulo «olhos» dá, ao pensamento triste da poesia, forma leve e graciosa.

Eis o que concluo acérca das figuras de colorido na lírica camoniana: Clássicas e convencionais na sua estrutura esquemática, dão no entanto origem, pelo seu desenvolvimento, a versos formosíssimos, em que Camões revela tôdas as suas faculdades poéticas:

Como pintor do mundo exterior, dispõe de tintas, luz, som, com que admiravelmente representa, na sua poesia, a luxuriante riqueza de tons, cromáticos e sonoros, que a natureza oferece.

Como pintor do mundo interior, dispõe de qualidades de sensibilidade, paixão, «sentido da realidade» e humorismo, com que traduz tôda a complexidade da alma humana.

Lisboa, 1934.

MARIA MÚRIAS DE FREITAS.

Documentos velhos brigantinos

I. Palavras prévias

Encontrando-nos temporariamente em Bragança no ano de 1933, por motivos que não vem a ponto esmiuçar aqui, procurámos aproveitar os momentos que deveres oficiais nos deixavam livres, colhendo, quer na conversação buliçosa das feiras, quer, por noites vagarosas e solenes de geadas e de neves, nas cavaqueiras ao redor da lareira ou da braseira fumarentas, quer na casualidade do trato diário, quer, ainda, no favor solícito de alguns amigos, materiais para o estudo etnográfico e filológico da região, surpreendente sobrevivência arcaica perdida lá nos cerros, mas não tam retraída que a onda lenta do progresso a não vá já lambendo, corroendo, nitidamente descaracterizando.

A êsses materiais de tradição oral, de que oportunamente nos occuparemos, buscámos agregar outros, de natureza histórica. Encontram-se estes em dois arquivos: no distrital e no do município. Só com os do primeiro, porém, chegámos a entrar em contacto, por favor, nunca assaz agradecido, do Dr. António Augusto Pires, illustre Reitor do Liceu e Director do Arquivo, e do Reverendo Padre Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal,—uma das melhores jóias trasmontanas, também sobrevivência, mas da ética dum Padre dos primeiros séculos cristãos, aliada ao saber dum erudito do séc. XX. Foi o Reitor de Baçal, que, com unção de apóstolo, tem remexido e carregado do Arquivo farta documentação, inserta nas suas já vastas *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, quem nos indicou, como catálogo vivo do Arquivo (que outro não tem), alguns documentos ainda inéditos.

Publicamos hoje quatro. Era nosso propósito continuar a série até exaurir a colecção, mas circunstâncias particulares obrigam-nos a desistir da empresa, que outro um dia necessariamente cometerá, quando a elaboração do dicionário arcaico da língua puder passar de vaga aspiração de três ou quatro «caturras» para trabalho real e absorvente de dez ou vinte investigadores. E dizemos que forçoso será completar a série, porque sabemos da boca do Reitor de Baçal, descobridor do facto, e aqui o anunciamos, que entre êsses documen-

tos se encontram alguns dos textos, supostos perdidos, de que o paciente e pouco firme Santa Rosa de Viterbo se serviu para abonar as vozes contidas no precioso *Elucidario*.

II. Transcrição dos textos

Desfazemos as abreviaturas, usando do tipo itálico nas resoluções.

Adoptamos sempre maiúscula nos nomes próprios (no doc. III, por exemplo, o uso delas é irregular). Representamos por formas hoje correntes certas variantes morfográficas (*s* comprido, etc.).

Regulamos o uso do til pelas normas gerais que já seguimos noutra publicação¹, isto é: retraímo-lo para a primeira de duas vogais etimológicas, se corresponde, ou a desarticulação de *n* que lhes foi medial (*pregões*, *bãos*), ou a contaminação nasal (*mōytos*); sobrepono-lo à segunda das vogais geminadas não etimológicas (*Duraões*, *maão*); conservamo-lo se pode particularizar pronúncia (*n̄lhum*); e desenvolvemo-lo em consoante nasal nos casos em que hoje se escreveria assim.

Introduzimos pontos altos para separar palavras, e apóstrofes. Socorremo-nos dos colchetes esquinados para ressaltar acréscimos críticos, segundo é uso.

No resto, excepto num caso ou noutro, que vai especificado em nota, conservamos os textos tal qual.

Acusamos o final das linhas, mas guiamo-nos, para comodidade das referências, pela contagem das linhas de impressão.

III. Documentos

I

(1328 da era de Cristo)

DESCRIÇÃO. — Fôlha pergaminácea, de forma paralelogrâmica não regular (dimensões máx.: 0^m,200 × 0^m,152); de cor branca, mas muito manchada.

As linhas estão dispostas no sentido da maior dimensão, numa só das faces. No verso tem um resumo do punho de Cabral (vid. doc. III).

¹ Cf. *Boletim de Filologia*, 1, pp. 135-136. Os restantes preceitos concordam também com os seguidos agora aqui.

A letra é cursiva gótica. Traços verticais e horizontais cheios e longos, o que dá à escrita o aspecto geral de quadriculado. Emprega *j* e *r* compridos, rectangulares, este último duplo no meio de palavra; também o *f* aparece duplo quando inicial; o *s*, alto, quando inicial sempre singelo, quando final lembra o sigma. Os sons palataes *lh* e *nh* estão grafados: o primeiro com dois *ll* cortados (por excepção não), ou com *lh*, e o segundo com *n* titulado. Tem um exemplo de dois acentos agudos reduzidos a um simples traço (vid. o doc. III, DESCRIÇÃO). O ponto do *i* ou *j* é, communmente, um traço obliquo, como acento agudo.

Texto

Conoscam quantos esta *procuraçom* virem. Cōmo¹. Eu Conçallo² apregoado por Pero Anues pregoeýro do Conçello³ aos pregões | de sancta Maria . assý cōmo⁴ he de husso e de custume . presentes Joham Deniz juiz e Joham Rodrígues (?) *procurador* do conçello⁵ e outros | mōyτος homēes bōos . flēzemos e ordynhamos e estabelecemos por 5 Nossos . certos . lijdemos . *procuradores* auondossos em todo assý cō | mo mellor⁶ e mās⁷ *compridamente* podem e deuem séer⁸ e mās⁹ valler . a Joham Peres e a Pero Vigente uogados nossos vj-sjños¹⁰ | anhos en senbra e a cada hũu deles por sj portador ou portadores desta *procuraçom* que eles por nos e em nosso nome 10 possani pa | reger per ante Ffernã Martin corregedor por ElRey¹¹ de llos montes aaquen e mostrar o nosso deryto sobre rrazom de pe | nhoras . e de Conteendas que ha antre Nos e o Conçello¹² de Vjana. Pera demandar e deffender rresponder rrazoar rre | çeber ouijr¹³ *compoer comprometer*. E pera *testemunhas*¹⁴ aduzer e as dar 15 parte auerssaria contra dizer. E pera jurar en nossas almas qual quer | juramento que lly en juizo ffor demandado. E pera custas pidir e as a outra . parte dar se mester ffor E pera exepçom ou exepções poer E pera [riscado: *custas*] ouujr sentença ou en sentenças e conta ou contas consýntjr e dela ou dellas appellar | ou 20 supricar e appellaçom ou sopricaçom seguir per hu o deryto mandar. E pera flazerem e dizerem todallas coussas e cada hũa | delas que

¹ O traço superior vem desde o primeiro *o* e excede, e muito, o extremo da palavra. Vid. ll. 3 e 7. ² Os *ll* cortados. ³ Os *ll* cortados. ⁴ O traço superior como na l. 1. ⁵ Os *ll* cortados. ⁶ Os *ll* não cortados. Vid. n. à l. 34. ⁷ *Sic*, com traço superior. Vid. ll. 5 (*mōyτος*) e 8. ⁸ Um traço único sobre as vogais. ⁹ *Sic*. Vid. n. 7. ¹⁰ O título vem desde o segundo *j*. ¹¹ Com traço sobre -ey, muito prolongado. ¹² Os *ll* cortados. ¹³ Os pontos representados por um só traço. ¹⁴ Sobre o desdobramento desta abreviatura vid. a n. à l. 3 do doc. iv.

uerdadeýros lijdemos *procuradores* podem dizer e flazer e *que* nos meesmos . flariam~~os~~ e diriam~~os~~ se *per* nossas persôas | presentes .
 25 flos[s]emos . saluo Affonso Domíngues alfaieme que disse *que* nom consyntja por *aquelo* *que* a' el perteeçesse *que* auées[s]en | nom composessem. E todallas coussas e cada hũa delas . *que* pelos dictos Nossos *procuradores* ou' *por* cada hũu deles | fforem feitas e dictas e' *procuradas* enas coussas *de* suso dictas. Nos o outorgamos e
 30 auemos *por* firme e *por* [e]staujl *pera* todo | senpre so obligaçom . de todos nossos bẽes . *testemunhas* . Diogo Crespo Joham Mendes mercadores Joham Migueez (?) mercador Lo | pes mercador Sýmom Lopo juiz. E eu [E]steuam Gonçaluez publico tabaliom delRey en Bragança *que* *por* ma[n]dado do con | çello¹ esta *procuraçom* es-
 35 *crepuj* e *aquí* meu synal poño² *que* tal' he [sinal do notário] . feita en Bragança . vijnte e oýto dias de' ja | neyro Era de mill e trezentos e sas[s]enta e seis annos.

II

(1340 da era de Cristo)

DESCRIÇÃO. — Pergamináceo, de forma rectangular (dimensões máx.: 0^m,444 × 0^m,289); com dobra furada, donde pendeu o sêlo; a côr amarelada; bem conservado, não obstante a pele estar partida por várias dobras.

Notabiliza-o ser opistógrafo, isto é, escrito nas duas faces, caso não comum, segundo João Pedro Ribeiro³. Em cada face vem seu documento⁴.

O mais antigo preenche uma página toda. É escrito ao alto, com margens laterais de pouco mais de 0^m,005, e outra cimeira, que não chega a 0^m,020. No verso vem um resumo do assunto, em parte já delido, de letra moderna. Êste resumo cobriu parcialmente duas linhas de escrita medieval, que estão ilegíveis. Noutro ponto do reverso, algumas palavras em quatro linhas, de referência ao mosteiro, de envio *aa justiça de Bragança* e de citação de testemunhas. Noutro ponto ainda, uma palavra solta. Tudo na caligrafia gótica e sem importância para o nosso propósito.

A letra é cursiva gótica. Como características especiais apresenta: os traços de abreviatura muito longos e grossos (tôda a es-

¹ Os *ll* não cortados. Vid. n. 6 da l. 7. ² O til é longo, abrange também o primeiro o, facto que poderá levar a pensar que esta vogal seria nasalada. ³ Cf. *Dissert. chron. e crit.*, 2.^a ed., t. iv, parte i, pp. 67-68. ⁴ Vid. adiante o doc. iv.

erita é, de resto, bastante cheia); *l* cortado para exprimir dois *ll*; *rr*, *ss* compridos e geminados; *ff* também geminados iniciais; *r* para denotar som forte; *nm* e *nn* confundíveis; *-ss* que lembram sigmas. Acentos agudos curvilíneos sobre algumas vogais duplas. Pontos dos *ü* ou *ÿ* degenerados em traços, semelhantes a estes acentos.

Texto

Dom Affonso pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarue
a quantos esta carta uyren faço saber *que* Eu pelas villas e comar-
cas do | meu Senhorio mandey fazer chamamento joeral per razom
de todos aqueles *que* auçam villas ou Castelos Coutos ou honrras ou
jurisdi | ções algũas en elas no: meu senhorio *que* a: dya certo con- 5
teudo no dicto Chamamento véés[s] en perante os Onuydores dos meus |
feitos na mha Corte mostrar en como as auçam e tragyam . ao qual
dia *que* lhis as[s]y pelo dicto¹ Chamamento era as[s]signaado a: *que*
pa | reces[s]en perante os dictos meus Onuydores sobre la dicta
razom como dicto he Gyraldo [E]steuez² meu procurador por mjm 10
da: hũa parte E o abba | de e Conuento do monesteyro³ de Sancta
Maria de Mereyrola do Reyno de Leon . por frey Nicolaus monge
do dicto monesteyro seu procurador . da | outra pareceron . perante
Johannes⁴ Annes Mello Onuydor dos meus feitos . E: da parte dos
dictos abbade e Conuento pelo dicto seu procurador | satisfazendo 15

¹ Podemos assim, com *-c-*, aqui e *passim*, e não sem êle, como na l. 80, em aten-
ção ao exemplo da l. 35, o qual representa, como se sabe, um dos eruditismos mais
comuns nas Chancelarias velhas. ² Ou: Esteuez. O mesmo na l. 78. ³ Resol-
vemos *mon* em monesteyro, em dúvida sobre a verdadeira forma que o escriba
teria em mente. Com efeito, aquela abreviatura, exclusiva no texto, é susceptível
de vários desdobramentos: *monasterium*, monesteyro = mōasteiro (cf. Dr. J. J.
Nunes, *Chrest. arc.*, 1.^a ed., p. 17, l. 9, p. 18, l. 5: doc. de 1270); monesteyro (cf. J.
P. Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.*, 2.^a ed., t. 1, p. 291, l. 6: doc. de 1292) = mōes-
teiro (cf. Dr. J. J. Nunes, *ib.*, p. 12, l. 13: doc. de 1193; p. 14, ll. 28 e 29, p. 15,
l. 13: doc. de 1214) ou moenesteyro (cf. Dr. L. de Vasconcellos, *Textos arc.*, 3.^a ed.,
p. 14, l. 12, p. 15, l. 4: doc. de 1193). Destas leituras rejeitamos as da série com
-a-, pois a primeira seria cultismo destoante e importuno, e a segunda latiniza-
ção, nem corrente, nem correcta. Das formas restantes, de valor fonético (o étimo
está, como se sabe, em **monisterium*), excluímos a última por não acusar o nasa-
lamento do *-o-*, o que iria de encontro à norma que adoptamos aqui do tratamento
da ressonância nasal. Será óbvio prevenir que, na transcrição preferida, o *-n-* não
tem valor articular. ⁴ *Johan* é susceptível de mais de uma leitura: *Johannes*
(*Johanes*), *Johanne(s)* (annes = cannes). Optamos por aquela em atenção à assi-
natura no final do escrito.

ao que lhis por mjm era mandado . ffoy dicto que o dicto seu mon-
 esteiro auya en termho de Bragança hũa aldeya que chamauam ha |
 aldeya de Montesynhos E outra aldeya que chamauam Quytanelha .
 nas quaes aldeyas dizyam que o dicto monesteiro tragua em cada |
 20 hũa delas estas jurisdições Conuem a saber que os moradores de
 cada hũa das dictas aldeyas por hũu dia certo do ano ele | giam
 antre sy em cada hũa das dictas aldeyas hũu homem bõo por juiz
 E que o ffrade que estaua em cada hũa das dictas aldeyas por | o
 dicto monesteiro filhaua outro homem bõo dos moradores de cada
 25 hũa das dictas aldeyas E que o daua por Conpanhom a cada hũa
 da | queles que os dictos moradores as[s]y elegyam E confirmauaos
 por juizes que ouuys[s]en todolos ffeitos ceuys nas dictas aldeyas
 E que es | t[e]s¹ juizes que as[s]y dizyam que pelo dicto ffrade eram
 confirmados ounyam todolos ffeitos Ceuys dos moradores das dictas
 30 aldeyas e | dauam sentenças antre as partes E das sentenças que
 dauam se algũas das partes queriam appellar que appellauam pera
 o dicto ffrade que hy esta | ua por o dicto monesteiro ou pera o
 manpastor do dicto monesteiro que estaua en terra de Bragança E
 que do dicto ffrade ou do manpastor ape | lauam pera mjm E dizyam
 35 que se algũu dos sobre dictos moradores de cada hũa das dictas
 aldeyas era preso por que pela de | Críme que d'el des[s]en que o
 manpastor do dicto monesteiro ho ouya com os juizes de Bragança
 o daua a sentença com eles . de con | dapnar ou de as[s]oluer E se
 desuayrauam na sentença que as[s]y auyam de dar que appellauam
 40 pera mjm Outros[s]y dizyam que o | ffrade que estaua enas dictas
 aldeyas por o dicto monesteiro . fazy a penhoras e entregas nas
 dictas aldeyas e leuaua as vozes e | as coomhas e rous[s]os e ho-
 mezyos pera o dicto monesteiro e as Nouças pela guysa que as le-
 uauam nas aldeyas que auyam en terra de | Miranda E que destas
 45 aldeyas e jurisdições sobre dictas estaua o dicto monesteiro en pos[s]e
 per tanto tempo que a memoria dos homẽes nom era | en contrayro
 E o dicto meu procurador por mjm passe sa petiçom contra os dictos
 abbade e Conuento dizendo que as sobre dictas jurisdy | ções que
 os dictos abbade e Conuento por o dicto seu monesteiro tragyam
 50 nas dictas aldeyas de Montesynhos e de Quintanelha per | tteciam
 a mjm por dereyto comum E pedya ao dicto meu Ouuydor que per
 sentença defendesse² aos dictos abbade e Conuento que des | hj en
 deante nom vsas[s]em das dictas jurisdições nas dictas aldeyas e que

¹ Raspado o pergaminho neste ponto. ² Do -n- pouco se vê, por estar o pergaminho rto.

as leixas[s]en a' mjm E da parte dos dictos abbade e Conuen | to
 por o' dicto seu procurador foy dicto que eles nom eram tendos a' 55
 leixar d'usar das dictas jurisdições nas dictas aldeyas nem de as
 lei | xar a' mjm por o que ia¹ dicto e alegado auyam nas sobre dic-
 tas sas razões as quaes dizyam que danam por defessa contra a'
 dicta petiçom as | quaes diziam que tragyam deryto E que deuyam
 seer contestadas por o' dicto meu procurador E pedy a que as con- 60
 testasse E o' dicto meu procura | dor contestando as dictas razões .
 disse que o' nom sabya nem crija E o' procurador dos dictos abbade
 e Conuento . disse que o queria | prouar E uõ com seus arrazoados
 os quaes lhj foram julgados por pertécentes por o' sobre dicto meu
 Ouuydor E o dicto meu procura² | dor esteue pela dicta sente[n]ça 65
 E uõ com artigóos³ a' prouar por mjm a jnterrucom os quaes lhj
 fforom rrecebudos a' se pronar a | jnterrucom e julgados por per-
 técentes . Pelos quaes artigóos as[s]y dar hua parte como⁴ da outra
 o' sobre dicto Johaunes Annes Mello e Domingos | Pia]aes seu compa-
 nhom Ouuydores dos meus ffeitos mandaron hj fflazer Enqueriçõs 70
 E as[s]ignaaron dia aas partes a que parece[s]en perante | [e]f[es]⁵
 na mha Corte com as dictas Enqueriçõs E ao dia que ao' procura-
 dor dos dictos abbade e Conuento pelos dictos meus Ouuydores | ffoy
 as[s]ignaado a que parece[s]e perante eles com as dictas Enqueri-
 çõs os dictos abbade e Conuento nom curaron de ouyar as dictas 75
 Enque | riçõs nem depois a' gram tempo pero fforom atendudas E
 presente Pero da Costa procurador en mha Corte e procurador dos
 dictos abbade e Con | uento Gyrardo [E]stenez⁶ meu procurador
 sobre dicto pedy aos dictos meus Ouuydores que pois o' termho
 era pas[s]ado e muyto mays a que os dy | tos abbade e Conuento 80
 ouueran de vÿr com as dictas Enqueriçõs e nom ueeram nem vyndham
 com elas que os deytas[s]en delas por sentença | E des[s]en a' defi-
 njtina E os dictos meus Ouuydores veendo o que o' dicto meu pro-
 curador por mjm pedy E ueendo en como o termho | era pas[s]ado
 a que ouueran de vÿr com as dictas Enqueriçõs e nom ueeram . dey- 85
 tarom por sentença os dictos abbade e Conuento das dictas | Enque-
 riçõs que nom podes[s]en ja vÿr com elas E per sentença deffinjtiua
 julgarom que des | hj en deante nom vsassen os dictos abbade e |

¹ ia = já. ² Primeiro parece ter sido escrito *Ouuy*, que depois foi raspado e emendado. ³ Os dois acentos estão traçados juntos, com a forma de um til longo.

Cf. a mesma palavra na l. 68. Vid. o estudo desta variante caligráfica no doc. III.

⁴ Tanto o o como o m estão retocados com tinta que parece mais moderna.

⁵ O pergaminho está corroído aqui. ⁶ Vid. a anotação à l. 10.

Conuento nem o dicto seu monesteyro de nêhũa jurisdicôm nas dic-
 90 tas aldeyas nem na enbargas[s]ien a' mjm por¹ que mando vista a'
 carta aas | mhas justicas de Bragança que ffaçam comprir e aguar-
 dar o juizo dos dictos meus Ouydores E que vsen daqui en deante
 de to | da jurisdicôm por mjm nas dictas aldeyas e em cada hũa de-
 las E nom sofram aos dictos abade e Conuento nem a' outro nê
 95 hũu que | polo dicto monesteyro vsen de nê hũa jurisdicôm nas dic-
 tas aldeyas nem en nêhũa delas senom a elas me tornaria² eu por
 en . En tes | temonho d'esto mandey eu seer ffeita esta mha carta
 Dante en Lixbõa quatro dias de janeyro ElRey o mandou por Jo-
 hannes | Annes Mello e por Domjago Paacz Ouydores dos seus ffeiz-
 100 tos e da portaria [E]steuam Martjuz a' ffez . Era de mil e trezentos
 e sa | teenta e oyto anos .

Johannes Johannis

Domjago Paacz : —

III

(1344 da era de Cristo)

DESCRIÇÃO.—É pergamináceo, de forma rectangular não rigo-
 rosa (dimensões máx.: 0^m,396 × 0^m,250); a côr amarelada; algum
 tanto manchado e roído, na margem direita do escrito, o que afecta
 algumas palavras, porém sem gravidade.

É escrito ao alto, numa só das faces. No verso há dois resumos
 do conteúdo, de punhos diferentes: um, que parece o mais antigo
 (séc. XVIII?), assinado por *Francisco Cabral*; outro, anónimo, algum
 tanto noticioso (sôbre matéria do texto). Noutro ponto do verso, com
 letra contemporânea do documento: *de Bragança*.

A letra é gótica cursiva, muito parecida com a do *fac-simile*
 n.º 105 do *Album* de G. Villada³. Aplica-se-lhe, portanto, em parte,
 a análise que faz este A.: letras angulosas, bastante apertadas; em-
 prêgo de *j*, e *r* comprido rectangular e duplo; *s* alto, às vezes du-
 plo (inicial); *z* que lembra o sigma, no fim de palavra; maiúsculas
 reforçadas por traços. Acrescentamos que às vezes o *f* é duplo (ini-
 cial); o *R* usado para denotar o som forte; o *a* minúsculo tem, por
 vezes, tamanho grande, e nem sempre é possível dizer se há in-
 tenção de grafar maiúscula; o *j* e o *y* confundem-se, com freqüên-
 cia; o traço, mais ou menos curvilíneo e horizontal, acusador de

¹ O ponto alto é original. ² No original o *-a* tem, por lapso, til. ³ G. Vil-
 lada, *Paleografia española*, II, Madrid 1923.

abreviatura, pode também confundir-se, como último termo da evolução, de que o texto contém a série total, com dois acentos agudos de vogais juntas¹. Também o ponto do *i* ou do *j* pode ter esta forma. Encima ainda êste traço, na quási totalidade dos casos, os grupos *gu* e *qu* seguidos de vogal².

Texto

Sabham³ quantos este [e]strumento virem que En· presença de·
mjm Lopo [E]steuez Tabiliom delRey en Santaren e das *testemunhas*
adeante [e]scriptas Ffernarn Gonçalvez de Crasto [e]scudeyro | vas-
salo delRej mostrou e per mjm dicto Tabeliom léér fez hũa carta
do· dicto Senhor Rey [e]scripta en Papel e seelada do seu verda- 5
deyro seelo nas | costas segundo en ela paregia da qual o· theor tal
he ¶ Dom Afonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue .
A· uos . Dom Pedro meu | filho . Saude . mandouos que mandedes
a· Ffernarn Gonçalvez de Crasto [e]scudeyro meu vassalo ou outro
qual virdes que *compre* que tome menaiem dos Conçelhos de | meu 10
Senhorio en Nome da Jfante dona Maria nossa filha pela guisa que
per mjm he mandado a· esses Conçelhos que lha façam . Dante en
Santaren . vijnt[e]⁴ | e sejs djas de maço. Joham Durañez a· fiez.
Era de mil e trezentos e oyteenta e dous anos elRej a [sic] A qual
carta assi mostrada e leuda e publicada | per mjm dicto Tabeliom . 15
Joham Rrodriguez⁵ e [E]steuam Perez vassalos delRej e *procurado-*
res do Conçelho de Bragança mostrarom e léér fezerom per mjm
sobre dicto Ta | [be]liom hũa *procuraçom* seelada do Séélo do dicto
Conçelho segundo en ela paregia da qual o· theor tal he ¶ Era de
mil e trezentos e oyteenta e dous | anos sete djas de maço en· pre- 20
sença de mjm Roj Lopez Tabeliom publico delRey en Bragança e
das *testemunhas* que presentes foram que adeante | som [e]scriptas
seendo ao cabidó de Sancta Maria [?] da dicta vila de Bragança
en Conçelho apregóado per Apariço Peres pregoejro do· dicto Con-
çelho se | gundo Costume presentes Martim Mœendez⁶ e Nuno Mar- 25

¹ Eis a série, de que existem ainda as fases intermediárias, com um exemplo de cada termo: 1.º os dois acentos distintos: *léér*, l. 4; 2.º os dois acentos ligados, mas com desnível dos traços, que podem dar a forma de *r* sobreposto: *Séélo*, l. 18; 3.º um traço contínuo: *Poacz*, l. 90. ² Mas vid. a nota a *quaes*, l. 85. ³ A inicial é ornamentada e abrange mais de dois espaços interlineares. ⁴ *vijnte*. Ou assim se há-de ler ou *cynte*. Vid. n. às ll. 38 e 52. ⁵ Lêmos assim, e não *Rroiz*, porque tem traço de abreviatura; o mesmo infra. ⁶ No original um só til sobre os dois *-ee-*.

tjnz Juizes de Bragança . E Affonso Annes vassalo del Rej e Antojno Martjnz e Gomez Lopo [?] procurador do | dicto Conçelho de Bragança e vereadores E Domjagos Annes e Pero Martjnz d'Alcanýças mercadores . E Pero Rrodriguez e Aluaro Rrodriguez Caualejros e Gonçalu E | annes¹ almuxarife² e Johannes Paez [?] vogado E Guarçia Lopez Tabeliom e outros mujtos homêes³ bóos⁴ do dicto Conçelho seendo todos juntos e chamados | pera esto mandaram a mjm Tabeliom sobre dicto fazer hũa procuraçom que tal he. ¶ Em Nome de deus Amen . Sabham quantos esta procuraçom presente
35 virem que | Nos o Conçelho de Bragança pera esto chamados . en Conçelho apregoado pera esto segundo auemos d'huso e de Costume fazemos e ordinha | mos e estabelecemos por nossos çertos procuradores lijdimos⁵ auondosos en Todo assy Como melhor e maýs compridamente podem e deuem seér | e maýs valer a Joham Rrodriguez
40 e a [E]steuam Peres vassalos delRej nossos vezinhos e moradores dentro na dicta vila de Bragança anbos en sse[mbra]⁶ | e cada hũu deles per ssj proc[ur]ador⁷ ou p[ro]curadores desta presente procuraçom que eles por nos e en Nossos Nomes . E daqueles ⁸que depos nos v[ee] | rem⁹. Conhoscam e tomem¹⁰ por Senhora Natural erdeja
45 nos Rejnos de Portugal e do Algarue áá Jfante Dona Maria filha do mũj No | bre Jfante Don Pedro filho primejro e erdejro do mũj Nobre dom Affonso Rej de Portugal e do Algarue . E damos lhjs comprido poder que eles por | nos e en Nosso Nome e por aqueles que de nos deçenderem façam menaiem aa dicta Jfante Dona
50 Maria que ao sajmento do dicto seu Padre | a aiámos por herdejra . E lhj obedeescamos come a Senhor Nat[ur]al nom auendo entom hj filho barom lijdimo¹¹ do dicto Jfante dom Pe | dro que deua erdar os Rejnos de Portugal e do Algarue . o qual nos auemos a auer¹² por Rej e por Senhor se o entom hj ouuer . E obrigamos |

¹ No original: *Gonçalue aũs*. ² O -u- parece duvidoso, por ser formado de duas hastes separadas; mas visto à lupa, cremos divisar um vinco de ligação, proveniente da passagem da pena, cuja tinta falhou. A observação atenta rejeita que pudesse ser um o. ³ *homêes*, ou *homens*. ⁴ Sobreposto às vogais há um sinal, de interpretação duvidosa: ou quer acusar dois acentos agudos (o que parece mais crível), ou um til. ⁵ *lijdimos* ou *lydimos*. Vid. ns. às ll. 13 e 52. ⁶ Percebe-se ainda a haste de -b-. ⁷ No original: *porcador*, devido a distração do escriba (note-se a deficiência na mesma palavra, logo a seguir). ⁸ No original o *da* está separado. ⁹ Distingue-se um comêço de traço que encimaria os dois -ee-. ¹⁰ Mas seria para til ou para acentos agudos? ¹¹ Antes de *tomem*, que no original está grafado com maiúscula, tinha sido escrito *todomẽ* (?), e o erro foi acusado pelo escriba com três pontos sobpostos. ¹² *lijdimo* ou *lydimo*. Vid. a n. à l. 38. ¹³ As palavras *a auer* estão acrescentadas na entrelinha.

nos e por aqueles que de nos decenderem a' aguardar a dicta me- 55
 naiem . E' que se o¹ assj nom fizermos que fiquemos por treedo-
 res tan ben nos | come² aqueles que de nos decenderem aguardando
 a Nosso Senhor ElRej don Affonso Auó da dicta Jfante E' do dicto
 Jfante dom Pedro | seu Padre dela as menagões³ que lhis auemos
 feitas . A' qual menaiem mandamos fazer aa' dicta Jfante per man- 60
 dado de Nosso Senhor El | Rej . E' nos por nos e por aqueles que
 de pos nos decenderem auemos e pormetemos a' auer Por firme e
 por [e]stauyl pera t[odo] | senpre todalas Cousas sobre dictas e cada
 hũa delas que forem feitas e' ordinhas e outorgadas pelos dictos
 nossos procuradores em [toda] | las cousas de ssuso dictas e en cada 65
 hũa delas . en Testemunho da qual Consa fizemos ende sóer feita
 esta procuraçom | per mão de Roj Lopez Tabeliom delRej em Bra-
 gança e signada do seu signal . E' por major firmjdoem seelamola
 do | Seelo Pendente de nos dicto Conçelho testemunhas Martim Do-
 minguez Gonçalo Paez Santiagues . Affonso Martjnz abbade de Ra- 70
 náal Joham Ffernandez | Mateus Dominguez e Ffernarn Goterrez car-
 njejros . E' outros . E' eu Roj Lopez Tabelliom sobre dicto que
 a' esto presente fñj e per mandado e outorga | mento do dicto
 Conçelho esta procuraçom [e]screpñj feita no ssobre dicto logar no
 dja E' era ssobre dictos . E' en ela meu signal pugj que tal he | E' 75
 eu Guarçia Lopez Tabeliom⁴ de Nosso Senhor ElRej en Bragança
 a' esto presente fuý e aquí meu signal pugý que | tal he em teste-
 munho de verdade . A' qual carta e procuraçom assj mostradas
 presente a' dicta Jfante Dona Maria os ssobre dicto[s] Joham Rro-
 driguez | e [E]steuam Perez procuradores do dicto Conçelho per 80
 poder da dicta procuraçom ffezerom menaiem ao dicto Ffernarn
 Gonçaluez en Nome da dicta Jfante Dona Maria e | polo dicto Con-
 çelho e por aqueles que de pojs deles decenderen por aquela guisa⁵
 que ElRej mandaua na ssobre dicta carta e era contheudo na sso-
 bre dicta | procuraçom . das quaes⁶ Cousas o dicto Joham Rrodri- 85
 quez e [E]steuam Perez pedirom a' mjm⁷ Lopo [E]steuez Tabeliom
 sobre dicto este [e]strumento feito en Santa | rem vynte e sete djas

¹ Nas palavras *se o*, que estão unidas, a tinta alastrou (não no *s*); depois as vogais foram retocadas, mas continuaram imperfeitas, e o escriba, distraído, parece que as tomou como *-oo-* e traçou-lhes em seguida acentos agudos (unidos), como se a palavra fôsse *sóo*, que seria, pelo sentido, absurda. ² Podemos *-e*, seguindo o exemplo da l. 51. ³ No original o til cobre os *-ee-*. ⁴ Repetido por engano: *Tabeljõ*. ⁵ Acrescentada a palavra na entrelinha. ⁶ Sobre as duas primeiras letras desta palavra há um sinal: espécie de *u* minúsculo, muito aberto. ⁷ Depois de *njm* está, riscado: *aso*. Certamente ia a pôr a quarta palavra seguinte.

de mayo Era de mil e trezentos e ojeenta e dous anos . *testemunhas* que presentes foram Vaasqu'Eannes¹ Coonygo | de Viseu Alvaro
 90 Ffernandez vassalo delRej Affonso Pááez [e]scudejro do Priol da
 Atougja Joham Dominguez clerigo de Viseu e outros . E eu | Lopo
 [E]steuez ssobre dicto Tabelliom que a' esto com as sobre dictas Tes-
 temunhas presente fuý na dicta vila de Santaren nos Pááços | do
 Bispo de Lixbõa e a rogo e mandado dos dictos Joham Rrodriguez
 95 e [E]steuam Perez este [e]strumento [e]screpuj e en el meu signal
 fiz que tal | [sinál do notário] he.

IV

(1346 da era de Cristo)

DESCRIÇÃO.— Como dissemos, está este documento no reverso da folha pergaminácea em que foi escrito o documento II; fica no topo, ao alto.

A letra é cursiva gótica, bastante cheia, mas de tinta desbotada, o que dificulta assaz a leitura. Características principais: os *zz* finais, na maior parte dos casos (que em nota acusamos) confundíveis com *ss*; o grupo *lh* cortado por traço, mas não sempre; *rr* longos, iniciais ou mediais; linhas como titulares, mas de significação nula para a leitura; por vezes um traço longo substitui o ponto sobre o *i* ou o *j*; certo jeito de ligar letras aos traços sobrepostos (por ex., o *m* de *nome*, l. 11); consoantes duplas desprovidas de sentido etimológico; palavras mal partidas.

Texto

Era de mill e trezentos Et oyntenta e quatro annos dez e oyto dias de mayo em presença de mjm Rruy Lopez taballjom² pobrico delRey em Bragança | e das *testes*³ que adeante ssom escriptas Joham Rroiz⁴ juyz⁵ de Bragança chegou [aa] aldea de Quíntela de Caale-
 5 lha eu taballjom ssobre dicto com el o' dicto juyz⁶ | por esta carreta⁷ delRey ffilhou a' jurydiçom da dicta aldea pera o conçelho de Bra-

¹ No original: *vaasq̃ aũs*. ² Interpretamos, aqui e mais abaixo, como querendo significar também a duplicação da letra *l* o traço longo de abreviação, que afecta o *o*, por força do exemplo da l. 5. ³ Ou se desdobrará a abreviatura nesta forma latina, *tam* corrente nos documentos velhos, ou na vernácula *testemõyas*, ou *testemunhas* (cf. o doc. III, l. 92). ⁴ O -z como sigma. ⁵ O -z como sigma. ⁶ O -z como sigma. ⁷ Soa *cárreta*. O original tem *cařtu* (o -r- comprido). O mesmo abaixo, ll. 7 e 17.

gança assy cõmo¹ elRey pela dicta ssa carreta manda e que de | ste dia em deante ffosse a dicta juridiçom do conçelho de Bragança e nom doutre Et por quanto a dicta aldeia estaua desspobrada e nom | moraua hy n̄hum² o dicto juyz³ ssabendo que hum omem que ha¹⁰ n̄me⁴ Martim Esteuez⁵ morador em nas Veigas aldeia de Bragança⁶ que lauerana⁷ | no dicto logar de Quintela e por que o conçelho estenesse em posse da dicta jurydiçom juramentou por jurado do dicto logar de Quintela | por n̄me⁸ do conçelho o dicto Martim Esteuez⁹ e possolhy logo deffessa¹⁰ que daqui¹¹ em deante nom ssajsse¹⁵ nem consenta a n̄hum¹² que aia¹³ arroydo se | nom per ante o conçelho¹⁴ de Bragança ssegundo elRey manda por ssa carreta¹⁵ testes¹⁶ Joham Esteuez¹⁷ Pero Pfernandez¹⁸ Pero Perez¹⁹ e Diogo Perez²⁰ moradores em nas Veigas | Et Eu taballjom ssobre dicto que a esto presente²¹ ffoy e esta obra aquy escrepuj e m̄eu²² ssynal pogj que²⁰ tal [sinal do tabelido] he .

(Continua).

ABÍLIO ROSEIRA.

¹ O original tem traço superior à palavra. ² O ms. tem *n̄hu*. O mesmo na l. 16. ³ O -z como sigma. ⁴ No original há traço superior à palavra. O mesmo na l. 14. ⁵ O -z como sigma. ⁶ Traço ocioso sobre a palavra. ⁷ No original, sobre o primeiro -u- há: *Σ*. ⁸ Vid. n. 4 à l. 11. ⁹ O -z como sigma. ¹⁰ No ms.: *de ffessa*. ¹¹ No ms.: *da qui*. ¹² Vid. n. 2 à l. 10. ¹³ O ms. tem: *aã*. ¹⁴ Esta palavra está retocada, em parte, com tinta mais moderna. ¹⁵ Vid. n. 7 à l. 5. ¹⁶ Vid. n. à l. 3. ¹⁷ O -z como sigma. ¹⁸ O -z como sigma. ¹⁹ O -z como sigma. ²⁰ O -z como sigma. ²¹ Traço ocioso sobre a palavra. O *p* com abreviatura própria. ²² *Sic*, com traço superior à palavra.

Miscelânea

Algumas influências anglo-germânicas nas «Viagens na minha terra»

A obra *Viagens na minha terra* começou a ser escrita em 1843, no mesmo ano em que Garrett, segundo o seu próprio testemunho, fez a jornada, de que resultaria para a literatura portuguesa um dos seus mais preciosos e encantadores livros de prosa. Garrett alcançara então a plenitude artística—lembramo-nos que do mesmo ano data a composição do drama *Fr. Luis de Sousa* e que em breve escreveria algumas das inexcusáveis poesias insertas nas *Fóllhas Caidas*.

Numa carta¹, datada de 6 de Julho de 1843, Passos Manuel convidara Garrett a visitar o Ribatejo, onde aquele politico se encontrava, incitando-o a ir ler a «grande crónica de pedra de Santarém». Garrett aceitou o convite e nesse mesmo mês partiu, segundo nos diz nas *Viagens*, cap. I: «São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843...». De impressões de viagem, de ironia fina e mordente, de filosofia, de crítica, de sentimento exaltado—de tudo isto é formada a dita obra. Não se pode classificar as *Viagens* em qualquer género de prosa: é um livro *sui generis*, muito pessoal, cheio de originalidade.

Algumas influências anglo-germânicas se exerceram todavia nêlo, ressaltando por êsse próprio facto a sua contextura muito portuguesa. Um erudito crítico alemão, Otto Antscherl, a quem a literatura portuguesa é devedora dum magnifico estudo intitulado *J. B. de Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik*, diz acêrca das *Viagens*: «Und schon in den ersten Worten und in der darauf bezüglichen Anmerkung wird es klar, daß wiederum ein französisches Vorbild Garrett vor Augen stand, das er als volkstümlich und unnachahmlich bezeichnet: Xavier Maistres *Voyage autour de ma chambre*». Contudo, no final da sua análise às *Viagens*, o mesmo crítico declara que, embora a forma de alguma obra possa ter exer-

¹ Encontra-se publicada em *Garrett e os Dramas Românticos*, de Teófilo Braga, p. 373, ed. de 1905.

cido influência, pelo conteúdo nenhuma, em todo o caso, se lhe pode comparar: «Garrett... hat damit ein Werk geschaffen, dem in der Zeit der Romantik nichts Ebenbürtiges zur Seite gestellt werden kann».

Embora Garrett cite Xavier de Maistre, não foi este autor que exerceu maior influência no aspecto formal das *Viagens*, mas Lawrence Sterne.

Garrett refere-se a este escritor várias vezes, mostrando serem-lhe familiares as duas obras do célebre humorista inglês: *A Sentimental Journey* e *Tristan Shandy*.

Essas referências ocorrem nos capítulos XI e XLI. No primeiro comenta e traduz um passo dum trecho intitulado Montreuil da obra *A Sentimental Journey*, em que o seu autor faz o elogio da paixão amorosa: «...having been in love with one princess or another almost my life, and I hope I shall go on so, till I die, being firmly persuaded that if I ever do a mean action, it must be in some interval between one passion and another».

Analogias de sentimento podem notar-se entre a figura de Carlos, em que Garrett se retratou e mostrou a nu o seu coração, e Sterne, que, no capítulo Amiens, da mesma obra diz: «It had ever, as I told the reader been one of the singular blessings of my life, to be almost every hour of it miserably in love with some one...».

Uma restrição há a fazer: enquanto Sterne considera como bênçãos as paixões amorosas e risonhamente delas fala, Garrett, através da figura de Carlos e nas *Fóllhas Caidas*, olha-as antes como uma fatalidade dolorosa e irresistível.

A outra alusão, que Garrett faz a Sterne, refere-se a um passo¹ de *Tristan Shandy*, em que o autor inglês ao querer fazer o retrato da viúva Wadman, resolve de preferência deixar uma página em claro para aí cada qual pintar o retrato segundo a sua fantasia: «...quero uma pagina inteira de pontinhos ou toda branca ou toda preta, como na veneravel historia do nosso particular e respeitavel amigo Tristão Shandy». (Cap. XLI).

As digressões, tam vulgares nas *Viagens* e frisadas com deliciosa ironia pelo autor, encontram-se com uma frequência ainda maior no *Tristan Shandy*, como se vê por exemplo nos capítulos L, LIV e LV da obra de Sterne.

Assim como Garrett era conhecedor deste humorista, assim o era de numerosos autores ingleses, com cujas obras tivera contacto

¹ *Ob. cit.*, cap. III.

intimo durante as estadas em Inglaterra no tempo das emigrações de 1823 e 1828, sobretudo na primeira.

Nas *Viagens* refere-se, vendo-se que conhecia bem as respectivas obras, a Shakespeare, por quem tinha uma imensa veneração, a Milton, Bacon, Bentham, Pope, Byron e Addison, ao qual chega a referir-se nos termos seguintes: «Trago aqui na algibeira o meu Addison—um dos poucos livros que não largo nunca» e «o *Spectator*, que é um livro sem que se não pode estar». (Cap. IV). No mesmo livro menciona passos e personagens de obras Shakesperianas — *Hamlet*, *Macbeth*, *A Midsummer night's dream* e *The merry wives of Windsor*.

A estada em Warwickshire em casa da família Hadley permitiu a Garrett uma compreensão e um conhecimento íntimos da cultura britânica: «Nunca tinha entendido Shakespeare emquanto o não li em Warwick, ao pé do Avon, debaixo de um carvalho secular, á luz daquele sol baço e branco do nublado céo d'Albion... ou á noite com os pés no fender... emquanto o fogão e os ponderosos castiçaes de cobre brunido projectam no antigo tecto aquellas fortes sombras vacilantes de que os poetas — poetas como Shakespeare — fazem sombras de Banquo, bruxas de Macbeth, e até a rotunda pansa e o arrastante espadagão do meu particular amigo Sir John Falstaff». (Cap. XXVI).

E na carta de Carlos diz que às «Young ladies», filhas das pessoas que o acolheram, devia o seu conhecimento dos autores ingleses: «Os mais difficeis e delicados apices de perfeição de sua tam caprichosa e tam expressiva lingua, as bellezas mais sentidas dos seus auctores queridos... isso tudo o aprendi ali das suaves lições que insensivelmente recebia a cada instante». (Cap. XLIV).

A Lord Byron tributou Garrett uma grande admiração, como se nota nos primeiros poemas que compôs á maneira romântica, sobretudo no *Camões*¹. Por Shakespeare já não era só admiração que sentia, chegava a ter por êle um verdadeiro entusiasmo. Isto nota-se

¹ Em carta particular a Duarte Lessa, Garrett notifica que o estilo do poema *Camões* ia moldado ao de Byron. No canto 1, est. 2, do mesmo poema, há evidente influência dos seguintes versos de Byron:

Roll on, thou deep and blue-dark Ocean—roll!
Ten thousand fleets sweep over thee in vain;
Man marks earth with ruin—his control
Stops with the shore...

Childe Harold, canto IV.

não só nas *Viagens* mas também em outras suas obras e até num pequeno escrito de crítica intitulado *Mr. Sheridan Knowles*.

Bulhão Pato, nas páginas que no seu livro *Sob os Ciprestes* dedica a Almeida Garrett, diz acêrca dos autores favoritos dêste: «Dos escritores modernos os seus predilectos eram Shakespeare, Schiller, Goethe. Acima de todos Shakespeare; como Lord Macaulay, Garrett julgava-o o primeiro poeta do mundo, depois de Homero».

Nas *Viagens* Garrett mostra uma grande admiração por Goethe, às obras do qual se refere, sobretudo ao *Fausto*, com cuja personalidade achava ter bastantes analogias o nosso S. Frei Gil de Santarém. A figura de S. Frei Gil, o «nosso Fausto portuguez», sábio medieval com características de «grande bruxo e grande santo», atraiu várias vezes a atenção de Garrett, que no poema *D. Branca* já o fizera desempenhar um papel de certa importância. Ainda nas *Viagens* faz alusão a outros autores alemães — a Gessner, a Schiller e ao filólogo Depping — e menciona os *Nibelungen*.

Como o próprio Garrett informa na Autobiografia, da sua estada de perto de dois anos em Bruxelas data-lhe o conhecimento da lingua alemã e das mais célebres obras de Herder, Schiller e Goethe: «o gosto que tomou principalmente por este ultimo escriptor influu de tal sorte nas suas opiniões litterarias, no seu estylo, em tudo o que se pode chamar o genero e modo de escrever de um auctor que as suas composições posteriores têm todas um cunho differente, ao menos em nossa opinião, um caracter de maior transcendencia e profundidade, pensamento mais vigoroso, estylo mais proprio e feito, mais verdadeiramente original».

¿O conhecimento que então possuía da lingua alemã permitir-lhe-ia já ler no original, como diz, as composições dêsses autores, que oferecem uma certa difficuldade para quem não domine ainda bem a lingua alemã? É esta a objecção que ocorre naturalmente a quem ler um parágrafo da carta, datada de 18 de Maio de 1842, dirigida por Garrett a Manuel Rodrigues da Silva: «Com o alemão vou devagar; o tempo é pouco e o mestre de favor: duas coisas com que se não anda depressa». No entanto, é certo que por volta de 1843 já nos dá nas *Viagens* uma bela tradução de alguns versos do *Fausto*, tarefa bastante difficil e da qual o escriptor portuguez se desempenhou magnificamente.

Encontra-se nas *Viagens* o romance popular de Santa Iria, transcrito em disticos de doze sílabas. Garrett acentua que escolheu essa forma métrica por adoptar a «teoria do engenhoso philologo allemão

Depping». No amor de Garrett pelo folclore nacional teve influência o espírito anglo-germânico. Já latente há longo tempo, esse amor foi-lhe avivado pelos exemplos de Percy, Walter Scott e Bürger¹.

Na carta final de Carlos, tam rica de penetrante análise introspectiva e de exaltada veemência sentimental, soam os mesmos gritos dolorosos que, por vezes, se escutam nas *Folhas Caidas*, como na poesia intitulada Víbora:

Como a víbora gerado
No coração se formou
Este amor amaldiçoado,
Que à nascença o espedaçou.

Com maior amargura e pungente ironia, o grande poeta lírico Heine empregara uma imagem semelhante numa poesia do *Lyrisches Intermezzo*:

Vergiftet sind meine Lieder
Wie könnt' es anders sein?
Ich trage im Herzen viel Schlangen
Und dich Geliebte mein.

A suave ironia de Garrett nunca possuiu o travo amaríssimo da de Heine; muito mais se aproxima da de Sterne.

*

Há influências inglesas no vocabulário das *Viagens*, onde Garrett empregou vários anglicismos. Alguns entraram na língua portuguesa e têm tido larga vida, outros nunca chegaram a ter curso. Entre os primeiros estão «desapontamento», «horsa» e «flartar» — que Garrett chegou a conjugar: «Eu flartava, nós flartávamos, ellas flartavam...» — e, entre os últimos «fashionável», e possivelmente, «chaperão».

Emprega também, sem tentar portuguesá-los, termos ingleses como: «anle, canvassing, fender, inn, great-coat, parlour, old-sack, scrap-book, shake-hands, stage». Estas influências estrangeiras que se exerceram na obra Garretiana denotam o espírito superiormente vivo, culto e artístico do autor, que as assimilou e transformou em ouro português de lei.

MARIA ZALUAR NUNES.

¹ Cf. prefácio da *Adozinda* e carta de 1 de Dezembro de 1842, a Gomes Monteiro.

Resquícios Filológicos

RESQUÍCIO. ... qualquer abertura, ou fenda, por onde pôde entrar alguma claridade.

BLUTEAU, *Vocabulário*, s. v.

I

Lusismo malogrado

Se os fenómenos idiomáticos, agrupados em unidades a que chamamos línguas, dialectos, etc., têm importância para o estudo dos agregados sociais a que servem de expressão, têm também importância quando restritos aos casos individuais, pois estes, ou reflectem maneiras de ser gerais, ou constituem desvios que, se forem seguidos pelo corpo colectivo, atingem a história interna do respectivo idioma.

Do primeiro caso trazemos agora a lume um exemplo, mas não sem hesitação, atenta a brevidade extrema de vida que teve. Demoveu-nos, porém, a isso, dum lado, o constituir mais um dos raros lusismos, pôsto gôro, do inglês; doutro lado, o pitoresco da sua formação.

Aconteceu por 1912. Advogavam então em Haiderabade (Índia inglesa), brilhantemente, dois Portugueses: o Dr. Francisco dos Santos, já falecido, e o Dr. Constantino José dos Santos, actualmente diplomata ilustre, e nosso querido Amigo. Necessitando dos seus serviços, dirigiu-se-lhes por escrito, em inglês, certo Indiano, possivelmente não muito sabedor desta língua; e supondo que se tratava de firma comercial de advogados, transformou o nome dos irmãos *dos Santos* em *Brothers Doss & Toss!*

Analisando o processo formativo, salientamos do fenómeno:

a) a apropriação analógica, por etimologia popular, de três palavras, duas das quais aliteradas, mas a primeira destas, cremos, sem significação em inglês (¿tê-la há na língua original do individuo?);

b) como reflexo de pronúncia corrente, a aglutinação fonética, e nobilitante, do *dos* ao apelido (= *Dossantos*) e a deslocação do acento tónico dêste todo, parece que bipartido, mas, pelo menos, manifestamente retraído, segundo tendência da língua inglesa¹.

ABÍLIO ROSEIRA.

¹ Nesfield, *Historical english and derivation*, Londres 1922, p. 84 sg.

Livros e Revistas

Archives Néerlandaises de Phonétique Expérimentale, tome x (Organe officiel de la Société Internationale de Phonétique Expérimentale. Ed. Martinus Nijhoff. La Haye, 1934, 150 páginas).

São de grande interesse os artigos publicados nos *Arquivos Neerlandeses de Fonetica Experimental* e que formam o t. x desta revista.

Alguns destes trabalhos exigem, pela sua importância, estudos laboratoriais, pormenorizados. Limitamo-nos, por agora, a um breve comentário de todos os artigos, respeitando a ordem da sua publicação:

Analyse électrique du langage, por A. Gemeli e G. Pastori. (Do Instituto de Psicologia da Universidade Católica de Milão).

Observando que o problema da estrutura vocálica não foi ainda solucionado, apesar dos valiosos e múltiplos estudos de que tem sido alvo, os dois ilustres cientistas apresentam, neste trabalho, os resultados da suas recentes investigações, no sentido de contribuírem para o seu esclarecimento.

Procurando descobrir os elementos constituintes da estrutura vocálica, lançam mão do método oscilográfico, aludindo, no seu estudo, à perfeição do dispositivo empregado.

Os oscilogramas obtidos, e cujas reproduções acompanham o trabalho, merecem, de facto, a maior atenção. Lamentamos, porém, que sejam tão resumidas as informações de ordem técnica, pois os Autores limitam-se a esclarecer que o dispositivo oscilográfico empregado constava dos cinco elementos seguintes: microfone, amplificador, oscilógrafo, quimógrafo fotográfico e um diapasão para a inscrição cronográfica.

E do conhecimento geral que um dispositivo oscilográfico consta, ordinariamente, dos cinco elementos apontados. Interessava-nos, sobretudo, conhecer as características de cada um dos elementos.

O registo oscilográfico deveria, ainda, ser acompanhado do registo fonográfico simultâneo, visto as curvas obtidas não serem reproduzíveis. A gravação cuidadosa dos sons originais, de forma a obter um mínimo de deformação das curvas, permitiria a outros foneticistas a repetição da experiência empregando esta ou aquela técnica. A este respeito muito há a esperar do filme sonoro, que deverá ser em breve um precioso auxiliar da fonética experimental. O seu aproveitamento implica ainda grandes dificuldades, principalmente de ordem material, o que é para lamentar.

No presente caso, diremos que a simples apresentação dos oscilogramas não nos parece suficiente.

São muito curiosas as observações concernentes à importância dos tons não harmónicos na estrutura vocálica, e em que se prova o interesse da análise comparativa das curvas oscilográficas pelos métodos de Fourier e de Vercelli. Relembremos, nesta altura, os trabalhos de Bouman e de Abas, publicados no t. XIII dos *Archives Néerlandaises de Physiologie de l'Homme et*

des Animaux: «Pour finir, je voudrais dire en somme que le son d'une voyelle est en soi un complexe formé de composants harmoniques, mais que son harmonicité est modifiée par les parois de la bouche (et il va de soi que d'autres parois et d'autres espaces aussi doivent jouer un rôle) au point qu'on obtient le timbre spécifique d'une certaine voyelle». (H. D. Bouman, *Sur une méthode d'analyse des sons à l'aide de la résonance électrique appliquée aux voyelles néerlandaises*, liv. cit., p. 88 e ants.). Abas, nas suas *Recherches expérimentales sur le timbre des voyelles*, diz-nos: «... Pipping a esboçado uma teoria sur l'existence de trois résonances, celles de la cage thoracique, du pharynx et de la cavité buccale». (Vid. *ob. cit.*, p. 148). Interessa ainda chamar a atenção para uma das suas conclusões: «Si Hermann a voulu dire seulement que les «formantes» peuvent être quelquefois inharmoniques du son fondamental, il a raison peut-être: mais il faut admettre plutôt que les centres de résonance importants ont fort probablement des fréquences harmoniques, les autres provenant de bruits secondaires causés aussi par le frottement de certains organes dans le procès de la parole et de la respiration».

Vejamos agora a opinião de Gemelli e de Pastori, chamando-se a atenção do leitor para o facto de se atribuir importância à diferenciação de fase: «Pour former une voyelle il faut, selon les cas, des tons partiels harmoniques ou anharmoniques; il faut encore certains déplacements des phases; certains amortissements déterminés. Ce qu'il faut absolument, pour obtenir une voyelle typique c'est quelque chose de tout à fait différent pour chacune de celles-ci: on pourrait dire d'une façon schématique que: pour *a* il faut des tons partiels de grande amplitude, qui s'amortissent entre eux: pour *i* il faut un petit ton anharmonique de fréquence fort supérieure à celle du ton fondamental; pour *u* il faut un ton de fréquence peut éloignée de celle du fondamental; mais dont les phases sont déplacées d'une façon déterminées». O problema da estrutura vocálica, no que respeita aos variados arranjos dos tons parciais, é, como se vê, olhado duma nova forma; não se trata, como dizem os próprios Autores, de saber se é uma frequência múltipla, harmónica, do tom fundamental, ou se esta frequência varia ou não com a diminuição ou aumento da frequência do fundamental.

Observando os oscilogramas obtidos, os Autores distinguem duma maneira geral: uma zona inicial, uma zona média e uma zona final, nas vogais prolongadas e emitidas duma forma contínua. A zona média é então a zona dominante e é formada duma série de períodos típicos; esta série de períodos típicos é antecedida por uma série de períodos atípicos iniciais e seguida por uma série de períodos atípicos finais. Como fonema constituinte da linguagem vulgar, numa palavra, por exemplo, apresenta apenas uma fase inicial e uma fase final de períodos atípicos. Embora atípicos, ou ainda incompletos, estas séries de períodos permitem a distinção de timbre. (Receando confusões, conservamos a antiga terminologia, empregando a palavra timbre com o seu significado vulgar).

As investigações por nós efectuadas, com o auxílio do método cromográfico, também nos salientaram a existência de zonas diferenciadas e que se nos afiguram da maior importância para o estudo da interacção sonora. Porém, a forma duma curva depende de tam grande número de factores que as nossas experiências ainda não nos habilitam a formular uma opinião segura sobre as variadas estruturas vocálicas.

Reconhecendo o valor do trabalho de Gemeli e Pastori, não aceitaremos, todavia, como indiscutivelmente fiéis as curvas apresentadas. Para as vogais isoladas e longas (neste caso ultra-longas), sirvam estas de exemplo, também os cromogramas nos revelam: uma zona inicial de formação, uma zona média dominante e uma zona final de deformação. A zona média, dominante, em intensidade e duração, é caracterizada pela uniformidade dos períodos que a constituem; as zonas de formação e deformação são caracterizadas pela falta de periodicidade e pela falta de uniformidade, havendo a constatar, respectivamente, uma progressão e uma regressão na unidade sonora.

Gemeli e Pastori não se limitaram a constatar zonas de diferenciação e parecem aceitar, sem reserva, o que lhes revelam os oscilogramas no que respeita aos períodos típicos e atípicos. Futuros trabalhos que os Autores nos prometem comprovar-nos hão, possivelmente, a fidelidade dos seus oscilogramas. No entanto, a tradução dos glifos em gráficos analisáveis, com auxílio dos métodos electro-acústicos, mostra-nos que a mais pequena alteração sofrida por qualquer elemento do dispositivo é suficiente para actuar como factor modificativo da curva resultante, e se desconhecemos o valor dessa alteração, não será possível proceder à respectiva rectificação.

Há que atender, ainda, à extrema variabilidade com que pode ser emitida uma vogal, o que torna difficilimo elaborar um plano sistemático de investigações.

A imperfeição e insuficiência dos antigos métodos experimentais chegou a provocar o seu abandono; dispomos, hoje, é certo, de métodos incomparavelmente mais perfeitos, mas a sua própria sensibilidade implica inúmeras cautelas. Só uma longa e paciente série de experiências prévias nos poderá fornecer dados para garantia da exactidão dos gráficos a analisar.

Não sendo possível repetir a emissão dum mesmo som ou submetê-lo a determinados graus de variação, neste ou naquele sentido, o que nos impossibilita de tornar sistemática uma dada série de experiências, teremos de recorrer à inserição de curvas reproduzíveis e ao processo sintético, tal como o empregou R. Pfenniger. As curvas, desenhadas e convenientemente preparadas, são submetidas à leitura pela célula foto-eléctrica.

As vogais típicas que os Autores apontam como possuindo uma estrutura perfeitamente característica, são: *a*, *i*, *u*; *o*, *e*, são-nos dados como exemplos dos fonemas de transição, teóricamente, inumeráveis, entre *a* e *i* e entre *a* e *u*.

Haverá a constatar: vogais típicas e vogais de transição. A vogal *a* será a vogal típica, por excelência, atendendo ao grau avançado da sua evolução, ao passo que as vogais *u* e *i* são mais susceptíveis de regresso à simplicidade sonora. As vogais típicas são caracterizadas por determinados detalhes da sua estrutura. São esses detalhes que na opinião dos Autores mais importa conhecer.

As novas conclusões a que chegaram Gemeli e Pastori não poderão deixar de interessar, grandemente, os foneticistas, a quem recomendamos tam valiosa contribuição.

Der Modifizierende Einfluss der Sensitiven Faktoren auf die Sprachmelodie im Ungarischen, por Ludwig Hegedüs. (Trabalho realizado no Instituto de Fonética da Universidade de Viena).

Hegedüs dá-nos alguns exemplos da influência do estado anímico, sobre a melodia da fala, em húngaro.

O material de análise compõe-se de quimogramas e a altura de tom foi encontrada pelo processo usual.

Discordamos do método empregado e ainda da orientação do trabalho. Os quimogramas, duma maneira geral, não permitem uma delimitação dos elementos fonéticos, e as variadas frequências vibratórias só nos poderão ser reveladas com aproximação insuficiente.

Se o que se pretende é obter, apenas, a orientação aproximada da curva de entonação, o simples ouvido distinguirá, geralmente, se a linha melódica é ascendente, descendente, ou ascendente-descendente, etc. Porém, se o fim da investigação é a análise dos elementos implicados na coloração melódica e suas variadas combinações, deveremos, então, aplicar outros métodos mais perfeitos do que os métodos quimográficos.

Notamos que Hegedüs recorreu à curva oral para a determinação da altura de tom e não a uma inscrição laríngea. Em virtude dos movimentos de massa, a curva oral é a que menos se presta à determinação exacta da frequência.

Beitrag zur Erklärung des Westgermanischen Monophthongierung, por A. Z. Huisman. (Trabalho realizado no Instituto de Fisiologia da Universidade de Amsterdam).

As considerações que iniciam a exposição põem em relêvo as dificuldades que envolvem o problema da mono- e ditongação. O facto de uma dada modificação fonética não apresentar o carácter de universalidade, é, também, invocado.

A êste respeito diremos, simplesmente, que é ainda demasiado cedo para se pretender exigir uma explicação completa de qualquer fenómeno fonético. Muito há a esperar dos modernos processos electro-acústicos que principiam a iluminar poderosamente as investigações fonéticas.

Relativamente aos fenómenos de mono- e ditongação a que o trabalho se refere, é, de facto, natural procurar encontrar a sua explicação no próprio conjunto de elementos que formam a unidade e que formam o desdobramento, e, ainda, no conjunto de elementos componentes dos fonemas ante os quais se realizou a diferenciação, no sentido da unificação, ou no sentido do desdobramento.

Todavia, êsses conjuntos de elementos componentes dos variados fonemas são apreciados, neste trabalho, não como conjuntos de elementos modificáveis, mas simplesmente como elementos modificáveis.

Huisman alude à «essência» do ditongo e à «essência» dos fonemas, mas não considerou, certamente, essa «essência» como o conjunto de elementos modificáveis, extremamente móveis. E assim, o fonema continua a ser tratado como um fenómeno capaz de sofrer modalidades inexplicáveis. E, principalmente, por esta razão que somos levados a discordar da técnica e dos métodos seguidos nas experiências relatadas, e que, entre outras, levam à conclusão seguinte: Entre o monotongo e o ditongo não existe uma fronteira nítida, bem marcada. («Eine scharfe Grenze zwischen Monophthong und Diphthong gibt es also nicht»).

Não se julgue, porém, que em nossa opinião a explicação do fenómeno depende, somente, da análise dos elementos microfónicos; a sua análise dir-nos há o que existe de facto. Resta depois investigar a razão da sua existência.

As conclusões apresentadas por Huisman são excessivamente vagas e insuficientemente provadas. Este seu trabalho poderá, sem dúvida, encaminhar, de certa forma, novas investigações, no intuito de procurar esclarecimentos seguros dos fenómenos que Huisman pretendem analisar. O problema terá de ser estudado sob vários aspectos, e os métodos a empregar deverão permitir uma profunda análise dos elementos fonéticos interessados.

Abstraindo, mesmo, dos factores de ordem psicológica que devem ter influido nos resultados obtidos, inconsistentes, por vezes quasi contraditórios, somos obrigados a reconhecer que os métodos empregados não estavam indicados como auxiliares duma investigação que exige, por sua natureza, os métodos mais sensíveis e exactos. Ainda, mesmo, que estes últimos tivessem auxiliado a investigação, não se nos afigura provável que os resultados fôsem plenamente satisfatórios; mas, seriam, pelo menos, indiscutíveis, e, como tais, de proveito para futuras contribuições. E, possivelmente, das mais variadas contribuições está dependente o esclarecimento do problema em questão. Veja-se, por exemplo, a êste respeito o que nos diz L. Kaiser, num dos artigos seguintes ao que analisamos, e que a Autora intitulou: «Some properties of speech muscles and the influence thereof on language»: The fact that the lowering of the jaw is effected more quickly than the raising may be of importance for the transition between the two elements of diphthongs. Especially with wide-narrow diphthongs the two elements are sometimes pronounced separately, as in italian, or the speaker restricts himself to a slight transition, in consequence whereof the diphthong tends to lose its essential characteristic and approaches a monophthong...

Sob o ponto de vista técnico, lamentamos que Huisman, no que se refere ao dispositivo de Zwaardemaker, se limite a indicar-nos onde se encontra a sua descrição. Todo aquele que realizou uma série de trabalhos com um dado dispositivo, está mais ou menos apto a criticar o respectivo método. E neste ponto julgamos que muito haverá a criticar.

A fig. 2 é sufficiente para nos revelar uma insuficiência técnica; a inscrição das ondas não permite a menor análise.

Não há que atender a ondas visíveis ou invisíveis; há que atender ao vozeamento real. Mas, partindo do princípio que as curvas laringeas eram duma fidelidade indiscutível, estas não seriam suficientes para esclarecer o problema proposto. De resto, o facto de a curva laringea não figurar na curva representada na fig. 3, tem, para nós, devemos confessá-lo, certa importância.

Quanto aos palatogramas, não queremos negar, inteiramente, o seu valor, mas tratando-se de fenómenos de interacção sonora, dominados pelos princípios da «orientação» e «coarticulação» (*Steuerung und Koartikulation*), terá de ser muito limitado o seu auxilio. Já várias vezes o dissemos e demonstrámos que é erróneo procurar reduzir os fonemas componentes dum dado complexo sonoro, sob o ponto de vista articulatorio, a uma série de estados delimitáveis. (*Boletim de Filologia*, t. II, fasc. IV, p. 346 e ants.; Menzerath-Lacerda, *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung*). Haverá ainda a considerar todos os defeitos inerentes à palatografia.

Os dados obtidos com o dispositivo de Meyer merecem-nos considerações semelhantes às emitidas sobre os palatogramas, e desconfiamos, portanto, do seu possível valor. Huisman deveria provar-nos, experimentalmente, que é

infundada a nossa desconfiança. Julgamos, todavia, preferível substituir o método apontado pela radiografia, e, possivelmente, pela cine-radiografia.

E, recorrendo à oscilografia e a outros métodos exactos, estamos certos de que as conclusões a que será levado Huisman serão bem mais compensadoras.

Contribution to the description of stops in the Sumbanese Language, por L. Kaiser. (Do Instituto de Fisiologia da Universidade de Amsterdam).

A própria Autora, a quem muito deve a fonética experimental, é a primeira a confessar-nos a relativa pobreza dos resultados obtidos. (... The somewhat poor results of the few records I was able to make).

Nem outra sequência era de esperar da aplicação de métodos, por mim suficientemente provados como condenáveis, no Congresso de Ciências Fonéticas realizado em Amsterdam e secretariado pela Autora deste trabalho.

Os estudos do Dr. Onvlee motivaram a contribuição experimental de L. Kaiser. Segundo o Dr. Onvlee, no dialecto em questão, os sons *b* e *d* apresentam duas formas: *a*) Uma forma pre-nasalizada; *b*) Uma forma desprovida de nasalidade anterior.

O emprêgo do palato artificial, a que já nos referimos na crítica do artigo anterior, tem, além de outros defeitos, o inconveniente de exigir uma longa prática para se conseguir que não afecte a fonação, o que é muito difícil, até na auto-investigação, realizada, geralmente, por foneticistas bem experimentados.

Diremos, também, que a palatografia só nos pode assinalar um momento articulatório, e a característica da actividade articulatória é o variar constante dos elementos interessados nessa actividade.

Quanto à existência de corrente de ar fonatório, sabemos que esta nos é diversamente revelada pelos variados dispositivos quimográficos, dependendo da tensão da membrana, grau de ventilação, atritos a vencer, etc. Não nos diz a ilustre foneticista qual o tipo de bocal empregado, nem como resolveu o problema da ventilação.

Os números representativos da duração da actividade nasal, não oferecem a menor garantia de exactidão; as inscrições nasais são falseadas pela quimografia.

L. Kaiser segue, bem de perto, o critério das fases articulatórias, falando-nos, por exemplo, da duração da explosão. Os quimogramas foram delimitados segundo o princípio articulatório, quando se devia ter procedido à sua delimitação sob o ponto de vista acústico. São, pois, seguidas as doutrinas de Panconcelli-Calzia e seus discípulos no que se refere ao grau e lugar da sonoridade.

O sistema seguido na análise da pressão oral, não pode deixar de influenciar a actividade fonatória.

E, para terminar, diremos que uma tal investigação não ofereceria a menor dificuldade de realização e teria conduzido a resultados seguros, se tivessem sido abandonadas as velhas técnicas e as velhas doutrinas.

Die Chromographie, por Armando de Lacerda. (Laboratório de Fonética da Universidade de Bonn).

Tratando-se dum trabalho da nossa autoria, limitamo-nos a mencionar os assuntos tratados.

O Autor critica o método quimográfico, como auxiliar da fonética experimental, na inscrição de curvas orais, nasais e laringeas.

Longas séries de experiências demonstram quanto são falsas as interpretações gerais dos quimogramas e a impossibilidade de corrigir as curvas obtidas.

Completando resultados, publicados em trabalhos anteriores, é discutido o valor das curvas de movimentos de massa (*Massenbewegungsverlauf*) e são analisados todos os factores de que está dependente a forma da curva. Factores de modificação, geralmente desprezados, entram em linha de conta, provando-se a sua influência sobre a curva resultante. Atritos, tensão das membranas, grau de ventilação, grau de amortecimento, etc.

O Autor condena a atitude dos foneticistas da velha escola que teimam em aplicar as técnicas quimográficas e as doutrinas da delimitação articulatória: «Es genügt, einen Blick in das Gebiet der Experimentalphonetik zu werfen, oder einige Laboratorien zu sehen, oder einige Spezialarbeiten zu vergleichen, um das Fehlen einer Harmonie in den verwandten Methoden, auch der Interpretationen und in ihren Ergebnissen feststellen zu können. Und der Phonetiker, der bewusst oder unbewusst die Resultate seiner Untersuchungen verteidigen will, obwohl seine Ausmessungen keine Garantie für Genauigkeit bieten, kann nicht verhindern, dass ein anderer wiederum widersprechend Resultate darbietet; denn beide Resultate sind mit denselben Mitteln gewonnen.

«Die Verschiedenheit in den Theorien und den Methoden der Phonetiker, die einer Schule zur anderen, ist durchaus verständlich, aber für eine und dieselbe Erscheinung ungleiche Auslegungen zu finden, ist einfach absurd».

A crítica do método quimográfico é seguida do capítulo destinado à cromografia, com a exposição dos variados sistemas cromográficos. Sistemas mecânico-cromográficos e electro-cromográficos. Um terceiro tipo de cromógrafos abrange os sistemas pneumo-cromográficos.

O trabalho é acompanhado de numerosas reproduções de cromogramas, esquemas e fotografias dos novos dispositivos.

Stimmeinsätze in oszillographischer Darstellung, por Leo Barczinski e Winfried Wisotzky. (As experiências foram realizadas no Heinrich Hertz-Institut für Schwingungsforschung de Berlim).

As variadas formas do ataque da voz, podem, segundo Panconcelli-Calzia, reduzir-se a quatro tipos principais, a saber: ataque brando, ataque aspirado, ataque firme e ataque duro. São os variados tipos de ataque da voz que Barczinski e Wisotzky procuram analisar por meio da oscilografia.

No próprio dizer dos Autores, não se trata dum trabalho de estatística; pretendem simplesmente interpretar as variações de forma apresentadas pelos oscilogramas concernentes aos variados tipos de vozeamento inicial, atendendo, ainda, às variações de frequência e de amplitude.

Os oscilogramas foram obtidos com um oscilógrafo de raios catódicos do Heinrich Hertz-Institut für Schwingungsforschung de Berlim, obedecendo a instalação a todos os requisitos. Houve, mesmo, o cuidado de empregar um cilindro de massa suficiente para manter, o mais regularmente possível, a velocidade de rotação de que foi animado antes do início do registo oscilográfico e de forma a dispensar o emprêgo dum motor. Receou-se que as vibrações dum motor fôsem transmitidas ao cilindro.

O processo adoptado tem o defeito, como os próprios Autores confessam, de nos dar oscilogramas com variadas velocidades, o que dificulta grandemente a sua comparação.

Desejando evitar o emprêgo dum motor e minorar o inconveniente apontado, somos de opinião que os autores poderiam ter aplicado ao cilindro um dispositivo estroboscópico; a fotografia da voz seria iniciada no momento em que o dispositivo revelasse a velocidade conveniente. O emprêgo dum tal dispositivo teria, é certo, as suas dificuldades, e é muito possível que os Autores do trabalho não tivessem possibilidade de modificar, ou completar, a aparelhagem que lhes foi cedida.

De resto, não se nos afigura impossível evitar que as vibrações do motor se transmitam ao cilindro, a não ser que o eixo do motor seja o mesmo eixo do cilindro. O movimento de rotação do motor deverá ser transmitido ao cilindro, por meio de correias de borracha, desprovidas de emenda.

A instalação de que se serviram Barczinski e Wisotzky, apresenta um grande inconveniente comum aos oscilógrafos vulgares: a duração de cada oscilograma é insuficiente para permitir uma fonação natural. (Duração máxima, no caso presente: um segundo). O locutor deva emitir os sons ou fonemas, o mais naturalmente possível, sem constrangimento de espécie alguma. Há, ainda, que atender ao número de oscilogramas, que, em virtude do seu excessivo preço, é geralmente reduzido a um mínimo insuficiente.

Interessa-nos, muito, a forma como os Autores apreciam os oscilogramas, tanto mais que a sua opinião não parece limitar-se ao caso presente. Segundo a sua opinião, já manifestada por outros foneticistas, não é necessário proceder a uma análise numérica dos oscilogramas das vogais, para se descobrir a essência dos fenómenos que determinam a sua configuração. Os simples aspectos oferecidos pela curva, semelhanças, diferenciações, anormalidades, etc., podem prestar um maior auxílio na apreciação dum dado oscilograma, sob o ponto de vista fonético, do que a sua análise matemática, seja por este ou por aquele processo, visto tratar-se do fenómeno vibratório vocálico (*Abklingvorgängen*). «Die Ähnlichkeit, die Verschiedenheit, die Besonderheiten der einzelnen Formenbilder sprechen eine deutliche Sprache, deren Verständnis vielleicht einen tieferen Einblick in das Wesen der stimmlichen Vorgänge zu gewähren vermag als die verschiedenen rechnerischen Analysen, die bei Abklingvorgänge, als welche die Vokalprofile gewissermassen anzusehen sind, doch nie die gleichen Resultate liefern».

De facto, o simples aspecto dum oscilograma, pode levar-nos a tirar algumas conclusões, e tal análise será suficiente para determinados estudos. Sabemos, porém, quanto o método é traiçoeiro e inaplicável na maioria dos estudos que exigem uma delimitação perfeita dos fonemas. Seja como for, não se deverá esquecer que a forma duma curva está dependente da altura do fundamental.

Emfim, o presente trabalho limita-se a uma investigação, muito incompleta, dos variados tipos de vozeamento inicial.

Some properties of speech muscles and the influence thereof on language, por L. Kaiser. (Do Laboratório de Fisiologia da Universidade de Amsterdam).

A ilustre foneticista principia por notar que são, ainda, muito reduzidos os conhecimentos adquiridos sobre as formas de actividade dos músculos inte-

ressados na fonação. Investigações de tal natureza, oferecem múltiplas dificuldades.

Necessitamos, porém, de contribuições dessa espécie, que, na opinião da Autora, serão de grande valor para a fonética.

Precisamos saber responder a perguntas como estas: ¿Qual a velocidade máxima de abertura da boca? ¿Qual a velocidade máxima com que a podemos cerrar? ¿Quais as velocidades máximas dos grupos de músculos da língua, maxilas, laringe, véu palatino? ¿Particularidades oferecidas pela sua colaboração? ¿Em que medida poderão afectar as suas propriedades funcionais, a determinação, no todo, ou em parte, de fenómenos linguísticos, como a interacção, nasalidade, ditongação ou predomínio de sílabas abertas?

L. Kaiser fornece-nos dados muito interessantes, além de variadas considerações que mais directamente nos chamam a atenção. Na parte concernente ao trabalho de A. Z. Huisman, transcrevemos, já, alguns períodos d'este artigo de L. Kaiser, pondo em foco a sua importância.

O trabalho é acompanhado de numerosos gráficos, muito elucidativos para o leitor.

Apesar da importância que atribuímos a esta nova contribuição de Kaiser, circunstâncias variadas obrigam-nos por agora a limitar o nosso comentário a estas breves linhas. Voltaremos a este assunto logo que nos seja possível apresentar, também, alguns resultados de investigações da mesma natureza e que já iniciámos, trabalhando com o Labiógrafo-Inscritor-Oral (de Lacerda) e Kieferbrille (de Kaiser).

ARMANDO DE LACERDA.

JOLE RUGGIERI, Il Canzoniere di Resende. Genève, Edit. Leo S. Olschki, 1931, 238 páginas.

Este livro da romanista italiana é dos mais compreensivos e dos mais bonitos que se têm escrito ultimamente sobre a literatura portuguesa. A documentação larga e variada alia-se nêle uma singular capacidade de imaginação, um sentimento da época tratada, um perfume de mocidade, que têm muitíssimo encanto. Sobre tudo isto, uma investigação de fontes, um comparatismo lúcido, que nos oferecem mais duma novidade.

Não é cousa bem fácil definir aquela poesia de transição, que é a poesia do *Cançãoeiro de Resende*. Procurava F. Wolf explicar a tendência alegórica e didáctica da poesia palaciana como um reflexo das novas disposições da época: predomínio cada vez maior da razão sobre a fantasia, da realidade concreta sobre o idealismo, do espírito burguês sobre o espírito cavalleiresco (*Studien zur Geschichte der span. und port. Nationalliteratur*, 723). Mas a verdade é que a aplicação d'este conceito à vida cortesã em Portugal, nos princípios do século XVI, encontra mais duma dificuldade: houve entre nós um espírito cavalleiresco em continua revivescência, um idealismo constante, que o contacto brutal de certas realidades longe de apagar ainda mais exacerbou. Um critico alemão, o Sr. Antscherl, acentuou recentemente o facto na sua monografia sobre Garrett, e de resto a Sr.^a Jole Ruggieri não deixa de o reconhecer no livro que analisamos.

Não é menos verdade, porém, que se devia dar, como se deu, o choque entre o espírito propriamente medieval e o novo espírito clássico, que os outros países experimentaram mais cedo do que nós, já no século XIV. Petrarca é a vítima admirável desse grande conflito de culturas. O livro de J. Ruggieri foca bem a posição, por vezes duvidosa, da poesia palaciana, tomada entre a tradição galego-portuguesa e o novo espírito renascentista, «do qual contém em substância todos os gérmes» (p. 10); e accentua, com razão, o nosso atraso nos domínios da cultura artística: o País, absorvido pela epopeia do mar, andava um pouco alheado da intensa renovação intelectual e artística, difundida pela Europa (p. 71). O *Cancioneiro de Resende* é precisamente a demonstração desse atraso.

Aqui a nobreza andava em guerra com as letras, no pitoresco dizer de Sá de Miranda; e um fidalgo português de 1452, Lopo de Almeida, podia dizer, na própria Itália, da moleza dos costumes italianos: «jaquilo era gente sem vontade de pelejar nem de matar! Sob o impulso humanístico de Afonso V e de João II a situação vai melhorando, vai-se realizando o equilíbrio e, nos finais do século, já podemos apontar um Garcia de Meneses, um João Roiz de Sá de Meneses como tipos anunciadores da Renascença. Todavia, ainda assim é de notar que a civilização portuguesa se desenvolvia mais no sentido militarista e mercantilista, que o novo rumo das cousas necessariamente impunha.

Mas guerreiros e mercadores tinham alma portuguesa, por consequência lírica, e amavam desafogar o espírito, nos seus momentos de ócio, em branduras e cortesias. O Paço era o seu refúgio. Ali, nos célebres serões, tinham o que buscavam: o convívio de mulheres galantes, um ponto de reunião com amigos e a ocasião de acrescentamento. A corte foi nos fins do século XV uma instituição necessária de cultura da beleza e de tempero de costumes. A saúde de Sá de Miranda é perfeitamente justificável.

Essa poesia tem, pelo que vimos de ver, um certo carácter fugitivo, de circunstância. E, como dizia Wolf, uma *Conversations-Poesie*; daí o negar-se-lhe communmente valor de sinceridade e profundidade, como se a autêntica poesia não fosse precisamente uma poesia de circunstância. J. Ruggieri, fiada nas aparências, vai demasiado longe quando chama a essa poesia de ocasião «vaniloquio su temi frivoli e banali» (p. 53) e considera o amor um simples jogo de espírito, que se inventava como se inventavam os momos e os jogos de sociedade (p. 26). Tudo isso depende afinal não do tema mas propriamente do autor e do momento psicológico, da *circunstância*.

Esse lirismo quatrocentista, ainda em substância o trovadoresco, mas já nutrido de novas seivas, é definido deste modo por J. Ruggieri: «Assim como os antigos poetas de Portugal e os da transição tinham tomado da lírica provençal poucos e ténues conceitos, renunciando a um amplo emprêgo de imagens e comparações, a formas métricas difíceis e raras, que foram para esta o único meio de renovação mas eram incompatíveis com o grau de incultura daqueles, assim também os quatrocentistas, continuando o caminho já trilhado e renunciando aos adornos formais, cantavam em formas pobres e nuas um amor, que podia ser às vezes uma ficção cortesanesca, mas outras um sentimento e até um sentimento profundo. O realismo, que penetrava grande parte da poesia, insinuou-se também nos cantos de amor e levou os poetas a celebrar a dona amada com um amor não já apenas cortês mas

humano; efectivamente na maior parte das poesias a inspiração era ainda a dos trovadores provençais, mas, na realidade, tratava-se muitas vezes dum «amor misto», para usar a terminologia de Guiraut de Calansó, que tinha o seu epílogo no matrimónio» (p. 131).

E, não o duvidamos, o lugar fundamental do livro de J. Ruggieri, que oferece aliás uma pequena contradição com o que disse há pouco. Realmente o carácter essencial da nossa poesia lírica é uma comovente nudez: o brilho é apagado como a luz baça dum mármore. ¿Donde vem esta pobreza e esta simplicidade em mostrar as feridas da alma em carne viva? ¿Da falta de cultura, como pensa Ruggieri? Inclinamo-nos antes para uma questão de temperamento, aliás imensamente contraditório, porque à nudez palpitante dêsse realismo da paixão costuma aliar-se aquilo a que vulgarmente se chama o romantismo do nosso povo e se manifesta por uma tendência profunda para deformar pelo devaneio as realidades penosas da vida. Essa simplicidade poética dá ao nosso *Cancioneiro* — nota muito bem Ruggieri — uma acusada superioridade sobre os precedentes cancioneiros castelhanos (p. 184). Nestes há um pouco mais de arte e um pouco menos de poesia.

O rasgo distintivo da nova poesia quatrocentista portuguesa está em ter sabido conservar a antiga espiritualidade dos trovadores, dando importância cada vez maior ao realismo de situação: a mulher amada deixa de ser uma figura suave e evanescente e aparece-nos agora menos distante e mais nitidamente mulher. Ruggieri não deixa de observar que já nos velhos *Cancioneiros* se insinuara por vezes o realismo como processo de renovação da poesia de amor (pp. 68-69); contudo essa tendência tem carácter preferentemente parodístico, afecta por via de regra o *escarnho d'amor*, o que não se verifica tanto no CR. Este tom parodístico da velha cantiga galego-portuguesa escapa às vezes a Ruggieri, que vê, por exemplo, na cantiga de Roí Queimado (CA 141) uma «palinódia sentimental e ingénua». Nós vemos nessa canção uma pontinha saborosa de humorismo. É bom não exagerar a «ingenuidade» dos nossos trovadores.

É certo, porém, que antigamente a convenção poética, servida pela humildade do nosso temperamento amoroso, queria que o tom geral da cantiga fôsse o de resignação chorosa perante a inacessibilidade da dona. Agora o encurtamento da distância nos contactos dos serões do Paço promoviam uma visão mais directa, ardente e voluptuosa da beleza. A atmosfera da época era de sensualidades. E este termo, precioso, vai aparecer justamente numa cantiga de Duarte de Resende (v, 168), «que tinha aprendido na escola da antiguidade a estimar de novo o prazer humano» (p. 132). Contudo, será bom notar que no pequeno espólio de Duarte de Resende esta produção é excepcional; todas as mais seguem a tradição, amorosamente triste, da velha escola. Prova, ao que parece, de que será posterior às outras. O poeta, tomado entre a razão e a vontade, segue deliberadamente o partido da paixão, dos apetites sensuais, declarando mentira as apregoadas vantagens da razão.

Como tipo de poesia sensual cita Ruggieri as cantigas de João de Meneses à sua escrava Correia (I, 152-153, 156-157) e aproxima o seu exotismo das prodigiosas endechas de Camões a Bárbara escrava (p. 134). Todavia a sensualidade já aparece nelas sublimada e falta-lhes o maravilhoso descritivo da poesia camonianana. A cantiga de Nuno Pereira a sua mulher, essa, sim, que tem grande valor documental sobre a nova concepção do amor

(I, 319-320). Comenta Ruggieri: «o amor natural reentrava no domínio da arte» (p. 131); mas a verdade é que não se tratava propriamente entre nós duma inovação, mas dum regresso à tradição antiga. O que dá à composição grande interesse artístico e perfeita novidade é o como que deslumbra-mento da beleza, agora possuída e mal adivinhada nos sonhos de namorado.

A nota sensual não destoa — muito ao contrário — do romantismo do nosso temperamento, afirmado uma vez mais ao longo do *Cancioneiro*, e sobre o qual Ruggieri faz considerações dignas de registo. Diz ela: «a verdadeira forma do espírito português, espírito romântico, ou melhor sentimental, desde as origens, é a poesia triste: amor sem esperança, morte e melancolia são o seu *leit-motiv*» (p. 148). E assim há no *CR* bom número de composições fúnebres, que exprimem a melancolia cristã em face do transitório da vida. A mais bela expressão poética medieval deste sentimento é a conhecida elegia de Jorge Manrique, *Recuerde el alma dormida*, tam apreciada pelo nosso D. João II e editada em Lisboa em 1501. É natural que inspire o tom de alguns prantos do *Cancioneiro*. Refere-se a romanista italiana com louvor ao de Luis Anriques à morte do príncipe D. Afonso (III, 55-65) e ao de Diogo Brandão (III, 1-2). Gaba no primeiro a ternura e o patético da fala do pai, da mãe e da esposa e sugere com intuição certa que parece haver nesse pranto «um eco remotíssimo da dor divina no mistério de Jacopone da Todis» (p. 76).

Efectivamente a poesia de Luis Anriques tem todo o ar de haver conhecido a dilacerante loa de Jacopone sobre a crucificação de Cristo. A estrutura dramática surpreende desde logo e há ainda de comum com a *laude* italiana a introdução daquella personagem que vai anunciar a cruel nova à esposa e à mãe. É naturalmente a fala desta que tem pontos de contacto com o *corrotto* de Maria do drama de Jacopone: a repetição tam impressionante do vocativo «filho» e a identidade dum ou doutro verso. Aquele «no me ablaes, fiyo, syquera» corresponde «figlio, co' non respondi?» e a «fiyo da desconsolada» parece corresponder «figlio de la smarrita». Se não há mais pontos de contacto é que naturalmente as situações são diferentes. Não é nada de espantar que Luis Anriques se tivesse inspirado na loa de Jacopone, pois parece estar provado que a poesia do franciscano italiano era conhecida em Portugal (A. Pellizzari, *Portogallo e Italia nel secolo XVI*, 21, n. 1).

Essa profunda melancolia, a que o génio da raça é tam atreito e por vezes degenera em derrotismo e numa singular impotência perante os grandes problemas da vida, aparece na composição de Francisco Mendes de Vasconcelos (V, 140-149), sobre que Ruggieri faz acertado comentário (pp. 91-94). O que torna a composição pungente é o propósito enérgico de vida humilde do antigo cortesão, preso numa funda crise de misticismo e buscando no hábito pardo de mendicante a tranqüilidade do coração,

o qual, de cheo de dor,
em trabalho quer morrer.

Não há nessa poesia acentos de exaltação; a tristeza assume aqui um aspecto por assim dizer construtivo: o arrependimento do passado acena ao poeta, na dureza do presente, uma vida melhor e mais livre; mas, ao princípio, sente-se o enleio duma alma, que de todo em todo se não pode desembaraçar das afeições terrestres.

Outro aspecto da melancolia dos nossos poetas palacianos está nas reacções entre a natureza interior e exterior. Ruggieri chama justamente a atenção para esta antecipação romântica dos nossos quatrocentistas e é levada naturalmente a falar da possível influência de Petrarca, que inaugurou, por assim dizer, esse novo estilo. Alguns poetas, como Duarte de Brito, D. João Manuel, Diogo Brandão e Francisco de Sousa associam intimamente a natureza aos seus estados de alma e produzem deste jeito uma poesia de carácter acen-tuadamente romântico. Esse refugiar-se na natureza e o procurar sítios aco-modados à tristeza está expresso nos versos de Duarte de Brito (II, 407):

que me hazes ir buscar
para llorar
los mas desiertos lugares.

onde parece pressentir-se a influência do esplêndido soneto petrarquiano *Solo e pensoso i più deserti campi*.

A influência do poeta do Sorga, que aparece esparsa e como que em segunda mão, parece ter-se dado directamente em Diogo Brandão, principal-mente nas suas trovas a Anrique de Sá, «estando ausente de sua damas» (III, 13-19). O poeta não imita propriamente nenhuma composição de Pe-trarca, mas sente-se claramente a sua maneira, o que faz dizer a Ruggieri que Diogo Brandão «conhecia evidentemente» o Cancioneiro do poeta ita-liano (p. 198). Efectivamente a ideia petrarquiana de que o amor, companheiro inseparável do pobre poeta, lhe rouba as consolações da natureza, ideia tam-maravilhosamente expressa no soneto atrás citado, parece ter deixado um eco em Diogo Brandão:

Nem as tristezas aos pares,
que meu viver desajudam,
por mudar muitos lugares
não se mudam;
porqu'amor, qu'assi me trata,
vai comigo,
que m'é tam cruel imigo
que me mata.

Ruggieri nota com fino gosto a bellissima imagem do poeta português:

Os frescos prados e rios,
que mil vidas a mi ventam,
muito mais meus desvarios
acrecentam.

e diz que ela exprime «breve e perfeitamente a animação milagrosa da na-tureza na primavera (p. 199); exprime mais e melhor: através daquele magní-fico «ventar», verdadeiro achado estilístico, sentimos o mistério das relações entre a natureza e a vida humana. Seria pena realmente que aquele «a mi ventam» fôsse êrro por «aviventam».

De modo que temos na época de Diogo Brandão «uma primeira tenta-tiva de petrarquismo consciente» (p. 201). Essa inspiração vai sendo cada

vez mais apurada, até que atinge com Camões uma identificação de atitudes e um paralelismo estilístico, que ainda não foram devidamente estudados.

A par da influência de Petrarca dá-se uma revivescência das ideas platónicas. A esse respeito avulta Ruggieri a importância da disputa métrica entre o Conde de Vimioso e Aires Teles sobre a natureza do amor (II, 269-277), que documenta o influxo da idea platónica do amor vinte anos antes da publicação dos *Diálogos* de Leão Hebreu (p. 189). Faz a esse propósito um comentário curto mas inteligente, aduzindo um passo de Tullia d'Aragona. Todavia não nos parece que o texto esteja exactamente interpretado na fala de Aires Teles (II, 273). Não se trata da incapacidade do objecto, que não sabe despertar o desejo; mas antes dum modo de ser espiritual, duma *exce-lência*, que não deve despertar o apetite sensual. Aquele *sa* de Ruggieri deveria ser substituído por *può* (p. 190).

Em conclusão: o livro de Jole Ruggieri veio requerer a atenção para a riqueza oculta do *Cancioneiro de Resende* e sugerir fortemente a grande necessidade duma edição crítica. Notam-se nêle algumas omissões bibliográficas. Bellermann, Costa e Silva e F. Wolf terão de ser citados sempre que se fale de poesia palaciana¹.

6 de Julho de 1934.

RODRIGUES LAPA.

JOSEPH HUBER, *Altportugiesisches Elementarbuch* (Sammlung Romanischer Elementar- und Handbücher, herausgegeben von Wilhelm Meyer-Lübke. 1. Reihe: Grammatiken). Heidelberg, Carl Winter, 1933, 365 páginas.

Quanto mais, na Alemanha, o interesse pelos estudos portugueses aumentava, tanto mais se sentia a falta duma obra alemã que, duma maneira elementar, mas completa, introduzisse os estudantes nas antigas linguagens portuguesa e galega. É verdade que, como se sabe, há muitos trabalhos que tratam esta matéria, como, por exemplo, os de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Henry R. Lang, Nobiling, Cornu, Leite de Vasconcellos, Garcia de Diego, etc.; nenhum dêles, porém, é muito próprio para introduzir um estudante alemão nas antigas linguagens portuguesa e galega, uns por serem destinados exclusivamente a eruditos, outros por já não serem inteiramente modernos ou por estarem escritos em línguas diferentes do alemão, o que, como é natural, aumenta as dificuldades a um principiante. É, por isso, de grande proveito para os estudos lingüísticos portugueses na Alemanha que, na conhecida colecção de manuais românicos, editada por Wilhelm Meyer-Lübke, o professor Joseph Huber haja publicado um manual elementar do antigo português — e também do antigo galego, embora não se indique no título. Podemos dizer desde já que é uma obra que realiza completamente o seu objectivo. O autor não se limita a dar-nos os traços gerais e fundamentais do antigo português e do antigo galego. Aproveitando-se dos estudos já

¹ As nossas citações são referidas à edição de Gonçalves Guimarães.

publicados sobre a matéria, oferece-nos antes uma descrição tam pormenorizada, tam profunda e tam vasta dos diversos fenómenos lingüísticos que, a dizer a verdade, quasi parece exceder o quadro dum simples manual elementar. Para o principiante é de valor especial que, ao lado da rica matéria, encontre muitas vezes indicações do autor sobre os problemas que estão ainda por resolver, indicações que podem estimular o estudante a proceder também a investigações pessoais.

Na introdução o autor dá-nos uma vasta bibliografia e uma descrição da história exterior da lingua portuguesa, falando em particular da extensão dela nos tempos mais remotos, da sua relação com o espanhol e dos mais velhos monumentos lingüísticos portugueses. Trata também com minúcia do vocabulário e dos elementos lingüísticos estrangeiros que se encontram nêle. Na primeira parte principal expõe-se a fonologia. Depois dum capítulo em que Huber fala da relação entre a lingua escrita e os dialectos — em particular entre o português e o galego daquela época —, tratam-se primeiramente as vogais, depois as consoantes e por fim alguns fenómenos gerais do vocalismo e do consonantismo. No capítulo das vogais, assim como no das consoantes, o autor oferece-nos primeiramente um resumo da fonologia do latim vulgar para dar ao principiante a base necessária para o estudo do português-galego. Na segunda parte principal trata-se da morfologia, na terceira da formação das palavras, na quarta da syntaxe. Na quinta e última parte o autor oferece-nos textos portugueses e galegos daquela época. No fim dá-se um glossário.

A abundante matéria oferecida pelo autor no seu livro dar-nos-ia bastante ensejo para discutir muitas das cousas tratadas. Por falta de espaço, limitarnos-emos aqui a tocar de leve alguns dos pontos principais.

HISTÓRIA EXTERIOR DA LINGUA PORTUGUESA. — Não é correcto dizer-se (§ 18) que o português se fala ainda na Galiza. Deveríamos dizer que o galego tem a mesma origem que o português, mas que, no decorrer dos tempos, evoluiu duma maneira diferente e que há hoje bastantes diferenças entre as duas linguagens irmãs. Falando dos mais antigos monumentos lingüísticos portugueses (§ 21), o autor deveria ter-se aproveitado em todo o caso das *Origens* de Menéndez Pidal, obra que não menciona tampouco na bibliografia. Huber tem razão em dizer que a linguagem dos antigos diplomas não pode dar-nos um quadro inteiramente seguro do idioma falado naquela época, e isso, dum lado, por representar só a linguagem de certa camada, e, doutro lado, por ser bastante tradicional e convencional nas suas formas e expressões. Apesar disso, a linguagem dos diplomas é de grande importância para nós, por mostrar-se nela, mais claramente que nos textos literários, a evolução da lingua quanto a certos fenómenos fonológicos e morfológicos. Indica o autor também com razão a importância que podem ter os diplomas para a geografia lingüística, isto é, para a distribuição geográfica e diferenciação dos dialectos. Fica ainda muito por fazer no que respeita a geografia lingüística luso-galega.

LÉXICO. — Algumas palavras indicadas pelo autor como palavras estrangeiras podem derivar directamente do latim vulgar. Assim, por exemplo,

el rei (§ 39), forma estereotipada que verosimilmente deriva de IL(LUM) + REGEM, em vez de vir do espanhol; *porfiar* < PERFIDARE, com o substantivo postverbal *porfia*, não *per-*, *porfia* < espanhol *per-*, *porfia*, e derivado d'ele o verbo *perfiar* (§§ 39, 200); *dom* (§ 40) directamente do bissilábico *dōu* < DONU, e não do provençal *dom*; tampouco *falso* é provençal, mas sim português.

FONOLOGIA. — No capítulo sobre a língua escrita e os dialectos (§ 43 sgs.) diz o autor que o antigo português representa, mais do que o idioma de Lisboa, o da provincia de Entre-Douro-e-Minho e que tem um carácter bastante uniforme. Tomando-se em consideração que a época do antigo português se estende até ao século xv, isso não parece inteiramente exacto. Podemos dizer quando muito que o *mais antigo português*, nascido e desenvolvido no norte, representa o falar de Entre-Douro-e-Minho e que, por isso, é de relativa unidade. É claro, porém, que, depois da reconquista de Lisboa em 1147 e da mudança do rei e da sua corte para a capital, já não era o português uniforme do norte que se falava em Portugal. A maior extensão do reino devia necessariamente ter como resultado ir-se diferenciando o idioma, relativamente uniforme, da primeira época. Quer a língua escrita tenha ainda conservado ou não mais ou menos esta relativa unidade, o que parece seguro é que já nos tempos de Dom Denis havia certos «dialectos» do português, em parte talvez com maiores diferenças do que em geral se supõe. Creio que um exame atento de grande número de monumentos linguísticos — especialmente de documentos — de diferentes regiões e épocas, provaria a justeza da afirmação.

Quanto às relações linguísticas entre o antigo português e o antigo galego, diz Huber (§ 44) — com F. Diez¹ — que se trata pouco mais ou menos das mesmas linguagens, não levando em conta certas diferenças pouco consideráveis. Pelas minhas próprias investigações² pude verificar que não é assim, mas que as diferenças são maiores do que geralmente se julga. É verdade que as *Cantigas de Santa Maria* — chamadas galegas —, como parte que são da poesia trovadoresca galaico-portuguesa, não divergem muito, quanto à sua linguagem, dos Cancioneiros profanos CA, CV, CB³, ainda que certos traços característicos do galego se encontrem em maior número no Cancioneiro Marial do que nos profanos⁴. Porém, a linguagem dos documentos examinados no meu trabalho diverge, já no século XIII, bastante da das Cantigas e — claro está — da dos Cancioneiros profanos, e as diferenças linguísticas

¹ *Kunst- und Hofpoesie*, p. 105.

² *A linguagem das Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio*. Publicado em parte (hiato românico) neste *Boletim*, t. I, fasc. 3-4. Neste trabalho fiz a descrição completa da fonética e da morfológica das *Cantigas*, comparando-as não só com a linguagem da poesia trovadoresca portuguesa dos séculos XIII-XIV, mas também com a linguagem de alguns documentos galegos da Idade Média (sécs. XIII-XIV).

³ Sobre tudo porque entre os poetas dos Cancioneiros profanos há também galegos (por exemplo, Martim Codax, João de Guilhade) e porque o próprio Afonso, o Sábio, figura entre os trovadores profanos.

⁴ Veja-se *Boletim de Filologia*, I, pp. 341-3.

tornam-se ainda mais importantes nos séculos XIV-XVI¹. Se as investigações comparativas entre o antigo português e o antigo galego se basearem num maior número de monumentos literários e lingüísticos, do que me foi possível no meu estudo, certamente ressaltará que, pelo menos desde o século XIII, o galego e o português manifestavam, por bastantes traços distintos, as suas próprias tendências na direcção dos idiomas modernos.

O sistema adoptado por Huber na exposição das vogais e das consoantes não corresponde em todo o sentido às exigências duma descrição moderna. Em vez de reunir em capítulos especiais todos os fenómenos nos quais os mesmos factores se fizeram sentir (evolução dos sons agrupados, fonética sintáctica, influência das palatais, velares, labiais, nasais, etc.), o autor expõe em regra no mesmo capítulo todos os fenómenos relacionados com um dado som. Assim, por exemplo, a evolução das vogais em contacto (hiato) e de grupos de consoantes é tratada sob as respectivas vogais e consoantes simples. Fenómenos como as assimilações sintácticas -R+L- e -S+L- pertencem à fonética sintáctica e não às consoantes R e S. Também para a exposição da nasalização em cada caso teria sido conveniente um capítulo especial². É possível que Huber, ao adoptar este sistema de exposição, quisesse facilitar ao principiante os primeiros estudos do português, mas a divisão e a maneira de descrição modernas parecem-me melhores, mais práticas e mais simples, mesmo num «Elementarbuch». É só num capítulo, chamado «Allgemeine Erscheinungen des Vokalismus und Konsonantismus» («Fenómenos gerais do vocalismo e do consonantismo») — §§ 256-300 — que o autor indica certas tendências gerais da mesma natureza: são a assimilação, a dissimilação, a metátese e a epêntese. De resto, Huber não é sempre coerente no seu sistema de expor. Se trata o hiato sob as vogais simples, não é correcto mencionar derivados como *quente* < CALENTE, *maestre*, *meestre*, *quareesma*, *saeta*, *seeta*, *moor*, *coomha*³, *paomba*, *poomba* (§§ 256-257) no capítulo sobre a assimilação a distância⁴.

A sintaxe, certos fenómenos da qual já se encontram mencionados no capítulo de morfologia⁵, é de valor especial, porque apresenta pela primeira vez uma vista geral dos caracteres fundamentais da sintaxe do antigo português.

A selecção dos textos na quinta parte principal está feita com habilidade, porque Huber dá exemplos de documentos e de textos literários, tanto de

¹ Veja-se *Boletim de Filologia*, I, pp. 344-51.

² Huber mesmo diz, § 78, p. 48, quanto às vogais, que a evolução delas depende em regra de certas condições, como, por exemplo, do carácter dos sons vizinhos, e que as vogais em hiato mostram uma evolução particular. Por conseguinte, o autor devia ter tomado em consideração estes princípios, reunindo em capítulos especiais os fenómenos que dependem dos mesmos factores.

³ De resto *coomha* < CALUMNIA encontra-se também sob a protónica, § 112, n.º 3.

⁴ Embora naturalmente sejam casos de assimilação em hiato.

⁵ Vejam-se os §§ 304, 307 (emprêgo do artigo), § 344 (pronomes *seu*, *sua*), § 398 (perífrase do pretérito imperfeito), etc.

prosa como de poesia, de maneira que o estudante fica com uma boa ideia dos monumentos lingüísticos e literários do antigo português. As notas que o autor junta facilitam a leitura e interpretação dos textos. O glossário final é muito rico e completo.

A bibliografia (§§ 1-17) é vasta, ainda que, como o próprio autor reconhece, não pretenda ser completa. Todavia, algumas obras de valor essencial não deviam faltar. Assim, deviam mencionar-se: no § 10, que trata da métrica, o CA, com as suas exposições fundamentais, e, como já referi antes, no capítulo da gramática e dos dialectos (§ 11), as *Origenes* de Menéndez Pidal. No § 16 — *Cantigas de Santa Maria* — devia citar-se também, ao lado de Nella Aita, Antonio G. Solalinde, *El códice florentino*, na *Revista de Filología Española*, v, 1918, pp. 143-179, estudo em que Nella Aita se baseia. No capítulo da sintaxe falta a citação de Epiphânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa*.

RUDOLF RÜBECAMP.

HELMUT HATZFELD, *La expresión de «lo santo» en el lenguaje poético del Romanticismo español*. In *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, II (1929), pp. 271-336. *La expresión de «lo santo» en el lenguaje poético de los románticos portugueses y catalanes*. In *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, III (1930), pp. 271-330, IV (1931), pp. 269-296¹.

Hatzfeld diz-nos, na introdução a este seu curiosíssimo estudo, qual o fim que se propôs: resolver o problema das expressões poéticas do «santo» na lírica dos povos românicos; recolher e sistematizar as formas lingüísticas que o tema do «santo» provocou nas literaturas românicas, para, servindo-se d'esses materiais, deduzir critérios sobre o desenvolvimento da linguagem literária e caracterizar os elementos condicionados à nação, época e indivíduo.

Inicia o seu vasto projecto com o estudo das expressões poéticas do «santo» nos românticos espanhóis, portugueses e catalães. Estudando os espanhóis e portugueses, estabelece a diferença entre «poetas centralmente religiosos» e «periféricamente religiosos», segundo o sentimento religioso ocupa na obra destes um papel principal ou secundário. Para os poetas catalães, alegando a profunda religiosidade que caracteriza toda a sua obra, não faz a mesma distinção, mas — apenas para salientar o nome de Jacinto Verdaguer — a de «poetas religiosos menores» e a «do grande poeta Jacinto Verdaguer».

Faz três estudos separados respectivamente sobre as expressões da linguagem poética do «santo» nas literaturas românticas espanhola, portuguesa e catalã. Em cada estudo analisa individualmente os poetas principais, fazendo no final da análise, dedicada a cada poeta, não só uma síntese das características da linguagem lírico-religiosa deste, como também da sua concepção do

¹ A parte portuguesa deste estudo está a ser traduzida, sem indicação do local em que foi publicado o original, na revista *Biblos*, IX (1933), pp. 361-377, X (1934), pp. 173-189.

divino. Tenta mostrar em seguida qual a contribuição estética individual e quais os traços comuns da linguagem poético-religiosa de cada uma das literaturas estudadas. Num último capítulo, que termina o terceiro estudo, vinca ligeiramente as diferenças essenciais das expressões religiosas na poesia romântica dos três países.

No final do estudo consagrado à linguagem poético-religiosa do romantismo espanhol chega o autor às seguintes conclusões: 1) Predomínio da metonímia sobre a metáfora — preferência reveladora da influência do neo-classicismo francês-italiano na estilística do romantismo espanhol; 2) Reminiscência de metáforas tradicionais da literatura mística espanhola, por vezes amplificadas por alegorias conceptuosas do século xvii, sem qualquer originalidade estética; 3) Reflexo de Deus na natureza, elemento de estilo peculiar ao romantismo anglo-germânico, que dominou a Europa no século xix.

Da análise da linguagem religiosa dos poetas românticos portugueses tira Hatzfeld as conclusões seguintes: 1) Predomínio da metáfora sobre a metonímia, o que revela na literatura portuguesa do século xix o rompimento com processos de estilo, usados pelo classicismo do século xviii, e adesão à estilística do romantismo; 2) Personalidade e vivacidade nas expressões poético-religiosas; 3) Persistência de elementos tradicionais, característicos da literatura portuguesa: a) Lirismo manifestado estilisticamente pelo «amortecimento da imagem», que se verifica no uso de semi-metáforas, metáforas negativas, metáforas concreto-abstractas, etc.; b) Emprêgo de *leit-motivs*, que lembra a preferência dos primeiros poetas portugueses pelos refrães e motes; c) Insistência dos temas da «saúde» e da «mágoa», transplantados para o campo do divino, evidente nas expressões usadas pela linguagem lírico-religiosa dos românticos portugueses: *sursum*, *solidão*, *saúde*, *subir*, *erguer-se*, *asas*, *anjos*, etc.

O estudo das expressões religiosas da poesia romântica catalã sugere ao autor as seguintes conclusões: 1) Combinação da metonímia erudita com a metáfora popular, o que mostra um influxo popular, que não se encontra na literatura mística espanhola ou portuguesa; 2) Alheamento dos outros poetas europeus e ainda da própria herança literária da Catalunha; 3) Influência da mística tradicional espanhola. Fazendo finalmente o autor uma curiosa dedução, baseada nas diferenças essenciais da linguagem poético-religiosa das três literaturas estudadas, chega a conclusões importantes para a compreensão do seu lirismo religioso. Assim o lirismo romântico religioso espanhol é, segundo o autor, ortodoxo e nacionalista; o português, romântico e lírico, desprendendo-se da tradição eclesiástica e clássica, para fundir elementos de lirismo nacional com elementos românticos da época; o catalão, essencialmente popular, com influências da mística tradicional espanhola.

Termina Hatzfeld o seu estudo pela afirmação de que, se no século xix faltam criações estilístico-religiosas de grande fôlego, é porque também falta uma forte corrente religiosa que as produza.

É um trabalho de grande interesse o que a traços largos acabámos de resumir. Revelador do valor literário dos estudos de estilo, tam abandonados entre nós, é prova de que, pela análise estilística dum tema, se chega a conclusões seguras sobre o desenvolvimento da linguagem literária e ainda à compreensão dos conceitos que essas formas estilísticas revestem. Poder-se-ia ir mais longe. Hatzfeld deixa no esquecimento a análise estética, impor-

tante em estudos d'êste género, esquecimento tanto mais para lamentar, quanto é certo que na introdução do seu trabalho nos diz que «la expresión verbal de lo sagrado, en los casos en que el poeta acierta, significa una realización altamente artística y estética de la palabra». Parece-me que não justifica satisfatoriamente a sua afirmação: analisando individualmente a linguagem religiosa dos líricos românticos, tira deduções importantes sobre a concepção que cada um dêles forma do divino; não salienta porém a beleza estética das expressões lingüísticas empregadas. No capítulo em que trata da contribuição estética individual dá uma lista das expressões poético-religiosas, com originalidade artística, mas abstém-se de qualquer comentário de natureza estética. Nas considerações finais cinge-se quasi exclusivamente às conclusões sobre as fontes da linguagem religiosa no romantismo dos três países ibéricos, desprezando as derivações estéticas, que se poderiam incluir num estudo d'êste género.

E deficiente também a distinção do que em cada poeta há de criação original ou de património herdado, principalmente património eclesiástico. A distinção é feita através do estudo, mas não tam insistente e claramente como era necessário, para avaliar justamente da contribuição estética do romantismo na linguagem lírico-religiosa das literaturas ibéricas.

O título com que Hatzfeld encima o seu trabalho não me parece ser dos mais felizes. A expressão «do santo» na linguagem poética dos românticos ibéricos dá aparentemente do seu trabalho uma idea de limitação, que êle não comporta. Nessa expressão «do santo» engloba o autor todas as expressões lingüísticas que traduzem conceitos sobre os problemas transcendentales da vida sobrenatural, desde o de divindade ao de eternidade, vida, morte, etc. Tem no entanto o trabalho de Hatzfeld grande valor, pela argúcia da análise, a seriedade da documentação e o método magistral com que torna clara a exposição dum assunto difficil e complexo.

MARIA MÚRIAS DE FREITAS.

Vida do Centro

O importante códice escorialense *Vida e feitos de Julio Cesar*, cuja publicação estava a cargo do Prof. Rodrigues Lapa, fica, a partir deste fascículo, entregue ao cuidado do Prof. Jean-Baptiste Aquarone, leitor de francês na Universidade de Coimbra e antigo aluno da Escola Prática de Altos Estudos, de Paris.

— Está em activa laboração o *Dicionário da língua portuguesa arcaica*. A Junta de Educação Nacional, com elevada compreensão das necessidades da nossa cultura lingüística, concedeu duas bolsas a dois auxiliares de investigação, que têm já realizado trabalho considerável de exploração lexical.

— O artigo publicado neste fascículo, da autoria de D. Maria Múrias de Freitas, *As figuras de colorido em Camões*, foi apresentado como trabalho de investigação no curso de Estudos Camonianos da Faculdade de Letras de Lisboa, regido pelo Prof. Dr. Hernani Cidade, membro do Centro de Estudos Filológicos.

Boletim de Filologia

publicado pelo

Centro de Estudos Filológicos

Tômo III

1935

Fascículo 3

Fonética experimental

Análise de curvas quimográficas

No artigo anterior analisamos, já, alguns aspectos do problema da delimitação, sob o ponto de vista articulatório e sob o ponto de vista acústico.

O fonema ou grupo de fonemas interessa-nos sob os dois aspectos, mas é necessariamente sob o ponto de vista acústico que devemos procurar analisar um quimograma. Razões suficientes:

a) Duma maneira geral, um quimograma não pode revelar-nos zonas articulatórias;

b) Ainda duma maneira geral, os estados articulatórios não têm existência real;

c) Há que atender à insuficiência do método quimográfico, tal como é aplicado em investigações fonéticas.

Temos a considerar:

a) *O quimograma sob o ponto de vista articulatório:*

Conhecemos já elementos suficientes para aceitar como verdadeira a primeira afirmação — um quimograma não pode revelar-nos zonas articulatórias.

Basta, porém, que a segunda razão — os estados articulatórios não têm existência real — seja aceite, para que a primeira afirmação careça de discussão. Se ela o não fôsse, haveria, ainda, a validar a primeira, a razão apontada em último lugar — a insuficiência do método. A delimitação das zonas seria, pelo menos, inexacta.

b) *A diferenciação contínua:*

O fonema não é condicionado por uma disposição articulatória estável. Se a variação, ou diferenciação, não fôsse contínua, a fala perderia a sua fluência natural.

As disposições articulatórias não se mantêm, variando de momento para momento. Essa variação é tanto mais complexa quanto maior fôr o número dos factores interessados na diferenciação e mais intensos os seus valores. Entre os factores interessados na variação, destaca-se a coarticulação.

A variação tem a respeitar certos limites, mas só em casos especiais deixará de se realizar.

Como caso especial, citaremos, por exemplo, uma vogal ultralonga; esta poderá ser emitida de forma que os órgãos interessados mantenham, mais ou menos regularmente, as mesmas relações de posição.

Quanto aos limites da variação articulatória, se estes forem ultrapassados, o som produzido deixará de afectar o nosso ouvido como nuançe dum dado som, passando a agir como outro som ou nuançe doutro som.

c) *Insuficiência do método:*

A quimografia, tal como tem sido, geralmente, aplicada, em investigações fonéticas, não resistiu à crítica dos modernos investigadores, orientados por novas doutrinas e auxiliados por métodos mais perfeitos¹.

Se pretendemos estudar um dado fonema ou complexo fonético, mediante uma curva provocada pela sua emissão, temos de conhecer, primeiramente, a técnica adoptada nessa inscrição. O conhecimento profundo de todos os agentes de modificação da curva resultante, evitará interpretações erróneas.

¹ «Die Experimentalphonetik hat in ihren Zielsetzungen und Methoden wesentliche Wandlungen durchgemacht. Der heutige Begriff der E. Ph. liesse sich etwa folgendermassen umschreiben: Die E. Ph. studiert die Sprache bzw. die Stimme und die zu ihrer Entstehung führenden Vorgänge mittels Versuchen, in denen die Bewegungen bzw. Stellungen des Sprech- und Stimm-organs bzw. seiner mehr oder minder vollkommenen Nachbildungen und die entstehenden Phoneme eventuell mittels Apparaten beobachtet, meist aber zwecks Fixierung und genauerer Analyse aufgezeichnet werden.

Die Objektivität der instrumentellen Aufzeichnung ist ein Aberglaube, mit dem energisch aufgeräumt werden muss. Zunächst hat ja jedes Instrument, jeder

Tratando-se dum quimograma, necessitamos conhecer todos os factores que possam contribuir para que a curva —resultante de variadas acções— tome êste ou aquele aspecto.

Um quimograma, quer se trate da actividade oral, laringea ou nasal (casos mais gerais), permite-nos formular deducções em virtude dos desvios que apresenta, em relação à linha-zero, pela forma como se revelam as ondas, lugar que occupam, etc. Necessitamos, portanto, averiguar a maneira como reage o dispositivo adoptado e o seu grau de sensibilidade¹.

As experiências realizadas neste sentido, vieram demonstrar que a applicação do método quimográfico, como auxiliar da fonética experimental, tem de se limitar às experiências compatíveis com os dados fornecidos pelo estudo técnico das possibilidades do método empregado.

Modificação articulatória e modificação acústica:

Suponhamos uma vogal seguida dum som bilabial e em posição inicial. É indiferente tomar para ponto de partida a chamada posição neutra ou considerarmos o afastamento labial, inicial, nulo.

No que respeita ao afastamento labial, poderemos constatar: um aumento rápido do afastamento, que progride em seguida mais lentamente até um determinado ponto, a partir do qual se inicia a sua diminuição, primeiramente lenta e seguidamente rápida. Vem depois a compressão labial, etc. Os esquemas I, II, III, da fig. 1, correspondem ao possível labiograma da vogal, artificialmente decomposto em três partes.

Relativamente ao sentido do movimento, observamos: afastamento labial crescente ou decrescente. Se, além do sentido do movimento nos interessa o grau de variação do afastamento, para o caso representado pelos esquemas I, II, III, teremos: a) Afastamento cres-

Apparat seine Eigengesetze, die wir nie restlos ergründen, sondern höchstens in seinen wesentlichsten Punkten als Fehlerquellen feststellen können. Eine der vornehmsten Aufgaben der E. Ph. in der letzten Zeit bildete aus diesem Grunde die sorgfältige Abwägung der Fehlerquellen und Leistungsgrenzen der experimentalphonetischen Apparaturen, begonnen von Loebell und Wethlo und auf breiter Basis weitergeführt im Handbuechartikel von Fröschels, Hajek und Weiss...». Ver: «Der gegenwärtige Stand der experimentellen Phonetik» (Naturwissenschaftlicher Teil) von Dr. Desider Weiss, *Vox* 1931, Heft 5-6.

¹ Ver A. de Lacerda: «Kritik der Kymographie» (*Archives Néerlandaises de Phonétique Expérimentale*), t. x, p. 68 e sgs.

cente rápido; b) Afastamento crescente lento; c) Afastamento decrescente lento; d) Afastamento decrescente rápido.

Interessando-nos a emissão da vogal em relação à actividade labial e delimitando a vogal sob o ponto de vista acústico, os casos possíveis são muito numerosos. A emissão da vogal pode ter lugar

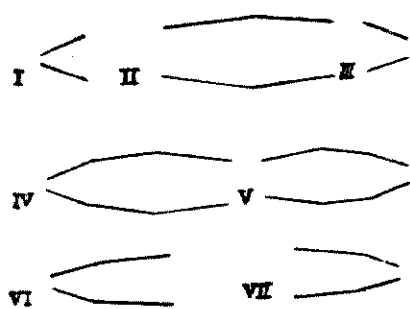


Fig. 1

durante a execução de toda a actividade labial que antecede a oclusão (no nosso exemplo), ou só durante uma ou mais das suas partes. Na fig. 1 estão indicadas algumas representações esquemáticas.

Suponhamos três casos, possíveis: 1) Emissão da vogal durante o afastamento crescente rápido; 2) Emissão da vogal durante o

afastamento decrescente rápido; 3) Emissão da vogal durante um período intermédio. A qualquer dos casos corresponderá uma variante do efeito sonoro; à diversidade articulatória corresponderá uma diversidade acústica. Para o constatar bastará emitir, por exemplo, a vogal *a*, aumentando o afastamento labial, diminuindo-o ou mantendo-o, mais ou menos, constante.

Dedução: se uma modificação articulatória conduz a uma modificação acústica, o que sucede sob o ponto de vista articulatório — uma continua variação — sucederá, implicitamente, sob o ponto de vista acústico.

Objectção: apesar da modificação articulatória, os fonemas podem apresentar uma zona média, dominante, cuja análise nos revela um mesmo efeito acústico, de maior ou menor duração.

Esclareceremos: a análise da estrutura sonora, pelos modernos métodos laboratoriais, permite-nos decompor o fonema nos seus elementos sonoros constituintes, mostrando-nos o arranjo dos elementos componentes. Dêsse arranjo que se mantém durante certo tempo, depende a identificação do fonema, por intermédio do nosso ouvido¹.

O facto de os fonemas apresentarem essa zona média, dominante em intensidade e duração e mais ou menos estável, confirma o prin-

¹ Ver a nossa crítica aos trabalhos: «Analyse électrique du langage» de A. Gameli e G. Pastori, e «Beitrag zur Erklärung des Westgermanischen Monophthongierung» de A. Z. Huisman (publicados no t. x dos *Archives Néerlandaises de Ph. Exp.*), no t. III, fascs. 1-2, do *Boletim de Filologia*.

cípio da compensação articulatória¹. Devemos atender, também, ao facto de o grau de variação ser máximo nas zonas iniciais e finais do fonema e mínimo na zona média, dando-se o contrário no que respeita a intensidade.

Sabemos, ainda, que o fonema é formado por um conjunto de elementos microfónicos, extremamente diferenciáveis, embora o seu arranjo, em períodos típicos, não deixe de apresentar uma semelhança suficiente para que a sua sequência actue como repetição dum mesmo período segundo determinada frequência.

Os períodos que formam a zona média são semelhantes, mas não são, necessariamente, idênticos. De período para período, dá-se de facto uma diferenciação que não tem apenas como causa a variação da frequência do fundamental.

A distinção da zona média é auxiliada por uma maior intensidade fonatória — maior valor vibratório ou maior movimento de massa. O ponto em que a intensidade fonatória atinge o seu máximo, pode ser considerado como o centro do fonema e representa apenas um momento, ao passo que a zona central possui, na realidade e como efeito, uma certa duração.

Orientação e Direcção:

Um fonema isolado apresenta determinadas características. Se esse mesmo fonema fizer parte dum grupo fonético, entram em jogo modificações provocadas pela coarticulação, orientação e outros agentes de modificação, de variada ordem. O fonema, agindo e reagindo, produz modificações e é modificado, no todo ou em parte,

¹ «... Die zweckbestimmten Kompensationsbewegungen können die Gleichhaltung der Tonhöhe, der Stärke, der Klangfarbe oder der Dauer zum Ziele haben». ... Die Erteilung der Klangfarbe eines Lautes ist Aufgabe des Ansatzrohres. Kompensatorische Bewegungen, die auf Gleichhaltung der Klangfarbe abzielen, finden im Ansatzrohre statt. Es ist bekannt, dass ein und derselbe Laut, in akustischen Sinne, auf verschiedene Weise hervorgebracht werden kann, wie z. B. «u» mit oder ohne Lippenrundung, mit oder ohne Zurückziehung der Mundwinkel, «sch» mit oder ohne gehobene Zungenspitze; fast alle sprach-rechten Laute lassen sich mit festgelegtem Unterkiefer hervorbringen, wie es der Pfeifenraucher mit zwischen der Zähnen festgeklebtem Pfeifmundstück tut. Wird auf solche Weise die Normalbildung eines Lautes verhindert, so müssen im Ansatzrohre neue Stellungen der beweglichen Organe auftreten, welche die durch Ausfall der Normalbewegungen bewirkte Beeinträchtigung der Klangfarbe wieder auszugleichen oder doch die akustische Wirkung wenigstens einiger-massen wieder herzustellen imstande sind». — Ver: «Das Kompensationsprinzip beim Sprechvorgang», de Otto von Essen, *FoX* 1934, Heft 5-6.

assim como pode agir de forma parcial ou total sôbre um outro fonema.

A articulação típica dum dado fonema, seja mesmo a sua articulação ideal, é deformada, neste ou naquele sentido, influenciada pelas características necessárias à produção de fonemas vizinhos. Um dado fonema é, por assim dizer, orientado por um outro, ou outros fonemas. A esta «orientação» demos nós, em alemão, o nome de «Steuerung»¹.

O grau de influência depende das características essenciais dos fonemas inter-dependentes².

A orientação pode ser contrariada pela direcção do movimento, própria dum dado mecanismo lingüístico. Uma língua tem o seu mecanismo especial, podendo éste apresentar direcções de movimento que lhe são peculiares, ou outras particularidades que tornam o fonema menos dependente.

As seguintes palavras de James Barker, no trabalho intitulado «Rate, Direction, and Continuity of Movement in French and English Speech»³, vão dar-nos uma idea do que se deve entender por «direcção»: «The movement of the jaw in French is always one of opening from consonant to vowel and never one of closing, hence in the French mechanism, there is nothing to prevent a clean-cut enunciation of the vowel, and, relatively, French vowels are not obscured, even in unaccented position. In French, the fact that all consonants are pronounced as if initial conditions the series of movements of jaw, lips, and tongue in pronouncing a sentence».

Antes de cada consoante, acrescenta o autor citado, e entre a explosão da consoante e o princípio da vogal seguinte, há interrupção da corrente de ar, representando a consoante o ponto inicial ou o ponto zero dum novo movimento. Aqui, a zona média, de que falamos

¹ Ver: Menzerath-Lacerda, *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung*.

² «Der hier (Ver: Menzerath-Lacerda, *ob. cit.*, p. 21) als Steuerung bezeichnete artikulatorische Vorgang ist — worauf zum Vermeiden von Missverständnissen noch besonders hinzuweisen wäre — wesentlich von Bedeutung bei homorganen Lauten, die wir ja auch durchweg untersucht haben... Bei nicht-homorganen Lauten ist es selbstverständlich anders. Hier fällt die Steuerung zum grossen Teil weg: bei ut, ik usw. «u» und «t» haben nichts miteinander gemein; «u» entwickelt sich also auch nicht zum «t» auf dem Wege der Steuerung, sondern auf dem der «Synkinese» (vgl. S. 50). Beim «u» ist die Hinterzunge gehoben, die Lippen sind vorgestülpt. Während der u-Ärtikulation hebt sich die Vorderzunge, und sobald die t-Grenze erreicht ist, erscheint «t».

³ *Publications of the Modern Language Association of America*, vol. xlv, n. 4.

anteriormente, é posta em maior relêvo, atendendo a que as zonas de transição são destituídas de valor acústico.

Barker observa interessantes particularidades: «As I have pointed out elsewhere, the shift in position from vowel to consonant in French is made during an instant in which the air current is arrested, while in English it is accompanied by the continuous expulsion of the breath».

Dá-se, portanto, uma suspensão da corrente fonatória em francês, o que vai afectar a acção articulatória. Em inglês, a transição referida é acompanhada por uma corrente fonatória contínua.

Transcrevemos, ainda: «In French, the suspended expulsion of the air, as soon as the shift from the end of vowel to the consonant begins, prevents diphthongization of the end of vowel; and the holding of the position of the consonant without change until it is exploded followed by the rest of the shift of position to the vowel in silence while the expulsion of the breath is suspended, prevents the diphthongization of the beginning of the vowel». E relativamente aos fenómenos de coarticulação, em inglês, nota: «The effort in English to hold on to a sound and at the same time take position for the following sound produces a slow shifting movement, most evident during the production of the vowels, and in passing from consonant to vowel and from vowel to consonant, but quite perceptible during the production of the consonants themselves». Se a vogal antecede a consoante, ao mesmo tempo que a vogal é emitida, a língua ou os lábios, tomam posição para a produção da consoante, o que provoca uma ditongação do final da vogal. Se a vogal segue a consoante, teremos uma ditongação do início da vogal¹.

Inter-dependência:

A fala é constituída por fonemas inter-dependentes, dando-se um entrelaçamento mais ou menos complexo dos seus componentes. (Verflechtung). Só em casos especiais figuram fonemas isolados. A afirmação de E. Richter «Ein für sich allein gesprochener Laut ist ja, in den weitaus meisten Fällen, gar kein sprachliches Phonem²», é indiscutível.

Os fenómenos de coarticulação dificultam, grandemente, a análise fonética; para facilitar a investigação, o foneticista tem recorrido

¹ Ver: J. Barker, *art. cit.*, p. 152 e sgs.

² Ver: Elise Richter, «Der Gegenwärtige Stand der Experimentellen Phonetik» (Sprachwissenschaftlicher Teil), *Vox*, 1934, Heft 5-6.

à análise dos fonemas como elementos independentes. Da aplicação dos resultados obtidos, aos fonemas dependentes, resultaram delimitações absurdas dos quimogramas e divergências que não cessaram ainda, por completo¹. E. Richter, no trabalho, já referido, «Estado actual da Fonética Experimental», alude aos numerosos investigadores que têm atendido à delimitação dos fonemas, na palavra e na frase, desde «La Question du Passage des Sons» de Chlumsky². Sallienta as dificuldades do problema, referindo-se, em especial à delimitação do *Anglitt* e do *Abglitt*³.

Há uma inter-dependência dos fonemas e dissemos já que, só em casos especiais ou anormais, nos aparece o fonema como elemento independente. Considerando, porém, todos os casos possíveis, o fonema poderá apresentar 3 aspectos ou formas de dependência: Forma independente, forma dependente e forma parcialmente dependente.

A doutrina de Scripture:

Além da dependência do fonema em relação aos outros fonemas do seu grupo, há, também, a considerar a dependência do agrupa-

¹ Consultar: Menzerath-de Oleza, *Spanische Lautdauer*; A. de Lacerda, *Die Chronographie*; Menzerath-Lacerda, *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung* e crítica respectiva de P. Meriggi, *Var*, 1934, Heft 3-4; E. Richter, *art. cit.*

² *Revue de Phonétique*, II, 1912.

³ «...Seit Chlumskys» *La Questions du Passage des Sons* «haben sich viele Forscher um die Abgrenzung des Lautes in der Lautfolge bemüht. F. Äimä (Helsingfors)» *Zur Analyse der Oralkurven von Verschlusslauten* «rechnet Implosions- und Explosionszeit zum Verschlusslaut. Jos. Grass (Hamburg), *Experimentalphonetische Untersuchungen über Vokaldauer*, vorgenommen an einer ripuarischen Dorfmundart (1920), misst die Laute zwischen Stimmlosen», weil sie sich so deutlich von den Nachbarlauten abheben und deshalb mit grösserer Genauigkeit gemessen werden können. Das Problem des Anglittes und Abglittes ist dabei ganz ausser acht gelassen, ebenso bei Paul Menzerath (Bonn) und Erich Evertz (Bonn)» *Atem und Lautdauer*» (1928) [*Teuthonista*, IV], Menzerath-de Oleza *Spanische Lautdauer* (1928) wo nur Durchschnittswerte errechnet werden, während Menzerath-de Lacerda *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung* (Bonn 1934) die Aufgabe in fesselnder Weise durchführen. Da der Labiograph (Dr. Lacerda's Labiograph) in den Mundtrichter eingebaut ist, sind fünf Lautungsstellen auf dem Kurvenblatt verzeichnet. Das wichtigste Ergebnis ist, dass die Lautungsbewegungen nicht Synchron sind. Die Lippen öffnen sich viel früher für a, als die Stimm Lippen sich zum Schwingen einstellen usf. Wenn nun Menzerath sagt, die Lautung beginne mit dem Ertönen des a und es gäbe keinen Anglitt, a sei der Anglitt zum folgenden p usw., so ist das allerdings trügerisch. Weil wir die Vorbereitung zum a nicht hören, muss sie dennoch gemacht werden. Dasselbe gilt für den Stellungswechsel der Organe von a zu p. Etc. Ver Richter, *ob. cit.*

mento de fonemas em relação aos outros agrupamentos. Atingimos, em última análise, um encadeamento, tornando-se, por vezes, extremamente complicado separar os elos componentes.

Interessam-nos, sob certos aspectos, as considerações de Scripture, sobre «átomos» e «moléculas» da fonação¹. «Any part of speech that is spoken by itself as a unit is termed a speech molecule». E acrescenta: «A vogal «a» ou a palavra «father» ou a fraase «This is Monday» são, em qualquer dos casos, uma molécula fónica; à sua emissão corresponde uma unidade».

Em qualquer dos casos, estamos de facto em presença dum todo, dum conjunto de elementos.

Segundo a estrutura atômica da fala, tal como é exposta por Scripture, e pelos seus discípulos, é possível seccionar uma inscrição fónica (quimográfica) em zonas, durante as quais o movimento mantém, praticamente, a sua característica. Ao delimitarmos um gráfico, seguindo o critério de Scripture, veremos o que se deve entender por «movimento».

Cada um desses elementos que, atendendo ao nosso fim, pode ser considerado de carácter homogéneo, diz ainda o referido autor, recebe o nome de átomo fónico².

Não concordando com o método delimitativo inaugurado por Scripture e seguido por alguns foneticistas, discordando, ainda, dos termos que pretendeu introduzir, tais como átomo e molécula fónica, por não corresponderem ao significado atribuído a esses termos, o pensamento revelado por Scripture, através da sua doutrina, tem para nós a maior importância. Não nos interessando, agora, se a terminologia é ou não bem adaptada, importa saber que um fonema se pode apresentar, isoladamente, como unidade, com individualidade própria. Porém, logo que faça parte dum grupo, passa a ser elemento e o grupo passa a ser a unidade. A individualidade do fonema será mais ou menos afectada, podendo mesmo deixar de existir ou transformar-se profundamente.

¹ Consultar: E.W. Scripture, «Speech atoms and speech molecules» (*Bericht über die I. Tagung der Internationalen Gesellschaft für experimentelle Phonetik in Bonn*); «Anwendung der graphischen Methode auf Sprache und Gesang». F. Janvrin. «The atomic structure of speech (*Archives Néerlandaises de Ph. Exp. t. vi*)», *Zeitschrift für experimentelle Phonetik*.

² It is possible to divide a speech inscription into small portions during which the character of the movement remains practically unchanged. Such a small element, which for the purpose in hand can be considered to be of homogeneous character, is termed a «speech atom». Ver F. Janvrin, *ob. cit.*

Segundo a terminologia de Scripture, na fonação temos a considerar: forças inter-atômicas e forças inter-moleculares.

A delimitação de Scripture, não passa, a nosso ver, dum artifício de análise, a que não corresponde a realidade, em virtude dessa delimitação se basear numa interpretação nova de curvas quimográficas.

Como exemplo, vejamos a análise dum traçado apresentado por Janvrin, da palavra «fainter»¹, e reproduzido na fig. 2. Esta palavra, diz-nos Janvrin, composta de 5 sons² (*f, ai, n, t, er*) revela-nos 8 átomos.

Observando atentamente o traçado, ver-se há que o seccionamento corresponde a 8 zonas de diferenciação da curva. A divisão nessas 8 zonas atendeu a um princípio que se poderá resumir na seguinte

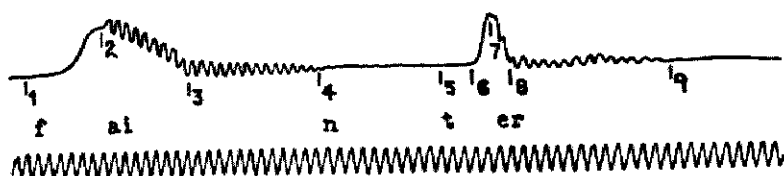


Fig. 2

técnica: dividir a curva em zonas de desvio ascendente, descendente, constante, nulo — desvios provocados pelo movimento de massa. Atendendo aos elementos microfónicos: zonas de traçado neutro, ondulado, irregular, oscilante, etc.

Procedendo desta forma, teremos a curva dividida em 8 zonas: traçado ascendente, desde o ponto de desvio nulo até ao início da parte vozeada. A parte vozeada compreende os números 2, 3 e 4, respectivamente correspondentes a uma zona vozeada descendente, uma zona vozeada sem desvio, uma zona vozeada irregular. Segue-se uma zona de traçado neutro que vai de 5 a 6; de 6 a 7 observamos uma zona de traçado ascendente, caracterizada pelo seu forte grau de desvio. De 7 a 8 apresenta uma zona vozeada descendente, e finalmente, de 8 a 9, uma zona vozeada sem desvio.

Como a palavra apresenta 5 sons e 8 átomos, alguns dos seus componentes terão, necessariamente, de ser formados por mais do que um átomo. A correspondência, será: *f*-1; *ai*-2; *n*-1; *t*-2; *er*-2.

¹ Com a devida vénia, reproduzimos o gráfico publicado no t. vi dos *Archives Néerlandaises de Ph. Exp.* e que acompanha o artigo citado de F. Janvrin.

² «A group of sound habitually occurring together is termed a word; «fainter» is one word with five sounds composed of eight atoms». F. Janvrin, *art. cit.*

Crítica: Scripture define átomo fónico, como sendo um elemento que, em face do nosso propósito, pode ser considerado de carácter homogêneo. A definição é imprecisa, prestando-se a variadas interpretações. Na análise duma curva, segundo Scripture, não sabemos bem o que se deva compreender por «carácter homogêneo».

No artigo intitulado «Speech atoms and speech molecules»¹, o autor esclarece: «When speech is recorded by the graphic method, the inscriptions can be divided up into portions that, for the purpose considered, are of the constant character. Such a portion of speech is termed a speech atom. A speech molecule is composed of a number of speech atoms». Por seu turno, Janvrin diz-nos: É possível dividir uma inscrição (speech inscription) em pequenas partes, durante as quais o carácter do movimento se mantém praticamente o mesmo².

Se restringirmos a nossa atenção ao traçado da palavra «fainter» observamos que as delimitações correspondem aos variados aspectos oferecidos pela curva oral.

Objectamos:

a) O número de diferenciações revelado por uma curva oral, quimográfico, depende da técnica seguida na inscrição e do dispositivo empregado.

Um outro método, capaz de nos fornecer curvas mais ricas em elementos de análise e, portanto, maior número de pontos delimitativos, conduzirá a uma delimitação dum maior número de zonas diferenciadas.

b) Limitando as nossas considerações ao método quimográfico, diremos que os quimogramas podem apresentar zonas delimitáveis, de valor diverso, para uma mesma emissão fónica.

As durações dos átomos constituintes dum grupo e revelados por uma curva podiam, na realidade, ter sido outras.

Não sendo possível conseguir duas emissões fónicas (directas) idênticas, a prova é-nos fornecida pela inscrição dupla, que nos permite obter duas curvas para a mesma emissão fónica³.

Como o aspecto da curva resultante não depende apenas da emissão fónica (no método quimográfico) sendo condicionada por

¹ Ver: *Bericht über die I. Tagung der Internationalen Gesellschaft für experimentelle Phonetik in Bonn*.

² «It is possible to divide a speech inscription into small portions during which the character of the movement remains practically unchanged. Such a small element, which for the purpose in hand can be considered to be of homogeneous character, is termed a «speech atom». (F. Janvrin, *art. cit.*).

³ Ver: A. de Lacerda, «A delimitação articulatória dos quimogramas» (Inscrições orais duplas), *Boletim de Filologia*, t. II, fasc. 4.

vários factores, e não é rectificável, não só a duração de cada átomo é afectada, como também o seu número.

c) A nossa atenção é dirigida, unicamente, para a curva oral. Se a esta curva associarmos, por exemplo, uma curva nasal, torna-se possível uma delimitação dum maior número de zonas para os sons nasais ou sons nasalizados.

Uma curva oral, quimográfica, não tem como equivalente a emissão fónica total, mas apenas uma sua parte. Esta, por sua vez, corresponde a uma deformação dos movimentos de massa, movimentos vibratórios e ainda da curva de volume de ar.

Considerações gerais:

Se a delimitação tradicional dos quimogramas não conduz a resultados aproveitáveis, o mesmo sucede com a aplicação do processo de Scripture.

Mais uma vez tocamos a questão dominante, reconhecendo que delimitação deve ser feita sob o ponto de vista acústico. Não quiere isto dizer que o fonema não tenha de ser estudado sob o ponto de vista articulatório. Tentar, porém, uma delimitação articulatória dos quimogramas, significa desconhecer as características da actividade articulatória e as possibilidades do método auxiliar. Presentemente, não poderíamos, sequer, pretender um método gráfico capaz de nos revelar as actividades dos variados órgãos interessados na fonação. O mesmo não sucede se tivermos, como objectivo, uma curva reprodutível e, portanto, equivalente ao movimento resultante das variadas acções que motivaram um dado efeito acústico. É claro que a equivalência pode ser mais ou menos perfeita, consoante o sistema adoptado na inscrição. Todavia, seja qual fôr o método empregado, tratando-se duma delimitação, surgem as dificuldades motivadas pela coarticulação.

Referindo-se ao traçado quimográfico da palavra «fainter», Janvrin alude à coarticulação quando nos diz que o átomo 2 é o resultado da união da última parte do *f* com a primeira parte de *ai*. E Scripture, no artigo referido «Speech atoms and speech molecules», observa: Na molécula fónica, os átomos são influenciados pela sua inclusão na molécula e pela presença de outros átomos¹. Dá-nos o

¹ Transcrevemos, ainda: «When the series of inscriptions is made of the vowel «a», the consonant «t», the word «it» and the word «bit», the corresponding atoms show differences in the various inscriptions, which can be ascribed only to their presence in the molecule and to their influences on one another».

exemplo seguinte, entre outros: A vogal *i* compreende dois átomos — O primeiro é representado por uma curva de ar, ascendente, com ondas, e o segundo por uma curva descendente, sem ondas. Na inscrição da palavra «it» aparece-nos representado por uma breve curva, com ondas, rapidamente ascendentes, seguida por uma descida repentina, sem ondas. O carácter da vogal *i*, esclarece Scripture, foi alterado pela presença do *t* seguinte.

O processo de Scripture procura uma delimitação das zonas diferenciadas dum fonema ou dos grupos de fonemas; não poderá solucionar o problema da delimitação dos fonemas, abstraindo, mesmo, da insuficiência do método auxiliar de inscrição.

A inter-dependência dos fonemas, e a contínua diferenciação articulatória, fusões íntimas de sons, etc., podem levar-nos a julgar impossível uma delimitação exacta dos fonemas. A necessidade de adquirir maior número de conhecimentos, leva-nos a adiar a resposta a esta observação.

Já nos referimos à relação existente entre modificação articulatória e modificação acústica, aludindo, também, ao princípio da compensação. A modificação da acção articulatória dum órgão pode ser compensada, modificada ou anulada pela acção de efeito contrário dum outro órgão, e de forma tal que não tenha lugar uma modificação acústica de grau apreciável.

A articulação pode, portanto, variar, dentro de certos limites, sem que o efeito acústico seja afectado. Por sua vez, o efeito acústico pode variar, também, dentro de limites mais amplos; o ouvido distinguirá os efeitos acústicos, correspondentes às variações como sons dum mesmo fonema. Um fonema, é, por definição, uma família de sons dum dado falar. O *k* da palavra «keep», não é o mesmo som do *k* de «call» ou do *k* de «cool», como bem nos diz, a título de exemplo, Daniel Jones; são sons diversos que pertencem ao mesmo fonema¹. Se a articulação de qualquer órgão interessado na fonação for modificada e não for compensada, a modificação terá como re-

¹ «Definition of a phoneme: a family of sounds in a given language, which are related in character and are such that no one of them ever occurs in the same surroundings as any other in words. (The term language here means the pronunciation of one individual speaking in a definite style. «In the same surroundings» means surrounded by the same sounds and in the same condition as regards length, stress and intonation)». Consultar D. Jones, «The theory of Phonemes, and its importance in Practical Linguistics». (*Proceedings of the International Congress of Phonetic Sciences*, p. 114, *Archives Néerlandaises de Ph. Exp.*, t. VIII-IX).

sultado um dos sons compreendidos por um dado fonema, a não ser que a modificação tenha afectado as características comuns, essenciais a todos os sons desse fonema.

Observando o que se passa, por exemplo, com uma modalidade ou som do fonema *f* em posição inicial, constatamos que o facto de a actividade articulatória respectiva apresentar continuidade de movimento, não impede que a coluna de ar surdo actue durante a modificação como ruído especial de fricção característico de qualquer dos sons compreendidos pelo fonema referido.

As zonas iniciais e finais dos fonemas coarticulados são de difícil delimitação, o mesmo sucedendo com a delimitação exacta das suas zonas centrais. As duas zonas vizinhas de dois fonemas podem formar uma só zona de transição, não delimitável, como veremos pela análise de oscilogramas e inscrições cromográficas.

ARMANDO DE LACERDA.

Vida e feitos de Julio Cesar

(Continuado do T6mo III, p. 76)

Cesar, ouvindo as novas em como os cluto6es queriam passar per a provincia que lhe os senadores e os consallles de Rroma avyã dado a garda, partyo-sse de Roma a muy grande pressa, fazendo tam grandes jornadas como elle podia ataa que chegou aa cidade de Gevres e hy ajuntou tantos de cavalleiros que fez hũa legiom¹ com os quaes [fl. 22 a] fez cortar a ponte antre Gevres e os cort6es. Tanto que os cluto6es souber6 que Cesar era vi6do e estava em aquelle lugar de Gevres, enviar6-lhe dous² nobres cidada6os, Nencius e Nulecterus³, os quaes lhe disserom da parte do comu6 que elles queriam hir per a sua provencia n6⁴ soo ent6com de lhe anojar nem agravar n6 hu6 da terra⁵, mais por que n6 ti6nh6 a hu hir passar; por6 rrequeri6-lhe per maneira d'amizade que de passar6 por hy lhes desse lugar e licen6a. A Cesar n6 pareceo rraz6 de lha dar nem de lhe outorgar o que lhe demandav6 por quanto era bem n6brado do mall que elles, em outro t6po, avy6 feito aos rroma6os, quando matar6 Lucius Casius, hu6 consull rroma6o, e o prenderom⁶ e desbaratar6 toda sua hoste, penssando que hũa gente tam malliciosa n6 sse deterri6 de fazerem mall por honde andassem [s]e⁷ lhe elle desse lugar de passag6 aa ssua vontade. Pero rrespondeo aos messegeiros que averia sobre ello seu consselho e a hu6 dia do mes d'abrill veessem a elle e ent6 lhes daria delo sua finall [fl. 22 b] reposta. Este espaa6o lhes assinou Cesar por tall que, em dur6do o t6po do espaa6o, os cavalleiros a que elle enviara sua rreposta fossem hi chegados⁸, no qual espaa6o⁹ fez Cesar fazer em derecho da passag6

¹ O texto franc6s diz: Tant come il pot de chevaliers assembler el pa6s si assemble. Une seule legion i avoit, et fist arrament trenchier le pont. ² envoierent a lui lor messages de lor plus nobles citeains FR. ³ Nemenius et Verueloteius FR. ⁴ no soo no ms., o que transforma completamente o sentido da frase. 6 n6 s6 (< sun) que se deve ler. Talvez tenhamos nisso a prova de que o ms. s6bre o qual trabalhamos n66 6 o 6nico que existiu da Vida e feitos de J. C. 66 este, precisamente, o g6nero de falta que comete por distra666o o copista. ⁵ ... sanz volent6 de nul mal fere a la terre FR. ⁶ coment il avoient... s'est prise, derroute et dechaciee FR. ⁷ s'ils avaient cong66 de passer FR. ⁸ Mes il ne queroit l'espace fors tant que si chevalier fussent venu, que il avoit mandez de partot FR. ⁹ En dedenz FR.

huñ muro de dez e seis pees em alto e boos vallados, e esso meesso torres e bastidas¹ em que dos cavaleiros assy como viñham possessẽ booa gardas, por tall de defender milhor a passagẽ em caso que os cluctoẽs contra sua vontade passar quisessem. Os messegeiros dos cluctoẽs, no dia assynado, tornarõ a Cesar por ouvir sua rreposta. E elle lhes rrespondeo por quanto os rromaños nom aviam em eustume de dar lugar a nõ huñ de passar pollas provencias de que eram senhores, que, poreo, nom podia outorgar o que elles demandavam e, se quyessem trabalhar de passarẽ por força, que elle lhes defenderia a passagẽ a todo o seu poder. Os cluctoẽs sse tiñham por enganados do espaço² que poserom cõ Cesar e daly adiante se trabalharõ de fazer ponte de naaos, provando muytas vezes de nonte se poderiam passar o rryo de Rrosna assy per as naaos como per vaaos que andavam buscãdo. [fl. 22 c] Mais nom poderõ por os cavaleiros de Cesar que, a poder de dardos e d'espadas, muy fortemente³ defenderom a passagem. Entom conviinha-lhe per força tornarẽ aa estreita⁴ passagẽ que era antre o rryo de Rrosna e o monte de Jura, escontra os escanois⁵. Mais elles nõca per hy passarõ se os esquanoyos nõ quiserom, nõ os esquanoyos nõca lhes derõ lugar de passar se nom fora por rrogo de Dommoris d'Oscum, que era homẽ muy poderoso antre elles e amigo dos cluctoẽs pollo de sua molher⁶, que era naturall da terra delles, filha de Orgetorix, de que vos ante ey falado. Este Dommorix desejava muyto de seer rrey e trabalhava quanto podia, assy como per doẽs e per palavras faagueiras, por guaanhar o amor⁷ de todollos das cidades d'arredor delle. E andon tanto, tratando com os sequanoyos, que elles, por o sseu, outorgarom passagẽ aos cluctoẽs e por segurãça tambem assy de huñs como dos outros foram dados arreffeõs de hũa parte e da outra⁸. As novas veerõ a Cesar que os cluctoẽs erã passados da parte dos sequaynoys

¹ tors et bretesches i fist et mist booes gardes dedenz, ainsi con si chevalier venoient plus et plus, por desfendre le passage plus legierement, se ce venist la que li Helveçois i voissent passer contre son voloir FR. ² del jor qu'il orent coilli FR. ³ vertueusement FR. ⁴ O texto francês diz que a passagem era tam estreita que havia la voie seulement a une ebarrete. ⁵ Sequanois FR. O texto português não traduz aqui esta frase quasi supérflua: Mes james n'i passassent il se li Sequanois ne volsissent FR. ⁶ por sa fame FR. ⁷ o mior no ms. si atreoit a s'amor FR. ⁸ O texto francês diz mais desenvoltadamente: Li ostage en furent doné d'une part et d'autre, que cil les leroient passer assiet et que cil de lor feroient damage quant il seroient passé.

[fl. 22 d] so teenço de hirẽ aa terra de Saÿtos¹ e de Poyton, a quall cidade de Saÿtos nõ era muy longe de Tolousa que era na provincia de que elle tiinha carrego. E penssava que sso nõ escusava de seer mall de toda a terra onde taacs gentes guareceryam por seerem iniigos dos rromaños e fossem vezinhos², mayormẽte de tall comarea como a de Tollousa, que era muy farta e abastada de muytos gaados³ que elles podiam muy bem rrombar⁴. Entom leixou Cesar en seu logar⁵ Titos Labienus cõ toda a hoste e as bordenãças da guerra que elle mandara fazer por defender a passagem dos eluctoões, e elle se fõc a grandes jornadas⁶ pera Ytallya e cobrou pello caminho dous ligioõf[s] que acerqua daquell lugar aviam invernado. E yndo com elles contra França, passou pellas Alpes da parte de Bemfenssom⁷, antre as quaes elle ouve muytos tortos de desvairadas gõtes que fezerõ quanto podiam per lhes empeeccer⁸; em tall guysa que muytas vezes per força de batalhas passou per elles. Aos seis dias⁹, maao seu grado, chegou a Besom¹⁰ e dhy, per Bergonha, se fõc de-reito [fl. 23 a] aos Senssonos¹¹ d'aalem de Rrosna.

Os eluctoões, com toda sua gõte e carriagẽ, eram já passados aalem dos estreitos¹² dos Sequanoys e vinhan-sse encontra Os[cun], desnuaõdo os catyvos¹³ e gastando toda a terra. Quando os d'Oscun virõ que sso nom podiam defender contra elles, envyarõ pedir a Cesar que lhes acorresse, dizendo: «Senhor, as gentes desta terra entendem que nom ham meriçido cousa contra Rroma por que nõs, nem nosso consselho, devya soffrer que elles, em vossa pressença, fossem assy destruidos. Assaz preto sodes de lhes acorrer se quiserdes. E ajudaac-nos; esto vos rrogam e rrequerem. Ca elles tanto serviço teem feito aos rromaños que vós nõ devyees soffrer suas molheres seerẽ cativas nem suas villas nem castellos seerẽ gastados nem destroydos». Depois,

¹ Saÿntes FR. = Saintes (Charente-Inférieure). ² Et se ce avenoit, il ne pooit estre que ce ne fust au domage de la terre ou tex pueple batailleros et ennemis des Romains seroit voisins FR. ³ Li païs estoit planteis de blé FR.

⁴ forer FR. ⁵ en son leu FR. ⁶ O texto português afasta-se do seu modelo: ala en Italle a granz jornees, si conqueilli .iij. legions et mist en escrit, et .iiij. legions qui avoient yverné autor Aquilee apela avoec FR. ⁷ Besançon FR. (Doubs). ⁸ son oïrre empesselier FR. ⁹ au septisme jor FR. ¹⁰ Besançon.

¹¹ Seùsoit FR. Cf. Cesar, *De Bel. Gal.*, I, xi, Segusiavi. O território desta tribu correspondia aos departamentos do Loire e do Rhône. ¹² outre le destroit FR.

¹³ chaus FR.; agros, *De Bel. Gal.* Em vez de chaus certos mas. franceses têm a palavra chatis, chaitis, o que explica a tradução do texto português.

huñ semelhaavell rrequerimento lhe fezerom os embarodes¹, que eram parentes e amigos dos d'Oscum. Cesar foe bem certo que, se elle agardasse ataa que os campos e as terras fossem gastadas, que em seu poder nõ era de bem guardar os castellos [fl. 23 b] e as outras fortalezas contra clutoões. Doutra parte os brogonhoões, que moravã aallem de Rrosna, escontra² Oscum, fogirõ pera Cesar e lhe disserom que os clutoões tanto aviã rroubada sua terra que já outra cousa lhes nom ficava, salvo as fontes perenaes³ que em ella avyã. Entom Cesar nom agardou mais por que bem sabya que os amygos dos rromaños rreceberiam grande perda e dano se os cluctoões ouvessem lugar⁴ de hir a Santouge⁵ como tiinham vontade. Ora assy foe que da parte hu estavã os cluctoões pera passarem a Ssantouge avya huñ rryo que soya d'aver nome Arrary⁶ (mais agora he chamado Sena⁷), o⁸ quall era tam allto e cheo d'augua⁹ que malaves podia homẽ enxergar pera quall parte corrya. As enculleas¹⁰ de Cesar lhe derõ novas en como as trres partes dos clutoões eram já passadas aallem desse rryo per hũa ponte de naaos que pera ello foram ajuntados e que a quarta parte ficavã aynda aaquem do rryo pera passarem pera onde os outros seus parceiros estavã.

Tanto que Cesar soube aquelas novas partyo-sse logo de [fl. 23 c] suas tendas¹¹, huñ pouco depois mea noute¹², e chegou cõ suas trres ligioões onde estavam aquelles que aynda non eram passados e, de sospeita, deu sobre elles e por que de sua viinda nom sabiam parte, fez em elles grande matança. E aquelles que escaparõ asconderõ-sse nos booscos o melhor que podiam¹³ como aquelles que de seus parceiros que já passaram nom aviam acorro. Os clutoões todos estavam departidos em quatro partes, dos quaes estes que desbaratados eram foram chamados tigorriaños¹⁴ e foram aquelles que matarõ Lucius Casius, o conssull rromaño, e prenderom e desbaratarõ toda sua

¹ Ambarrois FR.; Ambarri, *De Bel. Gal.* «Le nom de ce peuple paraît signifier qu'il habitait sur les deux rives de la Saône (Arar)». — L. — A. Constans, *éditeur de De Bello Gallico*, p. 9, n. 5, t. 1 «Les Belles Lettres». ² par devers FR. ³ fors seulement li fonz de lor terres FR. ⁴ avoient bandon FR. ⁵ Sentouge FR. = Saintouge, antiga provincia da França, capital Saintes. ⁶ Arar FR. ⁷ Seone FR. = Saône. *O tradutor confundiu com o Sena.* ⁸ a no ms. ⁹ cele iane corroit si soef, a peine pooit l'en choisir de quel part ele coroit FR. ¹⁰ espies FR. ¹¹ s'en parti des tentes FR. ¹² Alguns mss. dizem: pres de mienuit, outros, plus de mienuit. ¹³ la ou il porent FR. ¹⁴ Tygurius FR. Cf. Cesar: Is pagus appellabatur Tigurinus, *De Bel. Gal.*, I, xii.

hoste. E per esta aventura foe Rroma viingada do mal que lhe ante fora feito e estes forõ os primeiros que sentirõ sua vingança. E Cesar meesmo hy foe etom vingado de Lucio Piso, huõ seu amigo, que os tigorriaãos matarom na batalha em que Lucius Casius foe assy morto. No dia seguinte, depois do vencimêto destes tigorriaãos, Cesar por hir empos os outros clutoões fez fazer sobre o rryo de Sena¹ hũa ponte per [fl. 23 *d*] que em pequeno tempo² fez passar todas suas ligioões. Os clutoões, quando souberom parte que Cesar era viindo tam subitamente e que elle em huõ dia soo fizera mais por passar aquelle rryo que elles em viinte, ficaram em ssy muy fortemente espantados³; porõ lhe enviarõ messegeiros, dos quaes Divyco⁴, que foe duque dos clutoões na batalha em que, Lucius Clausius foe vencido e morto, era huõ dos principaaes, o quall Dyvyco fallou a Cesar em esta forma⁵: «Nós somos enviados a ty, Cesar, da parte dos clutoões que te rrequerem paz e te mãdam ameaçar. Ca se os rromaãos quiserem cõ elles aver paz, elles prestes sã de hyr e fazer e seer em quallquer lugar que tu, Cesar, quiseres que elles morõ. E em caso que todavia querem aver com elles batalha, a antiiga vertude dos clutoões seja sempre na sua rrenõbrança quando elles matarom Lucius Casius e destroyrõ toda sua hoste. Que aynda que tu, Cesar, [fl. 24 *a*] as vencido hũa parte delles, que de seus parceiros, que já pasados eram, nom podiam seer acorridos, nom o tenhas por vertude nem em grande proeza, nem os ajas porem em despeito por que elles, de seus antecessores, tal condiçõ ham que nõ curã de vdeer, salvo per força e per virtude, como aquelles que de engenho nẽ d'outra arte nom sabem cousa⁶, mais querem que toda sua obra perteença da parte da virtude soamente. E por esto a ty, Cesar, digo eu, disse Dynyo⁷, que non comeces cousa per que o logar onde nos avemos de ajuntar de ty aja nomeada pera sempre, nem osso meesmo memorea da matança que nós faremos dos rromaãos, se escusar nom querem de viir aa batalha todavya». Cesar rrespondeo aas palavras que lhe dizia. Disse em esta guisa: «Bem me nẽbra o nojo e a vergonha dos rromaãos de que ora dissestes, sem fazendo meẽçom em como o que lles entom [fl. 24 *b*] aveco nõ era por cousa

¹ Seone *FR.* ² en assez petit de tens *FR.* ³ durement esbahi *FR.* ⁴ Divico *FR.* ⁵ en ceste forme *FR.* ⁶ ne ne savent rien d'engin ne d'agait *RF.* ⁷ por Divyco.

que elles contra os clutoões ouvessem merecido; pero, menos preço esses clutoões e som em mÿ mais agravado que a vyngança dello aataa quy foe tomada per mÿ nẽ per outrem. Pero, sse os rromaños enydarom herro alguũ, bem sse gardarõ do seu mall. Mais em esso foram muyto enganados¹. E aynda que aos rromaños nõ nembrasse aquella vergonha velha já passada, o que os clutoões ora novamente fizeram em passando per força per suas terras e em rroubando os d'Oscum e os amboroões e os burgonhoões, que som seus amigos, nom lhes pode tam asynha sair de seus corações. Nẽ os clutoões nom se devem de gloriar sandiamente de sua victoria, posto que por ello atees ora nõ lhes aveeo cousa contraria. Ca a virtude divinnall mais soffre aas vezes do mall de huũ homẽ soo que² a cullja de huũ grande poboo e o leixa rreynar em seu pecado, mais elle, porem, deve de temer a maa vontade do ceo aynda que do mal que fez nõ lhe seja dado tam asinha seu guallardom. Ca Deus³ tem [fl. 24 c] tal custume, disse Cesar, ca honde elle mais longamente soffreo, aly toma mais asperas vingãças as mais das vezes. Mais nom enbargando todo esto, se os clutoões quiserem dar arrefeõs de comprir o que elles por vós ham prometido e que façam emenda e corregimento de toda a perda e dano que fizeram aos d'Oscum e aos outros amigos dos romaños em comẽdo e rroubando sua terra, eu cõ elles afirmarey paz de boa mente».

«Os clutoões, nem seus antecessores, nũca ouverõ em custume de dar arrefeõs a nõ huũ, disse Dyvyco, mays ante soymos de rreceber d'outros, de que o poboo de Rroma pode dar testemunho». E assy sse tornou sem lhe dizendo mais. E em outro⁴ dia seguinte colherõ suas tendas e moverõ daquelle lugar e Cesar fez esso meesmo e envyou apos elles acerqua de quatro mill homeès a cavallo, que elle ajuntara em toda sua provencia e emrredor d'Oscum, por saber em

¹ Que plus me mienbre de l'auui et de la honte qui avint as Romains selonc vostre recort, sanz ce qu'il ne l'avoient desservi de rien, de tant redout je mains les Helvegois, et plus m'est grief devant que vanjance en soit prise ou par moi ou par autre. Et se li Romain cuidassent rien avoir forfeit, il se fussent legierement d'els gardé; mes en ce furent deceit qu'il ne cuidoient rien avoir forfeit, ne garde ne cuidoient avoir sanz lor forfeit. FR. ² O tradutor não percebeu o texto francês que diz: que plus soffroit la vertuz devine d'un home ou d'un peuple le forfeit et lessoit resnier en son pechié, de tant pooit plus douter le mantalent del ciel qui n'avoit anquore son mesfet comparé; FR. ³ Li dieu FR. Enpregando o singular o tradutor faz Cesar falar como um cristão. ⁴ L'endemein FR.

certo a quall parte os clutoões queriam guiar. Mais a gente de Cesar foe mais trigosa [fl. 24 d] por chegar a elles que ell lhe avya mandado e derõ na traseira¹ da hoste dos clutoões. Mais elles, por sse defenderem, voltaram sobre os homeõs de Cesar e matarõ delles parte. Quando os clutoões virõ que quinhentos dos seus cavalleiros, na traseira de sua hoste, se defenderom contra quatro mill dos de Cesar, cobrarom corações e forom mais afoutos. Assy os que² estavã na sua rreguarda tornarõ a moude³ sobre as gentes de Cesar e demoverom-lhe muy foras e asperas escaramuças⁴. Mais Cesar fez rrecollier sua gente e nõ os leixou juntar com os outros, por entõ, ca assaz lhe abastava que os clutoões, por temor dell, nõ ousavam de correr a terra nem rrouba-lla. Per tall guisa andarom anballas hostes per espago de quĩnze dias, que antre a venguarda da gente de Cesar e a rreguarda da hoste dos clutoões nõ avya mais de cinco ou seis mil passadas. E em este comeos mandou Cesar a aquelles d'Oscum por hũa soma de pam [fl. 24 d] que lhe avyam prometido pera os seus cavalleiros antes que dallõ partissem. Ca os paões que estavam nos campos nom erã aynda segadoiros, nem acharom pera as bestas paceres abastantes por que o tempo de sua natura era muy destemperado e fryo, e Cesar se anojava muyto por que nõ podya aver aa sua vontade aquele pam que elle mandara viir pollo rryo de Sena, por quanto os clutoões eram muyto alongados já da-quell rryo e elle os andava seguyndo por tall de os nom leixar partir de ssy. Aquelles d'Oscum tomavã espago de dia em dia, dizendo: «O vosso pam sera logo prestes; asinha vos viirá sem duvida nem hũa». Cesar, veendo sua tardança em como o dia em que o pam avia de seer⁵ partido antre os seus cavalleiros era acerqua chogado, chamou perante ssy Diviciatus e Listus⁶, que eram os principaaes e os mais honrrados dos d'Oscũ que li andavam em aquella hoste⁷. Ca eles avyã huũ poder-[fl. 25 b]-ryo que cada huũ anno era rremoydo⁸ e forom chamados vergobretes, e o seu poder era, em quanto estavam em aquelle officio, de danar e de destroyr todos

¹ en la que *FR.* ² si que sonvant ell *FR.* ³ vers la mesniee Cesar *FR.* O tradutor não comprehende talvez a palavra mesnie que poderia traduzir o português mesnada. ⁴ nigres assaz *FR.* ⁵ mesurez... et departiz *FR.* ⁶ Diviciatus por Diviciacus; Listus por Liscus. ⁷ É o exército de Cesar. Cf.: ...le maïestre de cels d'Ostun, dont li plussor estoient en s'ost[iz] *FR.* ⁸ une poesté que l'en remuoit d'en en an *FR.*

aquelles que eles queriam. Cesar os cullpou e rreprehædo muy sa-nhudamente, querellando-sse delles e dos d'Oscũ, por que lhe nom faziam acorrer com mantiimentos pera sua gente, especiallmẽte no tempo de tall mester quando nos campos nõ achavam pam pera dar nem pera vender¹, mayormẽte pois² que os clutoões eram seus imiigos com os quaaes, como elles bem sabiam, elle, em parte por seu amor, ouvera hũa batalha. E querelou-sse outrossy delles por que lhe faleçerom da aveõça que com elle tiñham feita por rrazõ do pam que prometido tiñham a sseus cavalleiros. Listus lhe rrespondeo, dizendo: «Senhor, taaes ha hy que som de mayor poderio sobre o poboo que vós³ nõ outro official⁴ que seja, os quaaes provocavã e espaaçavã⁵ o poboo em tall guisa que o pam nom pode ser pagado nem assũado⁶. Ca elles [fl. 25 c] fazem ao poboo entender que sse os rromaños ouvessem vitoria dos clutoões que lhes tolhessem suas liberdades e franquezas, e nõ soomẽte aos d'Oseum mais a todollos moradores do rregno de França. Digo-vos aynda mais, disse Listus, que todollos segredos e novos conselhos que sse fazẽ em esta hoste, elles os descubrẽ aos clutoões, a quall cousa nõ podem contradizer aynda que queirã⁷. Esto que ditto ey agora, disse elle, he dito a gram periigo de meu corpo; e por me guardar de periigo, tempo ha que o leixey de descobrir, mais agora o disse eu por que ao deante nom poderey». Cesar bem sospeitou que o que Listus dezia todo era por Dommorix, o irmão de Domiciatus⁸. Mais por que queria que o todos nom soubessem, apartou-sse daquelles que ally estavam e rreteve conssigo Listus e preguntou-lhe caladamente por a verdade desta cousa. Listus lhe contou entom como Dommorix era tam afouto e de tã grande poderio sobre o poboo que [fl. 25 d] nõ huũ ousava de fazer cousa contra ell que a ell desprouvesse. Ca elle, per sua largueza e o sseu fremoso fallar, em tal guisa tiñha ganhada a graça de todos que, quall quer cousa que de-mandava, todo aderẽçava com elles aa ssua vontade⁹. E que, per

¹ ...l'en ne trovoit point de blé a acheter ne point n'en avoit es chens *FR.*

² O tradutor português afasta-se um pouco do texto francês que diz: et a meismes de lor enemis estoient, a cui il avoient [em]prise bataille *FR.* ³ que nos ne somes *FR.* ⁴ baillix *FR.* ⁵ por espantavã provavelmente. Cf. o texto francês: cil destornent le pueple por manaces et par espoement. ⁶ No ms. o til está no a. ⁷ O fim desta frase não está no texto francês. ⁸ Domiciatus por Diviciacus *FR.* ⁹ tuit le suivoient et voloient ce que il voloit *FR.*

as vittorias que erã em sua mão¹, apanhara grandes possisões e riquezas do que despendera largamente por guaañar os corações das gentes por tall de lhe darem consentimêto de chegar aas honrras que elle desejava. E que, arredor de ssy, aas suas propias despesas, tragia grande numero de cavaleiros que per ssy soo, de todallas cousas que lhes mester faziam, eram mantheudos. Esta graça e este poder nom avya ell ã a ssua terra soomôte, mais ã outros muytos lugares e cidades e villas² honde per vezes mostrara suas larguezas. E que, por aazo³ da sua grande cavallaria, poça avia que casara sua madre com huñ poderoso barom de Burgos⁴ em Berrey⁵. E por que sua mulher era filha de Orgen-[fl. 26 a]-torix⁶, huñ nobre homẽ dos clutoões, elle sempre lhes avia boa afeição e os amava ã sua vontade. E por exalçar aynda mais o sseu estado casara hũa sua irmã e outros seus parêtes em desvairadas cidades acerqua delle. Aos rromaños avia ell grande odio, espicialmente a Cesar, por que por seu aazo elle entendia que o seu poderio seria abaixado, e que a honrra de Demiciatus, seu irmão, que com a ajuda dos rromaños de dia em dia se lhe acrecentava a elle, por adeantar o estado, do ssy medês trabalhava per muytas guisas do abaixar a todo seu poder⁷. E sse mall veesse aos rromaños em esta batalha, ele, cõ a ajuda dos clutoões, avya booa esperãça de rregnar em sua honrra e, acontecendo o cõtrayro, bem cuydava de perder nom soomente a esperãça do seu rregnar mais toda a graça que avia com o poboo. Cesar, por saber se esto era verdade, que Listusrazia, preguntou a outros caladamente, e foe-lhe ditto que ssy. E disserõ-lhe aynda mais [fl. 26 b] que este Dommorix fora aazo por que os quatro mill homeẽs de Cesar, que darõ na traseira dos clutoões, forõ vencidos. Ca os d'Oscũ enviarõ a Cesar certos cavaleiros dos quaes Dommorix era o principal guiador e foe o primeiro que fogio cõ os seus, per cujo exẽplo os outros fogirõ e morrerõ muytos delles.

¹ et granz possession[s] et richces avoit aqises par les paages et les voitures et les travers, qui tuit estoient en sa main *FR.* ² en citez et en viles *FR.* ³ Não é isto o que diz o texto francês: Por sa puissance essaucier loign, avoit-il... *FR.* ⁴ Boorges *FR.* = Bourges (Cher), capital da antiga provincia do Berry. ⁵ Berri *FR.* ⁶ por Orgetorix *FR.* ⁷ Les Romains il haoit et nomeement Cesar, c'avis li sembloit que sa puissance estoit amenusiee par els, et que Diviciacus ses freres remontoit en grace et en honor par lor aide, qu'il avoit mis arriere a son pooir por soi avancier *FR.*

Quando Cesar soube em certo que Dommorix fora aquelle que dera lugar aos clutoões de passarõ pella passagẽ dos sequanois e se tremetera de dar e tomar arreffenas de hũa parte e da outra sem mandado dos d'Oscum, e que os sosteedores¹ daquella medês cidade o avyam acusado em tantas cousas, e bem lhe parecia cousa rrazoada de fazer delle justiça ou dar lugar aos d'Oscum que a fizessem. Mais o amor que avya a Deviciatus, o irmão de Dommorix, o quali elle tiinha por aprovado e por verdadeiro e justo assy ell como todo o poboo de Rroma, lhe fez deteer que o nom pös em obra, como aquell que bem sabia que sse de Dommorix fizesse justiça que seu irmão seria por ello anojado e agravado. Porõ ante que pello ffeito quisesse [fl. 26 c] mais pr[o]ceder chamou Diviciatus e contou-lhe as cousas que lhe foram dittas de Dommorix, seu irmão, estando hi presente Valerius, o principe de Torosay², que era seu parente e servidor e amigo de Cesar, a que Cesar queria tã grande bem e amor como a Diviciatus. Disse entõ Cesar a Diviciatus, falando do ffeito de Dommorix, seu irmão: «Ou tu, disse elle, hordena maneira que sobr' esto se aja de toer ou leixa ho encarrego dello aos cidadãos de fazerem o que entenderõ por melhor». Diviciatus, quando aquello ouvyo, abraçou-sse com Cesar, chorando, e disse: «Oo Senhor, bem sey o que avees ouvido de meu irmão. Todo he muy grande verdade. E por que elle nom usou segundo rrazõ e o poderio e as rryquezas que tem assumadas, aazo eram de seu desfalicimento³. Mais por o amor de Deus, Senhor, vos rrogo que nom façaaes sobre meu irmão tam rrigrosa justiça per que a mÿ venha vergonha em algũa maneira e em que o poboo aja em mÿ algũa maa⁴ sospeiçõ, por que todos bem sa-[fl. 26 d]-bem que som tanto vosso amygo que se justiça agora ffosse ffeita sobre elle todos diriam que por meu consentimento era, e assy guaanharia eu malquerença dos de França. Ca qual ell he, tall he meu irmão, e outro rremedio lhe nõ posso fazer salvo doer-me dele em meu coração da sua sandice; e aÿda que elle trabalhe quanto pode por meu desfalicimento, eu lhe farey sempre como irmão, e encontra o poboo guardarey minha nomeada».

¹ maestires FR. ² Valerius, li princes de Troiessin, FR.; ... per C. Valerium Troucillum, principem Galliae provinciae... Cesar, *De Bel. Gal.*, L, XIX. O erro proveio do compilador francês que tomou a alcunha do tal Valerius por o nome dun território. ³ cil pooirs et cele riebece ou il est montez li torneront a domache car il n'en use pas a reson FR. ⁴ mãã no ms.

Dizendo Diviciatus esto e outras cousas chorãdo, Cesar o tomou polla mão direita e pollo confortar disse-lhe que nõ tomasse por ello nojo por que desto fosse elle certo que tanto estava em a ssua graça que soomète pollo seu amor¹ perdoaria a sseu irmão ho erro em que cayra contra elle e contra o poboo de Rroma. Mãdou entõ chamar Domorix perante ssy e, em presença de seu irmão, pollo castigar, rreprendê-o do mall que ouvyo dizer delle.

(*Continua*).

JEAN-BAPTISTE AQUARONE.

¹ por l'amor de lui *FR.*

Os nomes germânicos na toponímia portuguesa

(Continuado do Tómo III, p. 53)

F

[405. **Fafe** (Braga)].

Conhecemos um ostrogodo chamado *Rosemud qui Faffo cognominatur* de que trata Wrede, *Ostgoten* 154. Êste autor observa que o -FF- só pode estar hipocoristicamente, visto o germânico comum não possuir êste grupo consonântico. Jacob Grimm, *Kleine Schriften* III, 391, pensou que viesse por «Lautverschiebung» de PAPA, hipótese que Wrede classifica de impossível, ao passo que Meyer-Lübke 90 não a acha inverosímil. Seja qual for a proveniência desta raiz FAF-, o que à primeira vista parece certo é que FAFE representa o genet. *FAFI dêste nome FAFO. Assim o entendeu também Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, III, 278: «*Fafe* não creio que seja palavra árabe, segundo explicaram Azevedo in *Rev. Lusit.*, VI, 51-52, e Nunes, *Gram. Hist.*, p. 175, mas sim germânica, pois em documentos medievais há FAFIZ, FAFIIZ (deminutivo), FAFILAZ (patronímico), FAFEZ (idem), FAFIAS, com os quais aquela evidentemente se relaciona». É estranho, porém, que apesar da abundância de FAFILA tanto no onomástico medieval como na toponímia hodierna, não apareça nenhum *FAFO ou *FAFI. FAFEZ e FAFIZ não estão por *FAF-ICI mas por FAFIL-ICI como indica a grafia FAFIIZ. Por outro lado o nome árabe que aparece nas formas HALAF 1016, HALAFA 1040, HALAFE 1053, FALAF 1035, FALAPH 1037, FALAFE 1040 explica tam bem FAFE, que se deverá dar antes razão a Cortesão. Um *Tructino cognomento Falaph* acha-se num doc. do mosteiro de Leça do Bailio, cf. Leite de Vasconcellos, *Antrop.*, 385, o que prova que êste nome era também usado no Norte do país. FAFE parece ser aliás uma povoação bastante recente, a avaliar pela circunstância de não figurar no OM. Também isto falaria em favor duma origem árabe. O -L- intervocálico cai como em vocábulos de origem latina, o que observamos também em ÇOEIMA > ZO-LEIMA e FAIFA (ver êste artigo) < HALIFA, FALIFA¹.

¹ Também AFIPE do art. 13 é de origem árabe e não germânica, como julguei. Pelos meados do séc. XI vivia em Toledo um muçulmano «asceta y director

406. **Fafães** (1. Maia, P; 2. Penafiel, P; 3. Bouças, P; 4. Marco de Canaveses, P).

Eis o genet. *FASILANIS de FAFILA que aponteí no artigo anterior. Aqui não há dúvida que se trata do diminutivo de FAFFO. O OM tem FAFILA 915, FAFIA 1043, FASILANES geogr. 1085, FAFIANIS 1258. A observação de Sachs 48: «Die Aussprache des intervokalischen -f- ist /v/» é ininteligível. FAFILA é também o nome dum rei das Astúrias, cf. F 493 e 504. Na prov. de Zamora existe uma VILLAFAFILA que é abundantemente documentada na Idade-Média, cf. S 48.

407. **Fafão** (1. Guimarães, B; 2. Montalegre, VR; 3. Vila Nova de Famalicão, B; 4. Feira, Av; 5. Guimarães, B).

Temos aqui o obliquo *FASILANEM ou o genet. FASILANI = OM FAFIANI de FAFILA do artigo anterior. Na Galiza, onde há mais cinco povoações d'este nome, soa FAFIÁN; a forma castelhana é FAFILÁN, p. ex. na prov. de Oviedo, cf. S 48. No séc. xv FAFIÃO escreve-se FAFIAM. A boa interpretação d'este topónimo já foi dada por Nunes 590.

408. **Fafias** (Vila Verde, B).

O mesmo nome aparece na prov. de Pontevedra, FAFIÁS, e na de Leão, FAFILÁS. É naturalmente um patronímico em -ACI de FAFILA, cf. os dois artigos anteriores. O *Onomástico* traz FAFILACI 1084, FAFILAX 1047, FAFILAS 1085, FAFIAZ 1220.

409. ***Fáfida**, Quinta da (Pesqueira, Vis).

A terminação -IDA já a encontramos em CAHIDA, CAÍDA do art. 201. Relacionei-a nesta ocasião com -IDO, -IDE de *HILDIS. Realmente temos também a terminação -A em AGILDA art. 14 a par de AGILDE. Em FÁFIDA prefiro contudo considerar -IDA como uma raiz diferente de *HILDIS, a mesma que no nome do rei gepídio FAST-IDA e dum bispo dos visigodos peninsulares ULD-IDA citados por Schönfeld. FAFILA e FAFIDA formam um par como FASTILA e FASTIDA. Segundo Schönfeld tratar-se-ia do sufixo -IDA, -IPA que normalmente serve para formar abstractos. Wrede, *Ostgoten* 146-47, cita outro nome formado com este elemento: DAR-IDA, que faz de-

rivar de *DARJAN «prejudicar», «ferir». Ver a propósito dêste sufixo Kluge, *Nominale Stammbildungslehre* § 121. Sachs 48/49 cita entre parênteses o nome geográfico FAFID, na prov. de Pontevedra, dizendo que não vê possibilidades de o explicar e que talvez não seja germânico. Trata-se naturalmente do genet. *FAFIDI de *FAFIDUS, forma latinizada de FAFIDA.

410. *Fafôa, Quinta da (Vila Real).

Vejo neste nome a forma feminina dum n. h. *FAFÃO < OM FAFALON 927. Pode comparar-se a BRANDÓA de BRANDÃO do art. 151 e SIMÓA de SIMÃO apontado por Leite de Vasconcellos, *Antrop.*, 56.

411. Fagido, Casal do (Arganil, Coim).

Meyer-Lübke 26 cita um FAGILDUS que lê FAG-ILDUS, interpretando o primeiro componente como *FAHS «alegre». Sachs 49 dá a mesma explicação, lembrando o gót. FULLA-FAHJAN «satisfazer», FAHEPS «alegria» e FAGINÓN «gozar». Von Grienberger 545 prefere o gót. FAWA- que temos em FAWAI «poucos», cf. o alem. arc. FAO «pouco». Para ele êste nome deveria dividir-se em FA-GIDO. Os nomes medievais dão razão à primeira interpretação. FAGILO 995, FAGUDUS 999, FAGULFIZ indicam bem uma raiz FAG-. A raiz FAW- a que se refere v. Grienberger, é representada hoje por FAV-, cf. o art. FAVÕES. Ver também o artigo a seguir.

412. Fagilde (1. Paredes, P; 2. Barcelos, B; 3. Feira, Av; 4. Vieira, B; 5. Mangualde, Vis; 6. Ponte de Lima, Via).

Veja-se o artigo FAGIDO. Na Galiza há mais seis localidades chamadas FAGILDE. Sobre -ILDE e -IDE consulte-se o art. CAHIDE. É escusado dizer que FAGILDE é o genet. de FAGILDUS, FAGIDO = FAGILDO 907. Em 1258 escreve-se FAGILDI. Tem os patronímicos seguintes: FAGILDICI 1083, FAGILDIZI 1033, FAGILDIZ 1088, FAGILDIT séc. XI.

413. *Faião (1. Sinfães, Vis; 2. Sintra, Lis; 3. Sernancelhe, Vis).

Outro nome formado com a raiz FAG-. É sem dúvida o diminutivo FAGILLO 991, FAGILO 995, FAKILO 1099 na forma do caso oblíquo *FAGILONEM. O genet. *FAGILONIS = OM VILLA FAGIONES é representado na toponímia portuguesa por FAIÕES.

[414. *Faifa (Castro Daire, Vis)].

À primeira vista pensa-se numa transposição do nome FAFILA do art. 403. Mas esta interpretação não é possível, porque, a par de FALIFA 1037, FALIFAZ, há também HALIFA 1083, com H, que só se pode explicar sendo o nome de origem árabe. A queda do -L- intervocálico em palavras árabes é vulgar, cf. o art. FAFE e as palavras arc. FOAM < فلام < «fulano», MAQUIA < مكيال esp. maquila, etc., cf. Dozy, *Glossaire* 22. Também a transformação de ح (hâ) em F corresponde à regra: arc. FASTA «até» < حسي HATTÂ, FARRÔ «libre» < حر HORR, FABARRAZ < فابارراç (Nunes, 17a), ALFEIRE < ألفير AL-HEIR, etc.

[415. Faife (Castro Daire, Vis)].

É o genetivo do nome anterior. Cf. Nunes, *Gram. Histór.* 2 184.

416. Fail (Viseu).

Como já vimos em vários exemplos, -IL é o mesmo elemento que -ILDE. FAIL e FAILDE são portanto idênticos. Em 1221 temos FAILLI = FAILDE 1287. Quanto à primeira raiz, deve tratar-se de FAG- do art. FAGILDE. Em FAÍL, FAÍLDE o -G- foi tratado como em palavras de origem latina, o que parece indicar que a redução desta consoante se produziu depois da invasão gótica, sem contudo abranger todos os nomes de origem germânica. — Explicar FAÍLDE, FAÍL por FAW- é impossível, porque o -w- gótico se mantém como -v- diante de -i-, cf. S 22. Há um VILLAFAIL na prov. de Corunha.

417. Failde (Bragança).

Eis a forma mais completa de FAIL.

418. *Faiões, Santo Estêvão de (Chaves, VR).

A explicação de FAIÕES foi dada no art. FAIÃO.

[419. *Fais (Grândola, Lisb)].

¿Virá dum patronímico *FANICI de FANUS, FANO? Veja-se o art. FÃO. Um genet. FANNI é documentado em 1115.

420. Fajaes (Cabeceiras de Basto, B).

É o genetivo do nome *FAGILA representado no OM pelo caso oblíquo FAGIAM 1220. Ver também os arts. FAIÃO e FAIÕES.

421. *Fajões (Oliveira de Azeméis, Av).

FAJÕES relaciona-se com FAIÕES art. 414 como FAGILDE com FAİLDE, quiere dizer, trata-se de formas divergentes do mesmo nome. Num caso o -g- diante de -i- conserva-se, no outro funde-se com esta vogal. Ver a explicação deste fenómeno no art. FAİL.

[422. *Fajozes (Vila do Conde, P)].

O segundo elemento, -OZES, deve aproximar-se de ESTOZE. FAJOZES é documentado na forma actual em 1258. ¿Será de facto de origem germânica?

423. *Faldigéns (Amarante, P).

Deve ser uma grafia diferente do nome a seguir.

424. *Faldijães (Ponte de Lima, Via).

No *Onomástico* encontro um FALDEJAES 1258, escrito também FALDEJAES. Sobre o primeiro elemento veja-se o artigo seguinte. A respeito de -JÃES não posso por enquanto dizer nada. Um genet. *FALDILANIS não explicaria a presença do -j-.

425. Faldreu (Arouca, Av).

É o nome FALDEREDO de 995. O primeiro componente, que nem Meyer-Lübke nem Sachs conhecem, reaparece em FALDIJÃES e OM FALDROPO 1258. Parece-me tratar-se do correspondente gótico do alem. arc. FELD, sax. arc. FELD, alem. mod. FELD «campo», que deve ter soado em gót. *FALD. O -a- da primeira sílaba de FALDREU explicar-se-ia como dissimilação do segundo -e-. Também o verbo FALTHAN «dobrar» entraria em linha de conta. Vejam-se igualmente os arts. FRALDEU e FRALDREM.

[426. Fandiães].

É Sachs 49 que aponta este topónimo sem indicar a sua situação. Também não consegui localizá-lo. Deve haver engano. Sachs modernizou certamente o FANDILANES do OM que talvez esteja hoje em FANHAES.

427. Fandinhães (Marco de Canaveses, P).

A observação de S 49 «FANDINHÃES, durch Assimilation aus FANDILANES 1340» não faz sentido. Deve tratar-se de *FANDIM mais o suf. -ANIS. Vejo aliás que o nome FANDIM realmente existiu, como se conclui de VILLA FFANDIM 1242, hoje VILLANDIN na prov. de Toledo, apontado por Sachs. Não me é possível explicar a raiz FAND-

428. ***Fanhaes** (Alcobaga, Lei).

Teremos certamente que ler FANHÃES, como indica o nome seguinte FANHÕES. Quere parecer-me que temos em FANHÃES e FANHÕES os diminutivos* FANILA(NIS) e *FANILO(NIS) de FANO, cf. o art. FÃO. Pode também vir de FANDILANES do art. 426.

429. ***Fanhões** (Loures, Lis).

Veja-se o artigo precedente.

430. ***Fanzeres** (Gondomar, P).

Não sei bem o que hei-de fazer d'êste nome. Em 1032 temos um FANZARANES, em 1258 FANZARES que já se escreve também FANZERES. O primeiro está naturalmente por FANZAR-ANIS, o segundo por FANZAR-ICI. Se realmente se trata dum nome gótico, decompor-se-ia em FANO, cf. o artigo seguinte, e -SAR que temos em *OM BELESARIUS* 924 e Sch *SIGE-SARUS*, do gót. *SARWA* «armas», veja-se o art. *BELOI*. A forma moderna com E na sílaba tónica explicar-se-ia como metafonía (Umlaut) condicionado pelo -i- longo da terminação -ICI.

431. **Fão** (Esposende, B).

Leite de Vasconcellos, *Opúsculos* III, 339-42 dedica um estudo muito sugestivo a FÃO, em que vê «um representante da religião dos nossos maiores, pois corresponde perfeitamente, quanto à fonética, ao latim *fanum* (santuário); o sentido também não se opõe, porque no nosso onomástico há muitos nomes semelhantes; o onomástico italiano apresenta a forma paralela FANO, que provém da antiga *fanum fortunae*». Rejeita justamente outra explicação que liga FÃO a *φάρος* «faro» por não existirem nas línguas românicas outros representantes de *phanus*. Infelizmente o mesmo argumento se pode alegar contra a derivação de FANUM. O único exemplo de FANO na toponímia italiana não basta para confirmar a identidade de FÃO com FANUM. As localidades francesas chamadas FAIN, FAINS, etc., provém antes do francónico FANNI «pântano» do que de FANUM, cf. Gamillscheg, *Rom. Germ.* I, 102. De resto, o desaparecimento de FANUM do vocabulário e da toponímia não admira, visto também *TEPLUM*, outra palavra da terminologia pagã, se ter perdido sem deixar vestígios. Mas não quero insistir neste aspecto do problema. As principais razões que me levam a não aceitar FANUM como origem de FÃO, são as seguintes: 1.º Em 959 FÃO chama-se *VILLA FANO* (*Livro de D. Mumadona, Dipl.* 48 e 258). Sendo a localidade uma «villa», FANO só pode ser um nome de pessoa ou um adjectivo;

2.º Temos no séc. XIII uma VILLA FANES em que FANES se revela à primeira vista como sendo o patronímico *FANICI de FANO, patronímico que vive ainda hoje na toponímia galega: FANES (munic. Llanera, Oviedo) a par de FANO (1. Colunga, Oviedo; 2. Guijón, Oviedo). O acusativo *FANONEM soa FANON (Luarca, Oviedo). Já encontramos aliás FANO e FANES no decorrer dêste trabalho. Refiro-me a AFÃO e AFÃES, onde o -A inicial não representa uma raiz própria, como me quis parecer, mas é o -A final de VILLA que se conservou por se ter feito mal a separação das duas palavras. O OM cita também um genet. FANNI, ap. h. 1115. Nos topónimos FAXHÃES e FAXNHÃES reconhecemos um nome FAXILA, FAXILO que pela terminação só pode ser germânico. Bruckner cita FANO entre os nomes langobardos. A mesma raiz entra como primeiro elemento formativo em Sch FAXOTHEUS, Bruckner FAXULFUS, como segundo componente em EBRE-FAXUS, etc., cf. F 440. É o gót. FAXA, ant. alem. FAXO, mod. FAHNE «bandeira» que tem um paralelo perfeito no apelido actual BANDEIRA.

432. *Faquelo (Arcos de Valdevez, Via).

O *Onomástico* cita FAKILO que deve ser o nome presente com a diferença que o suf. gótico -ILO < -ILA foi substituído pelo suf. românico -ELLU como já vimos em BERTELO, DONELO, etc. A raiz FAK- deve ser germânica. Förstemann 493 cita um nome langobardo FACCO (com geminação hipocorística do -c-). Veja-se também Bruckner, *Langob.* 246 e D. Olivieri, *I cognomi* 157 FACCO, FACCONI, FACCANONI.

433. *Faquiães (Amares, P).

Eis o genet. *FAKILAXIS de FAKILA que apontámos no artigo precedente na forma romanizada FAKILO (a não ser que se trate dum nome de mulher; as formas femininas terminam de facto em o). O caso oblíquo *FAKILANEM é representado por OM FAQUIAM geogr. 1258.

434. *Faquinhas (Guimarães, B).

A formação dêste nome não é muito clara. ¿Será um patronímico *FAQUINI-ACI de FACCINIUS? Cf. OM FAQUINA n. m. 1065.

[435. *Farazes (Penafiel, P)].

É o patronímico do nome, sem dúvida árabe, HARRAZ(E) 976. Não tem nada que ver com a raiz FAR- do art. FAREZ. FARAZES é um apelido de família do séc. XV. Outros nomes derivados: FARAZOM 1258 = FARAZONE 950.

436. **Fares** (Vieira, B).

Explica-se como patronímico de langob. FÁRO, gót. FARA Sch 85 que são formas abreviadas de nomes compostos com a raiz FÂR- de FARAN «andar». *FARUS figura no OM no genet. FARH 1016 = *FARL, FAAROM, FARAM 1484, VILA FARÃO = *FARONEM, FARHOM 972 = *FARILONEM. Também no *Políptico* xxiv, 137-142 há uma VILLA FARONIS, hoje FÉRANVILLE (Seine et Oise). FAR- entra em muitos nomes como primeiro e como segundo elemento de composição, cf. Bruckner, *Langob.* 246/7 FÁRICUS, FÁRE-PERGA, FÁRI-PERTUS, FÁRE-CASTUS, etc., e Wrede, *Ostgoten*, F 398 SENDE-FARA, THEUDI-FARA, WILI-FARA, etc. Nos três últimos exemplos -FARA é «nomen agentis», com o sufixo -Á. Quanto ao significado podem comparar-se a Έμ-πορος, Τηλε-πόρα, etc., cf. Fick, *Personennamen* 133.

437. **Fariz** (Resende, Vis).

Sachs 50 interpreta FARIZ como sendo *FARARIZ, genet. de FARARICUS, dizendo que deve ser um nome suevo. Esta observação só é justa se realmente se tratar do ant. alem. FÂRA «linhagem» que de facto deveria soar em gót. *FÉRA. Esta dificuldade desaparece contudo se ligarmos FARIZ a FÂRAN do artigo precedente.

438. ***Farves** (Vouzela, Vis).

A raiz FARV- têmo-la em OM FARUEU, FARVEU ap. h. 1228. ¿Será a mesma que em Sch *FRAV-ITTA e FRAVIUS? Pode-se também lembrar OM FERVILAM 921 = ML 26 FERVILA de FAIRHVUS «mundo». Förstemann 503 regista um nome alemão FRAHU-SINTA.

439. ***Favões** (Marco de Canaveses, P).

Meyer-Lübke 90, citando o nome medieval FAVILA (cf. OM FAUYLA 924, FAULACI 1088, FAVILAZ 1077), diz que não é idêntico a FAFILA, cf. art. 406. Sachs 49 pretende que sim, alegando que num diploma de Eslonza de 1151 se escreve indistintamente VILLA FAFILA e VILLA FAVILA. Se FAVÕES é de facto um nome germânico *FAV-ONIS, teríamos de voltar à primeira hipótese de Meyer-Lübke. Förstemann 502 cita um nome FAVA, FEVA, cuja raiz não conheço mas que quadra muito bem com FAVÕES. No *Onomástico* encontro os apelidos FAVA e FAVEIRO, que antes se deverão explicar pelo apelativo FAVA < FABA, cf. o lat. FABIVS.

440. ***Feiraes** (Gondomar, P).

Não se deverá ler FEIRÃES? Vejam-se os dois artigos a seguir.

441. *Feirão (1. Castelo de Paiva, Av; 2. Resende, P).

Eis o caso obliquo do nome *FARILO representado no *OM* por FARHON 972 e que já apontei no art. FARES. É escusado dizer que pode também ser *FARILANEM.

442. *Feirões (Vila Real).

É o genet. *FARILONIS de *FARILO do artigo anterior.

443. Fermil (1. Vila Nova de Famalicão, B; 2. Vouzela, Vis; 3. Celorico de Basto, B; 4. Guimarães, B).

É o nome do rei godo Sch FILIMER < *FILI-MĒRS = FILIMIR, bispo de Lamego de 653. O primeiro elemento é FILU «muito». Outros nomes compostos com esta raiz: FILI-MUTH (hérulo), FILE-GAGUS (gepidio), FIL-ICA (ostrogodo). FERMIL escreve-se em 1258 FELMIR. Há mais três povoações com este nome na Galiza, e uma quarta chamada FELMIL.

444. Fermilhe (Oliveira de Azeméis, Av).

FERMILHE não tem nada que ver com FERMIL. Está por *OM* FRAMILLI n. m. 988 do diminutivo FRAMILA 982 ou *FRAMILO. Sobre -ILHE ver ARILHE, BRUILHE, CADILHE. Sachs 50 cita o nome FRAMILLO que existe três vezes na prov. de Corunha e que liga a *FRAMS «valente», que deriva de nórd. arc. FRAMR «excelente», saxón. arc. FRAM «valente».

445. Fernande (Bragança).

É o genetivo do nome FERNANDO < *FRIBUNANþs que é tipicamente visigótico. Os elementos que o compõem são *FRIBUS «paz» (que se pode reconstruir através do verbo GAFRIBON «reconciliar», cf. S 52) e *NANþAN que está nos topónimos NANDE, NANDUFE, etc. As grafias medievais são FREDENANDUS 981, FRIDINANDO 971, FRADINANDI 933, FRENANDUS = FERNANDUS 943. Nos dois últimos exemplos, dos *Dipl. et Chart.* 30 e 122, trata-se do mesmo indivíduo, o que prova que FERNANDO provém de facto da metátese da sílaba FRE(E)- < FREDE-. Veja-se também ML 28 e v. Grienb. 546. FERNANDE, que é também o nome duma localidade da prov. da Corunha, figura no *OM* como VILLA FREDENANDI 1012. É natural que o nome moderno FERNANDO se encontre também na toponímia portuguesa: FERNANDAIRES, FERNANDARES, FERNANDINHO, FERNANDILHO, FERNANDO (8 vezes), FERNÃO (17 vezes). Esta última forma emprega-se quando segue outro nome principiando por uma con-

soante, cf. FERNÃO GIL, FERNÃO CALVO, FERNÃO TOTE, etc., e Leite de Vasconcellos, *Antrop.* 449. Todos estes topónimos são de data recente, não devendo por isso ser tratados em artigos à parte.

446. **Fernandes** (1. Resende, Vis; 2. Fafe, B).

Este nome é o patronímico do precedente: *OM FREDENANDIZI* 993, *FREDENANDIZ* 960, *FERNANDIZ* 915, etc. As localidades do tipo *FÔRO DO FERNANDES* (Évora), *QUINTA DO FERNANDES* (Portel, Évora), etc., não devem entrar aqui por se tratar do apelativo *FERNANDES*, embora seja primitivamente o mesmo patronímico.

447. **Fernandeira** (Ponte do Lima, Via).

Temos aqui certamente o suf. *-ARIU* para designar a propriedade. Por enquanto não posso dizer nada sobre a idade deste tipo topónimo.

448. **Fiães** (1. Trancoso, Guar; 2. Feira, Av; 3. Valpaços, VR; 4. Mondim de Basto, VR; 5. Melgaço, Via; 6. Montalegre, VR; 7. Boticas, VR).

Há muita probabilidade que este nome — que não se deve confundir com *FIAES* (8 vezes) que é o plural de *FIAL* de *FENUM* + *-ALE* e designa um sítio onde se conserva o feno — venha de *OM FIDILA* 1094, patronímico *FIDELIZ* 999. Este nome está porém tam isolado no onomástico medieval, que não o posso explicar. *FIÃES* escreve-se no séc. xv *FEÃAES*. Lembrei-me dos nomes langobardos *FAIDO*, *FAIDA*, *FAIDOLFUS* citados por Bruckner 246 que devem vir de *FAIDA* «contenda», mas a vogal radical de *FIÃES* deve ser *-i-* e não *-e-*.

449. **Flariz** (Felgueiras, P).

É o mesmo nome que *FRARIZ*, cf. art. 488. O *-L-* explica-se por dissimilação.

450. **Fôfe** (Guimarães, B).

Ver o art. *Fôfo*. *FÔFE* é o genetivo respectivo. Em 1258 *Foffi*.

451. **Fofim** (Vila Nova de Gaia, P).

É o genet. *FOFINI* de *FOFINU* 870. Ver o art. *Fôfo*.

452. **Fofinho** (Vila Verde, B).

Trata-se do nome *FOFINU* apontado no artigo precedente. Sobre *INO* > *INHO* veja-se o art. *CARIM*.

453. **Fôfo** (Penafiel, P).

Já se encontra o nome FOFO nos *Dipl. et Chart.* em 946. A sua popularidade provam-na FOFALO 1258 e os numerosos patronímicos FOFIZ 964, FOFFIZ 1070 e os topónimos precedentes. Sobre a origem de FOFO nada sei. Creio que seja uma variante, talvez mais carinhosa, de FAFO, cf. art. FAFES e seguintes. ¿Ou não será primitivamente uma alcunha? Cf. o adj. FÔFO e *REW*³ 3411 FOF, FUF, FAF. Mas há também, embora se trate duma forma isolada, FOLOFO 1098.

454. ***Foiando** (Celorico de Basto, B).

O segundo elemento só pode ser -NANDO de NANPJAN, cf. os arts. BRITIANDE, ENVIANDE, FERNANDE, etc. O primeiro componente só o posso descobrir em CASAL FUIOFE 1258. Como explicá-lo?

455. ***Folão** (1. Melgaço, Via; 2. Ponte de Lima, Via; Viana do Castelo).

Pode interpretar-se como sendo o obliquo *FULLONEM dum hipocorismo *FULLO. Sobre a raiz consulte-se o artigo seguinte.

456. ***Folia** (Melgaço, Via).

Temos em 1220 um apelido FOLIA, e em 1258 FOLIE, genet. dum suposto *FOLLIVS ou *FOLLILVS, cuja raiz se pode interpretar como vindo de FULLS «cheio» que já encontramos como segundo elemento em ALFOLÕES. No *Político* há nomes como FUL-BALDUS, FUL-BERTUS e FUL-BRANDUS. Förstemann 560 cita VULLI-HELM, VULLE-MAR. FOLIA representaria, se a minha interpretação é justa, um diminutivo *FULL-ILA. Contudo deve-se perguntar se FOLIA não representará simplesmente o apelativo FOLHA. Na toponímia há de facto FOLHA, FOLHAS, FOLHADA, FOLHADAL.

457. ***Folias** (Melgaço, Via).

Ver o artigo precedente.

458. **Folões** (Barcelos, B).

Verja-se o art. FOLÃO. Temos aqui um genet. *FULL-ONIS.

[459. ***Folque**, Horta do (Castro Daire, Beja)].

É o genetivo dum nome que no *Político* figura como FULCHO v, 109, FULCO v, 98, hipocorismo dum nome em que entrava a raiz *FULK-, alem. VOLK, ingl. FOLK, etc., «povo», como em FULC-LINDIS,

FULC-RAMNUS, FULC-RADUS, FULCH-ILDIS, etc., todos no citado políptico, Sch FULC-ARIS < *FULKA-REIPS, FOLK-MARUS e F 553. Na península são raros os nomes compostos com esta raiz. Isto, e a circunstância de FOLQUE e FOLQUES se encontrarem fora da região onde abundam mais os nomes germânicos, parece indicar que se trate dum nome francónico importado. Encontro só uma vez FULCO no séc. XIII nas *Dissert. Chronol.* v, 7 e os apelidos FULCONIS 1259, FULCOM no *Eludidário* II, 368¹. Também Leite de Vasconcellos, *Antrop.* 300, admite que FOLQUE tenha vindo de fora: «Apelido de origem catalã (FOLCH ou FOLQUE), implantado em Portugal nos meados do séc. XVIII: vid. no *DN*, de 18 de Maio de 1922, um artigo acêrca do falecido engenheiro Pedro Romano Folque».

460. *Folques (Arganil, Coim).

Trata-se dum patronímico de FULCO, FOLCO do artigo anterior.

461. *Forjães (1. Resendo, Vis; 2. Esposende, B; 3. Santo Tirso, P).

Nas *Inquir.* de 1258 este topónimo escreve-se FORGIAES e FRO-GIAES o que mostra que houve metátese na primeira sílaba e que o primeiro elemento é FROI- como em FROIA e FRUGENDE, ver estes artigos. É uma raiz muito prolifera como provam os 19 exemplos recolhidos por Sachs 51. Vem de FRAUJA «senhor». No *Onomástico* pp. 140-142 há uns 50 exemplos formados com este elemento. Ver o art. FROIA. FORJÃES deve explicar-se como sendo *FROILANIS = FROILANES 1086. A mesma metátese têmola em FORMARIGO, etc. Ver também o art. FROIA.

462. *Forjão (1. Ponte do Lima, Via; 2. Barcelos, B; 3. Baião, P).

É o caso obliquo do nome precedente. No onomástico é representado por VILLA FROILAM 1059.

463. *Fonxe (Lourinhã, Lisb).

Este topónimo corresponde a FONXI em CASAL DE FONXI 1258. É o genetivo dum nome FONSO 977 de *FONSUS, forma latinizada de FONSA que é um «vir illuster» no Concílio de Toledo de 589, cf. S 54 e F 691. No *OM* encontram-se os derivados seguintes: FONSIM 950, FONSI 1224 = FONSINI 959, FONSAM 1258, e hoje na toponímia galega FUNSI (Lugo), FONSI (Pont), VILLARFONSI (Lu). FONSO provém duma raiz que em velho alemão soa FUNS- e significa «pronto».

464. *Forles (Satão, Vis).

Vejo em FORLES uma forma divergente de FROES < FROILIZI 1094, FROILIZ 984, patronímico de FROILA 882, FROLA 964. Em FORLES deu-se a metátese de FRO- para FOR- que já observamos a propósito de FORJÃES e que neste caso deve ser mais antiga do que a queda do -L- intervocálico. Depois da transformação da primeira sílaba, é claro que o -L- se havia de manter por estar em posição forte, quere dizer, abrir uma nova sílaba. Vejam-se também os arts. FROES e FROIA.

[465. Formal (1. 2. Feira, Av; 2. Ovar, Av; 3. Guimarães, B)].

Sachs 53 faz derivar este topónimo de FRUMA «primeiro». Mas como quere interpretar o segundo elemento, -AL? Talvez pensasse em -AR de *HARJIS, cf. ANS-AR, BELT-AR, BOLFI-AR, etc., que por dissimilação do primeiro -R- se tivesse transformado em -AL como -MIR em -MIL, cf. ARGE-MIL. Pode-se decompor FORMAL ainda de outra maneira: FOR-MAL, sendo FOR- o elemento tratado nos dois artigos anteriores, e -MAR o de ARMA-MAR, BALDO-MAR, etc. O -L final explicar-se-ia também como dissimilação. Contudo será melhor dar a preferência à explicação de Sachs, porque existe de facto o nome FRUM-ARIUS, dum chefe suevo, formado como o nome ostrogodo FRUMA-RITH, cf. Sch 96. O que porém admira, é que três das quatro localidades chamadas FORMAL se encontram no distrito de Aveiro, e relativamente perto do mar, o que faz suspeitar que o nome ande ligado à topografia daquela região. C. de Figueiredo cita um subst. FORMAL «prov. campo ou região em que domina certa cultura» (a definição não é lá muito concreta), e em certos dialectos italianos encontramos FORMA e FORMALE para designar «canos» e «regos», cf. REW³ 3441. Como se vê é impossível pronunciar-se por enquanto sobre a origem de FORMAL. A VILLA FORMA de 977 (ainda hoje FORMA na prov. de Orense) não traz novas indicações. FORMARAO (Casal de) talvez se pudesse alegar a favor de FRUM-ARIUS.

466. *Formão (1. Amarante, P; 2. Guimarães, P).

Aqui pode tratar-se do caso obliquo dum nome *FRUMA = FORMA (villa) 977, cf. o artigo precedente, hipocorismo dum nome formado com FRUMA. É claro que FORMÃO não pode ser o apelativo FORMÃO «utensílio de ferro». O seu emprêgo como topónimo seria inconcebível.

467. *Formariga (Póvoa de Lanhoso, B).

Um nome de mulher que é antigo, cf. *OM FROMARICA* 1009. É o feminino do nome a seguir.

468. Formarigo (Oliveira do Hospital, Coim).

Representa *FROMA-RICUS* 870, *FROMA-RIGUS* 922, *FLOMARICO* 870, vejamos também os numerosos patronímicos *FROMARIQUICI* 1078, *FROMARIQUIZ* 1002, *FROMARIGUIZ*, etc., de **FRUMA-REIKS*. Sobre *FRUMA*-ver o art. *FORMAL*. Esta raiz entra em bastantes nomes medievais, como p. ex. *FROME-GILDO* 957, *FROMO-SINDO* 1061 e *FROMASUARIO* 1079. Na Galiza há mais duas povoações chamadas *FORMARIGO*.

469. Formariz (1. Paredes, P; 2. Amarante, P; 3. Paredes de Coura, Via; 4. Vila do Conde, P).

Devem juntar-se mais seis localidades deste nome na Galiza, cf. S 53. *FORMARIZ* é naturalmente o genet. de *FORMARIGO*: *OM FROMARICI* (villa) 953, *FRUMARIZ* (S. Petro de) 1220, *FROMARIZ* 1088, *FLOMARICI* 1057.

470 *Formil (Bragança).

É genetivo do nome a seguir.

471. *Formilo (Mondim da Beira, Vis).

O primeiro componente pode explicar-se como sendo o elemento *FRON-* que temos em *OM FRONOSINDO* 1014, *FOR-SENDIZ* 1136 = *FRO-SENDIZ* 1136, *FRONE-RIGUS* 1075, *FRON-ILLI* 1018 aos quais se pode juntar *Sch FRONI-MUTH*. A raiz *FRÔN-*, que Sachs não conhece, deve aproximar-se do velho alem. *FRÔNÖ*. Parece tratar-se da raiz sueva que corresponde ao visigótico *FRAUJA*, cf. art. *FORJÃES*. Seria também possível relacionar *FORMILO* com *FROPS* «inteligente», mas não há no onomástico nenhum exemplo dum nome que principiasse por **FRODE-*.

472. *Formira (Melgaço, Via).

Sobre o primeiro componente, *FOR-*, veja-se o artigo precedente; sobre *-MIRA* o art. *MIRA*.

[473. Formoselha (Montemor-o-Velho, Coim)].

Nunes 592 considera este nome como sendo de proveniência germânica. O primeiro elemento, *FORM-*, relaciona-se de facto facilmente com *FRUMA-*, cf. arts. *FORMÃO*, *FORMARIGO*, etc. Mas como se há-de

explicar o segundo componente, -SELHA? Podem lembrar-se os nomes medievais SILO 1042, SILONI 943, etc., cf. art. SIÃO, mas, sem contarmos que temos como vogal um -i-, esta raiz não se encontrou ainda como segundo elemento formativo. Como por outro lado conhecemos um apelido FREMOSO, que só pode vir de FORMOSUS «formoso», talvez se possa interpretar OM FROMOSILI 1068, FREMOSELI 1258, FREMOSELHI séc. xv, que são as grafias antigas de FORMOSELHA, como sendo o genetivo dum nome *FORMOS-ELLUS que poderíamos comparar a OM FREMOSINO 1008, FROMOSINO 1053, hoje FROMESINHO (Marco de Canaveses, P). A terminação -ELHE, invulgar no vocabulário português, ter-se-ia substituído modernamente pelo sufixo -ELHA. Devo contudo notar que a forma mais antiga, FORMOSILI, com -i- como vogal tónica, não quadra bem com a explicação que apresento e que lembra de facto nomes germânicos em -ILI, cf. os arts. ARILHE e BERTELHE.

474. *Formozem (Santo Tirso, P).

Não cheguei a uma conclusão definitiva a respeito dêste nome. A primeira hipótese seria, que se trata dum derivado de FORMOSUS. Mas a terminação -EM, que temos também em CARTEM e CADEM não a soube explicar, e não sei se é de origem latina ou visigótica. Em segundo lugar poderíamos ler FORMO-ZEM e ver neste nome o genetivo de OM FROMO-SINDO 1061, FREMO-SENDO, FREMO-SINDO 994, etc. Como se trata dum nome bastante vulgar no onomástico medieval, admiraria que não tivesse deixado vestígios na toponímia portuguesa. Na Galiza, na prov. da Corunha, há de facto um FORMOSENDE. Infelizmente o genetivo de -SINDUS < SINTHS, cf. art. 116, é sempre representado por -SENDE, mas talvez posso lembrar que também *HILDIS e GILD aparecem sob dois aspectos: -ILDE e -IL, -GILDE e -GIL. A terceira possibilidade seria que -ZEM representasse a raiz que encontramos em SENA-MIRO 1071, SEN-ANDUS 1059, SENA-REI, SENA-MONDO 1258. Mas não conheço exemplo em que êste elemento entrasse como segundo elemento formativo.

[475. Fórnea (1. Tabua, Coim; 2. Mafra, Lisb)].

Veja-se o art. FRONHAS e a variante FÓRNA.

[476. Fórneas (1. Penela, Coim; 2. Proença-a-Nova, CB; 3. Pinhel, Guar)].

É um patronímico em -ACI do nome anterior.

[477. **Fornia** (Arganil, Coim)].

Não passa duma grafia diferente de FORNEA, veja-se este artigo.

478. **Fraião** (1. Póvoa de Varzim, P; 2. Barcelos, B; 3. Braga; 4. Vila Nova de Famalicão, B).

É o nome FRAD-ILA de 927 no caso oblquo. O elemento inicial provém do gót. *FRAP* «*νέμω*», «*νέω*», «sentido», «inteligência».

479. ***Fraldeu** (1. Miranda do Corvo, Coim; 2. Óbidos, Lei).

Deve ser uma variante de FALDREU do art. 425.

480. ***Fraldrem** (Vieira, B).

Sachs 114 supõe que -REM seja -REI, genet. de -REDUS, cf. art. DAREI, em que o ditongo secundário se teria nasalado. Não vejo outra explicação melhor. FRALDREM estaria neste caso por *FALDE-REDI, veja-se o art. FALDREU.

481. ***Framão**, Quinta do (Fornos de Algodres, Guar).

A origem de FRAMÃO deve estar no oblquo dum hipocorismo *FRAMMA ou *FRAMA (= OM FLAMU 1059? Cf. FLOILA = FROILA, etc.), dum nome composto com *FRAMS «valente», cf. velho sax. FRAM, velho nord. FRAMR «excelente». Esta raiz é freqüente no onomástico do *Político*, cf. 1, 307, FRAM-BALDUS, FRAM-BERTUS, FRAM-HARDUS, etc., e F 513. Sachs 50 cita como único exemplo FRAMILLO que aparece três vezes na prov. da Corunha. O OM fornece mais: FRAM-ULDO 973, FRAMA-RIZ séc. xv, FRAM-ILA 982, VILLA FRAMIANES 969, FRAM-ILLI 988, etc.

482. **Framil** (Feira, Av).

Ver o nome a seguir.

483. **Framilo** (1. Poiães, Coim; 2. Lousã, Coim; 3. Oliveira do Hospital, Coim).

Temos que ler FRA-MILO. O primeiro componente é *FRAP* «sentido» que entra também em FRAIÃO. Sobre -MILO veja-se o art. ARMILO. Na prov. de Lugo há FRAAMIL e VILLAFRAMIL, cf. S 50, no *Onomástico* FRAMIRU 1065.

484. ***Framinhões**, Quinta de (Celorico da Beira, Guar).

¿Estará por *FRAM-INI-ONIS, de *FRAM-INIUS? Sobre FRAM veja-se o art. FRAMÃO, sobre -INIUS os arts. ALVARIM e CADINHO. Não

se pode tratar do latino FLAMMINIUS porque os nomes formados com a raiz FLAMM- representam a evolução de FL- para CH-: FLAMMULA > CHAMOA, FLAMMULINU > CHAMOIM, etc.

485. Franco, Francos, etc.

Rigorosamente o estudo dos nomes de lugares que se relacionam com o nome do povo dos Francos não deveria entrar neste trabalho, visto ser o meu propósito tratar dos topónimos de origem visigoda e sueva. Os problemas porém que estes fazem surgir são tam interessantes, principalmente sob o ponto de vista histórico, que quero pelo menos esboçá-los tais quais se me afiguram.

Encontram-se na Península pelo menos oito tipos toponímicos que se prendem com o nome de «franco». A sua repartição geográfica figura no mapa 3. São os seguintes:

1. **Franci** = **France** (1. Viseu; 2. Chaves, VR; 3. Vila Nova da Cerveira, Via).

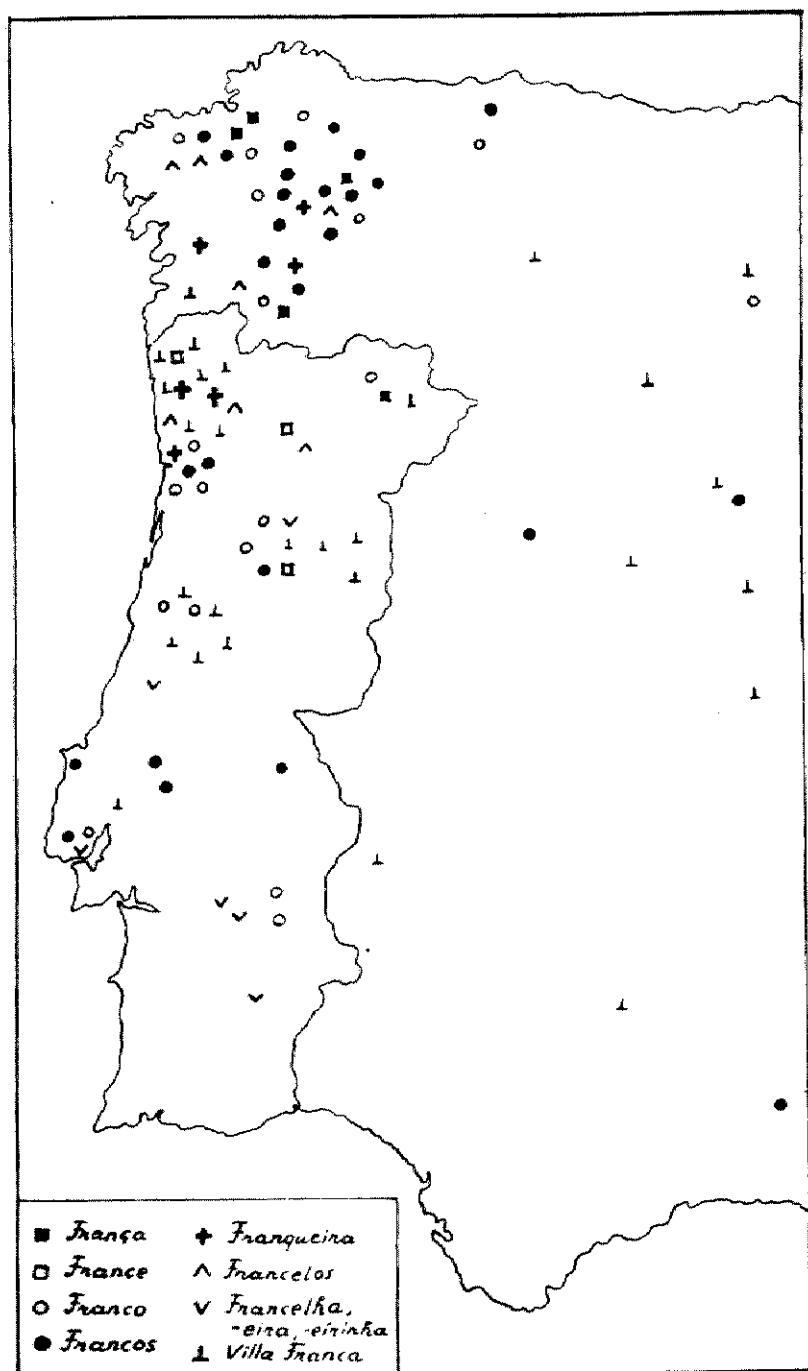
FRANCI é a designação vulgar latina dêste povo. A sua formação e evolução para FRANCE pode comparar-se à de SUEVI > SUEVE na Galiza e ROMANI > ROMAI (Viana do Castelo). A interpretação de FRANCE como um nominativo do plural de FRANCUS, embora me pareça ser muito verosímil, não é contudo absolutamente certa, por se poder tratar também do genetivo do nome próprio FRANCUS, cf. OM FRANCO 1099. Na provincia de Lugo (Villalba) existe um FRANCES. ¿Será um ablativo FRANCIS (sc. Campis, etc.)?

2. **Francaria** = **Franqueira** (1. Arcos de Valdevez, Via; 2. Sinfães, Vis; 3. Marco de Canaveses, P; 4. Braga; 5. La Cañiza, Pont; 6. Cospeito, Lu; 7. Ribadavia, Or).

Esta derivação adjectivica com o sufixo -ARIUS (deve subentender-se naturalmente VILLA) encontramos-la também na França na forma FRANCIÈRE (ant. FRANCARIA), cf. Gamillscheg, *Rom. Germ.*, 89-90.

3. **Francia** = **França** (1. Bragança), **Franza** (2. Boborás, Or; 3. Becerreá, Lu; 4. Chantada, Lu; 5. Mugar dos, Cor), **Francia** (6. Silleda, Pont).

O *Onomástico* cita uma VILLA FRANTIA 1085 que deve ser idêntica a FRANÇA de hoje. No distrito de Évora há duas povoações chamadas MONTE DA FRANÇA e MONTE DO FRANÇA que não servem aqui



Mapa 3

por se tratar sem dúvida do apelido FRANÇA que por sua vez pode provir da localidade citada acima ou se pode explicar como «alcunha geográfica», cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia* 156 e 289: Aragão, Castela, Galiza, etc. O correspondente francês de FRANÇA é FRANCE, cf. Gamillscheg, *loc. cit.*, 90.

4. **Francos** (1. 2. P; 3. Vis; 4. Sant; 5. PA; 6. 7. Lisb; 8. 9. Coruña; 10. 11. Orense; 12.-21. Lugo; 22. Segovia; 23. Santander; 24. Salamanca; 25. Granada; 26. 27. Murcia).

É a designação românica dos FRANCHI mas com um sentido muito mais largo. De FRANCO temos o diminutivo FRANCELOS com o sufixo -ELLUS.

5. **Francelos** (1. Vila Nova de Gaia, P; 2. Vila Verde, B; 3. Alijó, VR; 4. Castroverde, Lu; 5. Cereda, Cor; 6. Ribadavia, Or; 7. Rois, Cor).

6. **Franco** (1. Mirandela, Bça; 2. Figueira da Foz, Coim; 3. Santo Tirso, P; 4. Lousã, Coim [CASAL, HORTA, ETC., DO FRANCO]; 5. Torres Vedras, Lisb; 6. Estremoz, Év; 7. Alandroal, Év; 8. Penafiel, P; 9. S. Pedro do Sul, Vis).

Aqui não se podem distinguir os casos, em que FRANCO é o étnico (no sentido mais lato, veja-se mais atrás) ou um apelativo tornado topónimo.

7. **Francelha** (1. Oliveira de Frades, Vis; 2. Quinta da Sacavem, Lis). **Francelheira** (1. Leiria; [Monte da] 2. Évora; 3. Odemira, Bej). **Francelheirinha**, Herdade da (Évora).

Este tipo só se encontra em Portugal. Não tenho a certeza de que venha de facto de FRANCO. Poderia também tratar-se duma variante de FRANCÊLHO e FRANCELÂ (prov. beir.) = «sítio onde se fabricam queijos».

8. **Vila Franca** (1.-5. Viana do Castelo; 6.-9. Coimbra; 10. 11. Braga; 12. Viseu; 13.-15. Guarda; 16. Bragança; 17. 18. Lisboa; 19. Ponta Delgada; 20. Segovia; 21. Pontevedra; 22. Navarra; 23. Alava;

24. Baleares; 25. Cordoba; 26. Valladolid; 27. Zaragoza; 28. Avila; 29. Léon; 30. Teruel; 31. Madrid; 32. Castellón de la Plana; 33. Badajoz; 34. Toledo; 35. Barcelona; 36. Guipúzcoa; 37. Burgos).

Estudando bem o mapa que regista a distribuição aproximada destes topónimos¹, observaremos que se podem dividir nitidamente em dois grupos: num que compreende FRANCO, FRANCOS, FRANCE-LHA, -EIRA, -EIRINHA e VILLA FRANCA e que se encontra espalhado (embora com freqüência que varia) por toda a Península, e outro, abrangendo FRANCE, FRANÇA, FRANQUEIRA e FRANCELOS que se confina exclusivamente numa região que corresponde sensivelmente à Galiza, Trás-os-Montes e Minho. São estas as indicações que nos fornece a geografia toponímica. Como interpretá-las? É claro que os nomes da segunda série devem ser anteriores à reconquista. Além da situação geográfica, inequívoca, é o seu aspecto lingüístico que indica uma grande antiguidade. Provêm de tipos onomásticos muito arcaicos que encontramos, menos FRANCELOS, também na França, e de que são sem dúvida contemporâneos. Não se pode naturalmente estabelecer a sua cronologia exacta. Em todo caso são anteriores ao séc. XI, duma época em que «a França exercera uma acção mais ou menos directa nos reinos fundados pelo oriente e noroeste da Península»². Para FRANCE —se realmente vem de FRANCI— poderíamos talvez recuar até um período anterior ou contemporâneo à invasão árabe, embora seja difícil, por causa da inimizade secular entre visigodos e francos, admitir que colónias francónicas se tivessem estabelecido no reino visigodo³. O caso é diferente para a segunda categoria de nomes. Em FRANCOS, FRANCE-LHA e VILLA FRANCA teremos de ver povoações e nomes de data relativamente recente, colónias de Além-Pirinéus (Franceses, Provençais, Flamengos, etc.) que vieram ajudar a repovoar as terras reconquistadas, e acêrca das quais estamos relativamente bem informados. Nas VILLAS FRANCAS teremos de distinguir entre «franco» no sentido étnico e «franco» = adjectivo que significa «livre», «com franquias».

¹ Pareceu-me poder pôr de parte o oriente da Península que, abstraindo de algumas VILLAS FRANCAS e de dois ou três FRANCOS, não fornece novas indicações.

² Herculano, *História de Portugal*, 7.^a ed., VII, 75.

³ «A denominação de francos... tornou-se na Península ainda mais vaga, porque se dava indistintamente aos indivíduos oriundos dos diversos países da Europa Central», Herculano, *ib.*

486. *Frandilhe (Lamego, Vis).

Dos nomes de pessoas *OM* FRANDES 1258, FRANDIZ 1220, FRANDIM séc. XV, etc., pode tirar-se uma raiz FRAND- que temos também em FRAND-ILDIS no *Políptico* I, 308, e que vem certamente do gót. FRAMAþs, alem. mod. FREMD «estrangeiro», «estranho», cf. FRAMAþeis «ἀλλότριος», «ἀπηλλοτριωμένος». Sobre -ILHE ver os arts. ARILHE e CADILHE. Nem Meyer-Lübke nem Sachs apontam esta raiz. Para Schönfeld 89 o nome do rei suevo FRAMTANE (Idácio, *Chron. Min.* II, 1, 30) é obscuro («die ganze Bildung ist aber unklar»). Explica-se facilmente como sendo um hipocorismo *FRAMTA, *FRANDA no caso oblíquo.

487. *Frangil (Mesão Frio, VR).

Parece ser um nome *FRANDI-GILDIS, sendo o primeiro elemento de composição o mesmo que em FRANDILHE. Sobre -GIL consulte-se o art. CAGIL.

488. Frariz (Amarante, P).

É o genetivo de *OM* FRARIGU 1068. Sobre FRA- veja-se FRAMIL. De FRARIZ temos a variante FLARIZ.

489. *Freamunde (Paços de Ferreira, P).

Sachs 52 aponta FRIAMONDE que aparece três vezes na Galiza. -MUNDE é uma variante de MONDE, cf. art. AMONDE. Ver também FREI-MONTE. O primeiro elemento FREA- vem de *FRIþus «paz», raiz que já encontramos em FERNANDE e que é uma das mais férteis no onomástico visigótico, cf. ML 28, S 52. FREAMUNDE é o genet. de *FREDE-MUNDUS de que existe no *OM* o patronímico FREDEMONDIZ 995.

490. *Fregim (1. Fafe, B; 2. Amarante, P).

Este topónimo vem do genetivo do nome FRAGINO 1220 que encontro no *Onomástico*. Que se trate de facto duma raiz germânica FRAG-, provam-no FRAG-ARIO 922 e FRAG ULFI 867-912. A passagem do -A- para -E- deve-se ao -i- da sílaba seguinte. Como étimo ocorre-me — embora haja dificuldades de ordem fonética que não se podem resolver antes de termos mais elementos — o gót. FRAIW «σπόρος», «semente», principalmente na significação de «descendente», como o português SEMEL < SEMEN.

491. Frei (Guimarães, B).

O *Onomástico* menciona uma VILLA FREDE e FREDI 959, VILLAFREY 1096, FREEI 1258. FREI reconhece-se facilmente como sendo

o genet. de *FREDUS, forma latinizada de Sch 93 FREDa de Friþa, forma carinhosa dum dos numerosos nomes compostos com *FRIþus, cf. arts. FERNANDE e FREAMUNDE. Ver também S 52. Schönfeld cita o nome dum vândalo FRIDUS. As localidades chamadas HERDADE DE FREI ÁLVARO, QUINTA DE FREI ESTÊVÃO, HORTA DE FREI HENRIQUE, etc., não têm naturalmente nada que ver com este nome.

492. *Freião (Penafiel, P).

Eis o caso oblíquo de *FRED-ILA que nos é fornecido por OM FRED-ILI 1047. Ver a variante FRIÃO.

493. Freigil (Resende, Vis).

Não creio que venha dum FREI GIL. É certamente o nome FREDEGILDIS que vem apontado no *Políptico* 1, 308. Sachs 52 é da mesma opinião.

494. Freimonte (Penafiel, P).

Este nome é uma variante de FREAMUNDE do art. 489. A troca, aliás compreensível, de -MONDE, -MUNDE por -MONTE já a verificamos em ALMONTE apontado no art. 34 e REI MONTE = REIMONDE à p. 15, n. 6.

495. Freire (1. Braga; 2. Paredes, P).

Não cito três localidades: A DO FREIRE (Tórres Novas, Sant), CASAL DA DO FREIRE (Vila Franca de Xira, Lisb), HERDADE DO FREIRE (Vila Viçosa), onde FREIRE é naturalmente o apelativo FRATER, ao passo que FREIRE (note-se a situação geográfica!) representa indubitavelmente *FREDARI de OM FREDARIO 1009, FREDEIRO 907 < gót. *Friþa-HARJIS. O primeiro elemento foi explicado nos arts. FERNANDE e FREAMUNDE, sobre o segundo veja-se BALTEIRO. Ver também os dois artigos seguintes.

496. [Freires (Alcobaça, Lei)].

Pode ser o patronímico de FREDEIRO do artigo anterior; a situação geográfica torna contudo muito mais provável que se trate do plural de FREIRE.

497. Freirigo (1. Carrazeda de Anciaes, Bça; 2. Mortágua, Vis).

É a forma «portuguesa» de FREDERICO que, como mostra a conservação do -d- e do -c- intervocálico, não pode ser uma forma popular. O nome FRIDRICUS com as variantes FRIDERICUS, FRIDERI-

CHUS, FREDIRICUS, FREDERICUS é conhecido dos visigodos, cf. Sch 94. Sobre FRED- ver os artigos precedentes.

498. **Freiriz** (1. Ponte de Lima, Via; 2. Vila Verde, B).

Eis o patronímico de FREIRIGO, documentado no *Onomástico*: FREDARIZ 1083, FREARIZ 1065, FREE-RIZ 1220, FREEI-RIZ 1258.

499. **Frejufe** (Maia, P).

Sachs 52 junta este nome, com FREIJULFE (Lugo), FREJULFE (1. Oviedo; 2. Lugo), FREJUFRE (Corunha) e FREZULFE (Bça), ao verbo *FRIJON* «amar». Nunes 592 faz derivá-los de FRAUJA, cf. art. FORJÃES. Prefiro esta última interpretação, baseando-me nas formas medievais FRUGULFUS, bispo de 915, FROGIULFO 986, FROJULFUS 1088, FROIULFU 968, FROIULFICI 993, FROIULFIZ 1002 que só se podem relacionar com FRAUJA. As formas com -E-, -I- só aparecem no séc. XIII: FRIJUFFI 1258, FREJUFRE 1220. São o resultado da dissimilação de u(<o) — u. OM FRAIULFO 1098, FRAIULFIZ 989, e talvez FRAGULFI 887-912 vêm de FRADIULFUS 965 composto com FRAPI do art. FRAIÃO. Existia também um *FRED-ULFUS de *FRIPIUS, como se conclui de S 52 FRIOLFE (Lugo).

500. ***Frende** (Baião, P).

Parece-me ser uma variante de FRIANDE, em que o -i- se fundiu no -A- tónico modificando-lhe o timbre primitivo.

501. **Frezulfe** (Vinhais, Bça).

É o mesmo nome que FREJUFRE. O -z- deve reflectir uma pronúncia regional. Sobre -UFE, -ULFE veja-se o art. ADUFE.

502. **Friães** (1. Amarante, P; 2. Arouca, Av; 3. Vila do Conde, P; 4. Paredes, P; 5. Felgueiras, P; 6. Maia, P; 7. Santo Tirso, P; 8. Montalegre, VR).

Trata-se dum genet. *FRED-ILANIS de FRED-ILA, de *FRIPIUS «paz», vejam-se os arts. FERNANDE, FREAMUNDE, FREI, FREIÃO e FRIÃO. A forma galega de FRIÃES é FREANES (1. Pontevedra; 2. Orense).

503. **Friamil** (Castelo de Paiva, Av).

Em 1062 escreve-se FREDAMIL. O nome é portanto composto com *FRIPIUS, cf. o artigo precedente, e -MIL de -MIRI.

504. **Friande** (1. Felgueiras, P; 2. Amarante, P; 3. Vila Verde, B; 4. Valpaços, VR; 5. Felgueiras, P; 6. Póvoa do Lanhoso, B).

Este topónimo é perfeitamente idêntico a FERNANDE do art. 445, de FREDE-NANDI, com a única diferença que aqui não se deu a metátese de FRE- para FER-. Há mais três povoações na Galiza chamadas FREANDE, cf. S 52-53.

505. **Frião** (1. Barcelos, B; 2. Santo Tirso, P).

Nunes 591 opina que FRIÃO seja o acus. de FRAD-ILA, mas vimos no art. 478 que *FRADILANEM é representado na toponímia por FRAIÃO. FRIÃO deve portanto ser *FRID-ILANEM, como já viu S 52. Não há menos de doze localidades galegas que têm o nome de FREÁN.

506. ***Frias** (1. Alvaiázere, Lei; 2. Figueiró dos Vinhos, Lei; 3. Albergaria-a-Velha, Av).

Explica-se como sendo um patronímico em -ACI de *FRED-ILA dos arts. FREIÃO, FRIÃO e FRIÃES. Na prov. da Corunha há três vezes FREAS.

507. ***Frijão** (1. Guimarães, B; 2. Braga; 3. Barcelos, B).

¿Será uma variante de FRIÃO? Ou não se explicará melhor como vindo de OM FRISON 1220, FRIZOM 1258 onde entra sem dúvida o nome do povo dos FRISIOS? Ver outros nomes de povos no onomástico germânico no art. DAIA.

508. ***Fril** (Vieira, B).

Suponho que FRIL provenha de *FREDI-HILDI. -IL pode bem representar -ILDE = -IDE como -GIL está a par de -GILDE = GIDE, cf. o art. CAGIL.

- [509. ***Frio**, Quinta do (Guarda)].

Atendendo à situação geográfica pode naturalmente ser o apelativo FRIO, mas pode contudo — e isto me parece muito mais provável — estar por *FREO < *FREDU ou *FREIO < *FRED-ILU, cf. os arts. FREI e FREIÃO.

510. ***Froes**, Quinta do (Moita, Lisb).

É o patronímico OM FROILIÇI 1094, FROILIZ 984 do nome apontado no artigo a seguir.

511. **Froia** (1. Felgueiras, P; 2. Arganil, Coim; 3. Alter do Chão, PA).

É um nome muito vulgar no onomástico medieval: FROILA 882, FLOILA 952, FROILO 897, FROIA 983, etc. Trata-se naturalmente de *FRAUJ-ILA derivado de FRAUJA «senhor», cf. o art. FORJÃES e FORJÃO. Nestes dois últimos topónimos deu-se a metátese de FRO- para FOR- o que explica que o -I- de FROIA seja representado por -J-. O nome encontra-se também na Galiza.

[512. *Fronhas (Arganil, Coim)].

Queria considerar este nome como sendo um patronímico de *FRONILA, que nos fornece FRONILI de 1018. A raiz FRON- está em OM FRONE-RIGUS 1075, FRONO-SINDO 1014, ver o art. FORMILO. FRONHAS é uma prova flagrante de que a queda do -L- intervocálico se deu antes da do -N- intervocálico. O -N- só se pôde manter em virtude de formar um grupo consonântico com a semivogal -i- de *FRONIA. FORNIA do art. 477 não passa duma variante de *FRONHA em que se produziu a metátese FRO- para FOR- a que largamente me referi.—Se porém olharmos para a situação geográfica de FÓRNEA, FORNEAS, FORNIA e FRONHAS, observamos que ficam fora do território onde abunda mais a toponímia germânica. Quatro dos sete exemplos pertencem ao distrito de Coimbra. Por isso pode ser também que o étimo seja um derivado de FŪRNUS «forno», talvez um neutr. plur. *FŪRNEA, formado como o sufixo adjectívico -EUS como IG-NEUS, ARBOR-EUS, LIGN-EUS, etc., que designaria por exemplo o sítio onde se conserva a lenha destinada ao forno (LIGNA FŪRNEA?).

513. **Froufe** (1. Ponte da Barca, Via; 2. Paredes, P).

Sachs faz derivar FROUFE de FROPS «inteligente». Cita mais três exemplos deste nome na Galiza. Pode contudo tratar-se também de FRON-ULFU, composto como FRONO-SINDO 1014 e FRONE-RIGO 1075. Veja-se o art. FRONHAS.

514. **Frugende** (Valpaços, VR).

É o genetivo de OM FROISENDUS 952, FROISENDO 1056, FROIGENDO 925 que deve vir de FRAUJA, cf. o art. FORJÃES, mais SINTHS «caminho», cf. art. BARROSENDE e ML 27, S 51.

(*Continua*).

JOSEPH M. PIEL.

feito sep

Costumes de Semide

Assi como os tãpos assi tãbõ as terras crião diuer-
sas cõdições e cõçeitos.

FERNÃO D'OLIVEIRA, *Grammatica de
linguagem portugueza*, 3.^a ed., p. 80.

Advertência

O estudo que adiante produzimos, baseamo-lo na observação de duas analfabetas, uma jovem, outra de idade, mas desta quasi exclusivamente, ambas oriundas e residentes no termo de Semide (concelho de Miranda-do-Corvo, distrito de Coimbra).

Consta o material colhido: de vocabulário e formas avulsas, de prosas, de versos e de músicas.

Da coleção das músicas separámos, em tempos, a *Cantiga para arrular*, que demos a lume no vol. XXIX da *Revista Lusitana*, pp. 300-301. Do vocabulário (principalmente) extraímos também uma parte sobre o cultivo do milho, com que redigimos uma noticia, que está inédita há uns tantos anos. Para aproveitar o trabalho já feito, inserimos aqui essa noticia em capítulo distinto, só com a differença de lhe havermos transferido para o VOCABULÁRIO as anotações de índole filológica.

Desde já acusamos uma lamentável deficiência na parte lingüística: é o não possuírem os textos a transcrição minuciosa dos sons. Grande parte dêles foi colhida por nós, com intuitos de folclore, no tempo ainda em que da sciência filológica não conhecíamos, a bem dizer, senão o nome; a parte restante, assim como o material avulso, registámo-la posteriormente sem aparato especial gráfico, mas com notas suplementares sobre alguns casos de Fonética.

Separando agora o trigo do joio, procurámos constituir o sistema lingüístico tam completo quanto nos foi possível, sistema que, advirta-se, é prático e é histórico, porquanto se baseia, como dizemos, tanto em materiais avulsos, como na literatura popular, a qual, como se sabe, não é espelho nítido do falar corrente.

Publicando estas páginas, anima-nos a esperança de que, embora manifestamente deficientes, elas possam contribuir com uma partícula para o conhecimento da linguagem e outros costumes populares da zona beiroa aquém Mondego.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Linguagem

Gramática

a) Fonologia

I. ALGUNS SONS E TRANSCRIÇÃO:

1. A vogal tónica do fraseado é, no geral, mais prolongada que em Lisboa: *mêeu* (V. 57)¹.

2. O *e* tónico, seguido de *j*, é fechado: *cerêjo*—*bêjo* (Pr. 2 b), *vêja*—*igrêja* (V. 27). O mesmo acontece antes de *lh*: *coêlho*, *joêlha*, e de *nh*: *lê nha*. Em *abanho* = literário *avenho*, em rima com *castanho* (Pr. 2 b), há, porém, excepção, talvez por influência de falares mais do Sul (Lisboa?). Vid. § n.º 32.

3. Na interjeição *ô"ô*, o som *ô* oscila entre *ô* e *u*, com entonação melódica representável por esta linha: $\vee$, e a intensidade por $><$; a acentuação oxitona.

4. O *l* puro é muito nítido: *falo*, *falais* (V. 29). Quando final, em pausa ou diante de consoante, toma de apoio *-i*. Vid. § n.º 39.

5. O *r*, como segundo elemento de grupo, é muito vibrante (apicular): *prrrôa*.

6. O *ch*, se por vezes mantém o seu valor próprio, muitas outras, porém, soa *x* (*machio*, etc.). Ouvimos: *facha*, por *faza*.

7. O *s*, ou *-s* que inicia sílaba depois de consoante, bem como *ss* = *ç*.

8. O *-s* em pausa é mais sonoro que o de Lisboa: *límões* (= *-õĩxe*), *guías* (= *-iaxe*), *corações* (= *-õĩxe*) (V. 19).

9. A grafia *em* (*quem*, *bem*, etc.) representa ditongo nasal (*ẽĩ*), como na língua literária: *bem* rima com *mãe* (V. 1).

II. FONÉTICA HISTÓRICA:

A) Vogais e consoantes.

10. *E* tónico seguido de *j*, *lh* ou *nh*: vid. § n.º 2.

11. Com basta frequência, *-e* torna-se *i*: *êli*, *fômi*, *lhi*, *noiti*, *nouti*. Cf. D.^{or} Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris-Lisboa 1901, § n.º 50 e, e vid. infra, §§ n.ºs 39 e 43.

¹ NB.—V. = *Versos*, e Pr. = *Prosas*, adiante insertas (cap. II).

12. O *ẽ* perdeu a nasal em *homezinho* (*Pr.* 1, coexistente com *homem*).

13. O *i* átono medial obscureceu-se em *premeiro*. Vid. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Esquisse*, §§ n.^{os} 52 c e 71 b.

14. O *o* é fechado em *fômi*. Por influência das labiais?

15. O *õ* átono enfraqueceu-se em *ũ*: *rumpeu-se*. Vid. § n.^o 45.

16. *Ai* reduziu-se a *a* na palavra *saote* (pron.: *sãtê*). Vid. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, pp. 152 e 195.

17. O ditongo *ei* simplificou-se em *licenço* < *leicenço* e em *machita*. Vid. § n.^o 31.

18. O ditongo *oi* alterna correntemente com *ou*, que soa, todavia, *ô*: *gatoirô*, *noiti* e *nouti*, *oiteirinho*, *poipa* e *poupa-poupa*, *sobredoirado*.

19. Em *coidado* está o representante arcaico de *cogitatu*-. — Também na língua antiga havia, como se sabe, *cuidado*.

20. Em posição pretónica, *ou* dá *ô*: *tôpeira*. Vid. § n.^o 46.

21. Em posição átona, tanto *ua* como *au* dão *ô*: *côrtel*, *ô* (< *ao*). Vid. §§ n.^{os} 46 e 62.

22. O ditongo *ũi* é decrescente em *rũim* e *fũim* = *fui* da língua literária.

23. O ditongo arcaico *ui* está reduzido em *duda*.

24. A substituição do *v* pelo *b* é freqüentíssima: *berde*, *bibe* = *vive*, *bós*, *ðlibeiras*, etc.

25. O som *j* permutou com *z* em *rezistulozinho*.

26. O grupo *DR* encontra-se excepcionalmente substituído por *tr* em *tropesia*. Vid. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Esquisse*, p. 119, e *Opúsculos*, II, p. 260.

27. O grupo *sc* deu *ç*: *naceu*, *gerecem*.

Vid. outro grupo no § n.^o 38.

B) Fenómenos gerais.

a) Assimilação:

28. Do *i* ao *u*, em *uquaria* < *iguaria*, vestígio arcaico. Vid. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 153, v. *igual*. Outra vocálica, em *açano* = *aceno*, de *açanar* < *acenar*. Vid. §§ n.^{os} 32, 34 e 50.

b) Dissimilação:

29. Apresentam dissimilação vocálica os seguintes vocábulos: *acupar* < *ocupar* (ouvido: *acupa*), *estapor* < *estupor* (para *a*, por ser esta a vogal mais estável, própria para a ênfase com que a palavra foi pronunciada), *samear*, *redol*. Vid. § n.^o 43.

30. Dissimilação consonântica ($r-r > r-l$) têm-na: *redol* e *rezistulozinho* < *regist(u)rozinho*. Vid. § n.º 65.

31. Dissimilação com supressão de sons: *arbe* < *árvore*, *gatoirão* < *gato toirão*, *machita* < *uma machita* < *uma mã* **chiita* < *uma mão cheita* (cf. *uma (ma)tuta e meia*: Júlio Moreira, *Estudos da língua portug.*, I, 2.ª ed., p. 226, II, p. 80). Vid. §§ n.ºs 49 e 65.

c) *Palatalização*:

32. As palatais *j* e *lh* provocaram assimilações vocálicas em: *jinela*, *regidor*, *milhor*. Vid. § n.º 2.

d) *Lingualização*:

33. Por influência do *r*, obteve-se: *faro* < *fero* e *Taresinha* < *Teresinha*. Vid. também, no VOCABULÁRIO, *rapigar*.

e) *Labialização*:

34. Em *buano*, por *guano*, ver-se há excepcional assimilação incompleta do *g* ao *u*, ou um caso de ultracorreção,—pois assim como *v-* dá, com frequência, *g-* (cf. *gomitar* < *vomit*), ao *g-* ter-se há feito corresponder *v-*: donde **vuano*, que, em virtude do exposto no § n.º 24, passaria a *buano*. Parece-nos, todavia, mais aceitável a primeira explicação, pois já temos ouvido a palavra no Sul do país, onde a troca do *v* pelo *b* não é regra.

f) *Nasalização e desnasalização*:

35. Deu-se propagação da ressonância nasal em *manjaricão*. Este fenómeno oscila no pronome pessoal *mim*, que também apresenta, mas duvidosamente, a forma arcaica *mi* (vid. § n.º 54). Nos pretéritos perfeitos de certos verbos, 1.ª p. sing., manifestam-se ainda nasalamentos (vid. § n.º 59).

Sobre desnasalização, vid. §§ n.ºs 12, 45 e 47.

g) *Acrescentamento de sons*:

36. Prótese: em *acipreste*, *alembastes*, *arraiar* e *arrolheiro*.

37. Epêntese: em *inquelinei* (talvez provocada pela necessidade métrica), *mitara*, *promessias* e *rezistulozinho* (vid. § n.º 30).

38. O grupo *m'l* deu **bl* em *sembra* < *sêmola* (cf. *tumulu-* > *arc. tumblo*, simulante- > *semblante*).

39. Paragoge: normal de *i*, depois de *-l* ou de *-r*: *abril*, *biri*, *dormiri*, *flôri*, *serbiri*. Vid. §§ n.ºs 4 e 11.

h) *Supressão de sons:*

40. Aférese: em *tropesia* < *hydropisia* (que veio por linha culta: cf. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Esquisse*, p. 119). Síncope em *arbe*.

i) *Troca de sons:*

41. Apresentam metátese: *brajar* (vid. § n.º 59), que provém de *barjar* < *barejar* (cf. *avarjador* e *varjador*, citados no VOCABULÁRIO, s. v. *brajador*), e *alfasto* = *asfalto*.

j) *Etimologia popular:*

42. Na expressão *dormes no estêrco*, adaptação de *Dominus tecum*, e em *mediana*, por *meridiana*, clara influência do v. *medir*.

l) *Fonética sintáctica:*

43. Nos encontros de vogais, são, naturalmente, correntes as elisões: *milhor do qu'eu* (V. 2), *qu'anda* (V. 89); as crases: *ficà jinela* (V. 92), *cò = ca o* (V. 68), *cumò meu = coma o meu* (V. 57), *p'rò = para o* (vid. §§ n.ºs 21 e 62). Em *qui é* (V. 63 e 64), porém, o *-e* dissimilou para *i*. Vid. § n.º 11.

44. O *o* tónico de *coma* ou *como* enfraquece em *u*, por acção da próclise: *cumò meu* (V. 57), *cumo êles*, *cumo sendo* (avulso). Vid. § n.º 15.

45. *Com*, de si mesmo proclítico, seguido de nasal, desnasalizou-se: *cò' um* (V. 56); mas *com 'ma* = *com uma* (*Estalado*, estr. 8). Vid. § n.º 15.

46. O ditongo oral *au* condensou-se em *á*: *mà bicho* < *mau bicho*. O ditongo *eu*, em *ê*: *mê milho* (cap. III). O ditongo *ou*, representado pela conjunção disjuntiva, deu *ó*. Tudo casos de acção da próclise. Vid. §§ n.ºs 20 e 21.

47. O ditongo nasal *ão* reduziu-se a *ã*, em *Sã Tomé* (*Pr. 2 d*) e, necessariamente, em *mãchita*, que atingiu até o desnasalamento completo (vid. § n.º 31). Este mesmo ditongo deu *ũ*, em *num* < *não*, que coexiste (V. 57 e 67). Também fenómenos de próclise.

48. O ditongo *ẽi*, por intermédio, parece, de *ê*, restringiu-se a *ĩ*: *im* (em V. 57). Outro caso de próclise.

49. Reduções totais de sílaba apresentam-nas: *pois*, na expressão *ò pois* (avulso), e nos vocábulos, já estudados (vid. § n.º 31), *gã-toirão* e *machita*.

50. Em *alguém no anda a cozer* (V. 38), *não na fez* (V. 96) e *não no habia* (V. 57, var.), as nasais de *alguém* e de *não* retêm o vestígio da forma arcaica do pronome. Outro tanto acontece em re-

lação ao artigo definido no passo: *lá bem na biração* (V. 98). Vide D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV, p. 977 sgs.

b) **Morfologia**

I. SUBSTANTIVOS:

51. Número:

Grão faz no plural *grãos*.

52. Género:

a) É feminina a palavra *fim*, como o foi no português antigo (em latim possuía os dois géneros). Ex.: *A fim do mundo*¹.

b) De *sujeito* tirou-se o feminino *sujeita* (V. 79).

c) Reagindo o género na forma, produziu-se *questã*.

Sobre dois casos de mudança de categoria (em rigor assunto de Semântica), vid. § 69.

II. NUMERAIS:

53. Ordinais: *primeiro*.

III. PRONOMES, ADJECTIVOS PRONOMINAIS, PRONOMINA RE-
VERENTIAE E ARTIGOS.

54. Pronomes pessoais sujeitos: *êli*, *bós*; complementos: *mi* (vid. §§ n.^{os} 35 e 71 a, e a nota ao *Estalado*, estr. 9), *no*, *na* (vid. §§ n.^{os} 50 e 57), *lhi*, *le*.

55. Adjectivos possessivos: *mê* (vid. § n.^o 46).

56. Pronomina reverentiae: *vós*, ou *bós*, decadente (vid. § n.^o 58), *você*, *menina*, *senhor*² e *senhora* (*s. comadre*, V. 100; *ss. madrinhas*, V. 51 e 52). Certamente haverá outros, de que não possuímos nota³.

¹ Vid. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 385, e D.^{or} J. da Silva Correia, *Boletim de Filologia*, II, p. 353. Na língua arcaica é tão corrente, que não seriam precisos aqui exemplos. Não resistimos, porém, à tentação de aduzirmos um, por conter aquela mesma frase e vir num livro que é um prazer folhear: *Inês de Castro*, do D.^{or} António de Vasconcelos, Pôrto 1928, p. 123 (inscrição tumular do rei D. Pedro I).

² É bem ilustrativo o facto seguinte: Tendo uma das pessoas observadas para a elaboração do presente trabalho, adquirido o hábito de tratar quem escreve estas linhas, desde a primeira infância, por *menino*, passou a tratá-lo, depois de adulto, bem como a outros, por *senhor menino*.

³ Vid., no VOCABULÁRIO, *cavalheiro* e *pai Paulino*.—Dentro da classe dos pronomes, poderá hipoteticamente suspeitar-se a existência do demonstrativo *oitro*: vid. V. 66, nota.

57. Artigo definido: *na*. Vid. §§ n.ºs 50 e 54.

IV. VERBOS:

58. O tratamento na 2.^a p. pl., porque está decadente, produz incoerências morfológicas, e nem sempre é fácil atinar com a verdade do fenómeno produzido. Assim, na cantiga 104, a-par de *fostes*, há *trouxeste* e *fizeste*, e fica-se em dúvida se *fostes* será forma analógica, quando se coteja, por exemplo, com a cantiga 43, onde alternam *dá, dais, és e deixais*. A dúvida neste caso, porém, desfaz-se, resolve-se para a afirmativa, perante duas versões daquela quadra publicadas, uma, por P. Fernandes Tomás, nas *Canções populares da Beira*, Coimbra 1923, p. 230, que traz *fostes, trouxeste* e *fizestes*, e outra pelo D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 227 (do termo de Guimarães), que tem *füöstes, troufestezz* e *fijéstezz*.

59. Flexões várias:

andar: *andemos*, ind. pres. (V. 31).

brajar: *brâja, brajai*, imper. (V. 90). O singular não pode assentar em *bareja* (cf. § n.º 2), mas sim no tema *braj*. Vid. § n.º 41.

descobrir: *descobrim*, 1.^a p. sing. do pret. perf. (avulso).

**fuçar*: *fuçam* = *foçam*, ind. pres. (avulso), tirado das formas arrizotónicas¹.

haver: *há-des* (V. 41).

ir: *bômos* (V. 98) = *vamos*. Postula, decerto, a existência, presente ou pretérita, de *bom*, ou *vom* = *vou* (cf. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, pp. 115 e 289, e *Esquisse*, § n.º 75 p), que explica bem, por analogia, aquela forma. Cf. *som* (nos mesmos *Opúsculos*, II, p. 328, e *Esquisse*, § n.º 75 l) e *somos*. Vid. supra, § n.º 58.

ser: *füin*, 1.^a p. sing. do pret. perf. ind. Vid. § n.º 22.

V. PARTÍCULAS:

60. Advérbios.—De lugar: *acolâtém* = *acolâ + além, adonde, áque e nühures*. De tempo: *inda*. De quantidade: *mais*, com valor conjuncional em V. 51 e 52. Locução adverbial: *a miúdo* (vid. D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV, pp. 942 sg., 1021 sgs. e 1113 sg.).

61. Preposições.—Respigamos: *anté, antre, im* e *sôbre* (vid. § n.º 78).

62. Conjunções.—Copulativas: vid § n.º 60 (adv. de quantidade). Disjuntivas: *ò* (vid. § n.º 46). Comparativas: *ca*, inclusa

¹ Cf., na gíria, correntíssimo, *fuça* «focinho, cara».

em *cò*, e *cuma*, em *cumb* (vid. §§ n.ºs 21 e 43); esta também distinta: *coma*. Causais: *que*.

63. Interjeições: *ôôô* (vid. § n.º 3 e o VOCABULÁRIO). Locução interjectiva: *áque d'el-rei!*

c) Formação de palavras

64. Na derivação, merecem reparo os sufixos nominais: *-ada*, em *manada* { *mão* (cf., no Algarve, *tostan-ito* { *tostão*, *pan-ito* { *pão*, etc.) e *sacalhada*; *-alho*, em *ramalhinho* (*ram-alh-inho*) e *sacalhada*; *-ância*, em *significância* = *significação* (vid. § n.º 67 a); *-anco*¹ e *-eiro*, em *molanqueira* e *milhetiro*; *-inho*, freqüentíssimo, e *-ico* (vid. § n.º 87). E os verbais: *-ej-ar*, de *corvejar* (e vid. *brajar* nos §§ n.ºs 41 e 59).

65. Apresentam troca de prefixos: *espedir* = *despedir*, *estrito* por *distrito*. Mas aqui deve ter intervindo a Fonética (dissimilação: *d* — *d*, *t*). Vid. § n.º 31 e VOCABULÁRIO, s. v. *rapigar*.

66. Em *desarredado*, o prefixo *des-* possui valor intensivo (cf. *desapear*, *desarriscar*: êste em D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 241)².

Note-se também o prefixo *a-* na palavra *anegreado*; mas, sem prefixo, *joêlha* (vid. VOCABULÁRIO, s. v.).

67. Outros processos de formação:

a) Cruzamento e regressão: *alacraio* = *alacrau*. Ter-se há obtido tal forma do plural **alacraios*, resultante do cruzamento de *alacraus* com *alacrais* (cf. *alacral* em Bluteau, *Vocabulario*).

Talvez *significância*, a que aludimos no § n.º 64, tenha resultado do cruzamento de *importância* com *insignificância*. Cf., quanto ao sentido, o VOCABULÁRIO. Vid. também o VOCABULÁRIO, s. v. *rapigar*.

b) Deverbais: *açano*, *galhofa* e *maranho* (vid. o VOCABULÁRIO).

c) Redôbro: *buxo-buxo*, *cué-cué*, *esconde-esconde*, *poupa-poupa*, — a primeira erizada por necessidade da rima (vid. § n.º 91), a segunda e a quarta onomatopaicas; a primeira e a terceira da linguagem infantil.

Sobre compostos, vid. também os citados no § n.º 69.

¹ Acêrcia de *-anco*, vid. D.^o L. de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, 2.^a ed., p. 463, e J. Moreira, *Estudos da ling. portug.*, II, p. 166 sg., o qual, para mais, aí se ocupa de *molanqueiro*. — Variante fonética *-eng*: vid. VOCABULÁRIO, s. v. *molanqueira*.

² Sobre êste prefixo, com aquela acepção, vid., por exemplo, o belo artigo de J. Moreira, nos *Estudos cit.*, II, p. 167 sgs.

d) **Sintaxe**

68. Oração impessoal: *el' é a mãe do meu amor* (V. 38). Vide Epifânio Dias, *Syntaxe histórica*, 2.^a ed., § n.º 4 *Obs.*

69. Os substantivos *castanho* e *cereje* (vid. VOCABULÁRIO) cremos que provêm, por elipse, das expressões *tempo-castanho* e *tempo-cereje*, onde entravam, com atracção de género, como adjectivos. Vid., v. g., D.^{or} L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 221.

70. Expressão comparativa de valor superlativo: *É tam certo como Deus pintar (ou pintou) a nebe!* Vid. § n.º 92, e J. Moreira, *Estudos da ling. port.*, II, p. 3.

71. No emprêgo dos pronomes, note-se:

a) Um exemplo, vestígio arcaico, do pessoal complemento *mim*, em vez do sujeito, precedido da partícula *coma*: *faça coma mim* (*Estalado*, estr. 10).

b) O demonstrativo *o* seguido de determinação, referido a pessoa, com valor realçante: *eu fui o que disse ao Sol* (V. 10). Cf. E. Dias, *Syntaxe*, §§ n.ºs 85, 1 e 428 a.

72. É construído com a preposição *a* o verbo *tomar*, na frase seguinte: *Tomara a gente a ter com quê* (avulso).

Note-se também o uso desta partícula nas seguintes frases:

a) *O mais firme amor que ao mundo nasceu* (*Estalado*, estr. 1), talvez por influência da expressão sinónima *vir ao mundo*.

b) *Veio-me à noticia* (V. 54), pelo motivo provável dado em a) (cf. *vir ao conhecimento*, *à memória*, *à lembrança*, etc.).

c) *Fala à minha palha* (vid. VOCABULÁRIO), que parece obtida por elipse.

73. Estão construídos com *de* os verbos: *desejar*, em: *desejava de morar* (V. 75); *prometer*, em: *prometi-te de ser tua... se prometes de contar...* (V. 73); *arrenegar*, em: *arrenego do careca*.

74. A preposição *de* entra nas seguintes frases, entre outras, exprimindo as circunstâncias de:

a) causa: *Fiz-me negra de andar ao pó do carvão* (V. 78). Vid. E. Dias, *Syntaxe*, § n.º 171.

b) modo: *Inda não ando de amores* (V. 4). Vid. E. Dias, *Syntaxe*, § n.º 172.

75. Esta mesma partícula aparece designando o complemento de objecto, no passo seguinte: *Quem escuta de si ouve* (V. 85). Vid. E. Dias, *Syntaxe*, § n.º 173 a, a.

76. Em: *Só se alegra em te ver* (V. 5), há desvio no uso da preposição *em*, relativamente à língua literária, que empregaria *com*.

Todavia aquela preposição compete à expressão sinónima *ter alegria em*, — construída como estoutras: *ter prazer em*, *ter esperança em*, *ter honra em*.

77. Hesitação no emprêgo de preposições, em duas variantes ouvidas à mesma pessoa: *Com tempo tem seu desvio* (V. 63; = instrumento) e *por tempo*, etc. (= tempo). Cf., para a última: *Tudo por tempo s'acaba*, numa cantiga de S. Lourenço de Sande, apud D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 70.

78. O verbo *gritar* vem construído com *sobre* (V. 20). Vid. VOCABULÁRIO, s. v. *gritar*.

79. No capítulo das conjunções, é difícil apurar a perturbação que apresenta a expressão de comparação na quadra: *Quantas voltas dá o rio* || *À roda do amieiro*, || *Mais voltas dá o amor*, || *Sendo lial, verdadeiro*. Ou se há-de ver o discurso concebido desta forma: *Quantas voltas.. amieiro!* [*Mas*] *mais voltas*, etc., ou destoutra: *Quantas [mais] voltas.. [tantas] mais voltas*, etc.

80. Nos verbos, aparece o presente empregado enfaticamente pelo futuro: *Se eu viver e tu viveres, saberei em quem te empregas* (V. 55). Vid. E. Dias, *Syntaxe*, § n.º 258 b, *Obs.* 4.^a, e infra, § n.º 86.

81. Também o mais que perfeito simples está pelo pretérito imperfeito conjuntivo: *Se o teu amor me custara* (V. 11). Vid. E. Dias, *Grammatica port. elementar*, § n.º 208 b. — Repare-se, todavia, que aparenta ser culta a quadra a que pertence este passo.

82. O pretérito mais que perfeito simples também é usado referido a um futuro que se considera, enfaticamente, como passado: *Eu não fôra o correio que te fôra entregar!* (V. 44). Na língua culta parece que se empregaria antes o pronome sujeito depois do verbo, não obstante o exemplo de Herculano, aproximável dêste, citado por Epifânio na *Syntaxe*, § n.º 267 e.

83. Pleonasma gramatical: *Você p'ra namorar a fortuna lhe dá jeito* (V. 91).

84. Apresentam anacolúta:

a) *Coração que a dois ama, algum há-de andar em falso* (V. 53), a não ser que na palavra *algum* se queira admitir inclusa, por crase, a preposição *a*. Mas note-se a pertença lógica de *algum* para *dois*.

b) *O noivo.. a noiva.. a mãe.. as senhoras madrinhas que à igreja vos levou* (V. 52), certamente por influência da rima. Vid. § n.º 91.

c) Em: *Os quatro que andam na roda, todos quatro*, etc. (V. 99), há também leve anacolúta.

85. Desorganizações máximas do rigor sintáctico são acusadas pelas síneses: *O tempo que te eu amei, melhor fôra amar um burro* (V. 65), e: *Tu eras o meu amor. || Foi tempo que já passou! || Se ainda para ti olho, || Foi jeito que me ficou.*

Estilo e métrica

86. É muito expressivo o uso do pretérito sucessivo ao presente, na frase: *O peixe na água bebe, saltou fora e morreu* (V. 2). Vid. um exemplo de emprêgo do presente pelo futuro no § n.º 80.

87. Como reflexo do temperamento afectivo do povo, aliás tam belamente exposto na matéria de algumas das cantigas, sobressai o grande uso do sufixo *-inho*: *cachinho, carreirinha, coetinho; ó moleira, moleirinha*, etc., etc. Outro sufixo diminutivo, *-ico*, já indicado, em *balharico*.

88. A repetição de certas partículas, achague do estilo arcaico, e tam comum no falar geral do povo, apresenta, necessariamente, exemplos aqui: *e* (Pr. 1), *mais* (V. 51 e 52).

89. São frequentes as acumulações sinonímicas: *Antes que minha mãe me mate, o meu pai me tire a vida* (V. 34). *Eu a amar-te, eu a querer-te* (V. 18). *Eu defronte, bós à bista* (V. 29). *Lá vem o sol a nascer, lá vem o claro dia* (V. 6). *Estás mimosa, regalada* (V. 1). Etc.

90. Antimetáboles: *Lá vem a Maria Rosa, lá vem a Rosa Maria* (V. 6). *Ó minha caninha berde, || Ó minha berde caninha, || Salpicadinha d'amores, || D'amores salpicadinha.*

91. Sinédoque: *Todos quatro têm bom dente* (V. 99). Em: *Viua o noivo, mais a noiva, mais a mãe que os criou* (V. 52), ver-se há outra, ou concordância ideal da palavra *mãe* com *de cada qual* (= *noivo e noiva*). O certo é que o singular *mãe* pediu o singular *criou*, o qual, por fôrça da rima (vid. § n.º 67 c), veio a produzir o fenómeno estudado no § n.º 84 b.

92. A comparação, explícita ou implícita, fornece belos efeitos expressivos. Vid., por exemplo, V. 2, 5, 6, 12, 24, 30, 53, etc., o § n.º 70.

93. Metáfora colhida em flagrante, na conversação: *À ilharga do bal* (vid. VOCABULÁRIO, s. v. *ilharga*). Numa cantiga: *Trago dentro do meu peito outro mais alto castelo* (V. 72; vid. VOCABULÁRIO, s. v. *castelo*). Vid. várias outras no cap. III.

94. Expressões epítéticas admiráveis: *cara de nó cego e carranca de boi negro*. Vid. VOCABULÁRIO.

95. Expressões de valor enfático: *À mesma luz da candeia «à própria l. da c.»* (V. 40 e 56); *Já te não quero nem ver, nem para ti mais olhar* (V. 54); *chorar da raiz do coração* (V. 103)¹; *Na ponta do acipreste, no mais alto ramalhinho* (V. 94); *Santíssimo Sacramento*, || *Vinde ao meio da igreja*, || *Que eu te quero receber* || *Onde todo o mundo veja!*

96. De entre as hipérboles, merecem relêvo os *impossíveis*, ou que exprimem o *impossível*², como sejam os seguintes: *Prometi-te de ser tua... se prometes de contar as estrelas que estão no céu* (V. 73). E: *Cuida que o vento me leva?* (V. 84).

97. As ironias scintilam também, como partículas constitutivas duma das feições morais mais típicas do povo: *À tua porta, menina*, || *Desejava de morar*: || *Queria ver êsse teu brio*, || *Briosa, no que há-de dar*. Ou: *O tocador da viola*, || *Na verdade, toca bem*: || *Toca muito apressado*, || *Cuida que lhe foge alguém...* A seguinte quadra cantarolam-na como comentário à teimosia emburrativa de alguém: *Temos balharico*, || *Senhora comadre*, || *Temos balharico* || *Para tôda a tarde*.

98. Como ornamento do estilo, entra também um adágio: *Quem escuta de si ouve* (V. 85). Cf. Bento Pereira, *Adagios*, apensos à *Prosódia*, na ed. de 1732.

99. Com reduzidas excepções (V. 100, 109 e os estrilhos do *Estalado*³), todos os versos recolhidos são de redondilha maior, com estrutura estrófica (tal como geralmente se considera ainda hoje) da fórmula *abcb*, transformável, porém, quando se cantam, em outras unidades estanciais, de rima incompleta nuns vinte por cento dos casos. Como se sabe, tudo isto é, em extremo, correntio no país.

Factos, porém, notabilíssimos, apresenta-os a referida moda do *Estalado*. Na análise individual das canções, que adiante fazemos, os salientamos.

¹ O D.^o L. de Vasconcelos, que em tudo toca, pode dizer-se, e por isso tam citado tem forçosamente de ser, já se occupou também da expressão *chorar o coração*, e congêneres: vid. *Opúsculos*, I, p. 466 sgs. e, nos «Aditamentos», p. ix. Vid. adiante, VOCABULÁRIO, s. v. *raiz*.

² O D.^o L. de Vasconcelos com propriedade usa dêste tôrmo, na *Introdução* às supra citadas *Canções populares da Beira* de P. F. Tomás, p. xix, para exprimir o fenómeno, quiçá tendo em mente o lugar comum do decadentismo romântico, decantado, v. g., por Tomás Ribeiro na célebre «Judia»: *Dorme—Impossível—que encontrei na vida!* (cf. *Sons que passam*, 2.^a ed. (1873), p. 176). E mais adiante (p. 180): *Pôs o mundo êsse impossível* || *Entre o desejo e a ventura*.

³ Vid. também o que adiante se diz na *Moda do S. João*.

Conclusão

Convém determinar agora a posição que este falar ocupa no quadro geral dos nossos dialectos.

Situado em região falha de unidade geográfica, compreendido na faixa, aquém Mondego, na qual se entrecruzam as influências da Estremadura e da Beira, o falar de Semide compartilha, necessariamente, das feições dialectais do beirão e do estremenho. Com efeito: $\bar{o} < ou$, pode ser baixo-beirão e, mais propriamente, estremenho (cf. *Esquisse*, § n.º 56 e); $\bar{e} < eu$ acusa o Sul (*ib.*, § n.º 56 b e, do mesmo Autor, *Dialectos beirões*, IV, Porto 1884, p. 14); $\bar{u} < \bar{u}$, em posição átona, é beirão ocidental e estremenho (*Esquisse*, §§ n.ºs 51 d e 84); $b < > v$ pertence à Beira, não à Estremadura (*ib.*, §§ n.ºs 84 e 85); ζ por s é característica meridional (*ib.*, §§ n.ºs 59 e e 85); ch oscila com x , o que faz pender para o estremenho (*ib.*, §§ n.ºs 60 a, 84 e 86, e *Dialect. beirões*, v, p. 7); $-i$ paragógico denotará o estremenho (*Esquisse*, § n.º 59 d); $ruim = ruim$, parece denunciar o Norte, etc.

Dos factos expostos, se não iludem, inferimos, em derradeiro, que na linguagem de Semide são mais acentuados os traços do dialecto estremenho que os do beirão.

CAPÍTULO SEGUNDO

Os textos literários que adiante publicamos, em grande parte não estão inéditos. Facilmo seria, apesar de trabalhoso, indicar onde já vieram a lume (na *Revista Lusitana*, nos escritos do D.^o L. de Vasconcelos, no *Folklore do Concelho de Vinhais*, do P. F. Martins, em colectâneas galegas, etc., etc.), com variantes mais ou menos importantes, ou sem elas; mas isso ultrapassaria os limites do nosso plano.

Exigindo-nos este recorrer ao já conhecido, para esclarecimento ou ilustração de um caso ou outro mais complicado ou digno de relevo, isso fizemos, como adiante se verá. Em particular tivemos de nos servir das *Canções populares da Beira*, 2.^a ed. (Coimbra 1923), de Pedro Fernandes Tomás, visto que grande número das cantigas que essa obra encerra foi colhida em Coimbra (cf. o «Prefácio», p. xxix), a dois passos, pois, de Semide, na mesma zona lingüístico-etnográfica. Do cotejo das duas colecções resulta beneficiar, umas vezes, a presente colectânea, outras vezes, a de Tomás.

As músicas é que supomos estarem totalmente ignoradas.

Textos

I. Prosa

1. Conto:

Nosso Senhor mandou a um homem qualquer cavar a terra, e ele foi, e a terra abriu boca, e depois o homezinho foi ter (creio que era Nosso Senhor):

«Meu Divino Mestre, eu fui para cavar a terra e abriu-me boca».

E depois o Divino Mestre disse para ele:

«Tu vai, continua, se ela te abrir boca, diz-lhe: Acomoda-te, terra, quanto crias, tudo comes».

E é verdade, porque ela tanto come as novidades como come a gente. — E ele fez isso e ela nunca mais abriu boca.

2. Adágios:

- a) *Antre Março e Abrili, ó o cuco é morto, ou êli não quer^e biri¹.*
- b) *Do cerejo ao castanho, bem m'eu habanho; mas do castanho ao cerejo, que tal m'eu não bejo!*
- c) *Pintas de Janeiro vão comer com a mãe ao arrolheiro.*
- d) *P'lo São Tomé, agarra o porco pelo pé; se ele disser cué-cué, pergunta-le que tempo é.*
- e) *Quem escuta de si ouve.*
- f) *Quem não tem obras, não tem cantigas.*
- g) *Senhora da Lapa, quem boa vida leba, boa fômi rapa.*
- h) *Temperai-me este cão, compadre, contanto que ele não me morda nem me ladre.*

Diz-se a uma pessoa com a qual se não sabe como lidar: se quer quente, se quer frio...

3. Varia:

- a) *Deus me apareça, com uma saca de dinheiro à cabeça.*
- b) *E como o raminho do trevo: ao pé do amor não pode estar quedo!*

Diz-se por graça quando se vê uma pessoa acarinhando outra, por exemplo um filho a uma mãe.

- c) — *Buxo-buxo...*
— *Pelas barbas dum burro puxo.*

¹ Corrente em Baião: cf. D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 385 (v. fim).

Por brincadeira, segura-se no queixo duma pessoa e pede-se-lhe que diga *buxo-buxo*. Dizendo-o ela, puxa-se e responde-se-lhe como fica indicado. Quando acontece o paciente saber já da graça, vira-se correntemente o feitiço contra o feiteiro, pois, em vez do pedido, o que sai é: *Um burro (ou burrinho) me puxa*.

d) *Poupa-poupa... poupa-poupa...*

Dizem as poupas quando os renovaos das fazendas estão quasi gastos; e os homens dizem:

«Oh! quando não há que poupar é que elas vêm!».

II. Versos e músicas

- | | |
|---|---|
| <p>1. Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem:
Estás mimosa, regalada,
À sombra da tua mãe.</p> | <p>7. Ó minha caninha berde,
Ó minha berde caninha,
Salpicadinha d'amores,
D'amores salpicadinha.</p> |
| <p>2. Com meu pai, com minha mãe,
Ninguém está milhor do qu'eu:
O peixe na água bibe,
Saltou fora e morreu¹.</p> | <p>8. <i>Vid. adiante a moda do ESTALADO.</i></p> |
| <p>3. A cana berde no mar
And'ò redol do bapor:
Ainda está para nascer
Quem há-de ser meu amor.</p> | <p>9. Assim que te eu vi, menina,
O teu modo me agradou,
As falas não foram muitas,
O amor cá me ficou.</p> |
| <p>4. Oliveira, oliveira,
Sêca seja a tua rama!
Inda não ando de amores,
Já me não livro da fama!</p> | <p>10. Eu fui o que disse ao sol
Que não tornasse a nascer:
À vista dêsses teus olhos,
¿Que vem êle cá fazer?</p> |
| <p>5. O sol é que alegre o dia
Pela manhã, ao nascer:
Eu bem sei quem anda triste,
Só se alegre em te ver...</p> | <p>11. <i>Vid. adiante a moda do ESTALADO.</i></p> |
| <p>6. Lá vem o sol a nascer,
Lá vem o claro dia,
Lá vem a Maria Rosa,
Lá vem a Rosa Maria!</p> | <p>12. Já fui cavaco do rio.
Beio a cheia, lebou-me...
À tua porta, menina,
Fêz um remanso, deixou-me...</p> |
| | <p>13. Quantas voltas dá o rio
À roda do amieiro!
Mais voltas dá o amor,
Sendo lial, verdadeiro²!</p> |

¹ Vid. cap. I, § n.º 86. Por comodidade, fazemos sempre, daqui em diante, as citações para o cap. I com a simples declaração de parágrafo.

² Vid. § n.º 79.

- | | |
|---|---|
| <p>14. Ando por aqui de nouti,
Dando quedas e topadas.
Queira Deus não diga eu:
«Mal empregadas passadas!».</p> <p>15. Ando por aqui de nouti,
Não faço mal a ninguém.
Quem estiver na sua cama,
Deixe-se estar, qu'está bem.</p> <p>16. O setestrêlo caíu
Lá na Serra da Campina.
Há tanto tempo a amar-te,
Não sei que cegueira é a minha...</p> <p>17. O setestrêlo caíu
Lá no Campo da Giesta.
Há tanto tempo a amar-te,
Não sei que cegueira é esta...</p> <p>18. Eu a amar-te, eu a querer-te,
Tu a fugires de mim:
É certo que eu mais te quero
Do que tu queres a mim!...</p> <p>19. Limoeiro da calçada
Já não torna a dar limões,
Que lhi cortaram as guias
Para render corações¹.</p> <p>20. Se queres ouvir, escuta
Meu coração a dar ais,
A gritar áque d'el-rei
Sobre vós, que o matais.</p> | <p>21. Se eu soubesse que morria
Depois da palavra dada,
A terra me não cobria:
O meu amor cá ficava².</p> <p>22. A igreja de Semide
Feita de pedra e cal.
Dentro dela ouve missa
Quem me causa tanto mal³.</p> <p>23. Ó madre-silva briosa,
Enxertada na raiz,
Quem te disse, ó madre-silva,
Que o meu amor é Luís?</p> <p>24. O sol, quando nasce, inclina
Às pedras do meu anel.
Eu também inquelei
Aos olhos de Manuel.</p> <p>25. O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto,
Faz desmaiar e corar,
Faz subir a côr ao rosto⁴.</p> <p>26. Ó amor, vai e vem logo,
À vinda vem por aqui,
Eu abaixarei meus olhos,
Jurarei que te não vi⁵.</p> <p>27. Meu amor, se fôres à missa,
Joêlha adonde te eu vêja,
Não faças andar os meus olhos
Aos tombos⁶ pela igrêja.</p> |
|---|---|

¹ Vestígios de velhíssimas superstições encontram-se, além desta cantiga, nas n.ºs 24 e 83.

² Difícil, senão impossível, será encontrar prova máis típica do carácter amoroso português do que a constituída por esta cantiga, ou ela seja, ou não, genuinamente popular. Em nossa interpretação, quere ela dizer que o amante, o esposo, é imortal, porque o amor, sua essência verdadeira, escapa à fatalidade da cova.

³ Variante em F. Tomás, p. 235, aplicada a Coimbra.

⁴ Os dois últimos versos correctamente em Baião (cf. D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 43): *Sobressalta o coração || Assobem nas côr's ó rosto*.

⁵ D. Carolina Michaëlis achou uma antiga variante castelhana desta cantiga, com a qual ilustrou outra portuguesa, glosada no Cancioneirinho que acompanha a edição da *Menina e moça*, feita em Ferrara: cf. D. Carolina Michaëlis, no Prefácio das *Obras* de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, I, Coimbra 1923, p. 181, II (2.^a ed.), p. [320].

⁶ Muito expressivo: «aos trambolhões, como de decepção caindo em decepção».

28. O meu amor na igreja
Sempre tem o cabo certo:
Ajoelha antre os bancos,
Eu dêle fico bem perto.
29. Eu defronte, bós à bista,
Não falo nem bós falais.
Dá-m'um açano com os olhos,
Já que não pode ser mais!
30. As estrêlas do céu correm
Tôdas numa carreirinha:
Também os amores correm
Da tua mão para a minha.
31. Eu no mar e tu no mar,
Ambos andemos perdidos:
Eu no mar dêsses teus olhos,
Nas ondas dos teus sentidos.
32. Fui-me confessar e disse:
«Com o amor andei brincando».
Deram-me por penitência
Que fôsse continuando...
33. Aqui donde estou bem bejo
Dois amantes à conversa.
É bontade de ser santo
Quem à noite se confessa...
34. Antes que¹ minha mãe me mate,
O meu pai me tire a vida,
Não te hei-de deixar de amar,
Minha bela rapariga!
35. Se tu queres e eu quero,
Temos o contrato feito,
Não venha cá pai nem mãe
Desfazer o que está feito.
36. Da minha janela à tua
É o salto² duma cobra.
Inda espero de chamar
À tua mãe minha sogra.
37. *Vid. adiante a moda do ESTALADO.*
38. Cheira-me aqui a pão mole;
Alguém no anda a cozer.
Êlé a mãe do meu amor:
Algun bolo hei-de eu ter.
39. O tocador da viola
É o nosso regidor.
Pelo amor de Deus lhe peço
Que não prenda o meu amor!
40. À mesma luz da candeia
Tratei o³ meu casamento.
Anda cá, luz da minha alma,
Que hás-de ir a juramento.
41. Na cabeceira dum carro
Tratei o meu casamento.
Vem cá, carro da minha alma,
Que há-des ir a juramento.
- 42-43. *Vid. adiante a moda do ESTALADO.*
44. Vai-te, carta venturosa,
Às mãos do meu bem parar!
Eu não fôra o correio
Que te fôra entregar!...⁴
45. O meu amor foi-se e disse
Que eu por êle não chorasse,
Se lhe eu queria algum bem,
Que o não mortificasse...
46. Ausente de um bem que adoro,
Não faço gosto em nada,
Vivo numa solidão,
Só o chorar me regala...⁵
47. Meu peito está fechado,
Foram as chaves para o Brasil;
O meu peito se não abre
Sem o brasileiro vir.

¹ Vid. VOCABULÁRIO, s. v. *antes que*.

² = É tanto como o salto.

³ Vid. VOCABULÁRIO, s. v. *tratar*.

⁴ Vid. § n.º 82.

⁵ Melhor do que em F. Tomás, p. 123.

48. Eu hei-de morrer de firme,
Ao viver numa esperança:
Ser lial a quem adoro,
Sem ter alguma mudança.
49. O sol anda e desanda,
Dá volta para se pôr:
Eu não ando nem desando,
Sou fiel ao meu amor.
50. Santíssimo Sacramento,
Vinde ao meio da igreja,
Que eu te quero receber
Onde todo o mundo veja!
51. Alto pinheiro redondo,
Na ponta tem quatro pinhas.
Viva o noivo, mais a noiva,
Mais as senhoras madrinhas!
52. Viva o noivo, mais a noiva,
Mais a mãe que os criou,
Mais as senhoras madrinhas
Que à igreja vos levou!¹
53. Coração que a dois ama,
Alguem² há-de andar em falso:
Eu muito gosto de ver
Dois perdigotos num laço...
54. Já te não quero nem ver,
Nem para ti mais olhar,
Que me veio à³ notícia
Que andavas para me enganar⁴.
55. Eu bem sei a quem tu amas,
Tu a mim tudo me negas;
Se eu viver e tu viveres,
Saberei em quem te empregas.
56. A mesma luz da candeia
Atçada cõ'um pauzinho.
Lindo amor tinha eu,
S'êde fôsse meu sôzinho.
57. Um coração cumô meu
Procurei-o, num⁵ habia:
Queria amar i todã banda,
Eu era só, não podia...
58. *Vid. adiante a moda do ESTALADO.*
59. Se eu soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Mandava vir da botica
Remédio para morrer⁶.
60. Eu amei uma ingrata,
Que tam má paga me deu;
Ninguém me fale mais nela,
Digam todos: «Já morreu».
61. Amor do meu coração,
Inda m'agora alebrastes!
Não me rastastes a pena
Que no⁷ meu peito roubastes!
62. Tu eras o meu amor.
Foi tempo que já passou!
Se ainda para tí olho,
Foi jeito que me ficou.
63. Tudo qui é verde seca,
Anté os limos do rio;
Tôdas as amozidades
Por⁸ tempo têm seu desbio.
64. Tudo qui é verde seca
Lá no meio do verão,
Tudo torna a renobar,
Só a mocidade não!

¹ Vid. §§ n.º 84 b e 91.² Vid. § n.º 84 a.³ Sic. Vid. § n.º 72 b.⁴ Melhor do que em F. Tomás, p. 101.⁵ Variante ouvida à mesma pessoa: *não no*.⁶ Estropiada em F. Tomás, p. 38.⁷ Variante ouvida à mesma pessoa: *ao*.⁸ Vid. § n.º 77.

65. O tempo que te eu amei,
Milhor fôra amar¹ um burro:
Andava a cavalo nele,
E inda não perdia tudo...
66. Eu comprei um chapéu pardo
Para namorar de noiti,
O chapéu pardo rompeu-se,
O amor logrou-o outro².
67. O amor é uma albarda
Que se põe em quem quero bem.
Eu que não quero ser albardada,
Num tenho amor a ninguém!
68. Erga o chapéu para cima,
Não o traga derrubado,
Que debaixo dêli anda
Mais malícia cò diabo.
69. Na minha terra se apanha
O alecrim às mãos cheias.
Tanto custaram a Deus
As bonitas como as feias.
70. Na minha terra se apanha
O alecrim às manadas.
Tanto custaram a Deus
As amas como as criadas.
71. O pai Paulino tem ôlho,
A policia 'stá a dormiri.
É bem tolo quem se mata
Por criadas de serbiri³!
72. Tu cuidas que eu por ti morro,
Eu nem por ti me desvelo:
Trago dentro do meu peito
Outro mais alto castelo!
73. Prometi-te de ser tua
Debaixo do meu chapéu,
Se prometes de contar
As estrêlas que estão no céu.
74. Eu antes queria ser rosa
Desfolhada num lameiro,
Que ver minha mocidade
Em tam reles cavalheiro.
75. À tua porta, menina,
Desejava de morar:
Queria ver êsse teu brio,
Briosa, no que há-de dar⁴.
76. Já não há quem te responda,
Eu te quero responder;
Já não há quem por ti morra,
Eu por ti quero morrer.
77. Amar-te, querer-te bem,
Isso te prometo eu;
Andar atrás de ti, não,
Que isso não é brio meu.
78. Mal empregada fui eu,
Ferreiro, na tua mão:
Era branca, fiz-me negra
De andar ao pó do carvão.
- 79-80. *Vid. cap. III.*
81. Menina, se quere saber
Como se ganha o dinheiro,
Bote navios ao mar,
Que eu serei seu marinheiro.
82. Tenho rendas que me rendem,
Já não quero trabalhar:
Tenho um navio no pôrto
Com janelas para e mar.

¹ Variante ouvida à mesma pessoa: *amara*.

² Talvez *outro* por *oítro*, segundo a rima.

³ Inventada por uma criada (por 1890 e tantos), a um sujeito fino que andava atrás dela, em Coimbra. — Os dois primeiros versos encerram um dito, hoje quasi esquecido, que há largos anos celebrou certo prêto, — o pai Paulino —, cabeça de grupo cómico de touradas. O dito era acompanhado do gesto de apou-tar com um dedo e desnudar o bogalho dum ôlho, puxando pela pálpebra inferior.

⁴ Melhor do que em F. Tomás, p. 9. Vid. § n.º 97.

83. Ó moleira, moleirinha,
Hei-de ir à tua levada
Lavar as mãos e o rosto,
Domingo de madrugada.
84. Minha mãe está-me a chamar
Do areal da Portela.
Valha-me Deus, minha mãe,
Cuida que o vento me leva?
85. Meu coetinho de linho,
Feito por trás das paredes.
Quem escuta de si ouve¹,
Como² me acontece às vezes.
86. Meu coetinho de linho,
Bem feito, mal acabado,
Sete agulhas quebrei nêle,
Um dedal sobredeirado.
87. É de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo.
Eu ando ameaçada
De quem tenho pouco medo³.
88. Ai lari-lari-lô-lôla,
Ai lari-lôlé cartaxo,
Uma pulga deu-me um coice,
Deitou-me da cama abaxo⁴.
89. Menina q'anda na binha,
Dê-me um cachinho albar,
Qu'eu le darei um arinto,
Quando meu pai bindimar.
90. Já o sol bai àrraiar
Por cima das ôlbeiras:
Brâja, brajai, brajadores,
Apanhai, apanhadeiras.
91. Ó menina lá da ponta,
Traga-me êsse eito direito,
Que você p'ra namorar,
A fortuna lhe dá jeito.
92. Manjaricão à jinela
É arbe que não dá fruto:
Dá-l'o bento, cai-l'a flori,
Ficà jinela de luto...
93. A rosa tem vinte fôlhas,
O cravo tem vinte e uma:
Anda a rosa à demanda
Por o cravo ter mais uma.
94. O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho:
Na ponta do acipreste,
No mais alto ramalhinho⁵!
95. *Vid. cap. III.*
96. Quem quiser que eu cante bem,
Dê-me vinho ou dinheiro,
Que esta minha gargantina
Não na fêz nenhum ferreiro.
97. Sei um saco de cantigas
E mais uma sacalhada.
Se as hoje canto tôdas,
Amanhã não canto nada.

¹ Isto é, «falar». Vid. § n.º 98.

² Variante da mesma pessoa: *assim*.

³ Está, evidentemente, estropiada. Em F. Tomás, pp. 57 e 59, vêm duas quadras perfeitas, nas quais entram, respectivamente, os dois últimos e os dois primeiros versos desta. Delas proveio, certamente, a cantiga. Mantemo-la só porque mostra um dos modos como se podem alterar as cantigas populares: por cruzamento, ou contaminação de formas, até com desprezo da coerência das ideias.

⁴ Tínhamos registado *abaixo*, mas a forma corrente deve ser aquela, como se depreende da rima. Vid. G. Viana, *Ortografia nacional*, Lisboa 1904, p. 71.

⁵ Variante galega em D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV, p. 650.

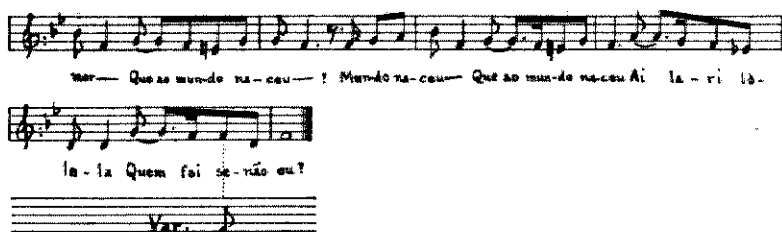
98. Meninas, bômos¹ ò bira,
Que lá bem na biração.
O meu pai é pai do bira,
O bira é meu irmão.
99. Os quatro que andam na roda,
Todos quatro dançam bem,
Todos quatro têm bom dente,
Todos quatro comem bem.
100. Temos balharico,
Senhora comadre,
Temos balharico
Para tôda a tarde².
101. O tocador da viola,
Na verdade, toca bem:
Toca muito apressado,
Cuida que lhe foge alguém...³
102. Alegra-te, ó albardeiro,
Que lá vem a palha nova,
Para fazer uma albarda
Ao tocador da viola.
103. Ao Senhor da Serra vai
Gente de tôda a nação.
Ninguém lá vai que não chore
Da raiz do coração⁴.
104. Fostes ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste,
Nem os Mouros da mourama
Fazem o que tu fizeste⁵.
105. Já o sol dá na Calçada,
Também dá em Santa Cruz,
Também dá nesses teus olhos,
Taresinha de Jesus!
106. Divino Senhor da Serra,
Que lá estás no oiteirinho:
Por muito calor que esteja,
Sempre⁶ lá bole um ventinho.
107. Senhora da Lapa vai-se,
Minha mãe, eu vou com ela,
Que se vai a luz do mundo,
Alegria desta terra!

1. Estalado

Adagio. M.M. 4. 112.

Ai la-ri la-ri lô-lê-la, Ai la-ri la-ri lô-le-la Ai —
la-ri lô-lê quem deu? U-ma pe-dra deu na ou-tra, U-ma pe-dra deu na
Varr. U-ma pe-dra deu na
ou-tra Ai Eu meu co-ra-ção no teu. La-ri lô-lê-la Quem foi se-não O mais formo-sa
ou-tra na Eu sem-co-ra-ção no teu.

¹ Vid. § n.º 59.² Vid. § n.º 97. — Bailes no terreiro da igreja fazem-nos só em quinta-feira da Ascensão.³ Vid. § n.º 95, e VOCABULÁRIO, s. v. raiz.⁴ Vid. § n.º 58.⁵ Variante: *inda*.



- | | |
|--|--|
| <p>8. Ai lari-lari-lô-lêla
Ai lari-lôlé quem deu?
Uma pedra deu na outra
E o meu coração no teu.</p> <p>1. Lari-lô-lêla
Quem foi, senão eu,
O mais firme amor
Que ao mundo nasceu?</p> <p>11. Se o teu amor me custara
A minha vida inteira,
Eu queria morrer por ti,
Ó minha doce trigueira!¹</p> <p>2. Lari-lô-lêla
Vira de carreira,
Vira-te para mim,
Minha tecedeira!</p> <p>37. Sou trigueira, engraçada,
Sou filha dum lavrador.
Vou ao monte, vou à lenha:
Assim me quer² meu amor.</p> <p>3. Lari-lô-lêla
Eu hei-de ir, se fôr,
Jurar a verdade
Pelo meu amor.</p> <p>42. Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar fechadinha:
Eu vou para o Alentejo,
Quando vier, serás minha.</p> | <p>4. Lari-lô-lêla
Ó minha menina,
Quem te há-de qu'rer,
Sabendo que és minha?</p> <p>43. Dá-me o sim e dá-me o não.
Tudo quero o que me dais:
Dá-me o sim que já és meu,
O não que me não deixais!</p> <p>5. Lari-lô-lêla
Suspiros e ais,
Dentro do meu peito,
Cada vez são mais.</p> <p>58. Já te quis, jé te não quero,
Mas também já te não amo²:
A minha pouca assistência
T'há-de dar o desengano.</p> <p>6. Lari-lô-lêla,
Ó amor tirano,
Ó me dá o sim,
Ou o desengano.</p> <p>7. Lari-lô-lêla
Quem há-de, quem há-de,
Ao seu amorzinho
Fazer a vontade?</p> <p>8. Lari-lô-lêla
Ai lari-lôlé,
Raminho de freixo
Com 'ma rosa só.</p> |
|--|--|

¹ Vid § n.º 81.

² Vid. VOCABULÁRIO, s. v. *querer*.

9. Lari-lô-lêla
Ai lari-lari,
Raminho de freixo
Não é para ti¹.

10. Lari-lô-lêla
Ai lari-lari,
Quem tiver imbeja,
Faça coma mim.

É a canção mais importante desta reduzida lista.

Disseram-nos que já não é cantada, ou muito raro o será, no termo de Semide. E merecia não ser esquecida, bem como quasi toda a encantadora colecção dos nossos cantares rústicos tradicionais, hoje em pavorosa decadência, único filão, quanto a nós, a que se deve dar o verdadeiro nome de Música portuguesa.

No estado em que a recolhemos, não passa duma ruína.

A linha melódica, de grande beleza, é realçada pela leve agitação rítmica das sincopas, a qual, todavia, não lhe altera a feição geral de calma, antes a faz avultar, pois prepara a doçura absorvente, largamente sonhadora, do *fã*; o mesmo acontece com a descida *tonal* do antepenúltimo para o penúltimo compasso.

Em equilíbrio estético com o elemento musical está o geral das quadras que ouvimos cantar com esta melodia. E, caso importantíssimo, a essas quadras correspondem, por preceito orgânico desta canção, e isso lhe dá até extrema variedade e encanto, estribilhos com a mesma rima da quadra a que foram agregados, e é fácil ver (estribilhos 5.º e 6.º) que a idea contida no estribilho pode prolongar a idea contida na quadra. Por excepção, ouvimos quadras (n.ºs 12, 20, 62, 72, 106) desarmónicas relativamente aos estribilhos e até, ideologicamente, ao geral das quadras cantadas com esta música. Isto explica-se pelo grau de enfraquecimento da memória de quem nos cantou a moda.

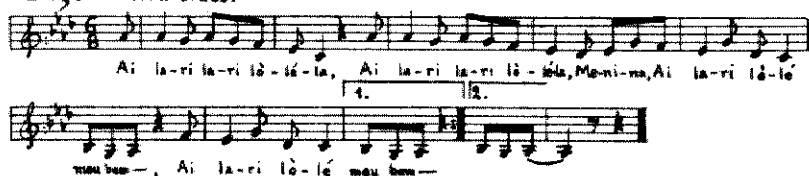
Aquele preceito representará feição antiga? Consultando o nosso prezado Amigo o D.º Rodrigues Lapa, manifestamente quem, entre nós, conhece hoje melhor os assuntos da nossa poesia velha, respondeu-nos que, sendo aventureiro querer encontrar-lhe parentesco, mesmo remoto, com a *finda* medieval, só lhe parecia ver nos estribilhos vestígios da seguidilha (séculos XVII-XVIII)².

¹ Variante ouvida à mesma pessoa: *Vira-te p'ra mi*.—Temos assim registado este pronome, e não nasalado, como no estribilho seguinte. Apesar do desuusalamento permitir rima perfeita, cremos que a forma nasalada deve ser a preferida, porque a outra não terá uso.

² No citado livro de P. F. Tomás, p. 59 sgs., vem uma canção do *Malhão*, cujos estribilhos são semelhantes aos do *Estalado*, fora a correlação com as antigas.

2. Moda de todo o ano

Largo. M.M. J. 63.



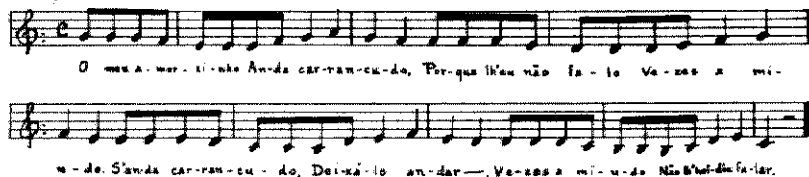
108. Ai lari-lari-lôlôla
 Ai lari-lôlô meu bem:
 Chora, amor, a tua pena,
 Que a minha remédio tem.

Raro se canta. Parece que, de preferência, cantam-na os almocreves. A pessoa a quem a ouvimos intercala nas pausas, por arremêdo trocista, *arre burro* e *arre macho*, e imita a voz de homem.

Nos compassos 6 e 8 há desvio métrico; esperar-se hiam três notas na segunda metade dêsses compassos, ou seja que a primeira nota dos compassos 7 e 9 recuaria para o último tempo do compasso anterior: conservar-se hia, desta maneira, a imitação de modelo rítmico dado nos compassos 2 e 3. Para contraprovarmos a lição fornecida pelo canto, fizemos acompanhá-lo de dança e castanhetas de dedos. Não obtivemos outro resultado.

3. Anónima

Allegro. M.M. J. 152.

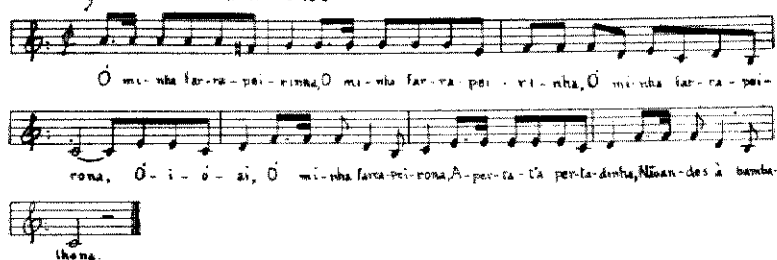


109. O meu amorzinho
 Anda carran-cu-do,
 Porque lh'eu não falo
 Vezes a miúdo.
 S'anda carran-cu-do,
 Deixá-lo andar,
 Vezes a miúdo
 Não lh'hei-d'eu falar.

Nada especial a dizer sobre esta canção. Estrutura musical muito pobre: marcha descendente, da dominante à tônica, sem usar senão de graus conjuntos.

4. Farrapeira

Allegro molto. M.M. J. 132

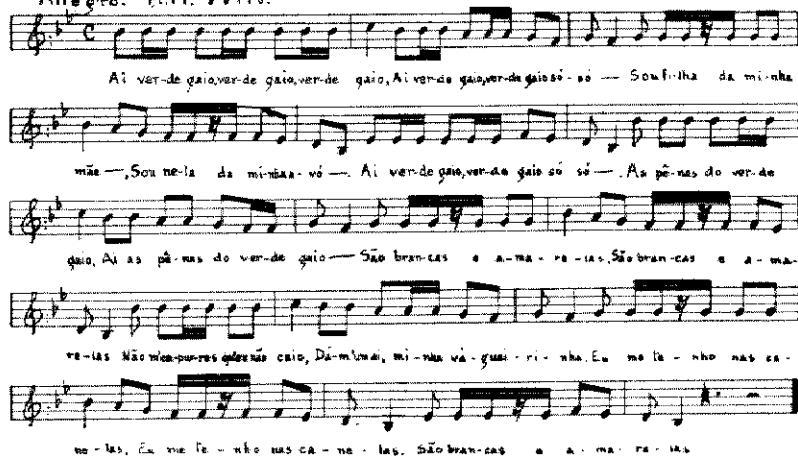


110. Ó minha farrapeirinha,
Ó minha farrapeirinha,
Aperta-t'apertadinha,
Não andes à bambalhona.

Deve-se cantar, certamente, com várias quadras privativas, como a similar, publicada por Fernandes Tomás, *ob. cit.*, p. 18 sgs.

5. Verde-gaio

Allegro. M.M. J. 116.



111. Ai verde-gaio, verde-gaio,
Ai verde-gaio só-só.
Sou filha da minha mãe,
Sou neta da minha avó.

112. As penas do verde-gaio
São brancas e amarelas.
Não m'empurres qu'eu não caio,
Eu me tenho nas camelas.

Damos as duas quadras com a música, porque, para cada quadra, nem há paridade nas minúcias rítmicas da melodia, nem na distribuição da letra.

Note-se a frase de encher: *Dá-m'um ai, minha vâgueirinha.*

6. Moda do S. João

Largo gracioso M.M. J. 66.

O S. João da Fi- gwei- ra Es-cre-veu ao d'A-na-di-a Que lhe man-das-se di-
zer— Quan-de e-ra o seu dia. S. Jo- ão, ó ma-ga-não, ó S. Jo- ão, Éste
v'rão dei-xeis pas-sar— Oh dai-me noivo, S. Jo-ão, oh dai-me noi-vo, Dai-me
noi-vo, que-ro ca-sar!

- | | |
|--|---|
| 113. O S. João da Figueira
Escreveu ao d'Anadia
Que lhe mandasse dizer
Quando era o seu dia. ¹ | S. João, ó maganão, ó S. João,
Êste v'rão não deixeis passar.
Oh dai-me noivo, S. João, oh dai-me
Dai-me noivo, quero casar! [noivo, |
|--|---|

Ignoramos se será ainda muito cantada e se lhe adaptarão mais quadras. Isto seria muito de crer, por semelhança com outras, e numerosas, cantigas são-joaninas (vid., por exemplo, P. F. Tomás, *ob. cit.*, pp. 240-241).

O que parece aqui estribilho, de estrutura irregular, tende, talvez, para o octossílabo.

A música é constituída por um tema e uma variação.

Abre o tema, amplamente, pela escala diatónica descendente, na extensão de nona: belo motivo que seria querido a um Schumann. É fértil de ritmos e de extensões melódicas.

A variação, ritmo-monódica, tal como é corrente na música do povo, tem feição perfeitamente clássica: pela forma e pelo espírito. Pela forma, porque, ampliando o tema agògicamente, segue-o em puro decalque; pelo espírito, porque mantém, e até levemente acentua, o ar entre elegante e solene do tema.

Os acessórios melódicos da variação são hábilmente aproveitados para as repetições da letra.

¹ Variante: *Os milagres que fazia.*

CAPÍTULO TERCEIRO

Apontamentos para o estudo da nomenclatura
do cultivo do milho

À planta completa chamam *milheiro*; ao caule, depois de seco o de separado das partes tôdas que sustenta, *canoïlo*; à base da fôlha, que envolve o canoïlo, mas só também quando sêca, dão o nome de *canoïla*.

A parte mais valiosa, e complicada, da planta é aquela em que se geram as sementes: essa a mais rica de termos. Chama-se ao conjunto *espiga* (não conhecem *maçaroca*); ao grupo de brácteas que envolvem a espiga, *capa*; destas, as mais finas, mais delicadas, que ficam imediatamente sôbre as sementes, constituem a *camisa*¹; pelo extremo sai a *barba* (diz-se, por exemplo: *Mê milho já está a deitar a barba*, ou *a barbar*)²; as sementes são os *grões*; a base onde estes se incrustam é o *casulo*. Quando a espiga tem as sementes tôdas de côr encarnada escura, toma o nome de *espiga-rainha*, ou *espiga-rei*; um grão respectivo é *grão-de-rei* (não se diz, era impossível, *grão-de-rainha*). Quando, na planta, a espiga, de muito madura, já pende, diz-se que *amonca*.

O remate do milheiro, formado pelas últimas fôlhas, é o *ôlho*. Dêle sai a *bandeira*, ou a *carépa*, que assim se chamam, mas com muito menor uso do segundo que do primeiro têrmo, as flores masculinas, quer estejam verdes, quer sêcas.

Ao extremo superior da planta, que compreende não só a bandeira, mas também algumas tantas fôlhas, com maior precisão, a todo o trôço que fica para cima da espiga (ou da espiga superior, no caso de existir mais de uma), dão o nome de *palha de ponta*. Contrapõe-se a *palha de fôlha*, que é constituída pelas restantes fôlhas. Tanto uma como outra empregam-se na alimentação dos *haberes*, quer dizer, dos porcos, das ovelhas, etc.; a primeira é mais estimada, comem-na melhor os animais,—mas só a vendem com a condição de se comprar certa porção da segunda.

¹ Às vezes os homens empregam-nas para enrolar nelas o tabaco, à maneira de mortalhas.

² A água de barbas de milho serve, na localidade, para remédio da bexiga.

Maturada a semente, a espiga *amonca*: pode-se *desfolhar*, ou *esfolhar*¹ o milho. Tiram-se as folhas (palha de fôlha), fazem-se num molho, que é atado com três ou quatro delas — o *maranho* —, e pendura-se este a secar no próprio caule. Depois, juntam-se os maranhos em braçados — em *pabeias*; e estas, reunidas em molhos de quatro, cinco, etc., englobam-se em unidades superiores, que são as *faxas*.

Depois de separadas da haste, tiram-se as capas, ou *escamisam-se* as espigas, e debulham-se. Os canoilos ficam desprezados na terra.

O aparecimento duma espiga-rainha numa descamisada, dá margem aqui, como noutros pontos do país, à tam conhecida brincadeira dos abraços: se é um rapaz quem a encontra, dá abraços às raparigas; se é uma rapariga quem a acha, o corrente, aqui, é abraçar só as raparigas.

Às vezes, quais equimoses em pele muito alva, aparecem alguns grãos azuis entre os grãos duma espiga branca: são os *beliscões*². O seu achado gera o círculo mágico-erótico dos beliscões: a pessoa que na descamisada os encontra, dá um beliscão a outra, esta a outra, estontra a outra, e assim sucessivamente, até correr a roda toda.

Como variedades botânicas distinguem, na terminologia corrente: o milho *gatanho*, ou certo milho muito baixo, que se cria tanto de rega, como em terra sequeira; o *machio*, ou milho extremamente alto, que não dá espiga, só dá bandeira; e o *palhão*, que é grande, de rega, não se cria em terra sequeira, é muito *regalão*.

O cultivo do milho constitui um dos principais fundamentos da vida agrária, — da misérrima sustentação das populações desta região³. A tal ponto prepondera, que o termo *terra* quer dizer «terreno semeado especialmente de milho». Não é de admirar, portanto, que, enchendo o pensamento do povo, este possa, nas horas alegres, cantar, enlevado na mancha verde-esperança dos milhais:

79. Milho berde, milho berde,
Milho berde, fôlha estreita,
À sombra do milho berde
Namorei uma sujeita.

¹ Parece que não conhecem *desfolhada*, ou *esfolhada*, substantivo.

² É curioso chamarem aqui, ao milho escuro, *beliscões*, e em Melgaço, por processo oposto, às pisaduras, *moras*. Cf. D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 168.

³ As dificuldades do sustento são aqui tamanhas, que a emigração se faz em larga escala para o Brasil, pelo que a percentagem de homens na população de Semide e termo é, de há muito, bastante reduzida.

Ou:

80. Milho berde, milho berde,
Milho berde, fôlha larga,
À sombra do milho berde
Namorei uma casada.

Ou que, achando nêle virtudes que o sublinam na batalha aspérrima da vida, celebre admirado:

95. Olhem para o milho berde,
A malícia qu'êlê sabe:
Recolhe a água no ôlho
Para se regar de tarde!¹

¿Pois para obter, sobretudo na estiagem, uma pinguita de água — rateada de dia e de noite! — para regar as terras, não tem o homem de empenhar-se na maior das lutas contra a Natureza? ¿E até pela água não se desavém, em freqüentes crimes de morte, a família humana?

Por outro lado, ¿o milho não dá assim ao homem, ao eterno escravizado da gleba — que sempre poupa... e nunca lhe chega — uma alta lição de economia e de providência?

Tem, por isso, o milho quási o valor de mito. É como que um semi-ídolo antropomorfizado: ¿pois não possui êle capa, camisa, barbas, grãos e ôlho — e, ainda mais, pensamento superior?

CAPÍTULO QUARTO

Vocabulário

Compreende o dos TEXTOS, a nomenclatura dada no cap. III e as palavras colhidas avulso. Englobamos nêle a parte estudada na GRAMÁTICA, por respeito à idea de facilitar assim possíveis buscas aos estudiosos. Pelo mesmo motivo, incluímos também um ou outro vocábulo ocorrente nos TEXTOS, de que omitimos, por desnecessária, a significação.

Naqueles vocábulos, salvo erro, inéditos, ou com sentido não registado, ou registado incompletamente, em particular na 4.^a edição do *Novo Dicionário* de C. de Figueiredo, preposmos um asterisco.

Pela *Antroponímia Portuguesa* do D.^{or} L. de Vasconcelos, Lisboa 1928, encontram-se nomes próprios de Semide.

¹ Variantes destas quadras em G. Felgueiras, *Espadeladas e esfolhadas*, Gaia 1932, p. 50.

à bambalhona: V. 110, com as roupas desapertadas, mal composta, mal pronta (cf. em Lisboa, etc., *Maria-mal-proncia*).

abanho: Pr. 2 b, avenho. Vid. § n.º 2.

abaxo: V. 88, abaixo. Vid. a nota a este passo.

à bista: V. 29, à vista, defronte. Vid. à vista e § n.º 89.

Abrili: Pr. 2 a, Abril.

abrir boca: Pr. 1, fender, gretar, abrir buraco.

acabou-se: em conclusão; nada mais.

Em frases como: *É viúva, tem cinco filhos, a mãe doente...* *Acabou-se, passa muita fome.* — Já disse tudo o que tinha a dizer. *Acabou-se!* Vid. J. Moreira, *Estudos da língua portuguesa*, II, p. 91.

açano: V. 29, aceno. Vid. §§ n.ºs 28 e 67 b.

acipreste: V. 94, cipreste.

acolalém: acolá além. Vid. § n.º 60.

acomoda-te: Pr. 1, sossega, conforma-te.

aconchegado: Vid. *desarredado*.

à conversa: V. 33, conversando.

acupa: ocupa. Vid. § n.º 29. É arcaísmo.

à demanda: V. 93, em litígio.

adonde: V. 27, onde. — Alguns puristas têm investido insensatamente contra o direito à vida deste vocábulo, que possui raízes fundas. Assim, v. g., Morais, logo na 1.ª ed. do *Dicionário*, s. vv. *adonde* e *donde*, mesmo ressaltando aqui: *posto que às vezes se ache em bons autores*. Com efeito, ele vem, por exemplo, em Camões, na famosa Canção x: *... O qual a Natureza || Situou junto à parte || Adonde um braço de alto mar reparte*, etc. Também é forma espanhola: vid. o artigo *donde*.

a oito: Vid. *oito*.

alacraio: alacrau. Vid. § n.º 67 a.

alagar: pôr as coisas compostamente no rêgo, para serem enterradas quando o arado, passando ao lado,

levanta a *leiba*. Esta acepção cabe na de *cinundar*, subverter, *tapar*, que anda nos dicionários.

albar: V. 89, alvar, certa variedade de uva.

alembraustes: V. 61, lembraustes.

alfasto: asfalto. Vid. § n.º 41.

alfôbre: canteiro para pôr plantas em viveiro.

a miúdo: amiudadas vezes. Vid. § n.º 60.

almofeira: a parte do suco da azeitona, que se separa do azeite.

amoncar: Vid. cap. III. — De *monco*: cf. *monco-de-peru*, nome de certa planta. — C. de Figueiredo dá *amoncalhar* e *amoncanhar*, com sentido aproximado, como existentes no Minho.

amozidades: V. 63, = amezedades? (< *amicitates).

anegreado: tirante a negro. Cf. em C. de Figueiredo, *Dicionário*, ed. cit., *anegrado*, e D.º L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 145 (falar do Pôrto), *anegrestado*.

anté: V. 63, até.

antes que: V. 34, ainda que. — Em P. F. Tomás, *Canções pop. da Beira*, p. 203: *Antes que teu pai te case, || Não se acaba o bem querer*. Estando aquele verso da cantiga errado, poderá pensar-se, ou em estropiamento, ou em cruzamento de formas, como: *Antes quero que*, etc., e *antes minha mãe me mate... do que deixar de amar-te*.

antre: Pr. 1 a, V. 28, entre.

apanhadeira: V. 90, mulher que apanha a azeitona. — Sentido incluso no que traz C. de Figueiredo. Vid. *apanhar* e *brajadores*.

apanhar: V. 90, colher azeitona. — Relativamente ao *Dicionário* de C. de Figueiredo, o mesmo que dizemos no vocábulo anterior.

áque d'el-rei: V. 20. Vid. §§ n.ºs 60 e 63. Expressão de velha data. Também, por exemplo, em D.º L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 472.

arbe: V. 92, árvore. Com sentido latíssimo de «vegetal». — É forma bastante corrente no Norte do país: cf. D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, pp. 48, 232 e 472. Vid. §§ n.^o 31 e 40, e *remédio*.

arinto: V. 89, certa variedade de uva.
arraiar: V. 90, raiar.

arrenegar: amaldiçoar. Vid. *careca*.

arrolheiro (soa *arru-*): Pr. 2 c, conjunto de molhos de trigo, postos com as espigas para dentro, para os livrarem dos bichos. Vid. § n.^o 36.

arrunhada: arruinada. F. *anda arrunhada* «tem o peito estragado dos carregos à cabeça». — De *arrunhar* (em B. Pereira, *Thesouro*, na 9.^a ed. da *Prosódia*; Viterbo, *Elucidário*, 1.^a ed., regista *arruniado* (*ni* = *nh*), que abona com um documento de 1121), paralelo a *arruinar* (coleccionado na 1.^a ed. de Moraes). Ambos os alótipos têm, segundo se pensa, origem comum em **arruinar*, de ruina-, mas a duplicidade não deixa de ser estranha. Talvez *arrunhar* haja saído, supomos nós, das formas arrizotónicas de *arruinar*, nas quais se obscurece, fatalmente, o *i*, reduzindo-se assim o ditongo. Vid. *ráim*.

assistência: V. 58, assiduidade na comparecência.

à turdesca: sem toada, saindo-se mal do que faz. Vid. D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 390 (*turdésco*).

à vista: V. 10, perante, em confronto com. Vid. *à bista*.

bai: V. 90, vai.

Bal-da-Prroa: Val-da-P., povo perto da Casa-Nova, distrito de Coimbra, concelho de Miranda. Vid. *Prroa* e § n.^o 5.

balharico: V. 100, bailarico.

banda: V. 57, sítio, parte.

bandeira: Vid. cap. III.

barba: Vid. cap. III.

barbar: Vid. cap. III.

bêjo: Pr. 2 b, V. 33, vejo. Vid. § n.^o 2.

***beliscões:** Vid. cap. III.

bento: V. 92, vento.

berde: V. 3, 7, 79, etc., verde.

bibe: V. 2, vive.

bindimar: V. 89, viadimar.

binha: V. 89, vinha.

bira: V. 98, vira.

biri: Pr. 2 a, vir.

bole: V. 103, sopra, passa um ventinho que faz mexer as árvores, etc.

bômos: V. 98, vamos. Vid. § n.^o 59.

borralha: cinza de lenha queimada (deita-se na cultura das batatas em substituição do *buano*). Há muito nos dicionários, e também com mudança do género.

bós: V. 29, vós.

bote: V. 81, deite.

botica: V. 59, farmácia.

brajadores: V. 90, homens que apanham a azeitona. Cf. *avarjador*, ou *varjador*, em Elvas e Estremoz, segundo Pombinho J.^o, na *Revista Lusitana*, xxv, p. 74. Vid. *apanhadeira* e o vocábulo seguinte.

brajar: V. 90, Apanhar azeitona. Vid. a palavra anterior, *apanhadeira* e §§ n.^o 41 e 59.

brasileiro: V. 47, o de torna-viagem, tam celebrado por Camilo. Vid. cap. III, p. 270, n. 3.

brio: V. 75 e 77, orgulho.

briosa: V. 23 e 75, orgulhosa. Vid. § n.^o 97.

buano: guano, adubo para as terras. Vid. § n.^o 34.

buxo-buxo: Pr. 3 c. Vid. § n.^o 67 c.

ca: Vid. *cá*.

cá: V. 35, adv., com valor expletivo.

cabeceira: V. 41, a parte dianteira. Sentido só paralelo ao que vem no *Dicionário* de C. de Figueiredo.

cabo: V. 28, lugar, sítio.

Calçada: V. 105, topónimo de Coimbra (cf. P. F. Tomás, *Canções populares*, ed. cit., p. 235).

***cambo:** 1. pau com gancho ou curva na ponta, com que apanham galhas dos pinheiros. 2. — *de enguias*: por-

ção de enguias que vai pendurada num gancho. — Para a primeira acepção, cf. C. de Figueiredo, e G. Viana, *Apostilas*, I, p. 226 (*cambas*).

A segunda acepção cremo-la inédita.

camisa: Vid. cap. III.

Campo da Giesta: V. 17, topónimo, real ou suposto.

canelas: V. 112, pernas.

canoila: Vid. cap. III. Tanto este termo, como *canoilo*, já estão registados: vid., por exemplo, C. de Figueiredo, *Novo dicion.*, 3.^a ed., e Guilherme Felgueiras, *Espadeladas e esfolhadas*, Gaia 1932, p. 58. — Como é evidente, a origem está em *cana*, com o sufixo *oila* (= *oula*). Sobre este sufixo consulte-se D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, pp. 436-437. Para o sentido da palavra vid. também o vol. II dos mesmos *Opúsculos*, p. 383 (*caneiras* e *caneiro*).

canoilo: Vid. cap. III, e *canoila*.

cantigas: *Pr.* 2 f, gabarolices, vaidades.

capa: Vid. cap. III.

cara de nó cego: mal encarado, antipático. Como um nó, mau de entender para se desdar; ainda por cima «cego», que é o pior de todos. — *Cara sem olhos* chamou uma dama a Camões, que lhe retorquiu com uns versos célebres: cf. Jeronima, *Obras de Luís de Camões*, IV, p. 42. — Vid. *carranca de boi negro* e § n.º 94.

carcôdeas: casca do pinheiro. Vid. *quercôdeas*. — Se estas duas formas estão por *corcôdea*, e se *corcôdea* provém, como quer o D.^o J. da Silva Correia, da «primeira sílaba de *cortiça* e o vocábulo *côdea*» (cf. *Boletim de Filologia*, II, p. 355), é claro que temos, naquelas, duas variantes fonéticas desta. Seria curioso, porém, indagar, o que não podemos agora fazer, se *corcôdea* não entrará antes como variedade dentro da série, de que uma daque-

las formas, ou outra ainda, constituiria a espécie.

careca: diabo. Muito usado: *Arrenego do careca*. — Eufemismo. D.^o L. de Vasconcelos, *Lig. de Filol.*, 2.^a ed., p. 399 sgs.

carepa: Vid. cap. III. ¿Estará o étimo, como já se pensou (A. Coelho, *Manual etymol.*, s. v.), no fr. *crêpe* < *erispu*? Deve relacionar-se com *carapinha*?

***caribêlho:** muito velho. *Ex.*: *Êste pinheiro arde tam bem! Já está caribêlho*.

***carranca de boi negro:** cara feia, que amedronta, antipático. — Epíteto muito expressivo, pelo valor depreciativo da palavra *carranca*, superlativado, em particular, pela idea de negridão. Vid. *cara de nó cego* e § n.º 94.

carreirinha: V. 30, corridinha, ou como num formigueiro.

castanho: *Pr.* 2 b, o tempo da colheita das castanhas, ou o fim da abundância agrícola. — C. de Figueiredo, *ob. cit.*, 4.^a ed., dá o termo como de Trás-os-Montes. Vid. *cerejo* e § n.º 69.

castelo: V. 72, idea, desejo, objecto elevado, nobre, — o que às vezes não passa de *castelo de vento*. Vid. § n.º 93.

casulo: Vid. cap. III. Masculino de *casula*: vid. Meyer-Lübke, *REW*, Heidelberg 1930, n.º 1752.

cavalheiro: V. 74. Vid. D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, p. 460 sgs.

cerejo: *Pr.* 2 b, o tempo das cerejas, do começo da fartura agrícola. — C. de Figueiredo, *ob. cit.*, 4.^a ed., dá a palavra como de Trás-os-Montes. Vid. *castanho* e § n.º 69.

certo: Vid. § n.º 70.

có: V. 68, ca o. Vid. § n.º 62.

cô: V. 56, com. Vid. § n.º 45.

coêlho: Vid. § n.º 2.

coidado: cuidado. Vid. § n.º 19.

coma: *Estalado*, estr. 10, como. Vid. *cuma, cumo, cumò* e § n.º 62.

comer-se: Vid. *quinhões*.

coração: lenço dobrado em triângulo (estilização), que, há uns cinquenta anos, usavam os homens, por brinadeira, na algibeira do colete, com um bico para fora. Era feito pelas raparigas, e a graça consistia em ver qual delas o fazia melhor.

córtel: quartel, qualquer das refeições diárias (*almôço às oito, jantar ao meio-dia, merenda às cinco da tarde e ceia à noite*, como é geral no país, nos lugares rústicos). Vid. D.^o L. de Vasconcelos, *Dial. extrem.*, I, Porto 1885, p. 31 (s. v. *diã*). Vid. § n.^o 21.

corvejar: o canto do corvo (cf. *galhofar*). Vid. § n.^o 64.

***cuê-cué:** *Pr.* 2 d, imitação do grunhir do porco. Vid. § n.^o 67 c.

cuma: como. Vid. *coma* e os dois vocábulos que seguem.

cumo: como. Ex.: *cumo éles, cumo sendo*.

Vid. *coma*, *cumu* e o voc. seguinte.

cumô: V. 57, *cuma* o, como o. Vid. os dois últimos vocábulos, *coma* e § n.^o 62.

dar: V. 75, isto é, «de si», no que se há-de transformar, no fim que há-de ter. Vid. § n.^o 97.

de carreira: *Estalado*, estr. 2, à pressa. Vid. § n.^o 74 b.

derrubado: V. 68, puxado para baixo, para os olhos.

desarredado: diz-se do chaile quando, estando pendurado dos ombros, fica aberto à frente, ou seja não *acomchegado*. Vid. § n.^o 66.

desbio: V. 63, desvio.

descobrim: descobri. Vid. § n.^o 59.

desfolhar: Vid. cap. III.

desvelo (refl.): V. 72, perceo o sono, preocupo. Cf., por exemplo, Moraes, *Dicionário*, 2.^a ed., s. v. *desvelar-se*.

donde: V. 33, onde.—Na língua culta, esta partícula, ou aglomeração de partículas, encerra idea de movimento. Não foi assim outrora sempre, como não o é nos falares populares, nem no espanhol. Ao que se

lê em Bluteau, *Vocabulário*, s. v., acrescentamos aqui alguns exemplos, que podíamos multiplicar:

a) Na nossa literatura antiga: *E desde a fria plaga de Gelandia* || *Até bem donde o Sol não muda o estilo* || *Nos dias*, etc. (*Lusiadas*, VII, 61, 2.^a ed. de E. Dias);

Consta de hum instrumento autentico, que vi no Archivo... donde se conserva (Souza, *Hist. Genealog. da C. R.*, II, Lisboa 1736, p. 157).

b) Na linguagem popular: em vários adágios, como *Donde o clérigo canta, daí janta* (cf. B. Pereira, *Adágios*, apensos à 9.^a ed. da *Prosodia*);

O espelho donde eu me via (cf. T. Pires, *Vocabulário alemtejano*, na *Revista Lusitana*, IX, p. 173);

Donde foi essa mulher ir dizer ao pai para ir matar o marido foi em... (ouvido por nós a uma rapariga analfabeta do concelho de Torres Vedras).

Para o espanhol consulte-se, por exemplo, a *Gram. de la leng. castell.* da Academia Espanhola, Madrid 1917, § n.^o 401 sg., e Meyer-Lübke, *Introducc. a la lingüíst. román.*, Madrid 1926, § n.^o 216. Vid. *adonde*.

dormes no estêrco: Vid. § n.^o 42.

dormiri: V. 71, dormir.

duda: dúvida. Ex.: *Não há duda!* Vid. § n.^o 23.

***eito:** V. 91. «Tem dois falares e dois entenderes: 1.^o *bon eito*, «casa boa onde se está a trabalhar»; 2.^o «correnteza em que se vai a despontar, a ceifar, a apanhar azeitona, etc.». Assim, diz-se, por ex.: *Ó homem, leba a eitola!*—Aproveitámos, o mais possível, as próprias palavras da explicação que nos deram. Aquela primeira acepção não a traz C. de Figueiredo na 4.^a ed. do *Dicionário*.

êli: *Pr.* 2 a, V. 68, êle.

empregar-se: V. 55, com quem casarás.—Hoje não é corrente o uso dêste verbo, com tal acepção, na lin-

gua culta; mas diz-se: *bem empregada, mal empregada*, como em V. 14 e 78. C. de Figueiredo, *Dicionário*, 4.^a ed., perdeu de vista o que a este propósito dissera Bluteau, e outros.

erga: V. 68.

escamisar: Vid. cap. III e § n.º 65.

esconde-esconde (jôgo do): jôgo das escondidas. Vid. § n.º 67 c.—C. de Figueiredo, 4.^a ed., dera o sentido com interrogação.

esfolhar: Vid. cap. III e § n.º 65.

espedir: despedir. Vid. § n.º 65.

espiga, espiga-rainha, espiga-rei: Vid. cap. III.

estapor: estupor. Vid. § n.º 29.

estrito: distrito. Vid. § n.º 65.

***faço gosto** (não): V. 46, tenho gosto.

fagulho: rama do pinheiro.—Ainda, na forma feminina, nos dicionários. Ignoramos se em Semide se aplica à rama verde, se à seca, se às duas.

***fala à minha palha:** fala a respeito da venda da minha palha. Vid. § n.º 72 c.

falas: V. 9, palavras, conversa.

***fanido:** estragado (diz-se do feijão, milho, etc.).—É, certamente, variante de *fulido*.

faro: feroz.—Cf., em mirandês, *faroç*: D.^{or} L. de Vasconcelos, *Estudos de Filologia mirandesa*, I, p. 296. Vid. § n.º 33.

farrapeira: V. 110, esfarrapada, mal-pronta? Daí o nome da moda indicada. Vid. os dois vocs. seguintes.

farrapeirinha: V. 110. Vid. o vocábulo anterior.

farrapeirona: V. 110. De **farrapeirão*. Vid. *farrapeira*.

faxa: Vid. cap. III, G. Viana, *Apostilas*, s. v. (de Trás-os-Montes) e C. de Figueiredo (da Beira). Vid. § n.º 6.

fim (fem.): Vid. § n.º 52 a.

flôri: V. 92, flor.

fômi: *Pr.* 2 g, fome. Vid. § n.º 14.

fuçam: foçam. Vid. § n.º 59.

fûim: fui. Vid. §§ n.ºs 22 e 35.

galha, -as: troncos secos do pinheiro.

***galhofa** (masc.): nome por que também é conhecida a ave chamada *bufo*.—O nome deve provir da interpretação do canto (cf. *poupa-poupa*), espécie de u u u... gutural e entrecortado, que lembra, de algum modo, uma gargalhada. Vid. § n.º 67 b e o vocábulo seguinte.

***galhofar:** cantar do galhofa, ou bufo. Cf. *corvejar*.

Gansa (ou -ç-?): alcunha de mulher.

gatanho: Vid. cap. III. No *Novo dicio.*, diz-se que na Bairrada se dá este nome a certa «espécie de tojo, também chamado tojo-gatão». ¿Por ser também muito baixo? É tentador pensar que o termo *gatão* assenta em *gato* (cf. a expressão *andar de gatas*), e será o genuinamente nosso, ao passo que aqueloutro, *gatanho*, nos viria do espanhol.

***gâtoirão:** gato bravo. Vid. § n.º 31.

gerêcem: geram, nascem. Exemplo ouvido: *Gerêcem as lagartas nas couves*. Do arc. *gerecer* (incoativo): em G. Vicente, *Obras*, ed. de M. dos Remédios, II, p. 370. C. de Figueiredo, 4.^a ed., assinala-lhe a existência na Beira.

gôsto: V. 46. Vid. *faço gosto*.

grães: Vid. cap. III e § n.º 51.

grão de rei: Vid. cap. III.

gritar: V. 20. Vid. o artigo de Bluteau, *Vocabul.*, s. v., e § n.º 78.

haberes: haveres, os animais como ovelhas, porcos, cabras, galinhas, etc., que cada qual possui (vid. cap. III).—Esta acepção é particular da que regista C. de Figueiredo na 4.^a ed., e explica-se pelas condições económicas locais.

homezinho: *Pr.* 1, homenzinho. Vid. § n.º 12.

horta: terreno plantado de couves: um canto, por ex., duma fazenda.

igreja: V. 27. Vid. § n.º 2.

ilharga: Vid. § n.º 93. Como no Peral (Estremadura): *A ilharga do caminho*, etc. (cf. D.^{or} L. de Vasconcelos,

Dialectos extremenhos, I, Pôrto 1885, p. 32).—Sôbre o étimo, vid., dêste Autor, *Opúsculos*, I, p. 533.

im: V. 57, em.

inda: V. 4, 36, 61, etc., ainda.

-inho: *amorzinho*: *Estalado*, estr. 7; *cachinho*: V. 89; *coletinho*: V. 85 e 86; *fechadinha*: V. 42; *gargantinha*: V. 96; *moleirinha*: V. 83; etc. Vid. §§ n.º 64 e 87.

inquelinei: V. 24, inclinei. Vid. § n.º 37.

ir, ir-se: V. 44 e 107, partir (sem complemento adverbial). *Ir a juramento*: vid. *juramento*.

jinela: V. 92, janela.

joêlha: V. 27, ajoelha.—É formado, claro está, directamente, sôbre *joelho*. (Em V. 28, *ajoelha*). Vid. § n.º 66.

juramento: V. 40 e 41, prestar juramento. Como *ir a perguntas*, por exemplo.

ladrão: V. 94, finório.

lari-lô-lêla: V. 8, 88, etc. Neuma.

lavrador: V. 37, homem que trabalha com os bois em carradas e lavras.—Em Seixo do Ervedal da Beira sabemos que significa só «homem que anda a lavrar».

le: *Pr.* 2 d, V. 89 e 92, lhe.

leiba: leiva, a terra que o arado levanta e empurra para um determinado lado.

lenha: V. 37. Vid. § n.º 2.

levada: V. 83, regueira de água para mover a azenha.

lhi: V. 19, lhe.

licenço: leicenço. Vid. § n.º 17.

logo: V. 26, imediatamente.

logrou: V. 66, possuiu, gozou.

ma: mau. Vid. § n.º 46 e D.^o L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, p. 64 (com muitos exemplos).

ma: *Estalado*, estr. 8, uma. Vid. § n.º 45.

machio: Vid. cap. III.—De { *macho*. Já Bluteau disse, no *Voc.*, s. v. *machiar*: «Em phrase de Agricultura val o mesmo que *Degenerar*, & ficar esteril. Diz-se da planta, que em certo modo

se faz *Macho*, quando cessa de produzir, & dar frutos».

***machita**: coisa pouca, sem valor, vulgar.—Frase ouvida, com a explicação que nos deram: *É u' machita* [pronúncia: *] «é uma coisa p'raí, é uma coisa qualquer». Vid. § n.º 31, *manadas e mãos cheias*.

maganão: *Moda do S. João*, estr., finório, brincalhão.

mais: V. 51 e 52. Vid. § n.º 60.

malícia: V. 68 e 95. Vid. *sabe*.

manadas: V. 70, quanto cabe nas mãos. Vid. § n.º 64, *machita e mãos cheias*.

manjaricão: V. 92, majaricão, manjericão.—No texto chama-se-lhe *de-vore*. Vid. *arbo*.

mãos cheias: V. 69. Vid. *machita e manadas*.

maranho: Vid. cap. III.—Masculinização de *maranha*. Já se tem dito que *maranha* nos veio do castelhano, mas ignoramos o fundamento da afirmação; nesta língua o étimo é considerado obscuro. Cremos que se explica sem necessidade do espanhol,—a não ser que fontes históricas, para nós desconhecidas, patenteiem o rasto de entrada, que há-de ser velho, pois já Bento Pereira no *Theouro da ling. portug.* (servimo-nos da impressão apenas à 9.ª ed., já citada, da *Prosodia*), e Bluteau, no *Vocabulário*, trazem a palavra (naquelle *maranhas*).

Julgamos que *maranha* é regressivo de (em) *maranhar*, que descenderá remotamente de *involucrare* pela série: **involucrare* > *envolucrar* > **embarulhar* > *embaralhar* (está registado nos dicionários *baralha*) > **embaranhar* (C. de Figueiredo insereve *baranha*) *emmaranhar*. Comentando a progressão, diremos que a forma *embaralhar* poderá ser espontânea (e aproximar-lhe híamos, se o seu exotismo não fôsse ainda tam acentuado no nosso

falar, *murucujá* > *marucujá* > *maracujá* > *maracujá*, — os dois primeiros em Bluteau, e o primeiro e os dois últimos no *Vocabulário* de G. Viana), mas bem poderá igualmente ser contaminada pelo arabismo *embarçar*, de *baraço* < **maraç* < *maras*. A palatal *lh* terá permutado com *nh* por dissimilação relativamente à líquida anterior (cf. *aparvalhado* e *aparvanhado*, *salgalhada* e *salganhada*, *amarfalhar* e *amarfanhar*); o *b* terá dado *m* por assimilação regressiva (cf. popular *imora*, *tamém*, de *embora* e *também*).

***marroa**: atrevido, bulhento, que anda sempre a desejar o mal a outrem. Também é alcunha. — De *marrão* «porco»? — *NB.*: Nos apontamentos temos registado o que deixamos transcrito; mas é muito provável que haja nisto equívoco, pois *marroa* parece que melhor se applicaria a individuo do sexo feminino, e *marrão* ao masculino, — não obstante possuir a nossa língua, como se sabe, palavras em *-a* com valor masculino (vid., por exemplo, D.^o L. de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, ed. cit., p. 391, nota, e D.^o J. J. Nunes, *Gramát. hist.*, 2.^a ed., p. 230 sg., a cujas listas se poderia acrescentar, como bastante apropriáveis para este caso, o *mariazinha*, o *m. . . da*).

mê: meu. Vid. § n.º 55.

***mediana**: meridiana, relógio de sol (de algebeira, pelo menos). Vid. § n.º 42.

menina: V. 9, 12, etc. Vid. § n.º 56.

mesma: V. 40 e 56, própria. Vid. § n.º 95.

mi: *Estalado*, estr. 9, mim. Vid. §§ n.ºs 35, 54, 71 a e a n.º *aquele* passo.

milheiro: Vid. cap. III e § n.º 64.

milhor: V. 2 e 65, melhor. Vid. § n.º 32.

mimosa: V. 1.

mitara, **mitra**: qualquer carapuça alta. Cf. a revista *A língua portuguesa*, II, p. 53, n. 7.

modo: V. 9, aspecto, expressão geral, maneira aparente de ser, de tratar.

molanqueira: mole, indolente. Ex.: *Hoje ando muito molanqueira*. — Em Bluteau, *Vocabul.*, há *molanqueiraõ* e *mollenqueiraõ*. Vid. § n.º 64, e J. Moreira, *Est. da ling. port.*, II, p. 166 e sg.

mourama: V. 104, a nação dos Mouros, a terra dos Mouros.

na: V. 96 e 98, a. Vid. §§ n.ºs 50, 54 e 57, e *no*.

nação: V. 103.

naceu: *Estalado*, estr. 1, nasceu. Vid. § n.º 27.

ninhures: nenhuma parte.

no: V. 38 e 57 var., o. Vid. §§ n.ºs 50 e 54, e *na*.

noiti: V. 66, noite. Vid. *nouti*.

noticia: V. 54, conhecimento.

nouti: V. 14 e 15, noite. Vid. *noiti* e § n.º 18.

novidades: *Pr.* 1, frutos novos.

num: V. 57 e 67, não. Vid. § n.º 47.

ô: V. 3 e 98, ao. *Pr.* 2 a, *Estalado*, estr. 6, ou. Vid. §§ n.ºs 21, 46 e 62, e *ô pois*.

outeirinho: V. 106, outeirinho. Vid. § n.º 18.

oitro: Vid. nota a V. 66.

ôlho: Vid. cap. III.

ôlibeiras: V. 90. Vid. § n.º 24.

ôuô: interjeição de valor lato de admiração, levemente irónica. Vid. § n.º 3.

ô pois: ao depois. Vid. *ô* e D.^o L. de Vasconcelos, *Opusc.*, II, pp. 53 e 501.

pabeia: paveia. Vid. cap. III. — É-nos desconhecido o étimo desta palavra. Pensamos que de pabulum «pasto, comida de gados», se poderia ter formado *pabellum (pela conhecida troca de sufixos), cujo plural, *pabella, tratado, como em tantos outros exemplos, como feminino singular, ou porque soffresse cruzamento com outra palavra (a qual, porém, não sabemos determinar), ou, — e é o mais provável —, porque obedecesse a tendências particulares dialectais

(vid. Grandgent, *Introd. al latín vulgar*, Madrid 1928, § n.º 163), mudaria a natureza do sufixo (-ellus para -ellus), do que viria a resultar *pabela, donde o português *pavêa, pavêia, pabeia* (note-se-lhe o matiz semântico de pluralidade).

paga: V. 60, pagamento.

pai Paulino: V. 71, preto Paulino. Vid. a n. àquele passo.—*Pai* é forma de tratamento que se dá aos pretos velhos em Lisboa: cf. *Esg.* p. 51, n. 3.

palha de fôlha, palha de ponta: Vid. cap. III.

palhão: Vid. cap. III.

passadas: V. 14, passos.

***patracol, patracólio:** um embrulho qualquer grande (com sentido pejorativo). Ex.: *Ai vem aquele com o patracol.*

pena: V. 25 e 108.

pintas: Pr. 2 c, frangas novas.

poipa: poupa (ave). Vid. § n.º 18.

pois: Vid. à pois.

Portela (areal da): V. 84, topónimo algures.

poupa-poupa: Pr. 3 d, onomatopeia. Vid. *galhofa* e § n.º 67 c.

predio: terras. Também usam *prédio de casas*.

premeiro: primeiro.

p'rô: para o. Numa cantiga para arrular: *Rola, rola, meu menino, || O teu pai foi p'rô lugar, || Tua mãe foi p'rô moinho*. Vid. § n.º 43.

promessias: promessas.

Prrôa: Vid. *Bal-da-Prrôa*.—É possível que esteja, porventura em translação metafórica, por **Perroa* < *Porroa*, feminino de *porrão*. «1. pote, vasilha de barro, geralmente bojuda, de boca e fundo estreitos; 2. homem baixo e atarracado»: cf. C. de Figueiredo, *Dicion.*, 4.ª ed.

que: V. 1, 50, 89, 96, porque.

quedo: Pr. 3 b, quieto.

quercôdeas: Vid. *carcôdeas*.

querer: V. 18, 58, etc., cobiçar (a posse: o que explica o emprêgo da

adversativa *mas* na cantiga 58).
V. 45, 67, 77, etc., desejar o bem, amar.

questã: questão. Vid. § n.º 52 c.

qui: V. 63, 64, que. Vid. § n.º 43.

***quinhões:** *Comia-me de —*, ralava-me.—Parece expressão de gíria. O verbo *comer* já por si pode tomar o sentido de «amofinar-se»: cf. C. de Figueiredo, *Dicion.*, 4.ª ed.

rainha: Vid. *espiga-rainha*.

raiz: o fundamento, o ponto essencial. Deduz-se de V. 23 e de V. 103; aqui (*chorar*) *da raiz do coração* «do mais íntimo do sentimento» (como em D.ª L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV, p. 702. Vid. § n.º 95).

ramalhinho: V. 94. Vid. §§ n.ºs 64 e 95.

rapa: Pr. 2 g, sofre.

rapão: porção de estrume e terra, que se tira dum ponto, ou abrir o rêgo para meter couve nova, e depois, misturada com estrume, se lança sobre o pé da planta, por cima duma camada de terra simples, que deve envolver a raiz, porque só em terra pega melhor.—Do rad. de *rapar* (cf. *regalão*, de *regalar*), e dentro do sentido geral que anda nos dicionários.

rapigar: apanhar azeitona à mão.—¿Tirado directamente de *repigar*, por *respigar*, ou influenciado por *rabiscar*, ou *rabuscar*? Vid. o artigo suculento que o D.ª L. de Vasconcelos consagrou a *respiço*, etc., nos *Opúsculos*, I, p. 411 sgs.

raro: raro. Ex.: *Tecido raro*.—Forma não dissimilada, de que usou Camões nos *Lusiadas*, II, 37. Vid. o artigo de Bluteau no *Vocabul.*, s. v.

***rastastes:** V. 61, pagaste o valor.—Ignoramos a origem desta palavra.

redol: V. 3, redor.

regalão: Vid. cap. III. De *regalar* (cf. *rapão*, de *rapar*).

regar-se: V. 95.

regidor: V. 39, regedor. Vid. § n.º 32.

rei: Vid. *espiga-rei*.

remanso: V. 12, água parada.

remédio: V. 59, droga. Sentido latissímo, como o de *arbe*.
***rendas:** V. 82, arrendamentos.— De *rendar* = *arrendar*.
renobar: V. 64, renovar. Vid. o vocabulo seguinte.
renovos: *Pr.* 3 d, rebentos. Vid. o vocabulo anterior.
rezistulozinho: regist(r)ozinho. Vid. §§ n.º 25 e 30.
rola: dorme. Vid. *p'ró*.
***romã:** balança romana. Dizem correntemente: *uma romã* e *uma balança romã*. Cf. D.º L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, iv, p. 770, e C. de Figueiredo, *Dicionário*, 4.ª ed. (em ambos: *romana*).
ruim: ruim. Vid. § n.º 22.
rumpeu-se: V. 66, rompeu-se. Vid. § n.º 15.
sabe: V. 95 (*a malicia qu'êle* —), tem, possui com perfeito saber.
***sacalhada:** V. 97, o que se pode conter num sacco, ou saca. Vid. § n.º 64.
Sã Tomé: *Pr.* 2 d. Vid. § n.º 47.
S. João d'Anadia: V. 113.
S. João da Figueira: V. 113.
samear: semear. Vid. § n.º 29.
Santa-Cruz: V. 105, a conhecida igreja de Coimbra.
saote: saíote.— Como em falares do N.: cf. D.º L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, ii, pp. 152 e 195. Vid. § n.º 16.
sembla: sêmola. Vid. § n.º 38.
Semide (igreja de): V. 22.
senhor, senhora: V. 51, 52 e 100. Vid. § n.º 56.
Senhora da Lapa: *Pr.* 2 g e V. 107.
De Gouveia? Cf. F. Tomás, *Canções pop.*, ed. cit., p. 246.
Senhor da Serra: V. 103, 104 e 106.
 Em Semide, local de romaria famosa, que se realiza em Agosto: cf. F. Tomás, *Canções* cit., p. 228, nota. Este compilador, nas pp. 228-230, inclui várias cantigas alusivas ao orago, entre elas a seguinte, com referên-

cia à data da romaria: *Divino Senhor da Serra*, || *Mandai Agosto mais cedo*, || *Que eu quero ir passear* || *Aos areais do Mondego*.
ser: Vid. a nota a V. 36.
serbiri: V. 71, servir.
Serra da Campina: V. 16. Topónimo, real ou suposto.
setestrêlo: V. 16 e 17.
significância: significação, sentido; importância. Exemplo ouvido: *Não tem significância cá para nós*. Vid. §§ n.º 64 e 67 a.
sôbre: V. 20. Vid. *gritar*.
sobredoiado: V. 86.
***sorte** (de pinheiros, de mato): terra não cultivada. Opõe-se a *terra*.
só-só: V. 111. Neuma.
sujeita: V. 79, mulher. Vid. § n.º 52 b.
Taresinha: V. 105, Teresinha.
temperai-me este cão: *Pr.* 2 h, pre-dispõe-o bem a meu respeito, acalmai-o.
***terra:** Vid. cap. iii e *sorte*.
toirão: Vid. *gatoirão*.
***tomar a:** Vid. § n.º 72.
tomba-lobos: desastrado, mal-jeitoso.
tombos (aos): V. 27. Vid. a n. ao passo.
tôpeira: toupeira. Vid. § n.º 20.
tranglomango: doença, mal repentino. Ex.: *Deu-lhe o tranglomango*.—Variantes fonéticas em C. de Figueiredo, *Dicionário*, 4.ª ed.
tratar: V. 40 e 41.—A nossa língua oscila muito na construção sintáctica d'este verbo: com *de* ou sem *êle*; e já se usou com *em*. Vid. Bluteau, *Vocabul.*, e Morais, que na 1.ª ed. de *Diccion.* inscreve, paralelo àqueles passos: *Tratar amores com alguem*.
tropesia: hidropisia. Vid. §§ n.º 26 e 40.
***uguaria:** ignuaria. Vid. § n.º 28.
veio à noticia: V. 54. Vid. *noticia* e § n.º 72 b.
venturosa: V. 44.
você: V. 91. Vid. § n.º 56.

Uma versão desconhecida da 1.^a «Soledad» de Góngora

*A Dámaso Alonso e a Lucien-Paul Thomas,
ilustres trabalhadores do Gongorismo.*

O esforço de reivindicação da obra de Góngora tem sido até aqui pertinaz e metódicamente conduzido. Alfonso Reyes, Lucien-Paul Thomas e Dámaso Alonso são principalmente os dirigentes do movimento, que tem por fim reabilitar, contra a cegueira do «fari-seísmo académico», uma das criações mais geniais e mais voluntariamente originais da imaginação dum artista. Demonstrou-se que, vencidas as dificuldades do primeiro contacto, adquirido o segredo da interpretação, se tem a súbita revelação dum mundo de rara poesia; enfim provou-se que a arte de Góngora é certamente difícil e complexa, porque dirigida a uma elite —*deseo hacer algo no para los muchos*, dizia o poeta— mas não propriamente obscura e impenetrável, como ainda afirma ronceiramente a pedagogia oficial dos manuais escolares.

Contudo, alguma coisa tem faltado a essa simpática revolução dos estudos gongorinos: a contribuição que para esse movimento pode fornecer o espólio riquíssimo dos arquivos portugueses. Porque, precisamente um dos problemas mais interessantes a resolver é o estudo e classificação dos manuscritos, saídos do escritório de Góngora, e o apuramento e a explicação das suas variantes. Ora é perfeitamente natural, dado o interesse literário de Góngora pelas cousas portuguesas e o vivo intercâmbio que unia os escritores de cá e de lá, que o grande poeta cordovês ou alguém por ele fizesse chegar até nós algumas cópias dos seus originais.

Logo na grande polémica, travada por ocasião da divulgação do *Polifemo* e das *Soledades*, depois de 1613, intervém um português, autor duma curiosa carta a D. Luis, que se intitula natural de Lisboa e haver estudado na Universidade de Coimbra¹. Será essa carta efectivamente de Lope de Vega, *echadiza*, como geralmente se crê, ou não será mais simples ver no autor um português, residente

¹ Publicada na última edição completa das obras de Góngora, por Millé y Giménez (Madrid, Aguilar), a pp. 1150-1154.

ao tempo em Madrid e amigo de Lope de Vega?¹ Há pois um estudo bem curioso a fazer sobre as relações literárias de Góngora com escritores portugueses, tomando naturalmente em consideração o papel que nessas relações teria exercido como medianeiro, o melhor discípulo de Góngora, o Conde de Villamediana, do qual se conservam bastantes manuscritos em bibliotecas portuguesas².

Efectivamente existe na Biblioteca Nacional de Lisboa, na secção dos manuscritos (n.º 3:266), uma redacção incompleta da primeira *Soledad* de Góngora, que publicamos hoje na íntegra e em edição diplomática, dado o indiscutível interesse literário que oferece, por representar a primeira ou uma das primeiras versões do célebre poema. O fragmento, escrito em letra do século XVII, está inserto em uma miscelânea, que contém poesias, por vezes latinas, do século XVIII. A foliação, que indicamos no texto, logo mostra que houve um erro ao encadernar o livro, donde resultou que ao verso *la dulce confection hazer podia* se tenha seguido erroneamente no manuscrito, assim cosido, o verso *Sus distantes extremos*. Remediamos, é claro, esse erro.

Não deixa de ser singular o facto de o texto vir dividido pelo copistas ou copista em 1.ª, 2.ª e 3.ª partes, e ainda a circunstância de, pelo menos a rubrica da 2.ª parte, estar em sítio absolutamente deslocado. O escriba, vendo, depois da dedicatória, a menção de 1.ª parte, julgar-se-ia no dever de repartir em três partes a composição? Ou, conhecida a vontade do autor de dividir as *Soledades* em quatro partes, o redactor esperaria o resto do poema (julgava que fôsse só um) para constituir a 4.ª parte? Esta última hipótese é arriscada e supõe naturalmente que a primeira *Soledad* tivesse sido confiada a alguém ainda por acabar, cousa de resto frequente em Góngora, cujo desprendimento nesse sentido é por demais notório³. O fragmento lisboeta (designá-lo-emos por *L*) abonaria esta hipótese, porque repete, no final, a palavra com que acaba e não a

¹ Lucien-Paul Thomas considerava-o português (*Le lyrisme et la préciosité cultistes en Espagne*, 102-103) e M. Artigas vacila na identificação com Lope de Vega. Vid. *Don Luis de Góngora*, Madrid, 1925, p. 131. Suspeitamos, por várias razões, entre as quais a quasi coincidência do nome e a terra da naturalidade, que o desconhecido autor da carta seria António Lopes da Veiga, escritor português, natural de Lisboa, onde nasceu por 1586, residente em Madrid e grande amigo de Lope de Vega, que altamente o elogia no *Laurel de Apolo*.

² Lembramos provisoriamente os nomes de D. Francisco de Portugal e D. Gonçalo Continho, que, segundo se refere no *Hospital das Letras*, mostrara a Góngora composições de António Gomes de Oliveira.

³ Alfonso Reyes, *Cuestiones gongorinas*, Madrid, 1927, pp. 55-59.

palavra inicial do verso seguinte. Se assim fôsse, e levando o raciocínio às suas últimas conseqüências, a versão *L* representaria o primeiro borrão de Góngora, borrão incompleto, pois que o poeta ainda não tinha terminado a 1.^a parte do seu grande poema lírico. Sem insistir nesta simples presunção, e reconhecendo aliás a sua responsabilidade e insuficiente consistência, vamos ver se as particularidades do texto, que foi aliás alterado por copistas¹, justificam a afirmação de se tratar da primeira ou das primeiras versões da primeira *Soledade* gongorina.

Quando concluiu a primeira *Soledade*, em fins de 1612 ou princípios de 1613, enviou Góngora cópia dela e do *Polifemo* ao seu amigo, o distinto humanista Pedro de Valencia. Este, em 30 de Junho de 1613, escrevia ao poeta uma carta de amigável censura, na qual, a par dos mais rasgados elogios, critica alguns processos da sua arte, o ilógico e complicado do metaforismo e a violentação do uso tradicional da língua. Pelo que respeita à *Soledade*, Pedro de Valencia cita expressamente três passos, que alcunha de «gracias o burlas», e que, em sua opinião, afeavam o magnífico conjunto lírico do poema. Êsses três lugares, sobre os quais Dámaso Alonso nos deu em 1927 um magnífico estudo², não aparecem nas edições vulgares das *Soledades*, incluindo a 1.^a edição, de 1627, à qual são referidas as nossas notas de fim de página, e que designamos pela letra *A*.

Um desses passos, *por absolvelle escrúpulos al caso*, e os versos que lhe andam affectos e constituem variantes dos vv. 145-148 da edição corrente, foi encontrado por fortuna pelo erudito gongorista num manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid. Os outros dois,

¹ Essas alterações consistem em erros propriamente ortográficos (*e* por *b* e *b* por *v* e alguns portuguesesismos, p. ex. *agora*), em faltas cometidas por precipitação ou pouca atenção do copista (a influência duma palavra anterior fez-lhe por vezes estropiar o verso e até a rima. Ex: v. 42 *station primera*, influência do anterior *Primera parte*; v. 266 *piadosos alagos*, por *verdes alagos*, influência do ant. v. 264 *piadosas yedras*) e em erros propriamente psicológicos, devidos à reacção natural do escriba em face duma língua, que tão violentamente rompia com os hábitos da loquela corrente. Assim, por exemplo, topando no v. 551 *más anegó lágrimas* corrigiu espontaneamente em *mar anegó en lágrimas*; no v. 735, sentindo que ao substantivo *hierro* competia um adjectivo duro, modificou pavorosamente *hierro agudo* em *hierro duro* com prejuizo da rima, etc.

Há enfim dois versos a mais, 115 e 823. O primeiro, supômo-lo uma tontice do escriba. Não pode ser de Góngora.

² *Temas gongorinos*, in «Rev. de Filología Española», xiv, 347-368.

el arroyo revoca los mismos autos de sus cristales e las islas son paréntesis frondosos al periodo de su corriente, encontrou-os Dámaso Alonso nas *Lecciones Solemnas* de Pellicer (1630) e num manuscrito da livraria do Duque de Medinaceli. Essas versões censuradas, conclui D. Alonso, são as primitivas e logo foram emendadas por D. Luis, nem sempre com felicidade, como sucedeu com o 2.º e 3.º lugares citados, que tinham na primeira versão um esplêndido desenvolvimento.

L também documenta, com omissão dos três versos finais, a versão de Pellicer, que trabalhou sobre manuscritos preciosos, portadores de variantes primitivas. Documenta e corrige, neste e noutros pontos, como veremos. Assim, temos, segundo *L*, o trecho desta maneira, devidamente pontuado:

con torcido discurso, aunque prolijo,
 tiraniza los campos útilmente,
 orladas sus orillas de frutales,
 sí, de flores tomadas. No a la boca
 derecho corre: mientras no revoca
 los mismos autos el de sus cristales,
 huye un trecho de sí, alcázase luego.
 desvíase, y, buscando sus desvíos,
 errores dulces, dulces desvarios
 hazen sus agnas con lascivo juego;
 engazando edificios en su plata,
 de quintas coronado, se dilata
 majestuosamente,
 en brazos dividido caudalosos
 de islas, que paréntesis frondosos
 al periodo son de su corriente.

Aparte aqueles três versos finais da lição de Pellicer, que, embora belos, duvidamos se pertenceriam à 1.ª versão, *L* corrige em dois pontos importantes aquele texto: dá-nos a lição verdadeira *boca* = foz, em vez da assonância *Aurora* e esclarece com o vocábulo *juego* aquele quási inexplicável *fuego*.

Por aqui vemos já o parentesco que liga o nosso manuscrito aos que Pellicer consultou e de que nos refere por vezes as variantes. Esse parentesco confirma-se para outros passos do poema. Depois do v. 290 *juventude florida* (ed. Giménez) e 335 de *L*, achou Pellicer em alguns manuscritos o seguinte desenvolvimento:

treinta robustos montaraces duenos
 de las que a los pitones
 en la tierna hijuela tomer vieras.

No va a la vaca, no en las empulgueras
del arco de Diana,
damiera serrana!

L corrige Pellicer num passo fundamental, truncado no comentador de Góngora, que certamente se servia de textos piores que o de Lisboa: dá a verdadeira medida e a verdadeira rima àquele verso *de las que aun los pitones dos pequeños*.

Emfim, mais adiante, na curiosa descrição do pavão, Pellicer dá-nos a variante, que vira *em muitos manuscritos*:

Tu, ave peregrina,
cuya cuna en los últimos remates
del occidente queda.
Sea, si enojo no, pompa a tu rueda,
que en cuanto tu collar se determina
a ser todo zafiro y no granate
destinada la ves
a goloso himeneo.

L corrige ainda aqui o texto deturpado de Pellicer:

.....
Sea sí enojo, no pompa tu rueda
.....
a ser zafiro todo o ser granates

Em conclusão: o manuscrito lisboeta representa sem dúvida nenhuma, e numa redacção, ainda que defeituosa, mais apurada e mais próxima da origem, êsses manuscritos de que Pellicer se servia, anteriores à data da primeira impressão da obra gongorina. Resta averiguar agora quais serão as relações de *L* com a cópia enviada a Pedro de Valencia para efeitos de censura.

Em principio, é impossível a identificação das duas cópias, pois que aquele verso censurado (*por absolvelle escríptulos al vaso*) não está representado em *L*. Não temos, infelizmente, aquela lista de correcções, que o censor enviou ao poeta e que tanto poderiam esclarecer o problema². Mas podemos avançar duas hipóteses: ou *L* é a cópia enviada a Pedro de Valencia, corrigida *apenas* no lugar

¹ Giménez traz êste e os outros passos de Pellicer na sua edição (pp. 1253-1254).

² Em todo o caso é perfeitamente lícito supor que os passos que em *L* são diferentes dos da 1.^a edição seriam na sua maior parte aqueles que Pedro de Valencia censurara. Dámaso Alonso provou no seu trabalho, contra a tese de Menéndez y Pelayo, o caso que Góngora fazia dos reparos do amigo. Cf. Alfonso Reyes, *Cuestiones gongorinas*, 60-62.

em questão¹; ou — o que nos parece mais provável — representará uma versão paralela, constante do próprio borrão do poeta, aproveitada, depois das censuras, para a versão definitiva. Góngora era um artista inquieto e difícil: não é absurdo supor que o seu borrão, sobretudo o das *Soledades*, dado o complicado da sua arte, contivesse numerosas emendas e hesitações, fonte de outras tantas variantes.

Não podemos, em todo o caso, acreditar à letra no que diz López de Vicuña sobre o método de trabalho de Góngora. Segundo o editor, o poeta não guardava o original das composições e quando, depois de terem corrido mundo, em várias cópias, chegavam de novo às suas mãos, já mal as reconhecia. O próprio Góngora desmente a atoarda, dizendo em carta de 1623 a Cristóbal de Heredia que ia fazer a «impressão e emenda dos seus borrões». De resto, a darmos fé às declarações de López de Vicuña, ainda havia que considerar outro problema: donde iriam parar os borrões, de que Góngora tão *desprendidamente* se desfazia?

Uma cousa se nos afigura absolutamente certa: a feição primitiva de *L* e, por consequência, a sua enorme importância para a investigação dos processos artísticos de Góngora. Esse primitivismo ressaltava ainda de dois factos: a conservação da primeira forma do v. 47, *en dehesas azules paze estrellas*, atestada por D. Francisco del Villar e pelo abade de Rute no *Examen del Antídoto* de Jáuregui²; e o curioso emprêgo estilístico que dá ao advérbio *si*, que Pedro de Valencia lhe censurava de usar com «particular significação». O nosso manuscrito é precisamente uma prova de que Góngora foi particularmente sensível a este reparo do seu amigo, que o obrigou assim a anular, para lhe comprazer, uma das suas mais originais criações de estilo. Vejamos alguns exemplos.

A maior parte das vezes usa Góngora *si* como conjunção copulativa, substituída infelizmente, depois da censura de Valencia, por *y* ou *e*. Adoptava o poeta, talvez sem o saber, um processo corrente no latim da decadência, que havia de frutificar no francês antigo e no rumeno.

¹ Essa correção parcial poderia ser feita pelo próprio autor — caso menos aceitável — ou por um esrahu, que introduziria na sua cópia aquela variante já autorizada pelo poeta.

² Francisco Cascales, *Cartas filológicas*, in «Biblioteca de Autores Españoles», LXII, 484; o *Examen* do abade de Rute foi publicado por M. Artigas em *D. Luis de Góngora*, 400-467. O passo em questão encontra-se a p. 407. Nenhum texto do poema, impresso ou manuscrito, o cita, segundo nos comunicou amavelmente o prof. Dámaso Alonso.

Góngora procura dotar de maior força expressiva, de mais graça e energia a frouxidão natural da coordenativa; com o emprêgo do *si* não só aumenta a intensidade do segundo termo da relação, como introduz um elemento pessoal na narrativa, que a simples conjunção *y* não comporta de modo nenhum. Logo, o emprêgo de *si* torna mais lírica a frase, porque o poeta intervindo subitamente na descrição, parece querer tirar de dúvidas o leitor, redobrando com a afirmativa o efeito da sugestão anterior. É enfim um processo de intensificação de imagens, plenamente justificado pela natureza hiperbólica da arte de Góngora. Vejam-se os vv. 96, 209, 244, 817. A pontuação dos vv. 243-244 deve pois ser aquela que demos acima: *orladas sus orillas de frutales, | si, de flores tomadas*. Como quem diz: «não só bordadas as suas margens de frutais, como ainda tomadas de flores». O *si* prepara e de ante-mão abona a maior força expressiva do termo *tomadas*, comparado com *orladas*.

Aparece ainda o advérbio usado como uma espécie de conjunção causal (= visto que, pois que), no v. 380: *y con razón: si, el tálamo desdeña | la sombra aun de lisonja tan pequeña*. Góngora substituiu o expressivo e pessoal *si* por um causal *que*, portador de maior clareza mas de muito menos graça e humor¹.

Como conjunção adversativa (=mas, mas sim) vemos o nosso advérbio no v. 143, numa construção elíptica: [*es*] *tu fíbrica si pobre*. Góngora alterou o texto num sentido de maior clareza *tu fíbrica son pobre*, pondo *retama* no plural.

Aí temos pois alguns exemplos de passos do seu poema, corrigidos por Góngora, sob a inspiração de Pedro de Valencia. Um artista tão pessoal, como ele, consentia em se despersonalizar para agradar aos amigos. A tese defendida por Dámaso Alonso contra a suposição de Menéndez y Pelayo fica ainda aqui amplamente comprovada.

RODRIGUES LAPA.

¹ O verso também se poderia pontuar assim, o que lhe aumenta talvez a delicada ironia: *y con razón, si: el tálamo desdeña*, etc. É claro que nestes exemplos o *si* não perde a sua categoria adverbial. Sobre o carácter humorístico doutra fórmula, *si no*, em Góngora veja-se Dámaso Alonso, *Temas gongorinos*, 366-367.

[fl. 49]

**Primera parte de la Soledad
de D. Luis de Gongora,
dirigida al excellentissimo Duque de Vexar.**

Passos de un perigrino son errante
 5 quantos me dicto uersos dulce musa
 en soledad confusa;
 perdidos unos, otros inspirados
 ó tu ñ de venablos impedido
 muros de abeto almenas de diamante
 10 bates los montes, ñ de niebe armados
 gigantes de cristal los teme el cielo
 donde el cuerno de eco repetido
 fieras te expone que al teuado suelo
 muertas, pidiendo terminos disformes
 15 espumoso coral le dan al Tormes.
 Arrima a un fresno el fresno cuio azero
 sangre sudando en tiempo hare breve
 purpurear la niebe [fl. 49 v]
 y enquoanto da el solícito montero
 20 al duro roble al pino lebantado
 emulos viuidores de las peñas
 las formidables señas
 del oso que aun vesaua atrauessado
 la hasta de tu luciente rabalina
 25 o lo sagrado suppla de la encina
 lo augusto del dosel o de la fuente
 la alta cenefa, lo magestuoso
 do el sitial a tu deidad deuado
 o Duque esclarecido
 30 templa en sus ondas tu fatiga ardiente
 y entregados tus miembros al reposo
 sobre el de grama cespel no desnudo
 dexate un rato allar del pie acertado
 que sus errantes passos ha votado
 35 a la real cadena de tu escudo

17 hare. *Possivelmente êrro por haze. Cf. hará A. 19 al A. 24 rabalina Ms.*
 28 del sitial A. 30 templa A.

honre suaue generoso ñudo
 libertad de fortuna perseguida [fl. 50]
 que a tu piedad Euterpe agardecida
 su canora dara dulce instrumento
 40 quoando la fama no, su trompa al uiento.

Primera parte.

Era del año la station primera
 en que el mentido robador de Europa
 media luna en su frente
 45 y el sol todos los raios de su pelo
 luciente horror del cielo
 en debezas azules paze strellas
 Quoando el que ministrar podia la copa
 a Jupiter mijor que el guarçon de Ida
 50 naufrago y desdeñado sobre ausente
 lagrimossas de amor dulces querellas
 da al mar, q̃ condolido
 fue a las ondas, fue al uiento
 el misero gemido
 55 segundo de Arion, dulce instrumento.
 Del siempre en la montaña oppuesto pino [fl. 50 v]
 al enemigo Noto
 piadoso miembro roto
 breue tabla Delphin no fue pequeño
 60 al inconsiderado perigrino
 que a una Lybia de ondas su camino
 fio, y su uida a un leño.
 Del oceano pues antes sorbido
 y luego vomitado
 65 no lexos de un escollo coronado
 de secos inncos de caliente pluma
 alga todo y spuma
 hallo hospitalidad donde allo nido
 de Jupiter el aue
 70 besa la arena y de la rota naue

39 canero A. 42 estacion florida A. 44 media luna las armas de su frente
 A. 46 honor A. 47 en campos de safiro paze estrellas A. 50 naufragò A.
 66 calientes plumas A. 67 espumas A.

- aquella parte poca
 q̃ lo expuso en la playa da a la roca
 que aun se dexan las peñas
 lyiongear de agradecidas señas.
 75 Desnudo el joben quocanto ya uestido
 el oceano a beuido
 restituir le haze a las arenas [fl. 51]
 y a el sol lo stiendo luego
 que lamiendolo apenas
 80 con dulce lengoa de templado fuego
 no sin suaue stylo
 la menor onda chupa al menor hilo.
 No bien pues de su luz los orizontes
 que azian desigual confussamento
 85 montes de agoa y pielagos de montes
 desdorados los siente
 quando entregado el misero estrangero
 en lo q̃ ya del mar, redimio, fiero.
 entre spinas crespuculos pisando
 90 riscos que aun, igualara mal uolando
 veloz entrepida ala
 menos cansado q̃ confuso escala.
 Bencida al fin la cumbre
 del mar siempre sonante
 95 de la muda campaña
 aruitro igual, si inexpunable muro
 con pie ia mas seguro [fl. 51 v]
 declina al vacilante
 breue splendor de mal distinta lumbr
 100 farol de una cabaña
 que sobre el ferro esta en aquel incierto
 golfo de sombras anunciando el puerto
 Rajos les dice ya q̃ no de Leda
 tremulos hijos sed de my fortuna
 105 termino luminoso y recelando
 de la imbidiosa barbara arboleda
 interposicion quando

72 dio a la roca A. 75 ya el vestido A. 76 Oceano ha A. 78 y al A.
 80 su dulce A. 81 lento le embiste y con suaue estilo A. 89 crespuculos Ms.
 96 è inexpugnable A. 97 ramas Ms. 106 de embidiosa A.

- de uientos no coniracion alguna
 qual aziendo el villano
 110 la fragosa montaña facil llano
 attento sigue aquella
 aun apesar de las tinieblas bella
 aun apesar de las strellas clara
 piedra, indigna tiara
 115 de bien indigna frente
 (si tradicion apochripha no miente)
 de animal tenebroso cuiá frente [fl. 52]
 carro es brillante de nocturno dia
 tan dilligente el passo el joben apressura
 120 mediendo la spessura
 con igual pie que el raso.
 fixo a despecho de la niebla fria
 en el carbunco norte de su aguja
 o el austro brame o la alameda cruja.
 125 el can ya vigilante
 conuoca dispidiendo el caminante
 y la que desuiada
 era luz poca parecio tanta nezina
 que iace en ella la robusta encina
 130 mariposa en cenizas desatada.
 llego pues el mancebo, y saludado
 si ya no con magnificas palabras
 de los conductidores fue de cabras
 que a Vulcano tenian coronado
 135 o bien auenturado
 albergue a qualquier hora
 templo de Pallas alqueria de Flora
 no moderno artificio [fl. 52 v]
 borro designios uosquejo modelos
 140 al concabo aiustado de los cielos
 el soblime edificio
 ratama sobre robre
 tu fabrica si pobre

115 *Este verso não aparece em A e parece estar a mais.* 119 *tan; tal A.*
 123 *carbunco A.* 124 *el arboleda A.* 128 *luz poca pareció, tanta es nezina A.*
 132 *sin ambicion, sin pompa de palabras A.* 137 *templo de Pales, alcaria de*
 Flora A. 140 *ajustando A.* 142 *retamas A.* 143 *son pobre A.*

- do guarda en uez de azero
 145 la ignorancia al cabrero
 si el siluo no al ganado
 o bien auenturado
 aluergue a qualquier hora
 no en ty la ambicion mora
 150 hydropica de uiento
 ny la ñ su alimento
 el aspid es egyptano
 no la que en nulto comencando humano
 acaba siempre en fiera
 155 Ephinge bachillera
 que ya hace a Narciso
 Ecos solicitar desdeñar fuentes
 ni la ñ en saluas gasta impertinentes
 la poluora del tiempo mas precioso [fl. 53]
 160 ceremonia profana
 que la sinceridad burla uillana
 sobre el corbo cayado.
 o bien auenturado
 albergue a qualquier hora
 165 tus umbrales ignora
 la adulacion syrena
 de reales palacios, cuio arena
 beso ya tanto leño
 tropheos dulces de un canoro sueño.
 170 No a la soberuia esta aqui la mentira
 dorandole los pies enquoanto gyra
 la sphaera de sus plumas
 ni de los raios baxa a las espumas
 fabor de cera alado.
 175 o bien auenturado
 albergue a qualquier hora
 no pues de aquella sierra engendradora
 mas de fierezas ñ de cortesias [fl. 53 v]
 la gente parecia
 180 que hospedo al forastero

145 inocencia A. 146 mas que el siluo al ganado A. 152 Gitano A. 154 en mortal fiera A. 155 Ephinge Ms. Por Esphinge. 156 que haze oy a Narciso A. 159 precioso Ms. Por preciso A. 167 cuya A. 178 cortesias Ms. Por cortesia A.

- con pecho igual de aquel candor primero
 que en las seluas contento
 tienda el frexno le dyo el roble alimento.
 Lympio sayal en uez de blanquo lino
 185 cubrio el quadrado pino
 y en box aunq̃ rebelde, a quien el torno
 forma elegante dyo sin culto adorno.
 leche que esprimir uio la alva aquel dia
 mientras perdian con ella
 190 los blancos lylios de su frente bella
 gruesa le dan y fria
 impenetrable casi a la cuchara
 del biejo Alamedon inbencion rara
 el que de cabras fue dos vezes ciento
 195 sposo quasi un lustro, cuio diente
 no perdono racimo aun en la frente
 de Bacho, quoanto mas en su sarmiento
 triumphador siempre de celosas lydes
 lo coronó el amor, mas riuál tierno
 200 breue de barba y duro, no de cuerno. [fl. 54]
 Redimio con su muerte tantas uides
 seruido ia en zezina
 purpureos hilos es de grana fina
 Sobre corchos despues mas regalado
 205 sueño le solicitan pieles blandas
 qual principe entre olandas
 purpura tyria o mylanes borcado.
 no de humosos uinos agrauado
 es Sisipho en la cuesta si en la lumbré
 210 de ponderosa uana pesadumbre
 es quoanto mas dispierto mas burlado
 de trompa militar no o de templado
 son de caxas, fue el sueño interrumpido
 de can si, embrauecido
 215 contra la seca oja
 que el uiento repelo a alguna coscoja
 Durmyo y recuerda al fin quoando las aues

183 el roble alimento A. 193 Alamedon. También podría ler-se Alamedin, com i sem ponto. Erro por Alcimedon A. 196 no perdono a razimo A. 206 que al Principe A. 209 y en la cumbre A.

- esquilas dulces de sonora pluma
 señas dieron suaves
 220 del alba al sol, q̃ el pañellon de espuma
 dexo, en su carroça
 rayo el uerde ouelisco de la choza.
 Agradecido pues el perigrino [fl. 54 v]
 dexa el aluergue y sale acompañado
 225 de quien lo lleba donde leuantado
 no lexos del camino
 imperioso mira la campaña
 un escollo aplazible galeria
 si teatro no fue de dulce algun dia
 230 de quoyantos pisan faunos la montaña
 llego y a uista tanta
 obediciendo la dudosa planta
 immobil se quedo sobre un lantisco
 uerde balcon del agradable risco
 235 si mucho poco mapa le despliega
 mucho es mas lo q̃ nieblas desatando
 confunde el sol y la distancia niega
 muda la admiracion habla callando
 y ciega, un rio sigue q̃ luciente
 240 de aquellos montes hijo
 con torcido discurso aunq̃ prolixo
 tiraniza los campos util mente
 orladas sus orillas de frutales
 si de flores tomadas no a la voca
 245 derecho corre mientras no reuoca
 los mismos autos el de sus cristales [fl. 55]
 huye un trecho de sy alcancasse luego
 desuiasse y buscando sus desuios
 errores dulces, dulces desuorios

220 de la Alua A. 221 y en su A. 226 distante pocos passos del camino A.
 228 apacible A. 229 que festiuo teatro fue algun dia A. O verso seria provàvel-
 mente si teatro no fué dulce algun dia. 233 lentisco A. 235 les despliega A.
 244-256 Esta parte é diferente em A: quiera la copia que su cuerno sea, | si al
 animal armaron de Amaltea | diafanos cristales, | engazando edificios en su pla-
 ta, | de muros se corona, | rocas abraça, islas aprisiona, | de la alta gruta donde
 se desata, | hasta los jaspes liquidos, adonde | su orgullo pierde, y su memoria
 esconde. Cf. Damaso Alonso, *Temas gongorinos*, in *Rev. de Filol. Esp.*, xiv (1927),
 pp. 358-364.

- 250 hazen sus aguas con lasciuo iuego
engazando edificios en su planta
de quintas coronado se dilata
magestuosa mente
en bracos diuidido caudalosos
255 de islas q̃ parentesis frondosos
al periodo son de su corriente.
Aquellas q̃ los arboles apenas
dexan ser torres oy, dixo el cabrero,
con muestras de dolor extraordinarias,
260 las estrellas nocturnas luminarias
eran de sus almenas
quando el q̃ nes sayal fue limpio azero
yazen agora, a tus desnudas piedras
vistien piadosas yedras;
265 que a ruinas y stragos
sabe el tiempo azer piadosos alagos.
Con gusto el joben y atencion le oya
quoando torrente de armas y de perros
que si precipitados no los cerros
270 las personas tras de un lobo trahya. [fl. 55 v]
Tierno discurso y dulce compañía
dexar hizo al serrano
que del sublime y espacioso llano
al huesped al camino reduciendo
275 al uenatorio struendo
passos dando belozes
numero crece y multiplica bozes.
Baxaba entre si el jobon admirado
armado a Pan o semicapro a Marte
280 en el pastor metidos q̃ con arte
culto principio dio al discurso, quando
remora de sus passos fue su oido
dulce mente impedido
de canoro instrumento q̃ pulsado
285 era de una serrana iunto a un tronquo

251 planta Ms. 252 quintas Ms. 254 bracos Ms. 263 yazen ahora, y sus
desnudas piedras A. 265 y a estragos A. 266 verdes halagos A. 267 lo oia A.
273 sublime espaciõso A. 274 al camino Ms. A. 278 jobon Ms. 278 admirado
Ms., admirando A. 280 mentidos A.

- sobre un arroyo de queixarse ronco
 mudo ya entónçes quoando no enfrenado.
 Otra no lexos montaraz zagala
 juntaba el cristal liquido a lo humano
 290 por el arcadux bello de una mano
 q̃ al uno menos precia al otro iguala
 del uerde margen otra las mijores
 rosas traslada y lylios al cabello [fl. 56]
 o por lo matizado o por lo bello
 295 si aurora no con raios, sol con flores
 negras picarras entre blanquos dedos
 tan dulce mente hiere otra q̃ dudo
 que aun los penascos la escucharan quedos;
 al son pues deste roido
 300 sonoro instrumento
 lasciua el mobimiento
 mas los ojos honesta
 altera bailando otra la floresta.
 Tantas al fin del arroiolo y tantas
 305 montanhezas da el prado, q̃ dirias
 ser menos las q̃ uerdes Amadrias
 abortaran las plantas
 inundacion hermosa
 q̃ la montaña hizo populosa
 310 de sus aldeas todas
 a pastorales bodas.
 De una enzina embeuido
 en lo concabo el joben mantenia
 la uista de hermosura y el oydo
 315 de metrica Armonia
 el sileno buscaba [fl. 56 v]
 de aquellas q̃ la sierra dyo uacantes
 si Nymphas ya no herrantes
 el hombro sin aliaba
 320 o si del Termodoonte

287 mudo sus ondas, quando no enfrenado A. 288 otra con ella A. 289 al humano A. 296 picarras Ms. 297 ingeniosa hiere otra A. 298 peñascos A. 298 le escucharan A. 299 roido Ms. Cf. rudo A. 303 altera otra bailando A. 304 el arroyuelo A. 307 abortaron A. 318 ya que Ninfas las niega ser errantes A. 320 Termodonte A.

- emulo ya el arroyo desatado
 de aquel fragoso monte
 esquadron de Amazonas desarmado
 tremola em sus riberas
 325 pacificas banderas;
 unguo lascibo errante
 al uoto del mancebo
 el iugo de ambos sexos sacodido
 al tiempo q̃ de flores impedido
 330 el q̃ ya serenaba
 la region de su frente rajo nuevo
 purpurea ternerucla conducida
 de su madre no menos enramada
 entre albogues se offerece acompanhada
 335 de iuventud florida
 treinta robustos montarazes dueños
 de las q̃ aun los Pytones dos pequeños
 en la tierra hijuela temer uieras [fl. 57]
 no ay en la baca no las empulgueras
 340 del arco de Diana
 dameria serrana
 quien la serbix opprime
 con la manchada copia
 de los cabritos mas retoçadores
 345 tan gulosos q̃ gime
 el que menos peinar puede las flores
 de su guirnalda propia.
 No el sitio no fragoso
 no el torcido taladro de la tierra
 350 priuilegio en la sierra
 la paz del conexuelo temerosso
 tropheo ya su numero es a un hombro
 si carga no y assombro.
 Tu aue perigrina
 355 cuya cuna en los ultimos remates

321 emulo el arroyuelo A. 326 errante Ms. Cf. erraca A. 336-341 Esta parte é diferente em A: Qual dellos las pendientes sumas graues | de negras baxa, de cristadas aues, | cuyo lasciuo espeso vigilante | domestico es del Sol nuncio canoro, | y de coral barbado, no de oro | cine, sino de purpura turbante. 347 guirnalda A. 350 priuilegiò A. 355-361 Lição diferente em A: arrogante

- del occidente queda
 sea si ñojono pompa tu rueda
 ñ enquanto tu collar se determina
 a ser zaphiro todo o ser granates
 360 destinada la veo [fl. 57 v]
 a guloso Hymineo.
 Sobre los hombres larga bara ostenta
 en cien aues cien picos de rubyes
 tafiletes calçados carmesies
 365 imbidia sino affrenta
 aun de los Berberiscos
 en la inculta region de aquellos riscos.
 Lo ñ llo ro el aurora
 sy es nectar lo ñ llo ra,
 370 y antes quel sol enxuga
 la abeia ñ madrugá
 a liuiar flores y chupar christales
 en zeldas de oro liquido en panales
 la orça contenia
 375 ñ un montañez traya.
 No excedia la oreja
 el pululante ramo
 del tierneruelo guamo
 ñ mal llebar se dexa
 380 y con raçon sy el talamo desdeña
 la sombra aun de lijonsa tan piqueña
 el arco del camino pues torcido
 ñ no ya sin trabajo
 porñ la fragosa cuerda del atajo [fl. 58]
 385 abian las serranas desmentido
 de la cansada iuventud bencido
 los fuertes hombros con las cargas graves
 treguas echas suaues
 suenho le oferece a quien busco descanso

esplendor, ya que no bello | del vltimo Occidente, | penda el rugoso nacarde tu frente | sobre el crespo safiro de tu cuello, | que Himeneo a sus mesas te destina. **357** *Passo duvidoso. Também se poderia ler* se a siñ no sono, ou ainda sea si ñ no jerto. **362** Sobre dos hombrôs A. **364** calçadas A. **365** emulacion y affrenta A. **372** a libar flores, y a chupar A. **378** ternezuelo A. **380** que el talamo A. **383** que auian con trabajo A. **384** por la fragosa A. **385** las gallardas serranas desmentido A. **385** abian Ms. *También se poderia ler* abrán.

- 390 el ya sanhudo arroyo aguora manso
 merced de la hermosura q̃ ha hospedado
 efectos sino dulces del contento
 que en las lucientes de marfil clauijas
 las duras cuerdas de las negras guijas
 395 hizieron a su curso acelerado
 enquanto a su furor perdono el uiento.
 No tardo mas en renunciar la enzina
 el estrangero errante
 q̃ en reclinarse el menos fatiguado
 400 sobre le grana q̃ se uiste fina
 su bella amada deponiendo amante
 en las nestidas rosas su cuidado
 saludolos a todos cortez mente
 y admirado no menos
 405 de las serranas q̃ correspondido
 las sombras solicita de una peñas
 de lagrimas los tiernos ojos llenos [fl. 58 v]
 reconociendo el mar en el uestido
 que beberse no pudo el sol ardiente
 410 las que siempre dara ceruleas señas
 politico serrano
 de canas graue hablo desta manera;
 qual tygre la mas fiera
 que clema infame Hyrcano
 415 dio el primer alimento
 al que de aquel ya deste mar primero
 sulco labrador fiero
 el campo undoso en mal nacido pino
 uaga Chice del uiento
 420 en telas echo, sino en flor de lino
 mas armas introduxo este marino
 monstro escamado de inconstantes hajas
 a las q̃ tanto mar diuidió playas
 q̃ ya introduxo fuego

392 conciento A. 397 menos en renunciar tardò la enzina A. 402 cuidado Ms; cuidado A. 405 de los serranos A. 406 unas A. 414 que clima infamò A. 416 al que ya deste, o de aquel mar primero A. 419 Chicie A. 420 en telas hecho, antes que en flor el lino A. 422 de robustas ayas A. 424 que confusion y fuego A.

- 425 al frixio muro el otro leño griego
 nautica industria inuestigo y a piedra
 que qual abraça yedra
 escollo, el metal ella fulminante
 de q̃ Marte se uiste y lysongera
 430 solicita el q̃ mas brilla dyamante
 en la nocturna capa de la sphaera
 strella a nuestro polo mas uezina [fl. 59]
 y con birtud no poca
 distante la reuoca
 435 eleuada la inclina
 ya de la aurora uella
 al rosado balcon y a los q̃ sella
 cerulea tumba fria
 las cenizas del dia.
 440 En esta pues fiandosse atractiua
 del Norte amante dura alado roble
 no ay tormentos, o cabo q̃ no doble
 ni isla ay a su buelo fugitiba
 Tiphis el primer leño mal seguro
 445 conduxo, muchos luego Palinuro
 si bien por un mar ambos q̃ la tierra
 estanque dexo hecho
 cuio famoso estrecho
 una y otra de Alcides llaue çierra
 450 piloto la codicia no de errantes
 arboles mas de selbas inconstantes
 al padre de las aguas oceano
 de cuya monarchia
 el sol que cada dia
 455 nace en sus ondas y en sus ondas mueres
 los terminos saber todos no quiere
 dexo primero de su spuma cano [fl. 59 v]
 sin admitir segundo
 en uincular sus terminos al mundo.
 460 Abetos suyos tres aquel trydente
 uiola arena Neptuno

426 tal piedra A. 437y a a la que sella A. 442 tormentoso cabo A. 450 pi-
 loto oy la codicia A. 455 mueres Ms. 459 en inculcar sus limites A. 461 yio-
 laron a Neptuno A.

- conculcado hasta ally de otro ninguno
 y uiendolas que al sol el occidente
 le corre en leche azul de aguas marinas
 463 turquezadas cortinas
 apesar luego de aspides uolantes
 sombra del sol y tosico del uiento
 de Caribes flechadas sus banderas
 siempre gloriosas siempre tremolantes
 470 rompieron los que armo de plumas ciento
 el Istmo indios sino aladas fieras
 el Istmo ñ al Oceano diuide
 y sierpe de chrystal iantar le impide
 la cauega del Norte coronada
 475 con la que lustra el sur cola escamada
 de Antarticas strellas
 segundos leños dio al segundo polo
 en nuebo mar ñ le rendio no solo
 las blancas hojas de sus conchas bellas
 480 mas bos, que lograr bien no supo Mydas
 metales homicydas [fl. 60]
 No le basto despues a este elemento
 conducir orcas alistar ballenas
 murarse de montañas spumosas
 485 infamar blanqueando sus arenas
 con tantas del primer atrebimiento
 señas aun a los buytres lastimosas
 para con estas spantosas señas
 temeridades enfrenar segundas
 490 tu codicia suya aun de las profundas
 estjgias agoas torpe marinero
 quocantos abre sepulchro el mar fiero
 a tus huessos desdeñas
 el promontorio polo que sus rocas
 495 candados hizo de otras nuebas grutas
 para el claustro de alas nunqua enxutas

463 besando las que A. 464 lecho açul A. 468 flechados A. 471 Lestrigones, el Istmo, aladas fieras A. 472 que el Oceano A. 475 ilustra A. 477 a segundo A. 479 hijas A. 480 mas los que A. 488 lastimosas señas A. 490 tu, codicia, tu pues de las profundas A. 492 sepulchro Ms; sepulcros A. 494 que Eolo sus rocas A. 496 claustro Ms; Austro A.

- para el Zierzo spirante por cien bocas
 doblaste alegre y tu obstinada entena
 cabo lo hizo de speranza buena.
- 500 Tantos luego astronomicos praesagios
 frustrados, tanta nautica doctrina
 debaxo aun de la zona mas bezina
 al sol, calmas uencidas y naufragios
 los reinos del aurora al fin besaste
- 505 cuyos purpureos senos por las notas
 cuias minas secretas
 oy te guardan su mas precioso engasto. [fl. 60 v]
 La aromatica selua penetraste
 que al pajaro de Arabia, cuyo buelo
- 510 arco alado es del cielo
 no corbo mas tendido
 pira le erije y lo construye nido.
 Zodiaco despues fue christalino
 a glorioso pino
- 515 emulo uago del ardiente coche
 del sol, este elemento
 casi tres uezes abra sido ciento
 dosel al dia, thalamo a la noche
 quanto allo de fugitiba plata
- 520 la visagra, si estrecha, abrasadora
 de un oceano, y otro siempre uno
 o las columnas uese o la escarlata
 tapete del aurora
 esta pues naue agora
- 525 en el humilde templo de Neptuno
 borrada immortal pende a la memoria
 con nombre de uitoria
 de firmes islas no la immobil flota
 en aquel mar del alua te describo
- 530 cuio numero ya ñ no lascibo
 por lo bello agradable y por lo vario
 la dulce confection hazer podia [fl. 70]

504 de la aurora A. 505 perlas netas A. 511 no corvo, mas teñido A.
 517 que quatro vezes auia sido ciento A. 518 y talamo A. 519 quando hallò
 A. 520 aunque estrecha A. 523 de la aurora A. 525 humido A. 526 varada
 pende a la immortal memoria A. 529 de la Alua A. 532 confusion A. A seguir

- que en los bellos stanques de Leucota
la uirginal desnuda monteria
- 535 haziendo escollos ya de mármol Pario
ya de terso marfil sus miembros vellos
que pudo bien antes perderse en ellos
al bosque diuidido en islas pocas
fragrante produtor de aquel aroma
- 540 que traducido mal por el Egypto
tarde lo encomendo el Nylo a su bocas
y ellas mas tarde a la gulosa Grecia
elabo no, spuela si del appetito
que enquoanto en conocello tardo Roma
- 545 fue templado Caton casta Lucrecia
quedesse amigo en tan inciertos mares
donde con my hacienda
mas de my alma la mas dulce prenda
cuya memoria buytre de pessares
- 550 en suspiros con esto
y en mar anego en lagrimas el resto.
de su discurso el montanez prolixo
quel uiento su caudal y el mar su hijo
consolallo pudiera el peregrino
- 555 con las de su edad corta, historias largas [fl. 70 v]
si uinculados todos a sus cargas
qual prouidas hormigas a sus miesses
no comencaran ya los montañezes
a esconder con el numero el camino
- 560 y el cielo con el poluo. enxugo el uiejo
del tierno humor las uenerables canas
y leuantado al forastero dixo
cabo me an echo hijo
deste hermoso tercio de serranas
- 565 si tu neutralidad sufre consejo
y no te fuerça obligacion precisa

a podia está indicado o coméço do verso que en los bellos stanques de Leucota, que inicia a fl. 70, rosto. 533 de Leucota Ms; erro fácil por del Eurota A. 535 o de marmol A. 536 o de terso A. 537 bien Acteon A. 538 el bosque A. 544 su Ms; a sus bocas A. 544 que quanto A. 548 de la alma se quedó la mejor prenda A. 549 cuya memoria es buytre de pesares A. 551 y en mas anegò lagrimas el resto A. 552 montañes A. 553 que el A. 553 el mar A. 558 comencaran Ms. 558 montañeses A. 562 y leuantando A.

- la piedad que en my alma ya te ospeda
 oy te combida al que nos guarda sueño
 politica alameda
- 570 verde muro de aquel lugar piqueño
 que apesar de sol frexnos se diuisa
 sigue la feminil tropa con miguio
 ueras curioso y honraras testiguo
 el thalamo de nuestros labradores
- 575 que de tu calidad señas mayores
 me dan ñ del oceano tus paños
 oracon falta donde sobran años.
 No pudo el estrangero agradecido [fl. 71]
 en tercio tal neguar tal compañía
- 580 ny en tan noble ocasion tal hospedaje.
 Alegres pisan la ñ sino era
 de chopos calle y de alamos carrera
 el fresco de los Zephiros roido
 el dentro de los arboles celaje
- 585 en duda ponen qual maior hazia
 guerra al calor o resestencia al dia.
 Coros texiendo voces alternando
 sigue la dulce esquadra montaña
 el lento arroyo si el arroyo lento
- 590 no sigue pereçoso y hurta blando
 entre los olmos ñ robustos vesa
 pedagos de christal quel mobimiento
 lybra en la falda en el cothurno ella
 de la columna bella
- 595 sy bien celosa basa
 dispensadora del christal no escasa
 sirena de los montes su contento
 a la ñ menos del sañudo uiento
 pudiera antigua planta
- 600 temer ruina o recelar fracaso
 passos hiziera dar el menor passo. [fl. 71 v]
 De su pie o su guarganta

571 que a pesar de esos fresnos. 577 oracon *Ms*; o razon *A*. 578 Mal pudo *A*. 580 y en tan *A*. 584 el denso *A*. 589-590 del pereçoso arroyo el passo lento, | en quanto el hurta blando *A*. 592 que el *A*. 595 ya que zelosa basa *A*. 597 sirenas *A*. 597 su conçento *A*.

- pintadas aues citaras de plumas
 coronaban la barbara capilla
 605 mientras el arroyelo para oylla
 haze de blanca spuma
 tantas orejas quantas guijas laba
 de donde es fuente adonde arroyo acaba.
 Beneodores se arrojan los serranos
 610 los consignados premios otro dia
 ya al formidable salto ya a la ardiente
 lucha, ya a la carrera poluorossa.
 El menos agil, quantos comarquanos
 comboca el caso el solo desafia
 615 y los palios consagra ya a su sposa
 q̃ a mucha fresca rosa
 beber el sudor haze de su frente
 maior aun del que espera
 en la lucha en el salto en la carrera
 620 zentro aplazible un circulo spacioso
 a mas caminos q̃ una strella rajos
 ya hazia de chopos ya de alysos
 donde la primauera
 calçada abriles y uestida maios [fl. 72]
 625 sentollas saca de christal undoso
 a un pedernal orlado de narcisos
 este pues centro era
 meta umbrosa al baquero combecino
 y delicioso termino al distante
 630 do a descansar no solo el caminante
 mas concorria el camino
 al concentro se abaten christalino
 sedientas las serranas
 qual simples codornizes al reclamo
 635 que les miente la box y verde zela
 entre la spiguada mies la tela
 musicas ojas uiste al menor ramo

605 arroyuelo A. 609 arrogan A. 615 consagrando los palios a su esposa A.
 620 apacible A. 622 hazia bien de pobos, bien de alisos A. 628 *Primeiro, o
 copista escreveu circumbezino, a seguir corrigiu.* 630 donde aun cansado mas
 que el caminante A. 631 concurría el camino A. 632 concento A. 636 spig-
 uada Ms. As primeiras letras não estão claras. 637 el menor A.

- del alamo q̃ peina uerdes canas
 no zephíros en el no ruiseñores
 646 lisonjear pudieran breue rato
 al montanez q̃ ingrato
 al fresco a la armonia y a las flores
 del sitio pisa ameno
 la fresca yerba qual la arena ardiente
 648 de la Lybia y a quantas da la fuente
 sierpes de aliofar aun mayor veneno [fl. 72 v]
 que a las de Panto tímido atribuye
 segun el pie segun el labio huye
 passaron todos pues y regulados
 650 qual en los equinoccios sulcar uemos
 los pielagos del aire lybre algunas
 volantez no gualeras
 sino grullas beleras
 tal uez creciendo y tal menguando lunas. [fl. 61]
 652 Sus distantes extremos
 caracteres tal uez formando alados
 en el papel diafano del cielo
 las plumas de su buelo
 ellas entanto en bobedas de sombras
 660 pintados siempre al fresco
 cubren las que Sydon telar turquesco
 no ha sabido imitar uerdes alfombras
 No abian reclinado la cabeça
 quoando en numero iguales y en belleza
 662 las márgenes matiza de la fuentes
 segunda primavera de uillanas
 que parientas del nouio aun mas zercanas
 que bezinos sus pueblos de presentes
 preuenidas concurren a las bodas
 670 mezcladas hazen todas
 teatro dulce no de scena muda
 el aplacible sitio spacio breue
 en q̃ apessar del sol quajara niebe

641 montañes A. 647 Ponto A. 648 segun los labios A. 654 creciendo, tal A. 655 *Por cima deste verso lê-se* Segunda parte de las Soledades, *com que se inicia a fl. 61.* 663 apenas reclinaron la cabeça A. 665 los margeues A. 665 de las fuentes A. 672 apazible A. 673 quajada nieue A.

- oy niebe de colores mil uestida [fl. 61 v]
 675 la sombra uio florida
 en la yerba minuda
 viendo pues que igualmente les quedaba
 para el lugar a ellas de camino
 lo que al sol para el lobrego occidente
 680 qual de aues se calo turba canora
 a robusto nogual que aceequias laba
 en zercado bezino
 quosando a nuestros Antypodas la aurora
 las rosas gozar dexa de su frente
 685 tal sale ya la que sin alas buela
 ermosa esquadra con ligero paso
 haziendole atalayas del occaso
 quantos humeros cuenta el aldehuela.
 El lento esquadron luego
 690 alcançan de serranos
 y dissolviendo ally la compaña
 al pueblo llegan con la luz quel dia
 cedio al sacro volcan de herrante fuego
 a la torre de luces coronada
 695 quel templo ilustra y a los aires vanos
 artificiosa mente da exalada
 luminosas de poluora saetas [fl. 62]
 purpureos no cometas
 los fuegos pues el ioben soleñiza
 700 mientras el biejo tanta acusa tea
 al de las bodas Dios, no alguna sea
 de nocturno faeton carroça ardiente
 y miserable mente
 campo amanesca steril de zeniza
 705 la q̃ anohecio aldea.
 De Aleides le llebo luego a las plantas
 q̃ estaban no muy lexos
 trencandosse el cabello uerde o quantas
 da el fuego luzes, y el arroyo espeios.
 710 Tanto guarçon robusto

674 y nieue A. 681 azequia A. 685 tal sale aquella que A. 688 la alde-
 huela A. 692 que el A. 695 que el A. 699 soleñiza A. 706 lo lleuò A.
 708 a quantas A.

- tanta offerecen los alamos zaguala
 q̃ se abreuiera el sol en una estrella
 por uer la menos bella
 quoyantos saluda rayos el Benguala
 715 del Ganges cisne adusto
 la gaita al baile solicita el gusto
 a la uox el psalterio
 cruza el trion mas fixo el emispherio
 y el tronquo maior danga en la ribera
 720 el Eco voz ya entera [fl. 62 v]
 no ay silencio a q̃ prompto no responda
 fanal es del arroyo cada onda
 luz el frexno y el agoa uidriera.
 Terminos le da al sueño reguocijo
 725 mas al cancanzio no, quel mobimiento
 berduguo de las fuerças es prolixo
 los fuegos ciento a ciento
 q̃ quanto mas freneticos mas sanos
 amenazaban aun los aires uanos
 730 condenandolos uan a muerte obscura
 la remission es de su callentura.
 Bence la noche al fin y triumphando
 el silencio aunq̃ breue del roido
 solo gime offendido
 735 el sagrado laurel del hierro duro
 dexa de su resplandor dexa desnudo
 de su frondossa pompa al uerde alyso
 el golpe no remysso
 del uillano membrudo
 740 el que resistir pudo
 al animoso Austro, al Euro ronco
 chopo guallardo cuio liso tronco
 papel fue de pastores, si bien rudo [fl. 63]

711 ofrecen A. 720 voz entera A. 723 luz el reflexo, el agua vidriera A.
 724 terminos le da el sueño al regozijo A. 725 cancanzio Ms. *O comêço da*
palavra está borrado; el cansancio A. 725 que el A. 727-731 *Diferente em A*:
 los fuegos (cuyas lenguas ciento a ciento | desmintieron la noche algunas horas, |
 cuyas luzes del Sol competidoras | fingieron dia en la tiniebla escura) | murie-
 ron, y en si mismo sepultados, | sus miembros en cenizas desatados, | piedras
 son de su misma sepultura. 732 y triunfa mudo A. 735 hierro agudo A. 736 es-
 plendor A. 743 aunque rudo A.

- a reuelar secretos na a la aldea
 745 que impide amor que aun otro chopo lea.
 Estos arboles pues ue la montaña
 mentir florestas y emular vriaes
 quantos muro de liquidos christales
 agricultura urbana
 750 recordo al son no de su espuma cana
 la dulce de las aues armonia
 sino los dos topazios ã batia
 orientales aldabas Hymineo
 del carro ya Phebeo
 755 el luminoso tiro
 doro murdiendo campos de zaphiro.
 Pisar queria quoando el populoso
 luguarcillo el serrano
 con su huesped ã admira cortesano
 760 apesar del stambre y de la seda
 el que Bruselas no tapiz frondoso
 texyo sino la rustica arboleda
 y los ã por las calles spaciosas
 fabrican arcos rosas
 765 obliquos sino pensiles iardines
 de tantos como uiolas jasminez [fl. 63 r]
 Al gualan nobio el montañez pressenta
 su forastero, luego al venerable
 padre de la ã en sybella se absconde
 770 con ceño dule y con silencio afiable
 beldad parlera gracia muda ostenta
 qual ya del crespo berde boton donde
 abrenia su ermosura uirgen rosa
 las cisuras cairela
 775 un color ã la purpera ã cela
 por bruxula concede vergonçosa
 digna la iusgua esposa
 de un heroe sino Augusto esclarecido

746 mañana A. 747 viales A. 750 recordò al Sol A. 754 pues Febeo A.
 756 mordiendo oro el ecliptico safiro A. 758 lugarillo A. 761-762 el que tapiz
 frondoso | texiò de verdes hojas la arboleda A. 763 spaciosas A. 765 obliquos
 nuenos, pensiles jardines A. 769 esconde A. 770 dule Ms. 772 qual del rizado
 verde boton, donde A. 775 purpera Ms; purpura A.

- el joben al instante arrebatado
 780 a la ñ naufragante y desterrado
 le condeno a su oluido.
 Este pues sol ñ oluido le condena
 zenizas hizo las ñ su memoria
 negras plumas uestio ñ infelix mente
 785 sordo engendra gusano cuio diente
 seminador fue tanto de su gloria
 immortal orador es de su pena
 y en la sombra no mas de lazuzena
 ñ del clabel ia quiso acompañada [fl. 64]
 790 immitar en la bella labradora
 el templado color de la ñ adora
 bibora pisa tal el pensamiento
 quel alma por los ojos desatada
 señas diera de su arrebataminto
 795 si de zampoñas ciento
 y de otros, aunñ barbaros, sonoros
 instrumentos, no en dos festiuos coros
 virgines vellas jounes lucidos
 lleguaran conducidos
 800 el numeroso al fin de labradores
 concurso impaciente
 los nobios saca el de años floreciente
 y de caudal mas floreciente ñ ellos
 ella la mesma pompa de las flores
 805 la sphaera mesma de los rajos vellos
 el laco de ambos cuellos
 entre un lasciuo enxambre yba de amores
 Hymineo añudando
 mientras inuoca su deidad la alterna
 810 de zagalejas candidas uoz tierna
 y de guarçones el acento blando. [fl. 64 v]
 Ven Hymineo ven donde te espera
 con ojos y sin alas un Cupido

781 lo condenò A. 782 que a oluido lo condena A. 784 vistio A. 785 engendran A. 786 minador antes lento de su gloria A. 787 inmortal arador fue de su pena A. 788 de la açucena A. 789 que del clauel procura acompañada A. 793 que la alma A. 794 arrabataminto Ms. 798 virgines Ms. 804 misma A. 805 esfera misma A. 806 laco Ms. 808 anudando A. 809 inuocan A. 811 este acento A.

- cuy cabello intonso dulcemente
 815 niegua el vello quel culto ha colorido
 el vello flores de su primavera
 si rayos el cauello de su frente
 niña amo la q̃ adora adolescente
 villana Psiques nimpha labradora
 820 de la tostada Ceres esta aguora
 en los inciertos de su edad segunda
 crepusulos uincule tu coyunda
 prolixa noche dilatada aurora
 a su ardiente desseo
 825 ven Hymineo uen, uen Hymineo.
 Ven Hymineo donde entre arreboles
 de honesto rosicler preuiene el dia
 aurora de sus ojos soberanos
 virgen tan bella q̃ hazer podria
 830 torrida la Noruegua con dos soles
 y blanca la Etyopia con dos manos
 elabeles si rubies no templanos [fl. 65]
 quantos engasta el oro del cabello
 quantas del uno ya del otro cuello
 835 cadenas, la concordia engaza rosas
 de sus mexillas siempre vergonçosas
 purpureo son tropheo
 ven Hymineo uen, ven Hymineo.
 Ven Hymineo y plumas no vulgares
 840 al aire los hijuelos den alados
 de las q̃ el bosque bellas nymphas cela
 de sus carcaies estos assentados
 flechen mosquetas nieuen azabares
 vigilantez aquella la aldeguela
 845 redima del q̃ mas o tarde buela
 o infausto gime pajaro nocturno
 mudas coronen otras por su turno

814 *cuy Ms; cuyo A.* 815 *que el bulto ha colorido A.* 817 *y rayos A.*
 818 *niño A.* 818 *adolescente A.* 820 *ahora A.* 822 *crepusulos Ms; crepusculos*
A. 823 *Este verso não vem em A.* 832 *elabeles del Abril, rubies tempranos A.*
 834 *del uno ya y del otro cuello A.* 842 *de sus carcaies estos argentados A.*
 844 *aquellos A.* 844 *aldeguela. No ms. o que tem uma vírgula por cima; alde-*
huela A. 845 *rediman A.* 845 *o tardo A.* 847 *mudos coronen otros A.*

- el dulce lecho coniugual en quanto
 breue no abeja el uirginal acanto
 850 nectar le chupa Hybleo
 ven Hymineo uen, uen Hymineo.
 Ben Hymineo y las uolantes pias
 q̃ azules ojos con pestanas de oro
 sus plumas son condusgan alta diosa
 855 gloria maior del soberano coro [fl. 65 v]
 fie tus nudos ella q̃ los dias
 dissuelnen tarde en senectud dichosa
 y la que Juno es oy a nuestra sposa
 casta Lucina en lunas desiguales
 860 tantas uezes repita en tus umbrales
 que Niobe imortal la admire el mundo
 no en blanco marmol por su mal fecundo
 escollo oy del Letheo
 ben Hymineo uen, ben Hymineo.
 865 Ben Hymineo y nra agricultura
 de copia tal strellas deba amigas
 progenie tan robusta q̃ a su mano
 toros dome, y de un rubio mar de espigas
 inunde liberal la tierra dura
 870 y al joben hagan floresciente llano
 blancas oueias suyas sino cano
 en breues horas caducar la jerba
 oro le exprima lyquido Mynerba
 y los olmos casando con las videz
 875 mientras coronan panpanos Alcides
 clauē empuñe Lyeo
 Ben Hymineo uen, uen Hymineo [fl. 66]
 Ben Hymineo y tantas le de a Pales
 quantas a Pales dulces prendas esta
 880 apenas hija oy madre mañana
 corderas oy q̃ de la floresta
 herrantes lillos beban los cristales:

849 lascina abeja al virginal acanto A. 853 pestañas A. 857 dissueluan
 A. 860 sus umbrales A. 866 tal a estrellas A. 867 que su mano A. 870 y
 al verde jouen floreciente llano A. 871 hagan cano A. 873 oro le expriman
 liquido a Minerua A. 875 a Alcides A. 876 claua A. 880 madre madre ma-
 ñana Ms. 881-883 Diferente em A: De errantes lillos unas la floresta | cubran

- restituidas ya en undosa cana
 de Araques otras la arrogancia uana
 885 modestas acusando en blancas telas
 no los hurtos de amor no las cautelas
 de Jupiter compulsen ñ aun en lino
 ny a la plubia luciente de oro fino
 ni al blanco cisne creo
- 890 Ben Hymíneo uen, ben Hymíneo.
 El dulce alterno canto
 a sus umbrales reboco felices
 los nobios del bezino templo sancto
 no sacodiendo no de las ceruices
- 895 nouillos mal domados
 las impuestas del inguo duras leyes
 sino en floridad edad uncidos boyes
 pendientes reduciendo los arados
 al ñ paizco aluergue los aguarda. [fl. 66 a]
- 900 Lleguaron todos pues y con guallarda
 ciuil magnificencia el suegro anciano
 quantos la sierra dio quantos el llano
 labradores combida
 a la prolixa sin primor comida
- 905 que en mesas preuenido les ha grandez
 no sobre freseas blancas sculpturas
 ñ artífice ostento de dobladuras
 en los ñ damasco manteles flandez
 sobre casero lino Ceres tanta
- 910 quanta Pomona conseruo ya el heno
 con los pomos allaron
 ñ tan mal las Hesperides guardaron
 sino ya los ñ al curso de Atalanta
 fueron dorado freno

corderos mil, que los cristales | vistan del rio en brene undosa lana. 894-899 *Diferente en A*: del yugo aun no domadas las ceruices, | nouillos (breue termino sulcado) | restituyen assi el pendiente arado | al que pagizo albergue los aguarda. 898 floridad *Mx*. 902 quantos la sierra dio, quantos dio el llano *A*. 904 a la prolixa rustica comida *A*. 905-907 *Diferente en A*: que sin rumor preuino en mesas grandes. | Ostento crespas blancas esculpturas | artífice gentil de dobladuras. 909 mientras casero lino *A*. 910-913 *Diferente en A*: ofrece ahora, quantos guardò el heno | dulces pomos, que al curso de Atalanta | fueron dorado freno.

- 915 manjares que el ueneno
 y el apetito ignoran igual mente
 les ministraron y en resplandesciente
 oro no Baco ni en bruñida plata
 confuso sus licores les desata
 920 sino en vidrio topazios carmesies [H. 67]
 y palidos rubyes
 sellar del fuego quiso regualarlo
 los gulosos estomagos el rubio
 imitador suaue de la cera
 925 breue quesillo, sy, mas de baquera
 blanca mano exprimido cuias uenas
 la distinguieron de la leche apenas
 mas ny la encarcelada nuez esquina
 ny el membrillo pudieron añudado
 930 sy la sabrosa oliua
 no serenara el baçanal dilubio. [H. 67 v]
 Leuantadas las mesas al canoro
 son de la Nympha un tiempo aora caña
 seis de los montes seis de la campaña
 935 sus spaldas rayando el sotil oro
 ñ nego al uiento el nacar bien texido
 terno de gracias bello repetido
 quatro uezes en doce labradoras
 entró bailando numerosa mente
 940 y dulce musa entre ellas, si consiente
 barbaras el Parnasso moradoras
 uiuid felices dixo
 largo curso de edad nunqua prolixo
 y si prolixo en fuidos amorosos
 945 siempre biuid sposas
 bença no solo en su candor la nieue
 mas plata en su splendor sea cardada
 quanto stambre uital Cloto os traslada

917-919 les servieron, y en oro no luziente | confuso Baco, ni en bruñida plata | su nectar les desata A. 922 regualarlo Ms; regalado A. 925-927 quesillo dulcemente apremiado | de rustica vaquera | blanca hermosa mano, cuyas venas A. 929 anudado A. 931 baçanal Ms. 931 *Por baixo do verso 931, na mesma fôlha, vem: fim de la 2.ª parte.* 932 *Antes deste verso lê-se como epigrafe: Tercera parte de las Soledades.* 944 nudos A. 945 sposas Ms; esposos A.

- de la alta fatal rueca al huso breue
 950 sean de la fortuna
 aplausos la repuesta
 de vñs grangearias [fl. 68]
 a la roja importuna
 a la azada molesta
 955 facundo os rinda en desiguales dias
 el campo agradecido
 oro trillado y nectar spremido
 sus moradas cantuesos sus copadas
 encinas la montaña contar antes
 960 dexe ñ vñs cabras siempre errantes
 ñ vñs baquas tarde o nunca herradas
 corderillos os brote la ribera
 ñ la jerba mynuda
 y las perlas exeda del rocío
 965 su numero y del río
 la blanca spuma quantos la tessera
 vellones les desnuda
 tantos de breue fabrica aunñ ruda
 aluergues vñs las auejas moren
 970 y primavera tantas os defloren
 que qual Arabia madre ue de aromas
 sacros troncos sudar fragrantos gomas
 vñs corchos por uno y otro poro [fl. 68 c]
 en dulce se desaten liquido oro.
 975 Prospera al fin mas no spumosa tanto
 vña fortuna sea
 que alimente la imbidia en nuestra aldea
 aspides mas ñ en la region del llanto
 entre opulencias y necesidades
 980 medianias uinculen competentes
 a vñs descientes
 preueniendo ambos daños las edadas
 illustren obeliscos las ciudades
 a los rayos de Jupiter expuesta

951 respuesta A. 952 grangerias A. 957 esprimido A. 958 morados A.
 963 menuda A. 964 exceda A. 966 tissera A. 970 destloren A. 971 que qual
 la Arabia A. 977 que alimenten A. 981 decendientes A. 982 edadas Ms; eda-
 des A

- 985 au mas q̃ a los de Phebo su corona
 quoando a la choça pastoral perdona
 el cielo fulminando la floresta.
 Cisnes pues una y otra pluma en esta
 tranquilidad os halle labradora
- 990 la postrimera hora
 cuya lamina cifre desengaños
 que en letras pocas lean muchos años.
 Del hymno culto dio el ultimo acento
 fin mudo al baile al tiempo q̃ seguida [fl. 69]
- 995 la nouia sale de billanas ciento
 a la uerde florida paliçada
 qual nueba Phenix en flamantes plumas
 matutinos del sol rajos uestida
 de quantos sulca el aire acompañada
- 1000 monarchia canora
 y vadeando nubes las spumas
 del rei corona de los otros rios
 en enia orilla el uiento hereda aora
 pequeños no nacios
- 1005 de funerales barbaros tropheos
 q̃ el Egypto erigio a sus Ptolomeos.
 Los arboles q̃ al bosque auian fingido
 umbroso Coliseo ya formando
 despejan el ejido
- 1010 olympica palestra
 de balientes desnudos labradores
 lleguo la desposada apenas quando
 ferox ardiente muestra
 hizieron dos robustos luchadores [fl. 69 v]
- 1015 de sus musculos menos defendidos
 del blanco lino q̃ del vello obscuro
 abrazaronse pues los dos y luego
 humo anhelando el q̃ no suda fuego
 de reciprocos ñudos impedidos
- 1020 qual duros olmos de implicantes uides
 yedra el uno es tenax del otro muro

- mañosos alfin hijos de la tierra
quoando fuertes no Aleydes
procuran derriuarse e derribados
1025 qual pinos se leuantan arraygados
en los profundos senos de la sierra.
Primiolos honra igual y de otros quatro
ciffe las sienes gloriosa rama
con q̃ se puso termino a la lucha
1030 las dos partes rajaba del teatro
el sol, quoando arrogante joven llama
al expedido salto
la barbara corona q̃ le escucha
1034 arras del animoso desafio.

RODRIGUES LAPA.

Miscelânea

Z

Le passage espagnol cité par M. João da Silva Correia (*Boletim de Filologia*, 1, 358):

«*El distinguido coronel de ingenieros don Ubaldo Azpiazu — influencia zig-zagueante de la «Z» — aparece escoltando todos los cambios de régimen con su asistencia*» a été très bien commenté par l'auteur. Il y a évidemment un rapport entre le zig-zag de l'attitude du personnage en question avec la configuration VISUELLE de la lettre z, qui vient s'ajouter à la valeur onomatopéique du PHONÈME *zig-zag*, indiquant un mouvement double (d'hésitation, de tâtonnement, etc.) au moyen de l'alternance vocalique. A mon avis, l'harmonie imitative d'ordre PHONÉTIQUE aura précédé l'imitation d'ordre VISUEL, puisque le peuple est plutôt du type visuel que du type «livresque»¹. Un Victor Hugo, qui, lui, était un livresque, a déjà vu dans le z «l'éclair, Dieu», ce qui pour lui équivaldra «à un Dieu se manifestant par l'éclair». Cf. mon article *Zschr. f. rom. Phil.* XLIII, p. 599 suiv., sur la famille de mots *zig-zag* (cf. fr. argotique ou dialectal *faire zig zag* «coïter», donc mot expressif pour le mouvement d'alternance, *zigue* «ivrogné», etc., *zague* «scie», *zigue zague* «mauvais couteau», etc., auxquels je comparerais le radical arabe *zag-zag* «grincer des dents, crisser, en parlant de la scie», M. Cohen, *Le parler arabe des juifs d'Alger*, p. 241). *Zigue* a dû signifier d'abord un mouvement vif, cf. Barbusse, *Le feu*, p. 257: «Comme par un fait exprès c' couillon-là,

¹ Je signale encore un cas de recours à l'orthographe par le langage parlé pour parer à une ambiguïté du contexte: en allemand, quand il s'agit dans la conversation de faire la différence entre le pronom allocutoire *Sie* et le pronom représentant un féminin du singulier (*sie*), on dit souvent: *Sie, grossgeschrieben, sollen sie, kleingeschrieben, abholen* «vous devez venir la prendre», litt. «vous (avec majuscule) devez venir la prendre (avec minuscule)». — A comparer avec *são socialistas com u l'all. dies Kind ist ein Engel mit dem b* «cet enfant est un ange avec b» = *ein Bengel* «un mauvais garnement, polisson». — Le charcutier portugais *Gatto*, qui ne voulait pas voir son nom associé avec le chat et la viande de chat, n'ajoutait-il pas le second t pour *italianiser* son nom (ital. *gatto*, très usité, particulièrement au pluriel, comme nom propre)? — Cf. avec *grrrand* les *HHé-naurme!!* pour *énorme!* du journal de Flaubert.

il s'est arrêté là *et zig!*... le v'là qui fait un geste et parle de jeter le reste de son manger par-dessus le talus» (*et zig!* = «et pan!», «et tout d'un coup»).

Université d'Istanbul.

LEO SPITZER.

Encore une fois «caritel»

L'excellente mise au point des problèmes soulevés par ce mot médiéval, que nous présente M. Paulo Merêa dans ce *Boletim* II, p. 63, suiv., me permet d'ajouter encore un texte provenant de Oviedo et de l'année 1041: «stante villa de Prescubia, que fuit de Anaia Tanoiz, obsignata de saione de Ecta Citiz, et sic me levavit ego Adjo-vando Vermutiz una cum violencia, et DISRUMPIT IPSO KALTERE, et praesumsit ipsa villa cum omnia sua causa». M. Menéndez Pidal, qui a signalé ce texte dans un article «Derivados españoles de *character*» (Todd Memorial Volumes, New York, 1930/1, p. 25) donne à ce KALTERE, qu'il analyse *caractère* (avec le premier -r- dissimilé en -l-), le sens «sello» et il me semble évident que le *disrumpit ipso kaltere* d'Oviedo doit être synonyme avec les *et qui fregerit character (sigillum) regis* du *Forum legionense* de 1017, que M. Merêa interprète par «quem viola o *caritel*, ou seja, o sinal da autoridade, quer materialmente, quebrando-o, quer desrespeitando-o ou à ordem nele simbolizada.»

La forme dissimilée *kaltere* de *caractère* nous permet d'expliquer le *caritel* portugais tout simplement par un *caractère*, avec dissimilation du second -r : **characterle*. Cet étymon me semble préférable à **characterlu* suggéré par Caroline Michaëlis, mot non attesté et faisant des difficultés d'ordre phonétique (il faudrait comparer pour la chute du o: *rol*, *til*, etc.).

Nous trouvons encore un autre mode d'accentuation dans la Péninsule: *charáct re*, conservée par l'esp. *carátula* «masque (probablement à l'origine «masques de sorciers»), anc. port. *carantulas* «cifras, caracteres ou imagens, de que se serviam os feiticeiros». (Meyer-Lübke, *REH*³ s. v. *character*).

Université d'Istanbul.

LEO SPITZER.

A lição nunesiana da «Vida do cativo monge»

No volume III, p. 58, dêste *Boletim*, anunciámos que nos havíamos de ocupar aqui da leitura do *Cativo monge*, que o Dr. J. J. Nunes deu no *Florilégio da Literatura portuguesa arcaica*. Desquitámo-nos agora do compromisso tomado com o leitor, e não cumprimos a promessa sem mais de um motivo de íntima tristeza: porque isso nos aviventa a máguia, bem consciente, da perda do Mestre e do Amigo; porque é doloroso pensar que daquela pena erudita, que pendeu para sempre com a mão inerte, não pode sair a resposta ao nosso exame, a justificação, talvez, de razões subentendidas.

Criticar uma obra póstuma tem o seu quê de sacrílego, que perturba, enleia, prende. Naturalmente o melindre agrava-se quando, e é este o caso, o crítico fala como quem tratou do mesmo assunto¹. Mas como não nos norteia senão a estrêla polar da Ciência, aquela a cujo brilho eterno o Dr. J. J. Nunes rendia culto tam modesto como fervoroso, ousamos meter-nos pela vereda espinhosa, sem receio de que nos possam tomar por ingratos à memória veneranda do saudável Mestre.

*

Na nótula que segue o texto, declara o editor ser o códice alcobacense que o encerra «datado do ano de 1454, mas de provável redacção anterior». Baseia-se, para isto, em Esteves Pereira. É cómodo, mas errado; o processo de estender a obras diferentes, só porque estão inclusas num mesmo volume, a declaração de data aposta a uma delas. Pena foi que o editor não tivesse conferido os argumentos de Esteves Pereira. Nós cremos ter provado, no cap. III do nosso trabalho, que a redacção do *Cativo monge* não tem que ver com a do resto do códice, ainda que a letra de todo este seja, *grosso modo*, contemporânea.

Sobre a data inscrita no códice, divergem as leituras de Esteves Pereira, que o Dr. Nunes seguiu, e a que demos, a qual não é só nossa. Mas o que lá se lê: *Era iij liij ânos*, — claramente indica tratar-se da cronologia hispânica, ou de Cesar, a qual, como se sabe, excede a moderna, ou de Cristo, em trinta e oito anos²; e, portanto,

¹ Vid. o trabalho que publicámos neste *Boletim*, tomos I e III. Dêle existe separata.

² Sobre este assunto das eras, vid., por exemplo, José Soares da Silva, *Memórias ... de D. João o I*, t. IV (*Documentos*), Lisboa Occidental 1734, p. 128 sgs.,

aquela data corresponde, na contagem de hoje, a 1416. A lacónica afirmação do editor induz em êrro o leitor desprevenido.

O texto em si mesmo não está tratado com muita felicidade. Antes de mais nada, não podemos deixar de desaprovar que, pretendendo o benemérito compilador do *Florilégio* trazer a público um documento que muito bem sabia conservar-se inédito¹, lhe cortasse alguns passos, certamente por razões que reputava pedagógicas², e, ou não acusasse gráficamente êsses cortes, ou o fizesse com um sinal que resulta dúbio: as reticências³. A principal dessas amputações, não assinalada, fica na l. 131 da edição que analisamos, e trunca tam mal a frase (*Que me val, etc.*) que lhe leva, hereticamente, o sentido. As outras, afora um caso muito somenos (*saber*: l. 40), contam-se pelas reticências.

Em segundo lugar, o texto contém equívocos e incoerências de leitura, reformações procuradas criticamente (por mal, nem sempre com ressalva da lição autêntica) e alguns lapsos de impressão, que o prejudicam. De tudo vamos apontar alguns exemplos, mas sem subordinação estrita a categorias rígidas, porque nem sempre é possível dizer com segurança onde está a falta involuntária e onde a intenção.

No *Antelôquio* do livro (cf. pp. x-xi), acham-se declaradas as normas gerais a que adiante se subordina a transcrição dos textos; mas, no que concerne, pelo menos, ao documento em exame, encontramos várias contradições na aplicação dessas normas. Assim:

Determinando «adoptar a ortografia actualmente em uso», deixa em grande incerteza o emprêgo do *s* simples e dos dois *ss* em meio de vocábulo: *fezese* e *soubese* (l. 49), *começase* (l. 51), *outrosi* (ll. 73 e 166), etc., a-par de outras formas restauradas.

Corta sistematicamente os *hh* iniciais, mesmo etimológicos, hoje respeitados. Tal prática estende-se a todo o volume, pelo que no

particularmente p. 140, e João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, t. II, Lisboa 1857, p. 23 sgs.

¹ A nossa edição do *Cativo monge* só começou a aparecer pouco tempo antes de sair da imprensa o *Florilégio*.

² O *Florilégio* é dedicado *À Mocidade estudiosa de Portugal e Brasil*, e o Dr. Nunes concebeu-o, por isso, *ad usum delphini*.

³ Nas normas críticas, a que mais à frente aludimos, declara que adopta aquele sinal para acusar supressão «como é de uso» (p. x). Mas bem sabem os habituados a estes assuntos que tal uso não é geral, antes tende hoje a desaparecer, pela preferência, justamente dada, ao emprêgo de dois, quatro ou mais pontos.

GLOSSÁRIO não existe aquela letra¹. Exagêro, afinal, mas do conceito do chamado período fonético da nossa ortografia.

Ora reforma, ora não, o ç antes de *e* ou *i*: se opta por *velhice* (l. 6), *ouciente* (l. 35), *cima* (l. 36), etc., deixa ficar, entre outros, *ledige* (l. 13), *naçi* (l. 22), *aqueçesse* (l. 46).

Vacilações da lógica, originadas, queremos crer, nas tristíssimas disposições de espírito em que viveu o Dr. J. J. Nunes depois de ter sido forçado, por atingir o limite de idade, a largar o ensino.

Mais graves são os seguintes factos: ler *par* (l. 9: cf. o GLOSSÁRIO) por *a par*, *pude* (l. 33) por *pujde*, *muj pouco de vestidura* (l. 72) por *muj pouca de vestidura*, *nau* (l. 90) por *nũu*, *ar* (l. 92) por *áar*, *pegureiros* (l. 98) por *pegoreiros*, *faria* (l. 122) por *fazia*, *preguntou porque andava* (l. 184) por *preguntou o por que andava*, *auga* (l. 190) por *augua* e, muito particularmente, *veo* (ll. 42, 118, 132, etc.) em lugar de *uêeo*, *cheos* (l. 74) em vez de *chéeos*, *mea* (l. 85) em vez de *méea*, etc., e *alguum* (l. 61) por *algũu*, *nenhũu* (l. 68) por *nehũu*, *nenhũa* (l. 104) por *nẽhũa* e *nenhũu* (l. 106) por *nẽhũu*. Há aí muitas minúcias que, em nossa modesta opinião, não devem ser desprezadas, quando se considera o sistema histórico da língua².

Das duas categorias apontadas em último lugar, o móbil da alteração foi, certamente, o desejo de uniformizar: no primeiro caso, em atenção a *aveo* (ll. 162 e 177), no segundo, tendo em vista *nenhũa* (l. 159); mas *alguum* é lapso manifesto. Uniformizar, na verdade, é tentador, porque constitue a mais simples forma de sistematização, que é tendência orgânica do espírito. Só tem que, em Linguística, Ciência histórica, isso torna-se perigoso, porque pode viciar o sincretismo, tam complexo e delicado, dos fenómenos.

Passamos em silêncio por algumas leituras que, de certeza, o Dr. J. J. Nunes não perfilharia, se tivesse tido a vantagem de cotejar o texto com a fonte latina.

Anotando o passo: *em fecto das formigas deve o omem a meter mentes e deve ende a filhar enxemplo de leixar os perigoos, vidandos* (ll. 178-180), escreveu: «Leia-se *vidando-os*, i. é, *evitando-os*. O texto diz *vidados*».

Ora se assim se devesse ler, ¿que sentido havia de caber a *leixar*? O Dr. J. J. Nunes não o disse, nem poderia, certamente, dizer.

¹ Só no REGISTO ONOMÁSTICO se averba *Hunaz*.

² No GLOSSÁRIO regista *assũar-se*, em discordância com o texto, que não contém a nasal. Outro tanto dizemos de *avêo*.

O original está, porém, claro. Na nossa edição cremos ter explicado satisfatoriamente o passo, sem necessidade de o reformar: *leixar os perijgós ujdados* «evitar cautelosamente os perigos, desviá-los de antemão, livrar-se de embaraços futuros». E aí tentámos também justificar o que talvez tenha sido o responsável da confusão do Dr. J. J. Nunes: a palavra *ujdados*. Lá dissemos: «Em *ujdados* < vitatos, o abrandamento dos *tt* parece artificialmente feito pelo tradutor, porque a palavra não é vulgar».

Enganos de impressão: *disserono* (l. 26) por *disserom*, *maiores* (l. 168) por *maiores*, *en* (l. 171) por *em*, *á* (l. 171) por *a*, etc. Nas notas ao texto, alguma cousa se encontra também mal acertada (nn. 14 e 43). Casos, evidentemente, de importância terciária.

Paremos aqui, para não alongarmos demais esta já tam alongada análise.

Se do ela ser opositiva viesse a concluir-se que é diminuta a importância filológica do trabalho criticado, não se tirava da análise a ilação correspondente à opinião de quem escreve estas linhas. Não. Já dissemos que não consideramos a edição feliz (mesmo apreciada segundo o objectivo especial com que foi feita), mas é certo, e evidente, que ela contém notas interpretativas muito bem ponderadas, de sentido perfeitamente adequado aos casos que elas querem explicar, reveladoras do largo e íntimo trato que o Dr. J. J. Nunes tinha com a nossa língua antiga. Publicada mais cedo, essa edição ter-nos-ia sido precioso auxílio e, por vezes, lição, no desbravamento do mesmo terreno que, com mão mal-afeita, nos metemos igualmente a cultivar.

ABÍLIO ROSEIRA.

Em defesa do meu Dicionário

Fez-me o Sr. Dr. Rebêlo Gonçalves a grande gentileza de publicar no *Boletim de Filologia* do Centro de Estudos Filológicos de Lisboa extensa recensão sobre o meu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*.

Não me ficava bem deixar de dar pública manifestação de quanto me havia agradado tam grande prova de atenção dada pelo ilustre professor da Faculdade de Letras de Lisboa e daí a razão de ser destas linhas.

Em seu longo artigo, ao par de elogios que o público dirá se merecidos ou não, o Sr. Dr. Rebêlo Gonçalves faz várias observações, algumas das quais precisam esclarecimentos, porque sem êles não ficará muito clara a intenção do autor do dicionário.

Assim pois, nota o ilustre critico que na «Distribuição dos elementos por origem» (INTRODUÇÃO, pp. xxv-xxxvi), se apresentam por vezes vocábulos cuja fonte é para o próprio autor duvidosa ou, não o sendo, precisa de conveniente elucidação.

Cita ao acaso o vocábulo *monge*, dado entre os elementos catalães, quando a etimologia, ou melhor, a origem imediata, tem muito de discutível e não há no artigo respectivo nenhum abôno da hipótese catalã, recolhida de Meyer-Lübke.

A estatística e a distribuição dos elementos por origem não iam fazer parte do dicionário

Foi a leitura do *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* de Auguste Brachet que à última hora as sugeriu.

Nada havendo neste género em língua portuguesa, julgou o autor azada a ocasião para uma tentativa destas.

Fatigado como estava pelo exaustivo trabalho, ao percorrer palavra por palavra as oitocentas páginas da obra para tirar as origens, é possível que numa ou noutra a rápida leitura da língua originária o houvesse traído.

O principal guia do autor foi o grande mestre de Bonn, que lhe deu a honra de prefaciá-lo o volume.

O grego *monachós*, latim *monachu*, deu forma portuguesa terminada em o: *móago-móogo-mogo*.

O enfraquecimento desta final em e constitue tendência essencialmente provençal; por isso, sendo o catalão um dialecto provençal, não me pareceu inaceitável a origem atribuída pelo filólogo alemão.

—Falta o importante vocábulo *Evangelho*.

A omissão se deu porque o autor o considerou um substantivo próprio, a par de *Bíblia*, *Corão* e dos nomes de outros livros sagrados, que reservou para o segundo volume.

—Falta de-facto explicação prévia para o uso das expressões *médio grego*, *grego medieval*, *grego bizantino*, *baixo grego* e a multiplicidade de denominações para o período da língua grega entre o grego antigo e o grego moderno trouxe ao autor não pequena dificuldade, quando teve de distribuir os elementos por origem.

Devia ter escolhido a denominação mais geral de *médio grego* em vez de grego bizantino, que de preferência se refere à língua do *Baixo Império*, ou melhor, de Constantinopla.

A pressa com que foi elaborada a lista fez que não figurassem vocábulos como *farol*, *guitarra*, *tapiz* e outros, que não escapariam aos olhos argutos de um especialista como o Sr. Dr. Rebêlo Gonçalves.

—Entre os modernos helenismos faltam vocábulos correntes, até alguns do domínio da ciência glotológica.

É verdade.

Agiolôgio, por exemplo, não está, porque as palavras foram extraídas do *Vocabulário Ortográfico e Remissivo* de Gonçalves Viana a fim de garantir o respeito à ordem alfabética, de acôrdo com a reforma ortográfica de 1911. e em Gonçalves Viana não consta *agiolôgio*.

Se o livro seguido tivesse sido o *Dicionário* de Cândido de Figueiredo, talvez estivesse, mas Figueiredo não era aconselhável porque não segue exclusivamente a grafia simplificada.

A falta de *perífrase*, *proparoxítono* está explicada na p. xxxvi da INTRODUÇÃO: o primeiro vocábulo é derivado de *frase* com o prefixo *peri* e o segundo de *oxítono* com os prefixos *pró* e *pará*.

—Não constam os vocábulos *auto* e *cine*, abreviações de *automóvel* e *cinematógrafo*, ao passo que está incluído *quilo*, abreviação de *quilograma*, porque ao autor pareceu que aqueles dois ainda não estavam incorporados de todo à nossa língua. São por enquanto expressões da linguagem familiar sòmente.

—A escrita *kirie*, meio grega, meio portuguesa, foi tirada de Gonçalves Viana, *Vocabulário*, p. 349.

Curioso é que o autor, que deu *kirie* na p. 443, deu também *quirie* na p. 669, acima de *quirie-eleison*, o que escapou ao recensor.

O primeiro, provocado aliás pelo seguimento da ordem alfabética de G. Viana, deve com efeito ser riscado.

—Na linguagem científica brasileira, os compostos de *saurós* em nomes de animais antediluvianos são todos com *s* sonoro: *dinossauro*, *ictiosauro*, *plesiosauro*, etc.

Daí, para não aceitar uma grafia contrária ao uso vivo do seu país, a escrita *megalosauro*.

Aliás, escrevendo G. Viana *megalosauro*, nunca poderia o autor pensar que a pronúncia normal portuguesa fôsse *megalossauro*, como sustenta o ilustre crítico.

—Não importa *celidônia* com *c*, ao lado de *quelidozantina* com *qu*.

Aí estão as formas *cisticerco*, *cistite*, ao lado de *quistô*.

Celidônia, aliás, é forma clássica e consta de G. Viana, o guia de sempre.

«Assim como a andorinha, segundo escrevem os naturais, vendo cegos os filhos lhes põe nos olhos a erva celidônia. . . » (Fr. Heitor Pinto, *Imagem da vida cristã*, dial. das cousas, p. xxv).

«Uma coisa se me oferece, que não posso dizer, sem lagrimas compassivas, dos judeus, que não vêem, porque lhes falta a celestial celidônia. . . » (Fr. Amador Arrais, *Diálogos*, III, cap. xxvi).

E ledes sem estôrvo um dia todo
sem vos ser necessário *Selledonia* (sic).

DIOGO BERNARDES, Carta xxvii.

— A forma *caleidoscópio*, que está em G. Viana, embora bárbara, é a única usada.

Calidoscópio, com a regular mutação do ditongo grego, é advogada pelos helenistas como Ramiz Galvão e o recensor, mas não vive na língua e não pode mais ser imposta porque o uso vulgar já consagrou a primeira.

— O circunflexo em *barômetro* e outros vocábulos não representa de-facto a pronúncia normal portuguesa; é a pronúncia brasileira.

Desde que no Brasil são fechadas as vogais que precedem sons nasais, a praxe é marcar a acentuação com o circunflexo e não com o agudo, o que está de acôrdo com a regra xxvi do *Formulário* que precede o *Vocabulário* de G. Viana. Um ou outro escritor obedece neste particular ao timbre aberto de Portugal.

— Nas palavras *autocrata*, *democrata* e outras, registrou o autor a acentuação usual sem indicar a correcta, porque a obra não era pròpriamente um dicionário ortofônico.

Se às vezes alude a acentuação, é por interessar ela à etimologia.

Enciclopedia, com acento no *i*, é a pronúncia geral das classes cultas do Rio de Janeiro.

Ortoepia é a pronúncia de alguns (Ramiz Galvão), ao lado de *ortoépia*.

Psiquiatra e *hipiatro*, derivados do grego *iatrós*, variam na terminação, porque o primeiro só se usa com *a* e o segundo é vocábulo erudito, de raro emprêgo e que pode ser mantido na forma etimológica.

As linguas estão cheias de contradições destas.

— Os derivados do grego *pous*, *podós*, apesar de *trípode*, que já vem de um vocábulo formado, gr. *tripous*, lat. *tripus*, apresentam final *o*, porque este é que é o uso vivo nos meios científicos brasileiros.

Ninguém, a não ser um pedante purista, diz *ápode*, *artrópode*, *miriápode*, *pseudópode*, etc.; por conseguinte, convém uniformizar a terminação.

G. Viana dá *ápode* e *ápodo*, *miriápode* e *miriápodo*, *pseudópodo*.

A desinência *o* está aliás de acôrdo com a índole da nossa língua.

Alguns casos são irremediáveis; ¿como alterar, por exemplo, a forma de *antipoda*?

Ramiz propôs *antipode*, que ninguém diz nem escreve.

Tais são as defesas que posso apresentar à ilustrada e imparcial crítica do Sr. Dr. Rebêlo Gonçalves, a quem mais uma vez agradeço a atenção que dispensou ao meu *Dicionário Etimológico*, fruto de muitos anos de estudo e de paciente trabalho.

ANTENOR NASCENTES.

Resquícios Filológicos

II

Expressões numárias

É vulgar em todo o país, e tantas vezes da bôca daqueles a quem a injustiça social, cavando barrancos fundos, lançou para o negro vale das amarguras financeiras, ouvir frases como estas, não raro acompanhadas de gestos sublinhadores, de intenções admirativas ou insinuatoras de menos honestidade: *; Aquillo é que é ter bagulho! F. possui o seu bago... Venha a rica bagalhoça... Tudo anda à roda da maçaroca. Com o trabalho que lhe custou, deve medir o milho às carradas...* De tudo isto haverá exemplos na literatura; abaixo citamos um.

¿Qual a origem de semelhantes expressões numárias? Supomo-la simples, a não ser que a verdade, que tanto seduz quando envôlta no manto da singeleza, se esconda aqui disfarçada sob êsse aspecto sedutor. O fecho de tôda essa cambulhada de sinónimos estará na palavra *milhão*, e o fio da ligação lógica terá sido o seguinte: *milhão* tanto é cardinal (e, neste caso, em referência ao dinheiro, serve de medi-lo como sua medida máxima)¹, como é o aumentativo de

¹ Numa carta de quitação, de 1497, publicada no *Archivo Historico Portuguez*, vi, p. 77, fala-se de *Diogo Lopez Ribeiro, que foi recebedor dos milhões em Portalegre*.—O doutíssimo Bluteau, *Vocabulario*, s. v., ensinou que *milhão*, ou é *de reis*, quer dizer, o que hoje chamamos geralmente *um conto*, ou é *de ouro*, equivalente a um conto de cruzados, ou sejam quatrocentos contos de reis. Moraes, logo na 1.^a ed. do *Diccionario*, associa a palavra a outras unidades (*patacas e lívras*). Hoje, particularmente no plural, possui a acepção imprecisa de «grande soma de contos». Por isso o Dr. Carvalho Monteiro era vulgarmente conhecido em Lisboa por *Monteiro Milhões*, ou *dos Milhões*.

milho, quer êste aumentativo se tome no sentido geral, quer no restrito (e tal é o caso que já Bluteau inscreve¹, e define: «milho maiz»; e acrescenta²: «se chama em Portugal em algumas partes o milho grosso, & tem o mesmo nome em toda Castella»). Confundidas as formas pela homonímia, deu-se contaminação semântica³. Por isso *milho* passou a significar «dinheiro»⁴, e daí decorre logicamente a série: *bago*⁵, os derivados dêste toma: *bagulho*, *bagalhoça*, ou *baganhoça*⁶; e *maçaroca*.

¹ Ib., s. v. «milhão».

² Ib. s. v. «maiz». Vid. o que diz êste A., s. v. «milho (grande)», e cf. *Le Portugal au point de vue agricole*, Lisboa 1900, p. 578. — *Maiz* parece galicismo evidente, que Moraes (1.^a ed.) grafou melhor: *mais*. Todavia o Dr. L. de Vasconcelos regista *maizal* e *maiz* nas «Miuçalias galegas»: cf. *Opúsculos*, VI, p. 663.

³ Êste fenómeno é muito conhecido. Vid., v. g., Dauzat, *La Philosophie du Langage*, Paris 1927, p. 99 sg.

⁴ No n.º 16 (de 2 de Maio de 1900) do célebre semanário *A Paródia*, M. G. Bordalo Pinheiro inseriu uma estampa, alusiva ao conflito do capital com o trabalho, na qual joga de vocábulo com *milho*: um homem, que simboliza o Trabalho, lança aos punhados «milho para a engorda da pata dos ovos d'ouro...», imagem do Capital.

⁵ Os dicionários reservam a palavra *grão* para designar uma das sementes de qualquer cereal, mas da observação linguística duma analfabeta, já entrada em anos, do lugar dos Almôrnos (Almargem do Bispo), que aproveitámos para o estudo presente, verificámos que o uso ali adopta *um bago de cevada*, *um bago de trigo*, *um bago de arroz*, *um bago de milho* — e êste exemplo até confirmou em absoluto as nossas conclusões, pois ela disse-nos espontaneamente a frase: *Esse tem muito bago de milho*, no sentido que estudamos —, a-par com *um grão de trigo*, etc. Em Lisboa também isso é corrente, e com mais frequência mesmo se diz *uns bagos de arroz* do que *uns grãos de arroz*. Nos falares do sul outro tanto acontecerá, pois nua cantiga *balhada* alentejana canta-se:

Bago de milho redondo,
Rega o pé, ai, rega o pé!
Já não tenho quem me queira...
Queres-me tu, ó meu Zé?

Queres-me tu, ó meu Zé?
Queres-me tu, ó meu Francisco?
Bago de milho redondo,
Rega o pé ao malvaíscio.

Muito provavelmente, o chamar-se, em geral (Lisboa), só *grão* ao *grão-de-bico* é que estará provocando essa concorrência vocabular.

⁶ *Bagalhoça* e *baganhoça* coexistem nos Almôrnos, e *baganha* (os dicionários trazem *baganha*, mas com outras acepções) «a grainha das uvas», e *bagulho*. Podíamos indicar outros locais em que estas palavras são correntes com o sentido que estamos estudando.

Outros termos e expressões existem ainda na linguagem da gíria para expressar a idea de dinheiro. Ocorrem-nos: *massa*, ou *massinha* (freqüentísimos), *carcanhóis* e *teca*¹. Mas estes pertencem a outros círculos translatórios vocabulares de que não pretendemos curar agora.

ABÍLIO ROSEIRA.

Estapafourdi

Ce mot se trouve, probablement comme «chapax», chez Claudel, *Positions et propositions* 1, p. 64: «...et stupéfait, ou, comme disent les Brésiliens, estapafourdi, notre jeune gaillard n'a pas plus qu'à se taire». Claudel, ce potentat de la parole, n'a jamais hésité d'enrichir le vocabulaire français par des mots sonores et pittoresques, patois ou étrangers, à condition qu'ils répondent à des moules préexistants en français: le brésilianisme «estapafourdi» suit le chef de file «abasourdir» et ajoute à ce mot une nuance d'exotisme bien à sa place dans un mot signifiant 'dans tous les états, hors des gonds'. Le mot brésilien correspondant sera «estapafurdido», que je n'ai pas pu trouver dans mes dictionnaires, mais en revanche le dictionnaire portugais de Cândido de Figueiredo donne «estapafúrdio» 'pop. Excentríco. Esquisito. Extravagante. Estouvado', «estapafurdismo» 'qualidade de estapafúrdio... Cf. Camillo, *Serões de S. Miguel de Seide*'. Le mot doit s'expliquer par un croisement de mots comme «palúrdio» (cf. Meyer-Lubke, *Rom. W C³* s. v. «luridus» et A. Nascentes, *Dic. etim. da lingua port.*, s. v. «palúrdio»: emprunt du franç. balourd) + «tapado» 'estúpido, bronco', «estavanado» 'adoudado, excitado', «patife» au Brésil 'pessoa fraca, tímida', etc. Le croisement ou l'addition de mots différents vise à un alongement du mot, à la constitution d'un 'mot-monstre' contenant en lui des éléments très divers: image de la *confusion* dans laquelle se trouve l'individu parlant devant quelque chose d'excentrique ou de bizarre: ce que le préfixe *es-* (lat. *ex-*) exprime logiquement, l'état sortant du normal (cf. *espavorir*),

¹ No falar de Benavente (Ribatejo), por exemplo, nesta frase: *Aquele tipo até manda carcanhóis*.

N.B.—Depois de entregue ao prelo a presente nótula, vimos o artigo que a Senhora D. Alda do Patrocínio Pereira da Silva, aluna da Faculdade de Letras de Lisboa, publica na *Revista* da mesma Faculdade, no recente t. II, n.º 1, p. 153-160, sob o título de *O dinheiro na gíria portuguesa*. Aí regista grande número de expressões numárias, incluindo quasi tôdas as de que tratamos.

est dépeint d'une façon naturaliste par la mise bout à bout de tronçons de mots : le mot «estapafúrdio» dont les parties se confondent en un tout vague, est une traduction verbale de la confusion — c'est une peinture psychologique qui, par la sonorité de son imitation ou traduction, a pu charmer le grand artiste du Verbe français.

Université d'Istambul.

LEO SPITZER.

livros e Revistas

EDWIN B. WILLIAMS, *The portuguese final -ão*. In *Language*, IX (1933), pp. 202-206.

O professor norte-americano tem-se interessado ultimamente pelos problemas da Gramática histórica portuguesa. Já aqui fizemos referência a um seu artigo sobre «Transposição e dissimilação nasal» (*Boletim de Filologia*, I, 163-165); agora dá-nos um pequeno estudo sobre a desinência *-ão* e procura novas razões para a sua génese.

Sobre a convergência das terminações *-om*, *-de*, *-am*, em *-ão*, nota Williams um ponto fraco da argumentação de Leite de Vasconcellos nas *Lições de Filologia Port.*, p. 145, n. 2. Segundo a hipótese do mestre romanista português, as terminações *-ã* e *-õ* em certa altura teriam recebido uma vogal de apoio (*o*), de que resultariam **-ão*, **-õo*; em seguida, esta última, por um processo de dissimilação ou por analogia com *-ão*, de *-anu*, *-ane*, ter-se-ia confundido com a primeira.

Leite de Vasconcellos regista pois duas hipóteses, não nos dizendo qual prefere; mas parte efectivamente duma alteração fonética de carácter paragógico, fenómeno já considerado em 1903 por O. Nobiling no seu estudo sobre as nasais, baseado em certas particularidades do falar brasileiro. O reparo acima aludido de Williams tem aparentemente certa razão de ser, pois que, segundo a teoria de Leite de Vasconcellos, num tempo em que se pronunciava *bão*, bissilábico, já *razõ* se teria modificado em *razão*; logo, ambos os vocábulos deveriam ter a mesma sorte, segundo o filólogo americano, fiado no fatalismo das leis fonéticas. Nobiling notara já que a paragoge habitual na pronúncia brasileira não afectou *lã* e *bom* devido à quantidade vocálica do fonema, resultante duma crase anterior. Williams mostra-se céptico sobre esta explicação indocumentada. Em conclusão, rejeitada a hipótese fonética, baseada numa dissimilação, procura fazer valer a hipótese analógica.

Essa transformação das finais nasais ter-se-ia efectuado entre a 2.ª metade do século XIV e a 1.ª do século XVI, isto, é num período de 150 anos. Williams estabeleceu três ordens de motivos que teriam levado à uniformização da pronúncia: a) Influência de *vão* < *vadunt*. Devido à analogia com *vão*, formas como *estam*, *dam*, *ham*, deram *estão*, *dão*, *hão*. Ora parece que a forma corrente *vam* se deveu precisamente à analogia com *ham*, *dam*, *estam* (J. Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, § 380), o que prejudica consideravelmente a hipótese de Williams. Como *som* < *sunt* deu *sam*, por analogia com *estam* < *stant*, outros vocábulos lhe teriam seguido o exemplo, muito em especial *entom*. A transformação dêste em *então* teria sido apressada devido à confusão com *entam*, forma apocopada de *entanto* (p. 205). E Williams explica em nota que as variantes de *tam* eram *entam* (!) e *atam*. Foi levado a êste erro pela má interpretação dum passo da *Demanda do Graal*, p. 131; não se trata de *entam*, mas do pronome adverbial *em* < *inde* e do adv. *tam*: *foram em tam coitados*. b) Influência de *mão*, *irmão*. A passagem de

-am, -om para -ão teria começado pelos verbos e ter-se-ia estendido aos nomes. Por influência de *mão*, *irmão*, *cristão*, nomes como *cam*, *pam*, *visom*, *treiçom* deram *cão*, *pão*, *visão*, *treição*. c) A confusão entre as terminações da 3.ª pl. do perf. e do mais-que-perf. -om, -am, com prevalectimento posterior da forma -am.

O trabalho de Williams é um pouco confuso e padece dum defeito de método: o de misturar para efeito da analogia categorias diferentes de palavras, e o de se apoiar num escasso número de textos, alguns dos quais extremamente perturbadores, como é o *Graal*, sob o aspecto fonético. O problema não ficou mais elucidado do que de antes. Esperemos que investigações de fonética experimental, fundadas nos dialectos e apoiadas na lição de textos antigos, esclareçam o embaraçoso problema. Por ora parece-nos que a explicação fonética patrocinada também por J. Cornu (*Gram. der port. Sprache*², § 308), não é de modo nenhum para enjeitar.

Um pequeno descuido de Williams: considera uma evolução -UDINE- > *óene* > *oêe* > *ôe*, que o esquema de Leite de Vasconcellos (*Lições*, 145-146) não autoriza, embora o filólogo português proponha **pãe* < *PANE*-, **razôe* < *RATIONE*-, que talvez não existissem na língua, pelo facto de o *n* nestas condições não ser propriamente medial. A evolução de -UDINE- foi antes: -*oê* > -*ôe* > -*om* (J. Huber, *Altport. Elementarbuch*, § 96).

5 de Abril de 1934.

RODRIGUES LAPA.

Correcção

P. 208, l. 22, filha de Orgetorix, corrija-se filha [de] Orgetorix.

Boletim de Filologia

publicado pelo

Centro de Estudos Filológicos

Tômo III

1935

Fascículo 4

Fonética experimental

Crítica do método quimográfico

Quem tiver seguido, atentamente, o desenvolvimento da matéria contida nos artigos anteriores, compreenderá que é chegada a altura de proceder a uma análise, sistemática, do método quimográfico, como método auxiliar da fonética experimental.

Discutindo o valor da quimografia, aludimos ao método, tal como tem sido, geralmente, aplicado em investigações fonéticas, não alvejando a nossa crítica outros campos de actividade científica, em que o método quimográfico desempenha, também, o papel de método auxiliar. De resto, mesmo dentro da fonética experimental, é aproveitável o método em questão, desde que a sua aplicação seja limitada pelo conhecimento, perfeito, das suas possibilidades.

O método quimográfico, como é, ainda hoje, utilizado em estudos experimentais de fonética, pouco difere do método auxiliar de Rousselot. São as tradicionais cápsulas, recobertas duma membrana elástica, que hoje, como então, nos aparecem. Fundamentalmente, o método manteve-se, tendo variado, apenas, o seu aspecto externo. Os melhoramentos introduzidos foram mais aparentes do que reais. Duma modesta cápsula de Rousselot ao moderno inscridor quimográfico, não vai grande distância. É o que sucede com os inscridores de Schneider-Calzia¹ ou de Selmer²; as inovações mais sensíveis

¹ Consultar: *Das Hamburger experimentalphonetische Praktikum*, von Prof. Dr. G. Pancocelli-Calzia (I. Teil, Das Kleine Praktikum); *Die experimentelle Phonetik in ihrer Anwendung auf die Sprachwissenschaft*, do mesmo Autor.

² Consultar: *Ein neuer Reiseregistrierapparat für experimentalphonetische Zwecke*, von Ernst W. Selmer.

foram as introduzidas por Scripture¹. Variaram os formatos, as dimensões das alavancas, os diâmetros ou as alturas das cápsulas, as espécies de membranas, as transmissões dos movimentos ou o material de construção, mas os erros fundamentais mantiveram-se, quando não foram, até, aumentados.

Aceitou-se o quimograma, oral, nasal ou laringeo, como tradução gráfica, fiel, indiscutível, da actividade fónica correspondente, e muito foneticista apurou resultados, sem prestar a mínima atenção a uma técnica tam defeituosa, que pela sua imperfeição invalidou ou tornou de valor duvidoso a maioria dos trabalhos efectuados, baseados em dados, experimentais, destituídos de rigor científico.

Em vez de submeterem o método, de que lançaram mão, a uma cuidadosa e paciente série de experiências, de forma a tornarem-se aptos a poder apreciar o seu valor, trataram muitos foneticistas de amontoar quimogramas, por meio dos quais estabeleceram extensas filas de números, tabelas, quadros ou diagramas, que teriam sido de grande utilidade, se os respectivos quimogramas não fôsem desprovidos de valor real².

O facto dum quimograma ser motivado por um som ou grupo de sons fónicos, dificultou uma apreciação crítica, tendente a esclarecer a correspondência existente, entre o quimograma e o som respectivo. Sendo impossível repetir uma mesma emissão fónica, a variedade dos sons subsidiários dum dado fonema, era invocada para explicar a variedade dos resultados obtidos. Por outras palavras: O resultado variável, revelado pelo quimograma, mostrava, simplesmente, quanto era variável uma emissão fónica, mesmo quando se procurava obter a repetição dum mesmo som fónico, pelo mesmo aparelho fonador, em circunstâncias, tanto quanto possível, idênticas. Quando demonstrámos, baseados em rigorosas investigações, que para um mesmo som (e não fonema) o quimograma nos pode acusar uma maior ou menor nasalidade, êste ou aquele grau de sonoridade, êste ou aquele movimento de massa, esta ou aquela duração, houve quem objectasse que o apontado como prova de êrro, era, pelo con-

¹ Consultar: *Die Herstellung von Sprachinschriften*, von F. Janvry (*Zeitschrift für Experimentalphonetik*, herausgegeben von Prof. Dr. E. W. Scripture).

² «Im allgemeinen war der Phonetiker schon zufrieden, wenn er einen Apparat hatte, der ihm ein Tracé gab». Ver: «Die Chromographie», von Armando de Lacerda (*Archives Néerlandaises de Phonétique Experimentale*, t. x).

trário, o que havia de interessante a constatar, isto era: A diversidade dos traçados revelava a extraordinária variedade da fonação¹.

Não foi tarefa simples, demonstrar quanto eram pouco seguros os dados fornecidos pela curva quimográfica de forma a convencer incrédulos, ciosos dos seus primitivos métodos. Um dos processos seguidos, para tornar evidente a infidelidade dos quimogramas, susceptíveis de falsas interpretações, foi o registo de curvas orais duplas a que já nos referimos². Tratando-se duma mesma emissão fónica, actuando sobre dois inscrites, provou-se que as características das curvas divergiam, traduzindo uma diversidade que não podia ser provocada por uma mesma emissão fónica³.

Poderíamos ter iniciado esta série de estudos, por uma critica do método quimográfico, visto que sabíamos de antemão as razões que devem limitar a sua aplicação. E demonstrada a insuficiência do método, seguiríamos novo caminho, auxiliado por outros métodos mais perfectos, evitando, assim, considerações variadas, concernentes a um método condenável. Todavia, assim não fizemos; em vez duma critica, sistemática, de forma a pôr de parte, logo de começo, o método em questão, preferimos ir revelando, do modo especial, as dificuldades, na interpretação dos quimogramas, a diversidade dos critérios, as inconsistências, por nos parecer necessário, analisar o caminho percorrido até hoje. Se o foneticista dispõe, na actualidade, de métodos muito mais perfectos, para o estudo laboratorial dos fonemas, assim não sucedeu, até há bem pouco tempo, e o método quimográfico adoptado pela maioria dos foneticistas, continua a ser, ainda, aplicado, apesar da sua demonstrada insuficiência. Supondo, mesmo, que o método fôsse, agora, inteiramente abandonado, como a grande massa dos trabalhos de fonética experimental é baseada na apreciação dos dados fornecidos pela quimografia, não seria possível penetrar com segurança, neste domínio da actividade científica, sem o perfeito conhecimento duma metódica que dominou

¹ «Dass die Stimmkurve derselben Versuchsperson oft innerhalb desselben Experimentes an verschiedenen Punkten einsetzt, ist kein Fehler der Apparatur, vielmehr ein Beweis verschiedener Phonation sogar während eines und desselben Atemzuges und liefert wertvolle Resultate für die Sprachwissenschaft». (Dr. St. Wilczewski, *Archives Néerlandaises de Ph. Exp.*, t. VIII-IX; *Proceedings of the International Congress of Phonetic Sciences*, p. 179).

² V: «A delimitação articulatória dos quimogramas» (Lacerda, *Boletim de Filologia*, t. II, pp. 329-346).

³ V: «Die Chromographie» (Lacerda, *Archives Néerlandaises de Ph. Expérimentale*, t. X).

durante longo tempo e cuja influência, embora decrescente, perdura, ainda, de modo bem sensível.

A velha escola, aliada do método tradicional, só, lentamente, vai cedendo, e o âmbito por ela originado penetrou critérios, técnicas e doutrinas, tam profundamente, que se delas nos alheássemos, completamente, muito difficilmente seríamos compreendidos.

Resta dizer, ainda, que da obra realizada pelos foneticistas da «velha escola experimental» resultaram muitos ensinamentos. O facto de a sua obra necessitar uma revisão, à luz de novos auxiliares, incomparavelmente mais perfectos, não significa a sua condenação. O próprio método, em questão, continuará a ser utilizável, embora limitado às suas possibilidades¹.

Se os comentários expostos, implicam, por vezes, censura, essa censura atinge somente o investigador, que sabedor da existência duma critica fundamentada, ou a ela propositadamente alheio, insiste em pretender continuar no caminho erróneo, por não querer assistir ao derruir duma trabalhosa e complicada construção, que, desprovida de alicerces scientificos, assenta em números e apreciações de valor illusório.

Na opinião de muitos foneticistas, uma das tarefas mais dignas de registo da moderna fonética experimental, tem consistido em afastar, ou minorar, tanto quanto possível, as fontes de erro, e na selecção científica dos dados fornecidos pelos aparelhos laboratoriais.

A tradução gráfica dos fenómenos da fonação, transformou-se numa crença, num «Aberglaube» como muito bem disse Weiss². É essa crença, destituida de espirito critico, que se torna necessário pôr de parte.

As curvas quimográficas mais frequentes e sobre as quais incide, principalmente, a nossa atenção, são os quimogramas orais, nasais e

¹ «... Selbst die Kymographie, die graphische Methode alten Stils, ist zwar überholt, aber noch lange nicht tot. Es gilt nar, sie in ihrem Bereich zu umgrenzen und ihr das Gebiet vorzubehalten, in dem sie auch heute noch wertvoll bleibt». Ver: Paul Menzerath, «Die Phonetische Struktur» (*Acta Psychologica*, vol. 1).

² «... Die Objektivität der instrumentellen Aufzeichnung ist ein Aberglaube, mit dem energisch aufgeräumt werden muss. ... Eine der vornehmsten Aufgaben de E. Ph. in der letzten Zeit bildete (aus diesem Grunde) die sorgfältige Abwägung der Fehlerquellen und Leistungsgrenzen der experimental phonetischen Apparaturen...». Ver nosso artigo anterior, p. 194, nota 1.

laringeos, ou seja, a tradução gráfica, por meio de quimogramas, da actividade oral, nasal ou laringea. Interessa, portanto, descrever e apreciar os sistemas de inscrição correspondentes. Principiaremos pelas inscrições orais.

Inscritior oral:

A inscrição dos movimentos de massa e das vibrações orais, é realizada por meio dum inscristor oral. Há variados tipos, mas os diversos inscristores não diferem essencialmente uns dos outros. O principio em que assentam é o mesmo: As ondas e movimentos de massa, captados por meio dum bocal, são transmitidos a uma cápsula, munida duma membrana (cápsula reveladora) por meio dum tubo de borracha (tubo de ligação). A membrana da cápsula reveladora, reagindo, actua, por sua vez, sobre uma alavanca; esta alavanca apresenta na sua extremidade livre um triângulo inscristor, que inscreve os seus movimentos sobre o negro de fumo que recobre a tira de papel dum cilindro quimográfico.

O sistema inscristor oral¹ consta das seguintes partes: *a)* Bocal; *b)* Tubo de ligação; *c)* Cápsula reveladora; *d)* Membrana; *e)* Ligamento; *f)* Alavanca; *g)* Inscristor.

Temos, por último, a considerar a superfície móvel, recoberta de negro de fumo, sobre a qual se realiza a inscrição.

Analisemos, de per si, cada uma das partes componentes do sistema:

a) Bocal: Os bocais mais empregados, são o de Gutzmann e o de Scripture, apresentando este vantagens sobre o primeiro. O bocal de Scripture é mais leve, de material inerte perante as vibrações sonoras e apresenta um tubo de saída com um diâmetro muito mais favorável à propagação das ondas sonoras e dos movimentos de massa. Todavia, apesar do seu aperfeiçoamento, não deixa de apresentar, como qualquer outro bocal, os seguintes inconvenientes:

— Submete os elementos fónicos a condições especiais, provocando, necessariamente, deformações²;

— Molesta a actividade labial e maxilar, afectando a articulação;

¹ Consultar as obras de Pancocelli-Calzia, Selmer e Janvrin, anteriormente citadas neste artigo.

² «... Übrigens ist es wohl bekannt, wie ein Trichter die Akustik verändert, abgesehen von anderen Nachteilen». Ver: Lacerda, «Die Chromographie», *Archives Néerlandaises de Ph. Exp.*, t. x.

— Altera, psicologicamente, as condições normais que presidem ao acto fonatório.

O bocal de Gutzmann apresenta uma abertura lateral por onde se escapa o ar gasto na fonação; o bocal de Scripture é desprovido de qualquer abertura, comunicando apenas com o tubo de ligação. É por esta razão que Janvrin, no trabalho já citado, *Die Herstellung von Sprachinschriften*, esclarece: O bocal é colocado de forma que a sua gola de borracha fique levemente encostada sobre a face, de modo a permitir a saída do ar e a fim de não perturbar os movimentos labiais¹. O sistema de Scripture apresenta, portanto, uma ventilação (*Ventilierung*) irregular², variando o grau de abertura, constantemente, ao passo que no sistema de Gutzmann o grau de ventilação é constante. Nenhum dos processos de comunicação com o exterior é perfeito, mas é muito preferível um grau de abertura constante. O inscridor de Scripture, pode, no entanto, ser usado de forma a não apresentar um grau de abertura irregular, praticando uma abertura no tubo de ligação e aplicando o bocal de forma a estabelecer-se um contacto perfeito entre as faces e a gola de borracha.

Um sistema completamente fechado, dá-nos um gráfico de duração limitada pela capacidade total do sistema, além de apresentar outros inconvenientes que dificultam a interpretação da curva.

Esclarecemos que a questão da abertura do sistema é duma grande importância para a quimografia, visto que a forma da curva depende de vários factores, entre os quais figura o grau de abertura. Tem, também, como veremos, uma grande influência sobre a sensibilidade do inscridor.

Os bocais fabricados com material insuficientemente inerte, como succede com os bocais metálicos desprovidos duma camada de matéria absorvente, contribuem para tornar os gráficos mais infieis, em virtude de entrarem facilmente em vibração, perante variadas frequências. Tratando-se, por exemplo, dum som final, o quimograma res-

¹ «Beim Hineinsprechen in einen Mundtrichter wird die normale Sprech-atmung von vornherein zerstört, die Bewegungen des Unterkiefers und der Lippen auf das schwerste behindert, und die Worte des Sprechers können nicht einmal von dem Versuchsleiter verstanden werden». Dr. K. Ketterer, «Die Abschreibung von Grammophonplatten», *Proceedings of the Intern. Congress of Phonetic Sciences*, Amsterdam).

² «Bei der Mundregistrierung spricht die Person in einem mit Gummiluft-polster versehenen Trichter. Der Polster ruht ganz leicht auf dem Gesicht, damit die Lippenbewegungen nicht gestört werden und die überschüssige Luft entweichen kann». Janvrin, *ob. cit.*, p. 2.

pectivo pode levar-nos a encontrar uma duração desse som, muito maior do que foi, na realidade, no caso da emissão fónica ter sido seguida duma maior ou menor série de vibrações das paredes do bocal¹. (Não aludimos, de momento, à sua acção como ressoador).

b) Tubo de ligação: A transmissão, do bocal para a cápsula reveladora, é realizada com o auxílio dum tubo de borracha, cujo comprimento, diâmetro e espessura, variam de tipo para tipo de inscritesores. O maior diâmetro exigido pelo inscriteor de Scripture, é mais favorável à transmissão.

Em qualquer dos casos, o tubo de ligação actua como factor de absorção e deformação. Em relação ao pequeno grau de sensibilidade do inscriteor, é muito considerável a quantidade de energia absorvida.

A existência dos tubos de ligação dificulta a sincronização das inscrições simultâneas.

c) Cápsula reveladora: Variando as suas dimensões, varia a capacidade total do sistema, podendo actuar com maior ou menor intensidade, nos fenómenos de ressonância.

d) Membrana: A membrana que reveste a cápsula reveladora, é, geralmente, de borracha. Nos inscritesores vulgares, a principal dificuldade consiste na impossibilidade de regular o grau de tensão da membrana. Se a membrana está muito tensa, não reage perante os movimentos de massa; se a membrana está demasiado frouxa, deixa de actuar como membrana perante as vibrações que lhe são transmitidas. Bastaria este facto para tornar impossível uma apreciação científica dos desvios efectuados pelo inscriteor, traduzidos no gráfico por distâncias entre determinados pontos da curva e os pontos correspondentes da linha de referência. Essas distâncias, variáveis segundo a tensão da membrana (além de outros factores apontados) não permitem, portanto, apreciações comparativas dos desvios, confrontando quimogramas obtidos como membranas sujeitas a diversos regimes de elasticidade, nem são utilizáveis em determinações de va-

¹ Nos trabalhos que primeiramente realizámos com os bocais de Gutzmann, notámos uma duração exagerada da sonoridade de certos sons finais, o que era motivado pelo bocal que entrava em vibração perante timbres favoráveis. Segurando o bocal, de forma a aumentar a superfície de contacto da mão com as paredes do bocal, as vibrações estranhas à emissão desapareciam, actuando a mão como amortecedor.

lores absolutos. No que respeita à revelação das vibrações, vê-se que a inscrição da sonoridade pode ser diversa para uma mesma emissão fónica, por estar dependente do grau de tensão da membrana.

Pergunta-se: ¿Qual o grau de tensão a dar à membrana? ¿Como saber se a membrana apresenta o grau de tensão conveniente? ¿Será possível tender a membrana homogeneamente? Antes de formular novas objecções, diremos que se procurou ladear a dificuldade, estampando sobre a membrana, antes da sua colocação, uma série de círculos concêntricos e equidistantes, por meio dum carimbo apropriado¹. Tendendo a membrana, a figura deveria ficar simétrica, embora os espaços fôssem aumentados pela tensão, até atingirem um determinado limite, aconselhado pela prática. A simetria da figura indicava uma tensão uniforme e a distância entre os círculos, o grau da tensão que, dessa forma, era regulado. O processo não foi adoptado tendo sido considerado imperfeito, achando-se preferível trabalhar com a cápsula de Scripture². O inscitor de Scripture apresenta uma nova espécie de membrana, que, segundo o seu introdutor, é inteiramente inerte, não executando, portanto, movimentos próprios. Seja ou não perfeitamente inerte, a membrana do inscitor de Scripture não necessita contínuas substituições como succede com as membranas vulgares, não contribuindo para uma alteração profunda e constante das condições em que se realizam as experiências, na parte concernente à sua acção.

e) Ligamento: Os movimentos da membrana são trasmitidos à alavanca inscritora por intermédio duma pequenina peça de ligação, que aplicada sobre o centro da membrana se prende à alavanca pela sua parte superior, terminada em forma de garfo. A parte inferior desta peça, geralmente de alumínio ou outro material muito leve³, apresenta um disco que é colado à membrana. Têm sido experimentados os mais variados formatos e artificios, mantendo-se, porém, o defeito fundamental, comum a todos os sistemas. O es-

¹ Ver: Menzerath-de Oleza, *Spanische Lautdauer*.

² «... Die Luftbewegungen und Erschütterungen werden durch einen weiten Schlauch zu einem rechtwinkelig gebogenem Metallrohr geleitet. In dem vertikalem Schenkel des Rohres wird der Membranhalter gesteckt. Die Membrane selbst besteht aus einem Stück weich geriebener Ölseide, welches an einem Metallring angeklebt ist. Die Ölseide hat keine Eigenschwingungen». Janvrin, *ob. cit.*

³ «Auf der Membrane sitzt ein äusserst leichtes Verbindungsstück aus Elektron». Janvrin, *ob. cit.*

queima da fig. 1, vai auxiliar a esclarecer a dificuldade: A alavanca ab , móvel em torno do ponto b , está ligada por uma haste cd à membrana mdm' da cápsula reveladora. Se a membrana deixar a posição de repouso mdm' e tomar a posição $m'd'm'$, passando a alavanca ab a ocupar a posição $a'b$, a haste de ligação cd , perpendicular a ab , passará para cd' , perpendicular a $a'b$. O ponto de ligação do centro da membrana com a haste, passa a ser d' , donde resulta uma descentralização e implicitamente uma desigualdade na distribuição da tensão, da membrana. Se a membrana não fôr suficientemente elástica, como sucede com as membranas de mica ou de vidro, o desvio não se realiza, a não ser que a elasticidade ou mobilidade duma outra peça, ou peças do sistema inscitor, o permita. Em geral sucede o seguinte:

A haste cd , termina por um garfo onde é introduzido o braço da alavanca, e para que este não fique livre, é apertado ao garfo por meio dum fio fino e resistente¹. Uma tal ligação

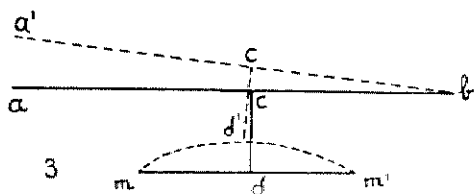


Fig. 1

permite uma certa mobilidade embora a restrinja, deixando o movimento do inscitor de pertencer ao regime forçado. Como factores de alteração actuam os movimentos próprios da alavanca e os fenómenos de absorção de energia.

f) Alavanca: A exiguidade das amplitudes dos movimentos vibratórios da membrana, impede que esses movimentos possam ser directamente inscritos sem o emprêgo duma alavanca. O mesmo se poderá dizer no que respeita aos pequenos movimentos de massa. A alavanca tem por fim aumentar os desvios que lhe são transmitidos pela membrana. Porém, quanto maior fôr essa multiplicação, menor será a sensibilidade do sistema. Sabemos que a alavanca deve ser tam curta e tam leve quanto possível.

Com o fim de aumentar o comprimento do braço inscitor da alavanca, com um aumento mínimo de peso, a extremidade livre da parte metálica, é introduzida numa haste de palha que, por ser leve e resistente, encontra aqui freqüente aplicação.

¹ «... Der Hebel — bestehend aus einer 15^{mm} langen Stahlnadel — wird mittelst einer Rohseidenfaser mit dem Verbindungsstück verbunden». Ver: Janvrin, *ob. cit.*

Seja qual fôr o artifício empregado, a alavanca inscritora representa uma massa de valor exagerado em relação à energia de que dispomos na inscrição das vibrações orais e constitui com a peça de ligação e membrana, um sistema vibratório, com características próprias, que actua como poderoso factor de alteração na inscrição da curva.

Para contrariar os movimentos adquiridos e mantidos pela inércia do inscriptor, a alavanca é, por vezes, munida duma mola que actua sobre ela de forma a restringir os desvios, e tanto mais quanto maior fôr a sua amplitude¹. A acção da mola é mínima e neutralizada pela membrana, quando a alavanca está na posição de repouso. Em geral, a mola é regulável, podendo actuar com maior ou menor força, ou mesmo deixar de actuar entre determinados limites. Se actuar com certa intensidade, os grandes desvios positivos, motivados por movimentos de massa, são muitas vezes seguidos de movimentos negativos do inscriptor, que desce abaixo da linha-zero. Estes desvios negativos não foram motivados pela emissão fónica. O emprêgo da mola, com o fim de sustar movimentos adquiridos oferece, ainda, o grande inconveniente de reduzir a sensibilidade do dispositivo. A corrente de ar surdo que pode anteceder ou seguir um fonema, deixa, muitas vezes, de ser, parcial ou totalmente revelada. Para que tal suceda, basta que o grau de abertura do sistema seja demasiado, em relação à força que contraria a elevação da membrana, força que foi aumentada pela acção da mola, no caso desta ter sido aplicada².

Têm sido experimentados os meios mais grosseiros³, para evitar os desvios negativos referidos, sobrecarregando o sistema com pesos

¹ «... Durch einen einstellbaren Hebelhalter wird das Vergrößerungsverhältnis und die Einstellung der Spitze auf der Schreibfläche reguliert. Nach einem Ausschlag senkt sich der Hebel mittelst einer einstellbaren Feder in die Ruhelage zurück». Ver: Selmer, *ob. cit.*

² «Die Grösse und Dauer dieses Nachhauches ist auf unseren Kurven nie zu bestimmen; sie hängt ja ab 1. von der Aufnahmetechnik (offene oder geschlossene Schreibung). Bei offener Schreibung wird der Nachhauch sehr klein und kurz, bei geschlossener aber über Gebühr lang; und im letzteren Falle weiss man nicht einmal, ob man es wirklich mit dem Nachhauch zu tun hat oder noch mit dem Sprechatem; 2. von der Aufnahmekapsel. Der Nachhauch wird umso stärker verkürzt, je grösser die Membranspannung oder je höher der Federdruck ist und umgekehrt. Ver Menzerath-Lacerda, *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung*, p. 14; Lacerda: «A delimitação articulatória dos quimogramas», *Boletim de Filologia*, t. II, p. 341.

³ «... Andererseits bewirkt der leichte Federdruck bei ungenügend gespannter Membrane oft einen zu kräftigen Rückschlag der Schreibfeder, die oft unter die Ruhelinie negativ ausschlägt (wie bei der Inspiration) und folglich eine genauere Abgrenzung der Laute erschwert. Ich habe diesem Übel dadurch

ou forças, neste ou naquele sentido, por vezes em sentido contrário, donde resulta, claramente, uma diminuição de sensibilidade que desvaloriza, completamente, o inscritor.

g) Inscritor: A haste de palha é munida, na sua extremidade livre, de um triângulo, talhado em folha muito fina, de metal, cartão endurecido ou celulósido. Importa que seja leve, resistente e suficientemente elástico para que a sua ponta, quando aplicado sobre a superfície de negro de fumo, não a abandone quando a alavanca se desvia da posição de repouso. Quando a alavanca sofre um desvio, a ponta do inscritor descreve um arco de círculo cujo raio é igual ao comprimento que vai da sua ponta ao fulcro da alavanca. Designando esse arco de círculo por $a-b$, esclarecemos: Logo que o ponto $-a-$ seja abandonado, quer seja no sentido positivo ou negativo, a ponta do inscritor deixará de tocar o negro de fumo, a não ser que o triângulo inscritor continue a tocar o cilindro em virtude da sua elasticidade. Neste caso, o inscritor terá, necessariamente, de tocar o ponto $-a-$ com maior tensão do que qualquer outro ponto do arco de círculo $a-b$. Qualquer dos pontos entre a e b , está mais afastado do que o ponto a , visto que o ponto b está num plano posterior ao do ponto a . Para que tal não succedesse, a superfície onde se realiza a inscrição teria de ser plana e não cilíndrica. Inclinando o inscritor favoravelmente, seria resolvida a dificuldade se os desvios se realizassem apenas num sentido. O facto de a pena abandonar o papel, como se costuma dizer em linguagem de laboratório, pode ter os seguintes motivos: — Inclinação da cápsula; o inscritor deve descrever um arco de círculo segundo um plano paralelo ao eixo do cilindro e não oblíquo. — O inscritor foi encostado ao negro de fumo, apenas o suficiente para tocar o cilindro à altura da linha de referência. Para que a pena não abandone o negro de fumo ao sofrer um desvio, o atrito a vencer à altura da linha-zero terá, necessariamente, de ser maior do que o atrito a vencer num ponto superior, ou inferior, à linha de referência.

Superfície de inscrição: A superfície móvel, recoberta de negro de fumo (geralmente cilíndrica), sobre a qual se realiza a inscrição,

abzuhelfen versucht, dass ich die Schreibhebel mit Platinakugeln von wechselndem Gewicht beschwert habe, wodurch sowohl die grossen positiven als auch die negativen Ausschläge in den meisten Fällen vermieden werden. Ver: Selmer, *ob. cit.*, p. 10.

implica algumas objecções, independentemente da questão da velocidade de rotação do cilindro quimográfico, sua uniformidade, etc. Interessa esclarecer que o atrito oferecido pelo negro de fumo, actua como factor de modificação da curva. O inscridor tem a vencer uma resistência que varia segundo o afastamento da linha-zero e também segundo a espessura da camada de negro de fumo. Trata-se duma resistência de valor variável, não se dispondo dum meio para garantir uma deposição de negro de fumo, sobre a tira de papel, perfeitamente homogênea. Dum maior ou menor atrito, depende também, a forma da curva.

Com o auxílio dum inscridor oral, composto das partes descritas, tem pretendido o foneticista obter traçados que lhe revelem os movimentos de massa e os movimentos vibratórios da actividade oral. No concernente aos movimentos vibratórios, a pretensão limita-se a estabelecer zonas

vozeadas e não vozeadas e, por vezes, a frequência do fundamental.

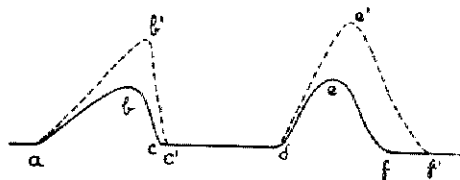


Fig. 2

Atendemos ao que havia de essencial a observar num inscridor oral; procuremos, agora, fazer o

estudo crítico das inserições orais. Passaremos depois à tradução quimográfica da actividade laríngea e nasal.

Curvas orais:

Segundo o critério tradicional, diremos que a curva oral interessa, principalmente, como reveladora dos movimentos de massa, que por sua vez, fornecem elementos para a delimitação dos traçados.

Suponhamos que para um determinado fonema oclusivo, obtivemos a curva oral *-abcdef*, esquematicamente representada na fig. 2. Como atendemos, agora, aos movimentos de massa, não interessa a representação de zonas vozeadas.

Interpretação: De *a* até *b*, dá-se a saída da corrente fonatória, que atingiu o seu ponto máximo em *b*; de *b* até *c*, a corrente de ar diminui de intensidade; de *c* até *d*, não se efectua qualquer saída de ar. As zonas *d-e*, *e-f*, têm esclarecimento semelhante ao atribuído às zonas *a-b*, *b-c*.

Observamos: Para que o ponto *-a-* nos indique o início da corrente de ar, é necessário que o volume de ar introduzido no sistema, seja suficiente para motivar um desvio positivo da membrana e implicitamente do inscridor acima da linha-zero. Se o sistema fôr munido de abertura (*Ventilierung*), o ponto *-a-* dependerá do grau da abertura, que põe o sistema em comunicação com o exterior, e da resistência oferecida pela alavanca inscritora. Esta resistência, pode, por sua vez, ser maior ou menor, dependendo de variados factores: diâmetro e elasticidade da membrana, comprimento da alavanca, pêso total a movimentar, modo de acção do ligamento, atritos a vencer, etc., — isto é: depende de variadas condições mecânicas que presidem à inscrição do ponto *b*, o qual muito menos, ainda, que o ponto *a*, assinala um máximo de movimento de massa, correspondente, tal como é interpretado.

Ponto *b*: Será assinalado a uma distância positiva, da linha de referência, tanto maior, quanto maior fôr o valor da massa posta em movimento e menor o grau de abertura;

Será assinalado a uma distância da linha de referência, tanto menor, quanto maior fôr o amortecimento e o grau de abertura.

Ponto *c*: Depende do ponto *b*, ou seja da altura atingida pelo inscridor, surgindo tanto mais tarde, quanto maior fôr o grau de abertura e maior a pressão exercida pela mola de restrição¹, sobre a alavanca inscritora.

Ponto *d*: É o ponto que oferece maior garantia de poder ser interpretado com exactidão, devendo acusar-nos o momento em que teve lugar a explosão (no caso do exemplo escolhido). Trata-se duma grande quantidade de ar, animada de grande velocidade, em relação ao grau normal de abertura, o que leva a admitir uma

¹ Ver o que se disse anteriormente, ao tratar da alavanca. Do trabalho citado de Selmer, transcrevemos: «Die Hebel ruhen mit leichtem Federdruck auf dem Angriffspunkt der Gummimembrane, und ein an der Kapsel angebrachter Stahldraht verhindert allzu grosse Ausschläge der Schreibfeder. In diesem Punkte wären noch einige Besserungen erwünscht, denn einerseits schneidet mitunter der Stahldraht (bei kräftiger Artikulation) die Explosion der Verschlusslaute und die Kurvengipfel der (besonders stimmlosen) Reibelaute in halber Höhe horizontal ab, was sich aber zum Teil durch Anbringung einer Ventilanordnung am Gummischlauch der Mundlinienkapsel vermeiden lässt».

pronta reacção da membrana. Todavia, deve ser considerada a capacidade total do sistema (dimensões do bocal, tubos de ligação e cápsula) como um valor que pode influir sobre a denúncia do ponto *d*, de tal forma que a explosão se pode ter dado, de facto num ponto *d'*, anterior ao ponto *d*.

Ponto *e*: Depende, como o ponto *b*, de variados factores, tais como: grau de abertura, valor da massa posta em movimento, dimensões do sistema pneumático, etc.

Ponto *f*: Sofre crítica semelhante à formulada para o ponto *e*.

Conclusões: Para um mesmo movimento duma mesma massa de ar, em vez da curva *abcdef*, podemos obter uma outra, por exemplo a curva *ab'c'de'f'*, supondo que os pontos *a* e *d* não mudam.

Os pontos *a* e *d*, são, na verdade, os pontos que oferecem maior probabilidade de exactidão. O ponto *a*, é, porém, mais discutível que o ponto *d*, por motivo já esclarecido.

Como não é possível conhecer e regular os agentes de modificação, as condições que presidem à inserção variam continuamente. Uma mesma emissão pode provocar curvas diversas; emissões diferentes podem provocar curvas iguais. Não podemos, também, rectificar os quimogramas de forma a tornar as curvas equivalentes.

Entre esses agentes de modificação, figura, como vimos, o grau de abertura, podendo parecer que esse grau é regulável. Na realidade, podemos dar ao sistema uma abertura maior, ou menor, e uma vez estabelecida a sua dimensão, mantê-la sem alteração. Não esqueçamos, porém, que determinado grau de abertura, demasiado grande para um dado fonema, será demasiado pequeno, relativamente a um outro fonema. O mesmo se dirá a respeito dos sons subsidiários dum fonema, ou suas zonas constituintes. Não descendo a minúcias, suponhamos que o grau de abertura foi regulado de forma a impedir uma acumulação de ar no sistema; neste caso, a membrana deixará de reagir perante deslocções relativamente pequenas; ainda que as restantes partes do inscridor ofereçam boas condições de sensibilidade. A massa de ar só eleva a membrana, se o seu desvio não oferecer maior resistência do que a resistência oferecida pela saída do ar. O grau de abertura não pode ser, portanto, regulado de maneira a corresponder favoravelmente a todas as emissões.

A membrana deveria sofrer um desvio positivo, à medida que o valor da massa de ar vai aumentando, mas, de facto, a membrana sofre desvios que variam com o grau de abertura.

Seria menor o número de objecções concernentes ao grau de abertura, se todos os foneticistas trabalhassem com sistemas iguais e adoptassem um mesmo grau. Mas admitindo mesmo a possibilidade de se chegar a um acôrdo, os desvios continuariam a não

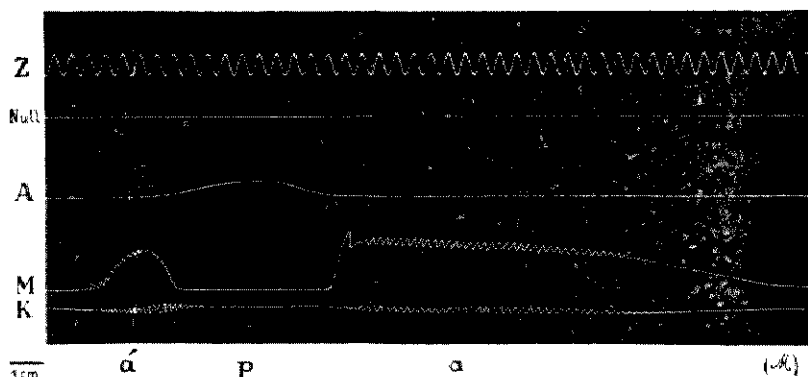


Fig. 3

poderem ser aferidos; mantinham-se, pelo menos dois factores, de acção constantemente variável: Tensão da membrana e grau de amortecimento.

Factores de modificação:

Os factores que podem contribuir para a modificação da forma duma inscrição quimográfica, são tão numerosos, que nos limitamos a citar, resumidamente, os mais importantes:

Movimentos próprios (*Eigenbewegungen*). Inércia do sistema pôsto em movimento. Massa posta em movimento: Membrana, Ligamento, Alavanca, Inscritor. Os movimentos próprios são contrariados pelo grau de amortecimento do sistema e favorecidos pela sua elasticidade.

O grau de amortecimento varia, porém, actuando segundo circunstâncias variáveis. Não se trata dum factor de valor constante; o seu valor depende: a) da altura em que se encontra o inscitor, que varia de momento para momento; b) da espessura da camada de negro de fumo e outros atritos a vencer.

Quanto maior fôr o desvio do inscitor num dado momento, menor será nesse momento a resistência a vencer, provocada pela

própria inscrição. A parte da curva que se segue ao momento explosivo, atesta, freqüentemente, de forma bem evidente, a existência de movimentos próprios. O grau de amortecimento devia ser suficiente para evitar êsses movimentos estranhos, sem que a sua acção tornasse o sistema insensível perante as energias mínimas, nem impedisse o regresso do inscridor à linha-zero à medida que a massa de ar fôsse diminuindo, ou no momento em que cessasse de actuar.

Possuímos, já, dados suficientes, para apreciar a dependência em que se encontra a forma duma curva oral quimográfica, do sistema de inscrição adoptado. Para o confirmar bastará confrontar inscrições orais obtidas com inscridores diversos, ou com o mesmo inscridor, fazendo variar as características duma ou mais das suas partes componentes. Particularidades técnicas que à primeira vista parecem ser desprovidas de importância, podem exercer uma enorme influência, tais como: tensão da membrana, diâmetro da cápsula, acção da mola de restrição, etc., etc.

Zonas vozeadas e zonas áfonas:

Se observarmos a inscrição oral do traçado reproduzido na fig. 3, do grupo *-ápa-*, distinguimos: duas zonas vozeadas e duas zonas áfonas. A primeira zona vozeada, tal como é revelada pela curva oral, termina ao ser atingida a linha-zero. As últimas vibrações não teriam sido reveladas se a velocidade do cilindro quimográfico não tivesse sido maior do que a velocidade normal. Um menor grau de inclinação da curva descendente contribuiria para ocultar a ondulação. Interessa considerar que não podemos afirmar que as ondas orais tenham cessado de facto, no momento revelado pela curva oral, isto é, no momento em que o inscridor atingiu, novamente, a linha-zero. Para que se torne maior a nossa dúvida, basta observar a curva laríngea correspondente. O ponto em que se inicia a horizontal, pode corresponder, ou não, ao momento oclusivo, de forma que não podemos afirmar que as ondas tenham cessado, necessariamente, neste ponto. Por outro lado, as últimas vibrações orais podem ter sido seguidas de mais algumas vibrações laríngeas, e embora para o grupo apresentado não nos pareça muito provável tal caso, temos pelo menos que o admitir como possível. Esta impossibilidade de provar o erro, como agora sucede, sem o auxílio de curvas especiais, contribuiu, poderosamente, para ocultar as deficiências do método quimográfico. No presente caso, os resultados obtidos com as inscrições orais duplas, mostram como a duração das vibrações

orais, revelada pela curva oral, pode deixar de corresponder à sua duração real.

Quanto à zona áfona final, sabemos, já, que a sua duração teria sido menor, ou maior, se tivesse sido, inversamente maior, ou menor, o grau de abertura do sistema.

O estudo crítico das inscrições laringea e nasais, completará o assunto.

ARMANDO DE LACERDA.

Vida e feitos de Julio Cesar

(Continuado do T6mo III, p. 217)

«Todas¹ essas cousas, disse Cesar, te som agora per-[fl. 27 a] -doadas por amor de teu irma6o que aquy est6. Mais a ty c6pre, d'aquy avante, de te guardares per tall guisa que eu n6 aja rrazom de aver contra ty sospei6om de mallo». E, n6 embargando todo esto, Cesar p6s certas enculcas sobre ell, por tal que lhe dissessem o que ell dezia e fazia e com quem falava.

En aquelle meesmo dia chegou rrecado a Cesar em como os cluto6es tiñham tomado sen alojamento ao pee do m6te, oyto milhas² da sua hoste, e elle enviou por saber quej6do era aquell monte, se era bo6 de sobir; e foe-lhe ditto que ssy. Ent6 mandou a Titus Labianus³ que tomasse logo duas ligi6des e fosse entrar pello monte acima, dando-lhe home6s taaes que os souberom muy b6 guyar; e esto lho disse Cesar de sua cabe6a, sem se aconsse- lhando com nem hu6, acerqua de mea noute⁴. Titus Labianus⁵ se partio das tendas con [fl. 27 b] sua cavallaria e se foe direito contra hu estavam os cluto6es. Comsideos⁶, hu6 cavalleiro muy sages⁷ de guerra, que andava com Lu6ius Silla e despois c6 Marcos sobre os turcos, foe envyado de noute deante e outros c6 Marcos Crassus⁸, por mayor segur6a, ataa que Labianus ouvesse tomada a mon- tanha. Mais Consideos, cuidando polla hoste de Labianus que eram os cluto6es, tornou-sse a grande pressa pera Julio Cesar, contan- do-lhe por novas em como os cluto6es tiñham tomada a cabe6a da montanha e estavam em ella e que esto sabya de certo por quanto vira as suas sinas que elle bem conh6gia. Cesar, aaquella ora, n6 era mais longe dos cluto6es que mill e quinhentos passos, que da viinda de Labianus nom sabia[m] parte, seg6do lhe disserom os

¹ O que se segue 6 tirado de J6lio C6sar, *Bellum Gallicum*, I, xx e segs. ² .viiij. mile pas FR. ³ Por Labienus. ⁴ O texto franc6s diz s6: et li bailla tex qui bien le sorent guier, car il 6tait pres de mie nuit, et son conseil lor dist. ⁵ N6o foi T. Labienus mas C6sar. Cf. o texto latino: Ipse (C6sar) ... ad eos contendit, *Bel. Gal.*, I, XXI. O texto franc6s diz: Il (C6sar) se parti... ⁶ Por Considius. ⁷ ... uns chevaliers adurez FR. ⁸ O tradutor portug6es tomou o famoso M. Crassus por um vulgar oficial do ex6rcito de C6sar. O texto franc6s diz: Considius ... fa envoyez avant et autres espies avec, por la chose encherchier.

prisioneiros que depois foram filhados. Mais por o que lhe dissera Consideo, tomou toda sua hoste e foy a poer em outra cabeça que era vezinha daquella em que estava Labianus, em a quall ele hordenou suas batalhas¹, e esso [fl. 27 c] meesmo Labianus fez da outra parte como aquel que avia mädado de Cesar que sse nõ nenbrasse nõ trabalhasse de juntar na batalha ataa que o elle nõ ssentisse preto da hoste dos clutoões. Tanto que foy dia claro e que Cesar, por suas enculcas, soube certamente que Labianus e os seus aviã tomada a mōtanha e que os clutoões erã partidos e alojados a de fora, logo entendeo que Consideo fora enganado e cō medo lhe avia dado a entēder mentira por verdade. E, aquelle meesmo dia, cercou² seus imiigos cō tall espaço de hũa hoste aa outra como soya. E, por que avia trres dias que os da hoste nõ avyã pam³, Cesar se trabalhou honde o poderiam aver e fez vellar⁴ toda a hoste contra huũ castello que estava fora do caminho que tiñham os clutoões que escaparõ⁵ da hoste. E elles cuydavam que os rromaños fogiam com medo por que nom foram a elles quando Libianus os cercou⁶ no monte que lhes paresçia que tiñham a melhor por que estava no outeiro e que os rromaños fossem a (e)elles; mais elles hyã [fl. 27 d] pella terra a buscar cevada e vyanda⁷ e ssayrõ-sse do caminho que avyam filhado e tornarõ-sse pera Cesar⁸. Quando Cesar conheceo este ffeito, fez meter sua gente a pee cōtra huũ outeiro⁹ e toda sua cavallaria pôs encontra seus imiigos por manteer o combate e elle, de dentro, hordenou trres batalhas no meo¹⁰ do outeiro. E ã estas trres batalhas avya quatro ligioões, daquelles que mais erã husados de guerra, e em cima do outeiro, hordenou duas ligioões de nobre¹¹ gente, e da

¹ ordena ses eschieles *FR.* ² ... suivi ses ennemis a itel antreval ... *FR.*

³ Tradução *inexacta* do texto *francês*: Trois jors apres, por ce qu'il n'avoit mes que .ij. jors jusqu'au point que la livraison dou froment devoit estre baillie a cels de l'ost[z]. ⁴ ... fist ganchir tote l'ost[z] vers un chastel plantif de la voerie d'Ostun *FR.* ⁵ O *original francês* diz: Fuitif, qui eschapé estoient de l'ost[z], le noncerent as Helveois. ⁶ Quant Labienus ot sesie la montaigne desor els *FR.* ⁷ O *texto francês* diz: Ils cuiderent que ... li Romain tendissent a els forselorre dou pais ou il se treoient por forrer anone et viande. ⁸ *Falta aqui todo o fim do periodo do original*: ... et aloient la rere garde asaillant et cembelant a cels de la derriere quee as Romains, et fesoient lor pongneiz et lor corses a els, ⁹ ... un tertre qui pres estoit *FR.* ¹⁰ ... non pas tot en somet, mes el mi leu dou mont *FR.* ¹¹ ... de novele gent qu'il avoit mises en brief outre les Alpes par devers Itaille *FR.*

outra mesnada çercou o monte de todas partes; e entõ fez Cesar ajuntar toda sua carryagem¹ e guarnir de boas gardas, daquelles que erã mais altos², e assy³ fezerõ os clutoðes que todo o seu ajuntarom e depois çarrarom todos os escudos ante ssy, e, huñ junto con o outro, assy como sse todos fossõ huñ⁴, e tiñham as cabeças per sô, as bandas e as espadas nas mãos, e feriom tam gravemente em os cavalleiros de Cesar que passarem o primeiro combate e chegarom aa primeira batalha que Cesar hordenara no monte. [fl. 28 a] Quando Cesar vyo esto, decco-sse do cavallo e fez a todos seus cavalleiros leixar os cavalos por lhe tolher toda esperãça de fogir e que todos os seus fossõ em iguall periigo e confortou sua gente de bem fazer e chegou-sse a elles. Os clutoðes tiñhã os escudos sobre as cabeças, como vos já disse, mais a gente de Cesar⁵ lhe lançarom muytos dardos a grande esforço e asinha lhe britarom sua braveza⁶ e assy braadavã francoðes em tamanho arroydo d'escudos que⁷ em fim sua braveza foe britada e os rromaños veerõ sobre elles com suas espadas e ally se começou a batalha aspera e mortall e tornou-sse a grande õpeecimento dos clutoðes. Ca seus escudos eram pregados dous e dous e trres e trres dos dardos que lhes lançarõ do môte, e os dardos eram tam pesados que elles nõ podiam manear⁸ seus escudos e por esto avyã elles a peiorar e muytos hy avya que leixavã os escudos e combatiã-sse descubertos. E ã fflym, desque hy ouve muytos mor-[fl. 28 b]-tos e feridos, elles se tirarom contra huñ monte que era acerqua d'ally a mill passos, e em este môte sobirom todos e os rromaños apõs elles. Boygoys e cormigoys⁹, que eram na rreguarda, sobirõ com os clutoðes em aquele môte e os rromaños os combaterom de fundo¹⁰ e começarõ-nos a ençarrar. Quando os clutoðes esto virõ, elles se juntarom e começarõ seu esforço. Ca¹¹

¹ ... tot son hernois et son charroi FR. ² ... qui estoient pus en haut FR. ³ O texto francês diz simplesmente: Li Helveçois suivirent apres... ⁴ ... Puis se mistrent ensemble serrecement les escuz par devant els un joint à autre, autresi come la couverture d'un toit FR. ⁵ ... la gent Cesar, qui furent au dessus... FR. ⁶ lor phalange FR. ⁷ O texto francês não diz isto: ainsi clamoient François itel atirement d'escuz. ⁸ ... ne pooient les escuz [des]acerdre FR. ⁹ Boiois e Turingois FR. Boi et Talingi, Cf. César. ¹⁰ O tradutor português afasta-se um pouco do texto francês que diz: Boiois et Turingois, qui estoient en la rere garde que li Helveçois montoient el tertre, si assaillent Romains de costé et les comencent à enclorre. ¹¹ Falta aqui o principio duma frase que diz no texto francês, como, de resto, no texto latino: Quant Helveçois virent ce, il se rallient et reconnaissent l'estor.

elles aviam bem quinze mill turnigios ã sua rreguarda que aviam começada a batalha contra os rromaños que os seguyã. Cesar enviou a elles tres aazes de sua gente¹, a melhor armada, e a batalha foe aspera e duvydosa. Elles se matavã de hũa parte e da outra e ferian-sse assy que duvyda era quẽ avia a milhor²; ca elles aviam seus cavallos metidos atras por tolher a esperanza de fogir. Grande foe a peleja, mais em fim vencerom os rromaños³. Os clutoões fogirom aa montanha e outros ao arrayall e a batalha durou desassete⁴ oras atees a ves-[fl. 28 c]-pera assy que huũs nom viam os outros polla grande queẽtura⁵ e pollo poo e os rromaños os seguirõ ataa o arrayall⁶ e cõbateron-sse grande peça⁷ da noute. Os clutoões lançavã de cima sobr'elles as rrodas⁸ das carretas e todalas outras cousas que podiam, de guisa que feriam muytos dos homeẽs de Cesar, mais, por esso, nũa poderõ aver a honrra do campo por ajuda que tendilham nem carreta lhes fizesse, antes foe aly presa hũa filha de Orgentoris casada com huũ filho de Otoret⁹. E daquelle jogo¹⁰ escaparõ cento e cincoeeẽta¹¹ mill antre homeẽs e molheres e moços que nom quedarõ de andar en quanto lhe durou a noyte, e em outro dia atees as tres oras¹² de guisa que ao quarto forom em Longres¹³ por que Cesar defendeo aos rromaños que os nom seguissem atees que fizessem soterrar seus mortos e os que eram feridos e cãssados tevessem esfforço. E Cesar enviou suas leteras aos de Longres que nom fizessem nẽ hũa ajuda a sseus iniĩgos senom que [fl. 28 d] elle seria seu iniĩgo e, ao terceiro dia, os começou a sseguir com toda sua gente. E os clutoões forom em tã grãde mingua de todallas cousas que aviam mester, que enviaram a Cesar seus messegeiros

¹ Cesar lor lessa corre diij. peire de conroiz de sa mielz arnaee gent FR.

² O texto português não traduz as palavras seguintes: De lor jostes ne fet mie a parler, car ... FR. ³ ... pié a pié i estoit granz li estors. Au derrien ganchirent li Helvegois FR. ⁴ Erro grosseiro do tradutor português: ... de la septiesme hore dou jor jusqu'au vespre FR. ⁵ la nuille FR. ⁶ hernois FR. ⁷ grant piece FR. ⁸ O tradutor português afasta-se muito do original francês: ... lançoient de haut sor els et se metoient entre[s] les roes del charroi desoz peniax et desoz autres hernois FR. O compilador francês, de resto, resume também o texto de César. ⁹ Outro erro cômico do tradutor português que tomou a palavra otot por um nome de pessoa. Cf. o texto francês: ... fu iluesques prise une des filles Orgetoris mariee, et un de ses filz otot. César diz simplesmente: Ibi Orgetorigis filia atque unus e filiis captus est. Bel. Gal., I, xxvi. ¹⁰ De cel estor FR. ¹¹ .cxxx. milliers FR. ¹² et l'endemein et au tierz jor FR. ¹³ Longres por Langres (Haute-Marne) FR.

que prestes estavã de sse lhes rröder e fazer seu mandado. E quando chegarõ a elle¹ lançarõ-sse a sseus pees e rrequereron-lhe paz. Cesar lhes mãdou que aguardassem em aquelle meesmo lugar onde estavam², e, quando chëgou a elles, demãdou que lhe dessem todallas cousas³ que falesçiam da oste dos rromaños e que lhe dessẽ todollos seus que sse cõ elles lançarom. E, aquella meesma noute, sayrõ oyto⁴ mill homeës das tendas dos clutoões por que souberõ o que Cesar pedia e ouverom medo de perderem as vidas ou seerẽ atormëtados⁵ e forõ-sse direitos a passar o rryo⁶ descontra Sanssonha⁷. Quando Cesar ouvyo estas cousas elle mandou a aquelles per cuja terra elles passavam que fossẽ apõs elles e que lhos trouvesse [fl. 29 a] se queriam aver sua paz e depois que lhos trouverom, elle os nomeou por seus iniigos com os outros. E desque os clutoões ouverõ entregado todo⁸ aquello que Cesar pedia, elle mandou que sse tornassẽ ao logar donde veerom e, por que nom aviã pam nõ outro mãtümëto, mandou aos de Bregonha que lhes dessem o que lhes comprisse⁹. E disse-lhes: «Tornaæ võs aa terra donde saistes e rrefazee villas e castellos e todolos outros lugares que queymastes». Esto fazia elle por que nõ queria que a terra ficasse despoborada, nem que os saynees d'aallem do rryo se metessem pella terra, que era muy booa, e a poborassem e fossem vezinhos dos brogonhoões de Bregonha e de França. Os da terra d'Oscum rrequeriam antre ssy, per outorgamento de Cesar, os bogoyes, companheiros dos clutoões, por que eram gente virtuosa e derom-lhes campos e possyssodes antre ssy e fezerõ-lhe companhia com tall franqueza como elles meesmos [fl. 29 b] avyam¹⁰. E acharõ hy hũas tavoas que ficarom dos clutoões e avya hy leteras¹¹ que

¹ ... qui venoit a esperon *FR.* ² Ils si firent *FR.* ³ ... il lor demanda ostages et que li rendissent les sers fuitifs qui s'en estoient a els foiz de l'ost[z] as Romains, et conmanda que rendissent les armes *FR.* ⁴ ... vj. mile *FR.* ⁵ ... s'il avoient les armes rendues, ou por eschaper, que il cuidoiert bien fere sans le set des autres en si grant torbe de gent ... *FR.* ⁶ por o Rym (Rhen), Rin *FR.* ⁷ Por Sessoigne *FR.* O texto de César não menciona este nome. ⁸ O tradutor português resume o original francês que diz: Toz les autres qui ne s'estoient meü reçut il em pes si tost come il orent lor ostages donez et lor armes baillies et les fuitis renduz... ⁹ ... car il n'avoient rien lessié arriere en lor leu dont il estoient meü *FR.* ¹⁰ ... et les aconpaignerent a itel franchise come il avoient *FR.* ¹¹ Letres i avoit greus *FR.* Cf. César: ... litteris graecis confectae, *Bel. Gal.*, I, xxix.

mostravã as somas de quantos eram saydos de suas terras e eram, antre hommeës e molheres e moços, trezentos e sateenta e oyte mill¹; e noveenta e quatro² milheiros erã os que traziam armas. E de toda esta soma nom foram a ssua terra mais que cento e dez mill por que Cesar os fez contar.

Desque Cesar em esta guisa segurou os clutoões, os senhores das cidades de França³ veeram a elle(s) por lhe(s) fazer festa e alegria e cuydavam bem que fortuna nõ lhe dera esta vittorya soomõte por viingar a desonrra que os clutoões tiinhã fleita aos rromaños no desbarato de Lucius Casius, mais pollo comuõ de França. Ca os clutoões nõ leixavam seus lugares, que eram comprido[s] de todo bem, senom soomente por meter Frãça de soo seus pees e por soerẽ senhores della toda e faze[re]m sua vontade e escolherẽ por seus olhos⁴ os lugares que som mais proveitosos [fl. 29 c] e as outras cidades rrepartirem antre ssy e rrequererõ a Cesar que lhes desse licença de fazerem huũ consselho⁵ a huũ dia certo. Ca eles aviam de rrequerer certas cousas que compriam ao comuõ e Cesar lho outorgou. E foe viiundo o dia do consselho e jurarõ antre ssy que nem huũ nom descobrisse cousa que hi fosse fallado⁶; e tiveram seu cõsselho e des y veerõ a Cesar os principes das cidades que hi estavã⁷ e rrequerrõ-lhe que lhe prouvesse de lhe falar em segredo do proveito comau de toda a terra e Cesar disse que lhe prazia e tirou-os a hũa parte e elles lhe cayrom aos pees chorãdo, desejando que o que lhe deziam fosse bem callado⁸ por que elles viiam seu perliço se a cousa fosse sabuda. E dom Viciatus⁹ d'Oscũ fallou por todos: «Em França, disse elle, ha soomente duas nações de gento¹⁰ per que toda a terra he destroyda¹¹. A cidade d'Oscum he destroyda¹², perseguida de hũa destas gentes, e Crermõte e Lucone¹³ da outra¹⁴. Muyto durou a guerra antre elles por que huũs e os outros cobliçavam seer senhores; tanto que os de Crermonte e de Sequanoys,

¹ .ccc.lxxviij. mile FR. ² nonante et .xj. milliers FR. ³ ... pres que de toute France FR. ⁴ ... car il cuïdoient eslire a lor oes por habiter le plus planteureus leu de France, et les autres citez fere rendre reũ a els FR. ⁵ un concile FR. ⁶ ... s'a cels non qui il seroit comandé FR. ⁷ qui avant i orent esté FR. ⁸ ... come il estoient de ce qu'ele fust achevée ... FR. ⁹ Dom Viciatus por Diviciacus FR. ¹⁰ conspirées ensamble FR. ¹¹ troblée FR. ¹² chevetaine FR. ¹³ Por Clermonz en Auvergne FR. ¹⁴ est chies de l'autre FR.

que eram [fl. 29 d] vizinhos d'Oscum, mandaram suas soldadas aa cavallaria de Sanssonha¹ e, em começo, passarõ o rryo ataa dez² mill dos soldadeiros, e, depois daquello, começou-lhes tanto a prazer a terra de Ffrança e a avondança e maneira della que já li som viidos bem cento e viite mill que tâtas vezes se combaterõ com eles os d'Oscum por os lançar da terra, que muytos dos seus os melhores homeës ham perdidos e sua cavallaria he apouquentada³ que em outro tempo soya de aver grande poder. E os amigos do poboo rromaão som tam apouquentados pollas batalhas que ouverõ com os sinees⁴ e por esto⁵ aviam dadas pareas⁶ aos sequanoys e a⁷ todos os mais nobres soldadeiros do d'Oscum.

«Eu som aquelle, disse Deviciatus, que nõ quero fazer servidom⁸ nem dar meus filhos por servos, nõ nõca a esto pude seer trazido; ante me fuy a Rroma ao Senado a demandar-lhe ajuda como quem nõ queria seer theudo a servidõ [fl. 30 a] dos sequanoys. Mais aynda vay peor a elles que os d'Oscum por que Alionistus⁹, rrey dos s[e]jines, á grande tempo combatida a terça parte de sua terra, a mais abastada de toda França, e mandava-lhes que leixassem o outro terço assy que de toda sua terra huũ soo terço ficasse com elles. E a vitoria do[s] d'Oscum os tornava mais a dano que a proll e mandava Alunoioistus sayr os sequaynoys de sua terra por a dar a viinte mil¹⁰ sseyne que passavã o rryo¹¹, nom avya muyto; e assy acontecera sse sse nom tomara boo consselho, que tantos dos seynes passarõ o rryo que elles poderõ lançar os franceses de toda França por que os saynes e os franceses sã muy desvairados em custumes e nom poderõ muyto seer vizinhos. E Arunistus¹², por que hũa vez venceo os franceses, quer aver sobre elles cruell senhorio e toma os filhos dos nobres homeës du quer que os acha e faz aspera e cruell justiça se alguũ faz cousa contra sua vontade. Cesar, Arunistus he homẽ e forte e bravo¹³ assy que nem huũ nom po-[fl. 30 b]-de longamente aturar senõ am de ty e do poboo rromaão alguũ acorro; ante cõ-viũrã que todos leixẽ seus lugares e se vãõ vazios¹⁴ pera comar-

¹ Por Sessoine FR. *César dit simplement*: ... Germani mercede arceserentur, *Bcl. Gal.*, I, xxx. ² .xv. mille de ces Sesnes souldoiers. *Estes sesnes são os suevos.* ³ amenuisee FR. ⁴ Por Sesnes FR. ⁵ par estovoir FR. ⁶ ostages FR. ⁷ ostages ... de toz les plus no les citeains ... FR. ⁸ sairement FR. ⁹ Por Ariovistus FR. ¹⁰ .xxiii. mille FR. ¹¹ le Rin FR. ¹² Por Ariovistus. ¹³ barbarius, [i]ros et fox FR. ¹⁴ s'en augent vague por estrange leus FR.

quas estranhas, assy como os clutoões queriam fazer, e que elles se ponham¹ contra toda fortuna por alongar os seynes. E sse Ariomistus sabe esta cousa, que por nós he prantada ante ty, elle nos destruyrá. Mais se tu quiseres, podes bem fazer polla autoridade de Rroma e pollo rreceo que de ty averá pola vitoria que tu ouveste dos clutoões, que nom passarõ mais seynes o rryo, e assy podes tu guardar toda França da tiranya d'Ariomistus».

Desque Domiciatus² ouve acabada sua rrazõ, os outros baroões de França em chorando rrequererõ a Cesar ajuda e mercee. Cesar parou mentes³ aos sequaynoys que nom choravam nem fallavam nada e estavam todos com as cabeças baixas; e preguntou-lhes por que era, e elles nom rresponderõ nada, antes estavã todos com sua triste contenõça. Cesar lhes preguntou tanto que Domyciatus rrespondeo por elles [fl. 30 c]: «Cesar, disse elle, os sequaynois ham mais grave⁴ fortuna que os outros e por esto te⁵ nõ ousam a rresponder nem demãdar ajuda, ca temẽ tanto a cruellidade de Ariomistus como sse elle meesmo fosse presente por que todolos outros franceses teem poder de fogir senõ soomẽte estes, por que Ariomistus pelejou já com elles e tem em seu poder todas suas villas e castellos e faria em elles graves justicas⁶ se soubesse que sse aqueyxavam delle». Cesar os começou de confortar e prometeo-lhe que tomaria cuydado de os ajudar. «E eu ey, disse elle, grande esperanza de dar fim aa ssem rrazõ d'Ariomistus per mĩ e per minha autoridade». E aquy se departyo o conselheiro. Muytas cousas demoyva a Cesar de tomar desto cuydado: a primeira era o amor do[s] d'Oscum, a que o(s) Senado(s) muytas vezes chamava perãt' ell irmaãos na corte de Rroma e ora os via caydos en servidoõe dos seynes e tilha Ariomistus suas casas⁷; e dos sequayno-[fl. 30 d]-ys avia outro tall⁸. E parecia grande vergonha a elle e ao emperio rromaão e a todo o outro poboo comuõ que pouco e pouco sse podiam viũr aos synes aaquem do rryo e poderiã seer tantos que aos rromaãos poderia seer periigosa cousa por que antre os sequaynos e a provencia

¹ que il s'abandonent a tote fortune FR. ² Por Diviciacus. ³ se parçut FR. ⁴ ont plus grief fortune FR. ⁵ ne s'en osent pleindre, acis en repost, ne demander aide ... FR. ⁶ tote maniere de tormenz FR. ⁷ lor ostages FR. O tradutor português tomou com certeza as duas primeiras sílabas de ostage por o radical duma palavra da família de ostaria por exemplo. ⁸ Et des Sequanois voit il autretel FR.

do Cesar nō avia senō o rryo de Rrosna; e se elles ētrassem na provencia, dhy poderiam entrar na provencia de Itallya, por que a provencia de Cesar se estendia per Genoys¹ atees acerqua de Rray-vene². E Alionistus montara em tã grande orgulho que lhe nō devy[a] seer soffrido; ante avia mester a terra grande acorro. E Cesar mandou Ariovistus que lhe veesse fallar a huũ lugar qual elle quisesse e que fosse nas rrayas de suas terras: ca lhe queria falar cousas que a ãbos pertecia e era proveito do comuũ rromaão. E Ariovistus rrespondeo aos messegeiros: «Sse eu ouvesse mester³ Cesar, eu hyrya a Cesar; e se lhe algũa [fl. 31 a] cousa de mÿ compre, venha elle a mÿ seguro; ca eu nom ousaria hir sem grande hoste hu elle tem senhorio nẽ a posso ajuntar sem muy grande despesa. E muyto me maravilho que Cesar e o poboo [de Roma] se entremetẽ da minha França, a qual eu ey vencida e conquistada per batalha». E os messegeiros contarõ esto a Cesar. Cesar lhe mandou outro rrecado: que mall sse lenbrava do amor que os senadores de Roma lhe avyã mostrado e do poboo rromaão que lhe, em outro tempo, chamavam rrey e amygo, e tall gualardom lhe dava que lhe nom queria viũr fallar por proveito comuũ e de hũa e de outra parte: «Estas som as palavras que Cesar te manda dizer: que ante que tu venhas a França cõ quanta gente tu ás⁴, que tu tornes aos d'Oscum todas suas cousas⁵ e faças que os Sequenos lhe dem quanto do seu⁶, as quaes cousas elles nō ousam a dar se per ty nã⁷; e daqui en diante te garda de nã tomares nem hũa cousa do seu nã dos que a elle som aliados per [fl. 31 b] companhia⁸ e, se o assy fezeres, averás a graça⁹ dos rromaão[s] e de Cesar. E se o doutra guisa fezeres, Cesar nom leixará crecer desonrra nem vergonha que tu faças aos d'Oscum; ca elle foe lá onde o Ssenado deu sentença dous consullles, Marcos Mesala et Luce Pisas¹⁰, que, quallquer que tevesse em su[a] maão aquella provencia, que ajudasse e guardasse a sseu poder os d'Oscum, seus amigos¹¹. Nesto rres-

¹ Por Genevois FR. Genevois significa a comarca de Génova. ² Por Ravana. Ravanne FR. ³ Se ge avoie mestier de Cesar FR. ⁴ O texto francês diz: tot avant, que tu n'amaignes d'ontre le Rin en France plus de gent qu'ameenee i as; apres que tu rondes ... ⁵ les ostages FR. ⁶ tant de lor ostages come il tiennent FR. ⁷ se par toi non FR. ⁸ par compaignie FR. ⁹ et la parmenable amor FR. ¹⁰ Por M. Messala et M. Piso. Marcus Messala et Lucus Pison FR. ¹¹ et lor autres amis FR.

pondeo Ariovistus: «O dereito da batalha he tall que os vencedores possam fazer suas vontades dos vencidos e o poboo de Rroma o ffez meesmo¹, e se Cesar nom quer hir cõtra o custume de Rroma, que elle usa aa ssua vontade daquelles que vence; elle me nõ deve de dizer que eu nom faça a minha vontade dos d'Oscum que tenho vencidos em batalha, ele e toda sua comarca, que nom filhe delles tributo. E grande torto me faz Cesar quando mo quer tolher², mais eu nõca ho outorgarey; ca elles nunca se poderom de mĩ guardar e cada huũ anno me darom o que me prometerõ o Cesar, que os chama irmãos, os nõ defenderã [fl. 31 c] se os de mĩ muyto nom allongar³. E ao que diz que me nõ consstentirá sua desonrra, eu digo que⁴ nen huũ nom me tolherã o meu. E entõ venhamos aa batalha e nós lhe faremos conhocer de que virtudes som sseyne que tanto som husados d'armas, sem rrecoo, que ha quatorze annos que nõca jouverõ sob(re) choças⁵ e tendilhoões»⁶.

Desque os messegeiros contarom a argulhosa rreposta de Ariovistus, chegarom a elle messegeiros de Treve⁷ e d'Oscum. Os d'Oscum s'aqueixavã que os saynes, que derradeiro[s] passarõ o rryo, que lhes gastavã sua terra e que lhes nom prestava o que Ariovistus delles avya; nõ avyam delle nõ huũ conhocimento nõ podiam ante elle(s) guarecer⁸. Os de Treve disserõ que bem com condestabres⁹ dos de Sayna¹⁰ eram alojados sobre o sseu rryo e queryã passar. Dous irmãos, Sseyne¹¹ e Tiberius¹², eram seus duques. Cesar ffoe [fl. 31 d] espantado¹³ destas novas e nõ quis mais tardar por que lhe pareceo periigosa cousa de tão atender que os de Sayna sse ajuntassem com os de Ariovistus que quantos mais fossem, tanto

¹ No texto francês vem esta frase não traduzida no texto português: Il fet a sa volenté de cels que il conquiert en bataill[i]e, non pas a l'atirement d'autrui.

² qui mon treü m'amenuie et le m'a delaié a sa venue FR. ³ Em todo este período o tradutor português afasta-se do original: Les ostages ne rendrai je pas à cels d'Ostun, mes il n'ont garde de moi ne il ne lor compaignon tant que il me vosdront covenant tenir et rendre moi mon treü chascun an: et se il ne font, ce que li Romain les apelent freres lor eslongnera mout, FR. ⁴ que nus n'estriva onques a moi qui n'an venist en mortel perill. ⁵ choça no ms. ⁶ ...qu'il ne jurent desoz toit se ne fust de loges ou de paveillons FR. ⁷ Treve = Tré-veris, Triève FR. ⁸ ... ne nus ostages que Ariovistus eüst pris d'els ne nule covenance nes pooit garantir FR. ⁹ .e. conestables. ¹⁰ Por Suave FR. Cf. Suebi, Bel. Gal. ¹¹ Por Nasua. Nasuas FR. ¹² Por Cymberins. Cf. Cimberium, Bel. Gal. ¹³ esconmetiz FR.

seriam peores de vencer. Entom ajuntou vianda e pam, encaminhou cõ sua hoste toda a grandes jornadas contra onde era Ariovistus. E desque teve andadas¹ trres jornadas, veerõ-lhe novas que Ariovistus se hia com toda sua hoste dereito a Besençõ, a melhor cidade que os sequaynos tiñham, por entrar a ella se podessem, e alongara-sse Ariovistus trres jornadas donde Cesar cuydava achar. E Cesar se trabalhou como os seynoões nom ouvesse aquella cidade, que era bem guarnida d'armas e d'outras cousas que pertenciam aa batalha e assentada en forte lugar, cercada de muy grande cava chea d'agua². Asy que ao pee do mõte batya a agua e huñ muro a cercava toda arredor que sse juntava ao cas-[fl. 32 a]-tello. Sse os ssaynes fossẽ dentro, mall poderia viir aos rromaños; e por esto se trabalhou Cesar tanto que chegou a grandes jornadas³ aa villa e pôs suas guardas dentro. E estando elle assy por buscar vianda e porveer-se do que lhe era mester⁴, sua gente foe toda espantada das palavras que cada huñ ouvia aos mercadores e aas gentes da comarca, e que quando os rromaños preguntavã que gẽto som os sseynees, todos deziã: «som gram gente e virtuosa e forte de coraçon e husados d'armas e a meude nos combatemos com elles, mais nõ os podemos soffrer que tam soamente seu oolhar e suas caras⁵ nos espantã». E tãto falavam⁶ em esto que toda a hoste rromaã filhava grãde medo e a mayor parte deste medo era dos cavalleiros⁷ que Cesar trouvera de Rroma que aynda nõ eram husados em armas e em feito de guerra e cada dia buscavam necessidades cõ que sse tornassem pera Rro-[fl. 32 b]-ma per vontade de Cesar. Os outros ficavam com vergonha pera o poboo⁸ nõ sospeitar que cõ medo se tornavam; empero nõ podiam tanto encobrir que aos homeẽs nõ parecesse que sua ficada lles era grave e choravam ascondidamente em seus tendilhoões e mall deziã sua estada e faziã doo cõ seus familiares deste comuñ periigo que lles era aparelhado. E outros⁹

¹ il ot erré FR. ² O texto francês, mal traduzido aqui, diz: ... Au meins en estoit li chastiak avironnez autresi come a compas. Esta «grande cava chea d'agua» é o rio Doubs. Cf. César: ... flumen Dubis ut circino circumductum paene totum oppidum cingit, *Bel. Gal.*, I, xxxix. ³ a graanz jornees que de jor que de nuit, saisi la vile ... FR. ⁴ ... et por porveoir ce que mestiers estoit a son ostz, il n'i ot esté que un poi de jors FR. ⁵ capas no ms. ⁶ Iee meïmes en disoient marchéant FR. ⁷ des tribuns, prevoz des chevaliers, qui avoient Cesar suivi de Rome plus por s'amor que por desirrier de guerre FR. ⁸ por honte que Cesar et li pueples FR. ⁹ chascuns des autres FR.

faziam seus testamētos pellas choças¹ e aquello fazia enfraquecer os coraçoēs daquelles que mais erã husados a guerras e batalhas e per este exemplo dos covardos, os ardidos pareciam maaos, e centuriam e outro condestabre². Aqueles que mostravam que aviã mais pequeno medo deziã que nã temyã nada seus iniūgos, mais o mao³ caminho e as grandes covas que erã antre elles o Arionistus, e tomiã-sse que lhes mingasse o pam pera seu mantiimento, e disserõ⁴ a Cesar que quando elle quisesse mover nom acharia quem o sseguisse por os grandes medos que os cavalleiros tiñham. Quando elle ouvyo [fl. 32 c] esto chamou a ssey a cavallaria e prinhos⁵ e centuriam de cada hũ condestabre⁶ e muyto os acusou e prasmou: «Que he esto, Senhores, disse elle? Nã sabees vós que vos trouve⁷ eu e que eu som consull, e avees vós esqueecido como Aryonistus se trabalhou de rrequerer amizade de Rroma⁸? E desque soube que eu era consull, cuidaaes vós que eu sayria daqui sem honrra da vittoria? Eu nã cuydo que Arionistus seja tã sandeu que rrefuse a minha graça e a dos rromaãos segundo rrazõ⁹. E sse elle tam sem siso forre¹⁰ que sse queira cõbater comigo, do que vós avees medo e desesperaaes de minha virtude ou de meu ssiso por vos nom emcaminhar? Esto som covardices¹¹ e ffeitos de maas gentes sem coraçõ e ssẽ siso. E nom som estes os que Maurius¹² desbaratou e foe mais hõrrado que Lucius Silla, que era consull, da vittorya que ouve com os hermines¹³? Que Maurius desbaratou estes em pouca d'ora e Silla pôs longo tempo em desbaratar os hermines, e por esto som estes mais pouco de temer que nẽ huã [fl. 32 d] outra gente, quando Maurius que de mais pequeno poder era que Silla os desbaratou em tã pouco tempo. E nã som estes a que os cluttoões tanto fezerõ a

¹ loges FR. ² eu fremissoient par l'essample des coarz li plus hardi chevalier et centurion et autre conestable FR. ³ maa no ms. La gretié dou chemin, qui estoit estreiz et les forez grang entre Ariovistus et els FR. Cf. L.-A. Constans, editor de *De Bel. Gal.*, t. 1, p. 31, nota 2: «La vallée du Doubs, fort encaissée, qu'il fallait remonter pour aller vers Belfort». ⁴ il ne trouveroit qui esmeüst les ensaignes FR. ⁵ prinhos. Cf. prevoz FR. ⁶ de chascune conestablie FR. ⁷ qui vos maine? FR. ⁸ Omissão das palavras importantes: lues que il sot que je devoie estre conseles? Faltta aqui também esta frase: Qui diez vos dont que ge doie de ma baillie oissir honteusement sanz honor de victoire? FR. ⁹ selonc resnables condicions de pes FR. ¹⁰ forre no ms. ¹¹ Ce sont Cymbre, ce sont Thiois, ganz genz corsues, desvees, sanz sens et escervellees FR. Os Thiois do texto francês são os Teutónios. ¹² Por Marius. ¹³ Hermínes FR. São os Arménios. César não fala nesta vitória de Sylla nem cita estes Hermínes.

guerra e entravam em sua terra a mehude maaos seu grado? E por que os clutoões nom poderõ durar cõtra nós, assy como vós vistes, pois como nos durarõ estes que delles som trabalhados tanto e trihhados? E se vós sooes espâtados¹ por que os franceses foram desbaratados em batalha², sabee a verdade e acharees que os franceses nõ ouverom nõ huã desonrra nõ Arionistus honrra, que quando elles foram ajuntados e prestes pera batalha³, elles acharõ muytos mortos e doentes ã suas tendas, tanto que perderã toda a esperanza de pelejar e tornarõ-sse. Quando Arionistus vyo que todos oram espargidos cá e lá⁴, foe apõs elles e encalçou aqueles que pode, e esta vitoria mais he por parte de engenho que de virtude por que elle avia de fazer com gente rrude que mais ligeiramẽte podia seer enganada que nós. E sse vós [fl. 33 a] rreçeeaaes os maaos caminhos ou que o pam vos falleça, de maa coraçom vos vem quando vos desesperaaes de mÿ que eu nom faça o que a meu officio perteença de vos proveer de todallas cousas. Ora sabee que eu filharey o cuydado e farey tanto que os sequanoys e os d'Oscum e os de Longres nos proveeram bem de pam onde quer⁵ que andarmos pellos chaãos. Ora me fazee seguro que cãdo eu mandar fazer os sinaaes de mover que nem huñ nõ fique e que me ajudees a acrecentar ho serviço de Rroma⁶. Bem pode ver cada huñ como eu fiz na batalha dos clutoões e bem foe aly minha lealdade provada contra Rroma e contra vós. Ora sabee que eu que[r]rey mover acerqua⁷ da mea noute e nõ sey quem me seguira e nõ quisera aÿda mover. Mais quero saber se rrazõ e direitura averá mayor lugar em vós que covardice ou sse leixarees de fazer cõ medo o que devees. E se alguñ me seguyr com toda sa ligiom⁸ ca aquella bem som certo que sera [fl. 33 b] prestes a men mãdado». E elle lhe fazia grande honrra⁹ e por esso sse fiava mais em ella que em outra. Desque Cesar acabou sua rrazõ, maravilho-

¹ espoanté FR. ² et foÿrent FR. ³ O tradutor português que com certeza não percebeu o texto francês, afasta-se do que ãle diz: car, quant li François furent ensamble apresté en bataille contre lui, il se tapi plusors mois en ses tentes en mares et en paluz; tant que li François, qui n'avoient mes nule esperance de sa bataille, s'en tornerent lassé par annui FR. ⁴ ça et la FR. ⁵ Ensorque tout il sont ja tot meür li blé par ces chans FR. ⁶ O tradutor português continua a afastar-se do original: Ne je ne suis pas trop esconmediz se vos fetes le sort quant je commanderai les enseignes a mouvoir FR. ⁷ apres mie nuit FR. ⁸ O texto francês diz: Et se nus ne me suivait, si mooroie je otte la disme legion... ⁹ avoit il fete honor sovent et doné dons FR.

samõte se canbarõ os corações de toda a cavalaria e naceron-lhe outros grandes e desejosos de pelejar¹. E a Xa² ligiõ primeiramente lhe rrende graças per seus tribuõs e centuriões por que tanto bem dissera della e offerecerõ-lhe que prestes era e aparelhada de pelejar. Depois veerõ todalas outras legiões e todo o tribuõ e centuriões³ de cada huõa hordem e offerecerõ-lhe seu serviço e disserõ que nõ ouvesse receo que nõ huõ saysse de seu mandado⁴. Depois que elle vyo a ssatisfaçõ que cada huõ fazia, elle se partio assy como dissera⁵. Domiciatus⁶ d'Oscũ, de quem elle muyto fiava por sua lealdade, guyon toda sua hoste e os levou seguros⁷ viinte e cinco legoas como aquello que cuydava da hũa parte e da outra buscando caminho mais largo e mais seguro. Desque os rromaõs andarõ sete dias contynuadamente segundo os Domyciatus guiava, as escuytas de [fl. 33 c] Cesar lhe troverõ novas que antre a hoste de Arionistus e a ssua nom avia mais de quatro mill⁸ passos.

Quando Arionistus soube que Cesar estava acerca d'elle, ele envyoun seus messegeiros e mãdou-lhe dizer que prestes estava de lhe fallar segundo lhe ante rrequeria pois estava tam acerca e o podia fazer sem custa. Cesar nom o rrefusou por que cuydou que Arionistus, por fazer o que lhe dissera da parte dos d'Oscum⁹, que agora rrequeria o que dantes rrefusara¹⁰ e que sse nembrava da honrra que lhe os rromaõs fezerom e queria leixar esta folia e poserom que se falassem daly a cinco dias. E entãto andavam muytos messegeiros de hũa parte aa outra e Arionistus lhe mandou dizer que levasse conssigo homeõs a cavallo que elle doutra guisa nõ venry[a] hy por que sso temya de sua gente. Cesar, que tiinha poucos homeõs a cavallo, sse nom soamente os frã-[fl. 33 d]-ceses, so cuja guarda elle nõ queria meter seu corpo, (c) fez-lhe tomar seus

¹ No texto francês vem esta frase mal traduzida no texto português: et la disme legions tot avant li rendi graces par ses tribuns et par ses centurions de ce qu'il avoit si bien senti de li, et se porosfri que mout estoit preste et aparailie de combattre partot. Apres vindrent les autres legions ... ² X^o no ms. ³ centurios no ms. ⁴ ... et distrent e'onques n'avoient douté ne cremu de rien ne pris sor els rien a fere sanz sa volenté et son commandement FR. ⁵ Quant il ot prise la satisfaction et l'esousement de chascun, il atira la muete, si com il avoit dit, apres mie nuit FR. ⁶ Por Diviciacus FR. ⁷ largement FR. ⁸ .iiiiij. mile pas et .xx. FR. ⁹ Suprimimos aqui a palaçra por do ms. (dos d'Oscum por que agora ...) que torna a construção da frase pouco correcta. ¹⁰ ce que il li avoit avant escondit FR.

cavalllos e feze-os dar aos de¹ Xa² legiom em que sse ele muyto fiava. «Vós serees, disse elle, acerqua de mÿ onde vos eu poser e guardarmees e ajudarees-me se for mester». — «Senhor, disse huñ cavaleiro, vós nos fazees mais do que nos prometestes. Ca nós vos cuydamos de guardar a pee e vós nos poees a cavallo»³. A campina era grande e larga antre dous montes o na meetade de huñ pequeno outeiro onde elles avyam de falar. Cesar fez ficar sua gâte a duzentos passos do outeiro e Arionistus a ssua ysso meesmo. E mandou Cesar que fossem ao lugar donde aviã de falar ambos soamente⁴.

Despois que foram ambos juntos, Cesar começou a(a) contar a Arionistus a honrra e o bem que lhe fizera o Ssenado e os rromaños que lhe avyam chamado rrey e amygo e lhe avyã dado grandes doões o que elles nõ soem [fl. 34 a] a fazer se nom a quem lho merece por grandes serviços. «E esta honrra, disse Cesar, ouveste tu per mÿ, que era cõssul do Ssenado e do poboo rromaño, sem cajam⁵ dalguñ serviço que lhe tu fazesses. E com esto, assaz hi ha de muytas rrazoões por que nós tenhamos os d'Oscum por irmaños e amigos. E elles som antiügamente liados a nós per companhia e per nossa amizade, que elles rrequererom ha grande tempo, e ham tanto servido ao Ssenado que nós os honrramos e teemos por principaaes amigos antre os outros. E o poboo rromaño tẽ tall custume que nõ quer que seus amigos nõ seus conpanheiros percam⁶ nõ hũa cousa do seu; ante, ama todo seu acrecentamento⁷. E quem

¹ Assim no ms. ² Xº no ms. ³ Para poder comprehender bem o sentido e apreciar o sul desta frase é preciso referir-se ao texto latino que diz: Quod cum fieret, non inridicule quidam ex militibus decimae legionis dixit plus quam pollicitus esset Caesarem ei facere: pollicitum se in cohortis praetoriae loco decimam legionem habiturum, ad equum rescribere. *De Bel. Gal.*, I, XLIII. Numa nota ao texto de César, o Sr. L.-A. Constans diz: «Il y a en latin un jeu de mots fondé sur le double sens de l'expression *ad equum rescribere*, qui signifie également «faire passer dans la cavalerie» et «admettre dans l'ordre equestre». ⁴ O compilador francês, que traduz bem o texto latino, diz, pelo contrário: Il (Ariovistus) manda Cesar que venist ou leu dou parlement soi disime a cheval, et il ensement, et a cheval parlassent ensemble. *FR.* Cf. César: Ariovistus ex equis ut conloquerentur et praeter se denos ut ad conloquium adducerent postulavit (I, XLIII). ⁵ sanz achoison *FR.* ⁶ percam no ms. Cf. o texto francês: qu'il ne veust que si caupusson ... perdent rien ... ⁷ accroissement en grace, en digneté et en honor *FR.*

poderia sofrer ao menos que elles perdessem aquello que avyã quando entrarem em nossa cõpanhia? Eu quero, disse Cesar, que tu lho des todo o seu e que mais nom ajas batalha cõ elles nõ com seu[s] companheiro[s]¹ [fl. 34 b] e sse tu nom podes fazer, torna estes ssey nes que som em França a sua terra, ao menos nom soffras que nõ huã outro hy mais venha». Arionistus rrespondeo brevemente e contou suas proezas e sua virtude: «Eu, disse elle, nõ vi em França por meu grado, mais fuy rrequerido e rogado dos franceses tanto que eu leixey meus amygos e minha terra em esperança de meu² gualardõ que atendy d'elles. Esta terra que eu aquy tenho, elles ma derom de sua propia vontade; o tributo que deles rrecebo, eu o ey per tall dyreitura como vencedor deve de aver dos vencidos. Eu nõ cõbaty os franceses, mais elles a mÿ. Todallas cidades de Frãça veerõ em hoste justamente cõtra mÿ e eu abaixey suas sobervas na batalha onde forõ desbaratados. E sse elles querẽ outra vez tornar aa batalha comygo, eu som prestes de os atender e se querẽ aver paz no me rretenham meu tributo que me derom ata aquy, e mester he que a amizade dos rromaños firme torne ã acrecêtamẽto de honrra e nõ em meu [fl. 34 c] peioramento; e eu, por isso, a rrequeyro. E sse me convẽ abaixar minhas rrendas e meu tributo per os rromaños, eu averey mayor vontade de leixar e rrefusar sua amizade ca de rrequerer³. E sse eu faço os saynes viãr aaquem do rryo, esto nom he por guerrear os franceses, mais por guarnir e guardar o meu corpo e daquello que me pertẽce per booa proveçça⁴ e eu nom passarey aaquem do rryo senõ por sua rrequesta, nõ me cõbaty com elles, se nom por me defender⁵. Pois que querem os rromaños em minha possyssõ? A menos que eu nõ entre em vossa provencia, nõ he direito que vós entrees na minha; nem eu nom som tam sem rrazõ que nõ entenda bem que os rromaños nõ teem direito de chamar irmaãos aos d'Oscum: ca eles nõ ajudaram os rromaños na batalha que ouverom cõ os borgonhoẽs, nem os rromaños nom ajudarõ a elles na batalha que ouverõ contra mÿ. E por esto devo eu bem de sospetar que esto he flingida a-[fl. 34 d]-mizade e que tu nom trouxeste esta gente em França

¹ n'a lor compaignons *FR.* ² de grant guerredon *FR.* ³ ... je ne fui pas plus volentẽs de lor amistiẽ requerre que ge sui dou guerpir et dou refuser *FR.* ⁴ boene province *FR.* ⁵ *Falta aqui uma pequena frase bastante importante: Je ving ançois en France que li Romains FR. Cf. César, Bel. Gal., I, XLIV.*

senom por me destruyr; e sse tu nõ tornas, eu te teõrey daqui adeãte por imiigo. E se te eu matasse, sabe que eu averia a graça dos mais altos homeẽs de Rroma, ca elles mo enviarõ dizer per seus messegeiros e sse¹ tu quiseres tornar de França e leixar a my minha possyssõ em paz, eu te rrenderey graças e gualardoões. E sse quiseres aver batalha, eu ta darey sem grande trabalho». A esto rrespondeo Cesar muytas graças²: «Nõ ha, disse elle, o poboo rromaão em custume de falecer a sseus companheiros, especialmẽte aaquelles que o bem servẽ. Eu nõ digo, disse elle, que França deve mais seer tua que do poboo rromaão. Bem sabes tu que ella foe conquistada de Quintos Fabios flameus e alvergnas em batalha³. Empero os rromaãos lhe perdoarom sem tomar tributo da terra e quẽ quisesse seguir a antiguidade de França, ella deveria seer do comuõ de Rroma ou, ao menos, ficar toda [fl. 35 a] franca⁴, que assy foe jullgado pollo Senado depois que Alverna foe conquistada, que olles tevessem seus custumes frãcamente e suas lex meemas. E este juizo foe dado aa outra parte⁵ de França».

(*Continua*).

JEAN-BAPTISTE AQUARONE.

¹ se sse no ms. ² montes choses FR. ³ Dont ne conquist jadis Quintus Fabius en bataille Flameniz et Auvergnaz? FR. Estes tais Flameniz e Auvergnaz sãõ os Arverni (Auvergne) e os Ruteni (região de Rodez (Aveyron)). Cf. César, *Bel. Gal.*, I, XLIV. ⁴ França no ms. Não há dúvida: franca é a boa leitura. Cf.: au moins en franchise FR. ⁵ de l'autre remenant FR.

Os nomes germânicos na toponímia portuguesa

(Continuação do *Tomo III*, p. 212)

G

515. *Gaçamar (Vila Nova de Gaia, P).

Escreve-se também GASSAMAR. O primeiro elemento, que não sei explicar, está também no nome medieval GACIM (villa) 971 < GACINI 1038, GAZIM 967, GACINA 955. Sobre -MAR veja-se o art. ARMAMAR.

[516. *Gache (1. Vila Real; 2. Ceia, Guar)].

Nos topónimos CASTAÍDE, CASTENDO e CASTORIGO quis ver o subst. gót. GASTS «hostis». Desta raiz poderia formar-se com o suf. -ILA um nome *GASTILA, *GASTILUS, cujo genet. *GASTILI, *GASTII daria GACHE como a desinência verbal -ASTI passa para -ACHE nalguns textos medievais, cf. Macias o Namorado: ACABASCHE = ACABASTE. O mesmo fenómeno produz-se no grupo -STI-: COMÊSTIÖNE > COMICHÃO, MŪSTIÖNE > MUCHÃO, etc. É verdade que o elemento GAST- sempre tem a forma CAST- (o apelido GASTO do séc. XV está completamente isolado e deve ser alguma provinda do verbo GASTAR). Poderíamos explicar o caso dizendo que a passagem do g-inicial para c- só se dá quando o grupo -ST- com a oclusiva -T-, que deve produzir êste efeito, se mantém intacto, o que não é o caso em GACHE. Devo acrescentar que me vieram algumas dúvidas sobre a identidade de CAST- com o gót. GASTS. Os três nomes geográficos apontados poderiam ser nomes híbridos compostos com o lat. CASTUS, cf. o nome histórico CASTINUS (último defensor da Tarraconensis, batido pelos asdingos) e OM CASTINA fem. 1008.

[517. *Gaia (1. Fafe, B; 2. Paredes, P; 3. Baião, P; 4. Fafe, B; 5. Pombal, Lei; 6. 7. Melgaço, Via; 8. Marco de Canaveses, P)].

Em primeiro lugar deverá pensar-se naturalmente no nome de pássaro GAIO, cf. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, III 295. Num caso como QUINTA DA GAIA (Lish, CB, Vis) é esta a única interpretação possível. Nos outros, GAIA pode estar por *GADILA, forma carinhosa dum dos numerosos nomes compostos com a raiz GAD- do

gót. *GADA «marido, companheiro», que se pode reconstruir através de GADILIGGS «primo», cf. ingl. arc. GADA, alem. mod. GATTE, etc. É verdade que GADILA se escreve no *OM* quasi exclusivamente com *c-*, cf. o art. CADILHE, o que se explica talvez por dissimilação das duas oclusivas sonoras. Admira contudo que o *-d-* intervocálico se tenha conservado nuns casos e noutros não.

[518. *Gaião (1. 2. Ponte do Lima, Via; 3.-6. Braga; 7. Vila Verde, B)].

De *GAD-ILANEM, *GAD-ILONEM? Veja-se o artigo precedente.

519. *Gaido (Castelo de Paiva, Av).

É o mesmo nome que está no topónimo CAHIDE, CAÍDE: *GADA-HILDS. Ao primeiro componente referi-me no art. GAIA. Conheço-lo do nome dum rei godo GADA-RICUS e de outros apontados por Förstemann 563 s. Veja-se também GAMIL.

520. *Gaifar (Ponte do Lima, Via).

Provém do genetivo dum nome *GADI-FARUS = gót. *GADI-FARA, composto com GAD-, dos artigos anteriores, e *FARA do verbo FARAN «μεταζέειν», andar, caminhar», cf. o nome de mulher SENDE-FARA, Wrede, *Ostgoten* 134, «a que segue o seu caminho» e o grego Τηλε-πέρα «a que vai longe».

521. Gainde (1. Guimarães, B; 2. Macieira de Cambra, Av).

É o genetivo do nome que segue.

522. Gaindo (Braga).

GALINDUS é um nome muito vulgar no onomástico peninsular antigo. Chamavam-se assim um «comes» aragonês do séc. VIII e um bispo de Pamplona 924-938, cf. F 591. Na *Crónica Leonesa*¹ encontram-se seis indivíduos com este nome. Cortesão no *OM* aponta as formas seguintes: GALINDO 976, GALINDICI 1026, GALINDIZI 1078, GALINDIZ, GAINDIZ 1018, GALENDIZ 952, VILLA GAINDANES 1258, CASAL DOS GAINDOS 1258. Na toponímia espanhola encontramo-lo quinze vezes, cf. S 56. Em Portugal temos, além de GAINDO e GAINDE, GUINDO, GUINDAS e duas vezes GUINDAES. A origem do antropónimo GALINDUS está no nome do povo dos GALINDOS que

¹ G. Giro, «Index onomastique et géographique de la Chronique Léonaise», in *Bulletin Hispanique*, xxxvi (1934), 401-425.

pertencia ao grupo étnico dos éstios (AESTII) a que se refere Tácito no cap. 45 da *Germania*, e que vivia no segundo século na embocadura do rio Vistula. São os Γαλινδοί de Ptolomeu, e não parecem ser germanos, mas pertencer ao ramo lingüístico báltico¹ do qual fazem também parte os antigos prussianos. O seu nome perpetuou-se no da região de GALINDEN na Prússia oriental. Sabemos que os godos, que, segundo as últimas investigações, provinham da Suécia, foram durante os dois primeiros séculos da nossa era vizinhos dos galindos, com os quais devem ter tido relações amistosas a ponto de alguns deles acompanharem os godos nas suas migrações, o que explica a presença do nome GALINDUS na antroponímia e toponímia da Península².

- [523. *Gaio (1. Bouças, P; 2. Braga; 3. Pôrto de Mós, Lei; 4. S. Tiago de Cacém, Lisb; 5. Alcobaça, Lei)].

Vejam-se os arts. GAIA e GAIÃO. GAIO pode ser *GAD-ILUS.

524. **Gaiva** (1. Ponte do Lima, Via; 2. Cabeceiras de Basto, B).

Representa um nome *GAB-ILA, cf. F 561 GABO e GAB-ILO de que o OM fornece as formas GAUFIA 1100, GAVIAM 1220, GAVIAES 1258 e GAVIIZ 1220. O genetivo latinizado *GAB-ILI soa hoje GAVE. A par de GAIVA existe a variante GÁVEA em que não se produziu a chamada «atracção», quer dizer, a passagem da semivogal -i- (que se forma depois da queda do -l-) para a primeira sílaba, que aliás é um fenómeno natural do português: RAHIA > RAIVA. O elemento GAB- vem do gót. GABEI «πλοῦτος, riqueza» (étimo que Sachs 54 devia ter preferido ao problemático antigo alem. *GABA) do verbo GIRAN «dar», que é todo indicado para formar nomes de pessoas. Basta lembrar os numerosos nomes gregos formados com δατο-, -δοτος e -δοτες: Δαπό-θεος, Δωρο-κλειδης, Πολύ-δατος, Ἡρό-δοτος etc., e o lat. DEUS-DATUS gotizado em GODE-GEVA, cf. o art. GOIGEVA. Acrescentarei ainda as MATRONAE GABIAE, divindades celtó-germânicas apontadas por Schönfeld 97, cujo nome deve significar «as dadoras».

525. *Gaivas (Cabeceiras de Basto, B)

É um patronímico em -ACI do nome precedente.

¹ No entanto, Tácito afirma que a língua deles é parecida com a dos britânicos. Neste caso, tratar-se-ia dum idioma celta.

² Cf. Ludwig Schmidt, *Geschichte der deutschen Stämme bis zum Ausgang der Völkerwanderung: Die Ostgermanen*, 2.^a ed., 1934, p. 198.

526. *Gajão (Paredes, P).

O elemento GAJ-, que se repete no topónimo a seguir, é-me desconhecido. É muito provável que seja uma raiz gótica. Em 1258 é documentado o nome GAIOM que talvez seja idêntico a Gajão.

527. *Gajove, Quinta de (Oliveira do Hospital, Coim).

É-me também impossível interpretar o segundo componente -OVE. Só me ocorrem os nomes UBO, UBICO, UBOLF, etc., cf. F 1471, que contém uma raiz *UB- «selvagem» (?). Dificilmente se tratará de WULFS «lôbo», embora não seja um étimo inadmissível de todo.

528. *Gala (1. Figueira da Foz, Coim; 2. Oliveira do Bairro, Av).

O nome que está em GALA, documentado como apelido em 1258, é *WALLA, com gemação hipocorística do -L-, da raiz WAL- de WALJAN «elegir» e WALISA «*γνίσαι*, verdadeiro, puro». Sobre a evolução de w- para g- veja-se o art. GAMIL. O mesmo elemento repete-se nos nove topónimos a seguir.

529. *Galamares (Sintra, Lisb).

Já encontramos este nome na forma CALMAR. Um rio GALAMAR vem documentado no foral de Sintra de 1154. Sobre -MAR veja-se o art. ARMAMAR. Dada a situação geográfica de GALAMARES pode também ser que se trate da forma francónica de GALAMIRUS, cf. GAMIL. Förstemann 591 cita de facto um topónimo francónico GALEMARESGARDEN «Quintal de Galamar».

530. *Galão (Paredes de Coura, Via).

É o caso oblíquo de GALA apontado em cima.

[531. Galhoufa, Casal de (Abrantes, Sant)].

É esta a grafia que dão a *Chorographia Moderna* e o *Dicionário Postal*, e não GALHUFA como escreve Sachs 99. É possível que se relacione com o topónimo a seguir, mas tanto a forma como a situação fazem suspeitar que GALHOUFA venha antes de GALHOFA «motejo, gracejo, folia».

532. Galhufe (1. Vila Nova de Famalicão, B; 2. Guimarães, B).

Deriva de *WALI-WULFS. Sobre o primeiro componente veja-se o art. GALA. O -L- intervocálico pôde manter-se por se fundir com a semivogal -j- que se forma depois de suprimido o -w- de WULFS.

533. *Galiães (Barcelos, B).

A origem de GALIÃES está no genet. em -AXIS do nome WALLIA, VALIA que conhecemos dum rei visigodo (415-418). Aqui o -L- conservou-se por se tratar dum nome hipocorístico com -L- duplo como em GALA.

534. *Galiás Casal de (Santarém).

É um patronímico em -ACI do nome WALLIA apontado acima.

535. *Galifães (S. Pedro do Sul, Vis).

Sobre -FÃES veja-se o art. AFÃES. Depois do que se disse a propósito de GALHUFE e GALIÃES, é estranho que o -L- de *WALI-FANA (deve ser esta a forma gótica) se tenha conservado. Esta dificuldade resolve-se se admitirmos, o que é perfeitamente legítimo, que nos nomes principiando em português por GAL- o respectivo tema esteja sob duas formas: WAL-, que se relacionaria por exemplo com WAHLA «bom», e WALJ- que viria de WALJAN «elegir». Em GALIFÃES teríamos naturalmente esta última forma. Verifico que Sachs 99 propõe também distinguir um tema com -J- e outro sem -J-.

536. Galifonxe (Viscu).

O segundo elemento é o mesmo que em ALFONGE.

537. *Galisteu (Celorico da Beira, Guar).

O elemento -STEU encontra-se num nome medieval bastante frequente: GUDESTEU, cf. o art. GOSTEL, que Meyer-Lübke 79 decompôs em GUES-TEU, vendo em -TEU o gót. þius «servo». Segundo ele, GUDESTEU seria uma tradução do latim FAMULUS DEI. Esta explicação é muito sedutora, mas Kögel, que o próprio Meyer-Lübke cita, já tinha observado que os godos (e só este povo germânico) possuem nomes terminados em -STEUS, e que este elemento provém de STIWITI «ἐπιουσί, paciência», como GUDESTEUS, FILISTEUS, RANSTEUS, etc., cf. *Zeitschrift für deutsche Altertumsforschung* XXXII, 230. Também em GALISTEU o segundo componente só pode ser -STEUS < STIWITI.

538. Gamil (1. Vila Nova da Cerveira, Via; 2. Barcelos, B; 3. 4. Guimarães, B).

Para explicar este nome há duas possibilidades: ou vem de OM GALA-MIRUS séc. XI = Gualamiro 985, cujo genet. dá GOAMIR, GUA-

MIR, GAAMIR 1220, grafias que provam definitivamente a evolução de gót. wa- para port. ga- (a par de va-), evolução que Meyer-Lübke 30 não quis admitir e que Sachs não registou, ou de GADEMIRO 1092, do gót. GADA «marido, companheiro», cf. os arts. CADILHE e GAIA. Destas duas explicações prefiro contudo a primeira, por VALAMER, WALAMIR ser o nome dum conhecido rei ostrogodo e por existir na provincia da Corunha GAMIL a par de GADAMIL que parecem representar respectivamente *WALA-MIRUS e *GADA-MIRUS.

539. *Gandareu (Cantanhede, Coim).

O Dice. Post. escreve GANDAREO. Este nome não tem nada que ver com o apelativo GÁNDARA «terreno estéril». A primeira parte GAND- é a mesma que CAND- em CANDEMIL. GANDAREU provém de *GANDAREDUS < *GANDAREþs, de que o *OM* aponta o genet. GANDAREI 1220, GANDAREY, séc. XV, nome duma povoação de que não encontro vestígio na toponímia portuguesa actual e que deve ter desaparecido, a não ser que esteja num dos numerosos GONDAREM, veja-se este artigo. Em compensação existe hoje uma localidade chamada GANDAREY na provincia de Pontevedra. O significado da raiz *GAND- parece ser «pau, cajado». Está como segundo componente em ARGANDE.

540. Gandariz (Lousada, P).

Não é difficil reconhecer neste topónimo o genetivo de GANDARICUS que foi o nome dum príncipe godo, pai de FILIMER, cf. F 595.

541. Gandufe (Mangualde, Vis).

Nas *Inquirições* de 1220 esta localidade escreve-se indistintamente GANDUFI e GENDUFI, de modo que não se pode saber se tínhamos primitivamente no primeiro elemento GAND-, dos nomes precedentes, ou *GUNþi «luta». Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* III, 343, escreve: «A pronúncia e ortografia oficiais adoptam GANDUFE. O povo porém pronuncia GUNDUFE e GONDUFE, como lá ouvi». Contudo parece-me que foi a forma com -A- a primitiva e que na pronúncia local esta vogal se assimilou ao -U- de -UFE. O fenómeno contrário, do -U- da primeira sílaba se ter dissimilado do segundo -U-, é naturalmente também possível, mas não se comprehende porque este último fenómeno se teria dado num só caso. Devo lembrar que temos hoje seis GONDUFE e um GONDUFO que nunca se escreveram GANDUFE.

542. *Ganfei (Valença, Via).

GAN- é o elemento GAND- dos três nomes precedentes. O -D- não se pôde manter depois da supressão da «fugenvokal» que o fez entrar em contacto com o -F- do segundo componente, ao qual se assimilou. -FEI, gen. de *FEDUS, deve provir do adj. got. *FAIHS «inimigo», cf. BI-FAIH «engano» e alem. mod. FEHDE «inimizado». Fürstemann aponta os nomes FAIDO, FEDANE, FAILEUBA e FAIDOLF.

543. *Garei (1. Arcos de Valdevez, Via; 2. Guimarães, B).

Deriva do genetivo dum nome *GADA-REDUS < *GADA-REÞs, formado como GADA-RICUS, GADA-MIRUS etc., cf. o art. GAMIL. -REI vem de -REDUS < *REÞs «conselho» que se pode tirar do verbo GAR-ÊÐAN «πρὸςσεῖσθαι τι, sustentar alguém». A forma do nominativo encontramos-la em GANDA-REU. Como primeiro componente *REÞs é também freqüente, cf. REDES, REMIL, REIRIZ, etc.

544. *Garfães (Vila Nova de Gaia, P).

A raiz GARF- contida neste nome, que foi primitivamente nome de pessoa como indica a terminação -ÆS < -ANIS e a forma do genet. GARFE, é-me desconhecida. Pode pensar-se em gót. *GARWS «adorno», cf. Gamillscheg, *Romania Germanica* 1, 370, mas a evolução de -w- para -F- dificilmente se concebe. Uma VILLA GARFAES vem citada em 1072. Na Espanha temos GARFIÁN (Pontevedra), GARFIN (Orense) e LOS GARFIOS (Granada). O primeiro dêstes nomes só pode vir de *GARF-ILANEM, cujo sufixo indica nitidamente um nome gótico. Talvez se possa aproximar o elemento GARF- de *REW*³ 3684 a GARFA «garta» > catal. esp. GARFA, port. GARFO, etc., vocábulos de origem obscura e que se limitam à Península.

545. *Garfanés (Serpa, Beja).

É o mesmo nome e a mesma formação que GARFÆS. A vizinhança da Espanha reflecte-se na conservação do -N- intervocálico, ou antes diremos, que GARFANES pertence a uma região onde se falava primitivamente um dialecto moçárabe que conservava esta consoante. O mesmo fenómeno verifica-se noutros topónimos do Sul, como em FONTANAS, FONTANELAS (que no Centro e no Norte soam respectivamente FONTÃS e FONTÉLA), ODIANA, GUADIANA < WADI ANA. Cf. Pidal, *Orígenes del Español*, 451 s.

546. *Garfe (Póvoa de Lanhoso, B).

Veja-se o art. GARFÆS. A forma antiga é GARFFI, GARFI 1258 < *GARF-ILI ou *GARFI.

547. *Garfias, Quinta dos (Évora).

Esta quinta é denominada segundo os descendentes (a terminação -AS não pode ser aqui patronímica) dum chamado GARFIA < *GARFILA (o caso obliquo é representado por GARFIAN apontado no art. GARFÃES) que se vieram estabelecer no Sul certamente depois da reconquista.

[548. *Garião (S. Tiago de Cacém, Lisb)].

Parece ser o acusativo dum nome *GARILA ou *GARILU que quadraria muito bem com F 600/2 GARUS, GARILU, GARICO, etc., de *GARWON «preparar», cf. alem. mod. GAR «pronto, acabado». Estranha porém que não haja nenhum exemplo no Norte do país. A mesma observação se deve fazer para GARIM.

[549. *Garim (Setúbal, Lisb)].

Veja-se o artigo precedente. F 602 cita um monge GARIN, o *Político*, v, 94 GARINUS. O *onomástico* não conhece este nome. Isto, e a posição geográfica de GARIÃO e GARIM fazem supôr que se trate de nomes francónicos. Ver contudo o art. CARIM.

550. *Gassamar (Vila Nova de Gaia, P).

Veja-se o art. GAÇAMAR.

[551. *Gata (1. Covilhã, CB; 2. Guarda; 3. Mesão Frio, VR)].

Os topónimos que seguem demonstram que existiram numerosos nomes de pessoa formados com uma raiz GATT-, de modo que GATA pode estar por GATTA, cf. o artigo seguinte. Contudo o «bicho gato» pode reivindicar os mesmos direitos. Num nome de lugar como HORTA DA GATA (Barrancos, Beja) ninguém lhós pode contestar.

552. *Gatão (1. Macieira de Cambra, Av; 2. Paredes, P; 3. Penafiel, P; 4. Mértola, Beja; 5. Penafiel, P; 6. Sinfães, Vis; 7. Amarante, P; 8. Monforte, PA; 10. Amarante, P).

É o nome OM GATONE 968, GATON 870, geogr. GATOM 1258, portanto o acusativo dum nome *GATTO que é certamente o mesmo que GATTA (GATTILA, GATTULA) que Holder menciona no seu *Altkeitscher Sprachschatz* e que Kögel *HZ Anz* 18, 50 considera justamente germânico. Nada sei dizer sobre esta raiz.

553. *Gatiães (Amarante, P).

Eis o GATT-ILA, apontado no artigo precedente, na forma do genet. *GATTILANIS.

554. *Gatiande (Oliveira de Azeméis, Av).

Existe outro GATIANDÉ na província da Corunha. Êste nome vem tirar as últimas dúvidas sobre o carácter gótico da raiz GATT-, visto -ANDE, de NANþS «atrevido», ser um conhecido elemento germânico que já encontramos em BRITIANDE, ENVIANDE, FRIANDE, FERNANDE, e muitos outros nomes.

555. *Gatim (Felgueiras, P).

Vem do genetivo de *GATTINUS, formação que não precisa de comentário.

[556. *Gátios (Pombal, Lei)].

¿Será um patronímico ou um plural de *GÁTIO < GATTHLO? Veja-se o art. GATÃO. Esta explicação só é viável se a pronúncia fôr, como julgo, GÁTIOS com o acento no A.

557. *Gatiz (Lousada, P).

É um patronímico em -ICI de *GATTUS=GATO do art. seguinte, cf. também o art. GATÃO.

558. *Gato (1. Penafiel, P; 2. Arouca, Av; 3. Gondomar, P).

Veja-se o que disse a respeito de GATA e de GATIZ. É claro que não cito nomes do tipo CASAL DO GATO, MONTE DO GATO etc., que são bastante numerosos e que se prendem com o nome do animal.

559. *Gatões (1. Bouças, P; 2. Montemór-o-Velho, Coim).

Em 1032 é documentada uma VILLA GATONES < *GATTONIS, genet. de *GATTO citado nos arts. GATÃO, GATO e GATIZ.

560. *Gave (Vila Nova da Cerveira, Via).

A origem de GAVE está no genet. *GABILI (= OM GAVILLI?) de *GABILA que vive hoje em GAIVA e GÁVEA, cf. estes artigos.

561. *Gávea (1. Ponte do Lima, Via; 2. Vila Nova da Cerveira, Via; 3. Melgaço, Via).

É uma variante de GAIVA < *GABILA que já estudámos. No *Onomástico* encontro GAUIA 1100 e GAVYA 1258.

562. *Gaviões (Paredes de Coura, Via).

Temos aqui o genet. *GABILANIS do nome precedente. Em 1258 cita-se uma FONTE DE GAVIAES. A GAVIÃES corresponde na Espanha GAVILANES (Ávila) e GAVILLANES (León), cf. S 54.

- [563. *Gavião (1. Loulé, Faro; 2. Silves, Faro; 3. Penacova, Coim; 4. Gavião, PA; 5. Baião, P; 6. Portalegre; 7. Melgaço, Via; 8. Oleiros, CB; 9. Pampilhosa, Coim; 10. Albergaria-a-Velha, Av; 11. Castelo Branco; 12. Vila Flor, Bça; 13. Castelo Branco)].

A grande maioria destes topónimos, certamente todos os que ficam a sul de Coimbra, relacionam-se com o nome da ave de rapina. Encontramos nove vezes MONTE DE GAVIÃO, além de QUINTA, CASAL DO GAVIÃO. Os outros, sem que se possa precisar quais, têm a sua origem em *GABILONEM ou *GABILANEM, caso oblíquo do nome *GABILO (=OM GAVIO 1220) ou *GABILA que encontramos em GAIVA e GÁVEA. A forma galega de GAVIÃO é GABIAN, três vezes na província de Pontevedra e duas na de Orense. De resto pode ser que o nome de ave GAVIÃO venha também do gótico, cf. REW³ 3628 *GABILANE.

- [564. *Gavim (1. Amarante, P; 2. 3. Vila Nova de Famalicão, B; 4. Guimarães, B)].

Vem do genetivo do nome a seguir. Na Espanha há cinco povoações chamadas GABIN (Lugo³, Orense, Corunha), cf. S 54.

- [565. *Gavinho (1. Guimarães, B; 2. Ovar, Av; 3. Vila Nova de Famalicão, B; 4. Sinfães, Vis; 5. Baião, P)].

Poderia ser outro nome formado da raiz prolífera GAB- que temos nos quatro topónimos precedentes e em GAIVA, como quer Sachs 54 a propósito de GABIN. O nome GABINIUS, porém, é já latino. Conhecemos um tribuno AULUS GABINIUS que em 67 a. Cr. faz com que Pompeio receba o alto comando da expedição contra os piratas. Chamava-se GABINIANUS um retor do tempo de Vespasiano. A origem destes nomes está no da cidade de GABI, -ORUM no Lácio. Um GAVINUS vem citado no *Livro Preto* em 883, outro GAVINO em 1085. Existe também GAVINIUS 1013 e os patronímicos GAVINIZI 1085, GAVINIZ 1014. Meyer-Lübke, *Roman. Namenst.* II 46, regista o nome dum bispo cartaginense GABINUS de 343.

[566. ***Gavinhos** (1. Penacova, Coim; 2. Oliveira do Hospital, Coim)].

Veja-se o nome anterior. GAVINHO foi primitivamente uma localidade onde viviam descendentes dum chamado GAVINHO ou indivíduos oriundos dum dos lugares chamados GAVINHO.

[567. ***Geba**, Casal da (Guimarães, B)].

Embora exista um apelativo GÊBA «mãe velha», ant. «mulher velha e corcunda» que explicaria muito bem este nome de lugar, cf. na toponímia os numerosos CASAL DA VELHA, QUINTA DA VELHA, etc., penso também na raiz germânica GIB- de que se formou um grande número de nomes de pessoas, cf. F 630-26, entre outros os hipocorísticos GEBÁ (GEBBA, GIBBA) e GIBO (GIBBO, GEBO). Esta raiz GIB-, que está certamente nos dois nomes a seguir e em GÉVIO, provém do verbo GIBAN «dar», cf. GABEI «riqueza» nos arts. GAIVA, GAVE, GÁVEA etc. É possível que o antigo nome germânico GEBÁ < GIBBA tenha sido interpretado pelo povo como GÊBA «mulher velha» e que um CASAL DE GEBÁ passasse a chamar-se CASAL DA GÊBA.

568. ***Gebelim** (Alfândega da Fé, Bça).

Outro derivado da raiz GIB- a que me referi no artigo precedente. GEBELIM é o genetivo do nome GIBHLIN, fem. GIBELINA em F 632.

569. ***Gebim**, Quinta de (Lousã, Coim).

Está por *GEBINI, de F 632 GEBINO, GEBINE, GIVIN. Vejam-se os dois topónimos anteriores. Escreve-se também GEVIM.

570. ***Gege** (Vila Verde, B).

É o genetivo do nome OM GEGGIA 1258. A terminação d'êste é -ILA. Não vejo o que possa ser o primeiro elemento. ¿Virá da raiz, aliás enigmática, GIG- apontada por Förstemann 637? Cf. Giki, GICHO, GICHILO, GIGLINDIS, etc.

571. ***Geguinte** (Vila Nova de Famalicão, B).

A forma mais completa d'êste nome está em GINIGUENTES, filha de Aznar e mulher de Rexmundo, citada na *Crónica Leonesa*, cf. o «Index onomastique». No primeiro elemento vejo o gót. *GAIN- «arma», cf. ingl. ant. GÆR-, francón. GEIN, langob. GAIN etc., Holt-hausen, *Got. Etym. Wörterb.* 34, que figura também em GE-MUNDI

879 > GEMUNDE, *GEN-ULFI (GENULFO, séc. XI) > JUFE. Deve abandonar-se a explicação que deu dêste elemento von Grienberger 546 a propósito de Meyer-Lübke 29. — O segundo componente -GUINTE deve ser o mesmo que em AVINTES. Parece ser gót. WINDS (ant. alto alem. WINT, lat. VENTUS) cf. F 1617 EGI-WINT, ASCO-VIND, TRUT-WIND, etc.

572. *Geguintes (1. Lousada, P; 2. Mesão Frio, VR; 3. Baião, P; 4. [Quinta de] Guarda).

Trata-se dum patronímico em -ICI do nome precedente.

573. *Geira (1. Felgueiras, P; 2. Amares, B).

Poderia pensar-se no apelativo GEIRA < DIARIA, mas o seu significado não se presta facilmente para a denominação dum lugar. Prefiro ver em GEIRA o nome *GERILA, de GÉR «lança», forma occidental do germân. primit. *GAIZAS, cf. F 571 e S 55. Esta raiz está também em GERVIDE e GERMUNDE. A evolução fonética de *GERILA para GEIRA é normal: cai o -L- intervocálico, donde resulta *GÉRIA, produzindo-se depois a atracção conhecida da semivogal -i- pela vogal tónica como a observamos em FEIRA < FÉRIA. Existe também a forma sem «atracção» GÉRIA cf. o art. 587.

574. Gelhe (Ponte do Lima, Via).

GELHE parece ser o genetivo dum nome hipocorístico *GELLUS de que temos no OM a forma masculina GELLA 989 e a feminina GELO 1075, GENLO 1070. Em GILO, documentado no séc. XI, não se sabe se se trata dum homem ou duma mulher, o que de resto pouco importa, visto os antigos nomes femininos em -o terem mudado a terminação para -a, e muitos masculinos em -a terem passado para -o, (-us). Förstemann 637 fornece os exemplos seguintes: GILO, GILIO, GILIA. Sachs 54 explica GELHE por *GAILS «satisfeito», que tira do verbo ulfilano GAILJAN «divertir». Pode ter razão, mas também há a considerar OM GEILO f. 1086 (GEILANES geogr. 1034) e GENILO 1016, GENILLI 953, GENELI 1258. Sobre GEN- veja-se o art. GEGUINTE. De GELHE há uma variante GILHE.

575. Gelvira (Monção, Via).

Este nome é exclusivamente feminino. Era muito estimado na idade-média. Na *Crónica Leonesa* encontram-se sete rainhas chamadas GELVIRA. O *Onomástico* tem GELUIRA, GELOIRA (rainha) 915, GELVIRA 1258, GELBIRA 1043, GERUIRA 1085. O primeiro componente

será a raiz *GEN-* < **GAILS* a que me refiro no artigo anterior. O segundo, *-VIRA*, que está também nos nomes medievais *ARGUIRO* e *REQUIVIRO*, foi explicado por ML 82 como vindo de **wērs* que, como mostrou von Grienberger 581, não pode significar «amável» mas «fiel». É o correspondente de lat. *verus* «verdadeiro», cf. grego *ἐπί-στος* «fiel», «agradável».

576. **Gem* (Baião, P).

Vem do genet. **GENNI* de F 641 *GENNO*, *GINNO*, cf. *OM GINO* (Agro de) 1258, nomes aparentemente hipocorísticos formados com a raiz *GEN-* a que me refiro no art. *GEQUINTE* e que é bastante prolifera, cf. *OM GEN-IDO* (Fonte de) 1258, *GEN-IDI* 1061, *GEN-ILO* 1016, *GEN-ILLI* 953, *GEN-OI* 1065, *GEN-ULFO* séc. XI, *GENO-PREDA* 1046, *GENN-ADUS* (bispo) 915.

577. **Geme* (Vila Verde, B).

Julguei primeiro que *GEME* fôsse uma variante de *GEM*, mas a conservação do *-E* final (que provém do *-i* dum genetivo) indica uma raiz com *-M-* e não com *-N-*. A origem de *GEME* está em *OM GEM-ILI* (monte) 1093 = *GEM-I* (S. Croio de) 1258. O significado da raiz **GEM-* é-me desconhecido.

578. **Gemes* (Castelo de Paiva, Av).

Deriva dum patronímico de **GEM-ILO* (= *OM GEMLO* 1086 e *GEMEO* 1258?) do artigo anterior.

579. **Gemezes* (Esposende, B).

Outro, duplo patronímico **GEM-IC-ICI*, ou antes lugar povoado por gente de *GEMES*.

580. **Gemunde* (1. Maia, P; 2. Guimarães, B; 3. Vila Nova de Famalicão, B).

No *Onomástico* êsto nome escreve-se *GEMUNDI* (villa) 879. É o genetivo de *GEMONDO* 1004. O primeiro componente só pode ser *GEN-* dos arts. *GEQUINTE* e *GEM*. O segundo já o conhecemos: **MUNDS* «protecção», cf. *ALIMONDE*, *AMONDE*, etc. O nome gótico que se pode reconstruir é **GAINI-MUNDS*. Veja-se também o art. *GIMONDE*.

[581. **Genço* (Ponte do Lima, Via)].

Veja-se o artigo *GINZO*.

582. *Gende (Vila Nova de Gaia, P).

Provém do genet. de *OM GENDO* 972 (*GENDON* 1095, *GENDIZ* 978, *GENDONIZ* 1050). O elemento *GEND-* é freqüente em nomes francónicos, cf. *Políptico* *GEND-RICUS*, *GEND-ULFUS*, *GEND-RADUS*. Lembro o nome do rei vândalo *GENTO* que ainda não foi suficientemente explicado, cf. Wrede, *Wandalen* 65 e Schönfeld 106.

[583. *Gera (Guimarães, B)].

Em Espanha temos *GERA* (Oviedo) e *GIRA* (Corunha). Cf. o artigo seguinte.

[584. *Geraço (Marco de Canaveses, P)].

A formação d'êste topónimo é pouco clara. ¿Virá da raiz *GER-* «lança» apontada no art. *GEIRA*? ¿Mas como interpretar o elemento final? Será um nome híbrido germano-românico **GER-ATIUS*, ou não se relacionará antes com os nomes gregos formados com γέρας, «privilegio, dignidade», cf. Γεράδες, Γεράσιμος, Γεράσιος. *GER-ATIUS* pode comparar-se talvez com *OM GERONTIO* 1076, *GERONZO* formado do grego γέρων «velho», cf. *ML*² 46.

[585. *Geraldá (Vila Nova de Famalicão, B)].

Encontrámos êste nome de mulher umas oito vezes em topónimos do tipo: *CASAL DA GERALDA*, *HERDADE DA GERALDA*, etc. Ver o artigo *GERALDO*.

[586. *Geraldo (1. Marco de Canaveses, P; 2. 3. Monchique, F; 4. Portalegre)].

Apesar de êste nome ser de origem germânica, não entra na categoria dos nomes suevò-visigóticos que nos interessam neste trabalho. Basta olhar para a distribuição geográfica para se reconhecer que o nome *GERALDO* se fixou na toponímia só depois da reconquista, em consequência do culto de S. Giraldo importado de França. Há em Portugal sete lugares chamados S. *GERALDO* (Ev², Coim², B, Lisb, Av) que se encontram tanto no Norte como no Sul do país. Proporcionalmente são mais numerosos no Sul, onde os nomes de santos são os mais típicos na toponímia. Um bispo bracarense *GIRALDUS* é mencionado em 1097. O *OM* cita mais as formas *GIRAR-DUS* 1086, *GIRALDIZ* 1220, *GIRALDE* séc. XV, *GIRALDEZ* séc. XV, *GIRALDA* 1258. O culto de São Geraldo veio, como já disse, de França, e com êle o nome que é de origem francónica, sendo o primeiro componente *GER-* «lança», cf. o art. *GEIRA*, e o segundo *-HARDUS*

«duro». Não há nomes visigóticos com esta última raiz no segundo componente, como observou justamente Meyer-Lübke 1, 64. (BERNARDO é também de origem franco-francesa). Sachs 108 recolheu na Península só três nomes em -ARDO: LEUTARDO, SABARDES e GUFTART, que se encontram todos na Catalunha, na antiga fronteira francónica.

587. ***Géria** (Coimbra).

Deve ser uma variante de GEIRA, em que não se deu a «atração». Pode comparar-se ao caso de GÁVEA a par de GAIVA.

588. ***Gerizes** (Braga).

É o patronímico de GERIZ, nome duma localidade da provincia da Corunha. O segundo elemento é naturalmente -RICI, genetivo de -RICUS. O primeiro componente pode ser GEN- < *GAIN «anima», cf. GEGUINTE e GEM. Além de *GENE-RICUS há a considerar também *GAISA-RICUS = GENSERIGO, nome do célebre fundador do reino vândalo na África, que no *Onomástico* figura na forma GESERIGUS 955 (sobre GES- veja-se GERMUNDE) e *GAILA-RICUS.

589. **Germil** (1. Vila Verde, B; 2. Penalva do Castelo, Vis; 3. Braga; 4. Baião, P; 5. Ponte da Barca, Via).

Trataram deste nome Meyer-Lübke 29, Nunes 592 e Sachs 55. A forma medieval é (Villa) GELMIR 1066, genet. de OM GILEMIRUS 924, GILMIRO 971, JELMIRU 1033, GELMIRO 1059, patron. GELMIRIZI 1094, GELMIRIZ 1070. Em GERMIL houve portanto metátese do -r- e -l-. Conhecemos um rei vândalo GEILAMIR 530-534. Meyer-Lübke liga o primeiro elemento a um hipotético *GAILS «lança», von Grienberger 546 prefere o étimo *GAILA- que está no verbo gót. GAILJAN «ἐὺσπάζειν, divertir» cf. o art. GELHE. Sachs segue este exemplo reconstruindo um *GAILS «contente». Ver outros nomes formados com esta raiz em F 567 ss., e a bibliografia sobre GEILAMIR em Sch 105.

590. **Germunde**, Quinta de (Castelo de Paiva, Av).

As *Inquirições* de 1258 citam um nome geográfico GERMUNDI que parece ser o GESMONDI, SANTA MARIA DE GESMUNDI de 1220 que é o genet. do nome GESMONDO 1018, IESMUNDO 1080. A transformação dum -s- para -r- diante duma nasal é um fenómeno português que se observa também em outros exemplos como CHUSMA a par de

CHURMA, CISNE e CIRNE, galego LOBEZNO e LUBERNO, GOSMAR e GORMAR (<REW 9570 worm), SERNANDO < SESNANDE, etc. A raiz GES- provém de gót. *GAIS «lança» que pertence ao antigo alemão GÉR, grego γέρων, celta e lat. GAESUM. Encontra-se no nome do rei vândalo *GAISA-RICUS, cf. o art. GERIZES, e, como segundo componente, em ARIO-GAISUS e outros, cf. ML 30, S 55 e Sch 99.

591. **Gervide** (1. Fafo, B; 2. Pêso da Régua, VR; 3. Guimarães, B; 4. Vila Nova de Gaia, P).

Aqui a raiz do primeiro elemento só pode ser GER-, cf. art. GEIRA. O segundo, que Sachs 117 não sabe explicar, deve ser *WEITI que se encontra no subst. composto FRA-WEIT «castigo», cf. o art. GUIDE. Pode pensar-se também em ant. alem. wît, mod. WEIT, anglo-sax. wid «grande, comprido», cf. Sch ALVITH.

[592. *Getemião (Ponte do Lima, Via)].

Parecem ser dois nomes: GETE MIÃO. O primeiro lembra GETON 994, GETONIZ 964, GETINA 989, GITASINDE 875 do *Onomástico* e GETO, GETILO, GEITHILID, etc. de Förstemann 590, o segundo OM MIANA, MEIANA 1258, MIANE 1258. Não conheço o significado da primeira raiz GET- (= gót. *GITT-?). Sobre a segunda veja-se o art. MEIÃO.

593. *Gevim (Lousã, Coim).

Veja-se GEBIM. Trata-se da mesma localidade.

594. *Gévio (Ponte de Lima, Via).

O acento é da minha responsabilidade. Deve ser um nome *GIB-ILLO da raiz GIB- que já encontrámos em GEBa e GEBIM. Nomes históricos formados com este elemento: GIBI-MER (chefe dos ostrogodos), GIVA-MUNDUS, GEBE-RIC, GIB-ULDUS e GEV-ICA, cf. Sch 107 o F 633 ss.

595. **Gilde** (1. Castelo de Paiva, Av; 2. Guimarães, B).

A princípio pareceu-me ser um genetivo de *GEN-ILDUS, formado como GEN-ULFO, GEN-OI, etc., cf. os arts. GEGUINTE e GEM. Entre os francos existia de facto este nome, cf. GENILDIS, *Político* v. 87; ix. 136. Infelizmente já se encontra no OM um nome GILDO em 961, numa época portanto em que o -N- intervocálico normalmente ainda se escrevia. Além disso viveu nos fins do séc. iv um governador da

África chamado GILDO, cf. Schmidt, *Ostgermanen* 302, de modo que teremos de admitir um nome GILDUS, formado com uma raiz só. Este elemento GILD-, que abunda como segundo componente, significa «péss., imposto». É escusado dizer que não tem nada que ver com o nome GIL, de origem francesa, que vem do nome do santo AEGIDIUS, Egídio, cf. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* III, 104.

596. *Gildinho (Castelo de Paiva, Av).

Visto esta localidade estar situada no mesmo concelho que GILDE, não deve vir dum nome *GILD-INUS mas significar «pequeno Gilde» ou seja «lugar povoado por gente de GILDE».

597. Gilhe (Paços de Ferreira, P).

A *Chor. Mod.* escreve GILHO. GILHE deve ser o mesmo nome que GELHO, com a diferença de haver aqui o «umlaut» do -e- tónico provocado pela terminação -i do genetivo. Cf. *OM* GENILO 1016, GENILI 953, GENELE 1258.

598. Gilmonde (Barcelos, B).

Sachs 55 faz derivar GILMONDE de *GAILS, cf. o art. GERMIL. Pode ter razão, contudo o *Onomástico* só conhece um GISMONDU 949 que, como vimos, deu GERMUNDE e que poderia também ter evoluído para GILMONDE.

[599. *Gilvaia (Penafiel, P).

Este topónimo é difícil de interpretar. -VAIA parece pertencer a *BADU-, cf. ARGIVAI, GONDIVAI, GUILHOVAI, mas a terminação não é clara. Temo-la também em GEMUNDIA apontado no artigo seguinte. Não serão antes dois nomes: GIL mais VAIA < EULÁLIA? A fusão porém dum nome masculino com outro feminino não é natural.

600. Gimonde (Bragança).

Sachs 55 considera GIMONDE como sendo uma variante de GILMONDE, de *GAILS «satisfeito». Devo, porém, lembrar que outras raízes podem explicar o primeiro componente, como p. ex. gen-, cf. art. GEGUINTE. As formas que o *OM* apresenta são: VILLA GEMUNDI 879, GEMONDO 1004, GEMUNDIA 1022, não havendo nenhum vestígio de *GELMUNDUS. Da comparação de GENULFO com GEMONDO resulta que a queda da vogal intertónica é mais antiga do que a do -N-intervocálico. Há também um GIMONDE na província da Corunha.

[601. *Ginzo (1. Ponte do Lima, Via; 2. Ponte da Barca, Via; 3. Barcelos, B)].

Ocorreu-me primeiro para a explicação dêste topónimo o nome do rei vândalo GENTO, GENTU, GENZO que vive no onomástico medieval nas formas GENDO 972 e GENTONIS 1095, mas convenci-me que GINÇO não é nome germânico mas dum santo cristão: S. GENESIUS que bem se conhece na forma do genet. GENESII, que deu em português S. GENS, como mostrou Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa* 1, 84/85. À primeira vista pode parecer estranho que de GENESII resultasse GINZO, mas lembrarei que temos o fenómeno idêntico — metátese do -x— na evolução de JUXTERUS para JIMBRO, ZIMBRO. No *Onomástico* encontro um S. SALVATORE DE GENIZO que se escreve também GENESIO. Ora o orago de GINZO no concelho de Barcelos é precisamente S. SALVADOR, de modo que não resta a mínima dúvida sobre a identidade das duas povoações e a explicação dada de GINZO. Na Galiza encontramos ôste nome uma dúzia de vezes. Existe também a forma GENÇO.

[602. *Giral Paes (Odemira, Beja)].

Veja-se o artigo GERALDO. Muitos nomes seguidos dum patronímico adoptam uma forma mais breve por estarem em próclise. Veja-se a ôste respeito Leite de Vasconcelos, *Antroponímia* 447 ss.

603. *Girão (Amarante, P).

Dove vir do nome GAIRO, GERA, GERI, etc., F 573, cf. o art. GEIRA e GERAZ geogr. 1220. É naturalmente um acus. em -ANEM ou -ONEM.

604. *Girei (Arcos do Valdevez, Via).

Sobre o elemento GI- consulte-se o art. GIMONDE, sobre -REI, GAREI. Em 1258 esta localidade chama-se GEREY. Parece ser idêntico a GENERIDUS apontado por Schönfeld 105.

605. Goda (1. Feira, Av; 2. Arcos do Valdevez, Via; 3. [Casal da] Paços de Ferreira, P).

Com ôste topónimo que, por razões de ordem prática, estudarei juntamente com os dezassete que seguem, chegamos ao problema da sobrevivência na toponímia hodierna do nome «godo». Os vestígios directos que a colonização dêste povo deixou foram estudados por Gamillscheg, na sua *Historia lingüística de los visigodos* (RFE XIX, 127-133), que se aproveitou dos materiais coligidos e classificados

por Sachs 63 s. Acompanha este estudo um belo mapa (II) sobre a distribuição dos diferentes tipos. Vejo-me obrigado a citar todos os passos importantes para os poder discutir. As conclusões a que cheguei diferem bastante das de Gamillscheg.

«En unos 80 nombres de lugar se conserva el apelativo con que se designaba a los godos. Si se echa una ojada sobre el mapa núm. II, se nota en seguida que la enorme mayoría de esos nombres se encuentra en el Noroeste (Galicia) y en el Oeste (Portugal), y que faltan nombres de este tipo en Extremadura, Andalucía, Murcia y Castilla la Nueva. . . . Esos nombres góticos aparecen bajo formas variadas. El acusativo latino Gotos sobrevive en *Godos* (Terauel, Oviedo, Coruña, dos veces en Pontevedra, una vez en Braga) y en *Revillagodos* (Burgos). La designación procede de las poblaciones romanas circundantes, y no proporciona ningún indicio sobre la época de la colonización. También se encuentran documentadas en varios casos formas apelativas semejantes, pero correspondientes al genitivo plural latino: *Villa in campos Gotorum* (Palencia, año 1220), antiguo *Villa Otoro*, actual *Villatoro* (Burgos). . . . Junto a la forma Gothi, los romanos emplearon también, para designar a estas tribus germanicas, la forma de la declinación débil Gutones (Plinio), que se ha mantenido igualmente en la toponimia, *Godones* (Pontevedra), y, al parecer, también la forma del acusativo singular Gutone, que sobrevive en *Godón* (Oviedo, Coruña, Pontevedra) y *Godão* (dos veces en Oporto). Sorprende aquí, a primera vista, encontrar nombres que designan la hacienda de un solo godo, pero eso está de acuerdo, como hemos de ver, con las costumbres colonizadoras de los godos hasta el siglo VIII».

Ninguém contestará que Godos venha do acusativo latino GOTOS e que as localidades chamadas assim foram primitivamente colónias de visigodos instaladas no meio duma população românica, que lhes deu o nome, porque não seriam evidentemente os godos que haviam de se denominar a si mesmos desta maneira. GOTOS pertence portanto à categoria dos topónimos étnicos do tipo SUEVOS, FRANCOs, GALEGOS, etc. Também contra a explicação de REVILLAGODOS e VILLATORO não há nada que dizer. O caso já é diferente para GODONES cuja derivação de GUTONES me parece inaceitável, apesar de esta última forma ser a utilizada por Plínio. GODONES é, a meu ver, o genet. OM GUDONIS 1258 do nome de mulher GODO 960, GORO 1047, GUDO 1258, GUDU 1091 que, como se vê, se acha bem documentado.

A forma masculina dêste nome é GODA, GUDA que se conhece dum ostrogodo a que se referem Procópio e Cassiodoro, cf. Sch 111, e que também encontro no *Onomástico*: GODA, GUDA 994, GODDA 1018. GODÓN, GODÃO não vêm do acus. sing. de GUTONE mas de GODO, GODA que, como já vimos noutros casos, passaram a adoptar o género natural românico: -o para o masculino e -a para o feminino. Como se vê, GODÓN e GODÃO não servem para estudar a repartição geográfica dos visigodos por se tratar dum nome próprio. A origem de GODO, GODA está provavelmente no gót. *gōþs* «hom, bonito», cf. ant. ingl. *gōð*, mod. *good*, ant. alto alem. *guot*, mod. *gut*, etc. Podem-se separar também, como faz Wrede, *Ostgoten* 72, 87, as formas com -o- das formas com -u-, e atribuir estas últimas a *gub* «deus», embora não seja absolutamente necessário: grafias diferentes não implicam valor fonético diferente. Sachs 63 desistiu de distinguir nos topónimos portugueses *GUTA «godo», *gōþs* «hom» e *gub* «deus». Observarei que todos os topónimos por êste autor atribuídos a *GUTA «godo» se podem explicar como derivações de *gōþs* ou *gub*, menos GODOs, a que já me referi.

Continuo a dar a palavra a Gamillscheg:

«Junto a esos nombres, y en cantidad mucho mayor que la de todos los demás tipos juntos, se encuentran toponímicos que parecen continuar una forma *GUTĪN-, *GOTĪN-. Corresponden estos últimos nombres á dos tipos:

1) *Gutinī, *Gotinī, representado por Godin (Braga, Vila Real, tres veces en Oporto), *Gudin* (dos veces en Oviedo, tres veces en Coruña, una vez en Pontevedra y Orense), *Filagudin* (Lugo), Villa Godim (Braga). Se han conservado, además, de este tipo, una forma *Godins* (Braga e Beja), que parece representar una derivación plural, y el nombre *Casal da dos Godeis* (Lisboa), es decir, 'hacienda de los dos godos', completamente claro a este respecto.

2) *Gutino, es decir, la forma de los casos oblicuos que corresponde al genitivo *Gutini, *(Gotini, sobrevive en *Godinho*... y *Gudino* (Salamanca). Así como para *Godini* encontrábamos una derivación del plural, también par *Godinho* existe una forma *Godinhos*... Hay que agregar aún una derivación peyorativa, *Godinhacos* (Braga), y una diminutiva, *Godinhella* (Coimbra).

Gotinus parece ser una forma románica en -inus, derivada de *Gotus* 'godo'. La desinencia -inus es, tanto en portugués como en el español septentrional, un sufijo diminutivo muy productivo, pero es muy poco probable que los romanos o, en el Noroeste de la

Península, los suevos romanizados designaran a los godos inmigrados con un nombre familiar de valor afectivo. Es también improbable una base adjetivada *gotinus 'gótico', ya que formaciones como *Villa Godim* y, por lo tanto, también la forma simple *Godim*, presuponen como base un sustantivo. Supongo por ello que *Gotinus* sería la forma con que los ibero-romanos repetirían el nombre que oían pronunciar a los godos para designarse a si mismos en la propia lengua nacional. Las formas de este nombre eran *Guta*, *Gutins*, *Gutin*, *Gutan*. Así como en el galo-romano, al latinizar-se los nombres francos de la declinación en *n*, se tomó como base una forma del dativo o del acusativo, bien pudo una forma *Gutin* latinizarse en ibero-romano bajo la forma *Gutinus*. Pero debemos anticipar que, normalmente, las formas ibero-románicas de los nombres góticos de la declinación en *n* proceden, como hemos de ver más adelante, del nominativo».

Por argutas que sejam estas conjecturas do ilustre autor, difficilmente resistem a um exame minucioso. Que GODIM apareça duas vezes intimamente ligado a VILA, faz logo supor que se trate do genetivo dum nome de pessoa GUTINUS, GOTINUS. Êste é de facto largamente documentado no *Onomástico* de Cortesão: GUTINUS 1032, GUTINUM 991, GUBINO 882, GODINUS 951, GUTINIZI 1025, GUDINICI 1069, GUTINIZ 1006, GODINIZ 1060 e finalmente o genet. GUTIN 1072. Não vale a pena citar mais exemplos dêste nome tam vulgar, que naturalmente havia de deixar vestigios na toponímia. Não é difficil reconhecer que GUTINUS é uma ampliação com o sufixo -INUS < gót. -EINS de GOTO, GUDO, GODA etc., de que tratei acima. Da lista das formas apontadas resulta que GODINS, em que Gamillscheg quis ver uma «derivação plural», não passa do patronímico GUTINIZI, o que aliás é confirmado por MONTE DO GODINS (Odemira, Beja) com o artigo no singular. Quanto a CASAL DA DOS GODEIS, houve equívoco, confundindo-se a preposição DE seguida do artigo com o numeral DOIS. Não significa «hacienda de los dos godos» mas é uma formação análoga a A DE GOIVA, A D'AIRES, A DO ROCHA, A DOS GALEGOS, etc. GODEIS representa o plural dum suposto *GODEL, certamente de origem estrangeira.

A interpretação de GODINHO não se pode separar da de GODIM. GODINHO é o caso oblíquo de GUTINUS. GODINHOS não provém dum acusativo *GUTINOS de GUTINĪ, mas é um novo plural moderno formado de GODINHO, significando «os da família dum chamado GODINHO».

Cito mais um passo do estudo de Gamillscheg:

«Junto a las formas latinas Gotos, Gotones, y las gótico-latinas GUTIN-, se encuentra un nuevo tipo de nombres que se presenta bajo dos formas diferentes:

1) *Vilagude* (Pontevedra), *Aldegode*, es decir «*Aldea-Gode*» (Pontevedra), *Valgode* (Viseo), *Valgote* (Coruña), o las formas simples *Gude* (Lugo, Coruña), *Gudes* (Orense). Estes nombres podrian tener como base una forma Goti... También aquí, como en los nombres mencionados del tipo Gotorum, podría existir como base una designación latinizante: Vallis Goti. Es sorprendente que todos los nombres en -e aparezcan exclusivamente en el antiguo territorio suevo.

2) *Goda*, que sobrevive tanto en el Oeste como en el territorio catalán. Esta forma, como lo hace creer el acoplamiento con el artículo, *La Goda* (Barcelona), parece haber sido empleada como apelativo, como designación equivalente a 'establecimiento godo'. Del mismo tipo, pero probando en forma más concluyente que se trata de un apelativo, tenemos también *Basagoda* (Cataluña). La forma *Goda* aparece, además, como la forma Gotos de los casos oblicuos latinos, en otras combinaciones: *Casal de Goda* (Oporto), *Palacios de Goda* (Ávila), *Valdegoda* (Oviedo, año 1015). Compárese, además, la forma simple *Goda* (Coruña, Viana do Castelo, Aveiro). Esta forma GODA no puede ser un colectivo de Gotos-Godos... Creo, pues, que las formas *Goda*, como las del tipo Gütin, remontan a una base germánica. La forma gótica correspondiente al latín Gotos era, en los tiempos de Ulfilas, **Gutans*. La desaparición de la s final se encuentra abundantemente atestiguada, en regiones diferentes, por el desarrollo posterior del germano oriental.... ... **Guta* habría sido, en ese caso, la forma oída por los romanos en boca de sus vecinos góticos».

Esta interpretação, que o próprio autor classifica de «construída sobre una base poco firme», também não me parece menos duvidosa que as anteriores. Se GUDE, -GODE representasse um genetivo do singular Goti, a forma GUDES ficaria ininteligível. Esta é manifestamente idêntica ao patronímico em -ICI OM GODIZ ap. h. 1008, de forma que GUDE há-de ser forçosamente o genetivo do singular do nome de pessoa GUDO, GUDA, apontado no princípio deste artigo e que deve estar também em CASAL DE GODA e PALÁCIOS DE GODA. Sobre o tipo catalão LA GODA, BASAGODA, não me posso pronunciar.

Parece-me contudo que neste caso Gamillscheg tem plenamente razão.

O resultado do meu exame é, como se vê, essencialmente negativo. Como testemunhas seguras da colonização goda só ficam em pé as localidades chamadas GODOs, às quais se podem juntar REVILLA-



Mapa 4

GODOs e VILLATORO. A distribuição dêstes topónimos, aos quais juntei SUEVOS, figura no mapa 4, que foi feito, com as modificações necessárias, sobre o de Gamillscheg.

606. **Godão** (1. Lousada, P; 2. Paredes, P).

Veja-se o artigo anterior. Cf. OM GODOs 949.

607. **Godeirinhos**, Quinta de (Vila Flor, Bça).

608. **Godeiros**, Quinta de (Vila Flor, Bça).

609. **Godeis**, Casal da dos (Arruda dos Vinhos, Lisb).

Veja-se o art. **GODA**.

610. **Godelha**, Quinta do (Benavente, Sant).

Não estamos aqui em presença do sufixo -ÍCULA mas da forma espanhola **GODELLA**, correspondente a **GODELA**, escrita à portuguesa.

611. **Godelim**, Herdade de (Montemor-o-Novo, Ev).

Uma ampliação com o suf. -INUS do nome que segue.

612. **Godela** (Ponte do Lima, Via).

Cf. no *OM* o nome de mulher **GODELLA**, *GUTELLA* 1008.

613. **Godim** (1. Pôrto; 2. Paços de Ferreira, P; 3. Leiria;

4. Amarante, P; 5. Fafe, B; 6. Pêso da Régua, VR).

É o genetivo de **GODINHO** < **GODINUS** 951. Veja-se o art. **GODA**.

614. **Godinha** (1. Feira, Av; 2. [Herdade da] Vila Viçosa, Ev;

3. [Herdade da... de Baixo] Redondo, Ev; 4. [... de Cima] Campo Maior, PA; [Herdade da... Nova] Redondo, Ev).

Vem do nome de mulher *OM* **GODINA** 964 correspondente a **GODINUS**. A distribuição geográfica e o tipo destes topónimos evidenciam que não se pode tratar de **GUTINA** = «colónia de godos» como na França **LA GOUTINE**, cf. Gamillscheg, *RG* 302 e 359.

615. **Godinhaços** (Vila Verde, B).

Existia em 1220 um nome geográfico **GODINAZA**, **GODIAZA**. **GODINAZOS** é documentado como apelido de homem em 1258. A função do sufixo não é clara. Gamillscheg considera-o como sendo pejorativo. Quere-me antes parecer que desempenha o mesmo papel que -ARES no nome seguinte.

616. **Godinhares**, Casal de (Guimarães, B).

Parece-me que estamos em presença duma formação em que -AR(ES) < lat. -ARIS indica a propriedade dum chamado **GODINHO**.

617. **Godinheira** (1. Mafra, Lisb; 2. [Herdade da] Estremoz, Ev).

O significado deste topónimo deve ser análogo ao do nome precedente.

618. **Godinhela** (Miranda do Corvo, Coim).

O sufixo deve interpretar-se aqui da mesma maneira que nos dois topónimos anteriores.

619. **Godinho** (1. Vila Verde, B; 2. Vila Nova do Famalicão, B; 3. Feira, Av; 4. Vila Verde, B; 5. Montemor-o-Velho, Coim; 6. Baião, P; 7. Agueda, Av; 8. [Casal do G.] Chamusca, Sant; 9. [Horta do G.] Sousel, PA; 10. [Póvoa do G.] S. Pedro do Sul, Vis; 11. [Quinta do G.] Fornos de Algodres, Vis; 12. [Quinta do G.] Portalegre).

Vejam-se os artigos GODA, GODIM e GODINHA.

620. **Godinhos** (1. Póvoa de Lanhoso, B; 2. [Herdade dos] Monforte, PA; 3. [Monte dos] Redondo, Ev [Monte dos] Aljustrel, Be).

Veja-se o art. GODA.

621. **Godins** (1. Lousã, Coim; 2. [Monte do] Odemira, Beja).

É um patronímico de OM GODINIZI 1060, GODINIZ 1220, GODIZ 1220 de GODINHO < GODINUS. Veja-se o art. GODA.

622. **Godos** (Barcelos, B).

Veja-se o art. GODA.

623. ***Goes** (Coimbra).

No sul há mais meia dúzia de localidades chamadas CASAL DO GOES, MONTINHO DE GOES, LUGAR DE A DOS GOES, etc., que não registo por serem posteriores à reconquista. GÓES vem do patronímico em -ICI de OM GOIUS 1258, forma latinizada de GOIA que encontraremos logo como topónimo e de que temos documentado o caso obliquo GOIAM 984 e o genet. em -ANIS GOIAES geogr. 1220. Sachs 65 quer ver neste último nome de lugar o nome GUDILA 965, o que não é possível por a forma GOIAM ser da mesma época. O elemento GOI- procede do gót. GAUJA «o que habita num *pagus*», de GAWI «περιχωρος, χώρα, região, distrito». Sachs 64 mistura-o com GOD-, Gode Gup «deus», apesar de Meyer-Lübke I 31, II 23, a propósito de GOISENDA, ter chamado a atenção para esta raiz. A GOISENDA deve acrescentar-se GOIDO 1092 (diferente de GODIDO 1258!), GOIMIRUS 964, GOIOI 1040, GOIRIGO 993. Nalguns casos não é possível distinguir se o primeiro componente é GAUJA ou GUP.

624. **Gogide** (Terras de Bouro, B).

É o genetivo do nome a seguir.

625. **Gogido** (Arcos de Valdevez, B).

Como se deduz de GOGIM, temos de decompor êste topónimo em GOG-IDO. A raiz GOG- está nos nomes medievais seguintes: GOGIO séc. XV, GOGINO 1258, GOGINA 1039, GOGILLI 978, GOGITO 1012, GOGIDIZ 1017. Não posso dizer o que significa. Vejam-se as diferentes hipóteses em Förstemann 690 GUG-: GOGO, GOKI, GOGILO, etc.

626. ***Gogim** (Armamar, Vis).

Vem do genet. de GOGINO apontado no artigo precedente.

627. ***Goia** (Cabeceiras de Basto, B).

Foi explicado no art. GOES.

628. ***Goiana** (Lamego, Vis).

Pertence certamente a GOIA. A terminação porém estranha.

629. ***Goias** (S. Tiago de Cacem, Lisb).

Um patronímico em -ACI de GOIA.

630. ***Goigeva** (Vila Nova de Gaia, P).

Aqui GOI- é secundário, não tendo nada que ver com a raiz GOI- em GOES. Já me referi a GOIGEVA no art. GAIVA. As formas medievais são GODEGEVA 1078 e GUDEGEBA. A tradução alemã seria GOTTESGABE «dom de Deus ou para Deus», cf. Deus-dado, Θεόδωρος, Θεόδωρος e ML² 24. O segundo componente já o encontramos em GEBÁ. GODEGEBA é um nome profundamente cristão e talvez não seja devido a um acaso que a filha do abade GONDESINDUS, que em 994 recebe uma igreja, cf. *Dipl.* 103, se chame GUDEGEBA e o marido dela GODISTEU «servo de Deus».

631. ***Goim** (Lousada, P).

O *Dicc. Post.* escreve também BOIM. A forma com G deve ser contudo a legítima, cf. OM GOIN, GOYM 1258, e ser o genetivo dum nome *GOINUS, cf. OM GOINA 1024 e o art. GOES. A forma BOIM é devida certamente à pronúncia local. Parece notar-se aqui o fenómeno inverso daquele que observamos em pop. GÓMITO = VÓMITO, GOLPÉLHA < VULPÉCULA.

632. **Goimil** (Bouças, P).

Tem a sua origem no genet. de *OM* GOIMIRUS 964 (GOIMIRIZI 1068, GOIMIRIZ 1025) cujo primeiro elemento se prende com GAUJA do art. GOES ou talvez melhor com *GODEMIRUS, cf. *OM* Villa GODEMERI 1013, GOEMIR geogr. 1088, GODOMIRA 1220. Neste caso corresponderia a Θεζάλυτας. De GOIMIL existe a variante GOMIL, a não ser que tenhamos no primeiro caso GAUJA e no segundo gr̥p como primeiro componente. Também GAUDIMIRUS do art. GOIVA quadraria bem com GOIMIL.

633. ***Goins**, Quinta de (Sinfães, Vis).

Um patronímico de *GOINUS, cf. o art. GOIM.

634. ***Goios** (1. Esposende, B; 2. Barcelos, B).

Vejam-se GOES e GOIA.

635. ***Goiva** (1. Barcelos, B; 2. Fafe, B).

A localidade do concelho de Fafe chama-se, segundo o *Dicc. Post.*, DA DE GOIVA e é a mesma de que tratei na forma ADEGOIVA tirada do *Censo*. Não se pode, é claro, manter a explicação que então dei e todo o art. 5 deve ser suprimido. GOIVA vem com certeza do nome medieval GAUDILA 994. O elemento GAUD-, que está também em GAUDE-MIRO 1092, GAUDE-SINDO 994 e outros nomes, não parece ser um elemento germânico, embora entre na composição de nomes, germânicos, mas latino. Meyer-Lübke 90/91 supõe justamente que o ponto de partida seja o nome cristão GAUDIUS, cf. *OM* GAUDIO 1020. A hipótese de Wrede, *Ostgoten* 87, que quer ver em Gaudila o nome dos godos na forma com -AU-, é impossível porque em todos os outros casos o -AU- gótico aparece como -o-, o que indica que se tinha monotongado antes da entrada dos godos na Península. GAUD- encontra-se também em nomes langobardos: GAUDI-PERTUS, GAUDE-MUNDUS, GAUDE-RIS, etc. Falta agora justificar a evolução fonética. Esta está rigorosamente dentro das normas do português. GAUDILA vem a dar GOUVIA (Casal de) *OM* 1220, GOUVA 1258, GOIVA como GAUDERE dá arc. GOUVIR, GOVIR e AUDIRE dá OUVIR. Depois do emudecimento do -d- intervocálico forma-se naturalmente entre o -ou- e a vogal seguinte um som labial de passagem, representado gráficamente por um -v-, cf. também LAUDARE > arc. LOAR > mod. LOUVAR. Vejam-se mais topónimos provenientes do elemento GAUD- em GOUV-.

636. *Goivães (1. Sabrosa, VR; 2. Vila Pouca de Aguiar, VR).

Veja-se o art. GOUVÃES.

637. *Goja (1. 2. Braga; 3. Vila Verde, B; 4. 5. Sinfães, Vis; 6. S. Pedro do Sul, Vis; 7. Penalva do Castelo, Vis; 8. Ponte da Barca, Via).

Creio que vem de *GOG-ILA, cf. GOG-ILLI, GOG-INA etc. no art. GOGIDO. A forma intermediária entre *GOGILA e GOJA seria *GÓGEA. Para a evolução fonética compare-se com ANGELU > arc. ANGEO > mod. ANJO. A avaliar pela abundância dos exemplos deve ter sido um nome muito apreciado. No entanto admira não se encontrar *GOGILA documentado em nenhuma das fontes medievais.

(*Continua*).

JOSEPH M. PIEL.

Quási nada de dialectologia estremenha

Fiados na verdade que o pouco junto ao pouco é muito, animámo-nos a divulgar algumas notas colhidas recentemente por nós¹ no concelho de Tôrres Vedras, como parcela a adicionar ao publicado até hoje sobre os falares da Estremadura. Foram tomadas tais notas de indivíduos de Tôrres e do termo da vila: do Ramalhal, de Casalinhos de Alfiates, etc. Adiante discriminamos a distribuição geográfica dos materiais. Nos casos de omissão do nome do lugar, entenda-se que se trata do Ramalhal.

I. Gramática

A) Fonologia

1. O sistema fonético não se afasta, em geral, do lisboeta. Mas nós ouvimos:

a) *Mêxas*, do v. *mexer*, que em Lisboa é corrente soar *mexas*².

b) A palatal explosiva *ch*, esporádica, de certeza, mas tam nítida como se saíra de lábios trasmontanos, na palavra *t(e)xugo*, dita independentemente por duas pessoas, uma das quais aludia ao topónimo *Val da Texuga*, na Quinta da Bugalheira, entre o Ramalhal e o Outeiro da Cabeça.

2. Como em Lisboa, encontrámos a vogal aberta *á*, no encadeamento fonético-sintáctico de *Mariântónia*³ = *Maria Antónia*, ou *Antónia*.

3. Dentro do campo da Fonética histórica podemos sòmente acusar:

a) A redução do ditongo *ei* a *i* no curioso *amidade* < **meidade* < *medietate*-⁴.

¹ Com excepção de uns cinco vocábulos, comunicados por pessoas de inteira confiança.

² Sobre *-ex-*, e *-ech-*, vid. D.^{rs} L. de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris-Lisboa 1901, § 44 j. O Autor podia ter aí acrescentado *pare* < > *pêre*, que também se ouve em Lisboa.

³ Cf. G. Viana, *Exposição da pronuncia normal portuguesa*, Lisboa 1892, § 49.

⁴ O D.^{rs} L. de Vasconcelos, na *Revista Lusitana*, iv, p. 243 sg., esboçou a genealogia do lat. *medietate* - dentro da nossa língua; mas aí não aparece a

b) A manutenção do ditongo *ui* nos arcaísmos *fruito* e *fruta* (Casalinhos).

c) Passagem de *e* a *u*, ou seja assimilação incompleta à lábio-dental *r*, em *luvar* < *levar*. Assimilação completa em *inquirir* < *inquerir*, que também existe (vid. o VOCABULÁRIO).

d) Mudança anormal de *u* em *l*, na palavra *almentar* = *aumentar*, devida, quer a influência da línguo-dental *t* (própriamente **t*), quer a substituição semi-consciente do ditongo, não popular, *au* pela sílaba *al*, iniciadora de tantíssimos vocábulos.

e) Dissimilação vocálica e dissimilações consonânticas em *redol* < *rotatore*; consonântica também no arcaísmo *alimal* < *animal* (Amial).

f) Prótese em *aceifas* (também, e menos freqüentemente na mesma pessoa, *ceifas*) e *anidade*.

g) Epêntese em *felittrar* (vid. § n.º 3 h).

h) Metátese em *Antônia* (vid. § n.º 2) e, parece, em *felittrar* < *filtrar* < *filtrar*. Talvez aqui não seja estranha a contaminação com *litro*, ou (*de*)*celitrada*.

B) Morfologia

4. Recolhemos, no género, *nascente* (subst.) como masculino: *um nascente de água*; e *questã* feminino, por reacção do género na forma.

C) Formação de palavras

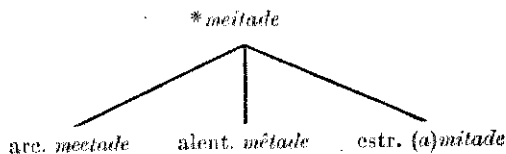
5. Entram aqui:

a) Um importante nome em *-um* < *-unu*: *verdum*.

b) Um belo antropónimo: *Mordalkas*, tirado do verbo *morder* (vid. o VOCABULÁRIO), como *acendalkas* do verbo *acender*.

c) Os verbos *barrentar* (*barr-ent-ar*), *esbagoar* (*es-bago-ar*) e *pa-dejar* (*paɫ-ej-ar*), este formado já dentro da língua, de *páda* < *pa-nata*-, como se reconhece do ser fechado o *a* da primeira sílaba.

forma que ouvimos, a qual exige trifurcamento na ramificação de **meidade*, pelo que fica:



A esta variante da Estremadura é perfeitamente paralelo o esp. *mitad*.

D) Partículas

6. a) Locução adverbial: *no fim de resto* (vid. o VOCABULÁRIO).
 b) Interjeição: *xô*, ou *xôze* (vid. o VOCABULÁRIO).

II. Estilo e fraseado

O estilo popular aprecia-se sobretudo nos textos, e estes não os possuímos nós. Somente podemos reunir aqui umas raras frases, matizantes da conversação corrente:

a) *Meter Lisboa pelos olhos dentro* „enganar“, expressão hiperbólica finíssima, variante local desta outra comum da língua *Meter os dedos pelos olhos dentro*, com substituição da idea dos dedos pela da cidade, considerada não só na sua imensa grandeza material, mas como exploradora trocista do campônio malicioso e bronco. Cf. a opinião vulgar em que é tida a gente da Lourinhã, que fica em zona adjacente, como o leitor sabe, à que, tanto por alto, vimos estudando.

b) Dois adágios: *Dar com as mãos, receber com os pés*, rico de associação de ideas por opposição, e *Vale mais dizer bem fiz do que se eu soubesse*.

III. Vocabulário

aceifas: ceifas. Vid. § n.º 3 f.

alimal: animal. Vid. § n.º 3 e.

alimentar: aumentar. Vid. § n.º 3 d.

alqueire: medida bem conhecida, igual a catorze litros.

à maltês: *estar—, pôr-se—*: o mesmo que *estar sobre si*.

amidade: metade. Vid. § n.º 3 a e f.

andar aturado: andar trabalhando efectivo por conta dum proprietário.

assistir: morar (Casalinhos, Ramalhães).

atorador: homem que deita abaixo os pinheiros e os corta em vários talhos.—De *atorar*, que traz Cândido de Figueiredo¹.

aturado: Vid. *andar aturado*.

barrentar: sujar de barro. Ex.: *barrentar a água*.

bimbos: o mesmo que *Galegos*, mas com forte valor pejorativo.—Em C. de Figueiredo: *bimba*, que diz ser do N. do Brasil e possuir a significação de «Pênis [sic] de criança. Pênis [sic] pouco desenvolvidos»; e, de cá, chulo: „coixa“. Nós conhecemos ainda o pl. *bimbos*, na gíria de Lisboa, com o sentido de „quádegas“. Tudo, certamente, relacionado com *bimbos*.

bochaca: bôlha no pé, feita pelo calçado. (Tôrres Vedras, muito vulgar).

¹ Cândido de Figueiredo, *Novo dicionário*, 4.ª ed., da qual daqui em diante nos servimos, sem citar mais do que o nome do Autor, por comodidade.

branza: tronco e rama de pinheiro.—

De *brancia: cf. *REW*, 3.^a ed., n.º 1272.

ceifas: Vid. *aceifas*.

coima: «Pena pecuniaria, que se põem aos donos das bestas, que nos campos alheos as deixão entrar, & danificar as searas»: Bluteau, *Vocabulario*, s. v. Frase ouvida: *É como aqueles cães que não têm coima*, isto é, que têm, ou tomam licença para tudo.

esbagoar: cair o bago (do cacho de uvas). (Casalinhos, Ramalhal).

escuso: *cabaz*—, *cântaro*—, etc.: sem servir, desocupado.—C. de Figueiredo regista uma acepção da Bairrada que está logo atrás desta: «Escuso. Despejados».

estar sobre si: bastar-se, viver à própria custa. Vid. *à maltês*.

faniquireiro: proprietário que dá trabalho temporariamente. Paga aos trabalhadores salário maior do que se estes lhe andassem aturados.

felitrar: filtrar. Vid. § n.º 3 *g e h*.

fruta, -o: fruta, fruto. (Casalinhos). Vid. § n.º 3 *b*.

Galegos: os naturais do N. do país, do Bombarral (?) para cima.—Distinguem-nos pela fala e pelo traje (Tôres Vedras, Ramalhal). No Ramalhal existe uma viela conhecida communmente, há mais de quarenta anos, por *Rua das Galegas*, parece que por terem nela residido umas nortenhas.

A circunstância dêste apodo ser applicado unicamente aos individuos oriundos do N. e nunca aos do S. do país, leva-nos a pensar se elle não soará como um eco remotissimo dos tempos medievais, em que o dominio

oscilante da Galiza tantas vezes se estendeu pela Estremadura em direcção ao Tejo¹. Tal facto não será mais estranhavel do que o manter-se ainda hoje no Algarve o nome de *Estrada de Portugal* à que vem de Faro, por S. Brás, e à que, nascendo em Silves, se dirige para o N., nome que evidentemente subsiste desde a velha data em que o Algarve constituia um estado distincto.

inquerir, inquirir: colocar os cestos em cima dos burros (Amial).

luvar: levar, trazer.—Nasce naturalmente esta significação, muito corrente, de circumstancias como a de se dizer a alguém que vá levar a tal sitio tal objecto, o que ella faz e declara: *Venho aqui levar isto*, etc. Vid. § n.º 3 *c*.

maçaroca: queijo de cabra moldado em forma de broa do Natal. (Todo o conc. de Tôres).

maltês: Vid. *à maltês*.

Mariântoína: Vid. § n.º 2.

metano: molho de rama de pinheiro. (Todo o termo da vila).

moio: medida de capacidade, igual a sessenta alqueires.

Mordalhas: alcunha de certas beatas muito maldizentes.—Cremos que a palavra não é conhecida. Vid. § n.º 5 *b*.

nascente: Vid. § n.º 4.

no fim de resto: no fim de contas, no fim de tudo.

padejar: fabricar o pão (Amial). Vid. § n.º 5 *c*.

pôrto: passagem através dos valados. (Todo o termo de Tôres).—C. de Figueiredo traz como novidade, e diz que de Turquel, uma significação muito achegada a esta: «Aber-

¹ No momento de entrar no prelo este escrito, pudemos verificar, mercê de amável informação do S.^{re} D.^{re} Leite de Vasconcelos, que interpretação idêntica do fenómeno já fôra dada pelo mesmo eminente Mestre na *Revista Lusitana*, II, pp. 72-73.

tura na vedação de uma propriedade». Mas já o grande Bluteau havia ensinado: «Nos Contos de Alcobaça he huma abertura, por onde se entra em hũa fazenda, que tem tapigo». Cf. *Vocabulário*, t. 6.º, p. 634, col. 2.ª

questã: questão. Vid. § n.º 4.

redol: redor. Vid. § n.º 3 e.

relampado: relâmpago.—Era forma literária ainda no tempo de Camões, que a usou: cf. a edição de *Os Lu-*

siadas por Epifânio Dias, no «Registo philologico».

talho: corte, tamanho.—Vid. *atorador*.
teca: medida indefinida de peixe. (Pôrto Novo).

txugo: texugo. Vid. § n.º 1 b.

verdum: verdura. Ex.: *O verdum das árvores*.—Em C. de Figueiredo, com a significação alentejana de „verdete“. Vid. § n.º 5 a.

xô, ou **xôxe**: interjeição para enxotar animais (cães, galinhas, etc.).

ABÍLIO ROSEIRA.

Miscelânea

Milho, bagulho, maçaroca, 'galette'

L'explication de ces «expressões numárias» par la «dérivation synonymique»¹ que donne M. Abílio Roseira, *Boletim*, III, p. 327, est très simple et par là très séduisante: un *milhão* conçu comme augmentatif de *milho* 'millet' aurait fait éclore toute cette engeance sémantique. Seulement, l'auteur ne nous donne pas d'exemple de *milhão*, le chef de file supposé dans son hypothèse, employé dans les phrases du type *Aquilo é que é ter bagulho! Com o trabalho que lhe custou, deve medir o milho às carradas! Esse tem muito bago de milho* — ce chaînon essentiel nous manque donc. D'autre part, la seconde des phrases citées semble trahir la présence de l'image du grain dans l'esprit de l'individu parlant, et je me demande si cette image n'a pas pu surgir spontanément, indépendamment de tout incident homonymique, attendu que dans mon dialecte natal de Vienne (Autriche) on dit couramment: *er hat all sein Gerstel* [prononcez: *gerstl*] *verloren* 'il a perdu tout son argent', litt. 'son orge' et que j'ai tenté d'expliquer l'ital. anc. *gruzzolo* 'tas d'argent' 'troupeau de bétail', 'groupe de personnes', ital. *gruzzo(lo)* 'argent épargné' par l'ital. *gruzzo* 'grumeau' (*Ztschr. f. rom. Phil.* LI, p. 707), explication acceptée par le *REN*, 3^e éd., à l'errata, p. 806. Pourquoi cette image? D'abord par une sorte d'euphémisme — on n'aime pas prononcer le mot 'argent' trop crûment et on recourt, par atavisme, à des procédés de commerce plus ancien, au système d'échange, de produits naturels; ensuite par suite d'une association visuelle de l'argent étalé sur la table, de l'argent envisagé comme masse² et collectivité aux grains nombreux et incalculables des céréales (de même d'ailleurs le fr. pop. *galette*, dont je me suis servi dans le titre de cet article pour gloser les mots portugais: on assimile le 'gâteau plat et bossué' à la monnaie); finalement par un besoin poétique de l'âme populaire tendant à transformer cette valeur abstraite, exclusivement pratique et objective, qu'est notre moyen de paiement

¹ C'est le terme technique employé par Schwabe et Guieysse dans leurs études argotiques.

² De là les *massa*, *massinha* cités par l'auteur.

en un élément vivant d'une vie organique comme le blé, produit de la terre obtenu d'elle par le labeur de l'homme: on établit de la sorte un rapport organique entre l'homme et sa possession, aussi avec la terre; on aura remarqué les possessifs insistant sur l'intimité du rapport (*F. possui* SEU *bagulho*; *sein Gerstel*) et les diminutifs rendant intimes la dénomination de la possession (port. *-ulho*, *-alhoça*, ital. *-olo*, all. *-el*).

Université d'Istanbul.

LEO SPITZER.

Etapafourdi

(Additions à mon article, Tome III, p. 329)

1) On pourrait encore ajouter aux éléments du 'mot-monstre' le port. *estúrdio* 'étourdi' (qui sera lui même lat. *TURBUS*, cf. fr. *étourdir*, + *palúrdio*), *estabalhado* (cf. *estabaloadamente*, 'estavanadadamente' dans Figueiredo, du lat. *TABELLA*, *REW* 994: cat. *taboll* 'balourd', etc.) et peut-être aussi l'interjection onomatopéique *pata-trás* 'zás!': on entend en effet un gros coup de massue tomber sur l'individu ébahi (cf. all. *verdutzt* 'ébahi' de *tutz* 'coup' et l'all. familier *paff* 'ébahi', de l'onomatopée indiquant un coup: fr. *paf* 'ivre', litt. 'ayant bu un coup'). Le mot-massue, le mot-bloc donne une image auditive de l'hésitation, de l'étonnement, disais-je dans mon premier article. J'ajoute aujourd'hui la réflexion que la longueur du mot traduit aussi la longueur de la torpeur (on dit en fr. *rester stupéfait*, en ital. *rimanere stupefatto*, en milanais *restà* 'être étonné!'): *estapafúrdio* laisse traîner en longueur un état d'indécision.

2) Je comparerais au mot claudellien encore un terme dont se sert M. A. Thérive dans un passage du feuilleton du *Temps* du 30 mai 1935 et que je ne trouve pas dans les dictionnaires:

... un jeune homme des plus intelligents et des plus nices qui l' [une femme 'amie des hommes'] adore, qui s'en avoue époustouffé, écoré et qui... essaie de s'en accomoder...

Le néologisme semble signifier 'ébahi', 'étonné' et pourrait venir de *épatouffler* 'étonner' (+ *épousseter*?), que Sainéan, *Le langage parisien*, explique par *épater* + *patouffler* dialectal, au sens de 'patauger', de même que la variante *épatarouffler* = *épater* + *marouffler* (on pourrait aussi expliquer par le prov. *espatarrà* 'renverser de fond en comble', de *espata* = *épater*). On voit donc qu'il y a là la

même tendance au syncrétisme et à l'allongement du mot pour dépeindre la durée et la confusion de l'hébétude. De même dans des exemples connus comme anc. prov. *esbalauzir* (fr. *éblouir*) de germ. *blauþ-* (+ *ba-bal-* 'onomatopéique' ou + *balourd*).

Université d'Istambul.

LEO SPITZER.

Resquícios Filológicos

III

Burrinho

Aquele engenho popular de tirar água, tam primitivo como útil, formado de uma haste longa, que se balouça num espeque forçado, numa das extremidades da qual está articulada uma vara, que sustenta um balde, e na outra se fixa, como contrapêso, uma pedra, tem recebido, por via trópica, nomes diversíssimos. Um deles é *burro*, ou *burra*¹.

Sobre a razão dêste nome aventaram hipóteses, que saibamos, Luis Chaves e Santos Agero, nos lugares citados. O primeiro supôs que, tomando-se *burro* por *nora*, e *nora* por *cegonha* (outro nome, como se sabe, daquele aparelho), estava no fio da lógica tirar-se *burro* por *cegonha*. O segundo, objectando que «só no caso de *burro* já ter sido sinónimo de *nora* no sentido próprio dêste vocábulo é que por intermédio dêle (derivação sinonímica) poderia ter passado a designar „cegonha“», quis ver em *burra* abreviação duma «designação mais antiga do mesmo aparelho, como seja *zangaburra*», o que procurou provar com dados quanto possível objectivos, ainda que se esqueceu de explicar a relação morfo-semântica dos dois elementos do alegado composto.

Mas seja qual fôr a origem da expressão, o que podemos e nos importa agora é filiar nela uma outra, que abonamos: *burrinho*. Eis o trecho, que o define e atesta:

«A maioria dos automóveis que tem o reservatório da gasolina à traseira do chassis é munida [*sic*] de um elevador por depressão. Êste

¹ Vid. *A língua portuguesa*, I, pp. 343-348 (artigo rico, bem coordenado, com gravuras, de Luis Chaves, e II, pp. 259-262 (artigo, com novas achegas, de Santos Agero).

aparelho, mais vulgarmente conhecido por *burrinho*, aspira a gasolina do reservatório e leva-a ao carburador, sob constante carga...¹.

Daqui se deixa ver que a palavra *burro*, daquela origem tam humilde ascende e nobilita-se tomando, num gracioso derivado, a acepção geral de „máquina elevadora de liquido“, e assim triunfa, aliada às melhorias do progresso.

IV

Chape-chuga

Durante a guerra-monstro de 1914-1918, os entraves que sofreu a navegação a vapor forçaram os armadores a desenvolver grandemente a navegação à vela. Recordamo-nos bem do belo espectáculo que por vezes oferecia então o estuário do Tejo, sobretudo na parte a jusante de Cacilhas, todo erigido de mastros, ou alvejante de brandas concavidades de velas. Os navios norte-americanos, se não estamos em êrro, constituíam a maioria. De entre êles salientava-se uma espécie de goletas, de proa curvo-convexa, elegantíssimas, de cuja leveza aparente mais se esperava que voassem do que fendessem ondas. Ancoradas, com mar calmo, acusavam subtilez o desviar da corrente, ou, com mar picado, cediam às refegas impetuosas da ventania, que levanta as carneiradas do rio, metendo à força dos elementos, com longas oscilações de cima abaixo, a proa redonda, de encontro à qual vinham quebrar-se as águas, esparrinhando e produzindo uma toada monótona: *chape-chuga... chape-chuga...*².

O instinto imitativo dos marítimos de Lisboa deu a tais barcos essa onomatopoeia por crisma. Nela encontramos um primeiro elemento — *chape* —, já registado, formativo muito provável de *chapiñar*, e um elemento novo — *chuga* —, repetição rítmica do primeiro e seu complemento melódico.

Cessando a guerra, foram desaparecendo de cá tais navios e, com êles, o neologismo. Hoje, provavelmente, de todo estará esquecido. ¡Oxalá não renasça nunca, se para isso precisar da mesma causa remota que lhe preparou a vinda!

ARÍLIO ROSEIRA.

¹ Cf. O «burrinho» ou o aspirador de gasolina, em *O Volante*, ano IV, n.º 162 (15 de Junho de 1930), p. 11. Cândido de Figueiredo, na 4.ª ed. do *Novo Dicionário*, já regista o vocábulo como usado no Brasil.

² *Ch* soa x.

Livros e Revistas

AUBREY F. G. BELL, *O Humanista Dom Jerónimo Osório*. (Trad. do inglês de António Álvaro Dória), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, CXXIV-73 páginas.

Publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, a cuja acção a cultura portuguesa tanto ficou devendo, têm, finalmente, os estudiosos do humanismo português uma obra cuja leitura lhes seria tam proveitosa, como raros seriam os que pudessem alcançar o número da *Revue Hispanique* em que foi publicada.

Com esta obra do Sr. Aubrey Bell dava-se até o caso de a sua publicação ser urgentíssima, pela necessidade em que se achavam os que se interessam por estes estudos, de ter um guia que lhes desse a norma, inexistente, para trabalhos a fazer sobre humanistas portugueses; e este estudo do Sr. Aubrey Bell pode considerar-se modelar e ser tomado como uma realização perfeita do que possa ser, sob determinado critério, uma monografia dum humanista português, no estado primário em que se encontram esses estudos entre nós.

Nun país de arqueólogos e coleccionadores de velharias, em que portanto, mais não fôsse que pelo prazer doentio de revolver venerandos tomos, era de esperar que se encontrassem estabelecidas edições dos seus humanistas, esclarecidas tôdas as particularidades históricas, biográficas e bibliográficas, que visassem a tornar compreensíveis essas obras — acha-se a este respeito quasi tudo por fazer.

Por isso, ao ler-se o presente estudo sobre Jerónimo Osório, se torna manifesto o altíssimo valor que apresenta. O Sr. Aubrey Bell, cuja probidade e segurança críticas têm neste trabalho uma expressão claríssima, não avança uma afirmação, nem emite um juízo, que não sejam baseados num consciencioso estudo do texto de Osório.

É certo que se poderia conceber uma architectura diferente do plano que estabeleceu para a sua obra. Julgo até que seria preferível que o seu autor, ainda que com as dificuldades que o problema apresenta, nos desse uma mais completa localização de Osório na cultura da sua época e do seu país, procurasse integrá-lo no movimento do humanismo cristão, que apresenta particularidades dignas da maior atenção e curiosidade; seria até ocasião de estabelecer, e o Sr. Aubrey Bell, com a sua crítica serena e objectiva podia fazê-lo, de que maneira se conciliavam os dois movimentos: cristão e humanista.

Depois, seria, talvez, o momento de pôr em valorização o humanismo de Jerónimo Osório, qual o cabedal da sua cultura clássica (há a este respeito algumas notas no estudo, demasiado secas e concisas, porém), como ela estava assimilada, como se comportavam a sua sensibilidade e intelligência ante as ideas e a estética antigas, e, de que modo o seu aspecto de humanista, claramente, se poderia definir.

Evidentemente, o Sr. Aubrey Bell fez o seu estudo seguindo determinados princípios, que um seu prefácio viria tam bem esclarecer, e tam útil seria

para todos que estudamos estes assuntos. Contudo, assim como está, é o estudo sobre o humanista Dom Jerónimo Osório uma obra que tem uma clara finalidade. Procura dar-nos, e consegue-o, uma visão das obras de Jerónimo Osório; expõe-nos as ideias que as integram e, pela selecção que delas faz e o modo como as apresenta, consegue que, por si, indiquem já o aspecto crítico sob que melhor devam ser vistas. Este processo, naturalmente, tem o inconveniente de não vermos tratados os problemas que essas ideias representam e suscitam, mas dá-nos, por si só, a mestria com que o Sr. Aubrey Bell se orienta num trabalho desta natureza, rigorosamente confinado nas obras do escritor que trata.

Sob este aspecto todos os louvores são justos e é altíssimo o valor da obra do Sr. Bell, pois que deverá ser esse o método que a tantos dos humanistas portugueses se terá de aplicar, atrasados como estão estes estudos, em Portugal, em que há humanistas que não mereceram ainda o mais pequeno estudo ou referência que não passe dum desfiar de datas ou nomes.

Será assim, dentro estritamente das ideias e dos escritos dum só autor, em monografias sucessivas, que se poderão reunir materiais seguros para uma obra de maior alcance e de mais largas exigências: a história do humanismo português.

Feitas estas considerações que não pretendem, de modo algum, servir ao Sr. A. Bell, e são antes reflexões motivadas pelo seu trabalho, deverei fazer uns leves reparos, que a consulta do texto inglês, certamente, dispensaria, mas que a forma apresentada, na edição portuguesa, plenamente justifica.

Assim, a p. 11 diz: «Nada melhor que o *De Rebus Emmanuelis* para provar como o latim não é uma língua sem rival para adquirir a universalidade, pois que, assim como o estilo é tão perfeito e claro que um estudante o pode ler, também o seu assunto está cheio de novas cousas . . . etc.». Deve ser o contrário o que o Sr. A. Bell escreveu.

Nas traduções latinas há deficiências também. Assim «publicar *per omnes Reipublicae Christianae nationes*» não é «para todas as nações da república cristã como lá está (p. 6), mas *por todas as nações da república cristã*, o que é um tudo-nada diferente. Na p. 63 dá-se um caso semelhante: «*aliqua venia dignae*» é traduzido por «*algumas dignas de consideração*» o que é diferente de *dignas de alguma desculpa*, verdadeira tradução e única adequada às considerações do texto.

O texto inglês resolveria definitivamente estas minúcias. Não se consegue alcançar em Lisboa, segundo me informam, e terei tido assim de trazer aqui o que é totalmente estranho ao Sr. A. Bell.

Tal como se apresenta o trabalho do Sr. A. Bell é, pois, valiosíssima contribuição do dedicado historiador da literatura portuguesa, para o estudo do humanismo português.

Pena foi que no receio de publicar só as modestas 73 páginas que abrange, o seu tradutor se permitisse acrescentos que enriqueceram o volume mas, em nada, vieram contribuir para melhor elucidação do leitor, a que estes estudos interessam.

Diz o Sr. António Álvaro Dória a p. viii do prefácio: «Para torná-la mais completa e para que a figura de D. Jerónimo Osório seja melhor compreendida, valoriza-a o notável estudo do nosso ilustre amigo Sr. Dr. Luís de Almeida Braga que expressamente para este livro o escreveu».

Não quero de forma alguma pôr em dúvida a sinceridade com que S. Ex.^a escreveu as palavras citadas. Bastaria o seu esforço pelo melhor conhecimento em Portugal das obras do Sr. A. Bell, para lhe ser devida a maior consideração. Germanista como é e estranho, certamente, aos problemas do humanismo português, confiou, demasiado, na «prosa fluente, clara e elegante do prosador suave e profundo» que é o Sr. Dr. Almeida Braga. Esqueceu que um escritor do valor de Bell não se «valoriza» com demasiada facilidade, antes traz seríssimas responsabilidades e motiva comparação que pode estabelecer contrastes, difíceis de aplanar, e, muitas vezes, justiceiros.

Dai, a infeliz idea que representa anteceder *O Humanista Dom Jerónimo Osório* dum estudo que, pelo esforço de vulgarização, pelo preconcebido dos seus juízos está deslocado ali.

Apresentasse-se o estudo do Sr. Dr. Almeida Braga, isoladamente, e, nada teria que ver com os seus erros ou com os seus conceitos. Junto, porém, com *O Humanista Dom Jerónimo Osório*, publicado em edição da Imprensa da Universidade, que tanto procurou contribuir para o estabelecimento da boa cultura em Portugal, há que demorarmo-nos com êle, precisamente pela acção que nessa cultura possa exercer.

Serenamente e com objectividade se analisará o estudo do Dr. A. Braga, se elogiá-lo que fôr disso merecedor, e se porão a claro as deficiências ou erros que por êle estão disseminados.

São muitos os casos em que me encontro em desacôrdo com o Sr. Dr. Almeida Braga. Podemos considerá-los de duas espécies: matéria de factos; aspectos interpretativos.

Porque vários são êsses aspectos, antes que uma ordenação de assuntos (o que seria pedagogicamente melhor), terei de seguir a própria marcha da sua apresentação. Dará isso um aspecto sêco e enfadonho à exposição, mas é forçoso que seja assim.

Até p. XLIV, isto é, na introdução propriamente dita, pode dizer-se que, embora existam discordâncias de concepção entre nós, é aceitável a apresentação das suas ideas.

Depois começam os motivos de divergência. Assim:

«... o que se chama Renascença pode bem dizer-se que foi antes a morte de muitas cousas. Sob o pretexto de regressar à civilização greco-romana, só se tomou dela o que era forma externa, porque só ela permanecera nos textos escritos. E essa restituição assim incompleta não podia ter senão carácter artificial, pois apenas agitava fórmulas que, havia séculos, tinham deixado de viver» (p. XLIV).

¿Mas a morte porquê? ¿A Renascença causa a morte de muitas cousas, ou é a expressão, a conseqüência da morte dessas mesmas cousas? Segundo as palavras do autor a Renascença falhou «porque só se tomou dela (civilização greco-romana) o que era forma externa, porque só ela permanecera nos textos escritos».

¿Como pôde o autor dessa afirmação chegar a tal conclusão, senão pelas ilações que a leitura dos textos lhe permitiram? Não. Não foi o conhecimento incompleto que impediu a restituição, o regresso à civilização greco-romana. A vida não se passa no *atelier* dum pintor de género histórico, que,

consoante os seus conhecimentos sobre dada época, pode fazer reviver tais e tais acontecimentos dentro dum cenário que seja, para os nossos conhecimentos, perfeito.

A história não a fizeram nunca os humanistas, como nunca a fez nenhuma escola literária, por maiores que fôsem os valores que nela enfileirassem.

O próprio autor se desdiz ao afirmar que «essa restituição assim incompleta não podia ter senão carácter artificial, pois apenas agitava fórmulas que, havia séculos, tinham deixado de viver». Fôsse o conhecimento dos humanistas perfeito, tivessem eles uma maior penetração do espírito antigo (em que aliás penetraram, custe isso embora ao autor), e o seu resultado não seria, nas suas linhas gerais, diferente do que foi.

Adiante, afirma:

a) «O idioma pátrio carecia de valor»; b) «Diogo de Teive compôs em latim as regras para a educação de Dom Sebastião»; c) «Quando sob o domínio filipino os *Lusiadas* eram a eucaristia da Pátria, Fr. Tomé de Faria não achou melhor consolação para as suas tristezas do que trasladar para o idioma de Vergílio o glorioso poema» (p. xlv). Não é verdade:

a) As grandes obras da prosa portuguesa começam a aparecer nesta época; b) É um caso bem diferente e nada comprobativo. Sendo o latim a língua universal e sábia, a chave da pedagogia da época, escrever em latim as regras para a educação de D. Sebastião — é prova de que «o idioma pátrio careça de valor»? c) Das tristezas de Tomé de Faria nada posso dizer. Sei apenas que, algumas dezenas de anos depois, já fora do domínio castelhano, Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo fazia a sua tradução latina dos *Lusiadas*, a pedido do Marquês de Niza¹, e que o próprio Tomé de Faria se ocupou da tradução, não por determinação própria, mas por indicação dos jesuítas, como o declara um dos *Testimonia Authorum* da edição do Padre António dos Reis.

Outra prova que traz, não está certa também. A maior parte dos oito volumes» do *Corpus Illustrium Poëtarum Lusitanorum*, a que se refere, é escrita nos fins do século xvi e sobretudo século xvii, o grande século da prosa portuguesa. Há que fazer o estudo monográfico de todos esses autores (como A. Bell fez para Osório), apreciar as suas características e depois fazer síntese. Antes . . . é melhor esperar. E, sobretudo há, desde já, que destriçar entre o que é consequência pedagógica do predomínio humanista, um resultado portanto, e o humanismo propriamente dito.

Inteiramente justa a crítica que faz de Camões pela adopção do revestimento clássico, em todo o seu poema, e do aspecto majestosamente romano das cerimónias oficiais da época (p. xlviii).

Logo depois (p. li), aplica mal a comparação entre os latinismos vocabulares de Camões e as palavras que A. de Gouveia empregou. *Non, regnar, star, compiar, epses, nocte, militia, cognoscido*, são antes latinismos ortográficos, do que casos paralelos aos do poeta. Representam, à excepção, talvez, de «militia», palavras vivas da língua e não qualquer enxertia forçada, amostra de cultura pedante e diferenciadora.

Continuando a considerar sobre a língua, diz: «Perdera-se tanto o amor da língua materna, que António Ferreira, educado fora de qualquer preocupa-

¹ Vid. ed. de A. J. Viale.

ção nacional, terminou por protestar nos seus versos para que se falasse, escrevesse e cantasse na língua portuguesa».

«Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A Portuguesa língua . . .».

Não é nada disso. Ferreira não protesta contra o latim. Vejamos os textos e concluamos. Na carta a Diogo de Teive (Carta iv, liv. II, p. 107 dos *Poesias Lusitanas*, 3.^a impressão, Lisboa 1829) diz Ferreira:

Mas com quanto tão alto te puseste
Das brandas Musas desce: e outra vez prova
A doce lira, a que tal som já deste.
No teu verso latino nos renova
Hora outro Horácio, hora outro Maro
Na grave prosa Padua, Arpyno em nova.
Por ti começou já ser grande, e claro
O Português Império: igual aos feitos
No mundo raros teu espírito raro.

Portanto Ferreira não é contra o uso literário do latim, antes o incita.

Na Carta III do liv. I a Pero Andrade Caminha, é que Ferreira emprega os tam citados «floreça, fale, cante . . .», etc., depois de censurar Caminha pelo uso duma língua estranha,

«Mostráste-te té gora tam esquecido
Meu Andrade, da terra em que nasceste
.
Esses teus doces versos
. a estranha gente os deste».

que, reparo agora, está citada na *História da Literatura Ilustrada* (vol. II, p. 188), onde se vê isso, claramente, e até se aponta esta causa. Que não estivesse, todos sabem que Caminha não tem obras escritas em latim e é já do ensino liceal a interpretação das palavras de Ferreira, como censura ao castelhanismo literário daquele poeta.

Seguidamente (p. LIX) o autor entra na parte mais delicada do seu estudo, que aliás não vinha ali chamada num ensaio «Em Signo de Latim», «estudo introdutório» à monografia de A. Bell sobre Jerónimo Osório.

Vejamo-lo, entretanto, e, facilmente, se conhecerão as determinantes da sua inclusão tam pouco pertinente.

Antes, observemos que o Sr. A. Braga está convencido da acção decisiva duma corrente literária, filosófica, estética, digamos mesmo política como o humanismo, no «curso da civilização». Daí todas as suas incompreensões dos novos tempos que se introduzem com o humanismo. Para êle (p. LIX) «a Renascença desviou o curso da civilização» fez «prevalecer as forças políticas sobre a espontaneidade social», «desabrochar a abstracção jurídica», criou o «absolutismo económico», e tantos outros males . . .

¿Mas que tiveram os humanistas que ver com isto? Eles exprimiram parte destas necessidades, procuraram dar-lhes satisfação teórica, surgiram nesta feição especial, como um resultado e não uma causa. ¿E foi a vida medieval espontânea, em opposição à idade moderna, que se inicia juntamente com a fase mais brilhante do humanismo? ¿Não existiu antes uma parcelação de estados e uma hierarquia de poderes, que, isoladamente ou em escala mais ou menos ampla, exerceram a acção prevalecedora «das forças políticas sobre a espontaneidade social»? ¿Mas haverá uma sociedade qualquer, depois da organização das classes, que não faça «prevalecer as forças políticas sobre a espontaneidade social»?

Sim, eu sei. Dá-se, e o autor aponta bem, «o desabrochar da abstracção jurídica». «Abolidas as garantias locais do direito foraleiro, renascia a ordem jurídica da unidade romana». Faltam-me os conhecimentos de história do direito português para saber em que medida a codificação de D. Manuel foi relativamente justa, e de que modo eram atendidas as circunstâncias locais. O que poderei afirmar, porém, é que as causas dessa unificação jurídica correspondem à unificação do poder, já acabada com D. João II.

Os humanistas (coitados!), ensinariam o direito romano que justifica esse poder e essa jurisdição únicos. ¿Fariam o papel de parvos, a que se referia um conquistador célebre. Nada mais!

A p. LX diz, e com razão: «Dividiu-se então o mundo em duas castas: a dos doutos e a dos ignorantes. E a gente humilde só achou desdéns». Tem absoluta razão o autor.

O humanismo que foi, pelo seu condicionalismo histórico, um defensor da dignidade humana, que lutou contra o obscurantismo e exaltou as qualidades mais belas do homem, foi duro, sêco de coração, indiferente à dor da multidão que então sofria, como sempre (até nos tempos felizes da Idade-Média!) a opressão dos grandes. O humanismo foi uma atitude literária, estética, política de determinado sector social. Por isso lutou, conscientemente umas vezes, levado pela sua própria essência outras, contra os grupos que lhe eram antagonistas por qualquer motivo. Atacou os frades e elogiou os reis, defendeu a cultura e atacou o dogmatismo, louvou as mais belas qualidades humanas e insultou o povo; acentuou culturalmente o que era uma diferença social. Aniquilou, definitivamente, todas as ilusões que mascaravam a posição das várias classes sociais. Emfim, no campo cultural, os humanistas realizaram uma acção social que é o objectivo das doutrinas que servem hoje muitos dos seus detractores, cantores saudosistas das belezas da Idade-Média, em que o povo não achava os desdéns duma classe requintadamente culta, que quasi não existia.

Referindo-se ao desprezo que Osório manifesta pelo povo exclama: «Como estamos longe da ternura com que Fernão Lopes recolhia as palavras do «poboo meudo» da «arraia meuda»! . . . (p. LXI). Deixemo-nos de confusões. Não é por ser um histeriador medieval que Fernão Lopes assim fala, enlevado, no bom povo de Lisboa. Fá-lo porque é a mais elevada expressão literária da revolução popular de Lisboa, dessa revolução democrática que vai ao confisco da propriedade dos grandes senhores, traidores à causa nacional, cria um novo rei, e estabelece por um tempo, a preponderância da pequena burguesia. Essa é a primeira revolução burguesa democrática da história de Por-

tugal. Daí o entusiasmo que Fernão Lopes, apostolizador dêsse movimento, tem pela «carraia meuda» que a fez.

Diz depois (p. LXII): «Só a fraqueza era desprezada, o Poder tinha em si mesmo a garantia da sua impunidade. Em política, a Renascença chama-se maquiavelismo — era a ciência de vencer e dominar pela força e pela astúcia. Mas, ao contrário dos inumanos humanistas estrangeiros, Osório, que não tinha a beleza como ideal absoluto nem procurava na estética a medida da vida, dedica¹ especialmente o seu *De Nobilitate Christiana* a defender o Cristianismo dos ataques de Machiavelli».

O Sr. Dr. Almeida Braga continua a confundir.

O humanismo (movimento geral) não foi só humanismo italiano, melhor, renascentismo italiano, para seguirmos a definição de Faguet, no prefácio do «Seizième Siècle». Um Erasmo ou um Clenardo são bem diferentes dos poetas latinos da corte dos Médicis ou dum Maquiavelo. E mesmo estes são um resultado, um produto da sociedade, uma exigência dela. Não criam, modificam. Apareceram então, é certo. Mais tarde o imperialismo industrial alemão quis o mundo para si, afastar todos os concorrentes. Precisava, porém, duma ideologia e ela apareceu. Surgiu a concepção do papel superior da «raça alemã», dos seus destinos de senhora do mundo. A doutrina apareceu, a mística formou-se. Só a força era bela, os fracos eram réprobos, de quem ter piedade era um crime.

Vencer, conquistar o Mundo — só o poderiam fazer homens duros para consigo até o sacrifício de si mesmos, para quem o poder fôsse até o sacrifício de si mesmos, para quem o poder fôsse uma ascese, super-homens, enfim, e Nietzsche apareceu.

Dir-se há: mas não foi Nietzsche um humanista do século XIX? Eu creio que até isso auxiliou a formação das ideias do Sr. Dr. A. Braga, e se mostra quando diz: «Osório que não tinha a beleza como ideal absoluto nem procurava na estética a medida da vida». Nietzsche foi (e de que maneira!) o mais entusiasta defensor do ideal de vida helénico. Serviu-se dêle como fulcro aparente de tôdas as suas doutrinas estéticas, filosóficas e sociais. Porque era o helenismo a consagração das suas doutrinas amoralistas de exaltação da força? Não.

Quanto mais próximos estão da serenidade e moderação dum Sólon ou dum Platão a serenidade e equilíbrio espirituais de Erasmo . . . Só uma explicação para a consubstanciação da doutrina nietzscheana com o helenismo: o seu ódio ao cristianismo, que via como doutrina de exaltação dos fracos, e a sua admiração pelo paganismo grego, exaltador das forças da vida, que êle, pobre doente, amava com delírio; e também a sua apologia fervorosa do instinto, do espírito dionisíaco, que vira no amor helénico da vida e adivinhara na organização da Tragédia.

Caracterizando o humanismo português, afirma: «Portugal não se deixou cativar pelo duro e frio racionalismo do Norte, nem o cativou o elegante paganismo da Itália: soube conservar nessa agitada hora um sereno equilíbrio . . .» (p. LXV). Eu não quero, como o Sr. Dr. Braga, fazer afirmações

¹ A. Bell dissera (p. 23): O *De Nobilitate Christiana* é especialmente dedicado a defender o Cristianismo contra os ataques de Maquiavelo».

que não posso justificar. Não conheço, por os ter estudado, todos os humanistas portugueses. Estou muitíssimo longe disso. Penso, porém, do que conheço, que, postos de parte um André de Bêsende, de múltiplos interesses espirituais e faculdades, um Góis, que é, pela sua sensibilidade, elegância espiritual e pelo seu cosmopolitismo, um caso isolado na história do humanismo português, e poucos mais, não houve em Portugal verdadeiro humanismo. É uma afirmação que não posso, por ora, justificar, e que um dia se verá o grau de certeza que possui.

Se os humanistas portugueses são o resultado dum sereno equilíbrio, eles não o foram por um motivo harmónico, por qualquer coisa que consubstanciasse, num arranjo superior, dois elementos discordes. Não. A dar-se, a apresentar-se êsse equilíbrio, ele será, pelo que posso julgar, não de qualidade mas de grau, qualquer coisa como a mediania, fradesicamente satisfeita, de bons gramáticos e eruditos com uma que outra curiosidade de mistura.

O Sr. Dr. A. Braga, porém, leva a sua afirmação bem mais longe. Depois de nos assegurar que os humanistas portugueses atingiram êsse raro estado de equilíbrio, agrava o que dissera antes ao acrescentar «como se não acha em parte alguma para lá dos montes» (p. LXV). Há afirmações que transcendem tudo o que o espírito de facção nacionalista, de qualquer ideologia possa determinar, e atingem até o aprumo mental e cultural de quem as subscrive.

Em qualquer estudo, sobre Erasmo, poderia o Sr. Dr. A. Braga ver a atitude de supremo equilíbrio que ele mantém, por exemplo, acêrca da questão luterana que é a fundamental de toda a sua vida. Contra luteranos e católicos, doente, a desmaiar no mais pequeno trabalho intelectual, mantém-se numa atitude de coerência, que é o remate belo duma vida que quis ser plena da clara beleza da razão. Mas não sou erasmista, nem lá que determo-nos aqui. Para diante pois...

«O orgulho da inteligência aguava a doçura dos limites da Pátria. «Eu sou cidadão do Mundo» — apregoaria o humanista belga Cristóvão de Lougueil» (p. LXV). E depois? Mas entendamo-nos. ¿O que se critica: o orgulho da inteligência por ser causa do cosmopolitismo, ou o cosmopolitismo em si? No primeiro caso, voltemos a Nietzsche. ¿O seu culto orgulhoso da inteligência e da força levaram-no ao internacionalismo? Não consta. Se é o cosmopolitismo que o Sr. Dr. Almeida Braga quer atribuir aos humanistas como consequência do seu pecado maldito de soberba e rebeldia espirituais, então enganemo-nos e não aceitemos, não, os jesuítas, que o autor quer apresentar-nos como dignos de admiração, obreiros dedicados do espírito anti-humanista, ministros dêsse decantado espírito latino, cujos fundamentos, afinal, os seus construtores hereticamente derruem, como filisteus que não quisessem ser esmagados por Sansão. ¿Porque, afinal, quem mais cosmopolita que os jesuítas? Libertos de toda a preocupação externa à Ordem e à religião que servem, desligados de família, de afeições de qualquer espécie, organizados independentemente da vida do Estado onde se encontrem, com uma língua morta internacional, o latim, como meio de comunicação espiritual, os jesuítas levaram o seu cosmopolitismo ao limite último. Abstrairam de tudo, uniformizando a morte em que haviam encerrado a vida.

Eles que consagraram a humildade como a maior virtude, e se serviram dela como a melhor arma, tiveram a audácia de, plagiando os seus inimigos humanistas, chegar a afirmar: «A pátria do sábio é todo o mundo». Eu não sei a que soarão mais estas palavras, se à nobre afirmação do filósofo grego, que primeiro se disse, cidadão do universo *κοινοπολίτης* ou se ao imperialista e grosseiro «ubi bene ibi patria» dos Romanos do Império.

«No domínio da arte», diz o Sr. Dr. A. Braga (p. LXVI), «não puderam seduzir-nos as formas geométricas, severas e inflexíveis dos monumentos antigos . . .» «achámos nós o modo de enlaçar a ogiva gótica e o redondo arco latino».

A severidade ajuntámos a graça. E sobre a clara nudez das ordens gregas vieram dobrar-se as ondas do mar, as conchas e os corais floriram, entrançou-se nas colunas o cordame das velas, e até o perfume das algas, a maresia penetrou as pedras! (p. LXVII). Belo, não é verdade? Mas falso, como a retórica, como toda a arte de caixilhos que quere ser realidade. As ordens gregas no manuelino . . . Onde?

«Na música também quisemos fugir à influência clássica» (p. LXVII). Quisemos fugir? «Mas onde estão as composições portuguesas de influência clássica? (clássica, claro está, sinónimo de greco-latina). Não confundamos. Não sou músico nem musicógrafo, porém nunca ouvi, nunca, que em Portugal se tivesse de lutar, esse quisesse fugir (em música) à influência clássica». «Porque «Vicente Lusitano bem se empenhou a mostrar a Nicolau Vicentino que a música moderna se não derivava dos gregos»? «mas uma questão de teóricos, imbuidos de doutrina livresca, cheios de veneração pela ciência antiga, tem que ver com a criação efectiva de beleza musical?

«E possível que a arte musical grega, de que se conhecem hoje meia dúzia de fragmentos, e então, talvez, nenhum, tivesse influência, no seu rudimentarismo, sobre a severidade complicada do contraponto da época? Já se riem os músicos . . . a culpa não é minha.

Entramos depois noutra capitulo desnecessário: o dos jesuítas. Diz então: «Admiravelmente se manteve entre nós o escolasticismo, luz claríssima da inteligência e guião da Fé nas batalhas da vida. E isto foi obra da benemérita Companhia de Jesus» (p. LXVIII). Que a Companhia de Jesus tivesse mantido o escolasticismo entre nós, — perfeitamente de acôrdo. Agora que o escolasticismo fôsse «luz claríssima da inteligência» e, pela sua manutenção, a Companhia de Jesus, fôsse benemérita — é afirmação que só a apolo-gia preconcebida dos jesuítas, pelo autor, justifica.

Basta ter umas leves noções de história da filosofia e ver a que ponto os maiores pensadores malbaratarem a profundidade do seu pensamento, para se pôr essa apologia do escolasticismo de parte. Mas fazer a apologia do escolasticismo «mantido» pelos jesuítas, é não fazer ideia do que tenha sido o ensino de filosofia escolástica que elles fizeram. O escolasticismo dos jesuítas (e para vê-lo basta ver um seu compêndio) é sêco como a sensibilidade dos seus defensores e propagadores, mecânico, dum racionalismo árido de divisões por tudo e por nada, de «distinguo» e «concedo» em todo o lado. É a análise por sistema e não por método, o jôgo de palavras e não a coordenação de ideias ou factos.

E precisa inteligência para se dominar êsse complicado jôgo, êsse pesadelo de divisões e esquemas que é a filosofia jesuítica — que importa? Há

tantas cousas que pedem tam alto grau de intelligência para se triunfar nelas, e são censuráveis ou inúteis . . .

E chegamos, assim, à Inquisição. «Sob a estrêla negra da Inquisição escreveu-se em Portugal e na Espanha com mais liberdade do que a que é concedida hoje a qualquer jornalista da opposição em matéria de formas de governo» (pp. LXXI-LXXII).

Duas questões a pôr aqui: a primeira, de comparação entre os tempos da Inquisição e os actuaes; de valorização dos factos trazidos à justificação do que afirma o autor, a segunda. Na primeira abusa-se do critério da relatividade. ¿Então por um «jornalista da opposição» ter, «em matéria de formas de governo» menos liberdade que um qualquer escritor nos tempos da Inquisição, é forçoso concluir-se que então havia liberdade de pensar? Ocorre-me a idea do optimista integral que julga sempre que poderia acontecer-lhe desgraça pior que a que lhe sobreveio.

Quanto aos factos vejamos e resumidamente: O P.^o Mariano escreve uma obra revolucionária, «onde alguém quis já encontrar as raizes do Contrato Social». Não é proibida em Espanha. Nem a Inquisição, guarda de F.^a, nem a realza se incomodam com ela. Porquê? Provavelmente porque não viam nela um obstáculo. ¿Em França, a Sorbonne condenou-a ao fogo? E depois? O autor simula ignorar o que diz Böhmér, que, aliás, cita adiante. A pp. 96-97 da edição francesa dos *Jesuitas* diz: «Un de ces mécontents, François Ravallac, assassina le roi . . . L'Ordre n'avait eu aucune part à ce crime . . . Le jésuite espagnol Mariana, se fondant sur l'idée de souveraineté du peuple, avait soutenu, en 1599, dans son livre *De Rege*, qu'un prince tyrannique peut être déposé et même mis à mort, surtout s'il s'est rendu coupable d'offenses contre la religion. Par-dessus le marché, il avait célébré Jacques Clément, le meurtrier du roi de France Henri III, comme une des gloires de la France. Ces doctrines n'avaient pas, à leur apparition, fait grand effet à Paris . . . Mais quand, pour la seconde fois, un roi tomba victime de ces doctrines, le Parlement de Paris . . . condamna le livre de Mariana à être brûlé publiquement par la main du bourreau».

«Quando os protestantes defendiam e procuravam estabelecer o direito divino dos Reis, os jesuitas ensinavam em Portugal a doutrina da soberania popular» (p. LXXII). E um jesuita levava o seu amor do povo e sua liberdade a escrever: «Qualquer do povo pode matar o que ocupa tiranicamente o poder, se não há outro remédio, pois é um inimigo público» (p. LXXIII).

Um sentido mais claro da evolução histórica e suas determinantes evitaria ao autor estas incompreensões. O protestantismo teve fundas causas sociais que lhe deram características próprias, como a Contra-Reforma teve finalidades que lhe imprimiram tática e princípios especiaes. Os protestantes, aliados de príncipes e reis, expropriadores dos bens da Igreja, tiveram de ser os apolo-gistas do direito divino da realza; os jesuitas, defensores da supremacia papal, fizeram, a pretexto de liberdade popular, a justificação do tiranicídio, sempre que isso convinha aos interesses que defendiam. E, coerentes, não criaram uma doutrina pelo prazer abstracto de criar, mas pelas necessidades que a sua própria actividade lhes impôs. Demais o célebre texto, de S. Paulo se não erro, em que se fundavam protestantes, muitas mais vezes serviu a católicos para justifi-carem a realza sua aliada, contra o povo de que tam *desinteressada-mente* se tinham erigido em protectores.

Mas esta apologia da Inquisição vai mais longe. Referindo-se aos livros políticos, que circularam na Península, diz que nenhum d'êles foi queimado, esquecendo, assim, o número de obras que foram mutiladas, proibidas de circular ou imprimir, pelos mais insignificantes motivos, muitas vezes, e sempre que o círculo de ideas acanhado, em que se moviam, era bruscamente rasgado por uma tentativa de maior compreensão da Vida, de maior dignificação, afinal, da intelligência. E, quanto a queimas de intellectuais, mesmo assim . . . o Cavaleiro de Oliveira (em estátua por o não terem à mão) e alguns mais, são prova do que seria capaz de fazer a Inquisição, se o seu terror, como as condições do meio, não tivessem tornado pouco propícia a heterodoxia.

Diz depois: «a horrenda chaga da intolerância causou incomparavelmente menos estragos em Portugal, do que nos países que fuziam galá do livre exame» (p. LXXIV). De facto a intolerância não existiu só em Portugal e Espanha. Lutero foi tam intolerante como os Inquisidores. A sua acção condenável na Guerra dos Camponeses, movimento harmonico da sua doutrina evangelica, basta para o definir, e mostra o seu papel de servo da nobreza alemã.

O assassinio juridico de Servet por Calvino (cuja morte o Dr. Almeida Braga talvez justificasse facilmente, se executada pela Inquisição), mostra a que ponto leva o fanatismo protestante ou catolico, esmagamento do sentimento da Vida, exaltação do sentido do peccado original.

Nem um nem outro, porém, justificam o tribunal sinistro que com êles emparelhou de métodos e ausência de respeito pelo pensamento humano, e será a eterna vergonha duma religião que trouxe sempre palavras de bondade como declaração exterior de princípios. Qual tenha sido a acção do Santo Officio, em Portugal, vai-nos dizer o depoimento insuspeitissimo de Lúcio de Azevedo que acêrca do século XVII diz: «Despovoam-se extensas zonas do país, e a Europa contempla atônita uma nação que se destrói, à ordem de broncos frades, nos paroxismos de uma fúria de cuja origem já de há muito perdera a noção. O fundamento económico desaparecera com a transformação que o tempo trouxera às condições sociais; o antagonismo de raça diluira-se nos cruzamentos; restava por fim somente o ódio de crença em que quasi dois séculos de inquisição haviam feito cristalizar aqueles estímulos de discórdia»¹.

«O Santo Officio era, antes de tudo, um tribunal, quero dizer uma das formas públicas do direito que toda a sociedade tem de punir os actos contrários ao bem geral da colectividade . . . Tanto ou mais do que instituição religiosa, o Santo Officio foi um instrumento de administração politica, e de educação» (p. LXXV). Estas palavras, mais que a mais violenta accusação dos seus inimigos, bastariam para classificar a sua tristissima acção. De fim aparentemente religioso, com uma grande parte de *trabalho* de defesa do catholicismo, a Inquisição foi um instrumento politico, confessa o Sr. Dr. A. Braga, e tenta justificá-lo pelo «direito que toda a sociedade tem, de punir os actos contrários ao bem geral da colectividade».

E contudo isso não impediu que o melhor do pensamento português, tivesse sido oprimido, vexado pela Inquisição. Não impediu que a mutilação dos livros pela censura ecclesiastica, a proibição da sua importação do estran-

¹ Revista de História, vol. III, p. 326.

geiro, isolassem Portugal do movimento filosófico que condições várias permitiam lá fora.

Aqui, em Portugal, não se criava. A filosofia era a filosofia dos comentários, dos pesadíssimos comentários da filosofia escolástica que os nossos *pensadores* iam amontoando como um derivativo fácil da sua ausência de criação. Um pensador como Francisco Sánchez era excepção que a sua qualidade de judeu mais vinha pôr em realce.

E a apologia da Inquisição continua: «O período mais activo da Inquisição foi também o mais glorioso para a intelligência portugueza, o mais fecundo em toda a sorte de produções científicas, literárias e artisticas» (p. LXXV). Vejamos: Ao avaliarmos os efeitos de determinada instituição, não devemos, certamente, ir procurar aqueles factos que com ela nenhuma espécie de relação podem ter. Por isso, se na literatura quinhentista e em parte da seiscentista, em géneros que podiam ser inteiramente ortodoxos, a Inquisição não se intrometeu, isso não prova que a sua influencia não pudesse ser prejudicial noutros campos.

Depois, nestes géneros que não vivem independentemente da sua própria evolução e da cultura que os gerou, a Inquisição não podia influenciar, antes de existir, aniquilando horizontes, continuando os panoramas culturais que constituem o mais forte elemento de vivificação espiritual.

Por isso, dizia, nos géneros literários do quinhentismo e em alguns do seiscentismo, a influencia paralisante da Inquisição não seria de grande força. Quando porém a evolução cultural se achou interrompida pela permanência dum tipo de cultura, inabalável pela deusa inquisitorial, começaram a acentuar-se os indícios de decadência que as letras tanto tempo iam atravessar.

O seiscentismo, que não se pode explicar só pela acção directa da Inquisição, aparece a uma melhor luz ao vermos os efeitos negativos que uma filosofia e uma pedagogia mortas tinham, quando impostas pela força do tribunal que dispunha da vida e morte dos seus opositores.

Diz a certa altura (p. LXXVI): «Encheu-se Portugal de sábios célebres, magnificamente recompensados como em nenhuma parte». «Encheu-se» é talvez um pouco forte. Vieram muitos, é verdade, mas escolhidos entre os que oferecessem garantias de ortodoxia e fiscalizados pelo Santo Officio tanto no seu ensino como na sua vida privada. Buchanan basta para o provar. Quanto ao «magnificamente recompensados como em nenhuma parte» nada prova dos reflexos da acção inquisitorial. Só se poderia concluir, o muito dinheiro que então havia em Portugal, produto das tributações impostas em África e na Ásia e do monopólio das especiarías em que os portuguezes tantas vezes tiveram procedimento censurável, a levantar, no resto da Europa, o clamor dos interessados.

Traz depois (p. LXXVI), umas considerações sobre o valor dos místicos portuguezes e seu domínio da língua. São absolutamente certas essas considerações. ¿Que têm porém que ver com a acção da Inquisição? Deveria procurar antes relacionar o problema da linguagem dos místicos com o seu misticismo. ¿Porque não exalta o Sr. Dr. A. Braga a maravilha de linguagem de Samuel Usque, sobretudo na sua formidável accusação à Inquisição portugueza?

Fala da poesia lirica e da sua transformação «influenciada pelo gosto italiano». ¿Mas não é o *maldito* gosto italiano filho do Renascimento, que há pouco considerava uma peste, ou quasi?

Refere-se, seguidamente, ao desenvolvimento que várias ciências tomaram com «o generoso desejo de propagar a fé de Cristo». Há que distinguir entre o que é feito pelos missionários, e por motivo das suas necessidades de domínio, e o que foi feito por consequência dos problemas que a própria vida ia fazendo surgir como resultado dos descobrimentos.

Portanto, investigações de missionários, roteiros ou descrições, estudos de línguas ou de flora e fauna, conjunto de estudos que sistematicamente souberam fazer, como meio certo de triunfo entre os indígenas e preponderância em relação aos colonizadores europeus, quando os havia; invenções e aperfeiçoamentos da náutica e da geografia, da física ou da botânica, nada tiveram que ver com a Inquisição. Os que se desenvolvem mais em Portugal, os náuticos, tinham até atingido o máximo esplendor antes da instituição desse tribunal e são, em grande parte, resultado do estudo de judeus, povo que tam cruelmente foi perseguido pela Inquisição.

Fala na organização dos julgamentos no Santo Offício e diz que «o modo de proceder dos inquisidores foi já considerado como digno modelo para ser imitado pelos juizes» (p. LXXVIII). Se o Sr. Dr. Almeida Braga se desse ao trabalho de folhear o processo de Damião de Góis, por exemplo, veria das excelências do processo de julgamento da Inquisição. Damião de Góis é chamado ao tribunal depois da sua prisão e não é acusado de qualquer delito. É mandado consultar a sua consciência e confessar os delitos que praticou. Prolonga-se isto durante muitos dias, até que finalmente sabe, depois de haver declarado quanto lhe ocorreu, o crime de que o acusam. Não conhece os seus acusadores, nem tem vista do processo. Dão-lhe os *pidosos* juizes, depois de muito instados, um resumo, sem nomes das testemunhas que contra elle depuseram no tribunal. Quanto ao estado em que se encontrava na prisão, elucida-o um pormenor bem concludente: Damião de Góis, o requintado cosmopolita, o artista que é um dos poucos portugueses verdadeiros humanistas, está cheio de sarna a modo de lepra e pede que se lhe deixe ler um livro em latim! Tudo isto, afinal, por ter tido umas dúvidas sobre alguns pontos do catolicismo, há tantos anos que mal se lembrava, ou, o que talvez explique melhor, «por motivos de ordem política, nascidos e criados em certas páginas da primeira parte da *Crónica de D. Manuel*» (pp. LXXIX-LXXX).

A condenação está feita e pelo seu panegirista. Um tribunal que transcendendo os fins para que foi criado, que se serve d'elles, como uma arma, às ordens duma minoria de poderosos que um historiador honesto desmascarara, não é um tribunal, é uma organização maléfica, que serve uma casta e nada mais.

Um erro de informação. Ainda sobre Góis: «Essa benevolência appareceu logo no começo do processo. Denunciado ao Santo Offício em 5 de Setembro de 1545, só foi passado contra elle mandado de captura em 4 de Abril de 1571». A leitura das primeiras páginas do processo de Góis, ou das páginas respectivas da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, de F. de Sampaio, teriam mostrado ao Sr. Dr. Almeida Braga que se isto assim se dá não é por uma questão de morosidade do Santo Offício, mas pela amizade do cardinal que mandou sobrestar no processo. Mais tarde os motivos, políticos provavelmente, amontoaram-se contra Góis, há nova denúncia e é preso. Assim é que está certo.

Algumas deformações preconcebidas:

A p. LXXXV, recapitulando G. Cerejeira no *Clenardo*, diz que a decadência de Portugal se não deve à Inquisição nem aos jesuítas, antes ao carácter português e seus defeitos. G. Cerejeira já justificara esta conclusão, por uma citação truncada de Böhmer que dissera: «D'après le témoignage d'un des leurs, aucune place dans l'administration de l'État ou de l'Eglise ne pouvait être obtenue sans leur consentement, si bien que le clergé, les grands et le peuple se disputaient leurs faveurs et leurs bonnes grâces. Ajoutons que la politique étrangère elle-même était sous leur influence. Aucun homme de sens ne soutiendra qu'un pareil état de choses ait été profitable au bien du royaume. Et pourtant il serait injuste de tenir les Pères pour responsables de la ruine du Portugal». E a seguir ao passo transcrito por Cerejeira: «Même si les Pères l'avaient voulu, ils étaient impuissants contre un tel mal»¹. O Sr. Dr. A. Braga segue o mesmo processo de citação e, o que é pior ainda, conclui contra o que afirma Boehmer: «Não estava nas suas forças evitar a derrocada; puderam só atenuar o mal».

A p. xc cita, para mostrar o valor do ensino jesuítico, a opinião de Lamartine. Não o faz sem habilidade . . . Segue nisso, aliás, a tática que foi consagrada com o nome de jesuítica. Desvia para o acidente o que era próprio da essência. Neste caso, esquece que, imediatamente antes do trecho citado, se encontra em Lamartine o seguinte: «Je n'aime pas l'Institut des Jésuites. Elevé dans leur sein, je savais discerner, dès cette époque, l'esprit de séduction, d'orgueil et de domination qui se cache ou qui se révèle à propos dans leur politique et qui, en immolant chaque membre au corps et en confondant ce corps avec la religion, se substitue habilement à Dieu même et aspire à donner à une secte surannée le gouvernement des consciences et monarchie universelle de la conscience humaine»² . . . o que é a mais exacta e insuspeita apreciação a tal respeito.

Observa bem o autor (pp. xciv-xcvi) as características do humanismo em Portugal e o seu reflexo nas letras, contraposição erudita ao aspecto popular das obras anteriores.

Logo depois a retórica, tam paradoxalmente usada por um declarado inimigo da imitação clássica, leva o autor a exclamar: «Nos jardins da Hespéria desabrochavam as flores da Jónia. E sobre as vinhas maduras de Vergílio zumbiam doidamente as abelhas doiradas de Platão» (p. xcvi).

Isto que faria as delícias dum saboreador de *bon estilo* é desoladoramente falso. Com retórica e tudo a deduzir, é inexactíssimo, sobretudo depois de se dizer que a história passara da *vida* que Fernão Lopes lhe transmitira, às «atitudes enfáticas, e punha na boca dos heróis, talhados pelos modelos de Plutarco, discursos dignos do Senado romano» (p. xcvi). Mas que têm de ver as «abelhas doiradas de Platão» no seu zumbir, com os «discursos dignos do Senado romano»? Ah! Já sei. Troçavam dos estilistas que, talvez sem lhe terem lido as obras, citariam pelos séculos fora o nome de Platão como uma testemunha fácil e decisiva nos julgamentos que lhes aprovesse fazer.

¹ Böhmer, *ob. cit.*, p. 86.

² Citado por Monod no prefácio (p. LXXI) da obra de Böhmer.

A p. xcviii refere-se, e muito bem, às dedicatórias que vários sábios fizeram das suas obras a portugueses ilustres pelo seu saber. Esquece-se, todavia, de notar que isso só prova o cosmopolitismo de relações que caracterizam o humanismo, a que anteriormente se referia com tanto desamor e aspereza. Das dedicatórias «a D. João III, aquele rei de muitos reis, honra e esperança dos eruditos desse tempo», como diz, não vá concluir qualquer admiração desinteressada. A correspondência de Erasmo, por exemplo, tam compreensivamente estudada pelo Sr. Marcel Bataillon, mostrar-lhe-ia facilmente que os homens célebres do humanismo tinham nisso uma apreciável fonte de receitas. Com Erasmo, na obra citada, *Chrysostomi Lucubrationes*, aconteceu até que, esquecido por D. João III, ou sem receber a paga das louvaminhas, retirou a dedicatória em posterior edição. O Sr. Dr. Almeida Braga poderia até ver isto, tratado duma maneira rápida mas segura, no artigo que o Sr. Dr. Joaquim de Carvalho fez para a *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*.

Faz uma lista dos grandes humanistas da época a que junta um breve comentário. Assim refere-se a «João Rodrigues de Castelo Branco, apelidado Amato Lusitano» (p. cvi), a quem faz grandes elogios. Esquece que é judeu, que foi perseguido pela Inquisição e teve de retirar-se do país.

Cita também Diogo Mendes de Vasconcelos (p. cviii) «que dir-se-ia ter nascido no século de Augusto, de tam perfeito que era o latim da sua prosa ou do seu verso — tam omnium litterarum, quam juris scientissimus et in carmine cum veteribus illis comparandis»¹, o «bracarense Francisco Sanches (1551-1623), adail de Descartes»; outro judeu, depois nomes, muitos nomes e datas. Nada mais. Teólogos sobretudo. Um calendário. Uma referência ao papel dos Gouveias em França, e os nomes, muitos nomes de professores portugueses que ensinaram lá fora, sem mais.

Refere-se à admiração de Teive pelo desenvolvimento que atingira a Universidade de Coimbra, e acrescenta: «Clenardo ficou pasmado ao ouvir ali Vicente Fabricio comentar Homero sem o traduzir do grego para latim, em parte alguma assistira a maravilha igual» (p. cxix). O facto é verdadeiro mas a conclusão é falsa.

Depois de se enumerarem todos os humanistas que o autor conhece, de se citarem igualmente os professores portugueses que ensinaram no estrangeiro (e isto em quasi vinte páginas), logo em seguida ao elogio do valor da Universidade de Coimbra, era talvez para concluir que Fabricio fôsse português. Mas (que desolação!) o humanista, que maravilhou Clenardo, não era português. Viera de França, como tantos outros dos grandes mestres do humanismo em Portugal.

Como conclusão diz que o Renascimento falhou por ignorar «o sentido histórico, que representa continuidade na elaboração do progresso humano» e termina por uma apologia da Idade-Média que «aparece-nos agora como um edificio por terminar, e que urgentemente importa concluir, retomando o seu realismo vivo e o seu espirito fecundo».

¹ Barbosa Machado dissera: «Foy insigne cultor da lingua Latina compondo neste idioma, ou fosse em prosa, ou em verso com tanta pureza, que parecia ter nascido no século de Augusto». (*Bibl. Lusitana*, vol. 1, p. 658).

Sim. Eis a conclusão: a urgente medievalização da vida, que o autor nos diz servir-se dum «realismo vivo» (não diz utilizado por quem) e de «espírito fecundo» (não diz para quem).

Concluamos. Um estudo de ciência não directa, na sua maioria, com inexactidões de doutrina, confuso de plano, ainda que elegantemente escrito na sua quasi totalidade, com deformações preconcebidas para fins de exaltação ou detracção politica ou religiosa; cheio dum enciclopedismo que não mostra uma cultura profunda mas a preocupação de evidenciar pericia igual na demonstração de todos os aspectos da vida do Renascimento.

Humanismo e sua história, literatura latina e grega, teologia, arquitectura, música, economia politica, história, as obras dos humanistas portugueses, ainda não estudadas na sua maioria, e que uma vida inteira a elas dedicada não permitiria, talvez, abraçar completamente; a Inquisição, os jesuítas, a sua pedagogia no passado e presente, o seu papel na história de Portugal... tudo isto foi motivo para que, ao examinar a sua obra, tivesse eu também de fazer êste rol enfadonho e desordenado, e cair, ainda que sem vontade, nesse mesmo saber fácil de muitas cousas que é triste índice da actual fúria de «ensaísmo».

O ensaio, na sua fase mais elevada, tem de ser a expressão clara, sóbria, da síntese a que a inteligência chegou sobre assunto por ela plenamente assimilado, de que quis dar uma compreensão superiormente pessoal.

Não foi isso que aqui se fez, e, assim, melhor fóra que limitando o assunto, esclarecendo-o com mais facilidade, o Sr. Dr. Almeida Braga se limitasse a pôr o problema do humanismo católico, que facilmente se ligava com Jerónimo Osório, e a mostrar quais as tarefas que sistematicamente se deviam tomar para que se constituíssem materiais que pudessem, finalmente, permitir um ensaio, que se poderia intitular, com razão, *Em Signo de Latim*.

ALBERTO ARAÚJO.

Vida do Centro

O professor Louis-Fernand Flutre tem no prelo a sua edição do texto francês *Li Fait des Romains*, que deve sair brevemente. Com rara gentileza tem cedido ao nosso colaborador, o Prof. Jean-Baptiste Aquarone, as fôlhas de impressão, que servem a este nosso amigo para as notas da sua edição da *Vida de Cesar*. Ao distinto romanista, que nos faz poupar com a sua generosidade não pouco trabalho e boa soma de dinheiro, exprime o Centro de Estudos Filológicos o seu mais vivo agradecimento, apontando o facto como exemplo de bela e nobre solidariedade científica.

Edições do Centro

M. Rodrigues Lapa:

<i>Livro de Falcoaria de Pero Menino.</i> Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, LXVII-91 páginas	12\$00
<i>Lições de Literatura Portuguesa. Época medieval.</i> Lisboa, Tip. da «Seara Nova», 1934, 345 páginas . . .	15\$00
<i>Uma versão desconhecida da 1.ª «Soledad» de Góngora.</i> Lisboa, Imprensa Nacional, 1935, 40 páginas . . .	5\$00

F. Rebêlo Gonçalves:

<i>A fala do Velho do Restelo. Aspectos clássicos deste episódio camoniano.</i> Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, 76 páginas	7\$50
---	-------

Abílio Roseira:

<i>Vida do cativo monge confesso.</i> Lisboa, Imprensa Nacional, 1935, 52 páginas	7\$50
<i>Costumes de Semide.</i> Lisboa, Imprensa Nacional, 1935, 42 páginas	5\$00

NO PRELO

F. Rebêlo Gonçalves:

De vocibus Graecis in sermone latino vulgari.

Textos de Literatura Portuguesa

1. Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria* (Rodrigues Lapa). Lisboa, Imprensa Nacional, 1933. 12\$50
2. Gil Vicente, *Triunfo do Inverno* (Marques Braga). Lisboa, Imprensa Nacional, 1934 7\$50
3. Lopo d'Almeida, *Cartas de Itália* (Rodrigues Lapa). Lisboa, Imprensa Nacional, 1935 6\$50

NO PRELO

4. Gil Vicente, *Auto da Feira* (Marques Braga).